Valérie Perrin

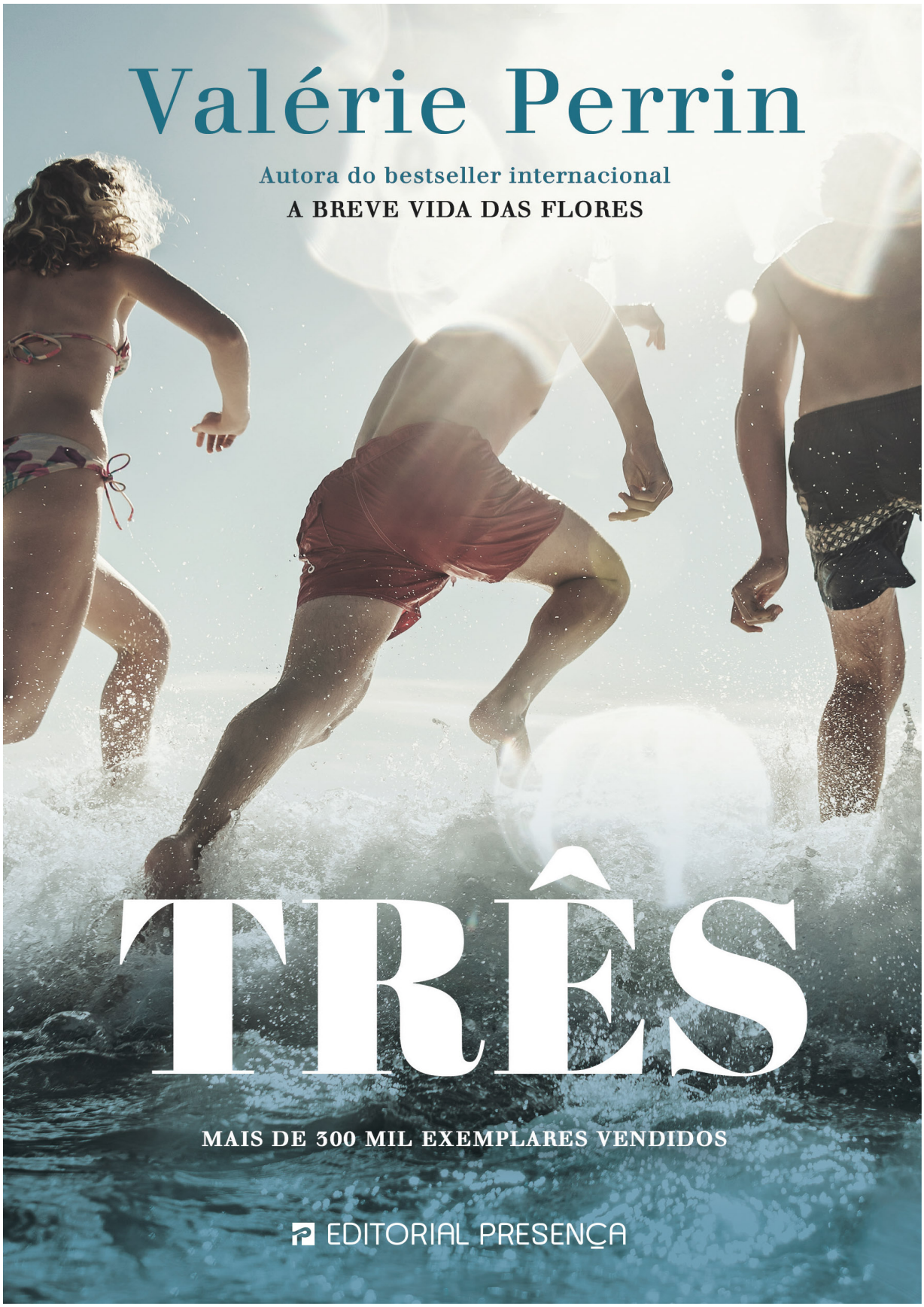
Autora do bestseller internacional
A BREVE VIDA DAS FLORES



TRÊS

MAIS DE 300 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

EDITORIAL PRESENÇA


Valérie Perrin
Autora do bestseller internacional
A BREVE VIDA DAS FLORES
TRÊS
MAIS DE 300 MIL EXEMPLARES VENDIDOS
EDITORIAL PRESENÇA

TRÊS

Valérie Perrin

TRÊS

Tradução de
Maria de Fátima Carmo

EDITORIAL PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título original: *Trois*
Autora: *Valérie Perrin*
Copyright © Édition Albin Michel, 2021
Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2023
Tradução: *Maria de Fátima Carmo*
Revisão: *Helder Guégués/Editorial Presença*
Imagem da capa © Gettyimages
Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*
Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*
Depósito legal n.º 509 606/22
1.ª edição, Lisboa, março, 2023

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
EDITORIAL PRESENÇA
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena
info@presenca.pt
www.presenca.pt

A Nicola Sirkis e Yannick Perrin
À memória de Pascale Romiszvili

1

4 de dezembro de 2017

Esta manhã, Nina olhou-me sem me ver. O olhar deslizou como as gotas de chuva sobre o meu impermeável, segundos antes de ela desaparecer num canil.

Chovia se Deus a dava.

Vislumbrei a sua palidez e os cabelos negros sob o capuz do oleado. Trazia galochas demasiado grandes e tinha na mão uma mangueira comprida de rega. Só de a ver, senti uma espécie de descarga elétrica no ventre, quinhentos mil *volts* no mínimo.

Entreguei trinta quilos de ração. Faço isto todos os meses, mas nunca entro no abrigo. Ouço os cães, mas não os vejo. Exceto quando algum voluntário passa por mim com um deles, que leva a passear.

As sacas alinhadas umas ao lado das outras diante dos portões de entrada. Um empregado, sempre o mesmo, um tipo alto e mal escanhoado, ajuda-me a transportar os meus prémios de consolação até debaixo das inscrições ABANDONAR MATA e POR FAVOR, FECHE BEM A PORTA AO SAIR.

Todos os anos, por altura do Natal e antes das férias de verão, mas nunca no mesmo dia, deixo dinheiro na caixa de correio do abrigo. Dinheiro anónimo, com NINA BEAU escrito a caneta de feltro preta no envelope. Não quero que saiba que este dinheiro é meu. Não o faço pelos animais, faço-o por ela. Bem sei que se irá todo em comida e cuidados veterinários, mas quero que passe por ela sem deixar vestígios. Só para que saiba que cá fora não há apenas humanos que metem gatinhos em caixotes do lixo.

Há trinta e um anos, ela olhou para mim sem me ver, tal como esta manhã. Estava a sair da casa de banho dos homens, tinha dez anos. Na das mulheres havia uma fila enorme, e já nessa altura Nina não gostava de esperar.

O seu olhar deslizou sobre mim e ela fundiu-se nos braços de Étienne.

Estávamos no Progrès, o bar e tabacaria dos pais de Laurence Villard. Era uma tarde de domingo. O estabelecimento encontrava-se encerrado e as grades estavam baixadas. Tinham reservado o espaço para a festa de

aniversário da filha. Recordo-me das cadeiras viradas ao contrário sobre as mesas, de pernas para o ar, umas em cima das outras. De uma pista de dança improvisada entre uma máquina de *flippers* e o balcão. De presentes desventrados sobre este, ao lado de batatas fritas de pacote e de bolachas *Choco BN*, de palhinhas amarelas em copos de cartão cheios de *Oasis* e limonada.

Estava lá a turma toda do 5.º ano. Eu não conhecia ninguém. Tinha acabado de chegar a La Comelle, pequena cidade operária do centro de França com cerca de doze mil almas.

Nina Beau. Étienne Beaulieu. Adrien Bobin.

Observei o triplo reflexo nos espelhos embutidos por trás do balcão.

Tinham nomes antiquados, de antepassados. A maior parte de nós chamava-se Aurélien, Nadège ou Mickaël.

Nina, Étienne e Adrien acabavam de entrar numa infância de inseparáveis. Naquele dia e em todos os restantes dias, não me viram.

Nina e Étienne dançaram ao som de *Take on Me* do grupo a-ha toda a tarde. Um *maxi-single* de 45 rotações. Um trecho de vinte minutos. Os miúdos da minha turma fizeram-no girar no prato como se não tivessem mais discos.

Nina e Étienne dançaram como pessoas grandes. Como se tivessem feito aquilo a vida toda. Foi o que disse a mim mesma, enquanto os observava.

À luz estroboscópica, pareciam duas aves marinhas cujas asas se abrem à noite, quando há muito vento. Quando só um farol longínquo ilumina as asas e a graciosidade.

Adrien manteve-se sentado no chão, de costas contra a parede, não muito longe deles. Quando Cyndi Lauper começou a cantar *True Colors*, ergueu-se para convidar Nina a dançar o *slow*.

Étienne passou de raspão por mim. Nunca esquecerei o seu cheiro a vetiver e açúcar.

*

Vivo sozinha na zona alta de La Comelle, ainda que não seja muito alta: o campo é só um pouco em vale. Fui embora e depois regressei, porque aqui conheço o barulho das coisas, os vizinhos, os dias em que há sol, as duas ruas principais e os corredores do supermercado onde faço as compras

semanais. Desde há uma dezena de anos que o preço por metro quadrado é irrisório. Só falta darem os terrenos. Por isso, comprei uma casinha por meia dúzia de tostões, que restaurei. Quatro assoalhadas e um jardim com uma tília que dá sombra no verão e chás no inverno.

Aqui, as pessoas debandam. Menos Nina.

Étienne e Adrien partiram, voltam no Natal, tornam a partir.

Eu trabalho em casa, por vezes revejo ou traduzo manuscritos para editoras. E para manter uma ligação social à vida daqui, substituo em agosto e dezembro o redator pago à linha do jornal regional. No verão, cubro os obituários, as bodas e os concursos de bisca. No inverno, é parecido. Mais os espetáculos infantis e os mercados de Natal.

A tradução e a revisão são restos da minha vida de outrora.

Há as lembranças, o presente e as nossas vidas anteriores que mudam de cheiro. Quando se muda de vida, muda-se de cheiro.

A infância tem o do alcatrão, de uma câmara de ar e do algodão-doce, do desinfetante das salas de aula, das chaminés das lareiras que exalam o hálito das casas nos dias de frio, do cloro das piscinas municipais, da transpiração agarrada à roupa nas filas dois a dois à saída do ginásio, das pastilhas elásticas na boca, da cola que faz fios nos dedos, das gomas entaladas entre os dentes, de uma árvore de Natal plantada no coração.

A adolescência tem o odor da primeira passa, de um desodorizante almiscarado, de uma fatia de pão com manteiga numa caneca de chocolate quente, do uísque-cola e das caves transformadas em salas de baile, do corpo que deseja, da água-de-colónia, do gel para o cabelo, do champô de ovo, do batom, de restos de detergente numas calças de ganga.

As vidas posteriores, aquela da *écharpe* esquecida pelo seu primeiro desgosto amoroso.

E depois há o verão. O verão pertence a todas as lembranças. É intemporal. É o seu cheiro que é o mais duradouro. Que se agarra às roupas. Que se busca toda a vida. Os frutos mais doces, a brisa marítima, as bolas de Berlim, o café escuro, o protetor solar, o pó de arroz das avós. O verão pertence a todas as idades. Não há infância nem adolescência. O verão é um anjo.

Sou alta e magra, ainda que bem-proporcionada. Franja, cabelo de comprimento médio, castanho-escuro. Alguns fios brancos na trunfa, que

disfarço com rímel castanho.

Chamo-me Virginie. Tenho a mesma idade que eles.

Hoje em dia, dos três, só Adrien me fala ainda.

Nina despreza-me.

Quanto a Étienne, sou eu que já não quero saber dele.

Contudo, fascinam-me desde a infância. Nunca me senti tão ligada a alguém como àqueles três.

E a Louise.

2

5 de julho de 1987

Tudo começa com uma dor de barriga depois da sanduíche e das batatas fritas ensopadas em *ketchup*. Nina está sentada debaixo de um guarda-sol da *Miko*, diante do vendedor de batatas fritas. Há algumas mesas coloridas de ferro, uma esplanada sobre as três piscinas do complexo municipal. Enquanto lambe os grãos de sal da ponta dos dedos, Nina ouve *La Isla Bonita* de Madonna e observa sonhadoramente um loiro de pele bronzeada que salta da prancha dos cinco metros. Passa os dedos pelo fundo da embalagem vazia, para apanhar os restos que ficaram presos entre as ranhuras do plástico. Étienne baloiça-se na cadeira enquanto dá pequenos goles no seu refresco de morango e Adrien trinca um pêssego demasiado maduro, que escorre e o deixa com sumo por todo o lado, nas mãos, na boca, nas coxas.

Nina olha com frequência para Étienne e Adrien. Nunca o faz de soslaio. Pousa os olhos numa parte dos corpos deles e já não os retira. Isso deixa Étienne pouco à vontade, e este diz-lhe muitas vezes: «Para de olhar assim para mim.» Adrien parece gozar a cena, ela é assim, a Nina, não tem freio.

De novo as agulhas no ventre, depois um líquido quente que lhe escorre entre as coxas. Nina percebe. Não já. Demasiado nova. Não tem vontade. Onze anos daí a quinze dias… Ela achava que *a* tinham depois. Entre o 7.º e o 9.º anos. Vai começar o 6.º dentro de dois meses… *Que vergonha, se as outras raparigas sabem que sou menstruada, vão pensar que sou repetente.*

Levanta-se, envolve-se numa pequena toalha áspera mas que basta para lhe cobrir as ancas. É muito estreita. «Um palito», diz-lhe muitas vezes Étienne, para a aborrecer. Ela devolve-lhe o *walkman* sem dizer palavra, dirige-se para o vestiário feminino. Habitualmente, usa o masculino, para que seja mais rápido despir-se e vestir-se na cabina.

Étienne e Adrien deixam-se ficar na esplanada. Nina desapareceu como uma bala, sem lhes dirigir palavra. Aqueles três nunca se separam sem dizerem aonde vão.

— O que é que lhe deu? — pergunta Étienne com a palhinha entalada na

comissura dos lábios.

Adrien repara que o refresco lhe deixou a língua cor-de-rosa.

— Não faço a mínima — diz ele. — Talvez a asma.

Nesse dia, Nina não regressa à esplanada. Uma mancha castanha no fato de banho. Muda rapidamente de roupa, enfia uma bola de papel higiénico nas cuecas. Como um inchaço entre as coxas. Passa pela Petite Coopérative para comprar pensos higiénicos com o troco das batatas fritas. Uma embalagem de dez. Os mais baratos.

Quando chega a casa, a cadela *Paola* observa-a com um ar esquisito, enquanto abana a cauda. Ergue o nariz e vira-lhe as costas, para ir ter com Pierre Beau, o avô de Nina, a trabalhar no jardim. Ele não a viu entrar. Ela fecha-se no quarto, no piso de cima.

Está muito calor. Nina queria estar com Étienne e Adrien na cova. É a piscina mais profunda: quatro metros. Encimam-na três pranchas de mergulho: a um metro, a três metros e a cinco metros. A água da cova é demasiado profunda para aquecer. O desafio diário é ir tocar o fundo gelado, depois de saltar.

À noite, Étienne telefona a Nina. Nesse momento, Adrien tenta também ligar-lhe, mas a linha está ocupada.

— Porque é que te foste embora sem dizeres nada, esta tarde?

Ela hesita na resposta. Pensa numa mentira. Para quê?

— Apareceu-me o período.

Para Étienne, o período só aparece às raparigas que têm seios, pelos, às mães, às mulheres casadas. Não a Nina. Étienne faz coleção de cromos da Panini e ainda chupa o polegar às escondidas.

Nina é como ele. Já viu as bonecas *Barbie* alinhadas umas ao lado das outras, no quarto dela.

Depois de um longo silêncio duvidoso, pergunta:

— Disseste ao teu avô?

— Não… Que vergonha.

— O que é que vais fazer?

— O que queres tu que eu faça?

— Se calhar não é normal, com a tua idade.

— Parece que depende das mães. Se a minha o teve com esta idade, é normal. Mas não posso saber.

— Dói-te?
— Iá. Como cólicas. Cólicas depois de uma sopa de cebola nojenta.
— Ainda bem que não sou rapariga.
— Tu vais fazer o serviço militar.
— Talvez… Mas ainda bem, mesmo assim. Vais ao médico?
— Não sei.
— Queres que vamos contigo?
— Talvez. Mas vocês ficam à espera à porta do consultório.

*

Os três tinham-se conhecido dez meses antes, no recreio da Escola Básica Pasteur, no dia do início das aulas do 5.º ano.

É a idade da confusão. A idade em que as crianças deixam de se parecer umas com as outras. Altas e baixas. Puberdade, não puberdade. Algumas têm ar de ter catorze anos, outras, oito.

As duas turmas do 5.º ano estão reunidas no recreio. Perante uns sessenta alunos, a professora, a senhora Bléton, e o professor, o senhor Py, fazem a chamada ao lado um do outro.

É a manhã em que se conhecem os golpes de sorte e os golpes de azar. Em que se aprende a fazer a distinção.

Cada criança reza em silêncio — mesmo aquelas que nunca puseram os pés na catequese — para que seja a senhora Bléton a chamá-la. O professor tem uma reputação terrível. Gerações de antigos alunos traumatizados transmitiram-na aos mais novos. Um refinado estafermo, que não hesita em distribuir chapadas, em erguer do chão uma criança pelos colarinhos, nem em partir cadeiras contra as paredes, quando está com os azeites. E todos os anos escolhe um bode expiatório e não o larga. Geralmente um mau aluno. «Assim, tens todo o interesse em trabalhar, caso contrário, é o teu fim.»

Senhora Bléton, fila da direita. Senhor Py, fila da esquerda. Fazem a chamada por ordem alfabética.

Adivinham-se suspiros de alívio discretos na fila da direita. Algo no porte da cabeça que agradece aos céus, os ombros que se descontraem. E expressões de condenados à morte nos que se juntam à fila da esquerda.

Reina um silêncio de chumbo na Escola Pasteur, nessa manhã. Só as vozes dos dois professores se ouvem sob o telheiro. À vez, são chamados os alunos

cujos nomes começam pela letra «A».

Adam Éric, fila da direita.

Antard Sandrine, fila da esquerda.

Antunès Flavio, fila da direita.

Aubagne Julie, fila da esquerda.

Em seguida, vêm os bês.

Beau Nina, fila da esquerda.

Beauclair Nadège, fila da direita.

Beaulieu Étienne, fila da esquerda.

Bisset Aurélien, fila da direita.

Bobin Adrien, fila da esquerda.

É assim que Nina Beau, Étienne Beaulieu e Adrien Bobin são reunidos a 3 de setembro de 1986. Como os dois rapazes parecem paralisados, Nina pega-lhes na mão e arrasta-os para a fila diante do senhor Py. Étienne deixa-se conduzir. Deixar que uma rapariga nos pegue na mão é uma vergonha, mas ele não parece dar-se conta, pois a sentença foi dupla: acaba de ser separado do seu amigo, Aurélien Bisset; e ficou na turma do senhor Py. Na Escola Pasteur, do 1.º ao 4.º anos, todos os alunos encaram aquela última fila direita antes do 6.º ano como um teste. «Caraças, ficaste com o Py, estás feito.»

Aguardam os três, lado a lado, o fim da chamada.

Étienne é bastante mais alto que os outros dois. Tem traços finos, cabelos loiros, a pele clara da criança perfeita desenhada nas gravuras, os olhos de um azul-piscina que marcam quem se cruza com ele.

Adrien é castanho-escuro, cabelo em desalinho, remoinhos indomáveis, muito magro, pele leitosa, de tal forma tímido que parece escondido atrás de si próprio.

Nina possui a graciosidade de um animal selvagem. Sobrancelhas e compridas pestanas negras que circundam uns olhos de ébano. Depois de dois meses de verão, tem a pele castanha.

Por trás dos óculos, o senhor Py observa os seus futuros alunos. Parece satisfeito, sorri e pede-lhes que o sigam para o interior da sala, onde se planta diante do quadro de ardósia.

Ainda aquele silêncio medonho. Cada passo, cada gesto, é gelado.

Cada um escolhe a sua carteira ao calhas. Os que se conhecem ficam lado a lado. Étienne empurra discretamente Adrien com um golpe de anca para

ficar ao lado de Nina. Adrien aquiesce e ocupa o lugar atrás dela. Observa-a, esquece-se do professor. Perde-se nas duas tranças dela, nos cabelos castanho-escuros nas raízes e aloirados pelo sol nas pontas, os dois elásticos, o risco ao meio, os botões nacarados do vestido vermelho de veludo, a penugem do pescoço. A beleza vista de costas. Ela sente o olhar sobre si e vira-se furtivamente para lhe lançar um sorriso malicioso. Um sorriso que o tranquiliza. Tem uma amiga. Uma colega. Poderá chegar a casa e dizer à mãe: «Fiz uma amiga.» Espera que Nina coma no refeitório, como ele.

— Podem sentar-se.

O senhor Py apresenta-se, escreve o seu nome no quadro. A tensão diminui, no fundo, até tem um ar simpático, quase que sorri, explica as coisas com calma. Talvez tenha mudado, não se diz que os adultos podem ficar melhores com o tempo?

A manhã passa depressa. Distribuição de manuais a forrar ainda nesse dia, e não no dia seguinte.

— Abomino a procrastinação! — exclama o senhor Py enquanto remexe na sua pasta de cabedal.

Prolongado silêncio duvidoso na sala de aula.

— Vejo que não conhecem o significado desta palavra.

O senhor Py levanta-se, apaga o seu nome com uma esponja e escreve no quadro: PROCRASTINAÇÃO: DO VERBO DA PRIMEIRA CONJUGAÇÃO PROCRASTINAR, que sublinha três vezes.

— Quer dizer deixar para amanhã o que se pode fazer hoje.

Em seguida, pede a cada aluno que se levante na sua vez, diga o seu nome e apelido e indique o seu ponto fraco e o seu ponto forte.

Ninguém reage.

— Ora, ora, estão a dormir de olhos abertos! Vai ser preciso acordar-vos! Pois bem, vou chamar-vos ao acaso.

Aponta para a vizinha de Adrien. Uma loirinha muito pálida. Ela põe-se de pé.

— Chamo-me Caroline Desseigne, o meu ponto forte é a leitura, o meu ponto fraco é ter vertigens…

Caroline enrubesce um pouco e senta-se.

— Seguinte! O teu vizinho — chama Py.

Adrien levanta-se. Tem a cara vermelha e as mãos húmidas. O horror de tomar a palavra diante dos outros.

— Chamo-me Adrien Bobin. O meu ponto forte é a leitura também… O meu ponto fraco… tenho medo de cobras.

Nina levanta a mão. O professor encoraja-a com um aceno de cabeça.

— Chamo-me Nina Beau. O meu ponto forte é o desenho… O meu ponto fraco, a asma.

É a vez de Étienne se pôr de pé.

— Não levantaste a mão! — berra Py.

Silêncio.

— Não faz mal, é o primeiro dia e, em geral, no primeiro dia o meu pé ainda não sente comichões, as férias cansaram-no. Senta-te. Se quiseres falar, ergues a mão. Seguinte!

Étienne senta-se de imediato, com suores frios nas costas. As mãos tremem-lhe.

É meio-dia, a campainha toca em todas as salas. Ninguém ousa mexer-se. O senhor Py pede aos alunos que ainda não se apresentaram que terminem o exercício. Étienne levanta a mão várias vezes para tomar a palavra, mas o professor ignora-o até ao momento em que os manda a todos almoçar.

Ao saírem da sala, Étienne e Adrien esperam por Nina em frente da porta. Como que para reconstituir o grupo. Quando ela se junta a eles, Étienne está despeitado.

— Todos se apresentaram menos eu — geme ele.

— Lembra-me lá de como te chamas — pede Nina.

— Étienne Beaulieu. O meu ponto forte é o desporto, o meu ponto fraco… não sei… sou bastante bom em tudo.

— Não tens nenhum defeito? — pergunta Nina.

— Acho que não.

— Nunca tens medo de nada? — espanta-se Adrien.

— Não.

— Nem mesmo sozinho numa floresta, à noite?

— Acho que não. Não sei. Era preciso experimentar.

Caminham lado a lado em passo de corrida, estão com vinte minutos de atraso para o refeitório.

Nina ao meio, Adrien à direita, Étienne à esquerda.

Aluno: Bobin, Adrien, rua John-Kennedy, 25, 71200 La Comelle, data de nascimento 20 de abril de 1976, em Paris, nacionalidade francesa.

Filiação: Pai – Bobin, Sylvain, rua de Rome, 7, 75017 Paris, bancário, data de nascimento 6 de agosto de 1941, em Paris, nacionalidade francesa;

Mãe – Simoni, Joséphine, rua John-Kennedy, 25, 71200 La Comelle, auxiliar de puericultura, data de nascimento 7 de setembro de 1952, em Clermont-Ferrand, nacionalidade francesa.

~~Outro responsável legal, morada, profissão, data de nascimento, nacionalidade, telefone da residência, telefone do emprego.~~

Pessoa a contactar em caso de emergência: Joséphine Simoni, 85 67 90 03.

Aluno: Beaulieu, Étienne, Jean, Joseph, rua do Bois-d'Angland, 7, 71200 La Comelle, data de nascimento 22 de outubro de 1976, em Paray-le-Monial, nacionalidade francesa.

Irmão: Paul-Émile, 19 anos. Irmã: Louise, 9 anos.

Filiação: Pai – Beaulieu, Marc, rua do Bois d'Angland, 7, 71200 La Comelle, funcionário administrativo em Autun, data de nascimento 13 de novembro de 1941, em Paris, nacionalidade francesa.

Mãe – Beaulieu, nome de solteira Petit, Marie-Laure, rua do Bois d'Angland, 7, 71200 La Comelle, funcionária judicial em Mâcon, data de nascimento 1 de março de 1958, em La Comelle, nacionalidade francesa.

~~Outro responsável legal, morada, profissão, data de nascimento, nacionalidade, telefone da residência, telefone do emprego.~~

Pessoa a contactar em caso de emergência: Bernadette Rancoeur (empregada da casa), 85 30 52 11.

Aluno: Beau, Nina, rua das Gagères, 3, 71200 La Comelle, data de nascimento 2 de agosto de 1976, em Colombes, nacionalidade francesa.

Filiação: Pai – Incógnito.

Mãe – Beau, Marion, rua Aubert, 3, 93200 Saint-Denis, profissão desconhecida, data de nascimento 3 de julho de 1958, em La Comelle, nacionalidade francesa.

~~Outro~~ responsável legal: Pierre Beau (avô), rua das Gagères, 3, 71200 La Comelle, funcionário dos correios, viúvo, data de nascimento 16 de março de 1938, nacionalidade francesa.

Pessoa a contactar em caso de emergência: Pierre Beau, 85 29 87 68.

3

5 de dezembro de 2017

Repito mentalmente a informação, várias vezes, sem acreditar deveras nela. Eu, que sou solitária… o que me passou pela cabeça, no dia em que enviei a minha candidatura ao jornal? Um desafio? Uma loucura passageira? Não me interesso nem pelos mexericos, nem pelas passagens à reforma, nem por concursos de petanca. E eis-me na primeira linha. A levar com um tsunâmi mesmo na tromba.

Sem dúvida um acaso infeliz.

O lago da Floresta. Uma antiga pedreira de arenito a sul de La Comelle, na estrada para Autun. Os lençóis subterrâneos que comunicam com o Saône encheram de água uma centena de hectares. Tomávamos muitas vezes banho ali, quando éramos miúdos. Sabíamos que era arriscado, gostávamos de namorar o perigo, mas ainda assim não nos afastávamos muito das margens, por causa dos deslizamentos de terra submarinos que criavam poços de água mortíferos. Poucos de nós se aventuravam até ao meio. Os rapazes, por vezes, para se armarem. E depois havia muitas lendas em torno daquele lago. Contava-se que, de noite, se conseguia ver os fantasmas dos que ali se tinham afogado, que nadavam até à superfície com as suas mortalhas. Pela minha parte, nunca ali me cruzei senão com campistas e latas de cerveja abandonadas. Muitos de nós não nos banhávamos descalços. Eu, quando tinha muito calor, entrava na água sem tirar as sapatilhas. Não era raro haver ferimentos com um vidro ou um pedaço de ferro. Para nadar, eu preferia a piscina municipal. Mas nas noites de verão encontrávamo-nos ali para ouvir música e beber, junto de uma fogueira.

Havia anos que não ia lá.

Com vista a fazerem a reabilitação de uma margem, esvaziaram-no parcialmente pela primeira vez em cinquenta anos. A comuna está a efetuar um estudo de viabilidade para criar ali uma praia de areia com bar de apoio e escorregas. Uma zona que será vigiada por nadadores-salvadores. Pretende-se assim controlar o acampamento selvagem e os banhistas demasiado temerários.

Foi ao esvaziarem a parte ocidental que descobriram um automóvel, na semana passada. Para ter acesso às margens é preciso seguir trilhos sinuosos e estreitos. Em geral, quem vem de automóvel estaciona num parque improvisado entre dois terrenos, a cerca de trezentos metros do acesso principal.

Acabam de identificar a matrícula do salvado, um *Twingo* roubado no dia 17 de agosto de 1994 em La Comelle. Até aqui, nada de anormal: o ladrão ou ladrões quiseram desembaraçar-se dele. Mas o que intriga os gendarmes é a data corresponder à do desaparecimento de Clotilde Marais.

Dezassete de agosto de 1994. Quando ouvi o responsável do jornal pronunciar esta data, senti o sangue gelar. Perguntei-lhe se não podia enviar alguém da sede, um jornalista mais aguerrido, mas estavam todos de férias e eu encontrava-me no local.

«Há uma investigação em curso, é preciso que vá ao lago o mais depressa possível. Queremos uma fotografia do automóvel e o artigo antes do final do dia…»

Procuro o meu cartão de imprensa no fundo de uma gaveta. Regra geral, não preciso dele. Para redigir um texto sobre a eleição da Miss Petanca nunca mo pedem.

Não gostava da Clotilde Marais. Tinha certamente inveja das suas pernas compridas e afuseladas, que ela enroscava à volta da cintura de Étienne. Tenho esta imagem na cabeça. Ela sentada num murete, ele de pé, aos linguados. Ela de calções, as gâmbias a apertarem-lhe os rins. Ela descalça, vermelho nas unhas, pedicura perfeita. As espartanas douradas dela sobre o passeio. A quinta-essência da feminilidade. Sinto vontade de a empurrar. De ocupar o seu lugar. De ser ela. Claro que não me manifestei. Retomei o meu caminho sem respirar.

Clotilde Marais volatilizou-se no verão dos seus dezoito anos. Quando desapareceu, toda a nossa cidadezinha se afligiu. Porquê partir sem deixar uma explicação, a menor nota? Ao mesmo tempo, isso não me surpreendeu por aí além: era uma rapariga arrogante e reservada, não tinha amigos e andava muitas vezes sozinha.

Sinto vontade de telefonar a Nina, no abrigo, para lhe contar do salvado no lago. Mas nunca o farei. Só uma pulsão súbita que logo refreio.

Quanto a Étienne, nem me atrevo a imaginar o que vai sentir quando

souber.

4

O ano escolar de 1986-1987 foi o único em que o professor Antoine Py mudou de bode expiatório no decurso do ano.

De 1955 a 2001, a cada início de aulas, encarregava-se de adivinhar quem seria o seu alvo. Um joguinho que o deleitava. Preparava-o de antemão, enquanto fazia as palavras cruzadas em Sables-d'Olonne, onde passava todos os verões.

Seria loiro, moreno, ruivo? Grande porque era repetente ou franzino porque era medricas? Um aluno que não suportasse desde o início. Desde que sentasse o traseiro num dos bancos da sala, desde que pronunciasse a palavra «presente» e a sua voz lhe desagradasse como um garfo a raspar o fundo de um prato.

Só rapazes, o sexo fraco não lhe interessava. E de acordo com as fichas pessoais, que já teria lido. Que teria decifrado durante horas.

Como ele adorava ler os nomes, os apelidos, as situações familiares dos alunos! O que se deleitava com todas essas informações! Exatamente como quando se olha de fora, na obscuridade, para o que se passa numa casa cujas janelas estão iluminadas.

Profissões do pai e da mãe. Nunca escolher um aluno cujos pais eram quadros ou ocupavam um cargo público. Foi o que salvou Étienne Beaulieu, no dia do início de aulas de 1986. Se Py não tivesse lido na sua ficha que os pais eram altos funcionários, ele teria penado o ano inteiro. Levantar-se e tomar a palavra sem pedir permissão, era o que faltava!

E nunca tocaria, nem de perto nem de longe, num Abdel Kader, como gostava de chamar aos alunos de confissão muçulmana em presença de alguns amigos escolhidos a dedo: outros professores oriundos de outras escolas que não a sua, encontrados nas esplanadas dos cafés de Sables-d'Olonne.

Antoine Py não tinha amigos em La Comelle, tinha uma posição e uma certa distância a manter, devido ao seu ofício.

Uma vez feita a primeira triagem depois de analisar a situação profissional dos pais e respetiva nacionalidade, bastavam-lhe três dias para eleger aquele que tomaria de ponta, segundo vários critérios invariáveis: o aluno parecia

completamente estúpido, um olhar de imbecil, uma lentidão na compreensão, um tique, uma camisa amarrotada, um pouco de gordura na pança, sapatos sujos, uma atitude pouco firme. Também podia tomar de ponta aquele que lhe parecesse demasiado seguro de si, pretensioso, com um sorriso de esguelha, o olhar esquivo, um engraçadinho. A esses, adorava fechar a matraca.

Procurava a fissura mais impercetível da turma para lá se introduzir.

Sempre ensinara o 5.º ano, o último antes de os alunos ingressarem no ciclo seguinte, que ele considerava «o grande caixote do lixo da Educação Nacional». Tinha a sensação de que burilava pedras preciosas para estas acabarem numa valeta. «Mijar num violino», como dizia no final do dia à mulher, antes de tragar a sopa.

Em setembro de 1986, lançou o olho a Martin Delannoy, que tinha repetido o 2.º ano. Um problema de dislexia, o miúdo andava num ortofonista. Py retirava um prazer maligno não a fazer-lhe ler textos em voz alta diante de toda a turma: isso seria demasiado simples, não suficientemente perverso e, sobretudo, demasiado arriscado, sendo que o objetivo era nunca despertar suspeitas nos pais, todos os pais; pois os seus alunos falavam, contavam a vida da turma diante dos seus pratos de raviólis. Em vez disso, Py mandava Martin Delannoy ao quadro resolver problemas insolúveis de matemática, durante manhãs inteiras.

Sentia um comprazimento maldisfarçado atrás de um sorriso falso ao observar o tremor de um aluno, a palidez da sua pele, o brilho das gotículas de suor nas têmporas e na fronte, as lágrimas engolidas até uma poça minúscula se abater sobre o estrado de madeira, uma gota de sangue translúcido, a da dor demasiado tempo reprimida, e depois eram rios nas faces, como uma barragem que cede. E ele, Py, assumia então uma voz melíflua e dizia: «Volta para o teu lugar, meu rapaz. Ficas cá durante o recreio e eu explico-te.»

Raramente elevava a voz, era de uma doçura viscosa. Depois, sem pré-aviso, porque um aluno conversava, porque a mulher lhe tinha virado costas na véspera à noite, porque lhe tinham recusado uma prioridade nessa manhã, ele precipitava-se com um salto sobre o rapaz e erguia-o do chão pelo colarinho. Má nota, despropósito, risota, conversa, desatenção, bocejo… Nesses casos, as paredes estremeciam e a voz do homem ressoava até às copas dos grandes castanheiros plantados no recreio.

Nenhum encarregado de educação se queixava, pois nunca um aluno subia tanto a média geral como quando passava pela turma do senhor Py. Pronunciava-se o seu nome com delicadeza, murmurava-se: «É o senhor Py» com um sorriso e um contentamento entendidos.

No final do ano, ofereciam-lhe numerosos presentes, que ele recebia de olhos húmidos, afirmando infatigavelmente: «Sabem, limito-me a fazer o meu trabalho.»

As aulas dele eram extremamente precisas e claras. Py podia passar horas a explicar uma coisa até que todos sem exceção acabassem por perceber. Sob pena de se repetir uma e outra vez. Sob pena de nos mandar copiar várias vezes uma matéria, até ela ser assimilada de uma vez por todas. Sob pena de nos dar uma lista de trabalhos de casa com o comprimento de dois braços, que ocupava fins de dia e domingos inteiros.

Era um professor notável, por isso podia muito bem oferecer-se um bode expiatório para descomprimir. Até o diretor do estabelecimento, o senhor Avril, fechava os olhos aos procedimentos pouco ortodoxos em vista dos seus resultados excecionais.

O ano escolar de 1986-1987 começou, portanto, com o aluno Martin Delannoy, até àquele dia de março em que a fotografia da turma foi distribuída antes do intervalo. Um envelope por criança, com o preço da fotografia e os dos retratos individuais compostos sob a forma de calendário, marcador de livros e postal ilustrado.

Nessa manhã, Adrien Bobin e Martin Delannoy ficaram na sala durante o intervalo, para acabarem de copiar uma lição sobre as concordâncias do plural. Py foi à sala de professores tomar um café. Regressou à sala da sua turma por volta das onze horas, alguns minutos antes de recomeçar a aula.

Abriu a porta silenciosamente. Adorava aproximar-se sorrateiramente de um aluno, para o fazer sobressaltar. Observou Martin Delannoy, de nariz sobre o caderno, a cabeça inclinada, passeando a língua pelos lábios enquanto copiava a lição. Py ia fazer-lhe uma preleção sobre o modo como agarrava na caneta quando a sua atenção foi atraída por Adrien Bobin. O pequeno guedelhudo que nunca protestava. Que trabalhava bem. O tipo de miúdo que em geral era deixado em paz — mas naquela manhã estava a mandriar.

Py foi trespassado por uma lâmina gelada quando o olhar pousou sobre ele. O seu cérebro arguto levou um quarto de segundo a analisar. A sua raiva

silenciosa, a sua perversão, passou de um a outro. Quase se poderia ter visto um arco elétrico passar do aluno Delannoy, sentado à esquerda da sala, ao aluno Bobin, na extremidade direita.

Adrien ergueu a cabeça e não viu senão escuridão no olhar de Py. Por trás dos óculos, uma tempestade violenta abatia-se sobre si. Ameaçadora e mortal. Das que assassinam. Adrien não demorou a perceber. Baixou os olhos, voltou ao trabalho, mas era demasiado tarde.

5

6 de dezembro de 2017

Ouço os sinos da igreja repicarem ao longe. Quando se manifestam em plena tarde, é porque estão a levar alguém a enterrar. Um ancião, sem dúvida. Se fosse um jovem, com o jornal e estando eu de serviço, estaria ao corrente. Aqui já só há velhos. Das duas escolas, a Escola Pasteur e a Escola Danton, resta apenas uma, e por quanto tempo? Quando uma fábrica perde os seus operários, são também os filhos destes que se perde. Por estas bandas, desde há vinte anos a esta parte que há demasiados planos sociais e reformas antecipadas. A Fábrica Magellan, que produz componentes para automóveis, passou de três mil empregados em 1980 para trezentos e quarenta em 2017. O golpe de misericórdia foi dado em 2003, quando a sociedade de Transportes Damamme foi vendida, e depois, alguns anos mais tarde, deslocalizada.

Chove sobre a minha tília.

Trabalho na revisão de um manuscrito enquanto aguardo novidades sobre o automóvel encontrado no fundo do lago. Foi levado para Autun. Os polícias não me deixaram aproximar. Tirei umas fotografias da carcaça saída da água. Esta manhã, o assunto representa um encarte minúsculo no jornal. Mas se se descobrir um ou mais cadáveres no interior, saltará para a primeira página. Tenho a impressão de que os gendarmes não dizem tudo o que sabem aos jornalistas. Segundo um informador, parece que há ossadas na viatura. Não consigo deixar de pensar em Clotilde Marais.

Há pouco, quando andava nas arrumações, reconheci-a na fotografia da minha turma do 5.º ano. Em março de 1987 só tinha onze anos. Não me lembrava de que a Clotilde tinha sido da nossa turma. Foi um choque revê-la em criança. Há muito tempo, o seu retrato tinha estado exposto nas lojas. Mas como na noite do desaparecimento uma testemunha identificou-a formalmente na estação de comboios, todos pensaram que ela tinha partido sem revelar o paradeiro.

Na fotografia, vê-se também o padre Py na sua batina cinzenta, assim como os três bês lado a lado. Beaulieu, Beau, Bobin. Eu, na segunda fila, a

quarta a contar da esquerda, diáfana, transparente, inexistente.

No «ano Py», Nina, Étienne e Adrien encontravam-se diante da Escola Pasteur dez minutos antes do toque. Não tinham outros amigos. Quase se colavam, como cachorros da mesma ninhada. No entanto, não podiam ser mais diferentes. Fisicamente e nas atitudes.

Onze anos é a idade em que a maioria das raparigas anda com raparigas e os rapazes andam com rapazes.

Nina estava muitas vezes cansada porque se deitava tarde. Dizia-se que ajudava o avô a separar o correio para a distribuição do dia seguinte, por ruas e por quarteirões. O que era falso, uma vez que a triagem se fazia de manhã na estação. Sem dúvida ficava a desenhar até tarde. Tinha sempre os dedos sujos de cinzento, por causa dos paus de carvão. Bem que os esfregava com uma escova e sabão, mas as minas tingiam-lhe as unhas.

Eu adorava os papos que ela tinha debaixo dos olhos. Invejava-lhos. Envelheciam-na. Conferiam-lhe um ar grave. Gostaria de lhe roubar aquelas marcas de cansaço. Gostaria de lhe roubar tudo. O nariz pequeno, o estilo, o porte da cabeça, o sorriso.

Em criança, Nina dava ares de Audrey Hepburn. Mais tarde, também. Mas uma versão triste. Embora Audrey tenha sempre ostentado uma pequena centelha de melancolia no fundo do olhar. Em Nina, era mais negrume. Como se ela tivesse perdido todas as ilusões quando ainda não passava de uma miúda. Ninguém sabia quem era o seu pai, mas supunha-se que fosse oriundo do norte de África ou do sul de Itália porque, segundo as más-línguas, a mãe era uma ruiva de olhos verdes, e Nina tinha os olhos tão escuros que nem se distinguiam as pupilas.

Os três bês iam para a escola a pé. Étienne e Adrien guardavam o *skate* para as noites, as tardes de quarta-feira e as férias.

Nina e o avô viviam num bairro operário, numa daquelas casas de tijolo, todas idênticas, coladas umas às outras ao longo de uma dezena de ruas, com uma horta nas traseiras. Cada horta alimentava uma família inteira, e até alguns vizinhos, se a época fosse boa.

Adrien e a sua mãe Joséphine viviam num T3 do quarto e último andar de um edifício dos anos 60.

Étienne, os pais e a irmã mais nova Louise residiam numa bela casa rodeada de árvores centenárias. O irmão mais velho, Paul-Émile, tinha ido

estudar para Dijon.

Nina era criada por um velho.

Étienne era filho de um velho.

Adrien era-o de um pai ausente e de uma mãe na casa dos sessenta que fumava cigarros de enrolar e ouvia *Say It Ain't So, Joe* de Murray Head enquanto limpava as vidraças da sala de jantar.

A cerca de duzentos metros, viviam todos os três a igual distância da escola.

Unia-os o mesmo ideal: irem-se dali quando fossem grandes. Deixarem aquele lugarejo para irem viver numa cidade a sério, cheia de semáforos, som e fúria, escadas rolantes e montras. E luzes por todo o lado, mesmo em plena noite. Com gente nos passeios, desconhecidos, estranhos de quem não se pode dizer mal.

Passavam juntos todo o tempo livre, intervalos e cantina incluídos. Riam-se das mesmas coisas. Pegar na lista telefónica, abrir numa página ao calhas, marcar um número e fazer reservas disfarçando a voz. Ver *Magnum* e *Fama* de portas e estores fechados, a devorar bombons. Jogar *Mastermind* e batalha naval. Ler em conjunto um *Tintim* ou o *Almanach de l'étrange*, estendidos na cama de Nina. «Acabei…», diziam Adrien e Étienne em uníssono. Então, e só depois de os dois rapazes o terem dito, Nina virava a página.

Adoravam meter medo uns aos outros, contar histórias, largar bombas de mau cheiro nos corredores do supermercado, gravar-se durante horas no gravador, a brincar aos locutores, e ouvir-se depois, rindo a bandeiras despregadas. Étienne era o chefe, Nina, o coração, e Adrien seguia-os sem nunca protestar.

Os rituais deles eram também determinados pelas crises de asma de Nina. Viviam os três suspensos dos seus brônquios caprichosos. Algumas crises podiam durar horas, apesar do *Ventoline*. Durante as mais agudas, Nina preferia ficar a sós com o seu fôlego alterado.

Adrien e Étienne regressavam a casa, cada um para seu lado. Adrien ia ler ou pensar no que tinham dito uns aos outros. Étienne ia andar de *skate* ou ver na televisão o final de *Récré A2* com Louise, a irmã mais nova.

Era Nina o elo entre os três. Sem ela, Adrien e Étienne não se encontravam. Eram três ou nenhum.

Os dois rapazes adoravam Nina porque ela nunca julgava ninguém, ao passo que em La Comelle toda a gente se avaliava. Herdavam-se mexericos. Eram passados de geração em geração. Nina arrastava consigo a reputação da mãe, não passava da «bastardazita de uma vadia». Adrien, pela sua timidez, não interessava a ninguém a não ser Nina, que o achava inteligente e misterioso. A mãe dele, Joséphine Simoni, era a recém-recrutada da creche municipal, uma educadora fixe cujas saias compridas arrastavam pelos passeios. Não havia pai. Aquele casal mãe-filho era visto como *hippie*. Quanto a Étienne, era desdenhado por muitos alunos por ser «filho de burgueses». Em La Comelle, não se faziam misturas. Cada macaco no seu galho. Respeitavam-se os operários, exceto os contramestres. Os filhos dos quadros eram malvistos, o desafogo e a riqueza, quase suspeitos.

Os três iam sempre juntos ao cinema. Sempre sentados na primeira fila. Ali, Adrien não era relegado para trás, como na sala de aula, mas sentava-se ao lado de Nina. Ela no meio, ele à direita dela e Étienne à esquerda.

No dia em que viram *A Vingança de Manon*, Nina pegou-lhes nas mãos no momento em que Ugolin cose a fita de Manon na sua pele e manteve-as apertadas nas suas muito tempo depois de Ugolin se enforcar.

A Vingança de Manon passou a ser o filme preferido de Adrien e Étienne, dissessem eles o que dissessem. Quando lhes perguntavam: «Qual é o teu filme preferido?», respondiam: «*O Regresso de Jedi*.» Mas mentiam.

6

7 de dezembro de 2017

Quinta-feira, dia de compras no supermercado. Ainda espero cruzar-me com Nina, o que nunca acontecerá. Escolho os produtos de primeira necessidade, depois dirijo-me para o mercado. Espero vê-la de novo, espreito para todos os carros que passam por mim, ninguém. É como se ela vivesse escondida.

Depois de comprar a fruta e os legumes, tomo um café na esplanada aquecida do restaurantezinho l'Église. Observo quem passa, com os seus carrinhos de compras e cestos. Casais, mulheres sós, viúvos.

Gosto da empregada. Ela não me reconhece. Chama-se Sandrine Martin. Andámos juntas no 7.º ano. Na mesma turma que os três. Depois, ela foi embora, fazer um estágio. Tinha a particularidade de andar sempre a cuspir para o chão. Era bonita. Ainda é. Mas o tabaco e uma vida de contratos a termo certo são visíveis nos sulcos do seu rosto e nas comissuras dos lábios. De inverno, as camisolas tapam uma sereia azul, deslavada, no antebraço. Uma sereia que nunca se pavoneou em varandas de palácios.

Por vezes, sinto vontade de lhe dizer: «Sou eu, a Virginie.» Mas para quê? Para dizermos o quê? «Tens filhos?» «Não. E tu?» «Sim, dois.» «Têm que idade?» «Quinze e dezoito anos.» «Já serves cervejas aqui há muito tempo?» «Porque é que estás por cá? Aqui morre-se de tédio.»

Prefiro que Sandrine não me reconheça. Sorrimos uma à outra. Ela estende-me o jornal do dia. Deixo 30 cêntimos de gorjeta. Tenho vontade de deixar 50, mas, para um café a 1,20 euros, seria demasiado. Ela fixar-me-ia.

— Até logo.

Às vezes, há vantagens em não nos reconhecerem. Gera tranquilidade.

No caminho para casa, faço um desvio para passar diante da minha antiga escola do 3.º ciclo. Está fechada ao público há já muito tempo. Demasiado amianto e correntes de ar. Foi vandalizada várias vezes. Os ocupas lançaram-lhe pedras e tentaram incendiá-la. Algumas janelas estão tapadas com cartões. Está cercada de ervas altas.

Construíram uma novinha em folha, a Georges Perec, que fica um pouco

fora da cidade. Serve os alunos de vários aglomerados populacionais.

Esta manhã, quando passei diante da minha antiga escola, que me lembra sempre um paquete abandonado pelo capitão sobre um mar de betão enverdecido e acidentado, travei.

Regra geral, passo defronte dela sem prestar muita atenção, por hábito, como fazia um desvio para passar de raspão pela Torre Eiffel, na minha vida de outrora.

Travei e estacionei na berma. Já se falava há muito tempo… As retroescavadoras deram início ao seu trabalho: a Escola Vieux-Colombier começou a ser demolida. Fico dez minutos a observar o passado a ser arrasado. As chapas azuis desmontadas, os tabiques desmembrados à velocidade da luz, como se fosse um cenário, e não um local verdadeiro onde se ensinou durante várias décadas.

Dentro de poucos dias não restará mais nada.

Lembrei-me do tempo em que, durante os furos, da sala de estudo do terceiro piso, via os outros alunos andarem pelo recreio. Observava-os muitas vezes enquanto pensava: *Daqui a cem anos estarão todos mortos.*

Nunca imaginei que as paredes da minha antiga escola soçobrariam antes dos seus alunos.

A desertificação da Fábrica Magellan e a deslocalização dos Transportes Damamme condenaram bairros inteiros. Só as duas ruas principais tentam conservar uma certa dignidade. Os últimos heróis deste mundo moderno, os «pequenos comerciantes», como lhes chamam nos telejornais, mobilizam-se para fazer bater o coração do centro da cidade, grande como a cabeça de um alfinete.

Aqui, as ervas daninhas ganharam terreno. Em todos os locais onde havia pessoas quando eu era criança não restam senão paredes rachadas, persianas fechadas, reclamos esbatidos e enferrujados, passeios nos quais o betão foi coberto pelo musgo.

No sítio onde Adrien e Étienne andavam de *skate* só restam terrenos abandonados.

7

A partir de segunda-feira, 9 de março de 1987, dia em que Py começou a abominar Adrien, este último passou a contar os dias como um prisioneiro conta os que o separam da liberdade. Tirando os sábados à tarde, os domingos, as quartas-feiras à tarde e os feriados, que era quando não havia aulas, para chegar às férias grandes era preciso aguentar sessenta e um dias e meio.

Sessenta e um dias e meio a entrar na sala de aula com chumbo na barriga e nos sapatos. Sessenta e um dias e meio a fazer um traço sobre o dia transcorrido, todas as tardes, com uma caneta de feltro preta, fazendo muita força na ponta em sinal de alívio. Ele riscava os dias num calendário dos bombeiros onde se viam os soldados da paz a intervir em casos de acidentes rodoviários, inundações ou incêndios: exatamente o estado de espírito em que se encontrava Adrien, atormentado pelo seu professor.

Ficava sempre na sala a todos os intervalos e no final das aulas. Py pretextava uma lição não aprendida, um texto mal redigido que era preciso copiar repetidamente, fazia-o desenhar de novo um paralelepípedo retângulo, fazer a revisão dos prefixos, dos sufixos, das ordens de grandeza, escrever cem vezes: «Não sonhar acordado na aula.»

Desde 9 de março de 1987 que Adrien já não sonhava. Já não observava a nuca de Nina, os seus cabelos, os seus elásticos, os seus vestidos, os seus ombros, as suas costas.

Py estava sempre debruçado sobre ele, a farejá-lo.

Mal Adrien baixava a guarda, Py mandava-o ao quadro para melhor o humilhar diante de toda a turma. Debalde.

Os tímidos não são nem fracos nem cobardes. Os carrascos não levam necessariamente a melhor sobre eles. Adrien nunca chorava. Olhava Py nos olhos e esforçava-se por responder às suas perguntas, por perniciosas e incompreensíveis que fossem, enquanto o aluno Martin Delannoy, o primeiro bode expiatório do ano, respirava mais aliviado, ainda mal refeito daquele milagre: a fúria tinha passado para outro alvo.

Ao final da tarde, quando era liberto, Nina e Étienne aguardavam Adrien como duas almas penadas, sentados num passeio. Acompanhavam-no até

casa. Doía tudo, a Adrien, com os seus músculos afetados por contraturas.

Nina perguntava-lhe sem cessar:

— Mas porque é que ele te tomou de ponta?

Ao que Adrien respondia sempre:

— Um dia conto-te.

— Mas contas-me o quê?

E Adrien refugiava-se no seu mutismo.

Étienne perguntava-lhe se queria que ele fosse furar os pneus do padre Py ou meter-lhe merda de cão na caixa de correio. «Eu sei onde mora…» Mas Adrien recusava. Py desconfiaria de alguma coisa e seria pior se os tomasse a todos de ponta.

Adrien chorava durante o sono. Quando acordava, tinha a fronha molhada.

Já não liam o mesmo livro juntos no quarto de Nina e o televisor permanecia desligado. Como se os heróis dos folhetins preferidos deles estivessem mortos.

— Ele lixa-nos as quartas-feiras…

— Ele lixa-nos a vida toda! Dantes é que era bom.

— Um dia vi-o na cidade, ele é gordo, e é por isso que usa batina, para disfarçar o cu grande.

Repetiam os três, sem cessar: «Quem cá dera o verão.»

Como as idas ao cinema se tinham tornado raras, os intervalos das aulas custavam-lhes a passar, mas quando lá iam instalavam-se como de costume: Nina ao centro, Étienne à esquerda dela e Adrien à direita.

Foi assim que descobriram juntos *Aprendendo a Viver*, de Jean-Loup Hubert. Nesse dia, Adrien percebeu que era possível extirpar-se de um quotidiano, por mais pesado que este fosse, mergulhando numa obra.

*

No dia 4 de maio de 1987, Py deu-se conta de que faltavam trabalhos para corrigir na sua pasta. Sem refletir, lançou-se sobre Adrien, deu-lhe uma tareia perante as outras crianças, aterrorizadas, e acusou-o de ter tirado os trabalhos durante o tempo que passara retido na sala. Nina e Étienne ergueram-se em sincronia para intervir, mas um olhar, um único olhar de Adrien, bastou para que se sentassem de imediato.

O corpo de Adrien não resistiu àquela nova ofensiva e ele adoeceu. Nunca ninguém lhe tinha batido. O pai dele nunca lhe tocara, embora a sua quase indiferença o tivesse marcado na carne de maneira invisível mas indelével. A mãe dele era doce, nunca teria levantado a mão ao filho.

No caminho de regresso, Adrien fez jurar Étienne e Nina que não contariam nada. Os dois amigos ergueram a mão e juraram.

Quando o filho chegou a casa, Joséphine achou-o pálido. Preocupado, como que ausente. Tentou fazê-lo falar, em vão. Depois do jantar, telefonou a Nina para lhe perguntar se se tinha passado alguma coisa de particular na escola, mas Nina respondeu que não, nada de especial, só o costume.

Durante a noite, Adrien foi acometido por tremores, e depois febre. Diagnosticaram-lhe uma bronquite, que se transformou numa pneumonia feia. Esteve internado uns dias no hospital. Faltou três semanas à escola. Nina e Étienne pegavam nas suas notas e fotocópias e iam a casa dele todas as tardes, depois das aulas.

Joséphine, que agora fumava na sua pequena varanda, aquecia-lhes o lanche, que eles comiam em torno da mesa de fórmica.

A cabeleira de Joséphine preservava a recordação de um certo loiro, amarelado e branco nalguns sítios. Uma cabecinha que podia fazer lembrar a de um roedor. Todavia, os seus traços eram finos, polidos. No seu olhar lia-se doçura e incredulidade.

Ela não tinha refeito a vida, depois de ter sido amante do pai de Adrien. Um homem que ora elogiava ora criticava, segundo lhe convinha no momento, desligado e casado com outra que não iria deixar. Ele tinha prevenido: «Nunca.» Quando soube que Joséphine estava grávida, não reagiu. Nem cólera, nem ressentimento, nem alegria. No dia em que partiu sem dizer que não voltaria, Joséphine estava a fazer uma tarte de maçã. Tinha as mãos metidas na manteiga e na farinha quando ele lhe estendeu qualquer coisa. Ela não tinha percebido até ler um montante num cheque. Fez uma nódoa de gordura em cima da assinatura.

Sylvain Bobin só voltou para reconhecer o filho. Joséphine não conseguiu reunir forças para lhe dizer que não seria necessário. Já não o amava. Contudo, tinha-o pretendido, esperado, desejado. Mas isso fora antes da deceção, das palavras ignóbeis e dos gestos cobardes. Ela tinha-o deixado aproximar-se do berço, ele manteve-se à distância.

Por vezes, reaparecia. Como um fiscal de obras públicas ou um polícia. Só

que tocava antes de entrar. Dava uma olhadela ao apartamento, à pintura, à canalização, aos resultados escolares de Adrien, deixava um enésimo cheque sobre a mesa da sala de jantar e tornava a sair. Sem dúvida em paz com a sua consciência.

Quando Adrien foi internado, Joséphine telefonou-lhe. Era a primeira vez em onze anos. Sylvain Bobin estava no estrangeiro, ela deixou-lhe uma mensagem no hotel. Ele devolveu a chamada. Estática na linha. Joséphine tranquilizou-o. Maior o medo que a doença. Adrien já estava muito melhor. Uma bronquite complicada, que evoluíra mal.

Agora Joséphine observava os três a molharem as bocas pequenas na caneca fumegante. Ela gostava dos novos amigos de Adrien. Sobretudo de Nina. Joséphine teria gostado de ter uma filha parecida com ela. Uma bonequinha de olhos escuros. Duas estrelas plantadas numa carinha adorável. *E que não deixaram de brilhar*, pensava ela.

Depois dos trabalhos de casa, Nina despediu-se estreitando Adrien nos braços e Étienne dando-lhe um abraço, sempre com estas palavras, como uma litania: «Quem cá dera o verão.»

Depois da doença, ao retomar o caminho da escola, Adrien continuou a riscar os dias que o separavam da sua libertação. Tinha calculado que, tirando a ponte da Quinta-Feira de Ascensão, a Segunda-Feira de Pentecostes, as quartas-feiras, as tardes de sábado e os domingos, só lhe faltariam trinta e um dias e meio.

Adrien lera algures que «ter o diabo no corpo» significava realizar algo de sobre-humano. Parecia-lhe sobre-humano levantar-se, beber um leite quente, vestir-se, pôr-se a caminho, entrar no recinto da Escola Pasteur, atravessar o pátio, subir seis degraus, pendurar o casaco no bengaleiro, ocupar o seu lugar, cheirar a água-de-colónia do atarracado na sua batina cinzenta e cruzar o olhar dele por trás dos óculos durante trinta e um dias e meio.

Parecia-lhe sobre-humano não ter pai para o defender, lhe dar a mão e dizer: «Eu protejo-te, meu filho, não tenhas medo.»

No dia em que voltou a pôr os pés na sala de aula, nem mesmo a presença de Nina e Étienne acalmou o seu coração à desfilada. Sentiu vontade de ir à casa de banho. A tripa a revolver-se. A garganta inchada.

Nessa manhã, Adrien pôs na cabeça que a asma de Nina o tinha

contaminado, tal era a dificuldade que sentia em respirar.

Logo a seguir um sorriso, mel na voz do professor. Nada de quadro durante horas, nada de retenções na sala. Nem durante o intervalo nem ao final do dia.

Py tinha tido medo. Era a primeira vez que um bode expiatório adoecia. Em geral, ele sentia aquelas coisas e acalmava o jogo antes que elas dessem para o torto.

As semanas passaram-se. Adrien teve boas notas nos trabalhos de casa e recebeu incentivos do professor a tinta vermelha, à margem, no cimo, à direita: «Muito bem, bom trabalho, aluno empenhado.»

Numa tarde de junho, Adrien permaneceu na sala por sua iniciativa, enquanto Py trabalhava no seu gabinete. Os alunos deviam produzir eletricidade com uma ventoinha de doze *volts*, colar um íman em cada pá do aparelho e ligá-lo a um transformador com auxílio de duas caixas de derivação. Adrien apaixonou-se pelo exercício, usou uma tábua, que teve o cuidado de pintar de branco, e ligou-lhe três lâmpadas de cor. Como às seis horas ainda não terminara, Py, com pressa de ir embora, pediu-lhe que terminasse a tarefa em casa.

Adrien trabalhou nela todo o fim de semana, acrescentando variações à intensidade elétrica com recurso a um interruptor, o que assombrou Nina.

— Tu és superinteligente.

— Não é inteligência, é física.

— Vai dar ao mesmo.

Quando Adrien, Nina e Étienne chegaram à sala de aula na manhã de segunda-feira, o diretor, o senhor Avril, aguardava todos os alunos no vão da porta, com uma expressão grave. Avril fê-los entrar em fila e pediu-lhes que ocupassem os lugares habituais, que tirassem as gramáticas e estudassem a última lição em silêncio.

Py tinha faltado. Nunca o fizera, em toda a sua carreira de professor.

Os alunos trocavam olhares interrogativos sem dizer palavra quando um deles acabou por ousar erguer a mão:

— Onde está o senhor Py?

— No meu gabinete — respondeu o diretor.

Ouviram-se murmúrios de deceção. Tinham esperado ser mandados para casa, e poderem andar de bicicleta, fazer jogos de tabuleiro, ver televisão,

apesar de não haver programas juvenis às quintas-feiras à tarde.

Não, Py não tinha sido raptado, não estava doente nem morto, haveria aulas nesse dia.

Foi então que Avril procurou Adrien com o olhar, antes de o interpelar:

— Adrien Bobin, podes vir comigo, por favor?

Ao ouvir o seu nome, teve a sensação de que o estômago se lhe revolvia. Ergueu-se como um inocente que se vê condenado e ignora do que o acusam, lançou olhares angustiados a Nina e a Étienne e seguiu Avril cabisbaixo.

Olhar para os ladrilhos no chão. Mal alinhados. Experimentar contá-los para não pensar em mais nada. Um, dois, três, quatro. Um mau pressentimento. Porque é que Py estava a faltar? Porque é que o diretor o convocava a ele? A ele e só a ele?

Sim, um mau pressentimento.

Quando Avril e Adrien entraram no gabinete da direção, uma antiga sala de estudo que fora reconvertida para aí se instalar uma secretaria, com armários arquivadores para as cadernetas escolares, um telefone e uma máquina de escrever, Py estava lá, sentado, de perna traçada. Não tinha a sua batina cinzenta. Vestia uma camisa azul-celeste e calças de tergal. Era a primeira vez que Adrien via o seu professor com roupa de cidade.

Py não ergueu o olhar, não o pousou sobre Adrien, nem mesmo quando este o saudou. Limitou-se a sorrir ao diretor, ignorando por completo a presença de Adrien.

— Bem, o melhor é ir direito ao assunto: o senhor Py informou-me de que roubaste material.

Adrien não percebeu de imediato. Procurou o olhar de Py, que continuava fixo no diretor sentado diante dele.

— Sabes que o material usado nos trabalhos práticos deve permanecer no recinto do estabelecimento… Está escrito no regulamento interno da escola.

Adrien ficou incapaz de proferir palavra. Acusavam-no de roubo, Py tinha-o tramado, vencera a partida. Adrien sentiu as lágrimas assomarem aos olhos. Mas não, Py não teria as suas lágrimas. Engoliu-as rapidamente, como a uma sopa amarga. Enterrou as unhas na pele dos antebraços. Um pormenor veio em seu auxílio. Primeiro imperceptível. Depois deixou de ser um pormenor e passou a ser uma evidência. Conforme Adrien respirava, e o seu coração se acalmava, sentiu-o. De início ligeiramente acre, em seguida

cada vez mais insistente, formando círculos cada vez maiores, até deixar de ser impossível não o notar na divisão: cheiro de transpiração. Py tresandava. Emanava dele o odor da mentira.

Avril trouxe-o de volta à realidade.

— É isso que tens a dizer em tua defesa, Bobin?

O silêncio dele acusava-o. Quem cala consente. Consentia em ser castigado até ao final do ano escolar. Linhas e linhas a copiar e a entregar ao diretor.

Foi acusado de roubo diante de toda a turma e posto à parte, numa carteira ao fundo da sala, encostado ao radiador frio.

Não foi anotada nenhuma advertência nem reprimenda na sua caderneta escolar, pois Adrien Bobin era bom aluno e tinha devolvido a tábua nessa mesma manhã. Além disso, tratava-se apenas de três lâmpadas, fio elétrico e material sem nenhum valor comercial. O castigo era pelo princípio. Era preciso dar relevância ao caso.

Quando Joséphine Simoni soube o que se tinha passado, manifestou vontade de se encontrar com Avril e Py cara a cara e ir até ao reitor, alegando falsa acusação.

Adrien recusou.

— O Py tem razão, eu roubei aquelas coisas.

— Tomas-me por parva? Porque é que o defendes?

— Só faltam dezanove dias para as férias.

— Vou telefonar ao teu pai!

— Eu não tenho pai! Ele não quer saber de mim! Se lhe telefonares, fujo de casa! E nunca mais voltas a ver-me!

Joséphine cedeu. Não telefonou a ninguém. Nem a Sylvain Bobin nem ao reitor.

Joséphine acreditou nas palavras do filho: Adrien era capaz de desaparecer. Sempre o soubera, o sentira. Era como uma ameaça insidiosa. O seu filho arrastava consigo algo grave. Nada, mas mesmo nada, característico da infância. Adrien nunca tinha sido descuidado. Era terno, mas sério. Não era preciso mandá-lo fazer os trabalhos de casa, lavar os dentes, pôr a mesa, ajudar a arrumar o apartamento: ele fazia-o de moto próprio. Ria-se muitas vezes, um riso cristalino que fazia as delícias de Joséphine, sabia abandonar-se à alegria, sobretudo quando Nina e Étienne estavam presentes, a verem uma comédia ou um programa de televisão. Mas nunca perdia o pé. Como

um adulto que calçasse o número 35.

A partir desse dia, Adrien desconfiou sempre dos outros, da sua perversidade.

Nunca mais confiou em ninguém.

Aquele ano escolar deu-lhe dois amigos e tirou-lhe a inocência.

8

8 de dezembro de 2017

Devo estar a chocar uma angina. Cachecol à volta do pescoço. À força de passar tanto tempo em silêncio, de viver sozinha, tenho uma garganta frágil.

Não é o dia da ração. Todavia, deixo trinta quilos encostados aos portões do abrigo.

Como de costume, ouço os cães, mas não os vejo.

Como de costume, o tipo alto e mal escanhoado vem buscar as sacas, murmurando:

— Obrigado por *eles*.

— A Nina está? — pergunto.

O tipo alto faz um compasso de espera. Um leitor que se pusesse em «pausa». De costume, tirando bom dia e adeus, não digo nada. Reconsidero imediatamente, não lhe dou tempo de me responder e apresso-me na direção do meu automóvel. Ele segue-me com o olhar. Faço um gesto vago de despedida. Não sei o que me deu.

Um misto de emoções, sem dúvida.

A Escola Vieux-Colombier destruída, a fotografia da turma reencontrada, a lembrança recorrente em sonhos, como o que tive ontem, em que me vejo regressar. A casa de Nina. No dia do funeral. O terror, a estupefação, os gestos lentos, Étienne, a sua palidez, os seus olhos encovados, e Nina, que extravasa de outro modo.

Mas o que me atormenta mais é terem encontrado um cadáver na viatura do lago da Floresta. A informação foi confirmada. Os polícias vão investigar para conseguirem a identificação. Ignoro a razão, mas ainda não posso falar do caso no jornal.

E queria tanto dizê-lo a Nina.

*

Nina está sentada à sua secretária. Mordisca a tampa da esferográfica.

Um dia ingrato. Duas entradas de cães abandonados. Cães de caça. Sem identificação. Pejados de parasitas. Há dois meses sem adoções. Uma das

voluntárias deixou de aparecer. Felizmente, no meio de toda esta merda, uma luzinha de esperança: há uma pessoa interessada no velho *Bob*. Está no canil há já quatro anos. Dezasseis renovações do alcatrão. A pessoa acaba de telefonar, passa esta tarde às três horas para o ver. Viu a fotografia dele no *site* do abrigo. Gostou do *Bob*. O «livro de focinhos» que Nina fez para os animais é quase tão eficaz como um *site* de encontros.

Sorri de si para si. Tem de experimentar, tem de se inscrever em Experimentaumtipo.com, só para ver. Mas só a ideia de se ver cara a cara com um desconhecido na loja de apostas a dissuade. Além disso, não há desconhecidos em La Comelle. Os tipos da sua idade, conhece-os a todos. Homens casados e barrigudos, com os dentes amarelos do tabaco, bêbedos ou ex-desportistas ressequidos. Ela diverte-se sozinha. Sabe-lhe bem. Como uma luz interior. É mesmo preciso sorrir quando só se tem isso, sorrir para continuar.

Christophe entra no escritório, serve-se de um café morno e molha lá dentro uma bolacha.

— A pessoa que traz a ração todos os meses esteve cá esta manhã outra vez. Perguntou se estavas. Não costuma dizer nada. Estás a ver quem é?

Nina levanta o nariz da agenda. O olhar turva-se. Como se assimilasse a informação.

— Sim, vejo muito bem.

— A sério? — espanta-se Christophe.

— É um fantasma.

Nina enfia o colete e dirige-se para a enfermaria, que fica mesmo ao lado do gatil. Está na hora de dar a injeção ao *Orlan*, suspeita de coriza. Travar já a maleita, antes que os outros a apanhem.

9

Julho de 1987

— Adrien, achas que já tenho o período porque a minha mãe é uma puta?

— Claro que não, a Madre Teresa teve o período aos dez anos… como tu.

— A Madre Teresa?

— Sim.

— Tens a certeza?

— Sim. Li na *Science et Vie*.

Étienne e Adrien ladeiam Nina enquanto se dirigem para o consultório. Não voltaram a ver-se desde a véspera, na piscina, quando Nina foi embora como uma bala sem lhes dizer nada.

Os rapazes vão de *skate*; Nina, a pé. Eles rolam ao ritmo do passo dela.

Desde a piscina, o sangue não para de correr. Ela marcou consulta com o doutor Lecoq sem disfarçar a voz. Uma consulta a sério em seu nome, Nina Beau. Conhecem-na bem, lá. Por causa da asma, é seguida com regularidade. É a primeira vez que vai ao médico de família sozinha. Habitualmente, o avô acompanha-a. Tem uma sensação de desobediência que a deixa pouco à vontade.

— Disseste ao teu avô? — pergunta Étienne.

— Não — responde Nina, irritada.

— Podes ir à piscina?

— Pois… Não.

— Quanto tempo é que isso dura? — inquieta-se Étienne.

— Não sei bem… Uns seis dias… Mas vão vocês à piscina.

— Não te vamos deixar sozinha! — indigna-se Adrien.

Étienne dá largas à sua alegria:

— Vamos alugar vídeos! O jardineiro e a senhora Rancoeur estão de férias! Vamos ter a casa só para nós!

— E a tua irmã? Não vamos incomodá-la? — inquieta-se Nina.

— Nunca está.

Quando chegam os três à porta da clínica, Nina pede aos rapazes que esperem um pouco mais longe.

— Não queres que fiquemos contigo na sala de espera?

— Não. Prefiro ir sozinha.

Mesmo ao lado, fica o parque de estacionamento de uma loja de artigos de jardinagem. Os rapazes vão para lá andar de *skate* e fazer figuras sobre as linhas de estacionamento dos camiões.

Tomam balanço, fazem saltos. Étienne é muito mais dotado e temerário que Adrien. Também é mais rápido. Parece levitar sobre a prancha. Juntos, parecem um professor e um aluno, pensa Adrien. Um profissional e um principiante. Étienne tem um domínio perfeito do corpo. Tem uma agilidade e uma flexibilidade inatas, e mais duas cabeças de altura que Adrien. Sobre rodas, na água, em terra, Étienne controla o equilíbrio e a beleza dos gestos. Basta vê-lo atravessar a piscina maior a nadar em *crawl*.

É uma fatalidade que Adrien já assimilou: não nascemos todos iguais.

Com crostas nos joelhos e nos braços, os pulsos doridos pelas figuras que tenta fazer para imitar Étienne, Adrien faz uma pausa para apertar os atacadores quando sente um olhar, como a lâmina de uma faca espetada nas costas. Surpreendido pelo mal-estar vertiginoso que o trespassa, volta-se e desaba. É como receber um pontapé no estômago. Sustém a respiração.

Ele está ali. A cerca de trezentos metros de distância. Há quanto tempo estará a observar Adrien? Tê-lo-á seguido? Menos de um segundo e ele dá meia-volta, fecha a porta do carro a toda a velocidade e penetra no interior da loja de jardinagem.

É como um impulso, como se alguém o empurrasse, como uma violência que ele não conhece, talvez a pessoa atrás de quem parece sempre esconder-se, essa insustentável timidez, paredes que ruem. Tudo o que Py não o fez chorar está prestes a sair de forma completamente dessincronizada.

Adrien lança-se, abandona o *skate* sobre um murete, não ouve a voz de Étienne perguntar-lhe aonde vai. Atravessa o estacionamento a correr, abre a pesada porta da loja, leva com ela na cara: os seus gestos são demasiado descoordenados, o seu corpo já não responde, tem as pernas carregadas de eletricidade.

Um primeiro corredor vazio. Outro também.

Adrien procura Py como um cão de fila persegue uma presa.

Cruza-se com um empregado que lhe sorri.

— Bom dia, rapaz.

Adrien já não ouve nada. O martelar do coração nos ouvidos, um peixe apanhado nas malhas da rede.

O cheiro da sala de aula que regressa, uma mistura de papel, cola, amoníaco, giz e suor.

Terceiro corredor. Ali está ele, a sopesar os sacos, a escolher serenamente sementes para o seu jardim. Um sorriso de circunstância que afivelou na cara antes de sair de casa, como todas as manhãs.

Adrien conhece tão bem aquele sorriso. Ainda o acorda todas as noites.

Py não tem tempo de ver Adrien saltar, recebe o golpe em pleno rosto. Contudo, é um pequeno punho fechado, o de uma criança de onze anos, ainda por cima baixinha. Mas há tanta raiva naquela mão, tanta tensão e tanta dor, que o golpe tem a potência de uma bala desferida à queima-roupa.

Os óculos partem-se e ferem-no. Sangue no nariz. A visão turva-se-lhe. Depois um pontapé nos testículos, de uma violência inaudita. Uma vertigem, Py debruça-se para a frente, dobra-se sobre si mesmo, enquanto Adrien o ataca e grita como um possesso. Um empregado agarra-o, tenta imobilizá-lo, mas ele debate-se como um possuído.

Depois um outro grito, terrível, desesperado, o de Nina:

— Adrien!

O rosto de Nina desfigurado pelo medo, lágrimas nos olhos, e o de Étienne, ao lado dela, incrédulo, a grande boca aberta como se ele fosse atrasado mental.

Um calor que lhe sobe pelo corpo. Exércitos de formigas nos membros. As pernas deixam de o suster. E depois mais nada. Um véu negro.

Adrien recobra os sentidos num armazém, o cheiro das plantas, da terra molhada. Dois funcionários municipais e três empregados da loja de jardinagem olham para ele, e ouve as palavras: «O senhor Py não vai apresentar queixa… a mãe vai pagar os óculos… ferimentos superficiais… preocupados com a criança… vem aí um médico… mas o que é que lhe deu?»

Nina está em plena crise de asma, tem a respiração roufenha, por vezes aguda, como se tivesse um apito estragado na garganta.

Étienne observa ainda Adrien, com o *skate* debaixo do braço, como se não reconhecesse o amigo. Um estranho estendido ao lado de sacos de terra. Adrien feriu-se na mão quando partiu os óculos de Py.

Joséphine chega, numa aflição.

Onde está o Py?, pergunta de novo Adrien a si mesmo, antes de perder outra vez os sentidos.

*

Como não podem ir à piscina, há já uns dias que ouvem, com o som no máximo, o álbum *Joshua Tree* dos U2 sem parar. Dançam e cantam, com as persianas corridas, no grande salão da casa de Étienne. Como estão às escuras, fazem o que lhes dá na gana. Os seus gestos são desarmonizados. Abandonam-se à obscuridade, riem ruidosamente como os miúdos do jardim de infância.

— *With or without you…*

Estas tardes de júbilo curam-nos do acesso de loucura de Adrien. Os dias sucederam-se sem que voltassem a mencionar o assunto. Adrien foi a um médico que tentou compreender, mas ele permaneceu mudo. Desde os seis anos que não confia na classe médica.

No dia em que Adrien bateu em Py, o doutor Lecoq tranquilizou Nina. Ser menstruada com a idade dela é a ordem natural das coisas. Nada de preocupante. Talvez um ou dois anos adiantada em relação à média das outras raparigas, mas nada de grave.

— Conheceu a minha mãe? — perguntou ela ao médico.

— Sim, claro — respondeu ele enquanto lhe passeava o estetoscópio pelas costas.

— Ela teve o período aos dez anos?

O médico remexeu dentro de gavetas deslizantes. Retirou uma ficha médica com o nome Marion Beau, nascida a 3 de julho de 1958. Tentou decifrar as notas rabiscadas lá dentro.

— Lamento, Nina, não sei… Não consigo perceber o que escrevi.

O médico prescreveu-lhe análises ao sangue, enquanto falava de taxas de progesterona e de hormonas, mas ela já não o ouvia. Fixava a ficha médica da mãe pousada em cima da secretária. Datas a caneta vermelha, datas de consultas. Como provas da sua existência. Marion tinha entrado naquele consultório, tinha-se estendido ali, Lecoq medira-lhe a tensão, medira-a, pesara-a, auscultara o seu coração.

Em casa, não havia fotografias de Marion. Pierre Beau fizera desaparecer

todos os vestígios da filha.

Não restava nada dela, tirando Nina.

Lecoq recusou o cheque que Nina lhe estendeu para pagar a consulta. Tinha-o subtraído a Pierre, o último do livro de cheques, para que se apercebesse o mais tarde possível. Era-lhe inconcebível falar do período ao avô.

Antes de sair do consultório, o médico perguntou-lhe, ainda assim, se ela não tinha namorado, ao que ela respondeu que não, enrubescendo.

— Se isso acontecer, deves vir cá novamente, para te receitar uma pílula contracetiva.

Teria ele dito o mesmo à mãe dela?

Saiu do consultório como que sonâmbula. A imaginar as anginas e as febres de Marion, as suas quedas de bicicleta, as suas equimoses e dores de barriga.

Procurou os rapazes no parque de estacionamento da loja de jardinagem, impaciente por lhes contar, como quando se volta de uma longa viagem.

Dentro da loja, vislumbrou Étienne de costas, como que prostrado, Py deitado no chão e Adrien a atacar como um louco. A dar pontapés, desfigurado pela raiva, vermelho como as groselhas do jardim, os cabelos colados pela transpiração.

Nina sentiu imenso medo. Algo na ordem do terror. Iam levar-lhe Adrien, separá-los. Como nos filmes que a faziam chorar, aqueles em que encerravam os delinquentes em internatos de pesadelo. Adrien ia abandoná-la como a sua mãe tinha feito pouco após o seu nascimento.

Gritou o nome dele.

Adrien deteve-se de imediato. Estupefacto, recuou, viu o professor estendido no chão e perdeu os sentidos. Os brônquios de Nina começaram a disparatar. Uma crise de rara violência. Acorreram pessoas. Py ergueu-se sem olhar para ninguém.

— *With or without you…*

Cantam os três aos berros, a plenos pulmões. Dançam de olhos fechados, apesar de a divisão estar mergulhada na obscuridade. Há alguns dias que o parquê da sala lhes serve de pista, comem porcarias, assistem a VHS que inserem no leitor, várias vezes seguidas quando o filme lhes agrada, hipnotizados. Nina instala-se sempre entre Étienne e Adrien. Por vezes,

Étienne chupa o dedo às escondidas.

Também decidiram fazer música juntos. Criar uma banda. Étienne já abandonou o piano, prefere o sintetizador e o micro que instalaram numa parte da cave. Nina e Adrien escreverão as letras das canções, ao passo que Étienne procurará as melodias. Começaram a escrever algumas letras complicadas, afetadas, em língua inglesa, sem sentido. Querem ser originais, ignorando ainda que muitas vezes as canções mais belas são de uma simplicidade notável.

*

No dia 20 de julho, Étienne parte para Saint-Raphaël como todos os anos. É a primeira vez que se separam desde que se conhecem. Com exceção da permanência de Adrien no hospital de Autun durante aquilo a que mais tarde chamarão «doença Py».

Depois da partida de Étienne, Nina e Adrien veem-se como duas almas penadas a patinhar todo o dia na água clorada. Entre dois mergulhos, estendem uma toalha no relvado amarelecido à volta da piscina que fica para lá das barreiras de segurança, onde é permitido comer e fumar, onde os adolescentes dão linguados perante os olhos incrédulos das crianças de dez e onze anos. Nina e Adrien instalam-se sempre debaixo da mesma árvore e descobrem desenhos imaginários no céu que desafiam o outro a adivinhar. Têm um *walkman* para os dois, que usam à vez. Mudam a cassete quando põem os auscultadores de espuma nas orelhas. Adrien ouve Niagara e Nina, Mylène Farmer.

— Já beijaste alguém? — pergunta Nina a Adrien.

— Na boca?

— Sim.

— Com língua?

— Sim.

— És doida, tenho onze anos… E tu?

— Igual.

— Seja como for, tem ar de ser nojento.

Num final de tarde, com os olhos vermelhos da água e do sol, Adrien acompanha Nina a casa dela. São recebidos pelos gatos e a cadela dela, *Paola*. Pierre Beau dorme a sesta. Depois do giro, antes de ir aos correios

entregar o que não distribuiu, passa sempre pelas brasas.

Nina pede a Adrien que a siga até uma divisão sem janelas ao fundo do corredor.

— Não tenhas medo, o meu avô está a dormir… Vou mostrar-te uma coisa, mas tens de me jurar que não dizes a ninguém. Nem mesmo ao Étienne.

Adrien jura.

Nessa divisão, há três sacolas de couro em cima de uma antiga bancada de trabalho. Nina abre uma e volta-se. Está calor, não corre uma ponta de ar, apenas se sente um vago odor de cera e pó. O conteúdo espalha-se: dezenas de cartas e postais onde se vê o mar. Paisagens que Nina é capaz de ficar a contemplar horas a fio. E sempre as mesmas palavras no verso: «Está bom tempo, tudo a correr bem, beijos.» Ali, onde se vê o mar, Nina imagina que tudo corre bem e está sempre bom tempo.

— Aproveito a sesta dele para palmar uns quantos. Às vezes… leio-os.

— Porquê?

— Ora, para os ler.

— O teu avô sabe que fazes isto?

— Estás doido? Nunca deu conta. Volto logo a pô-los no sítio. Queres experimentar?

Adrien tem medo de estar a compreender demasiado bem.

— Experimentar o quê?

Nina pega num molho de envelopes e faz uma seleção. Escolhe os que estão manuscritos — os que parecem ser faturas ou correspondência administrativa não lhe interessam. Faz um leque, que estende a Adrien.

— Fecha os olhos e tira uma carta ao calhas.

Adrien fá-lo. Tira uma como se se tratasse de uma carta num número de magia. Sente Nina tirar-lha de imediato das mãos. Quando volta a abrir os olhos, ela está já atrás da porta.

— Vamos para o meu quarto!

Sobre a mesa de cabeceira, liga uma pequena chaleira elétrica e alguns segundos depois passa o envelope sobre o vapor que a água em ebulição liberta e abre-o à velocidade da luz. Estende a carta a Adrien.

— Toma, lê-a em voz alta.

Adrien tem a sensação de estar a participar na maior patifaria de todos os tempos. Vê-se já numa casa de correção. Um sítio onde os menores são

encerrados e espancados por tipos piores do que Py. Um delinquente que não só partiu a cara ao seu antigo professor como lê correspondência roubada. Sente a respiração e os batimentos cardíacos acelerarem. Aperta com muita força o papel nos dedos, para que Nina não repare que treme como uma folha ao vento.

Vê uma caligrafia fina, nervosa, a tinta violeta. Inspira profundamente antes de começar a leitura, para que a voz não traia o seu medo.

«Meus queridos filhos,

Um bom-dia dos Alpes, onde está muito bom tempo.

As noites são frescas. E se, por infelicidade, começa a chover, tiritamos. Mas isso é raro, neste mês de julho.

A minha estada está a ser agradável. Os médicos querem que fique ainda mais umas semanas no sanatório. Espero conseguir regressar antes do início das aulas. Espero que estejam a portar-se bem com o papá.

Meu pequeno Léo, andas a fazer as tuas revisões de ortografia? Minha doce Sybille, estás a gostar do campo de férias? As monitoras são simpáticas para ti?

Tenho muitas saudades vossas, meus anjos.

Digam ao papá que o amo de todo o coração como vos amo a vocês e que me vou curar depressa.

Mamã»

Adrien devolve a carta a Nina, que está suspensa das suas palavras.

— A minha mãe nunca me escreveu… — diz ela.

— Sabes onde mora?

— Não.

— Nunca a viste?

— Vi. Veio cá várias vezes. Sem dúvida para pedir dinheiro ao meu avô. A última vez foi em 1981. Eu tinha cinco anos.

— Lembras-te?

— Pouco. Cheirava a *patchouli*.

— Como é que se chama?

— Marion.

— E faz o quê?

— Não sei…

— Porque é que dizes que é puta?

Nina encolhe os ombros.

— E sabes quem é o teu pai?

— Não.

— E o teu avô, sabe?

— Não, acho que não… E tu? Como é o teu pai? — pergunta Nina.

— É casado e vive em Paris.

— E tu vê-lo?

— Às vezes… Tresanda a clorofila… Está sempre a mascar uma pastilha nojenta. Detesto aquele cheiro. Às vezes, vem buscar-me para me levar ao restaurante… É horrível. Não tenho nada para lhe dizer. Ele também não. Fico à espera da sobremesa enquanto lhe faço perguntas que levo preparadas. Para que não haja muitos silêncios.

— Achas que ele tem outros filhos?

— Não sei.

— Talvez tenhas uma irmã. Ou um irmão.

— Talvez.

— Ele nunca te disse?

— Nunca.

Ao fundo das escadas, ressoa a voz grave de Pierre Beau:

— Nina! O que estás aí a tramar?

As crianças dão um pulo. Nina esconde o envelope debaixo da almofada.

Adrien desce para cumprimentar o avô da amiga, com a prancha de *skate* debaixo do braço. O homem, solene, lança-lhe:

— Tenho de falar contigo.

De súbito, Adrien fica muito aflito. Pensa que Pierre Beau vai passar-lhe um sermão depois da altercação violenta com Py. Adrien segue-o até à cozinha com o ar de um condenado, talvez lhe vá mesmo pedir que deixe de andar com a sua neta, o que seria impensável, inadmissível, impossível.

Nina é a luz de Adrien. É como uma irmã e o contrário de uma irmã, porque se escolheram um ao outro. Nina é a evidência de Adrien. Mesmo usando as casas de banho dos rapazes e lendo correspondência roubada.

Pierre Beau fecha a porta atrás de Adrien e olha-o fixamente durante uns segundos. Nina não é parecida com o avô. O velho tem um olhar cinzento-azulado. Um pouco como a cor da roupa que muitas vezes a mãe tira da máquina de lavar, aos berros: «Merda! Tudo tingido outra vez!» A pele dele está curtida como o blusão de couro que Steve McQueen tem vestido no cartaz do quarto de Adrien. As voltas de bicicleta deram uma cor bistre à sua

pele. Ele franze a testa enquanto o observa com um ar grave. Adrien sente a boca seca. Mais um pouco e julgar-se-ia sobre o estrado, diante do quadro, de Py e da sua turma.

— Pensei num presente para os anos da Nina, mas queria saber o que pensas… Um cavalete e material de pintura… achas que ela iria gostar?

Adrien mal consegue responder. Estava tão longe de esperar ouvir aquelas palavras que precisou de tempo para as assimilar.

— Sim.

— Tens a certeza?

— Sim. Acho.

— Achas ou tens a certeza? Porque para ela é tudo negro. E eu disse a mim mesmo que seria bom que ela aprendesse as cores com pincéis.

10

10 de dezembro de 2017

Não se prende a espuma
Na palma da mão
Sabe-se que a vida se consome
E não resta nada
De uma vela que ilumina
Podes ainda decidir o teu caminho
Do teu caminho
Crês que tudo se resume
Ao sal entre os nossos dedos
Quando mais leve que uma pena
Podes guiar os teus passos
Sem tristeza nem amargura
Avançar, avança, pois tudo desaparece.

Ontem, o funeral de Johnny Hallyday.

Irmã Emmanuelle, Marie Trintignant, Nelson Mandela, Cabu, Wolinski.

Que fizeram Nina, Adrien e Étienne de todos aqueles anos de silêncio?

Não cantaram os três por cima de Stromae, não aplaudiram Roger Federer, não viram *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain*, não choraram juntos Michael Jackson, Prince, Alain Bashung, David Bowie.

«Viste as notícias? Acabei de saber.» Todas aquelas coisas que se deixam de dizer, uma vez transposta a porta.

Um homem que assassina crianças no recreio de uma escola, uma sala de concertos devastada. O pavor. Estes acontecimentos que deveriam fazer-nos marcar um número de telefone, saber notícias, saldar contas.

A última vez que Nina, Adrien e Étienne se falaram foi há muito tempo.

E eu gostaria de lhes dizer que amanhã todos os jornalistas da região estão convocados pelo procurador da República de Mâcon a propósito do caso da viatura no lago.

Gostaria, mas não posso. É uma velha canção de Françoise Hardy.

Quero, não posso…
Mas se achares um dia que me amas
Não esperes um dia, uma semana…

Devia ir-me deitar, mas agito-me, escutando a música. Por vezes, levanto-me, canto, imaginando-me no palco de um estádio, Wembley, por exemplo.

Completamente doida.

Lá fora, há muito que é noite.

Estou sozinha em minha casa. Como poderia ser de outro modo? Fui eu que permiti que assim fosse.

11

Setembro de 1987

No dia do início de aulas do 6.º ano, chegam juntos à Escola Vieux-Colombier.

A divisão dos alunos por turmas está afixada num quadro de madeira. Eles aproximam-se a fazer figas. *Que fiquem juntos.*

A sentença é proferida: Nina Beau e Adrien Bobin no 6.º A; Étienne Beaulieu no 6.º C.

Ao ver o seu nome isolado no meio de desconhecidos, Étienne sente-se excluído. Tem vontade de chorar, soltar as grandes golfadas que reprime.

Adrien fica petrificado. Não pode acreditar que estejam separados. Ao mesmo tempo, não consegue impedir-se de pensar, aquilo significa que vai recuperar Nina só para si. E isso durante um ano inteiro.

Nina enxuga rapidamente lágrimas de raiva e deceção à manga do casaco novo. A vergonha que seria verem-na chorar como um bebé na escola nova. Dá ordem aos seus brônquios para se manterem em surdina. *Nada de crises hoje, corpo meu, proíbo-to, proíbo-to, proíbo-to.*

Ela vem de *sweatshirt*, calças de ganga ásperas e sapatilhas demasiado brancas, a mochila quase vazia às costas.

Étienne tira a camisola. Demasiado quente. Afasta uma madeixa da cara. Baixa a cabeça. O seu perfil é perfeito. Nina passará o tempo a desenhá-lo. Ainda que comece apenas a sair da infância e a entrar na adolescência, há uma dicotomia entre a sua cara e o seu corpo. A constituição de um desportista alto e musculado, e um rosto cujos traços se assemelham quase aos de uma rapariga. A mesma contradição entre a indumentária clássica e o crachá do grupo *punk rock* Bérurier Noir que traz preso na mochila de ganga.

Adrien permanece em silêncio. Observa os alunos. Bem mais numerosos que na antiga escola. E muito maiores. Há alguns do 9.º ano que medem pelo menos um metro e oitenta. Adrien sente-se minúsculo naquele recinto imenso. Enfarpelado com calças de ganga, sapatilhas brancas e um blusão de cabedal preto que o pai lhe tinha desencantado em Paris, sente-se

mascarado. Adrien recortara a fotografia do cantor dos Depeche Mode e enviou-lha por correio com a seguinte mensagem: «Quero o mesmo blusão que ele para o início das aulas, obrigado.»

Observa os edifícios da escola, com múltiplas janelas. Um nome de poeta em cada um: Prévert, Baudelaire, Verlaine, Hugo. Repara que não há mulheres. Será porque as mulheres são poemas que elas não escrevem?

Volta-se e observa Nina. Sim, as raparigas são poemas mudos.

Todos os alunos se dirigem para as suas salas.

Eles permanecem pregados ao chão diante do painel informativo, sem reação. Como se fosse aparecer alguém a dizer-lhes que tinha havido um engano e que, afinal, ficavam juntos.

— Bem, bem, vou andando — diz por fim Étienne com um ar desprendido. — Encontramo-nos à porta da cantina… Esperem por mim, hein.

Mal lhes vira as costas, morde violentamente o interior da bochecha. *Merda de lista*. Não chorar diante dos outros. Encontra o seu número de turma, edifício Hugo, sala 12, está atrasado, sente o sabor do sangue na boca.

A diretora de turma é um pau de virar tripas, muito feia. Um pouco torta, uma escoliose. Óculos de pitosga. Será a professora de Inglês. Uma pessoa que não se ri, e dá logo o tom:

— Eu cá sou paga para ser professora até à minha reforma. Se tiverem vontade de trabalhar, ótimo, caso contrário, podem sentar-se ao fundo da sala, não é problema meu.

Primeiro exercício do ano: topar a boa aluna. Uma rapariga solitária. Vê-se logo pela tromba que é estudiosa, pelo colarinho da blusa, a maneira como se comporta. Étienne identifica-a, senta-se ao pé dela. Conhece-a de vista. Acha que andaram juntos no 1.º ano. Ela sorri-lhe. Todas as raparigas lhe sorriem. Sim, é a Edwige Thomassin. Um crânio. Poderá copiar as respostas dela nos testes. Terá de repetir a manobra em todas as disciplinas. Tentar colar-se a Edwige em todo o lado.

Étienne levou sempre a mãe a acreditar que era estudioso. Em vez disso, copiava. O Arsène Lupin da cábula. No ano anterior, tinha sido fácil copiar de Nina. No outro antes desse, tinha sido Aurélien Bisset. Já no jardim de infância reproduzia os desenhos do colega do lado. Não é tanto que não

consiga, mas antes que lhe falta a coragem. A coragem, só a tem em cima do *skate* e atrás do sintetizador.

Abandonou o ténis. Sob pretexto de agora ter um horário sobrecarregado. «E já tenho a música…»

Quantas vezes Étienne ouvira o pai instá-lo: «Segue o exemplo do teu irmão.» A competitividade, ser o melhor, conquistar a medalha de ouro, marrar como um louco: na casa de Marc Beaulieu isso é uma obsessão.

A sua irmã mais nova, Louise, segue as pisadas de Paul-Émile, o mais velho. Ele, o número dois da fratria, um pouco falhado, preguiçoso, anda ali à justa pela média.

A da escoliose chama-se Comello, soletra o seu nome várias vezes. Étienne imagina o que estão Nina e Adrien a fazer. A tromba da diretora de turma deles. Talvez não tão feia quanto a da sua. Devem ter ficado ao lado um do outro. Devem estar juntos, seja como for. A menos que tenham chegado atrasados e as carteiras já estivessem ocupadas. Espera que sim, belisca a palma da mão. *Deus, se existes, faz com que a Nina e o Adrien não estejam sentados ao lado um do outro. Assim, ficaremos todos separados e quando nos encontrarmos estaremos em pé de igualdade.*

As horas passam. Cruzam-se os três várias vezes, nos corredores, antes do almoço. Étienne tem a sensação de ser um miúdo que vê os pais pela última vez antes de partir para a colónia de férias. Uma criança perdida, sem pontos de referência, sem vontade de conversar com as outras. Sem se misturar.

Voltam a encontrar-se na cantina, ao meio-dia. Esperam uns pelos outros junto dos tabuleiros, depois seguem-se, enchendo os pratos à vez. Comparam horários.

O futuro é simétrico.

Depois das cinco da tarde, a vida retoma o seu curso normal. Vão para casa de Nina ou Adrien. Ouvem *Never Let Me Down Again* dos Depeche Mode enquanto bebem o chocolate quente. Depois instalam-se à mesa para estudar. Ou fazer de conta que estudam. Foi a solução que encontraram para não serem separados depois das aulas. Se fizerem os trabalhos de casa conscienciosamente, irão levá-los a sério. Se tiverem boas notas, irão juntos até ao 9.º ano e arranjarão forma de o concluir com sucesso. Assim, aconteça o que acontecer, no liceu figurarão na mesma lista.

Étienne espera que um dos dois, Adrien ou Nina, termine os trabalhos para os copiar. Muda só algumas palavras.

Lê bandas desenhadas ou a *Rock & Folk* ao lado deles. Tanto em casa de Adrien como na de Nina, Étienne posiciona-se de maneira a ver a porta de entrada da divisão onde se encontra, nunca lhe virando costas. Assim, se Joséphine ou o carteiro aparecerem, ele pode debruçar-se sobre um caderno ou um livro.

Nina e Adrien não o censuram. É como se pagassem uma espécie de taxa pela injustiça de não o terem na sua turma. Deixam que Étienne copie o seu trabalho sem protestar. Como se fosse normal. Nina pede-lhe apenas que leia e perceba, «porque nunca se sabe».

— Nunca se sabe o quê? — pergunta Étienne.

— Nunca se sabe — responde incansavelmente Nina. — Eu podia morrer da minha asma e tu ficavas a apanhar bonés.

Por vezes, as turmas vão juntas no autocarro escolar para visitarem tal castelo ou tal abadia. Étienne chega primeiro, para guardar três lugares ao fundo. Como é maior do que os outros, ninguém se opõe. É raro os trajetos durarem mais do que uma hora, mas essa hora ninguém lhes tira.

Decididamente, Étienne detesta este ano longe dos outros.

*

9 de junho de 1988

O 6.º ano chega ao fim dentro de poucas semanas.

Descobrem o álbum *3* dos Indochine no leitor de Étienne, que celebra os seus doze anos.

Uma trintena de adolescentes em volta dos belos sofás brancos de pele que Marie-Laure Beaulieu protegeu com lençóis. Alunos do 5.º e do 6.º anos misturados, que ainda não se atrevem a dançar. Raparigas com raparigas, rapazes com rapazes. É um pouco como quando se junta azeite a água: as gotas de azeite aglomeram-se entre si.

Étienne distribuiu convites em várias turmas porque ouviu o pai dizer à mãe que ele andava sempre agarrado a Adrien e Nina. «Há qualquer coisa de malsão na relação deles.»

O que é que quer dizer «malsão»? Étienne consultou o dicionário, não entendeu bem a definição. E depois aborrece-o ler até ao fim. Em teoria,

nada o aborrece mais do que um dicionário. Por isso convidou um monte de colegas, para o pai fechar a matraca com o seu «malsão».

Louise, a irmã mais nova, está sentada a um canto. É parecida com ele. A mesma pele clara, os mesmos olhos azuis, nariz, boca. Acaba de fazer onze anos. Antes, Étienne pensava que Marc não o amava porque não era seu pai. Que a mãe devia ter pecado entre o mais velho e a mais nova. Mas tendo em conta as semelhanças de Louise consigo, é impossível. A mãe não ia dormir duas vezes com o mesmo tipo, que diabo.

Mas três noites por semana
É a minha pele contra a sua
E eu estou com ela…

Nathan Robert trouxe uma garrafa de uísque debaixo do sobretudo e despeja uma porção em cada copo de plástico. A maior parte prova pela primeira vez o sabor do álcool.

Nadège Soler, uma rapariga do 6.º B de que Nina gosta bastante porque está sempre a sorrir, pergunta-lhe:

— Tu andas com o Adrien e o Étienne?

— Ando onde?

— Dás-lhes linguados? Vocês apalpam-se? Qual é a sensação de fazer isso a três?

Nina fica chocada com a pergunta.

— Ah, não… Nós não fazemos isso.

Nadège não parece acreditar em Nina, mas não liga à resposta. Vai dançar. Alguns dos outros imitam-na, enquanto cantam: *Such a shame…*

Nina, que se recusou a beber o uísque de Nathan, serve-se de um pouco, antes de o afogar em *cola*. Um primeiro gole, desagradável, que lhe fica na garganta.

Ela já tinha bebido um resto de vinho uma vez, quando levantava a mesa: um horror. Decididamente, o álcool é um nojo.

Observa Étienne a dançar. Mexe-se bem e é o mais bonito. Todas as raparigas olham para ele. Diretamente ou de soslaio. Étienne parece abstraído. Não tem um ar feliz naquele ano. É certamente porque estão separados.

Porque é que gostam tanto uns dos outros? Será que ela poderia casar-se

com um dos dois, quando fossem grandes? Nunca na vida. Eles palitam os dentes à frente uns dos outros, não fecham as portas das retretes, estão-se nas tintas se se veem ao acordar, tratam dos pontos negros e das feridas uns dos outros, dizem sem hesitar «Cheiras mal, vai lavar os dentes», «Essa roupa fica-te mal», «Depila o bigode, pareces a mulher barbuda»… Têm expressões e reflexos de um velho casal, ficam ciumentos se um dos três olha para uma pessoa de fora, mas não no plano da sedução. Nina tem plena consciência de ser o elo entre Étienne e Adrien, mas não uma namorada. Nem de um nem de outro. Étienne considera-a uma mana; Adrien, um exemplo, quase um ideal.

As palavras de Nadège e o álcool põem-lhe a cabeça à roda. «Dás-lhes linguados? Vocês apalpam-se? Qual é a sensação de fazer isso a três?» Revê mentalmente as demonstrações que lhes faz Étienne, com os dedos e a língua, para o dia em que eles tenham de saber beijar alguém que lhes agrade. Porque ele já o fez com Solène Faulq, uma miúda do 4.º D que é repetente. E Adrien pergunta, a olhar para ele: «Achas que é preciso rodar a língua no sentido dos ponteiros do relógio?»

Nina pensa no amor desde muito pequena. E no amor físico desde há uns meses. O amor como nas cartas que continua a abrir em segredo. Pensa de novo na última que leu e releu. Conhece a destinatária, o nome está no envelope. É a mãe de uma colega da escola, da turma de Étienne. Nina vê a mulher todos os dias no seu carro, no parque de estacionamento da escola, à espera da filha, a ouvir rádio. Quando baixa o vidro, Nina ouve a música e vê as volutas de fumo que ela lança enquanto olha para o céu.

> «Queria despir-te como no ano passado. Desfolhar-te como no ano passado, sentir o teu sexo quente na minha mão, fazer-te vir. Mas quando me cruzo contigo, mudas de passeio. Porquê? Responde. Diz-me qualquer coisa. Dá-me um sinal. Não importa qual.»

«Fazer-te vir.» Nina não consegue deixar de pensar naquilo. A mãe dela devia vir-se. Não devia fazer senão isso. Preferiu *isso* à filha.

Nina descobriu o prazer sozinha na cama. Procurou um calor. Como uma comichão. Esfregou o sexo contra o lençol e depois, noite após noite, a cabeça andou-lhe à roda e o corpo arqueou-se. Foi percorrida por uma sensação de exaltação. Ainda melhor do que a água da piscina.

Com Adrien e Étienne, não fala ainda do amor físico. Só de beijos

trocados, com língua. Pressente que, um dia, não poderão andar sempre juntos. Em breve sentirá vontade de beijar os mais velhos do 8.º ano, de os acariciar onde ela se toca. Sabe bem que isso vai acabar por acontecer. E eles deixá-la-ão.

Para já, Étienne e Adrien ainda são pequenos. Mais pequenos do que ela, apesar de terem a mesma idade. É assim com as raparigas, elas são mais velhas desde a nascença.

Nina sente os seios despontarem quando nem Adrien nem Étienne têm um único pelo no queixo e pensam sobretudo em fazer música e andar de *skate*.

Os seios doem-lhe. Para já, não se veem e ela usa *sweats* largas. Não quer que os rapazes reparem que ela está a mudar. O seu cheiro, os seus pelos púbicos, as suas vontades, os seus pensamentos, como uma revolução debaixo da pele. Não gosta daquilo. Queria regressar à infância, à menina pequena que era. À doçura do leite quente que bebia antes de adormecer. Como é violento crescer, mudar, ter de se adaptar. Felizmente, tem o desenho. Traçar linhas para reproduzir os traços dos que ama sobre o papel permite-lhe exorcizar o medo do desconhecido. Enquanto desenha, não pensa em mais nada, é como um recreio salvífico. A cabeça alheia-se, ela vive várias vidas. Cada desenho que finaliza é uma delas. O rosto de alguém. Uma paisagem. Um perfil. Um sorriso. Começou a pintar. O pincel é difícil. Com o carvão, está em contacto com o papel. É carnal. Com a pintura, sente-se obrigada a manter uma certa distância. Há menos precisão. E ela não gosta de cores. Não sabe como proceder com o vermelho e o azul.

Dançam todos ao som de *Troisième sexe*, dos Indochine. Nina descobre Étienne.

Hálitos carregados de álcool, corpos que se mexem mal, que ainda não sabem, corpos de crianças desajeitadas que cantam em coro:

E dão as mãos
E dão as mãos
As raparigas ao masculino
Os rapazes ao feminino…

12

10 de dezembro de 2017

Alguém abre a porta, Nina não presta atenção, tem o nariz enfiado no livro de contas. Pensa que é Christophe ou um voluntário que entra no escritório para vir buscar um café. Todas as manhãs, Nina prepara uma cafeteira para todos.

— Bom dia, telefonei ontem, venho ver o cão… o *Bob*.

Um homem só, é raro. Habitualmente, são as mulheres ou as famílias com crianças que vêm fazer uma primeira visita, aquela que antecede a adoção.

Nina afivela um belo sorriso de circunstância. Não é todos os dias que têm um cliente.

Levanta-se para cumprimentar. Tem um aperto de mão firme, e ele também. Isso agrada a Nina. O homem é alto, o que lhe lembra Étienne. Como, aos dezasseis anos, ele tinha já um metro e oitenta e dois.

— Bom dia. Romain Grimaldi.

— Bom dia. Nina Beau, responsável do abrigo.

Nina está perturbada. É a primeira vez que um candidato a adotante emana um certo charme. Não se parece com os outros, apesar de, com dezassete anos de abrigo, ela ter perfeita certeza de ter visto, encontrado, escutado e vivido tudo.

É um pouco parecido com os amigos de Adrien. Os que ela vira a cirandar em torno dele, quando ele vivia em Paris. Do género artístico e brilhante, ou algo assim. Uma certa elegância. Não era um tipo dali.

Quanto a ela, sabe que já não emana nada há muito tempo, à parte um vago cheiro a cão molhado. Cabelos curtos, que é mais prático. Maquilhagem, impensável quando o dia começa pela recolha das fezes nas jaulas. As roupas, quase um uniforme que lembra o do exército: tons caqui ou acastanhados, confortáveis e resistentes. Eternas galochas nos pés. Nas mãos, unhas curtas. As manicuras são para outras mulheres, outras vidas que não a sua.

Ela acompanha o visitante pelo abrigo até à jaula de *Bob*. Cai sobre eles uma chuva miudinha e fria.

Romain Grimaldi lança olhadelas culpadas aos cães que ladram atrás das grades. Para quem é de fora, é preciso vir preparado: isto é um pouco o depósito dos indesejados da humanidade. Para quem aqui trabalha, o olhar é diferente. Os animais estão em segurança, têm comida e bebida, festas e passeios diários. São respeitados e tratados quando adoecem. Também conversamos com eles. Como compinchas com quem partilhamos o barco. A má colónia de férias. Aquela cujo fim ansiamos para regressar a casa.

— Tem cães de raça? — pergunta Romain Grimaldi.

Nina não gosta daquela pergunta. Não estão numa loja de animais. Não se busca o *pedigree* nem a beleza. Ali vive-se no meio de rafeiros. São raros os olhos azuis e as pelagens brancas.

— Aqui, o meio é rural. Os poucos cães de raça que já vi por cá são caçadores: *setters*, *épagneuls*, perdigueiros ou *fox*… Mas continua a ser a exceção. Quando um animal pode dar dinheiro, ninguém se separa dele, tenta vendê-lo. Ou trocá-lo… Viu as fotografias do *Bob* no nosso *site*?

— Vi.

— É um bom cão. Já adotou alguma vez?

— Adotei sempre, na verdade.

Nina gosta da resposta.

— Vive na região?

— Acabo de ser colocado em La Comelle. Sou o novo diretor da Escola Georges Perec.

A escola… Nina pensa na sua, que acaba de ser demolida. Pensa nela sem tristeza. Para Nina, o passado é passado.

— Tem mais animais?

— Um gato velhote. O *Radium*.

— Como é que ele se dá com cães?

— Ele está habituado e, além disso, passa o tempo todo a dormir, já tem dezassete anos.

Nina abre a jaula de *Bob* e pede a Romain Grimaldi que espere diante dela. Nunca manda entrar um desconhecido. O animal aproxima-se dela a abanar a cauda. *Bob* é um rafeiro preto de porte pequeno, sem dúvida traçado de *fox-cocker*.

— Tens uma visita, meu caro — murmura-lhe Nina.

Ela baixa-se e acaricia o animal. O pelo é áspero. Romain Grimaldi fala-lhe

da porta:

— Olá, adoro o teu focinho.

Bob não olha para ele. Nina põe-lhe uma coleira e uma trela.

— Vamos caminhar um pouco, para ver como se comporta ele consigo.

— Acha que vai gostar de mim?

Nina sorri.

— Acho que sim. O *Bob* é tímido. Nunca vai ter com desconhecidos de forma espontânea.

— É parecido com o primeiro cão que tive, quando era pequeno. No vosso *site*, chamou-me a atenção. Tem que idade?

— Segundo o veterinário, cerca de oito anos.

— Sabe de onde veio?

— Foi encontrado numa comuna próxima daqui… Já está connosco há quatro anos.

— Porque é que ninguém o quis?

— Talvez porque ele estivesse à sua espera.

Caminham lado a lado. Nina estende a trela a Romain Grimaldi. Encontram-se num terreno vago adjacente ao abrigo. Um terreno que não pertence a ninguém, como os cães que são ali passeados diariamente.

— Vive sozinho? — pergunta Nina.

— Sim.

— Numa casa ou num apartamento?

— Casa. Com jardim.

— Pensou na organização do seu dia tendo em conta o *Bob*?

— Penso levá-lo comigo para o trabalho.

— Na escola?

— Sim. É por isso que não quero um cachorro. Durante o dia, ficará comigo no gabinete. À hora do almoço saio com ele e ao final do dia regressamos a casa juntos.

— Está autorizado a levá-lo consigo?

— Sim, se permanecer no meu gabinete. Antes de vir para cá, dirigia um estabelecimento em Marnes-la-Coquette e levava todos os dias o meu cão comigo.

— Porque é que veio para esta região?

— Vontade de mudar de ares… O que tenho de fazer para poder adotar o

Bob?

— Preencher a papelada. E poderá vir buscá-lo amanhã.

— É preciso pagar alguma coisa?

— Como ele é velho, dará o que quiser.

— E se não fosse velho, quanto me custaria?

— Quatrocentos euros por um cão, trezentos por um gato. O valor inclui vacinas, esterilização, identificação e tudo o mais: refeições, cuidados suplementares…

— Não posso levá-lo hoje?

— Não estou autorizada a deixá-lo sair sem que passe primeiro pelo veterinário.

Nina sente borboletas na barriga. Observa *Bob* pelo canto do olho. Tem aquela sensação sempre que dá um para adoção. Vai enfim conseguir sair dali. É a diferença entre ela e os seus animais.

Ela nunca partirá.

*

Nina tem sete anos. É um domingo de junho. Na rádio, Jean-Jacques Goldman canta *Au bout de mes rêves*. Está bom tempo. Na véspera, o avô tinha-lhe dito: «Amanhã, levo-te a um sítio, é surpresa.»

Ela pôs o vestido bonito, sapatos novos. Fez duas tranças, que prendeu com um gancho em forma de margarida.

Rolam uma boa hora no *Renault 5* azul. Pierre Beau tem uma expressão conspirativa. Aonde poderão ir?, pergunta a si mesma Nina, sentada no banco traseiro. «Podes sentar-te à frente quando fizeres dez anos.»

Nina lê uma primeira placa trinta quilómetros antes de chegar: «Ree... Reserva de animais.» Salta de alegria e diz ao avô: «Vô, já sei aonde vamos!»

Quanto mais se aproximam, mais ela vê fotografias de animais e carrosséis em grandes painéis coloridos. Fica agitada. Bate com os pés. Pierre Beau sorri, a surpresa foi um sucesso.

Na região, todos falam da Ree como se fosse um paraíso: carrosséis, comboio turístico que dá a volta à reserva, batatas fritas e algodão-doce. Animais como nunca se veem: hipopótamos, grandes felinos, elefantes, lobos, macacos, girafas.

Em torno de Nina, famílias, risos, alguns choros, caprichos infantis. De

balão na mão, ela observa os outros a observarem os animais. Nina vê muitas vezes as coisas com um certo distanciamento. As coisas e as pessoas: vê-as em grande plano.

Nina tem a mão na do avô. Aquela mão como uma ilha. Todavia, sente-se mal. Dor de cabeça. Estômago pesado. Uma lassidão nas pernas. Será por causa da multidão? Do calor? Da ausência dos pais? Dos seus pais? Os outros à sua volta, aqueles que têm a sua idade, estão entre um pai e uma mãe.

Ela ouve: «Mamã! Anda ver!», «Papá! Olha!». Ela nunca pronunciou aquelas palavras. Nos fossos, atrás de paredes de vidro ou de grades, descobre que os animais se assemelham a ela. Como se o cativeiro os uniformizasse, lhes conferisse a mesma atitude, o mesmo olhar.

Uma pantera negra, com a cria na boca, percorre os cem passos da jaula em busca de uma saída, sob o olhar curioso e fascinado dos visitantes. Nenhum recanto onde se esconder. Nenhuma privacidade. Exposta, submissa, dissecada.

Nina sente vergonha. O que diverte os outros petrifica-a a ela. É demasiado pequena para compreender o que significa aquela vergonha. Sente apenas que ela não é assim. Que alguma coisa rosna no seu âmago.

Sente alívio quando sobe para o comboio que dá a volta à reserva a passo de caracol. Adormece encostada ao ombro do avô, esgotada por tudo o que sente desde que entrou naquele local.

— Queres que vamos ver os lobos antes de irmos embora? — pergunta-lhe o avô, tomando de novo a mão dela na sua, uma patorra quente e terna.

— Não, tenho medo.

Mente. Nina nunca tem medo de animais, sejam eles quais forem.

Fica aliviada quando entra no *Renault 5*, quando o avô inicia a marcha. Fica aliviada por virar as costas àquele sítio.

— Gostaste?

— Sim. Obrigada, vô.

— E do que gostaste mais? Das girafas ou dos leões?

— Do comboio.

— Porquê do comboio?

— Porque é livre. Vai aonde quer.

13

Julho de 1988

Passam os três para o 7.º ano. Escolheram o alemão como segunda língua viva para terem a certeza de que ficavam juntos. O seu *leitmotiv*: nunca mais serem separados. São raros os que escolhem a língua de Goethe, tirando alguns alunos muito bons. No 7.º ano, a maior parte escolhe Inglês II ou Espanhol.

Inicialmente, os pais de Étienne opuseram-se: «Não tens o nível requerido.» Mas os três tinham previsto a objeção e aprenderam de cor os argumentos a dar, em caso de recusa: «O alemão é o futuro. O diretor de turma diz que para a etimologia é o que há de melhor. Estatisticamente, todos os alunos que escolhem a opção de Alemão registam progressos nas outras disciplinas, é um motor de motivação, o alemão reforça a resistência mental e física… E se conhecer a Claudia Schiffer, quero comunicar com ela na sua língua materna.»

Estão os três na piscina. As raparigas da idade deles observam Étienne. Ele arma-se. Dá espetáculo. Percorre a piscina de vinte e cinco metros, falsamente concentrado, sobe à prancha número três, a do meio, estica-se, lança-se à água num mergulho perfeito, atravessa todo o comprimento debaixo de água, sai imediatamente pela escada e volta a mergulhar. A pele dele tem a cor de uma napolitana. O seu corpo continua esguio e musculado. Mede já um metro e sessenta.

Nina boia de costas. Observa o céu. Alguns cordeiros brancos tresmalhados. Ela reúne-os mentalmente, brinca ao cão pastor. Está calor. O sol queima. Ela está bem.

Distraído, Adrien está agarrado à borda, parece absorto num devaneio. Vai ao fundo de quando em quando, fechando os olhos.

Dentro de quinze dias, Étienne partirá para Saint-Raphaël e eles ficarão sós de novo, Nina e ele.

«No ano que vem levo-vos comigo», tinha-se entusiasmado Étienne. «Os meus pais estão quase de acordo. Só é preciso que a minha média geral suba dois valores.»

Até ao ano seguinte, quando eles terão doze anos, parece uma eternidade. Mas Nina gostaria de ver o mar. Então espera que daí a uma eternidade ela o veja, por fim. Ajudará Étienne, para concretizar o seu sonho.

— Estou a morrer de fome! — anuncia Étienne, saindo da água.

Dirigem-se os três para a esplanada, estendem a toalha debaixo do traseiro, para não se queimarem no assento de ferro das cadeiras. Étienne pede e paga três doses de batatas fritas que eles molham em *ketchup*.

É a hora de menos movimento. Os nadadores matutinos, adultos e reformados, regressaram às suas casas. As crianças da tarde chegam depois das duas horas. Restam apenas alguns adolescentes como eles, que, indolentes, se besuntam com protetor solar e se observam de esguelha. As raparigas riem alto nas espreguiçadeiras de plástico, ao passo que os rapazes se lançam das pranchas.

Os corpos deles mudaram. Estão maiores, mais redondos. Quando Étienne e Adrien descobriram o peito de Nina, sob o *soutien* do fato de banho, franziram os olhos.

— Dói-te? — perguntou-lhe Adrien.

— Um pouco — respondeu Nina, lacónica.

Étienne não abriu a boca. Ele começa a namoriscar com frequência. Mas nunca dura muito. Sai com raparigas uns dois dias. No primeiro, parece apaixonado; no segundo, já lhe passou.

Nina tem uma paixoneta por um rapaz do 9.º ano. Chama-se Gilles Besnard. Um tipo alto e desengonçado, que fuma cigarros e vai à discoteca. Nina acha-o parecido com Richard Anconina. É a única. Nunca se falaram. Apenas olhares quando se cruzam nos corredores da escola e na cantina. No próximo ano ela já não o verá, pois ele vai para um curso profissional. Por isso, ela percorre as ruas de La Comelle na esperança de o ver. Procura a correspondência dele e dos seus pais. Gilles Besnard nunca recebe nada. Quanto aos pais, apenas faturas sem interesse. Tem a sensação de um garimpeiro que só encontra areia, e nunca a pepita, nas pilhas de correio.

Étienne ignora que Nina abre uma parte da correspondência que o avô distribui. Só Adrien sabe. É o segredo que os une.

*

Quando Étienne parte para Saint-Raphaël, Nina e Adrien furtam

numerosas cartas, descobrem as vidas comuns dos habitantes de La Comelle e respetivos correspondentes. Trocam-se notícias acerca do tempo e dos netos que crescem.

Antes de descolar os envelopes, Nina aspira o seu odor, fecha os olhos, tenta adivinhar o segredo que contêm e, depois de os abrir, fica muitas vezes dececionada. Decididamente, as pessoas não têm imaginação ou falta-lhes amor.

Étienne regressado, findam o verão juntos, entre a piscina, a cave da música e o quarto de Nina, onde ela os desenha.

Étienne cresceu ainda mais. Estão os três sentados lado a lado na borda da piscina maior e observam distraidamente os banhistas que passam, enquanto chupam torrões de açúcar.

Nina prendeu os cabelos com um elástico. Como todos os verões, a sua pele escureceu. Também os olhos parecem ter-se tornado mais negros.

Adrien detesta a sua tez, que nunca bronzeia, mas cora como a de um tímido inveterado.

— Em Saint-Raphaël, dormi com uma rapariga — anuncia de súbito Étienne.

— Mesmo a sério? — pergunta Nina.

— Mesmo a sério… Foi esquisito. Ela tem dezasseis anos. Deitou-se em cima de mim. Estava quente. Quero dizer, a pele dela estava quente como quando se tem febre. Ela queimou-me, eu fechei os olhos, mas ainda assim dormi com ela.

— Foi bom?

— Molhado… e um pouco malcheiroso.

Eles riem-se. Um misto de constrangimento, curiosidade, avidez. As perguntas precipitam-se, entrechocam, sobrepõem-se.

— Onde é que fizeste? — pergunta Adrien.

— Na passarinha.

Dão risinhos parvos.

— Quero dizer, numa cama, em tua casa?

— Ná. Na praia, como toda a gente.

— À frente de toda a gente? — espanta-se Nina.

— Ná… Era de noite. Já não estava lá ninguém.

— Estás apaixonado?

— Ná.

— Então porque é que o fizeste?
— Para saber fazê-lo bem um dia… Assim já não sou virgem.
— Como é que ela se chama?
— Cynthia.
— Parece nome de atriz… Conhece-la há muito tempo?
— Desde pequeno. Vejo-a todos os anos, lá na praia.
— Ela gosta de ti?
— Não sei.

Fecham-se todos nos seus pensamentos, depois Nina quebra o silêncio incómodo:

— Eu só vou fazê-lo quando estiver apaixonada…
— Tu és rapariga. Não é a mesma coisa — declara Étienne.
— Porque é que não é a mesma coisa? — admira-se Adrien.
— Porque as raparigas são românticas. Sobretudo a Nina.
— Ela veio-se? — pergunta Nina.

Étienne enrubesce. É a primeira vez que os três falam de sexo. A primeira vez que Nina faz uma pergunta tão frontal, que lhe parece mesmo brutal.

— Não sei muito bem… Mas estava a arfar.

Rebentam de riso em uníssono. Um riso de crianças que já não desejam muito ser crianças. Mas, apesar de tudo, a infância era boa.

Apanhados entre os rebuçados e o futuro. Entre as patetices e a mudança de voz. Entre os raios de bicicleta a que se colam pedaços de cartão para fazerem barulho e os sonhos de grandes distâncias percorridas de mota.

14

11 de dezembro de 2017

Nina estaciona o automóvel diante do abrigo. Cumprimenta dois voluntários que aguardam defronte dos portões, Joseph e Simone.

Joseph é um operário reformado, um homenzinho vermelhusco sempre com um cigarro de enrolar entre os lábios. De quando em quando, digna-se acendê-lo. Simone perdeu o filho num acidente de automóvel. Se não passeasse os cães todos os dias, daria em doida. As trelas que segura permitem-lhe aguentar-se de pé. Os animais abandonados são a sua bengala de cega.

Desde que trabalha no abrigo, Nina já viu ir e vir muitos voluntários. Chegam e partem. Uma espécie de desfile eclético. Pedreiros, cuidadores, burgueses, viúvos, velhos, jovens um tudo-nada perturbados. Almas solitárias e um pouco demasiado sensíveis que se recompõem limpando as jaulas, consertando as grades, travando conhecimento, conversando à volta de um café quente, reparando as chapas onduladas que cobrem os canis. E depois, um dia, partem porque se sentem melhor ou se mudam ou se casam. Um dia anunciam que é demasiado duro ou demasiado tarde e desaparecem como apareceram.

Esta manhã, Nina tem encontro marcado com Romain Grimaldi. Esta manhã, *Bob* vai partir.

No abrigo, cada vez que um gato ou um cão são entregues, todos fazem uma festa silenciosa no fundo de si mesmos. Os dias de adoção são peculiares. Um olho chora o animal ao qual se afeiçoaram necessariamente e que nunca mais verão; o outro sorri porque o seu abandono chegou ao fim. Acabou-se para aquele. É graças a estes consolos que se aguenta o *Tetris* da vida.

Romain Grimaldi espera Nina diante da porta do escritório. Entram lá juntos, depois de se apertarem a mão. *Ele continua a cheirar bem*.

Ela adora o que emana dele. Recorda-lhe o marido, os inícios. *É tudo uma questão sensorial*, pensa ela.

— Preparei a documentação. Dentro de um mês, o *Bob* será oficialmente

seu.

— Não é meu já hoje?

— Tem um mês para se arrepender.

— Não há razão para isso.

— Nunca se sabe. A adoção é como um casamento. Pode ter-se vontade de se divorciar no primeiro ano.

— É frequente isso acontecer?

— Não, não é frequente, mas acontece trazerem-me de volta um cão por não corresponder às expectativas dos donos.

Simone entra no escritório com *Bob*. Cumprimenta Romain, murmura «É um bom cão, tome bem conta dele», passa-lhe a trela para a mão e desaparece em seguida.

Antes, Simone não ligava a animais. Não lhes faria mal, mas não os via.

Dois dias antes do funeral do seu filho Éric, quando teve de entrar no estúdio dele para ir procurar as roupas que tinha de entregar à agência funerária, deu de caras com uma velha cadela que Éric recolhera sem nunca ter falado disso a ninguém. Simone lembrou-se daquele cão, o sonho do filho, um sonho que lhe fora recusado durante toda a infância. Simone e o animal fitaram-se um longo momento. Simone reconheceu a sua própria dor no olhar da cadela. Ela compreendeu que o dono não regressaria. Foi a confortá-la que Simone se confortou. Tomou-a nos braços e nunca mais a largou. Quando morreu, e o veterinário disse: «Não há mais nada a fazer.» Simone foi ter com Nina. «Tenho de passear os cães.» Nina acolheu-a nesse mesmo dia. Nina conhecia Simone de vista. Sabia da morte de Éric, que tinha andado no liceu com ela, Simone e o animal sempre juntos depois do enterro, aquela sombra que passeava a cadela pelas calçadas de La Comelle como quem arrasta uma tristeza. Nina entendeu a necessidade dela de trabalhar ali, mais uma estropiada. Seria difícil de gerir a doença, a velhice, a morte de certos animais, mas não tinha escolha. Não teve coragem de recusar. De a mandar de volta para casa. Teria de se lidar com isso.

— Admiro muito o seu trabalho — diz Romain a Nina enquanto assina os papéis da adoção.

— Eu também… Não deve ser simples, gerir uma escola.

— O mais difícil de gerir não são os alunos, mas os pais.

Nina sorri. Romain preenche um cheque.

— Não tem de fazer isso — diz Nina.

— Eu sei.

— Agradeço por eles.

Romain leva *Bob* consigo. Dirige-se para o carro. Abre a porta do passageiro e fá-lo subir para o banco da frente.

— Depois dou notícias.

Nina tira uma fotografia a *Bob* com o telemóvel. Um aceno de mão e o carro desaparece. Nina fica imóvel alguns segundos, a aspirar o cheiro de gasolina e cão molhado.

Depois regressa ao seu escritório, vai ao *site* do abrigo, publica a fotografia de *Bob* acabada de tirar e escreve: BOB ADOTADO com um coração ao lado.

15

10 de novembro de 1989

Estão no 8.º ano. Primeira aula do dia. A mesma disposição que na aula de Py: Nina sentada ao lado de Étienne e Adrien, atrás dela, a observar-lhe a nuca. Nina cortou o cabelo. Parece um pouco um rapaz, Adrien não gosta muito. Nina começa a usar lápis nos olhos, um traço desajeitado que faz sobressair o seu olhar soturno, Étienne diz que «é de puta». Ao que ela responde que ele não é «lá muito rebelde».

O senhor Schneider, professor de Alemão deles, entra na sala de aula completamente eletrizado. Aconteceu qualquer coisa. De imediato, deixam de conversar para o observar. De costume, é um homem reservado cuja cabeça parece enterrar-se nos ombros, como se lhe tivessem batido em cima para que ela desaparecesse pouco a pouco no interior de um corpo desajeitado e rígido. Um indivíduo que fala baixinho e entedia gerações de alunos há mais de vinte anos. Traz uma mochila como se fosse de viagem e viesse apenas despedir-se dos alunos, antes de partir.

— *Eins, zwei, drei, die Mutter ist in der Küche…*

De costume, ninguém para de falar quando ele entra na sala de aula. Mas esta manhã algo mudou. Nina pensa mesmo que o professor bebeu, de tal forma lhe brilham os olhos. Ele deixa cair os livros no chão ao abrir a mochila. Toda a turma desata a rir. Uma turma pouco numerosa: apenas quinze alunos escolheram o Alemão, 7.º e 8.º anos juntos.

O senhor Schneider sobe ao estrado, inspira profundamente e anuncia com solenidade:

— *Meine lieben Kinder, ich habe gute Nachrichten, eine Nachricht, die das Gesicht der Welt verändern wird: die Berliner Mauer ist gefallen.*

Ninguém reage. Ninguém parece entender a mais pequena palavra do que ele diz. É a primeira vez que se dirige a eles em alemão, fora do contexto da lição.

Mas o que se segue deixa os alunos sem voz e mergulha-os numa espécie de sonho acordado. O senhor Schneider tira quatro garrafas de champanhe da mochila e abre-as uma a seguir à outra, rindo e soltando gritinhos

bizarros. Foi tomado por uma loucura alegre, o que parece desconcertar os alunos, que abominam o código estrito da escola ao mesmo tempo que o acham tranquilizador. O professor pousa copos de plástico sobre a secretária e começa a enchê-los, exclamando:

— *Lang lebe die Freiheit!*

São nove e dez e começam todos a beber. O professor brinda alegremente com cada aluno.

Acabou o muro da vergonha, diz ele, a Alemanha foi reunificada, ele mal acredita, é histórico, incrível, miraculoso e inesperado! Os alunos acabam por perceber que é a queda do Muro de Berlim que põe o senhor Schneider naquele estado de euforia. Ele conta, de modo precipitado, e por vezes com lágrimas nos olhos, que muitas pessoas foram assassinadas ao pretenderem saltar o Muro. Nina pergunta-lhe se ele tem lá família, e de que lado. Ele responde, emocionado, que os pais estavam no lado oriental.

Depois de dois copos bebidos a seco, Schneider irrompe nas outras salas sem bater e convida todos os professores e respetivos alunos a irem celebrar o acontecimento com ele. Às dez horas, no terceiro piso do edifício Charles Baudelaire, há mais de duzentas pessoas a ouvir ou a dançar ao som de *African Reggae* de Nina Hagen. O senhor Schneider meteu uma cassete no leitor de que se serve habitualmente para as aulas de gramática. Quando a canção termina, ele rebobina para voltar a ouvir o trecho.

Schneider dança e desengonça-se, lançando gritos:

— *Lang lebe die Freiheit!*

Faz rodopiar os seus alunos uns a seguir aos outros, raparigas e rapazes sem distinção.

Étienne acha a escola interessante pela primeira vez. Que ela devia ser sempre assim. Que todos os muros do mundo deviam cair.

Nunca os alunos imaginaram que o seu professor de Alemão ouvisse Nina Hagen, e menos ainda que possuísse um grama de fantasia nas veias.

Naquela manhã, Adrien apercebe-se da consequência que tem a liberdade: uma alegria sem freio, transformadora de corpos e rostos.

À noite, a assistir ao telejornal sentado ao lado da mãe, que aperta um lenço de mão no punho e enxuga os olhos quando a emoção é demasiado forte, Adrien olha para as imagens difundidas no mundo inteiro: as lágrimas dos alemães, as famílias que se reencontram, as raparigas que beijam os

guardas, as marretadas só para as câmaras, os estilhaços de muro que tombam, a multidão, os fragmentos de betão que se recolhem nos bolsos, os pedaços transformados em recordações.

Adrien interroga-se acerca do seu próprio muro, aquele que o separa de si mesmo, aquele atrás do qual ele se esconde constantemente — quanto medirá?

16

11 de dezembro de 2017

Desaparecida. Restarão apenas algumas imagens nos arquivos e fotografias de turmas nos armários.

A Escola Vieux-Colombier deixou de existir. Um descampado. Recolheram todos os escombros. Adeus, Prévert, Baudelaire, Verlaine e Hugo. O município já mandou instalar painéis indicativos de que se construirão ali residências seniores. Pode contactar-se tal agência para reservar um apartamento que ficará concluído em 2020.

Pergunto-me o que terá pensado Nina quando viu que a arrasaram. Ela passa ali todos os dias a caminho do abrigo, não há outro trajeto possível. Não terá sentido nada, sempre detestou a nostalgia.

Nunca a vejo quando faço as compras, mas por vezes cruzo-me com ela de carro. Conduz um comercial *Citroën* com as letras ADPA (Associação de Defesa e Proteção dos Animais) de cada lado. Parece minúscula atrás do grande volante. Sempre perdida em pensamentos, como se os peões e os condutores dos veículos com que se cruza não existissem de verdade.

Saberá que regressei aqui? Verá os meus artigos no jornal local? Lê-lo-á sequer?

Este fim de tarde o descampado da Vieux-Colombier parece-se com o lago quando lá fui tirar fotografias na semana passada. Já não sabemos se o que estamos a ver é terra ou água. Nada mexe. Tudo imobilizado no esquecimento. Formas de árvores arrepiadas e despidas que parecem aguentar-se ainda de pé por despeito, fantasmáticas. Chuvinha miúda sinistra, noite glacial nos faróis do meu carro. Como se o dia tivesse decidido não tornar a nascer. Um piquete de greve.

Volto da conferência de imprensa em Mâcon. O procurador confirmou-nos a descoberta de um esqueleto no interior do *Twingo*, retirado do chamado «lago da Floresta» por mergulhadores da gendarmaria. O veículo foi identificado graças à chapa de matrícula. Tinha sido roubado ao senhor e à senhora Guillaume Desnos no dia 17 de agosto de 1994, ao início da tarde, defronte da sua residência, na comuna de La Comelle. Parece quase certo

que o salvado no qual o corpo foi encontrado tenha estado submerso desde essa data, ou seja, vinte e três anos.

Na presente fase da investigação, a identificação do corpo vai ser morosa e complexa, em vista do estado da ossada. Vão submeter os ossos a uma análise de ADN para comparação com o ADN das famílias de pessoas desaparecidas na época, na região.

O *Twingo* cheio de lodo estava afundado a sete metros de profundidade. A brigada de mergulhadores prossegue as buscas com auxílio de um sonar na zona de onde o veículo foi retirado, a fim de detetar eventuais objetos pertencentes à vítima.

Se se tratar de Clotilde Marais, irão descobrir o seu segredo? O segredo que só os três julgam conhecer.

Lembro-me dos lançamentos de pedras que fazíamos no lago, nas tardes de verão. Adolescentes, fumávamos ali erva. Bebíamos o que aparecesse, do gargalo, tudo o que nos caísse nas mãos, roubado ou num armário, o martíni de um pai, a aguardente de uma avó, o uísque de um irmão. Étienne trazia o seu gravador. Gravava cassetes nas quais misturava todos os estilos de música. Atrás de nós, as nossas bicicletas, também deitadas no chão, aguardavam que terminássemos os disparates para nos levarem de novo a casa.

17

20 de abril de 1990

No piso térreo, a turma deles do 8.º ano celebra os catorze anos de Adrien. Para a ocasião, os pais de Étienne cederam o grande salão da sua casa.

Nina está sozinha na casa de banho dos Beaulieus, fechou a porta atrás de si. Ao sair da retrete, foi atraída pelos perfumes e o sol que rompe através de uma janela, desenhando reflexos luminosos no pavimento.

Música no volume máximo nas colunas, as paredes estremecem.

Nina ouve e sussurra a letra de *Lullaby* ao mesmo tempo que Robert Smith. Aspira o cheiro dos cremes para o corpo, da espuma de banho pousada no rebordo da grande banheira, dos sabonetes coloridos. Abre um primeiro armário, descobre vários estojos de maquilhagem, pinças de depilação e medicamentos arrumados em compartimentos. Nina gosta de vasculhar, procurar, descobrir o reverso das decorações. Aos seus olhos, os armários encerram tantos segredos como a correspondência que ela surripia.

Sobressalta-se. Julgara que havia alguém atrás de si, mas não é senão o seu reflexo num espelho de chão. Observa a sua silhueta informe, está curvada, endireita-se, encolhe a barriga, braços compridos, corpo pequeno, passa a mão pelos cabelos curtos, que ficam oleosos em poucas horas, observa a sua pele escura, os pontos negros, a cara desgraciosa de adolescente. Parece um rapaz e isso não lhe agrada. Mas se tivesse o cabelo comprido, pareceria uma rapariga, e isso também não lhe agradaria. Sorri-se sem sorrir para ver o aparelho dos dentes. Porque é que se é tão feio quando se tem treze anos? Que tromba é esta? Ela espera que a coisa se venha a compor. Senão, não vai valer nada.

Vira as costas ao seu reflexo e prossegue a exploração. Em casa dos Beaulieus, a imensa casa de banho familiar parece ser o antro de Marie-Laure.

Nina observa a quantidade de frascos de perfume. Alguns parecem vazios há muito. Como se tivessem pertencido a outras mulheres.

Ocorre-lhe uma ideia.

Desce de novo as escadas e dirige-se para a cozinha, cuja porta se encontra fechada. Nina abre-a e dá de caras com Marie-Laure e Joséphine. A mãe de Étienne e a mãe de Adrien estão sentadas à mesa e conversam enquanto bebem um chá. Nina acha-as tão diferentes uma da outra que não imaginaria vir a encontrá-las na mesma divisão.

— Porque é que não estás com os outros? — espanta-se Joséphine. — Falta alguma coisa na mesa?

Falta alguém nesta cozinha: a minha mãe, pensa ela.

Marion devia estar com elas, a mordiscar bolachas enquanto a festa dos filhos não acaba.

Nina olha para Marie-Laure, que lhe sorri amavelmente.

— Então, Nina, levamos-te connosco a Saint-Raphaël este verão? O Étienne fala-me disso todos os dias.

— O Adrien também — acrescenta Joséphine. — Só me fala disso.

O mar está próximo, pensa Nina. *O mar está próximo*. Aquele pensamento arranca-lhe um sorriso. Étienne subiu a sua média geral graças a ela e a Adrien. Estão os três muito perto de conseguirem um bilhete de ida para a felicidade.

— Sim, era muito bom — responde ela. — Mas… estava a pensar… Conheceram a minha mãe, Marion Beau?

Marie-Laure nem pensa um segundo antes de responder:

— Sim. Eu andei com ela na primária. Fizemos o 2.º e o 3.º anos juntas… E mais uma ou duas disciplinas do 3.º ciclo.

Nina fita Marie-Laure durante uns instantes. As palavras dela produzem eco. Como é que nunca tinha pensado naquilo?

— Ela era como? — acaba por perguntar.

— A Marion era divertida… simpática… também faladora.

— Sou parecida com ela?

— Do que me lembro, não. Ela era loira, de um loiro a atirar para o ruivo. E tinha olhos verdes, acho. Não tens fotografias da tua mãe?

— Não. Nenhuma... — Nina impacienta-se. Queria fazer mil perguntas, mas tudo se confunde. — Tirando isso, era como?

— Muito simpática. Mudou muito, quando a tua avó morreu. Encerrou-se no silêncio.

— Querem que vos deixe, para falarem do assunto? — pergunta Joséphine.

— Não, não é preciso — responde Nina, mais secamente do que desejaria. — Obrigada, vou voltar para junto dos outros.

Dá meia-volta e sai da cozinha. Sente as lágrimas inundarem-lhe os olhos. Não queria ser tão sensível. Mas sempre que os seus brônquios desatinam ou alguém evoca simplesmente a sua mãe, ela não consegue dizer nada. Perde as referências. *Perde pai. Perde mãe*. Escreveu até uma letra com isso: «Perde pai, perde mãe, perverso, um pai ímpar, por terra.» *Completamente parva, esta canção.*

Marion encerrou-se no silêncio à morte de Odile, dissera Marie-Laure Beaulieu. Se ao menos Nina pudesse falar do assunto com o avô. Mas não se atreve, sente que é demasiado doloroso.

Nina vai dar com Adrien sentado numa cadeira, com um ar ausente. Os outros dançam ao som de *Charlotte Sometimes*. Adrien desce à terra quando sente a presença de Nina junto de si. Reconhece-lhe o perfume de baunilha, uma essência que ela usa há alguns meses. Pousa o olhar nela. É obrigado a gritar para se fazer ouvir:

— O que é que tens? Estiveste a chorar?

— A mãe do Étienne… conheceu a minha.

— Aqui todos parecem conhecer-se.

— Onde moravas, antes de vires para La Comelle? — pergunta-lhe Nina.

— Em Clermont-Ferrand.

— E porque é que vieste para cá? Nunca me disseste.

Adrien encolhe os ombros.

— Porque sabia que moravas aqui.

Nina sorri.

— Achas que às vezes a vida devolve, para lhe perdoarem ter levado demasiado?

— …

— Por exemplo, a minha mãe deixou-me… Mesmo as gatas, quando lhes tiram os filhotes, choram.

— Talvez a tua mãe tenha chorado quando te deixou.

— Não me parece. Se fosse assim, teria vindo buscar-me. Mas tu, tu estás aqui. É como se a vida me tivesse restituído uma parte do que me tirou quando eu era pequena. Percebes?

— Percebo — responde Adrien.

Ele tem muitas vezes a garganta apertada para reter as lágrimas. Como o rio subterrâneo que viu na gruta de Labeil, quando foi passar férias com a mãe a Larzac. Uma água que não sobe à superfície.

— Nunca me deixarás? — pergunta-lhe Nina.

— Nunca.

— Juras-mo?

— Juro-to.

— Estarás sempre ao meu lado quando eu precisar?

— Sempre.

Étienne aproxima-se. Não gosta de os ver muito tempo juntos sem saber o que dizem.

— O que estão a fazer? Vêm dançar?

Nina segue-o. Adrien permanece sentado. Rejubila, adora observá-los. Sente uma espécie de corrente de ar atrás de si. É a mãe.

— Está tudo bem, meu querido? Estás a divertir-te?

— Sim.

— Não danças?

— Por favor, mãe.

Quando Adrien se volta, Joséphine já não está lá. Ele pensa novamente na pergunta de Nina: porque é que ele veio viver para La Comelle? Uma manhã, Joséphine anunciou-lhe que ia mudar de creche. Que ia ocupar-se de outras crianças, noutro sítio. Que eles iam partir e instalar-se a cento e cinquenta quilómetros, em Saône-et-Loire. E isso não lhe aqueceu nem arrefeceu. Em Clermont, não tinha amigos.

Até ao dia em que conheceu Nina e Étienne, Adrien era alguém que não deixava marcas no papel. Um cartucho de tinta vazio. Tinha sempre a sensação de ter nascido sem cor, completamente transparente. Até Nina e Étienne, por muito que se premissem os botões, a folha de papel permanecia virgem. Nina e Étienne devolveram-lhe os seus cinco sentidos. E mais o sopro. E seguramente a esperança. Eis porque lhes era tão ligado.

As luzes apagam-se, a música cessa. Joséphine e Marie-Laure anunciam-lhe em coro que o presente dele está na cave… Um sintetizador. Igual ao de Étienne, para poderem tocar juntos. Marie-Laure acrescenta que ele pode vir sempre que queira… Como de costume, aliás.

Um sintetizador. A emoção submerge-o: sonhava com aquilo.

Começam todos a cantar os parabéns.

O bolo, catorze velas que cintilam. Nina grita-lhe que peça um desejo. Adrien fecha os olhos. O seu desejo é sempre o mesmo.

18

11 de dezembro de 2017

Havia vinte e três anos que o automóvel estava debaixo de água. Étienne lê e relê o artigo no computador.

Aliviado. Quase sorri, apesar do trágico da situação.

Não sou louco.

Dezassete de agosto de 1994. Um carro roubado. Um corpo encontrado no interior. Se for a Clotilde, o que fazia ela ali? Alguém foi buscá-la, naquela tarde? Mas quem?

Não, impossível, não passa de uma coincidência, uma simples concomitância.

Porque é que esta lembrança vem à tona passados tantos anos? Tem algum sentido? Uns dias antes de regressar a casa dos pais, para passar o Natal?

Porque é que o seu colega de La Comelle não o informou? Adrien e Nina estariam ao corrente?

Evidentemente.

Há muito tempo que não os vê.

Acontece-lhe por vezes marcar o número do abrigo e desligar antes que alguém atenda. Outras vezes também liga de noite, apenas para ouvir a voz de Nina na gravação: «O nosso escritório está aberto de segunda a sexta, das nove ao meio-dia e das duas às seis horas. Em caso de emergência animal, contactar os funcionários municipais pelo…»

A sua voz grave, peculiar. «Uma voz de fumadora que nunca fumou», como lhe dizia precisamente Adrien.

Sente a falta dos amigos.

Ou será a juventude que sente fugir-lhe? Que ele desejaria reter? A última vez que viu Nina foi lá, em 2003. Depois disso, nunca mais falaram.

Tinham-se prometido a eternidade. Os três fizeram um pacto de sangue quando estavam no 6.º ano: picaram-se todos na ponta do dedo e misturaram as gotas que surgiram como pérolas. «Toda a vida, até à morte.» Uma coisa de crianças.

Pega na guitarra e dedilha uns acordes. A mulher e o filho estão deitados.

Gosta daquela hora tardia, daquela solidão, quando a cidade dorme. Música nos auscultadores. Limpar-se do dia. Procurar concertos no YouTube. Ver vídeos no Facebook. Podia pedir amizade a Nina. «Olá, como vai isso?» Bastaria ir ao perfil dela e clicar em «adicionar».

Mas, de cada vez, renuncia. De que tem medo?

Se ela respondesse ao seu «Olá, como vai isso?», o que lhe diria ele? Sente uma tontura.

Uma pontada lancinante nas costas fá-lo fazer uma careta de dor. Toma um anti-inflamatório forte. Só com receita médica. *É prático ter um médico na família*, pensa.

Regressa ao computador e digita as palavras-chave «lago da Floresta, La Comelle, carro encontrado».

19

21 de abril de 1990

Nina está sozinha no quarto. A remoer o dia anterior, o aniversário de Adrien, o sintetizador dele, as palavras de Marie-Laure: «A Marion era divertida, simpática, também faladora… Um loiro a atirar para o ruivo, olhos verdes… Quando a tua avó morreu, encerrou-se no silêncio.»

Nina ouve alguém abrir o portão diante de sua casa. Reconhece os passos pesados de Étienne, o barulho das rodas do *skate*, que ele pousa no alpendre. E se a *Paola* não ladra é porque conhece aquele que penetra nos seus domínios.

Nina arranca-se dos seus pensamentos, esconde o conteúdo de um envelope debaixo da almofada. O que a intrigou ao vasculhar a sacola do avô foi o nome e o endereço do destinatário terem sido compostos com letras recortadas de um jornal. Como no velho filme de Clouzot *O Corvo*.

Nina meteu com destreza o envelope num bolso quando Pierre Beau estava de costas. Depois leu e releu estas palavras:

> JEAN-LUC, TU, O IDIOTA, O CORNUDO, A VERGÓNHA DO BAIRRO ALTO, TU VAIS MORRER, É O TEU ULTIMO ANO, TODOS VÃO PENSSAR QUE FOI UM ASSIDENTE NINGUÉM VAI SABER SENÃO TU, TU SABES O QUE FISESTE E PORQUE TENS DE PAGAR E PARA QUE SAIBAS VAMOS FUDER A TUA VIÚVA.

Ela ficou chocada com aquele ódio. Pela primeira vez, decidiu queimar a carta. Não tornar a pô-la no meio da correspondência.

Ou então ir à polícia? Não, iam prendê-la e despedir o avô dos correios. E se encontrassem as suas impressões digitais e a acusassem? Mas e se ela a destruísse e aquelas palavras ignóbeis não fossem ameaças vãs? E se acontecesse alguma coisa ao destinatário? Jean-Luc Morand. Quem é Jean-Luc Morand, place Charles de Gaulle, 12, La Comelle?

Enquanto não toma uma decisão, desce ao piso térreo para receber Étienne. *Ele quer tornar-se polícia*, pensa ela ao abrir-lhe a porta. E se ela lhe pedisse conselho?

Étienne vem com uma expressão estranha. Beija-a, pergunta-lhe como está, diz que tem uma coisa para ela. Nina esquece-se imediatamente da carta anónima.

— Mas, antes de ta mostrar, vais buscar o *Ventoline* — diz-lhe ele com ar solene.

— Porquê?

— Porque eu conheço-te.

— Mas…

— Obedece — ordena ele.

Nina sobe ao quarto para ir buscar o medicamento e revira os olhos. Às vezes tem vontade de matar Étienne, de tal forma ele a enerva. Decide que não lhe mostrará a carta, ele é demasiado mandão.

Vai encontrá-lo na cozinha. Está a servir-se de um copo de água da torneira. Tinha pousado a mochila na mesa.

Étienne muda de dia para dia. Dos três, é ele quem cresce mais depressa. Uma penugem começa a cobrir-lhe o lábio superior. Ele acha isso tão deselegante que a tira todas as manhãs. Não tem acne, ao contrário de Adrien. E se por infelicidade lhe surge uma vermelhidão no rosto, a menor imperfeição, ele disfarça-a à custa de cremes e loções de toda a espécie. Étienne passa o tempo a ver-se ao espelho. A sua voz começou a mudar. Parece ter dezassete anos, apesar de não ter ainda soprado as catorze velas.

Nina aspira o *Ventoline* com um golpe seco, diante dele.

Ele tira da mochila um envelope com três fotografias.

— A minha mãe deu-me isto para ti… São fotografias da tua, que ela descobriu.

Nina vê uma fotografia de turma a preto-e-branco. Raparigas com batas escolares. A do meio exibe uma ardósia sobre a qual se lê «Escola Danton 1966-1967». Nina franze os olhos. São muitas. Antes de procurar a mãe entre elas, Nina olha para as outras fotografias. Parecem mais recentes. Quase idênticas. Um grupo de sete alunas do 3.º ciclo que posam lado a lado, sorrindo. No verso, lê-se «Abadia de Cluny 1973». Percebe-se que está vento, todas elas agarram o cabelo e franzem os olhos por causa do sol.

— A minha mãe disse-me que foi uma visita de estudo que fizeram com a escola.

Étienne aponta para duas pessoas.

— A minha é esta e a tua é esta, mesmo ao lado.

Nina debruça-se para a jovem de quinze anos. Um fantasma de olhos claros. Marion Beau sorri, parece ter os dentes um pouco salientes, os cabelos presos num rabo de cavalo. Tem uma saia curta, uma camisola e meias brancas. Nina observa também Marie-Laure, que está ao lado. O mesmo rosto de hoje, apesar dos traços infantis.

— Tens a certeza que é a Marion? — murmura Nina.

— Sim. A das meias brancas.

— Não me pareço com ela.

— Nada…

— Mas então com quem me pareço?

— Bem… com o teu pai… com certeza. Podes ficar com as fotografias. A minha mãe dá-tas.

— Não quero saber. Ela abandonou-me.

Étienne está constrangido. Às vezes, acha que Nina tem reações bizarras. Que ela é demasiado imprevisível. Foi ela que perguntou a Marie-Laure se conhecia Marion, e agora já não quer saber. As raparigas são mesmo complicadas.

— Hoje vais fazer o quê? — pergunta ele, para mudar de assunto.

— Não sei. Estudar um pouco. O Adrien está à nossa espera às quatro, para vermos um filme. Ficas comigo até lá?

— Não, encontramo-nos em casa dele.

Étienne sente-se aliviado por ir embora. Não fecha a porta. Uma corrente de ar na casa. As três fotografias deixadas em cima da mesa caem ao chão.

Nina vai fechar a porta, apanha as fotografias e sobe para o quarto.

*

O dia seguinte é dia de barrela. Pierre Beau só trabalha à tarde. Tira os lençóis da sua cama, abre a janela, areja o colchão. Depois entra no quarto de Nina. Habitualmente bate à porta antes de entrar, mas ela está na escola.

Um monte de roupa no chão. Lavada e suja misturada. Dois gatos a dormirem em cima da pilha. Ao verem-no entrar, um estica-se preguiçosamente. Canecas de chocolate vazias. Manuais e cadernos empilhados. Centenas de folhas de desenho rabiscadas, no chão, dentro de caixas, algumas afixadas na parede por cima da secretária. Sobretudo

animais e os dois amigos da neta. Ela desenha tão bem. Quem sabe se um dia não será célebre e as suas obras estarão expostas no mundo inteiro.

Enquanto isso não acontece, é preciso arrumar aquela confusão. Pierre Beau suspira. Não é fácil criar uma pequena sozinho. Pensa em Odile, a sua mulher. Se ela ainda fosse viva, aquele caos não existiria. Nada seria assim, com ela.

Nas paredes, cartazes fixados com pioneses uns ao lado dos outros: Indochine, The Cure, Depeche Mode. Odile só gostava de Joe Dassin. Pierre até sentia uns certos ciúmes. Depois da morte da mulher, não se desfez dos 33 rotações. Podia tê-los doado. Mas imaginar outra pessoa a ouvi-los era-lhe insuportável. Cinco anos depois de Odile, morreu Joe Dassin. Pierre pensou: *Ele vai encontrá-la lá em cima. Desta vez, perdi-a mesmo. Não consigo rivalizar com ele.*

E se tu não existisses,
Diz-me porque existiria eu…

Ele, pelo menos, andava bem penteado e sempre de ponto em branco. Com fatiotas claras. Não era como os tipos que Nina tem nas paredes do quarto. Com os cabelos esticados e posturas desengonçadas. Homens que se maquilham, quando pensava que já tinha visto de tudo. Época estranha, esta.

Uma manhã, os pais de Odile tinham-se mudado para a casa defronte da sua. Para lhe falar, Pierre não encontrou maneira melhor do que roubar-lhe a bicicleta numa quinta-feira à tarde e levar-lha no sábado seguinte. Três dias durante os quais lha escondeu. «Bom dia, acho que é tua, encontrei-a no bairro alto encostada a uma cerca.» Odile fingiu acreditar. Casaram-se aos dezassete anos. Da sua união nasceu Marion. E depois não houve mais filhos. Pierre tinha querido três: uma menina, um menino, uma menina. Odile ficou-se pela primeira.

Pierre Beau passa por cima da confusão de Nina, tira a capa do edredão, os lençóis e a fronha. Caem no chão três envelopes. Entre eles, uma carta.

JEAN-LUC, TU, O IDIOTA, O CORNUDO, A VERGÓNHA DO BAIRRO ALTO, TU VAIS MORRER, É O TEU ULTIMO ANO, TODOS VÃO PENSSAR QUE FOI UM ASSIDENTE NINGUÉM VAI SABER SENÃO TU, TU SABES O QUE FISESTE E PORQUE TENS DE PAGAR E PARA QUE SAIBAS VAMOS FUDER A TUA

VIÚVA.

Pierre Beau lê o nome dos destinatários nos sobrescritos. Uns segundos para perceber que Nina abre a correspondência. Suspeitara. Recusara-se a aceitar. Um dia tinha dado com Nina a rondar a sua sacola com um ar estranho. Uma expressão culpada. A mesma que tinha quando trazia um gatinho à socapa para casa e o escondia para que ele não desse conta. Até ao dia em que dizia: «Por favor, vô, vamos ficar com ele. De qualquer modo já vive cá em casa há montes de tempo...»

Entra em pânico. Vê clarões nos olhos. Aquilo recorda-lhe de imediato a filha, Marion. A sua punição. A mesma. Uma espécie de maldição que lhes corre nas veias. A mãe contaminou a filha. A mãe e a filha. Um flagelo.

A cólera fá-lo tremer. Abandona os lençóis e os envelopes no chão, sai sem fechar a porta atrás de si.

Seria incapaz de dizer o que vê no trajeto, tirando o vermelho. Sente vontade de matar. Tudo o que fez por ela. Trabalhar, manter-se vivo, por ela. Levantar-se, lavar-se, comer, ir trabalhar, regressar, preparar o jantar, por ela. Apertar o cinto, por ela. Só por ela. Para que nunca lhe faltasse nada. Vê-a de novo em bebé. Os biberões, o leite *Gallia 1* e *2*, os dentes a rebentar, as vacinas, os primeiros passos. Comprar vestidos, não saber escolher os tamanhos, os sapatos. Todas as manhãs ela está ali e ele não acredita que ela lá esteja. Que ela cresça. Que ele a crie e que ela se crie.

Nina abre a correspondência. Nas suas costas. Uma traição. Fá-lo-á há muito tempo? Se alguém descobrir, perderá o seu emprego. Será despedido por falta grave. Não tem o direito de levar o correio para casa. Será julgado. Com certeza condenado. Pena suspensa, talvez efetiva, e ela, que será dela? Quem se ocupará dela? O que dirão as pessoas? Apresentarão queixa. Abrir a correspondência de outra pessoa é grave. Nina irá para uma família de acolhimento. O pior pesadelo de Pierre, desde que ela nasceu. *Se eu morrer, para onde irá ela? Não vai ser a mãe que a virá buscar.*

Dirá que é ele que abre a correspondência. Dirá que Nina está inocente. Que não sabe de nada. Que só ele é responsável. Um cabeça de vento.

Estaciona diante da escola. É meio-dia. Começam a sair cachos de jovens. Nina come na cantina. Ele entra no recinto, empurra estudantes, tem um ar tresloucado, tiques incontroláveis que o fazem piscar os olhos. Vê primeiro Adrien, depois Étienne. E depois ela. Os três inseparáveis conversam juntos,

num outro grupo de alunos. Um círculo de três rodeado por uma quinzena de estudantes.

Nina está de *sweat*. Não vestiu o casaco de lã. Ele diz-lhe sempre que se agasalhe bem, por causa da asma, mas ela só faz o que quer. Ali está ela, de garganta descoberta em abril, quando não devia desagasalhar-se nem um bocadinho. Para que servem os ditados, se não os aplicamos? O preferido de Odile era: «Mais vale um pássaro na mão que dois a voar.» Adrien cochicha a Nina que *ele* está ali porque ela ergue a cabeça na sua direção, olha para ele, esboça um sorriso que significa: «O que fazes aqui? Esqueci-me de alguma coisa em casa?»

Ao ver a cólera que transparece nos seus olhos, que lhe consome o rosto, ao ver os seus punhos fechados e brancos, Nina compreende de imediato — o correio — e muda de cor no espaço de dois segundos. Ele dá-lhe uma primeira bofetada, depois uma segunda. Um som surdo. Que ressoa. O silêncio alastra como uma nuvem de pó pelo pátio. Os outros alunos estão chocados. Não gritam, ficam paralisados, não percebem o que se passa. Um adulto agride uma estudante no recinto da escola…

É a primeira vez que Pierre Beau bate em Nina. Só um pontapé no rabo aos seis anos porque ela tinha pintado os legumes da horta com acrílico azul.

Ele agarra-a pelo pescoço, ergue-a do chão e sacode-a, enquanto diz num tom ao mesmo tempo suplicante e glacial:

— Tens noção? Tens noção do que fizeste?

Poderia matá-la ali mesmo. Desintegrá-la. É o silêncio em torno de si que o faz descer à terra. Que o chama à razão.

E eu, o que estou eu prestes a fazer?

Pousa a neta no chão, lentamente. Como se os gestos estivessem mais lentos por causa do seu próprio entorpecimento. Nina, um fantoche, as bochechas vermelhas. A marca dos dedos de quem a educara. Lágrimas nos olhos. Como reflexos, como febre. Pierre Beau repara que todos os outros estudantes os observam. Um contínuo na casa dos vinte anos aproxima-se a gritar: «O que se passa aqui?»

— Peço perdão — murmura Nina ao avô.

Perturbado, Pierre Beau dá meia-volta e foge quase como um ladrão. Quando entra no automóvel, agarra-se ao volante e desata a soluçar.

Espasmos nervosos. Imagina que Odile o observa de onde está, Joe Dassin não muito longe dela. Imagina que ela nunca lhe perdoará o que acaba de fazer à neta de ambos.

— Reconhece ao menos que ela mereceu!

Odile não responde. Ele amua. O Joe Dassin vai tirar partido da situação, o sacana.

20

12 de dezembro de 2017

Vinte e sete anos depois revejo na íntegra aquela manhã de abril. Esse momento suspenso. Nós a olharmos para Pierre Beau, paralisados. As duas bofetadas, a violência do avô no recinto escolar, que se lança sobre Nina, a incompreensão, entre sonho e realidade. Também a rapidez da cena. Tudo aquilo dura menos de um minuto. A pequena cabeça morena como se se soltasse do corpo. Ela tem uma *sweat* preta com borboletas cinzentas estampadas. As borboletas como flores fanadas. Ela pede perdão ao avô. Ainda o ouço, a esse perdão que ela murmura. Não se defende, nem parece zangada com ele. Todos perguntam a si mesmos o que terá ela feito. E depois há os que viram e os que não viram nada. Mais tarde, após o «ocorrido», uma vez de novo em casa, vão imaginar, supor, extrapolar: «Deve ter dormido com algum. É como a mãe. O velho descobriu e não aguentou. Ela dorme com qual? Beaulieu ou Bobin? Os dois ao mesmo tempo? Está grávida. Grávida aos catorze anos. Sim, é isso. Está prenha. Que desgraça.»

Depois de Pierre Beau ir embora, ouve-se uma única pergunta no pátio da escola, como um testemunho passado de boca em boca: «Quem é aquele velho?» Depois a resposta irradia: «O avô dela.»

Caras alteradas, crispações, risos forçados. «Que disciplinas tens à tarde? Uma hora de estudo. A profe de Ginástica está doente. E tu? Inglês. Duas horas de Matemática e oral…» Alguns estudantes, raparigas, perguntam a Nina se está bem. Ficam a umas dezenas de centímetros dela. Como se houvesse um perímetro de segurança a respeitar, uma barreira a separar Nina das outras, como se Étienne Beaulieu e Adrien Bobin tivessem prerrogativa e estivesse escrito em todas as consciências, em cada gesto, olhar, palavra: «Não tocar.»

Depois, lembro-me de que Adrien arrastou Nina até à enfermaria e Étienne ficou num estado de profunda estupefação no meio do pátio antes de se dirigir com a irmã para a cantina. Naquele dia, as duas bofetadas do avô desagregaram o trio.

Nina culpou a mãe. Contou a Adrien que tinha passado a véspera a olhar

para as três fotografias que Étienne lhe levara. E que por causa disso se tinha esquecido do resto. E fora esse resto que o avô tinha encontrado debaixo da almofada. Aquilo de que só Adrien tinha conhecimento, as cartas roubadas. O segredo que eles compartilhavam.

A mãe dela havia de lhe trazer sempre desgraça. Era preciso esquecê-la. Deixar de procurar fotografias, provas da sua existência. Era preciso parar de tentar saber como ela era e porque tinha largado Nina como um saco de roupa suja em casa do seu pai. O único que tinha querido saber dela e a quem ela desiludira.

Estou a preparar o envelope de Natal para o abrigo de Nina. Meto os euros lá dentro. Escrevo «Nina Beau, pessoal e confidencial» em maiúsculas para evitar que reconheça a minha caligrafia. Como se ela pudesse imaginar que sou eu.

Por associação de ideias, penso de novo na carta anónima que a traiu. A origem do drama. Penso que Nina nunca soube o que Pierre Beau acabou por lhe fazer. Se a tinha deitado fora ou entregado. A única coisa que sei hoje é que o destinatário daquela carta ignóbil, Jean-Luc Morand, ainda vive e a suposta viúva também.

Espero sempre pelo fim do dia para ir ao abrigo, como uma ladra, meter aquelas gratificações particulares na caixa do correio. Como aquelas pessoas que não têm coragem e preferem abandonar os seus cães durante a noite, em vez de enfrentarem o olhar de outros homens à luz do dia.

Com esta são já três vezes que vou ao abrigo desde o início do mês. Isso nunca aconteceu. O meu envelope está em cima do banco do passageiro.

No inverno, nunca saio depois das nove da noite. Agora tenho os meus hábitos. Pequeninos. Porque os hábitos são muitas vezes pequenos. O meu trabalho, as minhas séries, os meus programas, as minhas redes, as minhas refeições, uma pilha de romances ao lado da cama.

À luz dos meus faróis, pais natais de plástico a trepar às casas, coroas de pinheiro nas portas, grinaldas de luzes que piscam em volta das janelas, um *Merry Christmas* que pende de uma fachada, prestes a cair.

Um Natal sem neve. Aqui, chega mais tarde. Por volta de meados de janeiro.

Atravesso o descampado sobre o qual há apenas um mês envelhecia a Escola Vieux-Colombier, a apodrecer sozinha. Abandonada por todos.

Mesmo pelas disciplinas de que gostávamos bastante, a Música, o Desenho, os Trabalhos Manuais.

Esta noite, é como se se tivesse derramado.

Nevoeiro, abrandar, um pouco de gelo. Meto pela pequena estrada que conduz ao abrigo. Duas ou três casas dispersas. Luzes vermelhas e verdes numa delas, longínquas.

Natal. Dentro de quinze dias, Étienne vai aparecer em casa dos pais para as festividades. Como todos os anos. Como um filho obediente que vem para casa a horas. É a única altura do ano em que é visto a atravessar de novo as ruas de La Comelle para comprar cigarros na tabacaria. O carro grande estacionado no largo da igreja. Onde se encontrava com Nina e Adrien no seu *skate* para irem à piscina.

Pensará neles? Pensará *naquilo*? Irá sentir-se inquieto se o corpo encontrado no carro for de Clotilde?

Das duas vezes que voltei a vê-lo, parei tudo. Estacionei o meu chaço num canto e esperei que aquilo passasse. Que passasse como uma corrente de ar glacial, uma chuvada súbita e violenta, ou um golpe de calor.

Étienne Beaulieu paralisa os meus gestos, cala as minhas palavras.

No ano passado, quase rocei nele ao entrar na igreja. Não esperava encontrá-lo. Embora soubesse que a única oportunidade de dar de caras com ele é entre 23 e 26 de dezembro. Eram seis e vinte da tarde. Em La Comelle, a missa do galo é celebrada às seis e meia. Embrulhada num sobretudo, dirigia-me para a entrada, onde alguns transeuntes conversavam no exterior, quando reconheci a sua silhueta, a sua maneira de andar. Estava a um metro de mim, se tanto. Sozinho. Metido num grande blusão forrado. A cabeça coberta por um capuz. A minha pele ficou em estado de alerta, pele de galinha. *É ele*. Não me viu, eu vislumbrei-lhe a boca, um cigarro, a mão, uma baforada. Alto. Muito alto. Esqueço-me sempre do seu tamanho. Voltei-me, vi-o de costas, a dirigir-se para o centro da cidade. Pelo menos, o que resta dele.

Depois, tremi, muito tempo. Mesmo muito tempo. Nessa noite, tirei fotografias do Menino Jesus para o jornal e saíram desfocadas. Via de novo Étienne passar junto a mim, dissecava cada segundo desse momento.

O parque de estacionamento do abrigo está deserto. Nem um som. Os cães devem estar a dormir. Deixo o motor a trabalhar e os faróis ligados ao sair

do carro. A caixa do correio está enferrujada. A tampa range quando introduzo o envelope no interior. Sou percorrida por um calafrio. Quase sinto medo. Como se tivesse alguma coisa a censurar-me.

— És tu?

Sobressalto-me. Suspendo o gesto.

— És tu? — volta ela a perguntar.

Como se fosse uma evidência. Como um casal junto há vinte anos que se encontra no final do dia: «És tu? Como foi o teu dia? Senta-te, eu preparo-te uma bebida. Os miúdos já chegaram? A tua mãe telefonou? O que é que há que se coma no congelador?»

A silhueta de Nina desenha-se como um fantasma atrás dos portões de ferro. Depois o rosto dela à luz dos meus faróis. A sua palidez. Chuva miúda no cabelo, purpurinas, geada.

— Sim, sou eu.

21

Abril de 1990

Ao regressar da escola, a tremer, Pierre Beau volta a fechar os sobrescritos roubados, junta-os às outras cartas a distribuir, lava os lençóis, faz as camas de lavado e não torna a falar do assunto. Nem sequer com Nina. Ao final do dia, quando ela regressa mortificada de vergonha, com vontade de desaparecer, de se enterrar viva, ele serve-lhe duas tostas mistas com salada, dizendo-lhe para comer enquanto está quente. Nina tem ainda as marcas dos dedos dele em cada bochecha. Não se atreve a dizer que não tem fome, engole as lágrimas e a salada sem dizer palavra. Depois sobe para o quarto, observa a cama feita, a roupa lavada. Maquinalmente, procura a carta anónima debaixo da almofada: nada. Abre a primeira gaveta da secretária, tira o sobrescrito com as três fotografias da mãe, entreabre a janela, lança fogo ao sobrescrito com um isqueiro que Étienne esqueceu, e arremessa-o para o telhado, dizendo repetidamente estas palavras: «É culpa tua, grande puta.»

Na véspera esforçara a vista a tentar distinguir o rosto e o corpo da mãe nas três fotografias. *Em que pensaria? Estaria apaixonada? Quem eram as suas amigas, entre as outras raparigas? A mãe do Étienne? A amizade poderá transmitir-se de geração em geração? Faria confidências? Já conheceria o meu pai nesta altura? Eu tenho a forma dos seus olhos? O seu nariz? O seu sorriso? Como seria a voz dela? Onde estarão as roupas que ela usava neste dia?*

Fica a ver o sobrescrito acabar de se consumir dentro do algeroz.

Alguns dias mais tarde, encontra uma carta dirigida a si em cima da mesa da cozinha. Segundo o carimbo dos correios, foi enviada na véspera de La Comelle. Reconhece a caligrafia no sobrescrito, aquele modo de desenhar as letras.

Sobe ao quarto para o abrir.

> «Meu pequenino,
>
> Não precisarás de roubar esta carta da minha sacola. Esta carta pertence-te. Ler a correspondência dos outros é um ato muito grave, mas eu peço-te perdão. Nunca devia ter-te batido. Tive medo. O medo de um velho que se preocupa demasiado. O

que fizeste não justificava que te batesse em frente de todos os teus colegas. Nunca devia ter-te tocado, a ti, tão pequena. A ti, indefesa. A ti, a menina dos meus olhos. Sinto vergonha. E sentirei sempre vergonha daquele gesto desproporcionado e inadmissível. Espero que possas perdoar-me um dia.

O teu avô que te ama»

A caligrafia vacilante e pueril de Pierre emociona Nina. Em resposta, ela envia-lhe um postal ilustrado dentro de um sobrescrito. No verso, uma bela gravura de *O Pássaro Azul*, em lembrança do conto que o avô lhe lia todas as noites, quando ela era pequena.

«Vô,

Recebi a tua carta e sou eu quem pede perdão.

Procurava cartas de amor. E foi só saber que talvez as houvesse dentro da tua sacola que me deixou um pouco louca. Mas vou tentar nunca mais fazer isso.

Desculpa mais uma vez, vô.

O teu pequenino»

22

15 de julho de 1990

Nina vai festejar os seus catorze anos à beira-mar, em Saint-Raphaël. Já fez a mala. Pierre Beau deu-lhe a de Odile. «Podes ficar com ela.» Uma mala que ela vira sempre arrumada em cima do roupeiro, no quarto do avô. Castanha, de couro falso e cartão, fora de moda.

Ela telefonou a Adrien:

— Como é a tua mala?

— Uma espécie de saco *hippie* da minha mãe… Com flores cor-de-rosa, parece uma cena do Woodstock.

— A minha tem cem anos. Tresanda a naftalina.

— Queres trocar?

— Não posso… É da minha avó… Se o vô percebesse, ia ficar de coração partido.

Pierre Beau deu-lhe dez notas de cem francos. É a primeira vez que ela tem tanto dinheiro no seu pequeno porta-moedas. Ele também lhe preparou uma caixa de legumes para levar para as férias. Nina acha que é uma vergonha chegar com tomates e feijão-verde, mas não tem coragem de dizer ao avô. Bem vê que ele faz o que pode, que também ele teria gostado de a levar a passar férias à beira-mar.

Nina está estendida na cama, com os olhos muito abertos. São três da manhã. Ouve os batimentos do coração. Dentro de uma hora, o avô vai bater à porta e ela estará pronta. Depois ele vai deixá-la na casa dos Beaulieus. Ela subirá para os bancos traseiros do *Espace* com Adrien, Étienne e Louise.

E, no fim da viagem, haverá o mar. Como em *Vertigem Azul*, que eles viram várias vezes. «Uma sessão nossa», brincou Adrien.

Já deve fazer umas vinte vezes que ela se levanta, abre a mala, verifica o conteúdo e volta a fechá-la. Sente-se culpada por deixar *Paola* e os gatos em casa, mas afinal é para ir ver o mar. Há anos que anseia por aquilo. É como ir encontrar-se com o seu sonho.

O que vai fazer durante uma hora? Impossível dormir.

No quarto ao lado, Pierre Beau também não dorme. Pensa na mala de Odile. Nunca se conseguira decidir a deitá-la fora. A última vez que a abriu foi à vinda do hospital. Nem tiveram tempo de tirar as coisas de Odile da mala. Foi levada em poucos dias.

Chegaram demasiado tarde…

Se fosse agora…

Tinham comprado aquela mala em 1956, no Grand Bazar de Autun. Odile queria um estendal de interior, para os dias de chuva. E quando viu aquela mala em saldo, propôs a Pierre: «Compramo-la? Para as nossas férias.»

Nunca foram de férias. Até ao dia em que Odile partiu, mas sozinha.

Nos domingos de verão, Pierre e Odile banhavam-se nos rios e no lago da Floresta, dançavam nos bailes e nas festas populares. Por vezes iam ao lago de Settons para andar de gaivota e fazer um piquenique à sombra das árvores, mas nunca tinham passado além do maciço de Morvan.

Uma vez, tinham adormecido no mesmo saco-cama. Apertados como sardinhas.

Esta noite, Pierre ouve o riso de Odile, os seus olhos a contarem as estrelas. É a primeira vez que Nina vai deixar a casa. Desde o dia em que Marion a largou ali, nunca esteve fora. Um vazio para o qual ele se prepara. Percorre mentalmente os dias que aí vêm. Dias de folga sem descanso como todos os anos no mês de julho. Trabalhará na horta, passeará a *Paola*, pintará novamente os beirais do telhado, fará as limpezas de primavera no verão. Manter-se-á ocupado.

Sente um pouco de vergonha por nunca ter levado a neta a passar férias à beira-mar. Não fica assim tão caro arrendar um apartamento, através da comissão de trabalhadores. Não é uma questão de dinheiro, mas de mudança de hábitos, sair das ruas de La Comelle, conduzir muito tempo, ir até longe, rumo ao desconhecido, perder-se, decifrar mapas de estradas, descobrir rostos novos, pôr-se em fato de banho.

Tenta lembrar-se da última vez que vestiu um fato de banho. Há, pelo menos, trinta anos…

E pronto, chegou a hora da partida. Despedem-se todos junto ao *Renault Espace*. Nina observa Joséphine a apertar Adrien nos braços. O avô dá-lhe um beijo de lábios esticados, desajeitadamente. Mas não é isso que importa. O que importa é o amor. Nina sente a garganta apertada, é a primeira vez

que se separa dele. Ele murmura-lhe ao ouvido: «Trouxeste o *Ventoline*?»

Ocupam os seus lugares, apertam os cintos. Marc atrás do volante, Marie-Laure no lugar do pendura — vai conduzir também, quando ele quiser descansar. Os jovens e os legumes atrás. Acena-se com a mão, em despedida. Pierre Beau e Joséphine Simoni lado a lado no passeio, na noite.

Nina pensa que na sua vida há os que ficam e os que partem. E além desses há aqueles que abandonam.

23

12 de dezembro de 2017

— Bem me parecia que eras tu a dos sobrescritos com dinheiro… — diz-me Nina.

Sinto-me apanhada em falta. Quase culpada. Entro no carro, desligo o motor, apago os faróis, dirijo-me de novo para ela.

Ela dá a volta à chave para abrir o portão.

— Sabias que eu tinha regressado?

— Sim — responde-me.

Nina serve-me um pouco de café numa caneca *I love La Comelle.*

No seu escritório, três néones pálidos.

Cartazes sobre esterilização.

A fotografia de um gato com um olho vazado: «Aqui, todos podemos ser adotados.»

Fotografias de cães e gatos afixadas num quadro. Todos têm nomes. *Diego, Rosa, Blanquette, Nougat*… Pergunto a mim mesma se é Nina quem os batiza.

Na biblioteca da escola havia um dicionário de nomes. Nina fazia círculos em torno deles, a lápis. Aqueles que daria aos seus filhos, mais tarde.

Sinto-a observar-me com atenção. Não me atrevo a erguer os olhos. Fixo as suas mãos. Em adolescente, aplicava verniz vermelho nas unhas, que acabava por lascar. Eu detestava aquilo. Aquele desleixo.

Sinto vontade de me erguer e de a apertar nos braços. Mas com o que lhe fiz na última vez que a vi, como poderei atrever-me a isso?

Já tenho sorte por ela me ter convidado a entrar e me ter oferecido aquela água de lavar pratos.

Depois de um longo silêncio, pergunto:

— O que fazes no abrigo a esta hora? Já é tarde.

— Estava à tua espera. Enfim, acho que era isso — respondeu-me ela.

*

15 de julho de 1990

Saint-Raphaël.

«Estamos a chegar…» Disseram estas palavras à vez. Cada um de forma diferente. Marie-Laure, feliz. Marc, aliviado. Louise, timidamente. Étienne, para Nina.

O coração de Nina bate anomalamente, a felicidade dessincroniza-o, os olhos vasculham a paisagem, procuram o azul.

No habitáculo, um cheiro de batatas fritas. Pacotes vazios. Horas de estrada atrás deles. Uma paragem para abastecer e para um café, nos arredores de Valence. O cansaço nas pernas, os músculos doridos.

Entreabrem-se os vidros. Ao longe, uma linha azul. O mar é o céu sentado no chão. Aquilo recorda a Adrien uma canção de Alain Souchon.

Verás que numa bela manhã, cansado
Irei sentar-me na calçada ao lado…

Étienne sussurra:

— Nina, olha, é o teu mar.

Adrien pousa a mão no ombro de Nina e aperta-o um pouco. Como para lhe dizer: «Ei-lo, está ali.»

— Jovens, enquanto vamos buscar as chaves do alojamento, vocês esperam por nós na praia — diz Marie-Laure.

Louise quer ficar a descansar no carro com os pais. Prefere deixar os outros sós. Os três juntos: uma parede, uma barreira intransponível.

Adrien, Étienne e Nina saem do automóvel. Uma luz ofuscante. É meio-dia, está muito calor. Toalhas e brinquedos infantis na areia. O mar está em frente, imenso, infinito, brilhante, vivo. *O mar é água que estremece*, pensa Nina. *É água que inspira e expira*. A sua cor não lhe lembra nada que já tenha visto. É menos bela nos postais ilustrados e na televisão do que na realidade. É impressionante, paradoxal, ao mesmo tempo intoxicante e inquietante, exatamente como a ideia que Nina tem da liberdade. *A Cabra do Senhor Seguin*. A pior história. A mais monstruosa que alguma vez leu e, no entanto, relê-a com frequência. Quando o avô doou coisas ao Socorro Popular, no ano anterior, ela retirou os seus *Contos para Crianças Bem-Comportadas* dos sacos.

O avô. Gostaria que ele estivesse ali. Que visse o que ela vê. Cheirasse o que ela cheira, o vento que transporta o sol, o açúcar e o almíscar.

Étienne iça Nina para o seu ombro direito e caminha depressa pela areia, evitando as toalhas. Nina ri muito alto, dá gritinhos. Adrien segue-os lançando olhares assustados à sua volta, guarda-sóis e seios desnudos. É a primeira vez que vê os peitos de mulheres que se expõem ao sol. Já os viu em filmes e revistas, mas nunca ao vivo. Quando Nina descobre o mar pela primeira vez, ele descobre os seios. Esboça um sorriso guloso.

Étienne descalça as suas sapatilhas e as de Nina, ela debate-se, gritando: «Não! Para!»

Étienne entra no mar, com Nina ainda sobre o ombro, avança uns metros e lança-a à água toda vestida. Arde, é fria, é salgada. Adrien entra na água também sem retirar a roupa. Nadam os três, vestidos, rindo, salpicam-se. Estão excitadíssimos. Étienne grita: «Sou o rei do mundo!» Iça de novo Nina para os seus ombros, para ela poder mergulhar de cabeça.

Étienne não se sentia assim há muito tempo. Como que desapegado. Como se já não controlasse nada: a aparência, o estilo, a indumentária, o penteado, a pele, as boas notas.

Ficam muito tempo assim, os três, e acalmam-se pouco a pouco. Fazem penetrar a lentidão por todos os seus poros, lambem a água, cospem-na. As roupas deles são como boias de tecido, asas molhadas de borboleta. Flutuam de costas, a pele tragando os movimentos do próprio corpo. Dão-se as mãos. Formam uma estrela cujo batismo fizessem ali. Um astro único caído na água.

De quando em quando, Nina canta *Os teus olhos negros* misturando propositadamente a letra.

Vem cá, vem comigo, não partas sem mim…
Vá, vem cá, fica aqui, não partas sem mim…
E ver-nos-emos todos os dias desde o nosso regresso…
E brilharão os teus olhos negros
Aonde vais quando partes, a sítio nenhum…
E pegas nas tuas roupas, veste-las…

Nadar no céu.

*

Por uma questão de educação, bebo até ao fim o mau café que Nina me

serviu. *Mijo de gato*, digo a mim mesma enquanto observo a fotografia de um cão pastor. *Banjo*, sete anos.

— Vi o teu nome no *Journal de Saône-et-Loire* — diz-me ela.

— Faço uns trabalhos quando o correspondente está de férias… como agora… Viste o do lago da Floresta?

— O carro, sim… Achas que é *ela*? Que esteve ali durante todos estes anos?

— Ainda não sabem… Encontraram um esqueleto…

— Que horror…

— A única coisa que relaciona Clotilde com o carro roubado é a data.

— Dezassete de agosto de 1994… o dia do funeral — murmura Nina.

Segue-se um longo silêncio. Sei que ela pensa em Étienne. Como eu. Mas não pronuncia o nome dele.

— Não quererás um gato, por acaso? — pergunta-me.

— Por acaso?

Nina inclina-se, ergue um cobertor: um gatinho preto minúsculo dorme numa caixa de sapatos, modelo masculino, número 43.

Aproveito para observar as mãos de Nina, os seus dedos finos, gráceis, as unhas cortadas rentes. Finjo olhar para o animal enquanto inspiro o odor que se desprende dela. Procuro o cheiro desaparecido, a baunilha. Sinto vontade de fechar os olhos, sinto vontade de passar o que me resta de vida junto dela. Por vezes, a nostalgia é uma maldição, um veneno.

— Acabaram de o encontrar num caixote do lixo. Não queres levá-lo contigo? Tenho dificuldade em encontrar donos para gatos pretos. A velha superstição da desgraça…

— Está bem.

— Tratarás bem dele?

— Sim.

— Melhor do que de mim?

— …

— E o Étienne? — pergunta-me ela. — Voltaste a vê-lo?

— Não.

Ela fica de novo absorta nos seus pensamentos. Retira uma partícula imaginária de pó da camisola e acaba por perguntar:

— E o Adrien? Ele está bem?

— Penso que está bem.

Agora olha-me nos olhos. Não mudou. Sempre direta, sem adorno nem contorno.

— Tenho saudades dele — diz-me.

Como se lamentasse o que acaba de dizer, pespega-me com a caixa de sapatos nos braços. O gatinho abre um olho e volta a fechá-lo. Meto o nariz no seu pelo. Cheira a palha.

— Já está desmamado. Vou dar-te umas saquetas de comida. Nos primeiros dias, não o deixes sair. De qualquer forma, é inverno, não tem nada que fazer no exterior. Também te vou dar um tabuleiro e um saco de areia. Não te esqueças de ter sempre uma tigela de água limpa à sua disposição.

— Como é que sabias que eu vinha hoje?

— No final do ano, vens cá sempre entre os dias 15 e 20 de dezembro… não é? Obrigada pelo dinheiro.

— A sério que sabias que era eu?

— Quem mais poderia ser? — Ela veste um casaco comprido. — Levas-me a casa? O Christophe foi ao veterinário e levou a viatura do abrigo. Estou exausta, gostaria de ir para casa.

— O Christophe é o teu marido?

— Não, é um funcionário. O barbudo alto a quem entregas a ração.

— Também sabes que sou eu quem dá a ração?

— Sim.

— Muito bem, levo-te a casa.

Ela instala-se no lugar do passageiro, ligo a ignição e começa a ouvir-se a canção *La vie est belle* do grupo Indochine. Desligo o rádio, ela diz:

— Deixa ficar, por favor. Adoro essa canção.

— Continuas a gostar deles?

— Evidentemente.

Iríamos fazer a vida, ser bem-sucedidos ao menos isso
Iríamos fazer a noite, tão longe quanto pudesses…
A vida é ao mesmo tempo bela e cruel, por vezes junta-nos
Eu nasci para estar só contigo…

Nina trauteia, fitando a estrada como se fosse ela quem conduzia.

— Que nome lhe vais dar? — pergunta por fim.
— A quem?
— Ao gato.
— É fêmea ou macho?
— Macho, creio. É demasiado pequeno para ter a certeza.
— *Nicola*. Sem *s*. Como Nicola Sirkis.
Nina sorri pela primeira vez.

24

22 de setembro de 1991

Eles têm quinze anos. Acabam de entrar no ensino secundário, escolheram a área em conjunto.

A cara da orientadora, quando viu os três entrarem no seu gabinete.

Étienne está em Letras e Matemáticas; Adrien, em Letras e Línguas Vivas; Nina, em Letras e Artes Plásticas. Têm muitas disciplinas em comum, partilham os mesmos professores e as mesmas salas de aula.

Um deles nunca faz nada sem os outros dois. As decisões são tomadas de forma concertada. A escolha das calças, do vestido, da música, da *T-shirt*, da noitada, do filme, da casa.

Nina e Étienne engalfinham-se muitas vezes. Ela diz que Étienne se acha o seu irmão mais velho, dá-lhe ordens. «Não te penteies assim», «Fala mais baixo», «Bem, a sério, estás a ser mesmo parva», «Deixa-te de exibicionismos»… Parece contradizê-la constantemente, para a irritar.

Adrien põe água na fervura, nunca levanta a voz. Sente-se mais próximo de Nina do que de Étienne. Adora os momentos raros, privilegiados, em que estão só os dois no quarto de Nina. Só para a ouvir falar, dizer o que sente, ajudá-la a arrumar as suas tralhas, posar para que ela o desenhe uma enésima vez.

— Não te mexas.

Quando lhe estende o retrato que fez dele, Adrien não se reconhece.

Dos três, Étienne é o mais rebelde, Adrien é o mais suscetível e Nina é a mais sensível.

O distanciamento que Nina temia quando crescessem não ocorreu. Ela não teve de procurar uma melhor amiga. Mesmo quando Étienne se pergunta em voz alta quanto medirá o seu pénis: «Vai ser comprido ou grosso, ou os dois?», «Quanto tempo cresce? Achas que para aos vinte anos?», «Achas que é hereditário? Que será como o do meu pai e o do meu irmão?»

Aquelas perguntas não a deixam incomodada. Falam de assuntos de que um irmão e uma irmã nunca falariam. É como se para Étienne Nina fosse

um território neutro, sem género.

— Sou a tua Suíça — diz-lhe ela muitas vezes.

Além da amizade indefetível, ligam-nos a música e a letra das canções que passam horas inteiras a compor. Unidos por um projeto de futuro que nada nem ninguém poderá impedir: sair dali depois do secundário. Arrendarão um apartamento. Dividirão a renda. Farão uns biscates e acabarão no palco do Olympia. Adrien sonha em segredo com o reconhecimento, quer que a sua música e as suas letras se tornem célebres para fechar a matraca do progenitor e não ter de sentir de novo o seu odor a clorofila. Étienne sonha com o que vem com a fama: os banhos a ouro e a vida fácil. Nina espera cantar, desenhar e viver um grande amor. Di-lo alto e bom som:

— Para mim, será o grande amor ou nada.

Quer casar-se e ter três filhos. Duas raparigas e um rapaz. Já escolheu os nomes: Nolwenn, Anna e Geoffroy. Vai desenhá-los e cantar para eles e o marido.

— Para isso, vai ser preciso que encontres um marido — lança-lhe muitas vezes Étienne, em jeito de provocação.

Apesar dos namoricos externos ao grupo, da puberdade, das hormonas que levam a outros desejos, a outros corpos, não se cansam de partilhar as suas angústias, as suas pastilhas elásticas e as suas opiniões.

— Eu sou de esquerda — afirma Nina. — Sou pela partilha.

— Eu também — afirma Étienne, por espírito de contradição com o pai.

— Idem — murmura Adrien, que presta culto a François Mitterrand porque o romance preferido deste é *Bela do Senhor.*

*

Como todos os anos, os feirantes acabam de se instalar no largo da igreja. La Comelle transforma-se durante um fim de semana. Nas ruas, os cheiros a alteia e a queimado.

Desde o início da tarde, Étienne dá tiros com a carabina, Adrien e Nina andam colados no carrossel, a trautear os êxitos que os altifalantes berram: *Bouge de là, Auteil Neuilly Passy, Black and White, À nos actes manqués.*

De cabelos ao vento, Nina lança olhadelas aos rapazes mais velhos do que ela. Os da sua idade não a atraem.

Esqueceu por completo aquele Gilles Besnard por quem tivera uma

paixoneta dois anos antes. Num final de tarde, ele beijou-a frente ao ginásio da escola, ela detestou a língua metida na sua boca, a saliva tabágica. Separaram-se com os lábios ressequidos, murmurando: «Tchau, até amanhã.»

Nina tinha telefonado a Adrien, em pânico: «O que é que poderei dizer-lhe, quando me cruzar com ele? Que angústia.» Adrien respondeu-lhe que ela só tinha de dizer bom dia de maneira normal e dar-lhe dois beijinhos. E pronto, era tudo.

Com Adrien tudo é simples, calmo e límpido. À parte o dia em que esmigalhou os óculos de Py, Adrien é um rio no qual não se detetam nem as correntes nem as tempestades.

De quando em quando, Étienne vem encaixar-se entre Nina e Adrien para dar uma volta no carrossel com eles. E depois regressa aos tiros. Quando consegue um prémio, pede a Nina que escolha entre um urso branco e uma esferográfica com purpurinas. Ele tenta conquistar os prémios maiores: aparelhagem estéreo, televisor, gravador, mesmo tendo já tudo aquilo em casa. As raparigas vêm colar-se-lhe. Ficam plantadas perto dele durante horas, a vê-lo atirar. Por vezes, digna-se afastar-se com uma delas, com frequência a mais bonita, a mais maquilhada, a que tem seios e não tem acne. Tem demasiado medo que aquilo se pegue. Dá uma volta nos carrinhos de choque com a eleita, beija-a e regressa aos tiros aos balões.

Ao sábado, ganharam o hábito de dormir juntos. Os rapazes têm uma cama de campanha no quarto de Nina. Pierre Beau não vê aquilo com maus olhos, considera Adrien e Étienne parte da família. Mas prefere que eles durmam em sua casa a deixar Nina ir dormir a casa deles.

A doce Nina transformou-se. Pierre tem dificuldade em reconhecer a neta. Era melhor quando ela trazia animais para casa às escondidas.

Agora, faz demasiado barulho. Bate com as portas, põe o volume da aparelhagem no máximo a ponto de as paredes estremecerem, grita que ele não a compreende, desfaz-se em lágrimas à menor contrariedade, revira os olhos sempre que ele lhe faz um reparo, passa horas na casa de banho, esquece-se de limpar os vestígios da tintura de hena no lavatório, fecha-se à chave no quarto, maquilha-se como uma mulher da vida, revolta-se com a injustiça de lhe aparecer uma borbulha na cara.

Fica de novo meiga quando lhe pede autorização para ir à festa de anos de um colega ou uma colega.

— Dormimos todos lá em casa. Os pais vão estar. Por favor, vô… Tive 17 na oral de CN…

— Que disciplina é essa, CN? — aventura-se ele a perguntar.

Ela revira os olhos.

— Ora, Ciências Naturais — responde-lhe como se ele estivesse senil.

Pierre sabe que não existe aquela disciplina na área que ela escolheu, mas não rebate.

Pierre não tem interesse em responder-lhe que não, sabe que de outro modo Nina transforma-se em tirana. Portanto, cede. Distribui os sins como prémios, para ter paz. E é verdade que ela é boa aluna, vai desembaraçar-se bem na vida.

Quando um dos colegas faz anos, chegam todos com sacos-cama e ficam a dormir em casa do aniversariante. Os pais estão lá, mas não na mesma divisão. Batem às portas antes de entrar. As janelas mantêm-se abertas para deixarem as volutas do tabaco fazerem-se ao largo.

Acabaram-se os lanchinhos e os refrigerantes. Agora procuram sensações, experimentam tudo o que lhes é interdito: álcool, cigarros, erva, canábis, narguilé.

Asmática, Nina é a única que não toca naquilo. Está sempre menos pedrada que os outros. Mesmo bêbeda, é ela que segura no cabelo das raparigas quando estas vomitam, fica atenta às mãos atrevidas dos rapazes que gostariam de se aproveitar da situação, não hesita em aplicar pontapés no traseiro. Todos sabem e todos a integraram. «Se convidares o Étienne, a Nina e o Adrien virão. Se convidares a Nina, o Étienne e o Adrien também virão.» Raramente convidam Adrien. Mas como ele nunca fala, toleram-no. É demasiado calado para interessar a adolescentes de quinze anos, com exceção de algumas raparigas mais maduras, que apreciam a sua companhia e os seus silêncios. Além disso, ele lê, escreve letras, toca sintetizador e bebe chá. Há raparigas que adoram os músicos que leem e bebem chá.

25

12 de dezembro de 2017

Nina baixa o guarda-sol, dá uma miradela ao espelho e ergue-o.

Sobre os joelhos, a caixa de sapatos dentro da qual o gatinho *Nicola* parece ainda dormir. O que lhe farei, quando acordar? Serei capaz de tomar conta dele? Dou-me conta de que nunca tive cão ou gato. Nem mesmo um caracol.

— Achas-me mudada? — pergunta-me ela.

— Não.

— Ah, um bocadinho, pelo menos…

— Não. Nem sequer um bocadinho.

— Tenho quarenta e uma primaveras!

— Não é a idade que faz mudar as pessoas.

— Ah, não? Então é o quê?

— Não sei. A vida delas, talvez.

— Bem, então… Eu não me poupei, caramba!

— Sim, mas *ele* não te levou tudo. A prova é que não mudaste. Juro. És a mesma Nina Beau.

— Não, não sou a mesma.

— Onde moras? — pergunto-lhe.

— Sabes muito bem.

— E como poderia saber?

— Achas que eu não te vejo passar diante da minha casa, de tempos a tempos? A ver se estou lá…

— …

Ela não diz mais nada. Fixa novamente a estrada. Dentro de três minutos, sairá do carro. Abrando. Gostaria de simular uma avaria, mas estamos a quinhentos metros da casa dela. Devia ter-me enganado no caminho.

— Queres que ponha outra vez música?

— Não, obrigada — responde ela com tristeza.

Estaciono diante da sua casa. Quando ela sai, murmura:

— Obrigada pela canção.

— Vemo-nos outra vez? — pergunto.

Ela dá uma olhadela ao gatinho.

— Adeus, *Nicola.* Porta-te bem.

Bate com a porta. Dá meia-volta. Uma silhueta de adolescente. De costas, dir-se-ia que tem quinze anos. Eu tenho lágrimas nos olhos. Ela abre o portão da casa. Desaparece na noite.

Não me respondeu.

*

Nina entra. Fecha a porta atrás de si. Ouve o motor do automóvel esmorecer, escapar-se. Atira com os sapatos, uma pedra no tacão. Fadiga. Músculos doridos. Gatos à volta das suas pernas, seis no total, velhos, estropiados, zarolhos. Ela recolhe os mais maltratados, os que têm menos hipóteses de serem escolhidos.

— Viva, peludos!

Tosse. Deve ter apanhado frio. Ou então é a sua asma. Ao tempo que a tem, já conhece a diferença entre uma crise iminente e a incubação de uma gripe forte. Dirige-se para a cozinha, alimenta os gatos enquanto lhes canta:

A vida é ao mesmo tempo bela e cruel, por vezes junta-nos
Eu nasci para estar só contigo…
O teu sangue e o meu, tornar-nos-emos um só
E seríamos invencíveis, ser bem-sucedidos ao menos nisso…

Aquece uma sopa da véspera no micro-ondas. Duas tostas e queijo de barrar. Passa o aspirador para tirar os pelos, entreabre as janelas cinco minutos.

Regula o termóstato do seu quarto, está frio por causa da gateira, das idas e vindas incessantes entre a casa e o jardim.

Toma um duche escaldante, deita-se, tem já três gatos em cima da cama. Liga o computador, consulta a sua conta de Facebook pessoal e a do abrigo. Recebeu uma mensagem na sua conta pessoal. Uma mensagem de Romain Grimaldi a dar-lhe notícias de *Bob*, com uma fotografia do cão adormecido em cima de um sofá, ao lado de um gato gordo.

Bom dia, senhora Beau, tudo a correr bem. Soube que o *Bob* iria ser o meu cão mal vi a fotografia dele no *site* do abrigo, já não nos largamos um ao outro. O meu velho

Radium também o adotou. Espero que esteja bem. Até breve.

Romain G.

Sem pensar, Nina digita no teclado:
O que faz esta noite?

Ela vê que ele está ligado, e ele responde prontamente:
Nada de especial, são nove horas, já jantei. O *Bob* e o *Radium* também. Porquê?

Quer que nos encontremos?

Agora?

Sim, agora.

Para falar do *Bob*?

Não. Onde mora?

Na rua Rosa-Muller, 7.

Já apareço.

Está bem…

Ela levanta-se outra vez. Vai à casa de banho. Aplica bálsamo nos lábios ressequidos. Veste as calças preferidas, as que não usa há séculos, e a sua única camisola apresentável, preta, que usa nas grandes ocasiões, ou seja, nunca, salvo no discurso do presidente da câmara no início do ano. Passa a mão pelos cabelos. Não pensa. Sobretudo não pensar. Não tem o seu carro. A rua Rosa-Muller fica mesmo ao lado da igreja. Dez minutos a pé de casa dela.

Caminha depressa, metade do rosto no calor do seu hálito, retido pela gola do casaco comprido. Aquecer-se, não pensar. Percorrer a passos largos os passeios que conhece de cor. Passar ao lado de vedações, casas, jardins, abrigos de jardim, garagens, fachadas que ela poderia recitar como um poema. Dirigir-se para a igreja como quando ia encontrar-se com Adrien e Étienne para irem à piscina. Os seus passos de adulta nos seus passos de criança. Geada no cabelo. Há quantos anos ela não caminhava para ir ao

encontro de alguém?

26

Fevereiro de 1993

Para irem até à escola secundária, situada a dez quilómetros de La Comelle, apanham os três o autocarro das sete horas. Chegam por volta das sete e trinta e cinco, o tempo de recolher pelo caminho os estudantes que moram em locais isolados, os que esperam à beira da estrada como condenados. Apanham-nos no silêncio do cansaço da manhã, não se ouve senão as duas portas do autocarro abrir e fechar. Os adolescentes estão ainda em coma. Deitaram-se tarde, ouviram *Lovin' Fun* no rádio, Doc e Difool a responderem às perguntas — identificação, engate, acne, medo, fobia, ponto G, vergonha, preservativo, lubrificante, sodomia — de orelha colada ao aparelho, a tentar adivinhar se conhecem quem se expõe assim para pôr uma questão existencial em direto e dar testemunho dos seus amores e sexualidade. «A minha namorada não fica molhada, não há nada a fazer.»

Durante meia hora, no pátio, debaixo dos telheiros, os estudantes conversam, fumam, acabam os trabalhos de casa a um canto, em cima de um muro, para não levarem uma repreensão. Fazem-se cruzes no calendário, a distinguir os dias de aulas dos dias de férias. Fazem-se perguntas sobre a matéria da próxima oral. Fala-se da sida, da fome no mundo, dos rasgões a fazer nas calças de ganga, dos *grunges*, do conflito israelo-palestiniano, da série *Beverly Hills*. As raparigas querem parecer-se com Madonna ou Mylène Farmer e leem Verlaine, os rapazes, com Kurt Cobain ou Bono e admiram Jim Courier e Youri Djorkaeff na televisão.

As aulas começam às oito horas.

Embora estejam no 11.º ano, os três ainda fazem os trabalhos de casa em conjunto. Étienne continua a resmungar quando tem de estudar. Mandria um pouco, lança uma olhadela aos apontamentos de Adrien e Nina, copia muitas vezes. Aos domingos à tarde há um professor de Matemática que vai a casa dar-lhe explicações, para o fazer recuperar do atraso que acumulou. Não se atreve a dizer aos pais: «Francamente, ao domingo? Livra.»

O pai continua a olhar para ele com deceção ou indiferença, não sabe dizer. Étienne bem vê como Marc Beaulieu olha para o seu filho mais velho e

lhe sorri, como envolve Louise num olhar sempre afetuoso. Em relação a ele, nada. Indiferença. Quando se digna pousar os olhos em Étienne, força-se.

Pelas sete e meia da tarde, enquanto Pierre Beau se afadiga na cozinha a preparar o jantar, Adrien e Étienne regressam a casa.

Adrien volta para junto da mãe, comem à mesa da sala a ver o noticiário das oito horas. Aquilo tranquiliza Adrien, que assim não tem de comer em silêncio, a sós, com Joséphine. Apesar do ruído das bombas, das imagens terríveis de guerras civis ou de outros conflitos, os tabuleiros com as refeições recordam-lhes que cada noite pode assemelhar-se a uma recreação, a um piquenique dentro de casa.

Étienne volta sempre para casa a arrastar os pés. A noite que cai às cinco horas angustia-o terrivelmente. Se pudesse, bebia álcool todas as tardes para calar aquela bola que lhe pesa no estômago ao início da noite. O uísque-cola adoça-lhe o sangue, fá-lo rir-se de tudo, é como se voasse, como se cada um dos seus órgãos tivesse sido enchido com hélio.

Quando chega a casa, Étienne encontra Louise. Não se interessa por ela, mal a cumprimenta. Desce à cave para tocar o seu sintetizador. Depois janta com a irmã no balcão da cozinha, foi a senhora Rancoeur que fez tudo, que vela por eles antes de ir para a sua casa.

Depois da refeição, Étienne desce novamente para tocar o seu teclado ou jogar na consola. Quando os pais regressam, por volta das nove da noite, sobe de novo, troca algumas palavras com Marie-Laure — «Como foi a escola? Foste simpático para a tua irmã? Comeste bem? Vais tomar um duche?» —, depois sobe para o quarto, vê televisão ou folheia revistas pornográficas que tirou de baixo de uma pilha de lençóis no roupeiro de Paul-Émile, o irmão. Revistas antigas, com as páginas amarrotadas, mas onde as raparigas têm sempre ar de terem vinte anos. Masturba-se e cai num sono pesado.

Naquela manhã de fevereiro de 1993, os estudantes não apanham o autocarro do costume. Falam e riem alto. Deixaram o cansaço em casa. Os livros e os cadernos também. Vão festejar o Carnaval. Todos os estudantes e professores da região têm encontro marcado em Châlon-sur-Saône, para desfilarem pelas ruas. Levam todos um saco sobre os joelhos com uma sanduíche e uma garrafa de água.

Os rapazes mascarados de raparigas, com perucas e saltos altos, levantam os vestidos entre gargalhadas, deixando ver por baixo as suas compridas

pernas peludas. Outros vão de Bioman, Dark Vador, Homem-Aranha, enquanto veem a paisagem desfilar e comentam um programa televisivo visto na véspera. Étienne disfarçou-se de jogador de futebol americano e o capacete impede-o de namoriscar uma rapariga de outra turma. Ela vai sentada em cima dele. Uma nádega sobre a sua coxa esquerda. Ela faz gestos exuberantes, fala demasiado alto, toca-lhe com as mãos, debruça-se para ele. Nina, mascarada de fada, morre de vontade de lhe dar umas cacetadas na cabeça com a varinha mágica.

— Aquela tipa enerva-me. Bem que lhe dava cabo do *brushing* — cochicha ela, irritada, a Adrien.

Este está soturno desde que entrou no autocarro, diz-lhe que ela está com ciúmes.

— Que disparate! Estou habituada a ver o Étienne com galdérias, mas aquela enerva-me. E tu, o que é que tens? Estás de trombas desde manhã.

— Nada — responde Adrien. — Nada mesmo.

— Pois não parece. É o teu fato de *cowboy* que te chateia?

Adrien encolhe os ombros, que disparate. Não lhe saem da cabeça três canções de Étienne Daho. *Il ne dira pas, Mythomane* e *Cow-boy*.

Cow-boy, vai buscar o teu cavalo e a tua carabina
Põe-te a andar, vira a página do teu álbum…

Louise está nas primeiras filas, com outros estudantes. Os mais novos, os do 10.º, sempre à frente.

Há sempre alguém mais pequeno que nós, pensa Adrien. Aqueles que são postos em primeiro plano na fotografia de grupo.

Louise mascarou-se de Colombina. Três lágrimas negras desenhadas na face. De quando em quando, vira-se para observar o irmão, Nina e Adrien. Cruza muitas vezes o olhar de Adrien, que não baixa os olhos. Ele esboça um sorriso.

Saint-Raphaël, as lembranças furtivas de ambos misturam-se.

Adrien sente vontade de gritar. Permanece calmo. Enterra as unhas nas palmas das mãos. Nina amuou com ele. Ele vê os olhos marejados dela. A sua expressão adorável está contrariada. Adrien respira com força, dá-lhe uma cotovelada, Nina vira-se para ele, aborrecida. Adrien mostra-lhe o falso revólver que prendeu ao cinto, saca-o, visa a rapariga que está sentada em

cima de Étienne.

— Queres que lhe limpe o sebo?

Nina desata a rir-se.

27

12 de dezembro de 2017

Não me atrevo a tirar *Nicola* da caixa, tenho medo de o partir. Ele ronrona a dormir. A areia e o tabuleiro ainda dentro de um saco de papel *Label Nature*. Pousei tudo no meio da divisão. Observo o gatinho como quem observa um dos seus disparates. A lista dos seus disparates teve início há muito. O peixinho vermelho trazido da feira popular, a gazeta, a batota, roubar nas lojas, conduzir depois de beber, fazer explodir bombinhas em plena canícula num jardim abandonado, a água do banho esquecida, o pedido em casamento, a má resposta, a má pessoa, sabê-lo mas avançar ainda assim, perder comboios, fazer um crédito ao consumo, anular no último momento aquilo que se esperava desde sempre, sair de braços nus para o frio, baixar a cabeça para não cumprimentar alguém porque não é o dia nem o momento e arrepender-se para sempre, assinar um contrato de venda no notário, comprometer-se, descomprometer-se, o álcool imundo, as noitadas nojentas, o famoso copo a mais, as manhãs desgraçadas, entrar no carro de um desconhecido, a camisola estampada que se compra para variar do preto e que nunca se vestirá, o romance mais recente do escritor que nunca se consegue ler até ao fim — «Mas desta vez vou adorar» —, ir aos saldos, ao fundo das gavetas, remexer, bisbilhotar, criticar, zombar, as calças de tamanho impossível que se vestirão quando se emagrecer, toda essa tralha nos roupeiros das nossas vidas, mas que fazem as nossas vidas.

E depois ter vergonha de Nina quando eu tinha vinte e quatro anos. Cruzar-me com ela em Paris, no átrio de uma grande sala de espetáculos, e portar-me mal. Ela aproxima-se, estreita-me nos braços. Eu retraio-me. Ela sussurra-me um boa-tarde feliz, tímido. Um «Boa tarde. Viste, eu vim, tenho orgulho em ti».

— Ah, olá.

Pois, é verdade, respondi apenas: «Ah, olá.»

Vergonha. Sou jovem. Tenho roupas bonitas. O meu nome no cartaz da peça de teatro que ela vem ver. Tomo-me pelo que não sou. Que nunca ninguém é. Nunca nos tomarmos pelo que não somos.

Ouço a sua pronúncia rústica. Só ouço isso. Todavia, Nina nunca teve pronúncia. Quero falar com aqueles que sabem falar, aqueles que empregam palavras bonitas. Não com os habitantes de La Comelle, como se eles tresandassem a uma infância que renego, as minhas origens provincianas.

Nina empalidece, sorri, enfiada nas suas roupas que adivinho novas, apinocou-se para a ocasião. Queria fazer-me a surpresa.

Fica ali, não se afasta, não me vira as costas, ocupa espaço na sala, o bilhete na mão, um bilhete que ela comprou.

Não recebeu convite.

Está nas últimas filas. No final, vejo-a aplaudir entusiasticamente.

Arranjo maneira de desaparecer nos camarins. Imagino-a a esperar-me no passeio, um pouco. A não ver ninguém. A regressar sozinha a casa. A conceder-me circunstâncias atenuantes.

A vergonha e o arrependimento não se atenuam com os anos.

28

12 de dezembro de 2017

Romain Grimaldi abre-lhe a porta. Só vê os seus olhos pretos. Água cristalina.

Nina saúda-o e lança o seu casaco para uma cadeira. É frio de que se livra. Que pousa longe de si. Sopra para as mãos. Do sofá, *Bob* ergue o focinho, reconhece-a, vem recebê-la com alegria.

— Olá, meu velho.

— Aceita uma bebida? — pergunta-lhe Romain.

Ela vira-se para ele, fita-o. Aproxima-se. Ele sorri-lhe, constrangido.

Ela diz: «O meu corpo está morto há anos. Uma pele que não é tocada morre. Um corpo que não é observado torna-se invernal. As camadas de frio sobrepõem-se. Neves perpétuas. Deixa de haver outras estações. Deixa de haver desejo. Deixa de haver esperança no regresso. Fica imobilizado no passado, fixado algures. Não sei onde. Tem medo. Tenho medo. O meu corpo já não tem presente. Eu gostaria de fazer amor. Gostaria de saber se esqueceu tudo. Se sabe ainda alguma coisa. O senhor agrada-me. E eu, agrado-lhe?»

Ele responde que sim.

Um sim que também interroga. Um sim desconfiado. Que tem medo dela, da sua franqueza. A música de uma perigosidade.

— Gostaria muito de beber qualquer coisa forte — sussurra ela.

— Eu também.

Romain vai até à cozinha. Nina ouve-o abrir armários, pegar em copos. O seu coração bate como quando ela viu o mar pela primeira vez. Dedica-se a observar a sala de estar. Candeeiros, livros, uma mesa baixa, o televisor em silêncio, um documentário sobre a Índia, o Ganges, mulheres de saris. Não pensar. Confiar em si, por uma vez.

Ele regressa, dois copos na mão, um líquido castanho, *bourbon*. Despejam-nos de um só trago, sem desviarem os olhos um do outro. Ele tem calças de ganga e uma camisola preta, como ela. Gémeos que uma mãe tivesse vestido de igual.

Ele abre a boca para falar, dizer qualquer coisa, eles beijam-se num mesmo movimento. Nenhum dos dois dá o primeiro passo, dão-no juntos. Não obstante os tremores, algumas oscilações desajeitadas, sabem encontrar-se, tocar-se. Redescobrem a leveza dos gestos, a lentidão e as mãos diligentes. As tentativas. Ele tira a camisola, a *T-shirt*. Ela adora o cheiro da pele dele, é o primeiro degrau. Quando se gosta do cheiro do outro, se identifica o seu odor com algo familiar, um membro da mesma cepa sensorial, possui-se tudo o mais. Ele beija bem.

Ela não se enganara ao abordá-lo. Delicadeza e sensualidade.

A língua dele contra a sua. Pensava deveras que aquilo não lhe aconteceria. A outra pessoa qualquer.

Teve dificuldade em compenetrar-se. Está quase em estado de hipnose, de irrealidade. Mete as mãos nos seus cabelos densos, gostaria agora de o fazer entrar nela, inteiro. A barba de fim de dia arranha-lhe a face, o queixo, a boca. Ela tira as roupas, por sua vez. Ele prova-lhe a pele, um *cocktail* açucarado de férias.

Ele diz: «Estaremos melhor no meu quarto.» Ela responde: «Apague a luz.»

Ele pergunta se ela tem a certeza de querer isto, a obscuridade. Sim, ela tem a certeza.

Ele sorri. Eles sorriem.

Ele volta a encher-lhe o copo antes de subirem. O último para o caminho. Todo aquele caminho a percorrer. As escadas. Pés nus sobre a alcatifa. Estão despenteados e a ferver. Transpiram um contra o outro. Gemem. Um prelúdio. *Nada mais delicioso que os preliminares*, pensa Nina. A adolescência que se eterniza. É ainda melhor do que as promessas. Do que uma palavra que se vai dar. Eles dão-se, agarram-se, reencontram-se, precipitam-se, têm tempo. A noite à sua frente. Pertence-lhes. Serem ricos do instante. As mãos cheias.

29

Maio de 1994

— Estou grávida.

Estão nus no quarto de Étienne. Ele retira o preservativo com a ponta dos dedos. Clotilde está deitada junto dele, as pernas dobradas. Ele observa-lhe a boca. Um roedor. Sempre pensou isso, que a boca dela é feia, demasiado fina, demasiado pequena. Além disso, ela usa batom, é como se acentuasse o defeito. Dentes brancos, bem alinhados, mas um pouco protuberantes. Olhos azuis a que ela aplica uma sombra malva. O seu ponto forte. Todos olham para os olhos dela. Raparigas e rapazes. Um nariz pequeno, direito, fino. Uma pele branca. Leitosa. Ele adora os seios dela, os mamilos rosa-pálido, o ventre firme. O corpo esbelto de desportista. Não muito alta. Não mais do que Nina. Ele compara todas as suas conquistas a Nina. Nunca a Louise, que é sua irmã. Uma irmã mais nova não se compara. Nina é outra coisa que não uma irmã, indefinível. Uma amiga de infância. É o que ele diz, quando a apresenta: «A minha amiga de infância.» Isto evita-lhe explicações, do género: «Não é a minha miúda, estamos sempre juntos, mas não andamos.» «O meu melhor amigo» é o que ele diz de Adrien. Ainda que não o pense. Também Adrien é outra coisa. Antes, nunca faziam nada os dois sem que Nina estivesse presente. Desde o ano em que fez catorze anos, Adrien vem a sua casa sozinho tocar sintetizador e jogar na *Sega*. A consola está ligada a um televisor vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, ao lado dos teclados. Eles instalam-se num velho sofá, selecionam *Cosmic Carnage* ou *Sonic* e jogam durante horas. Quando Nina aparece, Étienne empresta-lhe o seu *joy stick* de má vontade. Mas ela perde depressa a paciência, o que irrita os dois rapazes.

Ele dá uma passa no charro. Fecha os olhos. Só os abre de novo quando Clotilde murmura:

— Não sei como é que lixei as coisas com a pílula.

Ele faz um compasso de espera, cobre o seu sexo com o lençol. Como se de repente tivesse ficado pudico ou quisesse pôr fim à proximidade de ambos, à sua intimidade.

Étienne pensa no seu pai. O que vai ele dizer, se souber? Vão chover insultos. Ele vai poder desbobinar. Até ao momento, calou-se porque Marie-Laure não suporta que se compare Étienne a Paul-Émile. Mas se Marc descobrir que o seu rebento engravidou uma rapariga, vai sentir-se autorizado a usar palavras que magoam.

— Oh, que merda… É uma merda — gemeu Étienne.

— Eu sei — responde Clotilde.

— Tens a certeza?

— Tenho.

— Foste ao médico?

— Ainda não.

— É preciso ir depressa.

— Eu sei.

— Fazemos os exames do secundário daqui a um mês.

Todas as quartas à tarde, Clotilde e Étienne fazem amor em casa dele. Fecham-se, demoram-se, excitam-se, experimentam. Dois aprendizes de dezassete anos que exploram, procuram e descobrem o prazer. Uma recreação, nada mais. Quanto ao amor, Étienne logo verá. Quando imagina o seu futuro, vê-se a viver com Nina e Adrien em Paris.

É a primeira vez que fica tanto tempo com uma rapariga, cinco meses, também é a primeira vez que tem verdadeiro prazer sexual.

Ainda não compreende realmente o que Clotilde acaba de lhe dizer. «O reverso da medalha», observaria o pai. O charro fá-lo planar um pouco. Uma dualidade nele. Fugir e sentir orgulho. Ele engravidou-a. Algo da ordem da virilidade fá-lo-ia quase inchar o peito. E uma angústia crescente: ser pai aos dezassete anos, o pesadelo. Um pesadelo que significaria ficar em La Comelle. Ser como os seus pais. Sair cedo e chegar tarde. Esquecer os sonhos. Aquele puto tirar-lhe-ia o lugar na piscina, em cima do *skate*, na discoteca, tocaria no sintetizador e jogaria na *Sega* enquanto ele se esfalfava para o alimentar. Nunca.

Nina, por seu lado, só pensa nisso. Casar-se, ter filhos e uma casa. Angustia-o. Étienne não acredita nela, quando se projeta nessa vida artificial, e diz a si próprio que aquilo lhe passa quando ela crescer e eles viverem os três de liberdade e uma cabana. Darão de certeza concertos um pouco por todo o lado, e talvez até deem voltas ao mundo.

Étienne veste-se de novo. Tem de se encontrar com Adrien e Nina em casa dela, para estudar. Passam horas a resolver fichas de estudo e fazem perguntas uns aos outros. Sem eles, Étienne nunca teria feito o 10.º ano, e muito menos o 11.º Ainda nem acredita que está no 12.º, mas goza dos privilégios inerentes: os pais deixam-no andar à vontade, desde que os resultados sejam bons. Se quiser ir para Paris no ano seguinte, vai ter de entrar numa escola superior. Não interessa qual. Os pais nunca o deixarão sair de casa para «fazer música». Refletindo no assunto enquanto via *Navarro* e *Commissaire Moulin*, disse de si para si que gostaria de se tornar polícia. Chui e músico... tinha pinta. E depois tem uma vantagem sobre os outros: o seu nível de desporto.

Observa Clotilde enquanto ela põe o vestido. Grávida. Tão surreal como quando Nina teve o período aos dez anos. Uma coisa que não existe no seu mundo.

— Eu levo-te — diz-lhe ele.

Cruzam-se com Louise, sentada no sofá, mergulhada na leitura. Trocam um breve «Olá, até logo». Étienne pergunta a si mesmo como se pode ler um romance sem se ser constrangido e obrigado a isso, simplesmente pelo prazer. Adrien e Louise trocam livros. Étienne sente que se passam coisas entre a sua irmã e Adrien, mas finge que a relação deles não existe, embora salte aos olhos. Não saber.

Estende o seu capacete a Clotilde, liga a mota, percorre as ruas de La Comelle a alta velocidade. Ela agarra-se a ele. Ele sente vontade de travar bruscamente para que ela caia, o largue, deixe de existir. Está desvairado com os seus pensamentos. E quase aliviado quando a deixa diante de casa. Antes de se despedirem, pede-lhe que vá a um médico o mais depressa possível. Teve dificuldade em acreditar naquela história. Como é que os jogos sexuais de ambos poderiam ter desembocado numa gravidez? Ela diz que toma a pílula e eles usam preservativo. É verdade que às vezes a coisa deslizou ou rompeu-se, mas isso deve ter acontecido uma ou duas vezes, no máximo.

— Vais ter com *eles*? — pergunta Clotilde.

Naquela pergunta, uma censura subentendida: «Larga-os um bocado. Estás sempre com eles.»

— Iá. Estudamos os três juntos.

Étienne foge literalmente para casa de Nina, abre a porta, sobe as escadas. Há anos que, quando chegam a casa uns dos outros, não batem à porta. É como se estivessem nas suas casas. Os adultos estão habituados. Quando eram pequenos, os pais diziam que aquilo passaria, que era uma fase da infância, que depois se mudava, sobretudo no liceu, que se fazia outros amigos. Mas como eles estão no liceu e continuam *ali*, acostumaram-se. É natural. São como crianças de uma mesma família. Que crescem juntas. Que dormem em casa umas das outras, partilham as refeições e as férias. Uma ligação muito forte. Joséphine adora Étienne e Nina sem reservas, afaga-lhes sempre os cabelos, beija-os com afeto, conhece os seus pratos preferidos, prepara-os especialmente para eles. Pierre afeiçoou-se a Adrien e a Étienne como aos filhos de um irmão ou de uma irmã que nunca teve. Marie-Laure e Marc incluem sempre os outros dois nos jantares e se Nina ou Adrien ficam algum tempo sem aparecer, sem dar notícias, sente-se um vazio. Tratam-se todos por tu há anos. Cada família viu os filhos das outras duas mudar de pele e de olhar. Os seus corpos metamorfosearem-se.

Étienne galga os degraus dois a dois, abre a porta do quarto. Nina e Adrien estão sentados de pernas cruzadas no chão. Fazem perguntas um ao outro em inglês. Étienne lança um olá e estende-se na cama. Não gosta de se sentar no chão.

— O que é que tens? — pergunta-lhe Nina. — Estás branco. Até pareces eu quando vejo *O Exorcista*.

Étienne não tem vontade de falar daquilo. Sente um pouco de vergonha. Étienne e Nina não têm o hábito de esconder coisas um do outro, falam abertamente de tudo o que os aflige. Adrien ouve-os mas mantém-se discreto, reservado. Raramente intervém nas conversas deles. Ao contrário dos outros dois, Adrien só fala da aversão do seu pai, das suas leituras, das suas letras de canções, e nunca de sexualidade nem de amor. Quando estão sós, Nina martela-lhe: «E tu? Gostas de quem? Preferes raparigas ou rapazes? É verdade que estás apaixonado pela Louise? Já a beijaste? Vocês já dormiram?» Ao que Adrien responde sempre: «Amo-te a ti.» Então Nina irrita-se: «És um chato. Nunca respondes. Desconversas. Eu conto-te tudo.»

No sábado à noite vão ao Club 4, uma discoteca a trinta quilómetros de La Comelle. São os pais que se revezam a levá-los e buscá-los às quatro da manhã ao parque de estacionamento.

Arranjam-se juntos, escolhem a indumentária com cuidado, jantam cedo, bebem uns copos às escondidas. Perfumam-se e lavam os dentes lado a lado. Por vezes, Adrien e Nina trocam *T-shirts* — Étienne, bastante maior do que eles, não pode participar nos empréstimos. Nina maquilha-se ligeiramente sob o olhar atento dos rapazes. «Não ponhas de mais, senão ficas ordinária», repete-lhe Étienne.

Veem revistas, penteiam-se como as estrelas de *rock*, passam entre si a embalagem de gel. Étienne junta os cabelos loiros ao lado, a sua obsessão é ficar parecido com Kurt Cobain, falecido há pouco. Adrien seca os cabelos pretos e encaracolados com a cabeça para baixo, sonha conseguir o carisma de David Bowie. Nina trata do cabelo curto cortado a direito para ficar com o aspeto de Debbie Harry quando era jovem. Muda de cor de cabelo como muda de camisa. Experimenta todo o género de cortes.

Enquanto se preparam em casa de Étienne, Louise junta-se-lhes na casa de banho, que cheira a perfume, a laca, a cigarro, a vodca e a champô. Ela gostaria de ir ao Club 4 com eles, bate o pé, suplica um pouco, mas os pais recusam:

— Só tens dezasseis anos.

— Vou fazer dezassete em breve! E o Adrien é maior de idade! Pode tomar conta de mim.

— Não insistas.

*

12 de dezembro de 2017

O Club 4… Lembro-me do último ano do secundário, adorava ir lá. Encontrava ali os estroinas da minha turma e alguns jovens da região. O Club 4 era seleto, não entrava quem queria. Não eram admitidos putos nem malta já bebida ou mal vestida.

Nós chegávamos por volta das onze, bebíamos um primeiro copo com o bilhete de entrada, que dava direito a duas bebidas. Depois, um de nós levava sempre uma garrafa e enchia-nos o copo debaixo do casaco. A dona sabia mas fechava os olhos. Ter jovens bonitos no estabelecimento atraía clientela.

No Club 4, acotovelava-se uma fauna cosmopolita: alunos do liceu, velhos, homossexuais, foliões, casais, travestis. Para discoteca de província, até era

moderna. Alguns clientes vinham mesmo de Paris. Lembro-me de que havia uma sala dos fundos onde nunca pusemos os pés, mas sabíamos que se fodia atrás do cortinado vermelho que tapava a entrada.

Retrospetivamente, parece-me deveras incrível que tivéssemos o direito de entrar naquele lugar que raiava a depravação, tendo em conta que a maior parte de nós era menor de idade e eram os nossos próprios pais a deixar-nos à porta, como se se tratasse de uma discoteca «normal». Ignoravam sem dúvida que ali nada poderia ser classificado como normalidade.

A nossa grande diversão era snifar *poppers* — de venda livre ao balcão — toda a noite, passávamos as garrafas de mão em mão e víamo-nos aos espelhos: as nossas perceções estavam distorcidas, desfocadas, perdíamos o pé, ríamo-nos, tínhamos a sensação de transgredir um interdito.

A música era excelente, o DJ, um artista vibrante que misturava *techno trance* a maior parte do tempo. Dava-nos asas, acelerava-nos a pulsação. Dançávamos apertados uns contra os outros, ébrios de sensações que descobríamos em simultâneo. Brincávamos aos adultos, descomplexados e livres, quando não passávamos de crianças que se beijavam na boca e mal começavam a explorar a sexualidade.

À uma hora da manhã, o DJ parava a música eletrónica e os travestis moldados pelos vestidos de lantejoulas ocupavam o nosso lugar na pista para imitar as divas americanas. Gloria Gaynor, *I Will Survive*, Dona Summer, *I Feel Love*, Eruption, *One Way Ticket*.

Depois do espetáculo, havia sempre uma dança do lenço.

Nina nunca escolhia Étienne da roda, quando era beijada e posta no centro do círculo. Demasiado perigoso. Demasiado complicado. Namoriscar seria pôr a amizade deles em perigo. E depois eles conheciam-se demasiado bem. Só os estranhos lhes pareciam desejáveis, intrigantes. Eram como esses casais de longa data que já não se veem verdadeiramente.

Adrien nunca participava, ficava sentado ao balcão, observava Nina e Étienne de longe, a sorrir. Quantas raparigas e rapazes estendiam o lenço a Étienne? Ele era o mais cobiçado, permanentemente no centro do círculo. Ele entregava-se de bom grado, fazia olhinhos às raparigas e, se estivesse bêbedo, depositava um beijo nos lábios dos rapazes. No último ano do secundário, Étienne andava com Clotilde Marais, mais uma razão para incentivar as raparigas durante a dança do lenço. O único sítio onde ela o

admitia. Embora às vezes fizesse má cara, se o beijo se eternizasse. Ou vingava-se convidando outro rapaz na sua vez. O que Étienne também não suportava. Ser enganado diante dos outros, mais valia morrer.

Nina ainda não tinha «dormido», como se dizia, e só pensava nisso. Era a sua obsessão. Queria que fosse com um tipo por quem estivesse apaixonada. Sobretudo a primeira vez. Era louca por um Alexandre com quem, no máximo, trocara um «Olá, tudo bem?» «Sim, e contigo?» «Boa tarde». Palavras que a tinham deixado trémula, exultante e exangue. Ele chegava sempre ao Club 4 às duas da manhã. Quando ela o lobrigava na penumbra, descortinava a sua silhueta, as roupas que trazia, abandonava a pista. Nina e ele orbitavam-se, arranjavam forma de nunca estarem longe um do outro, mas havia uma amiga que não o largava da mão. Mesmo quando ele ia aos lavabos, ela postava-se diante da porta como um segurança. Adivinhando que Nina se metia lá para evitar a fila na casa de banho das senhoras. Cruzaram-se uma única vez, Alexandre tinha encostado e beijado Nina contra a parede, um beijo sensual que a deixara KO em pé. Quando ela voltou a abrir os olhos, ele já lá não estava.

Nina sentia o olhar de Alexandre pousado em si, sorriam um ao outro, esperavam-se, roçavam por vezes as mãos ou os ombros, mas a emplastro vigiava. O tipo de jovens muito velhos, casados na alma, porque estão juntos há muito tempo. «Ele não a ama, mas não se atreve a deixá-la», ouvira Nina de uma amiga que eles tinham em comum.

Nina adorava contar a si mesma aquela história de amor impossível. Que, se Alexandre fosse livre, eles se amariam.

Alexandre tinha vinte e um anos, estudava Direito em Dijon e vivia com a Cola. No fundo, aquilo fazia sonhar Nina: um apartamento, um sofá vermelho, uma cozinha equipada e um príncipe encantado num *kit*. Repetia a quem a quisesse ouvir que depois do liceu iria com Étienne e Adrien fazer vida em Paris. Mas no seu foro íntimo oscilava continuamente: um dia sonhava com uma história de amor entregue com crianças e manual de instruções; no dia seguinte, com uma liberdade sem peias e com amantes, tantos amantes que ela visitaria países, cantaria e desenharia a sua vida de artista.

Embora os seus sonhos passassem de um extremo ao outro, uma coisa era certa: ninguém a separaria de Adrien e Étienne.

30

12 de dezembro de 2017

— Fazes isto com todos os homens que vão adotar um cão ao teu canil?

Nina sorri.

— Que idade tens? — pergunta ele.

— Em cadela ou em mulher?

— Já agora, por quanto é que tem de se multiplicar, para os cães?

— Depende do porte do cão. Eu devo andar pelos cento e dezoito anos. E tu?

— Também por aí.

— Vou indo — diz ela.

— Podes ficar.

— Há uma eternidade que não dormia com uma pessoa.

— Isso é muito, uma eternidade.

— E tu?

— Eu o quê?

— Há quanto tempo não dormias com uma pessoa?

— Acho que também há uma eternidade.

— Não és casado?

— Divorciado. E tu?

— Idem.

— Já temos dois pontos em comum…

— Tens filhos?

— Não. E tu?

— Também não. Não sei como se chama a um homem e uma mulher que não tiveram filhos.

— Orfílios? Perdidos, contrários, solidões, sem-fraldas, sem-descendência, sortudos, egoístas, esterilidades, sem-mãos, sem-ventres, sem-embriaguez, sem-chatices, sem-herdeiros, alegres pândegos, vitalícios, eternos adolescentes, crianças perpétuas, sem-marcas, sem-alegrias, sem-enxovais, sem-alcofas, sem-vidas após a vida, nem-um-gato-vais-ter-no-teu-enterro…

Nina desata a rir.

— Ficas tão bonita quando te ris — diz ele.

— Ainda estou tocada. O teu *bourbon* matou-me.

— Só te ris quando estás tocada?

Nina levanta-se e começa a vestir-se.

— Um homem pode ter filhos até aos oitenta anos. Acho que o Chaplin foi pai muito tarde. Para ti, nem tudo está perdido.

— Estou salvo, então… E para ti? Está tudo perdido?

— Acreditemos.

— Levo-te a casa?

— Não, vou a pé.

— Voltamos a ver-nos?

— Sim, se fores adotar outro cão.

Romain sorri.

— Já não te agrado?

Nina não responde. Já lhe voltou as costas e desce as escadas para ir buscar as calças e a camisola, que ficaram na sala. Os restos do amor. O televisor ainda está ligado, o programa mudou, há imagens a preto-e-branco, Hitler, uma multidão, cruzes roubadas. *Bob* não se mexeu do sofá, olha para Nina com os seus belos olhos tristes.

— Adeus, meu velho.

Veste o casaco. Não sobe para se despedir de Romain. Enviar-lhe-á uma mensagem. Palavras simples. «Obrigada por me teres feito regressar à vida.» Ou simplesmente: «Obrigada.» Ou: «Adeus, obrigada.»

Fecha a porta silenciosamente atrás de si. Quando se vê na rua, pensa de novo na pergunta: «Já não te agrado?» *Não*, pensa Nina. *Falas demasiado bem, e eu desconfio dos que falam demasiado bem*.

Estremece. Não se arrepende de ter vindo. O amor não se esquece.

31

15 de dezembro de 2017

Vou dar com *Nicola* no fundo de uma caixa, na cave. Há uma hora que o procurava por todo o lado. Chorava. Tive medo de que ele se tivesse escapado quando abri a porta da rua, esta manhã. Agarro-o com delicadeza e aperto-o contra mim.

— O que estás a fazer aqui?

Ele ativa a sua máquina de ronrons. Adoro o seu calor e o seu cheiro. Há apenas alguns dias que ele e a sua caixa de sapatos chegaram a minha casa e é já demasiado tarde para pensar sequer numa separação razoável. Entregá-lo a uma família mais apta do que eu? Eu que não o sou? Esta bolinha, este coração que martela, devora, corre, adormece, mia, procura-me, me reconheceria já entre outras pessoas. Eis-me proprietária de uma vida. Responsável. Eu que não queria nada, eis-me com tudo.

Estava deitado em cima dos meus diplomas. Sopro para tirar os pelos antes de fechar de novo a caixa. Nunca os tirei dali, desde que vivo nesta casa. Para lhes fazer o quê? Emoldurá-los? Pendurá-los nas paredes para impressionar as poucas almas que entram em minha casa? Estes troféus amontoados já não me servem de nada. Não passam de um colchão de papéis para o meu gatinho.

Os nomes deles na lista.

Nina Beau: Aprovada com distinção.

Étienne Beaulieu: Aprovado.

Adrien Bobin: Aprovado com distinção e louvor.

Já não respiravam. Aguardavam, queriam ter a certeza de que os seus nomes apareciam, antes de rejubilarem. Gritam os três em simultâneo. Até mesmo Adrien, habitualmente reservado, a quem é sempre preciso pedir que repita as frases por falar demasiado baixo, lança uma espécie de urro que poderia comparar-se ao de Tarzan. Nina soluça nos braços do avô.

— Consegui, vô, consegui.

Pierre Beau não consegue reprimir as lágrimas, olha para o céu, agradecendo a Odile.

À vida, ao amor
Às nossas noites, aos nossos dias
Ao eterno regresso da fortuna…

Étienne, ébrio de gratidão, passa dos braços de Nina aos de Adrien, sussurrando:

— Obrigado, amigos, obrigado.

É a primeira vez que ele toma Adrien nos braços. Depois troca um olhar com o pai, um olhar que diz muito, e cai nos braços da mãe, que lhe murmura:

— Parabéns, meu filho. Bravo! Vês, quando tu queres…

Marc Beaulieu não diz nada, mantém-se à parte. Étienne não teve menção honrosa. Há sempre um aluno medíocre, numa fratria.

Joséphine derrama lágrimas copiosas enquanto aperta Adrien nos braços. O enlace deles dura mais tempo. Ela conseguiu criá-lo sozinha, o que dirá o pai quando souber que o filho passou com louvor e distinção? O que pensará, ele que sempre os viu como dois erros da juventude?

Adrien, Nina e Étienne quebram o seu círculo para se juntarem aos restantes colegas, partilhar a alegria deles. Feliz, Joséphine propõe um aperitivo improvisado em sua casa. Todos aceitam com alegria.

— Temos de recuperar juntos destas emoções, com os *nossos três filhos* e todos os que quiserem vir, faremos o espaço esticar.

Eu sou como Louise, a minha preciosa amiga, nós observamos os outros discretamente, sem nos manifestarmos. Louise acaba de ser aprovada no seu exame de Francês, teve 17 na oral e 19 na escrita. Está na turma de Ciências. Quer ser médica e sabe que nada a impedirá. É o que gosto mais nela, a sua determinação.

Na multidão de alunos, Clotilde descobre Étienne, lança-se-lhe ao pescoço. Ele beija-a, aperta-a nos braços. Não se atreve a deixá-la, depois do aborto. Acompanhou-a ao hospital, esperou por ela, levou-a a casa. O peso da culpabilidade. Aguarda por julho, as férias de um mês, separar-se-á dela quando regressar. No próximo início de ano escolar, ela estará numa faculdade em Dijon, ao passo que ele se mudará para Paris. Transformará Clotilde numa recordação distante. Ela diz-lhe ao ouvido um «Amo-te» que o gela, ele responde, lacónico: «Eu também.»

São seis da tarde, estamos em casa de Joséphine, que abriu todas as janelas

do apartamento para deixar entrar o sol do mês de julho. Uma vintena de pessoas no apartamento acanhado. Ela despejou grandes sacos de amendoins em saladeiras e pousou garrafas de porto, martíni, uísque e *pastis* na mesa de centro.

— Sirvam-se! Se não houver gelo suficiente, vão buscar mais ao frigorífico.

Os que fumam juntam-se à vez na minúscula varanda. Com receio de que se desmorone, vão dois a dois.

Fala-se de planos para o futuro. Misturam-se com os álcoois. Outras cidades, alhures. Dijon, Châlon-sur-Saône, Autun, Paris, Lyon. A maior parte dos que concluíram o secundário vai para a faculdade. Adrien, Nina e Étienne enviaram um pedido aos Serviços de Ação Social de Paris e da região parisiense. O apartamento dos seus sonhos ficaria para depois. Étienne tem poucas hipóteses de conseguir um quarto pelo SAS, mas a mãe prometeu-lhe: «Arrendo-te um não muito longe do alojamento da Nina e do Adrien», os quais terão direito a bolsas e desenvencilhar-se-ão com empregos a meio-tempo. Os três miúdos de La Comelle desenham as linhas do seu destino: Adrien vai fazer um ano de preparação para entrar depois numa Escola Normal Superior, Étienne fará concurso para entrar numa Escola de Polícia, Nina seguirá para Belas-Artes. Dizem «sim» a tudo, com «o» sonho comum subjacente, a demanda tácita: fazer música. Tocar em bares. Nas ruas. No metro. Gravar um álbum.

Naquela noite, estou junto de Louise e aproveito aquela felicidade, bebo o porto de Joséphine, que vejo andar para cá e para lá, como uma ave que passa de objeto em objeto e se prepara para levantar voo. Nunca esquecerei o olhar orgulhoso e resoluto que Pierre Beau pousa na neta, nem o de Marie-Laure, que ignora a expressão carrancuda do marido e bebe martíni atrás de martíni. O sorriso de todos aqueles pais, o nosso alívio de estudantes: acabou, temos o certificado no bolso.

Todos os copos se erguem mais de dez vezes, o brinde é sempre o mesmo: «À saúde dos nossos filhos!»

Noto também que se pode estar no paraíso num apartamento mal-amanhado, com quarenta e cinco metros quadrados no máximo, num quarto andar sem elevador, sem qualquer outro charme que não a vida no seu interior. Sente-se ali aquele júbilo que não se compra de chave na mão. Naquela noite aproveito a nossa juventude, as nossas esperanças, os nossos

pais que acreditam em nós, aquela sorte de termos crescido juntos naquela província que nos protegeu.

E eu? O que serei? Quais serão as minhas escolhas? O que farei delas?

Depois daquele aperitivo em casa de Joséphine, os estudantes combinam encontrar-se a partir das dez da noite numa das margens do lago da Floresta. Levar o máximo de garrafas, é esta a palavra de ordem.

Encontramo-nos à volta de uma imensa fogueira. Somos mais de uma centena. Juntaram-se-nos os alunos do 10.º ano, entre eles Louise. Bebemos cerveja e uísque, cantamos e dançamos juntos. Étienne levou o gravador e duas colunas. Os outros trouxeram cassetes dos Nirvana, Bruce Springsteen, NTM, Mano Negra, IAM. Repetimos cem vezes a canção de KOD em coro:

A cada um o seu rumo, a cada um o seu caminho,
A cada um o seu sonho, a cada um o seu destino…

Às onze horas, estamos quase todos dentro do lago de roupa interior. Alguns rapazes estão nus. Algumas raparigas ficaram junto da fogueira. Não quiseram despir-se diante dos outros. Louise e Clotilde fazem parte deste grupo.

Quando o último grupo decide voltar para casa, já é dia.

32

Sexta-feira, 15 de julho de 1994

Pierre Beau deixa Nina em frente da receção dos Transportes Damamme. Não quis que ela fosse aos correios candidatar-se a um trabalho de verão. Apesar de os filhos dos funcionários terem preferência. Não quer tornar a vê-la tocar em correio, nem de perto nem de longe. Ignora que ela ainda remexe, furta, abre certos sobrescritos, se deleita com palavras dos outros. É mais forte do que ela, como um vício oculto.

— Bom dia, bom trabalho, pequenino.

Sempre a chamou assim, «pequenino». Em criança, ela perguntara-lhe: «Vô, porque me chamas "pequenino", se sou uma menina?» Ele respondeu: «O coração é masculino. E tu és o meu coraçãozinho.»

— Até logo, vô.

Nina apresenta-se na receção:

— Bom dia, chamo-me Nina Beau, começo a trabalhar hoje.

Foi a mãe de Étienne que a ajudou a arranjar aquele emprego. Marie-Laure fez-lhe um CV e entregou-o em mão ao responsável dos recursos humanos, que é seu amigo. Acompanham-na ao gabinete que ela vai ocupar durante um mês e meio, em substituição da menina Dalem, que está de férias, vai ter formação durante uma dezena de dias, ela verá, nada de complicado: receber faxes, enviá-los, arquivar as faturas por ordem alfabética nos arquivos da cave, escrever algumas cartas.

— Sabes usar o Word?

— Sim.

— Não dás muitos erros de ortografia?

— Não.

Entretanto, Étienne está no banco traseiro do carro familiar, ao lado de Louise. Está aliviado por ter saído de La Comelle naquela manhã. Já não pode ver Clotilde nem pintada. Deu-lhe a entender que talvez aparecesse em Saint-Raphaël para o ver, ele apressou-se a dizer que não estaria lá, que naquele verão ia com a família dar a volta à Córsega de barco.

Mentira. Não era grave. Já não podia com aquela rapariga. É incrível como

se pode amar uma pessoa, amar mesmo tudo, o seu cheiro, o seu corpo, a sua saliva, a sua voz, e subitamente detestar tudo isso. Como o lado B de um vinil do qual se ouviu o lado A uma e outra vez. Uma música que já não identificamos. Não se suportar sequer a sua presença. Um emplastro, uma cruz, um peso excessivo que não se consegue transportar. «Amas-me? Juras? Vamos ficar juntos para sempre?»

Não. Não ficaremos, pensa ele.

Étienne observa a irmã, parece perdida nos seus pensamentos. Tentou ler um dos livros, mas isso fá-la enjoar no carro.

— Estás apaixonada pelo Adrien? — pergunta ele baixinho, para os pais não ouvirem.

Ela fita-o uns segundos, estupefacta.

— É a primeira vez que fazes uma pergunta que me diga respeito. De costume, diriges-me a palavra unicamente para pedir uma coisa emprestada ou para pedir que minta para te encobrir.

Étienne fica magoado com a observação de Louise.

— És uma verdadeira peste.

Ela vira a cabeça, finge observar a paisagem.

— Sim. Estou apaixonada por ele. Vê-se, não?

Ele perscruta-a, desconfiado.

— Bem me parecia… Dormiram juntos? — pergunta ele, mais agressivo do que gostaria.

Louise encolhe os ombros e enrubesce. Fecha-se de imediato. Étienne já sabe que ela não abrirá mais a boca até chegarem a Saint-Raphaël.

Adrien mira-se no espelho da casa de banho. Diz a si mesmo que, afinal, será menos feio do que se temia. Parece-se cada vez mais com a mãe. Mais gracioso, mais suportável. Maçãs do rosto definidas, nariz fino, lábios mais carnudos do que esperava, dentes brancos regulares. Desde que obteve a aprovação com menção honrosa, o seu olhar mudou, como uma vitória que tivesse incendiado os seus olhos cor de avelã. Continua franzino, no limite da magreza, parece que isso muda com o avançar da idade. De qualquer modo, com o avançar da idade, tudo mudará. Não deverá ultrapassar o metro e setenta e cinco. Abomina a sua pele leitosa, como uma peça de roupa de que gostaria de se ver livre. Daria a alma ao diabo para ter a de Étienne, a sua tez acobreada. Examina o seu rosto pálido, as sombras em

torno dos olhos. Pensa que, com o verão, vai bronzear-se. Terá melhor cara quando chegar a Paris.

Começa o seu emprego de verão hoje, como Nina. Recebe o salário mínimo para abastecer combustível e receber os depósitos das botijas de gás, em frente de um supermercado. Separam-no dois meses de Paris, enquanto espera, bem pode fazer qualquer coisa para ganhar a vida.

*

Domingo, 31 de julho de 1994

Faz quinze dias que Nina e Adrien trabalham.

Pouco mais de um mês até Paris…

Deitados lado a lado na mesma toalha de turco extragrande, cobriram-se de protetor solar para acelerar o bronzeamento. Adrien propôs irem ao lago da Floresta, mas Nina tem um predileção pela piscina municipal. Está ali, o azul da sua infância. Aquele azul e aquele cheiro de cloro que ela adora reencontrar todos os verões sobre a pele.

— Tresanda a lixívia. És mesmo estranha — disse-lhe Adrien.

— Eu, estranha? Olha quem fala — retorquiu ela.

Ela adora os gritos das crianças, os corpos que rasgam a água quando se lançam das pranchas. Nina tem ainda o sabor de um gelado de chocolate na língua. Adrien adormeceu. Ela ouve-lhe a respiração. Todas as noites, vão a uma cabina telefónica e ligam a Étienne para lhe contarem o dia, ouvirem-se apenas, trocarem banalidades, falarem dos respetivos empregos. Nina faz-lhe perguntas sobre o mar. «Está ótimo», responde sempre Étienne. Ele pediu-lhes que não dissessem a ninguém que se falavam, que ele estava comunicável, sobretudo a Clotilde. «Sim, está prometido. De qualquer modo, nunca a vemos, parece que está a trabalhar na pizaria do porto.»

Adrien abastece gasolina e gasóleo. «É preciso ter cuidado para não te enganares.» Recebe o dinheiro, limpa o para-brisas, ouve rádio no cubículo minúsculo enquanto aguarda o cliente seguinte. «Não é mau, os dias passam depressa.»

Para Nina, é o mesmo. O trabalho agrada-lhe, é secretária, tem a sensação de estar a representar numa série americana. E, sobretudo, há novidades: Emmanuel Damamme abalou a sua vida. Filho do patrão, vinte e sete anos, bonito, grande, sombrio, mira-a o tempo todo. Quando ela ergue o olhar, os

olhos dele estão nela. Não se atrevem a falar um com o outro. Trocam algumas palavras. No gabinete dele não há nada para fazer, nenhum álibi para lhe perguntar o que seja. Emmanuel tem um secretário pessoal. Ela tem de conseguir atraí-lo para algum sítio, mas qual? Fazê-lo ir ao Club 4 num sábado seria miraculoso. Têm de falar antes do fim do contrato dela. Antes de Paris.

Fitando as folhas de uma árvore no relvado, mesmo junto da piscina infantil, Nina congemina um estratagema para atrair Emmanuel *aqui*. Com um ou dois copos, seria mais fácil falarem-se do que no escritório. Ela não sabe onde o encontrar em La Comelle. Ele tem um carro, parece viver com os pais numa belíssima propriedade com vários edifícios, ténis e piscina. Não há hipótese de se cruzarem nos pedilúvios municipais. Ela sabe que ele fez os estudos em Lyon antes de regressar à região para retomar a atividade familiar.

Da primeira vez que o viu, quase desmaiou. Sentiu-se corar. Dirigiu-lhe um bom-dia que ela nunca esquecerá. Adorou a sua voz, uma tessitura grave e sensual. Respondeu-lhe a gaguejar como uma galinhola. Embora não esteja certa de que as galinholas gaguejem. Ri-se. Adrien acorda, abre os olhos.

— Estás a rir-te sozinha?

— Sim, estava a pensar no Emmanuel.

— Outra vez?

— Sim. Sabes bem que quando estou apaixonada não penso noutra coisa.

— E o Alexandre?

— Quero lá saber.

— Pensava que era o homem da tua vida…

— Como é que vamos conseguir que o Emmanuel vá até ao Club 4 no próximo sábado? — corta Nina.

— Deixas um convite na secretária dele.

— Impossível.

— No para-brisas?

— Impensável.

— Qual é o cantor preferido dele?

— Sei lá… Porquê?

— Informa-te e faz-lhe saber que ele vai cantar lá no próximo sábado.

— Que disparate. Como é que ele ia acreditar nisso?

— Um concerto privado. Não seria a primeira vez. Já vieram cá artistas conhecidos.

— Imagina que o cantor preferido dele está morto… Como faríamos?

Desatam ambos a rir-se ao mesmo tempo.

— Onde é que ele para, o teu Emmanuel?

— O quê?

— Onde é que ele deixa o carro, quando vai trabalhar?

— Ora, no estacionamento da Damamme.

— Vai ver se não tem umas cassetes esquecidas em cima do tabliê. Assim saberás o que ouve.

— Que vergonha, imaginas-me a rondar o carro dele?

— Posso ir lá eu. A mim ninguém me conhece.

— Tu?

— Sim, eu. Ele chega a que horas, de manhã?

*

Sábado, 6 de agosto de 1994

Emmanuel Damamme entra no Club 4. Mal o vê, Nina dirige-se a ele, fingindo-se desolada.

— O concerto foi cancelado. Étienne Daho está com uma bronquite, não pode vir.

Ela vê diversão no seu olhar. Nenhuma deceção. Percebe que ele nunca acreditara na história mirabolante que ela lhe contou:

— No sábado à noite, Étienne Daho vai cantar no Club 4. Quis fazer uma surpresa aos clientes, um concerto privado. É muito amigo dos donos. Gosta de Étienne Daho?

Emmanuel sorrira, antes de responder:

— Imagino que já não haja bilhetes.

— Não, é uma surpresa. Um sábado normal… Há muitos lugares.

— Se é uma surpresa, como é que sabe?

— Tenho informadores.

Agora, Emmanuel está ali, encostado a ela. Mais descontraído do que no escritório, mais livre. Os seus olhos brilham. *Nunca foi tão belo e desejável*, pensa Nina.

— Posso oferecer-lhe uma bebida? — propõe ele.

— Sim.

Sorriem um ao outro, dirigem-se ao balcão. Gritam para se ouvirem. Nina pensa que está tudo a correr ainda melhor do que nos seus sonhos.

Na pista, Adrien observa-os. Nunca viu Nina comportar-se assim, totalmente voltada para uma pessoa. Nada nem ninguém parece poder desconcentrá-la. Adrien vê Emmanuel. A sua particularidade é não se parecer com os outros. Com os que o rodeiam naquele clube. Nem sequer com os habitantes de La Comelle. Tem a classe de um dândi inglês. Dir-se-ia saído da série *Os Vingadores*. Adrien sente o perigo de imediato. *Este*, diz-lhe a sua voz interior, *pode roubar-te a Nina.* Adrien lamenta que Étienne não esteja ali. Se estivesse, seria tudo diferente. Étienne iria buscá-la, agarrar-lhe-ia a mão e diria: «Anda, vamos dançar.» Ou: «Anda, vamos os três para casa ver um filme.» Ou então, sem rodeios: «Anda, este tipo tem mais dez anos do que tu, é demasiado velho para te tirar a virgindade.»

A dois, são mais fortes. Conseguem chamar Nina à razão. Acalmar os seus ardores. Dos dois, é sempre Étienne que a faz descer à terra.

Agora, ela parece levitar.

— Vem aqui muitas vezes? — pergunta-lhe Emmanuel.

— Todos os sábados — responde Nina.

— Eu vinha aqui, antes de ir para Lyon… Um local de depravação, para uma jovem.

Nina desata a rir-se. Emmanuel observa-a, um lado Audrey Hepburn que não lhe desagrada. Nina tem um vestido preto de algodão que lhe molda o corpo. Um corte reto de cabelo emoldura-lhe o rosto, uma franja oculta a testa, a boca é sensual, os olhos pretos, profundos. *Uma mistura soberba*, pensa ele. Ela tinha chamado a sua atenção logo de início. «A neta do carteiro», disseram-lhe. Uma amiga dos Beaulieus que Emmanuel conhecia vagamente.

— Quais são as suas origens?

— Pai incógnito e mãe depressiva — ironiza ela.

— Interessante.

— Em setembro vou viver para Paris — diz-lhe ela.

— Paris?

— Com os meus dois melhores amigos, são como irmãos, temos uma

banda. Vamos gravar um álbum.

— Que género de música?

— Eletrónica. Temos dois sintetizadores e eu sou a vocalista.

— Canta?

— Sim… É estranho tratar-me por você, tenho a impressão de ser sua avó.

— Está bem, tratamo-nos por tu. Então… cantas?

— Sim.

— Poderias cantar-me alguma coisa, agora, aqui?

E tu, diz-me que me amas
Mesmo que seja mentira
Porque sei que mentes
A vida é tão triste
Diz-me que me amas
Todos os dias são iguais
Preciso de amor…

— Muito bem. Não vi Daho, mas tive direito a Lio.

— Nunca fiz amor. E tu?

— É o nome de uma canção? — pergunta ele, irónico.

Ela sorri, o álcool dá-lhe segurança. Aproximam-se um do outro. Ela sente a boca dele contra a sua orelha, a sua voz, o seu perfume. Roçam-se, elétricos. Ela poderia casar-se com ele ali mesmo. Sem pensar duas vezes. Poderia renegar pai e mãe. Calha bem, não os conhece.

Ficam pregados ao balcão. Dão-lhes encontrões, não dão por nada. Emmanuel começa a deslizar o indicador pelas costas da mão dela.

— Já me aconteceu.

— O quê?

— Fazer amor.

Nina dá uns goles para ganhar coragem.

— Podias ensinar-me? Gostaria de fazer amor antes de ir para Paris.

— Podemos combinar um destes dias.

33

22 de dezembro de 2017

Nina entrou pela primeira vez na lojinha do centro da cidade para oferecer a si própria três blusas, uma camisola branca, dois pares de calças e um vestido.

Um vestido e uma camisola branca… mas o que é que vou fazer com isto?

Há dez dias que passa todos os serões com Romain Grimaldi. Depois do dia de trabalho, vai a casa engolir qualquer coisa, toma um duche e muda de roupa. A seguir caminha até à rua Rosa-Muller. Deixa-o depois de fazerem amor, sob pretexto de os gatos a aguardarem em casa.

Acaba de espatifar 300 euros em coisas que nunca usará. É então assim tão idiota, uma mulher? *Relaxa!*, murmura-lhe uma voz. *Deixa andar e não te preocupes*.

Nina está na enfermaria. Observa os três gatinhos adormecidos sob a lâmpada de infravermelhos. Não se sabe onde está a mãe e eles ainda não foram desmamados. Uns estudantes revezam-se para os alimentar. Os adolescentes adoram doar o seu tempo ao abrigo para se ocuparem dos bebés.

Hoje é o aniversário da morte de Éric, o filho de Simone. Não seria possível inventar uma palavra específica para *isto*? A palavra «aniversário» é tão pouco adequada. Nina podia perguntar a Romain, ele que soube encontrar tantos qualificativos para os que não têm filhos.

Nina observa Simone pela janela da enfermaria. Prender uma trela comprida aos arneses dos cães e levá-los uns atrás dos outros mantendo-se direita. Simone tem o porte de uma primeira bailarina. Envolvida por um polar, um lenço *Hermès* na cabeça, dir-se-ia uma grande senhora que se perdeu entre barracas de betão. Uma rainha de Inglaterra no meio das favelas. Esta manhã, limitou-se a dizer a Nina, enquanto procurava as luvas na mala: «Faz três anos hoje.» E acrescentou: «Virei trabalhar no dia 25 de dezembro, podes tirar o dia de folga, por uma vez.»

Ainda são só 8h30 e Simone já levou a passear *Rosy*, arraçado de pastor-dos-Pirenéus, e *Bumerangue*, um belo e grande cão de caça negro que Nina

rebatizou assim porque apareceu sozinho no abrigo depois de ter sido adotado duas vezes. Com um ano de intervalo, depois de ter partido com a sua nova família, fugiu, reencontrou o caminho, e sentou-se, bem-comportado, diante dos portões, a aguardar a abertura para regressar à sua *box*. Nina instalou-o à entrada, perto do seu escritório, no canil maior, e abre-lhe a porta todas as manhãs quando chega, para que ele possa deambular livremente. Já não está nas propostas de adoção, acabará aqui os seus dias. Nina hesitou em levá-lo para casa, mas, no fundo, a casa dela é aqui. É ali que ela passa a melhor parte do seu tempo.

Uma manhã fria. Uma luz de inverno, um céu azul-aço. Nina entra no gatil, aquilo espreguiça-se, aquilo boceja, aquilo espera. Aquilo aguarda uns braços, um apartamento, uma casa, uma varanda, um jardim, uma vista, bolas. Hábitos de um lado qualquer que não este. Um velho ou uma família numerosa, rica ou pobre, pouco importa, o que conta é a atenção e a ternura. Durante os dias de porta aberta, observam-nos, fazem-lhes festas, preferem uns a outros. Então, enquanto esperam, dormitam nos cestos forrados, oferecidos por beneméritos.

Nina calça as luvas de plástico, muda as areias, lava os pavimentos com detergente, fala com os felinos que a observam com um ar fatigado, os olhos semicerrados. Os mais jovens brincam, correm atrás uns dos outros, trepam e afiam as garras nos arranhadores. Os mais velhos bufam quando há demasiado banzé.

— Ontem à noite fiz amor.

Os olhos deles, amarelos, azuis ou verdes, fitam-na com interesse. Como se ela contasse uma história a crianças.

— Não façam essa cara, afinal sou uma mulher… Não sou só a vossa empregada de limpeza… Lembram-se do tipo grande que adotou o *Bob*? É ele. Sim, é verdade, não fui muito longe e vocês devem achar-me patética… mas pronto, faz-se o que se pode com o que se tem… Não vou ensinar-vos isso, logo a vocês.

Simone dá com ela dentro do gatil.

— Está a falar sozinha?

— Não, conto coisas sexuais aos gatos.

— Eu também teria coisas a contar-lhes… Vestígios do passado.

Simone vai afagá-los, pega-lhes ao colo. Neste momento há mais de

cinquenta. Em breve Nina não poderá aceitar mais. Será preciso mandá-los para outros abrigos. Antes, o gatil transbordava de gatinhos na primavera, agora é o ano todo. Uma desgraça. São, na sua maior parte, dados ou vendidos a quem os quiser, metidos no caixote do lixo no meio de cascas ou deixados na rua, os olhos colados, famélicos e infestados de parasitas.

Nina gostaria de lançar uma campanha de esterilização com o apoio do município.

A vida é mesmo muito injusta. Eles têm montes de filhos, eu não consigo tê-los e a Simone teve um que está morto…, pensa Nina.

— Como vai isso? — pergunta ela a Simone.

— Vai indo. Gostaria que fosse amanhã. Desde que o Éric partiu, gostaria sempre que fosse amanhã… O presente atrapalha-me… Não sei o que fazer dele.

— Hoje estamos cá muitos. Pode ir para casa, caso se sinta cansada.

— Tudo menos isso, tudo menos isso… Bem, vou voltar.

Nina entra no canil. Está tudo no olhar. Nina sabe que animal convém a que pessoa. Quando alguém entra no abrigo e pede para ver as «gatinhas brancas», não é raro sair com um gatão laranja. A cada um a sua personalidade, o seu modo de vida, as suas singularidades.

Se uma pessoa se apaixona por um cão e este a ignora, Nina não o deixa ser adotado. A adoção estaria condenada ao fracasso, a um regresso precipitado. Nina não procura despachá-los a qualquer custo, quer construir uma história verdadeira entre a pessoa e o animal. Em dezassete anos de abrigo, já aconteceu enganar-se, mas isso faz parte dos riscos de todas as profissões. Nada pior do que aqueles que os devolvem: «Afinal não dá, ele tem medo de tudo, gane muito», «É agressivo, parece que não gosta de nós», «Gostava mais de um gato, em vez de um cão», «Estou a divorciar-me e a minha mulher não o quer», «Ele cheira mal, larga pelo, é feio, peida-se», «Fica-me demasiado caro»…

*

Nina atravessa o abrigo, atraída por uma silhueta familiar que baloiça ora num pé, ora no outro. Um adolescente postado diante da entrada dos escritórios. Ela puxa do *Ventoline* e inspira de um golpe seco. O frio abate-se, uma espécie de morrinha, o céu encobriu-se em poucos minutos, ela é

percorrida por um arrepio. A semelhança é impressionante. Como que lhe dá um murro no estômago, conforme se aproxima. Parece estar sozinho. Por reflexo, Nina lança um olhar ao parque de estacionamento, para ver se há um adulto à espera num carro. Ele sorri-lhe quando ela fica diante de si. É o sorriso *dele*. Nina empalidece, a garganta seca e contraída. Pensa logo numa má notícia. Tem medo de falar em primeiro lugar.

— Bom dia, minha senhora — diz ele, jovial.

— Bom dia.

— Gostaria de oferecer um gato à minha avó, no Natal.

A mesma voz. Os olhos são ligeiramente diferentes. A forma mais arredondada, mas a cor é idêntica. O nariz, gémeo. A boca, similar. Nina já não sente as pernas. Gostaria ao mesmo tempo de fugir e estreitá-lo nos braços. Correr para longe e acariciá-lo. Tomar-lhe o rosto e sentir o seu cheiro. Meter a mão nos seus cabelos.

— A tua avó sabe que queres dar-lhe este presente? — pergunta ela, a voz trémula.

— Não, é uma surpresa.

— E achas que será uma boa surpresa?

— Iap. Anda triste, desde que o gato dela morreu. Diz que não quer outro… mas eu não acredito.

— Onde é que ela vive?

— Em La Comelle.

— Que idade tem?

— Não sei bem, deve andar nos sessenta… por aí.

Nina não consegue impedir esta pergunta:

— E tu? Que idade tens?

— Catorze.

— Como te chamas?

— Valentin.

Nina fita-o. Não há lugar a dúvidas. É um *flash-back* de uma violência inaudita.

— Valentin… Beaulieu? — arrisca.

O adolescente fita-a por sua vez. Como que apanhado com a mão no frasco de doce.

— Como é que sabe?

— És parecido com o teu pai.

O rapaz franze os olhos, fingindo mal a surpresa.

— Conhece-o?

— Andámos juntos na escola.

— Era consigo que ele fazia música?

Segundo soco no estômago, ela puxa de novo do *Ventoline*, inspira-o de um golpe seco.

— Que coisa é essa? — pergunta Valentin, apontando o inalador que ela aperta na mão.

— Um tratamento para a asma.

— Isso dói?

Menos do que te ver, pensa Nina.

— Não. Pelo contrário, alivia.

— Fica caro levar um gato para casa?

— Depende da idade do gato.

— Vivem quanto tempo?

— Entre quinze e vinte anos. Queres vê-los?

Valentin sorri.

— Sim.

— Tens animais?

— A minha mãe não quer… Eu gostava muito de um pastor-alemão.

«A minha mãe»… A que mulher terá Étienne acabado por fazer um filho?

— Eu tive uma cadela pastor-alemão quando era pequena… Chamava-se *Paola*.

— Que sorte…

Valentin segue Nina. Parece extremamente perturbado pela presença de cães nas *boxes*. Eles ladram à sua passagem, farejam, choram, ganem. Valentin vê um isolado, numa outra parte do abrigo, cujo olhar é tão triste como o tempo que está. Valentin aponta para ele.

— Porque é que aquele está ali, ao fundo? Parece que está de castigo.

— Chegou ontem. Se dentro de três semanas não for reclamado pelos donos, vai juntar-se aos outros. Por agora, sou obrigada a deixá-lo de quarentena.

— Mas porquê?

— É a lei.

— É triste — diz ele.

— Nós tratamo-los bem, não te preocupes.

Entram na enfermaria. Percorrem os corredores que conduzem ao gatil. Por uma vidraça, Valentin vê três gatinhos numa jaula sobre a qual está acesa uma lâmpada de infravermelhos. Detém-se.

— São tão bonitos!

— Pois são — responde Nina. — É a sua maior desgraça.

— Porquê?

— Porque todos os querem quando são pequeninos, mas quando crescem já não interessam a quase ninguém.

— Isso deixa-a zangada?

— Sim. Mas não estou aqui para julgar os humanos, o meu papel é apenas proteger os animais.

No interior do gatil está tudo calmo.

— Apresento-te os nossos gatinhos todos.

Valentin vai fazer-lhes festas.

— Aqui é menos triste, não é como com os cães — murmura.

Nina deixa passar algum tempo. Observa-o. Acaba por fazer a pergunta que a queima:

— O teu pai sabe que estás aqui?

— Não, ninguém sabe. Vim sozinho.

Valentin tem ar de saber perfeitamente o que quer.

— Como está a Louise? — pergunta Nina.

— A tia? Está bem.

«A tia.» Nina diz a si mesma que ela própria não é mãe nem tia. Nina diz a si mesma que ela própria não é nada. Pensa nas palavras de Romain que a fizeram rir: «Nem um gato vais ter no teu enterro.»

Sem sentir as pernas, vai sentar-se num banco. O das «afagadoras». Todas as semanas, vêm estudantes, sobretudo raparigas, fazer festas aos gatos, num programa de voluntariado. São as mesmas que alimentam os gatinhos. Nina acalma-se, respira lentamente, enquanto Valentin prossegue a sua exploração e uma dezena de gatos vem roçar-se-lhe nas pernas.

— Como é que descobriste a nossa morada? — pergunta, por fim, Nina.

— A avó tem o vosso calendário na cozinha.

Uma ideia de Simone. A equipa tira fotografias aos animais que estão para adoção e compõe os calendários com ajuda de um programa informático.

São postos à venda todos os finais de ano, nas lojas de La Comelle, para recolha de donativos. *Marie-Laure Beaulieu compra-o… Não me espanta, ela é muito generosa. Faz parte das minhas maiores vergonhas,* pensa Nina. *Ela aconchegou-me, protegeu-me, apoiou-me, amou-me e eu nunca fui vê-la nem sequer para saber novidades.*

— Como é que vou conseguir escolher? São todos tão bonitos — murmura Valentin, desanimado.

— Tenho uma ideia… Na noite de Natal, pões um sobrescrito debaixo da árvore com o nome da tua avó, e lá dentro um vale para um gato do abrigo, e assim ela virá escolher por si.

O rosto de Valentin ilumina-se.

— Anda, vamos fazê-lo juntos no meu escritório.

— É preciso passar outra vez pelos cães, para ir ao seu escritório?

— É.

Valentin faz uma careta.

— Não há outro caminho?

— Basta fechares os olhos, eu dou-te a mão. E podes tratar-me por tu.

— Combinado.

Nina descalça as luvas. Gostaria que aquela travessia do abrigo durasse mil anos. A mão jovem na sua, já maior do que a sua, mas tão macia. Aqueles dedos que a apertam lembram-lhe os de Étienne e Adrien. Transportam-na à adolescência, à despreocupação. Como uma tomada a que se ligam duas fichas. Uma luminária no inverno. Um escaldão. De olhos fechados, Valentin deixa-se conduzir. Como se caminhasse sobre um fio suspenso no céu e tivesse vertigens. O perfil perfeito, como o do seu pai. Chove, agora. Neve derretida nos seus cabelos.

Entram no escritório de Nina, largam as mãos.

Nina fica de novo sozinha.

Abre uma das suas gavetas, retira o carimbo do abrigo e dois autocolantes. Começa a fazer uma espécie de vale de Natal numa folha quadriculada de caderno. Nunca fez tal coisa. Nunca mais a fará. Os animais não podem ser trocados contra uma senha, mas trata-se de uma situação excecional.

— Como é que o meu pai era, em pequeno?

— Ele nunca foi pequeno. Sempre o conheci enorme.

Os olhos de Valentin cintilam, as mesmas bolhas de alegria que havia no

olhar de Étienne. Instala-se um silêncio prolongado entre ambos, enquanto Nina desenha um gato a esferográfica. Não é um silêncio constrangido, mas já um silêncio como aqueles partilhados por quem se conhece bem. Que não se sentem obrigados a preencher os vazios.

— Desenhas mesmo bem.

— Obrigada. Vou levar-te a casa — diz Nina, estendendo o vale a Valentin.

— Posso voltar a pé.

— Está a nevar.

Ele tira do bolso uma nota de vinte euros.

— Quanto te devo pelo gato?

— Excecionalmente, nada.

— Quero fazer um donativo.

— Não tenho o direito de aceitar o dinheiro de um menor.

— Porquê?

— É a lei.

— A lei é estúpida. É como aquele cão de castigo, é estúpido. Só tens de dizer que foi o meu pai que te deu esta nota.

Nina aceita os vinte euros, mete-os num mealheiro e em troca estende ao adolescente autocolantes com a imagem do abrigo.

— Toma, tenho o direito de te vender isto. Poderás colá-los onde te parecer bem.

Erguem-se ao mesmo tempo. Valentin segue-a. Também ele observa Nina furtivamente. Não a olha de modo normal. Como um vulgar adotante. Aquela história de querer oferecer um gato à avó já não a convence. É sem dúvida um pretexto que ele arranjou. Ela volta-se, fixa os olhos nos olhos de Valentin.

— Não vieste cá por acaso, pois não?

Valentin finge não perceber o que ela está a tentar dizer-lhe. Desvia o olhar.

— Era a mim que querias ver? — insiste ela.

Valentin muda de expressão. As suas feições ficam tensas.

— Era… É porque… o meu pai vai morrer.

34

Sexta-feira, 12 de agosto de 1994

Mais três semanas e a Nina vai para Paris, pensa Pierre Beau enquanto sobe uma ladeira. *É bom, ela vai ter uma vida boa, fui bem-sucedido na minha missão, no fundo, não me desenrasquei nada mal, é uma miúda encantadora. E depois não vai estar sozinha, vai ter lá o Étienne e o Adrien, não preciso de me preocupar…*

Detém-se para enfiar um sobrescrito por baixo da porta da menina Brulier, uma senhora encantadora que vive no número 15 da rua John-Kennedy. Tem as persianas fechadas, está de férias. Como todos os anos, antes de partir, pediu ao carteiro que não deixasse nada na caixa de correio.

Pierre Beau conhece de cor as ruas de La Comelle. Percorre-as na sua bicicleta há trinta e seis anos. Uma sacola à frente, duas atrás, uma às costas e a bolsa do dinheiro sobre o estômago, cingida por uma tira de couro em diagonal entre o ombro esquerdo e a anca direita. Terá mudado talvez umas dez vezes, desde o início, de bicicleta e de uniforme. Não sabe ao certo, não as contou.

Começou em 1958, aos vinte anos. Conheceu as ruas sombrias, as ruas soalheiras, os becos e as praças sombreadas com todos os tipos de tempo. Trinta e seis anos de giros de bicicleta perfazem quarenta e quatro estações, cento e noventa mil quilómetros, sete mordeduras de cão, três quedas, das quais uma lhe valeu uma omoplata partida. Duas vezes de baixa em 1971. Em média, quinhentas caixas de correio por dia. Do quépi ao capacete, de De Gaulle a Chirac, passando por Giscard e Mitterrand. Ultrapassaram-no *4 CV* e arrastadeiras, agora ultrapassam-no *Twingos* e *Safranes*. Faz o mesmo giro desde que foi admitido nos correios. Os enganos, as ladeiras, os antigos sentidos proibidos, os novos sentidos proibidos, os semáforos, as prioridades, as lombas, os *stops* que ninguém respeita, as ruas mal frequentadas, os rafeiros que o detestam, que o ameaçam, os simpáticos, os poltrões. Como os donos. Os que se mudam, os que partem sem deixar nova morada, as postas-restantes. Os que morrem, que oferecem um café, um copo de branco que ele finge engolir de um trago, um sumo de laranja, um

petit gâteau. Os que não lhe abrem a porta quando tem um registo para assinar, os que moram no sexto andar sem elevador, as caixas de correio sem nome, que transbordam, onde os miúdos mijaram, os capachos, os rebordos de janela, as mensagens de ausência coladas às portas: «Senhor carteiro, se eu não estiver, deixe as encomendas nos vizinhos da direita.» Pessoas que aguardam boas notícias, raparigas que o beijam, pais de família que tremem à ideia de receberem uma fatura de água demasiado salgada, que o insultam, a ele, por terem uma cobrança de impostos no correio. As avós adoráveis a quem ele troca uma lâmpada, faz recados, preenche a declaração de IRS, traz medicamentos da farmácia. A única referência delas é ele, o carteiro, a única pessoa que veem durante o dia, quando não há cinema nem enterro de uma amiga.

Começou sempre o seu trabalho às cinco da manhã, depois da descarga dos camiões, o correio espalhado sobre as mesas de triagem, primeiro a triagem geral, depois a triagem por bairros, e por fim a distribuição por ruas, as *suas* ruas. Antes de sair, a receção dos registos e dos vales postais. Desde que é carteiro que sai com milhões de francos na bolsa. Até março transato, era Pierre Beau quem pagava os subsídios, o desemprego, as reformas e os abonos de família aos residentes no seu giro. Durante trinta e seis anos, pedalou por vezes com dez milhões de francos na sua bolsa para pagar até cinquenta vales por dia. Há cinco meses que a sua bolsa está vazia, inventaram as transferências que se fazem diretamente para a conta à ordem dos beneficiários. Ele não entende grande coisa de informática. Parece que é o progresso. Agora, as pessoas mandam faxes e teclam nos seus *Minitel*. A continuar assim, enviarão cartas com os seus malditos computadores e os carteiros deixarão de ter utilidade. Os seus colegas até dizem que deixará de haver serviço militar, deixará de haver cartas de soldados às jovens e as pessoas passearão de telefone no bolso. Deixarão de vender papel de carta florido e canetas de aparo. Não haverá senão melodias de canções sem letra. A morte das palavras escritas à mão.

Acabou sempre o seu giro por volta das três e quarenta e cinco. Voltou sempre a casa das quatro às cinco para almoçar e fazer uma sesta. Mesmo no tempo da mulher. Um sono negro, profundo, sem sonhos. O cansaço nos músculos. No início, pedalava depressa. Hoje, os anos fazem-se sentir nas pernas e no fôlego. Pedala cada vez mais devagar, e isso deixa-o irritado.

Passou sempre de novo pelos correios por volta das cinco e um quarto. Antes de março de 1994, entregava o dinheiro que não tinha distribuído, fazia de novo as contas. Agora, limita-se a devolver os registos, que lhe serão novamente entregues na manhã seguinte. Quanto ao outro correio, acontece deixá-lo por vezes em casa, para simplificar a triagem. Está tudo anotado e devia ficar na estação dos correios, mas os outros colegas fazem o mesmo. Sabe-se, mas não se comenta. O chefe fecha os olhos. Foi por isso que Pierre ficou furibundo quando descobriu que Nina subtraía cartas. Um erro profissional imperdoável, ele que nunca os tinha cometido. Só com Odile, quando ela adoeceu.

Nessa noite, Pierre Beau entra de férias. É a primeira vez na vida que as tira depois de 15 de agosto. E tudo isso por causa do *Preço Certo*, o concurso televisivo da TF1 apresentado por Philippe Risoli.

Bertrand Delattre, seu colega e amigo, participou no concurso no final do ano anterior. Foram quinze, os habitantes de La Comelle que apanharam um miniautocarro para Paris. Quando Bertrand regressou do seu périplo, fechou-se em copas, disse a Pierre, com um ar estranho: «Vê o programa na segunda às oito e no domingo às quinze, e terás uma surpresa. Podemos trocar as nossas férias, este ano?»

Na segunda-feira, Pierre interrompeu o seu giro à hora do almoço para ver o colega na televisão. Pierre nunca tinha visto aquele programa. Ignorava até que existisse tal coisa.

O seu amigo Bertrand foi sorteado entre quatro concorrentes, desceu uma escada entre os aplausos do público, Pierre reconheceu algumas pessoas de La Comelle na assistência. Bertrand ocupou o seu lugar atrás de um púlpito. Quando Philippe Risoli, o apresentador, lhe perguntou de onde era, Bertrand respondeu: «De La Comelle, em Saône-et-Loire.» E atrás dele todos gritaram, como se fosse um acontecimento ser-se natural daquele lugar. Como se se tivesse conquistado a Taça do Mundo de futebol.

— E o que faz em Saône-et-Loire, Bertrand? — perguntou Philippe Risoli.

— Sou carteiro.

E também aqui todos aplaudiram aos gritos. Como se todos os carteiros tivessem caminhado na Lua.

Em seguida, veio a prenda de seleção, uma jovem bonita acariciou um «candeeiro de cerâmica em equilíbrio perfeito sobre o seu tripé redondo e o

seu abajur a condizer». Os quatro concorrentes propuseram um preço, à vez. Foi uma Sandrine da Dordonha quem ganhou, ao dizer que o preço do candeeiro era de 2615 francos.

Pierre nunca tinha visto um concurso tão estúpido.

Um Gilles Lopez, de Ardèche, fez a sua entrada.

— O que faz na vida?

— Sou agricultor.

Gritos do público. Portanto, não eram só os carteiros que maravilhavam: os agricultores também o faziam.

Foi preciso adivinhar o preço certo de um «conjunto de acessórios para mulheres elegantes». Foi o agricultor que se juntou a Philippe Risoli e ganhou um anel de noivado com trinta e dois diamantes encastoados. O feliz contemplado ficou com um ar bastante aborrecido, pois já era casado. Então Philippe Risoli encontrou uma solução: sugeriu que ele o «oferecesse a uma criatura de sonho».

Ao ouvir isto, Pierre começou a rir-se sozinho diante do televisor, perante o olhar perplexo de *Paola*.

Por fim, Bernard adivinhou o preço certo de um «sofá de linhas puras, forrado com um tecido vermelho carmim para passar um serão agradável». Ao reunir-se ao animador no estrado, quase caiu e Pierre ficou de lágrimas nos olhos. Um olho a chorar de emoção, o outro de consternação.

Antes de Bertrand jogar, Philippe Risoli fez um anúncio:

— Se gostaria de assistir ao *Preço Certo*, preencha a ficha que vem na *Télé Z* todas as segundas-feiras.

Depois voltou-se às coisas sérias, ao «mobiliário exterior, de jardim, de resina pintada na massa».

Bertrand respondeu bem a tudo.

Pierre teve de baixar o volume do televisor, de tal forma a algazarra da vitória era ensurdecedora. Histeria geral, o público batia palmas, dir-se-ia que tinham drogado as pessoas ou que as tinham embebedado. Talvez ambas as coisas.

Bertrand ficou com um ar embaraçado por ganhar todo aquele dinheiro, permaneceu estoico, não se deixou contagiar por nenhuma emoção, o que pareceu desiludir o público.

— Costuma ter sorte?

Bertrand respondeu:

— Bem, não, não muita.

— Como é que veio participar neste programa?

— Foi a minha mulher que preencheu e enviou a ficha…

O apresentador olhou diretamente para a câmara e disse:

— No *Minitel*, 3615 código TF1…

No final do programa, três concorrentes fizeram girar uma roda enorme e foi Bertrand que conquistou o direito de participar na final. Os vencidos saíram com um crachá com uma frase alusiva e a efígie de Philippe Risoli, e um cabaz repleto.

— Encontramo-nos amanhã ao meio-dia e vinte!

Genérico final.

Pierre Beau montou novamente a sua bicicleta para terminar o giro. Refletiu naquilo tudo entre duas caixas de correio. Era segunda-feira e seria preciso esperar até ao domingo seguinte para saber se Bertrand ganhara a «montra», ou seja, o lote final, «enorme, gigantesco, extraordinário», tinham-lhe dito as avozinhas a quem ele levava o correio.

Até ao domingo seguinte, Pierre não teve notícia de Bertrand, como se ele se escondesse. A gravação do programa tinha sido meses antes da transmissão e a sua participação tinha sido guardada como um segredo de Estado.

Chegou o grande dia. Pierre assistiu à final com Nina, Étienne e Adrien. Os jovens não paravam de rir, enquanto viam aquele concurso consternador.

Gritavam os montantes a plenos pulmões, diziam disparates. E Nina acabou por dizer: «Está com um ar demasiado acossado, o Bertrand!»

Pierre perguntou a si próprio se a vida tinha um preço certo. E se a vida de uns tinha o mesmo preço que a vida de outros. As vidas de pessoas que não conhecíamos. A da sua mulher, desaparecida tão jovem. E a da sua filha, Marion. Onde estava ela?

Para ele, a vida mais preciosa era a de Nina. Ela valia mais do que todas as outras juntas.

Bertrand adivinhou o preço certo de uma «coluna de cerâmica fornecida com lâmpada»: 5290 francos; de um «forno micro-ondas de setecentos *watts* com *grill*, *turbo-grill* e descongelação automática para sete tipos de alimentos»: 3490 francos.

Mas como é que o seu amigo sabia aquilo tudo?, era o que se perguntava Pierre. Conhecia-o havia trinta anos e ignorava aquela sua faceta. Aquele conhecimento do preço das coisas.

E Bertrand deu consigo na final com uma outra concorrente. Uma tal Martine, reformada de Cagnes-sur-Mer.

Quando as raparigas de roupas diáfanas concluíram a apresentação da montra, Bertrand ficou boquiaberto: um quarto de dormir, uma casa de banho com móveis e banheira de hidromassagem, um candeeiro de halogéneo, uma mesa de vime com tampo de vidro biselado, cadeirões, uma jarra transparente «que evoca o oceano mais puro», um automóvel, uma motorizada, um frigorífico, uma estada na Tunísia, um comboio elétrico.

Era preciso adivinhar o montante aproximado de todos estes *itens* somados. Aquele cujo montante proposto se aproximasse mais do preço certo ganharia.

Os dois finalistas escreveram cada um a sua soma num pedaço de papel. Philippe Risoli leu as respostas em voz alta:

— Para Bertrand, a montra proposta esta semana eleva-se a 134 mil francos no total, para Martine, a 220 mil francos. O preço certo desta montra é… 163 459 francos! Foi portanto Bertrand que ganhou!

Nina gritou: «Caramba, avô! O teu amigo ganhou!»

Estavam um pouco atrasados, disse o animador. Uma voz-off anunciou a montra da semana seguinte, com novo público e novos concorrentes. Depois o genérico final.

Pierre não estava em si. O seu amigo tinha ganhado aquilo tudo e não lhe dissera nada. Só tinha mencionado a troca das férias. Mas onde é que ele tinha metido aquela casa de banho, aquele automóvel e aquela motorizada? O apartamento dele era minúsculo e nem sequer tinha garagem. A sua velha *4L* dormia ao relento.

«Vendi-os», foi a resposta de Bertrand, quando ele lhe fez a pergunta. Tinha ficado só com as férias na Tunísia e dado o dinheiro obtido aos dois filhos que lhe restavam. Bertrand tinha tido três, o mais novo falecera havia um ano.

E foi assim que Pierre Beau mudou as datas das suas férias pela primeira vez na vida, por causa do *Preço Certo.*

Se não estivesse tão cansado, aquilo fá-lo-ia sorrir. E depois era preciso ver

o lado bom das coisas: dentro de três semanas, poderia acompanhar Nina a Paris e ficar alguns dias com ela.

No dia 6 de maio de 1981, uma mulher tinha aberto a porta para receber uma encomenda, e apresentara-se toda nua. Ele tinha ficado tão chocado que quase tivera um ataque cardíaco. Foi exatamente o que sentiu quando um camião da Transportes Damamme lhe negou prioridade e o atingiu em cheio de frente.

35

22 de dezembro de 2017

Marie-Laure Beaulieu está na cozinha. Os seus três filhos chegaram na véspera à noite. A única altura do ano em que se juntam todos. Cinco dias de parênteses. No resto do tempo, nunca vêm ao mesmo tempo, mas não falhariam um Natal em família.

Ela prepara duas galinhas do campo para o almoço. Põe-lhes sempre alho, sal e tomilho. Nunca gordura, apenas as especiarias que pôs a marinar na véspera em algumas gostas de azeite. Vai fazer batatas assadas para Valentin e Étienne, que as adoram, feijão-verde com cebolas fritas para Louise e um gratinado de curgetes para Paul-Émile.

Abre as cortinas e vislumbra a viatura do abrigo a parar defronte da casa. Pensa que Nina vem ver Étienne, finalmente. Mas Valentin sai do lado do passageiro e Nina parte de imediato. Marie-Laure não tem tempo de sair para a reter, para lhe pedir que entre, para lhe oferecer um café. Vê-la, ouvi-la, tocar-lhe. Faz anos que não a vê. Por vezes cruzam-se, ela sempre ao volante daquela viatura. Nunca num passeio. Marie-Laure sabe que Nina trabalha no abrigo há anos, podia ir até lá falar com ela. Também podia ir a casa dela. Mas não se atreve. O facto de Nina e Étienne não se falarem ainda a afeta, apesar de ter passado tanto tempo.

— O que fazias com a Nina Beau, meu querido? — pergunta Marie-Laure ao neto, que entra na cozinha.

— Olá, avó. Conhece-la?

— Foi como minha filha. Há muito tempo.

— Ela vai voltar esta tarde.

— …

— Convidei-a a tomar um aperitivo aqui connosco, às seis horas. Antes, ela quer ir a casa tomar banho e perfumar-se… Foi o que ela me disse.

Marie-Laure observa Valentin, confusa. Como pode ele conhecê-la? E, sobretudo, como conseguiu ele que ela viesse a casa deles?

— Vou lá acima ver se o papá está acordado! — exclama Valentin antes de desaparecer pelas escadas.

Marie-Laure põe o forno a pré-aquecer, cento e oitenta graus, e puxa uma cadeira para se sentar, o olhar no vazio, na ausência do presente.

Foi no dia 12 de agosto de 1994. Nunca se esquecerá desta data. Na vida, há alguns antes e depois.

Ela regressava da praia. Voltava sempre sozinha todas as tardes, deixando Marc e os filhos para trás. Adorava aquele tempo para si. A casa vazia, acostumar-se à obscuridade, persianas corridas para impedir a violência do sol, a tijoleira fresca sob os pés, o calor nas paredes, o fretenir das cigarras, o duche frio, o creme aplicado no corpo, a continuação da leitura do romance numa espreguiçadeira à sombra, antes de preparar o jantar enquanto bebe um rosé gelado. O paraíso na boca.

O telefone fixo da casa ressoou, ela atendeu após uma dezena de toques, pensando que não era para eles, mas para os proprietários que arrendavam aquela casa durante o verão. Era demasiado cedo para que fosse Adrien ou Nina, os únicos que sabiam o número. Ligavam todas noites, por volta das nove horas. Do outro lado do fio, Marie-Laure ouviu alguém sufocar, ofegar, chorar, fungar. Não reconheceu de imediato a voz de Adrien, não percebeu as suas palavras, mas acabou por entendê-las, sentiu vontade de lhe desligar na cara, de rebobinar, regressar à praia, tirar a roupa, olhar para o mar, escurecer o céu. Articulou, apenas:

— A Nina sabe?

— Não, ainda não, quer dizer, acho que não, está no trabalho.

— Onde está a tua mãe, Adrien? Onde está a Joséphine?

— Saiu o dia todo, estou sozinho, o que é que eu faço?

Marie-Laure tinha-se esquecido da hora. Depois de quatro semanas passadas em Saint-Raphaël, já nem se lembrava de onde estavam arrumados os relógios. *Não há relógio nesta casa de férias*. Ela pensou isso. *E também não há calendário.*

— Adrien, que horas são?

— São quatro e vinte e cinco.

Fez um cálculo rápido: o tempo de prevenir Marc e os filhos, arrumar tudo e partir, não chegariam a La Comelle antes das duas ou três da manhã.

— Adrien, em que dia da semana estamos?

— Sexta-feira.

— Certo, isso quer dizer que amanhã nem a Nina nem tu trabalham.

— Eu, sim. A Nina é que não.

— Certo… Que se lixe. Ouve o que te vou dizer. Estás a ouvir?

— Sim.

— Vais enxugar os olhos e vais ter com ela à saída do trabalho, arranja um pretexto qualquer e leva-a para longe, muito longe. Até nós chegarmos. Ela não pode ir para casa. Fá-la crer que têm dois dias à vossa frente… Inventa.

— Mas ela vai perceber que eu chorei! Nunca vou conseguir!

— Vais, pois! — quase gritou Marie-Laure. — Vais conseguir. Vais fazê-lo pela Nina!

Ouviu os soluços de Adrien no aparelho. *Ele só tem dezoito anos, estou a pedir-lhe o impossível*. Ela pensou nos Damammes, talvez fosse preciso passar por lá, ligar-lhes para os avisar. Mas Nina mal os conhecia. Sim, mas eles arranjariam uma maneira de a levar para qualquer parte o tempo de ela chegar a La Comelle e gerir a «continuação». Pensou em Marion. Reviu-a no pátio da escola. Ouviu-a rir. Eram tão jovens, tão despreocupadas. Porque é que ela tinha decidido perder toda a gente de vista? Porque é que nos perdíamos de vista? O pai dela acabava de morrer. Como avisá-la? Como podia ela ter abandonado Nina? Porquê? Não julgar…

A voz de Adrien fez Marie-Laure sair do seu torpor:

— Eu vou conseguir — arfou ele, e desligou.

*

Nesse mesmo momento, Nina, sentada atrás de uma secretária, arquivava faturas antigas, de 1993, por mês, depois por ordem alfabética. Ia em março. Perguntou a si mesma o que andava a fazer em março de 1993. Estava ainda no 10.º ano. Não teria gostado de lá regressar. Fazer de novo o exame final, não, obrigada. Mal sabia então que algumas horas mais tarde daria tudo para o fazer de novo, e até todos os anos, se isso lhe desse a oportunidade de regressar a março de 1993.

Lá fora estava bom tempo. Ela entediava-se naquele gabinete. Pensar em setembro, em Paris, como numa libertação. Pensava nisso como no mar, um campo dos possíveis, um infinito, um desassossego. Descobrir, desenhar, cantar, compor, conhecer, e todos os finais de dia encontrar-se com Étienne e Adrien. Viverem os três juntos, em breve.

Havia seis dias que saía com Emmanuel Damamme. Que ele a esperava à

tarde, após o trabalho. Jantavam em casa dele. Nina nunca tinha visto tal, uma refeição para dois à espera de ambos sobre a mesa da cozinha. Bastava aquecer. Como num restaurante, com várias entradas, dois pratos diferentes e uma sobremesa. Era então aquilo, ter empregados, não precisar de fazer compras, aspirar, lavar roupa. Faziam tudo a Emmanuel, até a cama. Ele vivia na propriedade dos pais, numa casa isolada e independente. Na véspera, partira para se juntar uns dias a amigos em Saint-Tropez. Ligara-lhe uma hora antes, para o escritório, com riso na voz, para saber se o trabalho dela estava a correr bem. Dissera-lhe: «Sinto a tua falta.» E ela respondera: «Também sinto a tua.»

Ainda não acreditava que agradava àquele filho de boa família, via-se a si mesma como filha de má família, por causa da «puta da mãe». Tinha sempre aquela sensação de ser como um cão abandonado que um bom tipo acabara por recolher.

No sábado, no Club 4, a noite em que Daho deveria supostamente cantar, Emmanuel fê-la beber. Ficaram no bar, colados um ao outro. Nina tinha-se esquecido de Adrien na pista, tinha-se esquecido de tudo. Era como outra pessoa, uma rapariga a quem pedira emprestada a vida durante o tempo necessário para ser feliz. Emmanuel tinha-a beijado. A língua dele contra a sua, uma promessa dos diabos. Nina ignorava que existissem beijos como os de Emmanuel. Aquele rapaz era de uma sensualidade inegável. Nina tinha a sensação de já não tocar no chão, de se oferecer, ele poderia ter feito dela o que quisesse. Como quando a vida é bem maior do que se imagina. Ele acariciara-a, as mãos sobre o vestido. Depois de três gins, atrevera-se a descer, a roçar o sexo dela através do tecido, pressionando-o cada vez mais. Ela tinha gemido, uma vontade a cobrir-lhe a pele, exércitos de formigas, uma invasão de picadas deliciosas. Quanto a ela, não tinha vontade de fazer o mesmo. Aflorara apenas o sexo ereto dele e isso aterrorizara-a. Como uma violência.

Ele acabara por murmurar: «Devíamos ir.» Pegara-lhe na mão, fizera-a entrar no seu descapotável e dissera-lhe: «Como é a primeira vez, não vou foder-te no carro. Vamos para minha casa.»

«Foder-te.» Aquelas palavras chocaram-na. Fizeram-na descer à terra. Ficar sóbria. Como se alguém a tivesse empurrado. Tinha sentido medo. Iria doer-lhe? Iria sangrar? Saberia fazê-lo? Não pensara que as coisas se passariam tão depressa, entre a entrada de Emmanuel no Club 4 e a

primeira relação sexual deles. Pouco menos de uma hora. E agora saem juntos. Não tinha tido tempo de avisar Adrien. Era Joséphine quem devia ir buscá-los depois do fecho: «Encontramo-nos às quatro horas no parque de estacionamento, como de costume.» Nina esperava ser levada a casa por Emmanuel, tinha dito isso na véspera a Adrien, rindo-se, rezando, saltando sobre a sua cama, e agora já não se ria. Tinha medo. Só restavam as orações. *Meu Deus, não sei onde estais metido, mas fazei com que isto corra bem.*

O que pensaria Joséphine, quando não visse Nina com Adrien no parque de estacionamento?

Nem acreditava que ia sentada naquele carro, o carro que lhe acelerava o pulso quando o vislumbrava ao fundo de uma rua. Um *Alpine A 610* vermelho. Um carro desportivo, de rico, de pessoa importante. Ela que não passava ainda de uma criança. A Gata Borralheira no país dos Damammes.

Trinta quilómetros separavam o Club 4 de La Comelle. Um mundo separava Nina Beau de Emmanuel Damamme. Mil milhões de anos-luz. Era então aquilo ser «bela como o dia»? Uma expressão que ouvia sempre à sua passagem. Era poder agradar a um homem que parecia um príncipe encantado?

Trinta quilómetros durante os quais Emmanuel lhe disse para escolher a música.

— Vê no porta-luvas e em cima do tabliê.

Dezenas de cassetes, entre as quais dois álbuns de Étienne Daho, *Pop Satori* e *Pour nos vies martiennes*. Ela teve vontade de rir, ao introduzir uma cassete dos Oasis no leitor. A voz de Liam Gallagher. Emmanuel baixou o volume.

— Fala-me mais de ti, Nina.

Ela sentiu-se inútil, estúpida, minúscula, inculta. A timidez levou a melhor.

— Preferia que fosses tu a falar-me de ti — ouviu-se responder.

— E se não falássemos?

Pegou na mão de Nina e pousou-a sobre o seu pénis. Acariciou-se com os dedos dela, suavemente, mal aflorando as calças de ganga. Não à bruta. Era delicado mas terrivelmente determinado. Nina detestou de novo aquela sensação de violência. Sonhava com aquilo há muito tempo, mas o sonho dava uma reviravolta estranha. Sentiu urgência em chegar a casa dele. Beber

mais uns copos. Encher-se daquele álcool que nos faz tão bem crer que está bom tempo mesmo nos dias de chuva. Transpuseram uns portões de ferro. Nina viu uma espécie de solar ao longe, rodeado de árvores, e adivinhou uma piscina em frente. Tudo estava mergulhado na obscuridade.

— Podes levar-me a casa, depois? — quase implorou.

Ele sorriu e respondeu-lhe:

— Se houver um depois.

Em seguida, adivinhando o mal-estar de Nina, tranquilizou-a:

— Vai correr tudo bem, prometo.

Continuou a avançar cerca de duzentos metros e estacionou defronte de uma casa de pedra, mais pequena. A hera cobria as paredes. As portadas de madeira estavam abertas e pareciam estar assim desde sempre. A porta de entrada não estava fechada à chave. No interior, cheirava a vela. No interior, tudo era ainda mais bonito do que em casa de Étienne. Tinha um ar antigo e valioso. Nina nunca tinha visto tantos quadros nas paredes.

Emmanuel serviu-lhe uma bebida, gim e *Schweppes*, muito gim para ela e para ele, brindaram. Antes de subir para a casa de banho, disse-lhe: «Instala-te, fica à vontade, escolhe a música», enquanto apontava para uma aparelhagem de alta-fidelidade.

Ele tinha vontade de a comer, de a foder, sentia-se enlouquecer, mas perante a expressão receosa dela, tinha de se controlar.

Controla-te, disse a si mesmo diante do espelho da casa de banho.

Aquela pequena agradava-lhe deveras. Era de uma intensidade sexual que ele nunca sentira até então. Nenhuma das raparigas com quem tinha dormido lhe provocara aquele efeito. No entanto, ela era desajeitada, jovem. Muito jovem. Era preciso ir devagar. Tivera dificuldade em acreditar que ela nunca tinha pinado, saía muito, emanava algo vivo, livre. No escritório, ele tinha-a observado, olhava os outros com segurança. Dissera a si mesmo que ela estava a mentir, como mentira acerca de Étienne Daho. Que o tomava por parvo. Mas depois de saírem do Club 4, com a sua expressão derrotada, os sorrisos pálidos, a tensão dos seus gestos, a voz pouco firme, tinha perdido dez anos. Ele vira a menina pequena, e já não a jovem mulher. Tinha percebido que ela era virgem.

Encontrou-a no piso inferior, de pé, encostada a um armário da cozinha, o nariz dentro do copo já vazio. Tomou-a nos braços, disse-lhe: «Anda.»

Estenderam-se no sofá, vestidos. Ele acariciou-a. Primeiro tranquilizá-la. Sentiu que ela se descontraía. Depois, era preciso despertar-lhe a vontade, como na discoteca, havia pouco. Tinha de ser partilhada, senão não tinha interesse. Era preciso que ela apreciasse, fosse como fosse, acontecesse o que acontecesse, uma boa recordação para ela. Emmanuel não era um pulha. Atribuía muita importância à imagem que transmitia de si. Queria agradar, absolutamente.

Quando Nina o viu descer da casa de banho, disse a si mesma que ele era bonito, muito bonito. Estava despenteado, o desejo que sentia por ela saía-lhe pelos olhos, duas brasas. Ela sentia-o, via-o, cheirava-o. O olhar dele sobre ela, um desejo animal. Era o que a aterrorizava. Sabia que não sairia daquela casa como era antes. Que ele ia tirar-lhe a virgindade. Pensou em Adrien e Étienne, que diriam eles se a vissem ali, naquela casa, com *ele*?

Étienne, tinha a certeza, estar-se-ia nas tintas para ela, não suportava que lhe tocassem, por isso esconder-se-ia atrás de escárnios e sarcasmos. Quanto a Adrien, far-lhe-ia o seu sorriso enigmático que ela não conseguia interpretar desde a infância. Sentira a falta deles de forma violenta, enxotara-os do espírito, como se enxota uma mosca de merda.

Emmanuel pegou-lhe na mão, disse: «Anda», a doçura passou de um para outro, ele levou-a até ao sofá, deitou-se de costas, ela em cima dele, leve como uma pena. As mãos contra o seu corpo levantaram-lhe o vestido, tocaram no sutiã, desapertaram-no. Ela deixou-o comandar, ele sabia já muitas coisas que ela ignorava. Gestos que faziam gemer, vir ao ventre calor e prazer que irradiavam até ao sexo, sem que ele o tocasse. Apenas introduzindo a língua no seu ouvido, ou mordiscando a pele onde esta era mais sensível. Partes do seu corpo que Emmanuel despertava e lhe revelava.

Uma noite, enquanto fazia *zapping* e Étienne e Adrien tinham adormecido ao lado dela, vira um filme pornográfico. Verificou que os rapazes dormiam, com os punhos cerrados, o telecomando na mão, preparada para mudar de canal se um deles abrisse os olhos. Teria preferido morrer a ser apanhada. Baixou o som e ficou a ver aqueles sexos abertos, molhados. Ao mesmo tempo nojentos e fascinantes. Os atores não se acariciavam. Não havia ali amor. Era como que mecanizado. Carne para salsichas. Um matadouro. A câmara frigorífica de um talho.

No dia seguinte, tinha dito aos rapazes:

— Esta noite vi um filme porno na televisão. Chocou-me.

Étienne respondeu-lhe:

— Cala-te. Não quero saber nada da tua vida sexual.

— Mas tu contas-me como são as mamas das tuas amiguinhas!

— Não é o mesmo.

— E porque é que não é o mesmo?

— Tu és rapariga.

E Adrien tinha sorrido timidamente.

Emmanuel acariciou-a durante muito tempo, de vez em quando olhava para ela, perguntava-lhe se estava bem, tinha o rosto vermelho, transpirava, tinha perdido parte da soberba, parecia enlouquecido. Ela respondeu que sim.

Não soube dizer nada a não ser isso, sim.

Ele ergueu-se para apagar a luz. Fez isso por ela. Ele estava-se nas tintas. Deitou-a de costas, tirou-lhe o vestido com um gesto seguro, e o sutiã caído sobre o ventre. Despiu-se também ele, libertou o seu cheiro, uma mistura de perfume e suor, ficaram nus um contra o outro, ela achou-o pesado. Ele desceu, lambeu o seu sexo. Para Nina, um misto de felicidade e infelicidade estar assim exposta à língua de um desconhecido, os dedos dele no interior, como se a revistasse. Vontade e repulsa andavam de mãos dadas, prazer e nojo entretecidos um no outro. Ele subiu de novo e ficou à sua altura, rosto contra rosto, a boca dele cheirava a sexo húmido, ela sentiu vontade de fugir a correr, de tornar a ser uma criança de sete anos, de não ser mais alta do que a vedação de madeira branca em frente da casa do avô. Ele afastou-lhe as pernas, entrou nela sem forçar, ela sentiu dor, susteve a respiração, ele fez vai-e-vem dentro do seu corpo arfando alto. Ele fechou os punhos, retesou-se, ofegou: «Tenho demasiado desejo de ti», e acabou. Deixou de se mexer. Ficou a arfar no pescoço dela. Retirou o preservativo com a ponta dos dedos. Murmurou-lhe ao ouvido que iam recomeçar, com mais tempo.

É então isto que faz girar o mundo e escrever canções. Tenho de reescrever as letras, pensou Nina.

⋆

Adrien revia a cena sem parar. Atestava o carro da proprietária de um *Renault 5* branco, com matrícula do departamento 69, quando o camião dos

bombeiros passara diante da estação de serviço, as sirenes a uivar. Não tinha prestado atenção. Estava com pressa de acabar, os olhos fixos nos números que desfilavam no ecrã da bomba, para regressar ao cubículo e acabar a leitura de um romance que o apaixonava.

O veículo deteve-se a trezentos metros dali, sem silenciar as sirenes. Adrien olhara por reflexo, vislumbrou um ajuntamento, mirones a correr. A proprietária do *Renault* tinha dito: «Acabei de passar lá, é horrível, disseram-me que atropelaram um carteiro.» Adrien compreendeu de imediato que se tratava de Pierre. Conhecia o seu giro, as suas ruas, sabia que era ele que fazia a parte baixa de La Comelle.

Adrien tinha jantado com os Beaus na véspera porque Emmanuel partira para Saint-Tropez. Desde que tinha dormido com ele, Nina não o largava. Negligenciava até as chamadas noturnas para Étienne. Adrien perguntara-lhe: «Então? Como é? Ama-lo?» Mas Nina manteve-se evasiva até proferir esta frase estranha: «Não é nada do outro mundo.» Adrien tinha achado aquelas palavras tão inesperadas, tão incongruentes, que foi acometido por um riso descontrolado. E Nina imitou-o, sem acrescentar mais nada.

Quando jantavam os três no jardim, Pierre queixou-se de dores nos músculos, a sorrir: «Já não sou jovem.»

Adrien tinha deixado de premir o gatilho, os números imobilizaram-se, deixou o depósito aberto e desatou a correr na direção das luzes rotativas. Aqueles trezentos metros pareceram-lhe intermináveis. Como nos pesadelos em que corremos sem avançar, em que gritamos sem que saia qualquer som. Acabou por ver o homem estendido no chão, as pernas imóveis. Poças de sangue, explosões escarlates. Adrien pensou: *O que vai ser da Nina?* O camião não ficara danificado, nem se viam vestígios na pintura, como se o motorista tivesse parado no meio da rua o tempo de ir fazer um recado. Este estava lá, pálido, desvairado, ileso, a repetir: «Não o vi, não o vi.» Uma das rodas de Pierre espreitava por baixo do motor. Como se o veículo tivesse engolido a bicicleta e tivesse cuspido aquela oferta que não desejava. A parte superior do corpo de Pierre, assim como o rosto, estava escondida sob uma cobertura. Como nos filmes em que as vítimas acabam de ser assassinadas. Adrien tinha visto uma sacola abandonada sobre um banco, um pouco à parte. O que fazia ali? Também ela tinha sido amassada, esmagada. Pegou nela maquinalmente, entrou numa cabina telefónica. Em casa dele, o

telefone tocara no vazio, lembrou-se de que a mãe tinha ido passar o dia a Lyon. Sentiu-se só no mundo, ergueu a cabeça, viu os bombeiros transportarem o corpo de Pierre numa padiola. Vasculhou nos bolsos, encontrou o papel onde Nina tinha rabiscado o número de telefone da casa arrendada pelos Beaulieus.

E Marie-Laure acabara por atender.

Depois de desligar, Adrien desatou a correr como um louco. Voltou ao seu cubículo, tirou 200 francos da caixa. Era uma loucura, ele precisava daquele emprego para ir para Paris, instalar-se, comer. Ia perder tudo, mas naquele momento agia apenas por instinto, a sua razão tinha ido com Pierre Beau em cima de uma padiola. Era preciso levar Nina para longe, muito longe dali, enquanto esperava que os Beaulieus viessem de Saint-Raphaël.

Ser rápido, muito rápido. Antes que avisassem Nina.

Entrou no escritório dos Damammes sem se apresentar, vermelho como uma papoila. Na receção, uma mulher gorda de cabelos brancos e óculos de aros pretos olhou para ele, confusa. Conhecia o rapaz de vista, lembrava-se de que era amigo de Nina Beau, talvez mesmo seu namorado, os jovens já não tinham maneiras, irrompiam assim às claras na empresa durante as horas de expediente.

— Preciso de falar com a Nina!

— Bom dia. Ela está a trabalhar — respondeu a mulher secamente.

— Tenho de a levar para longe daqui.

— Perdão?

— Ela sabe?

A mulher olhou para ele como se estivesse louco ou drogado. Nesse momento, ligaram da gendarmaria a informar Óculos-de-aros-pretos de que um motorista da empresa acabara de atropelar um homem na praça de Gaulle. Um acidente mortal. Era necessário que o senhor Damamme pai viesse com toda a urgência, não tinham ainda determinado nem as causas nem a responsabilidade do acidente.

Enquanto isso, Adrien abria todas as portas. Gabinetes, sala das impressoras, economato. Escondeu a sacola com o correio em cima de uma estante alta, atrás de umas caixas: Nina não podia vê-la.

Adrien acabou por dar com Nina sentada atrás de uma secretária. Quando ela o viu, interrogou-o com o olhar sem pronunciar palavra. Adrien soube muito bem responder àquilo: não o fazia desde sempre?

— É sexta-feira, somos jovens, dentro de um mês saímos daqui, Nina, vamos para Paris. Antes disso, tenho vontade de cometer uma loucura, vamos sair um fim de semana, levo-te aonde quiseres, agora mesmo. Já avisei o teu avô. Ele sabe que estás comigo, disse que está de acordo, até se riu. Anda, vamos embora.

Ela sorriu. Naquele momento, e por causa daquele sorriso, Adrien beliscou com violência a parte interna do braço, para não quebrar. Ela era a sua irmã, a sua preferida, aquela que mais amava no mundo. Foi naquele instante, naquela sala cinzenta com vista para nada a não ser paredes, que ele soube, soube sem sombra de dúvida. Nina ia sofrer, e era insuportável, e enquanto esperava, ele oferecer-lhe-ia dois dias de despreocupação. Os seus dois últimos dias de infância. Ela tinha muito tempo para saber a verdade, para se tornar adulta de um dia para o outro.

Para evitar tornar a passar pela receção, ele abriu a janela atrás dela, passou uma perna para o exterior e disse-lhe:

— Segue-me.

— Mas não acabei o meu dia de trabalho!

— Não faz mal, tu dormes com o patrão.

— És parvo…

Ela vestiu um casaco, pegou no seu saco. Passaram por ruelas no caminho para a estação. Não podiam cruzar-se com ninguém. Foram até Mâcon no comboio expresso regional das 17h10. Em Mâcon, Nina escolheu Marselha no quadro das partidas. Adrien comprou dois bilhetes com o dinheiro roubado.

— Mas que dinheiro todo é esse?

— Foi o meu pai, uma recompensa pela distinção no exame… Portanto, toca a aproveitar!

Às onze da noite, chegaram à estação de Saint-Charles. De uma cabina telefónica, Adrien telefonou à mãe enquanto Nina comprava dois *paninis* de chocolate e banana. Joséphine já sabia de Pierre Beau, estavam todos raladíssimos, Emmanuel Damamme andava à procura de Nina por todo o lado, o gerente da estação de serviço tinha ligado a Joséphine, furioso, queria apresentar queixa contra Adrien, ela levara-lhe o dinheiro roubado, pedira que as coisas ficassem assim, explicara-lhe tudo sobre o avô de Nina. Adrien pediu à mãe que passasse por casa dos Beaus para tratar de *Paola* e dos gatos

— «A porta está sempre aberta, mas, se não estiver, há uma chave debaixo do vaso ao lado do capacho» —, eles voltariam os dois no domingo, ele levaria Nina diretamente da estação para casa de Étienne, esperassem por eles lá, ao fim da tarde, para lhe darem a notícia todos juntos. Adrien já tinha desligado quando Joséphine perguntou: «Mas onde estão vocês?»

Adrien comprou os bilhetes de volta para domingo, depois apanharam um autocarro que descia até ao mar, apearam-se numa pequena baía chamada praia do Profeta. O ar estava ameno, uns jovens tinham feito uma fogueira, Adrien e Nina juntaram-se-lhes. Conversaram, beberam cervejas, comeram pizas, dançaram ao som de *Sous le soleil de Bodega*, Nina tinha um ar feliz, olhava para Adrien como se olha para quem se ama. A areia estava fria, ele perguntou a Nina se lhe apetecia dormir ao relento, ela respondeu: «Sim, é fantástico!» Às duas da manhã, encostaram-se a uma cabana de praia, deitaram-se nos braços um do outro. Adrien sussurrou-lhe: «Amo-te, Nina, amar-te-ei sempre.» Ela respondeu: «Eu sei.» Adrien não pregou olho. Pensou na morte de Pierre, nas consequências, na tristeza. Como é que a vida podia seguir caminhos tão radicais?

Nina acordou com o dia, despiram-se, entraram no Mediterrâneo, ainda estava fresco, mas o céu era de um azul puro, promissor. Em frente a eles, as ilhas de Frioul reverberavam uma luz branca, quase lunar. Ficaram muito tempo na água calma como um lago naquela manhã, como se as ondas não passassem de uma lenda.

Aproveitando cada segundo, passaram depois o dia naquela praia lotada: estava-se em pleno mês de agosto. Nina adorava a pronúncia marselhesa. Escutava as conversas à sua volta como quem escuta a letra de uma canção.

À tarde, enquanto ela descansava, Adrien comprou um sabonete, uma pasta dentífrica, uma escova de dentes, duas garrafas de água, tomates, uma melancia e alguns salgados. Usaram a mesma roupa dois dias: calças de ganga, *T-shirt* e o casaco que vestiram à noite. De dia, andavam de roupa interior. Nina não queria sair daquela praia. Havia um duche público em frente às cabanas, no final do dia lavaram-se, secaram-se ao sol, sentados sobre um rochedo a olhar para os veleiros e os últimos banhistas. Nina disse: «É o melhor dia da minha vida. Se ao menos o Étienne e o avô estivessem aqui para ver!»

36

22 de dezembro de 2017

Ela toca à porta. Étienne vai abrir. Um constrangimento, um longo silêncio, cara a cara, olhos nos olhos. Não se veem há catorze anos. Tudo se abate como um *soufflé* tirado do forno. No fundo, não é assim tão grave. Já não é assim tão importante. Não é porque se amou antes que tem de se continuar a amar agora. O tempo passou. Dizem que este leva tudo, a prova é que ela não treme.

Ele tem calçadas umas pantufas de xadrez, sem dúvida tomadas de empréstimo ao pai. Sabia que ela vinha, podia ter feito um esforço, mudar de roupa. Nina tem a certeza de que ele fez de propósito. Mostrar-se num mau dia.

Ele está mais compacto, tem os traços de um homem maduro, um início de barba rija, os cabelos escureceram, a sua beleza evaporou-se um pouco, uma ave de arribação, quando Nina pensava que ela não migraria nunca. Que estava inscrita nos seus genes. A beleza torna-se o que fazemos dela. Não resta senão um olhar no qual se vê que ele desistiu da coisa, aquela coisa a que se chama vida, alegria, vontade. Já sem esperança, com pouco riso e muita lassitude. Um homem que se entedia. Ele acaba por lhe sorrir de esguelha, sarcástico. Aquilo não perdeu.

— Pensei que não virias.

A sua voz, mais grave, arrastada. Onde está a soberba? Pousa a grande mão no ombro de Nina e beija-a na face. Um único beijo. Bebeu. Ela sente-lho no hálito.

— Prometi ao Valentin — murmura Nina.

— Já viste, o meu rapaz é um querido… Estávamos à tua espera, preparámos o aperitivo, entra.

O corredor que ela conhecera tão bem, o cheiro, ainda o mesmo. Um ambientador de rosas. A escada para o piso superior, os móveis no mesmo sítio, o do telefone onde a família tinha as listas, agora já não as há, a Internet substituiu-as. A sapateira para onde ela atirara tantas vezes as suas sapatilhas, antes de subir os degraus dois a dois, de pés nus, para ir ter com

Étienne ao seu quarto. A cozinha à esquerda, a porta está aberta. Uma cozinha nova como se vê em todo o lado, uma ilha ao centro, aparador branco, feixe de vimes azul-celeste. No corredor, o mesmo papel de parede. O que lhe parecia tão chique quando era nova parece-lhe agora antiquado. Como se a casa tivesse envelhecido mal, como Étienne. No fundo, não tinha assim tanto estilo.

Valentin aparece de meias, um telemóvel na mão.

— Pedi-te amizade no Facebook, viste? Tens Instagram e Snapchat?

— Não — responde ela com um sorriso forçado.

Naquela casa, Valentin ainda se parece mais com o pai quando este tinha a idade dele. É a presença dele que a perturba, não a de Étienne. O que ela sente agora é que o *seu* Étienne partiu. Que dele só resta uma pele morta. Que todas as células do seu corpo se regeneraram para dar lugar àquele desconhecido que a conduz a outra divisão. Correu demasiada água debaixo da ponte. Que gosta ele de comer, agora? A que horas? Quais se tornaram os seus hábitos? Qual é a sua banda preferida? E o filme? Como se chamam os seus amigos? Mudou de cheiro. Antes, ela conhecia-o de cor. Cheirava a açúcar.

Seguiu o pai e o filho até à sala de jantar. Marie-Laure, sentada no sofá, parece comovida. Levanta-se, dirige-se para Nina, aperta-a nos braços. Ela mudou. A mulher bonita, bronzeada, enrugou-se. *Que idade tem? Estará nos sessenta*, calcula mentalmente Nina.

— Como é bom rever-te, Nina.

Nina abraça também Marie-Laure. Ainda o mesmo perfume, *Fleur de rocaille*.

— Desculpa, Marie-Laure, desculpa.

— Mas desculpo o quê?

— Nunca ter vindo ver-te.

— Eu também podia ter ido ao abrigo. Tenho muito por que pedir desculpa… Quando partiste… devia ter compreendido… Mas não falemos mais nisso. Anda, vem sentar-te.

Nina lança uma olhadela sobre o ombro, vê Marc sorrir-lhe, ele ganhou peso, beija-o. Ele, outrora reservado, parece mais caloroso.

Quantas vezes Étienne se queixou de não ser amado pelo pai? Terão acabado por se falar, entender, aproximar?

É a vez de Louise se levantar, o seu magnífico olhar azul, uma mulher, a adolescência desaparecida, ainda deslumbrante, desabrochada. O irmão mais velho, Paul-Émile, a mulher Pauline, e os dois filhos de ambos, um menino e uma menina, Louis e Lola, oito e dez anos. Entra uma mulher loira, baixa, franzina, na casa dos quarenta, com um aperto de mão enérgico.

— Sou Marie-Castille, a mulher do Étienne.

— Boa tarde.

Marie-Castille olha para Nina como uma rival, como se devesse recear alguma coisa, é imediato. O aperto de mão e o modo como diz «a mulher do Étienne» significam: «Ele é meu.»

Decididamente, pensa Nina, *mal o Étienne toca numa mulher, nasce um sentido de posse paranoico.*

Nina tira do seu saco uma caixa de bombons, que entrega a Marie-Laure.

— Não era preciso.

— Era, pois.

Nina traz o vestido que comprou na véspera. Passou até a correr pelo supermercado, para comprar um creme BB, um lápis carmim para os lábios que misturou com o seu batom hidratante, só para dar um pouco de cor, e fez um risco castanho sobre as pálpebras, na raiz das pestanas. Pensava ter esquecido este gesto, mas foi ele que não a esqueceu a ela.

— Então tratas do abrigo?

— Sim.

— Não me surpreende, vindo de ti. Ainda desenhas? Não? Que pena. Guardei muitos retratos que fizeste do Étienne e da Louise. Mandei-os emoldurar. Estão no nosso quarto.

Louise é cirurgiã em Lyon, solteira, sem filhos.

— Eu continuo a ser chui — sussurra Étienne. — Conheci a Marie-Castille no trabalho, é a minha comissária.

Marie-Laure e Marc estão reformados. Nina ouve vagamente que Paul-Émile e Pauline são engenheiros e trabalham em Genebra. Já não ouve ninguém. Sorri. Articula: sim, não.

Étienne não parece doente. Valentin ter-lhe-á mentido? Não, não parece o tipo de miúdo que mente. O adolescente tira umas fotografias com o seu telemóvel, faz uma *selfie* e pede a todos que sorriam atrás dele.

Nina sente o olhar de Étienne pousar em si, com frequência. Sente-o

observá-la. No que pensa? Que também ela mudou, envelheceu, a pele, as rugas, todo o tempo ao ar livre, a passear os cães, a recolher os gatos, as preocupações, os canis que não se esvaziam, os dias de porta aberta para aliviar as *boxes*, os velhos que morrem lá, o desgosto de não ter conseguido arranjar-lhes um lar, oferecer-lhes uns meses num cesto quente antes da passagem da grande ceifeira.

Tudo isto, pensa Nina, *tudo isto se verá forçosamente no meu rosto e nas minhas mãos.*

Quando ela pousa os olhos em Étienne, procura o seu olhar, ele vira a cabeça. Ela revive a irritação que ele lhe provocava. O seu amor irritado. As brigas deles: «Não faças isto, não faças aquilo», «Para de te armares em esperta»…

Étienne levanta-se.

— Aonde vais, querido? — pergunta Marie-Castille.

Étienne responde, a voz pastosa:

— Fazer uma coisa que não podes fazer por mim.

Faz um desvio pela cozinha. Abre um armário. Dá três goladas no *Grand Marnier* que a mãe usa para flambear os crepes. Anestesiar a dor. Tem uma ânsia de vómito. Sobe as escadas, fecha-se na casa de banho, baixa as calças, senta-se. A cabeça a andar à roda.

Uma recordação.

Está na praia de Saint-Raphaël. Namorisca uma rapariga que lhe agrada bastante, como é que se chamava? Camille. Sim, é isso, Camille. Os outros apelidaram-na Camomille. «Mas, acredita, não é o tipo de rapariga que te faça dormir.» Ele não percebe, sorri estupidamente, ignorando que as tisanas de camomila são calmantes. Agarra os cabelos loiros com a mão esquerda para lhe descobrir o rosto, a mão direita a passear sobre o seu corpo, nos sítios interessantes. Ao lado, uma sombra entre ele e o sol a surgir. Uma presença imóvel. Parece-lhe ouvir o seu nome. Vira a cabeça, abre um olho, é a sua mãe. Nesse instante, Étienne sente vontade de a matar. Detesta-a por se intrometer naquele momento de intimidade. Que faz ela ali? Está em contraluz. Ele pergunta, agressivo:

— O que é?

— Temos de voltar, aconteceu uma coisa grave.

Ao lado dela, surge o seu pai, só faltava mais aquilo. O pai e a mãe

debruçados sobre ele. Camille soergue-se. *Nãooo, não vás, estava a ser tão bom*. Ele está de calções de banho, com uma pequena ereção, a vergonha da sua vida diante dos pais. O que estão eles a dizer? Voltar? Voltar para onde?

— O Pierre Beau morreu.

Na sala, Marie-Laure serve uma segunda taça de champanhe a Nina.

— Depois desta, paro; estou de carro.

Os gritos de Louis e Lola, que se perseguem por causa de uma figura da *Guerra dos Tronos* roubada a um ou a outro, abafam-lhe a voz.

— Seja como for, vais jantar connosco — diz Marie-Laure a Nina.

Inventar depressa uma mentira.

— Não posso, tenho de ir buscar um cão ao veterinário antes das oito horas.

— Qual é o cão? — pergunta Valentin.

Inventar uma segunda mentira. Pensa em Romain. Depois, no velho *Bob* a dormitar no sofá enquanto ela se vestia diante dele a toda a brida, na noite anterior.

— Chama-se *Bob*, é um cão de caça. Não o viste esta manhã, já estava internado.

— O que é que ele tem?

— Uma doença do coração.

Nina respondeu instintivamente. *Quem sofre mais do coração, dos que estão à volta desta mesa?*, pensa ela. O tempo separa aqueles que se amam… Nina tinha escrito uma canção que falava disso, na época dos três. Era assim:

O tempo separa aqueles que se amam
Mesmo os casados a quem seguraste o véu
Dos seus amores só restam recordações lívidas
O tempo separa aqueles que se amam…

Não se lembra de mais. Nem da letra nem da melodia.

Uma manhã, o seu ex-marido queimou os cadernos de textos e desenhos. Disse: «Livramo-nos das velharias.» Nina viu as suas letras e esboços desfeitos em fumo. Não sentiu nenhuma tristeza. Deixou-o fazer aquilo sem dizer nada, estava ao lado dele, como uma boneca nos lábios da qual tivessem desenhado um sorriso perene.

Marie-Castille não termina uma frase sem dizer o nome de Étienne, como uma prova ou um desafio a ultrapassar: «O Étienne acha que…», «O Étienne tem vontade de…», «O Étienne não gosta assim tanto…», «O Étienne diz que ele…», «O Étienne estava a dormir quando…».

Étienne regressa naquele instante, retoma o seu lugar ao lado da mulher, no sofá.

Nesse momento, Marie-Castille pergunta a Valentin se «o pai sabia que ias lá esta manhã».

— Não. Não disse a ninguém — responde o adolescente.

— O que devia eu ter sabido? — pergunta Étienne.

— Que o Valentin foi esta manhã ao abrigo, sozinho.

— Mãe, então, tenho catorze anos! E depois não fui vender *crack* à porta da escola, fui ao abrigo da Nina.

— Seja como for — responde Marie-Castille, falsamente cúmplice —, espero que a Nina não te tenha convencido a adotares um animal…

Nina responde, taco a taco.

— Nunca faço isso. Para se ter um animal, é preciso merecê-lo.

Étienne aborrece-se.

— Não mudaste nada.

— O Étienne disse-me que fazia música, que tinha um grupo?… — continua Marie-Castille, para mudar de assunto.

— Sim — responde Nina. — Por assim dizer…

Não sente vontade nenhuma de falar disso.

— Adoro quando o Étienne se senta ao piano — acrescenta Marie-Castille.

Bravo, pensa Nina. *Conseguiste meter o Étienne nas tuas dez últimas frases.* E o dito Étienne pergunta-lhe, de súbito:

— Vens fumar um cigarro comigo?

— Não fumo — responde Nina.

— Está na altura de começares.

— Com aquela asma… — reage Marie-Laure.

Étienne levanta-se, Nina imita-o sem olhar para Marie-Castille, que estará sem dúvida contrariada. Segue-o pela divisão que leva ao jardim.

— Põe um casaco, lá fora está um gelo — diz ele.

— Sim, papá.

Ele sorri. Saem para o frio cortante. Saltitam no lugar. Étienne oferece-lhe

um cigarro, que ela recusa.

— Sabes bem que não posso. Que nunca pude.

Ela nota uma cicatriz que lhe atravessa a arcada supraciliar.

— Tens uma cicatriz por cima do olho.

Ele sorri.

— Ferimento de guerra… Se te dissesse quem mo fez, não acreditavas…

— Alguém que eu conheça?

Étienne elude a questão e pergunta:

— Estás feliz?

— Estou mais tranquila do que feliz. Estou em paz. E tu? Estás feliz?

— Como tu com os cigarros: sabes bem que não posso. Que nunca pude.

— Estás doente?

Étienne olha-a fixamente. Ela continua direta. No olhar dele, primeiro a cólera, depois o abatimento. Como se depusesse as armas.

— Quem te disse isso?

— O Valentin.

Étienne parece atordoado. Entre eles, um longo silêncio. Só as respirações, o fumo no frio. De cada vez que Étienne dá uma passa, parece que a sua boca pega fogo.

— Não tenho vontade de falar disso — acaba ele por dizer.

— O que é que tens? — insiste Nina.

— Não tenho vontade.

— Porquê?

— Não tenho vontade.

Tem a expressão obstinada dos dias maus. Como quando se lhe recusava alguma coisa, em criança e adolescente. Envelhece-se, muda-se de pele, mas certos automatismos não se perdem. De tudo, só os cabelos acabam por cair.

— A tua mulher sabe?

— Não… Mas pensava que o Valentin… Deve ter andado a coscuvilhar. Entramos? Está um gelo.

Ela não tem tempo de lhe responder. Ele abriu já a porta, o calor do interior, o cheiro dos *petits-fours*, as vozes, os risos.

— Vou indo — anuncia Nina à assembleia.

— Já? — diz, desolada, Marie-Laure. — Mas acabaste de chegar!

— Sim, o veterinário acabou de me ligar, desculpem.

Todos se levantam, beijam Nina.

— Gostámos de te ver.

Louise aperta-lhe as duas mãos.

— Irei tomar um café contigo antes de voltar para Lyon.

Nina sabe que ela não irá.

— Com quem vais passar as festas? — pergunta-lhe Marie-Laure.

— Com colegas e amigos do abrigo. Passamo-las juntos todos os anos, convidamo-nos à vez.

— Vais voltar? — pergunta-lhe Valentin.

— Sim… E tu aparece quando quiseres. Estou lá todos os dias.

— Combinado.

— Eu também lá irei — diz Marie-Laure. — Desta vez irei.

Valentin pisca o olho a Nina.

— Acompanho-te à porta — rosna Étienne.

Saem os dois da casa, param diante do carro de Nina.

— Belo bólide — não consegue Étienne impedir-se de ironizar, ao ver o comercial *Citroën*.

— …

— Porque tens tanta pressa em ir embora? Não tens cão nenhum para ir buscar ao veterinário.

— Nenhum.

— Porque vieste?

— O Valentin.

— …

— É parecido contigo.

— *Eu* era parecido com ele, há muito tempo. Tu, pelo contrário, ainda és bonita.

— Para.

— No fundo, devia ter-te fodido. Como os outros.

— Para com isso, sim?

— Estive a beber, desculpa. Desculpa. Bati no fundo.

Ela sente vontade de lhe falar de Clotilde. Não diz nada. Não é o momento. Não é o sítio. Afaga-lhe a face. Um trajeto antigo, a sua mão no rosto dele. Como os vestígios de *khôl* nas pálpebras, os gestos que se lembram antes de nós. Ele sorri-lhe, tristeza. Ele bate duas vezes no tejadilho do carro e dá

meia-volta.

— Contente por te ter visto de novo.

Ela fica a observá-lo desaparecer no interior da casa. A luz do alpendre apaga-se.

Ela liga o carro, as mãos a tremer, a emoção, uma bomba ao retardador. Vira o retrovisor para si, lança uma olhadela ao seu reflexo. A maquilhagem quase invisível, engolida por uma pele que já não tem o hábito do supérfluo.

Oferecem-se-lhe duas possibilidades: voltar para casa e aspirar enquanto aquece um prato no micro-ondas ou ir saber do velho *Bob* a casa de Romain Grimaldi.

A menos que… São só sete da tarde. Não é demasiado tarde para ir ver num instante como se está a portar o gatinho *Nicola*.

37

14 de agosto de 1994

Algo do domínio do impossível. O cérebro já não apanha. Não envia as informações necessárias. Está a anos-luz: o tempo de perceber aonde nos levam as palavras e tudo está já morto há séculos.

Foi Marie-Laure que ficou com a incumbência:

— Senta-te, minha querida, tenho uma notícia triste para te dar. O teu avô teve um acidente, foi atropelado, não se conseguiu salvá-lo.

«Não se conseguiu»? Quem não conseguiu? «Se» é um pronome impessoal que se refere a uma ou mais pessoas, indeterminando o sujeito da frase.

— Ele não sofreu — acrescenta Marc.

Nina não consegue mexer-se. Tudo se imobiliza. Ela já viu aquilo nuns desenhos animados… *Candy,* sim, é isso.

No país da Candy
Como em qualquer país
Há quem se diverte, quem chora e quem ri
Há os maus e há os gentis

E para lidar com as desventuras
Ter amigos é fixe
Algum amor e travessuras
É a vida de Candy

Sim, ela viu um episódio em que a menina, vítima de uma maldição, se transforma em estátua de pedra.

Estão todos diante dela, bronzeados, de regresso de férias, à espera da sua reação. Étienne, Adrien, Louise, Paul-Émile, Marc, Marie-Laure e Joséphine. Ela já não reconhece ninguém.

Uma estátua de pedra. Com um buril e um martelo, como Isabelle Adjani em *Camille Claudel*, Marie-Laure grava as palavras nela:

— As exéquias de Pierre terão lugar na quarta-feira, dia 17 de agosto, na igreja de la Comelle. Será enterrado ao lado de Odile, a tua avó. Eu tratei dos

trâmites administrativos. Escolhi as flores e o caixão, tu és demasiado nova para estas coisas. É um acidente de trabalho. Ficas em nossa casa alguns dias, e depois decidirás. A Joséphine trata da cadela e dos gatos.

Nina abre a boca para ouvir a sua voz, o som da sua própria voz a pronunciar uma palavra. Se ela a murmurar, ele vai aparecer, anular a maldição:

— Vô?

Ninguém se mexe. Só Adrien estende a mão na sua direção, toca-lhe no braço, ela esquiva-se. Já que nada é verdadeiro. Já que o que ela está a viver não pode ser verdadeiro.

Marie-Laure volta a pegar no buril para gravar nova frase em Nina:

— Queres ir vê-lo à capela funerária?

E de novo Nina o chama. Agora já chega. Ele tem de vir buscá-la.

— Vô! — implora.

Pierre Beau nunca entraria naquela casa sem se fazer anunciar. Ela vai ouvi-lo, ele vai tocar à porta, como quando toca nas casas onde não há caixa de correio ou é importante. Uma encomenda, um registo, uma intimação. «Malditas campainhas», resmunga ele às vezes.

Em pequena, um dia ele sentou-a no guiador, levou-a a fazer o giro. Ia orgulhoso por lhe mostrar as ruas que subia, a velocidade nas pernas. Dizer a todos: «É a minha neta!»

Talvez a campainha não esteja a funcionar. Nina levanta-se, as pernas mal suportando o seu peso, dirige-se para a entrada, entreabre a porta. Ninguém. Tem de fazê-lo reagir, tem de pronunciar uma última frase. As palavras que vão pô-lo fora de si. Murmura:

— Vô, eu continuo a mexer no correio.

Aguarda. Fecha os olhos numa prece silenciosa. Espera que ele chegue para lhe dar uma bofetada. Não acontece nada.

38

22 de dezembro de 2017

Estou ainda a trabalhar no meu escritório quando vejo os faróis iluminarem a porta envidraçada da cozinha. E depois apagarem-se. O motor deixa de se ouvir. Aos meus pés, *Nicola* brinca com um pássaro imaginário.

Recebo muito poucas visitas e a esta hora são ainda mais raras. Tocam à porta, Nina está maquilhada. Um resto de castanho sobre os olhos. Diz: «Acabei de ver o Étienne, dá-me um copo de qualquer coisa.» Não consigo reprimir um calafrio. Só a evocação de Étienne me faz vacilar. Não me importava nada de a deixar à porta, só para que não falasse. Para que se calasse para sempre. Reprimo até um arrependimento de ter aberto. De não me ter escondido. Como quando éramos crianças e eu não queria aparecer. Embora encontrar Nina à minha porta, em Paris e aqui, tivesse sido uma coisa que desejei durante muito tempo.

— Entra.

Ela precipita-se para *Nicola*, cheira-o, diz-lhe: «Como vai este bebé?» Lança um olhar às tigelas da comida e da água. Deformação profissional. Vejo a satisfação, a casa é boa.

Instala-se no sofá, olha em volta da sala de estar, detém-se algumas vezes, lança um «É uma casa agradável».

Levanta-se de novo para observar os livros que tenho na estante. Tira *Branco de Espanha*, reconheço o romance pela capa, um grande plano das mãos de uma criança com um cachecol vermelho, a segurar uma bola de neve. Por trás dela, uma montra coberta com cré, essa massa com que se esborrata as vidraças quando há mudança de proprietário ou obras em curso. Aquele branco que significa que de momento está tudo fechado.

Nina folheia-o, observa-me, fecha-o e devolve-o ao seu lugar.

Não lhe dou importância.

— Porto, uísque, martíni branco. Tenho *Aperol* e *Prosecco*, posso fazer-te um *Spritz*.

— Pode ser, mas sem gelo — responde ela.

— Eu sei.

— Lembras-te disso?

— Lembro-me de tudo… Como está ele?

Acabei por fazer a pergunta. É mais forte do que eu. Uma maldita doença incurável quando todo o meu ser se recusa a saber, não quer nem pode ouvir falar *dele*. Uma enxertia que nunca pegará. Uma rejeição. Nina percebe logo que me refiro a Étienne. Volta a sentar-se no seu lugar. Como uma criança bem-comportada. Mal acredito que ela está aqui. Em minha casa. Pensava que nunca mais a veria.

— Mudou. Muito. Tem um ar triste. Um filho de catorze anos, muito bonito, adorável, chamado Valentin.

— A Louise falou-me nele.

Nina parece estupefacta.

— Ainda te encontras com ela?

— Sim. Falamos do Adrien, mas raramente do Étienne.

Deixa passar um momento. Olha-me de modo estranho. Como se eu tivesse acabado de dizer um palavrão.

— Tens alguém? — pergunta-me ela, fixando-me com os olhos pretos, tão sombrios que não se vislumbra ali nada.

Sempre teve esta faculdade de fechar o olhar como se fecham as persianas para não deixar transparecer nada.

— Queres dizer um psicólogo?

Nina ri da minha piada.

— Não, um namorado.

— Nos formulários, assinalo o quadrado «solteira sem filhos».

Sorri-me de novo, como quem diz: «Eu também.»

— O Étienne perguntou-me se eu era feliz — diz ela.

— E o que lhe respondeste?

— É demasiado complicado responder a essa pergunta. Sobretudo a uma pessoa que não vês há catorze anos. Sobretudo ao Étienne.

— Onde é que o viste?

— Em casa do Marc e da Marie-Laure. Estivemos no jardim só os dois, durante uns momentos.

Processo a informação. Nina voltou lá. Ao número 7 da rua Bois-d'Agland. Subitamente, revisito a grande casa, a sala de estar, as festas, os aniversários de uns e outros. Étienne a dominar o espaço e Louise sempre a um canto,

numa cadeira, de livro na mão, como um brinquedo cujas pilhas estivessem estragadas. Uma boneca loira de grandes olhos azuis cujo mecanismo parecia avariado. Tão vibrante de vida no interior, sem que ninguém soubesse realmente quem ela era.

— Viste a Louise?

Nina respondeu que sim. Uma perturbação na voz.

— Porquê?

— Porquê o quê? — pergunta ela.

— Porque é que foste lá? À casa deles? À casa dos *seus* pais?

Ela não responde, refugia-se nos seus pensamentos, fixa um ponto diante de si. Como antes, quando me cruzava com ela e ela roçava em mim sem me ver. Depois, pouco a pouco, regressa.

— Encontras-te muitas vezes com a Louise? — pergunta-me.

— Bastantes.

— Ela contou-te do Étienne?

— Contou o quê?

— Nada.

— Contou o quê?

— Que ele tinha um ar triste.

— Nunca falamos dele. A Louise sabe que tenho dificuldade em suportar… Não suporto mesmo — acabo por dizer.

Ela fita-me. Sirvo-lhe um segundo *spritz* que reforço com uma dose generosa de martíni branco.

— Ele falou-te da Clotilde?

— Não… Posso deixar o meu carro diante da tua casa?

— Podes.

— Vou regressar a pé. Bebi demasiado.

— Estamos longe da tua casa. São uns três, talvez quatro, quilómetros.

— Estou habituada a andar a pé.

— Mas hoje está um gelo. Queres que chame um táxi?

Ela desata a rir.

— Um táxi… É mesmo coisa de parisiense. Estou habituada ao frio.

— Queres dormir cá? Tenho um quarto livre, para os amigos. É pequeno mas está aquecido.

— Não, tenho de ir para casa, tenho os meus gatos. E desde quando é que

sou tua amiga?

39

17 de agosto de 1994

Muitos residentes estão ainda de férias, mas a igreja de La Comelle extravasa para o adro. Uma família inteira por cada caixa de correio é muita gente. Toda a Baixa da cidade veio despedir-se do seu carteiro. E não cabe. Como quando o correio transborda, por não ser recolhido.

Enxugam-se os olhos a lenços de pano. Os anos de lagrimazinhas que se serviam a Pierre Beau no fundo de um copo de pirex correm agora pelas faces.

Nina chegou entre Adrien e Étienne. Um de cada lado, para lhe segurarem a mão, Étienne a esquerda, Adrien a direita, nem o desgosto altera os hábitos. Seguiram o caixão até ao altar-mor. As famílias Beaulieu e Damamme, assim como Joséphine, atrás delas, como um véu de tristeza comprido, a arrastar. Uma noiva ao contrário: a desunião, a desintegração.

Nina em cacos. Órfã. Se já era coxa desde a infância, estropiada e perneta, agora acabou, deitaram-na por terra. O desgosto virá mais tarde. Agora está num estado de sideração e medo. Um medo vertiginoso.

Pierre Beau não conhecia a família Damamme, mas os pais de Emmanuel estão presentes por amizade pelos Beaulieus e para darem apoio a Nina, a «substituta de verão». Além disso, foi um dos seus motoristas que atropelou o carteiro.

Nina conhece o pai Damamme, vê-o diariamente no trabalho, como vê os outros mudar de atitude e de voz quando ele faz uma pergunta ou atravessa um corredor. A mulher dele está bonita na sua bela indumentária sombria, loira de pele clara. Um certo ar de Catherine Deneuve. Emmanuel é parecido com a mãe, tem a mesma graça, e também o mesmo olhar.

Emmanuel teria gostado de dar apoio a Nina, mas acabou de surgir na sua vida, ao passo que os outros estão nela há muito tempo. Sem dúvida há demasiado tempo. Não se separa amigos de infância. Vê-la naquela igreja dá a Emmanuel vontade de desposar Nina. É estranho, o que lhe passa pela cabeça naquela manhã. Gostaria de limpar com uma esponja o negro com que ela se cobriu, esfregá-la, lavar a sua dor. Gostaria de lhe vestir um

vestido branco e de a fazer dizer sim para a vida. Pegar na varinha mágica da fada-madrinha da Gata Borralheira e nunca mais a devolver. Está apaixonado.

Nina não ouve as palavras do padre. Aperta as mãos de Adrien e Étienne. Gostaria de nunca mais as largar.

Sentar-se, erguer-se, sentar-se, erguer-se, segundo as indicações do homem de Deus. Ela lança olhares desesperados ao Cristo branco suspenso num dos lados, um pouco afastado, sobre algumas velas em fim de vida, acesas na véspera. Em que pensa o crucificado? A quantos funerais assistiu, desde que o pregaram ali? Que pai pode infligir *aquilo* ao seu filho? E a Virgem Maria, saberia? Foi cúmplice?

Como é que o mesmo bando de canalhas pôde separá-la do seu avô? Os pais não tinham bastado? Precisavam de mais? Não poderiam ter-lhe dado ainda alguns anos? O tempo de ele ir a Paris ouvi-la cantar e de ela o levar de férias à beira-mar?

Por vezes, observa o caixão onde Pierre Beau vai dormir a eternidade. Nunca tinha visto. Aos dezoito anos, a menos que se viva num país em guerra, não se viu um morto.

Há uma fotografia de Pierre num cavalete, um retrato que os colegas encontraram, era muito raro ele posar.

Nessa manhã, Nina pensa que nem ela, nem Étienne, nem Adrien andaram na catequese. Pierre estava-se nas tintas para Deus. «Antes», dissera-lhe ele um dia, «era comunista.» Nina nunca soube muito bem o que queria dizer «comunista», tirando que se supunha que protegesse os pobres, partilhasse o dinheiro e desdenhasse a Igreja. Mais tarde, aprendeu na escola que também podia parecer-se com Estaline ou Mao Tsé-tung e era uma ideologia tenebrosa como qualquer outra. Uma potencialidade utópica e irrealizável. Como beber o mar.

Embora Nina não tivesse andado na catequese, já tinha entrado naquela igreja para acender uma vela, fazer um voto, implorar ao céu que um rapaz se apaixonasse por ela. *Meu Deus, faz com que o Alexandre saia comigo*. Também já aconteceu a Adrien rezar. Ela interrogara-o sobre o que ele pedia, como se fizesse uma encomenda por telefone à La Redoute, e, como de costume, Adrien respondeu: «Um dia digo-te.»

Étienne, por seu lado, pensa que as orações são um pouco como

chantagear o Céu. Ele entra nas igrejas como um turista que observa as paredes e as imagens com um ar pouco convencido. Nunca se ajoelharia para falar com o vazio. Parece-lhe que isso não é lá muito moderno, que a Igreja pertence aos séculos passados. Que agora há *Minitel*, computadores e videojogos. E que, a existir, o divino residirá no progresso, no avanço, nas grandes descobertas como o foguete *Ariane* ou as cirurgias de coração aberto.

Marie-Laure pedira a Nina que escolhesse uma canção para o avô. Uma canção para depois da missa, em homenagem ao que ele era. Pierre Beau nunca ouvia música, só a RTL. E Joe Dassin, às escondidas.

Os 33 rotações da mulher, no dia do aniversário da sua morte. Nina tinha-o surpreendido, debruçado sobre o gira-discos que o resto do ano apanhava pó em cima de uma cómoda, no quarto. Então, Adrien, Étienne e Nina escutaram todo o repertório do cantor de olhos franzidos. Tão piroso, tão longe do que eles gostavam, veneravam. Não era o mesmo mundo. Sobretudo as orquestrações. Nina acabou por escolher *Et si tu n'existais pas.* Por causa da frase «Como um pintor que vê nascer sob os seus dedos as cores do dia». Além disso, não ia escolher *Aux Champs-Élysées*: nunca o seu avô pusera os pés em Paris. Deveria fazê-lo pela primeira vez em setembro próximo, para instalar Nina na residência estudantil. Alegrarem-se os dois por subirem ao último andar da Torre Eiffel.

Quando sente um frémito, um movimento na multidão reunida, Nina interpela Marie-Laure Beaulieu com o olhar, para seguir as suas indicações.

Depois da canção, os carregadores erguem o caixão, como à chegada, e Nina, Adrien e Étienne seguem-no até à saída, antes de o içarem para a carrinha funerária.

O sol já está forte. Ela pensa que para o funeral do avô a meteorologia poderia ter feito um esforço, mostrar um pouco de decência e chorar como os outros. Aceder a condizer com o desgosto dos homens.

Vêm beijá-la. Imensas pessoas que ela não conhece depositam as lágrimas e o ranho nas suas bochechas. Ela responde obrigada. Já não sente as pernas. Nem durante as condolências que recebe de todos ela larga as mãos de Adrien e Étienne.

Quando Emmanuel se aproxima, agarra-a pela nuca e depõe-lhe um beijo nos lábios. Um beijo possessivo. Algo que ao mesmo tempo a repugna e

apazigua. Ele está muito bonito, os olhos cheios de compaixão nos seus, beija-a diante de todos, diante do pai e da mãe dele. Sela um pacto entre ambos. Quando Emmanuel beija Nina, ela sente os dedos nervosos de Adrien e Étienne apertarem-na com mais força.

Agora, é preciso ir até ao cemitério de carro. Seguir a carrinha a transbordar de flores.

Nina vai no *Espace* dos Beaulieus, no banco traseiro, entre Étienne e Adrien. Atrás deles, Louise e Joséphine. Quase como se fossem para Saint-Raphaël.

Marie-Laure estende-lhe uma garrafinha de água. «Tens de beber um pouco, minha querida. Vai lá estar calor e vai ser difícil.»

Felizmente, Marie-Laure está ali. Nina dorme no quarto de Étienne desde que regressou de Marselha. Marie-Laure trata de tudo. Até de lhe lavar a roupa. Dedica os seus dias a organizar o funeral, a preencher papéis, seguros, banco, gere o futuro de Nina, pelo menos o que lhe resta.

Param diante dos portões. Está tanto calor que as pessoas mal se distinguem umas das outras, a luz refletida pelas campas queima as retinas, são sombras que avançam até à sepultura dos Beaus. Nina conhece o local, acompanhou muitas vezes o avô para deixar uma flor a Odile. Odile, essa desconhecida para ela, esse grande amor para ele, do qual ele não dizia palavra. Os pais de Pierre Beau descansam ali, um tio e uma tia-avó por afinidade, um irmãozinho falecido aos quatro anos, antes do nascimento de Pierre.

O padre abençoa o caixão, as flores começam já a murchar, os caules mirram àquele sol abrasador, não resistirão mais de uma hora.

Que raio de ideia, morrer em agosto, vô.

Com a ajuda de cordas, o caixão desce ao encontro dos «outros». *Um dia*, pensa Nina, *também eu irei ali para dentro.*

O padre lança uma mão-cheia de terra para o buraco, Nina imita-o, seguida pelos outros. Depois os coveiros vão fechar de novo a sepultura.

Três placas. «Ao meu avô», «Ao nosso amigo», «Ao nosso querido colega».

Entre a multidão transpirada que começa a dispersar, no calor insuportável, Nina não vê uma mulher que a observa, que não a perde de vista desde que ela entrou no cemitério, de mãos dadas a Adrien e Étienne.

Ninguém repara nela, um pouco afastada, como se recolhida sobre outra

sepultura, embora seja sem dúvida à inumação de Pierre Beau que ela veio assistir.

40

22 de dezembro de 2017

Nina acabou de sair. *Nicola* adormeceu dentro de um dos meus sapatos. E eu fico ali, sem me mexer. Já não tenho vontade de trabalhar. Copos de *spritz* vazios. Habitualmente, suporto o silêncio. É mesmo um companheiro de percurso a que me afeiçoei. Mas o silêncio depois dela, impossível.

E as suas últimas palavras: «E desde quando é que sou tua amiga?»

Visto um sobretudo e saio. O frio morde-me a cara e as mãos. Nina já não está ali, o jardim está deserto, obscuro, a grande tília parece transida.

Passo de raspão pelo carro dela no pátio contíguo à casa, procuro na rua, vislumbro-a ao longe, à luz de um candeeiro. Uma pequena silhueta frágil e furtiva que caminha a passo estugado. Sigo-a, não a perder nunca mais.

O telefone vibra no meu bolso. É Louise. Como se me visse. Ela nunca liga depois das oito da noite. Para saber novidades. Louise tem horário de repartição: das nove ao meio-dia e das duas às seis.

— Estou?

— O que estás a fazer?

— Caminho.

— Onde?

— Na rua, em frente da minha casa.

— É de noite.

— Estou a ver — digo, a sorrir.

— Queres que vá aí?

— Liga-me depois.

— Estás com alguém?

— Não.

— Pareces estranha.

— Pareço sempre estranha.

Cortaram-nos a linha. A menos que Louise tenha desligado. Não tenho vontade de lhe ligar já a seguir. Seguir Nina, ir no seu encalço, umas centenas de metros atrás dela.

Quantas vezes a segui quando éramos crianças? Pelo prazer. Sempre adorei

a sua silhueta. Vistas de costas, as pessoas são mais misteriosas, contam outras histórias. Os olhares interessam-me menos do que as atitudes.

Nina não toma a direção da sua casa. Faz um desvio pelo centro da cidade. Estamos sós. Não se avista vivalma. Luz desmaiada de algumas montras que Nina passa sem olhar. Vira e para na rua Rosa-Muller, e depois diante da porta de uma casa parece hesitar. As janelas estão iluminadas. Ela gira sobre os calcanhares. Eu oculto-me um pouco mais longe, numa entrada.

Ela acaba por tocar à campainha. Uma sombra abre a porta segundos depois, Nina desaparece no interior. Aproximo-me o mais discretamente possível e leio «R. Grimaldi» escrito a esferográfica preta numa caixa de correio. Porque é que ela hesitou em entrar ali?

Ao fim de dois minutos, ainda não reapareceu. Vou embora, reprimindo um arrepio. Ligo a Louise.

— Podes vir-me buscar?

— Estás onde?

— Em frente aos correios.

— Vou já.

Espero uns breves cinco minutos. O carro dela abranda ao meu lado, eu entro. Já não via Louise desde o verão. Ela está abafada numa jaqueta azul, uma peça de desportos de inverno. Usa muitas vezes azul, para condizer com os olhos. A médica que há nela ausculta-me antes da mulher. Ela radiografa-me da cabeça aos pés num segundo. Uma vistoria-relâmpago. Como há pouco Nina com a ração do gato.

— Levo-te a casa? — pergunta ela.

— Sim.

— Está tudo bem?

— Sim.

No carro, o perfume dela inebria-me. Observo o seu perfil perfeito, voluntarioso apesar de toda a doçura que ela emana.

— Obrigada por estares aqui. Na minha vida. Que faria eu sem ti, Louise?

Ela não responde, limita-se a sorrir tristemente.

À chegada, apercebe-se da viatura do abrigo parada ao pé da casa.

— A Nina está cá?

— Já foi embora.

— Porque é que o carro dela está aqui?

— Porque tinha bebido demasiado, regressou a casa a pé.

Uma pausa.

— Não sabia que andavas a encontrar-te com ela.

— É muito recente. Cruzei-me com ela duas vezes numa semana. Mas já não a via há muito tempo.

Louise acaricia a minha mão.

— Estás a tremer — diz ela.

41

17 de agosto de 1994

São duas da tarde. Nina está sentada no sofá dos Beaulieus, naquela sala de jantar onde dançou tantas vezes. Olha sem ver as últimas pessoas que assistiram ao funeral. As que comem qualquer coisa antes de se fazerem de novo à estrada.

Qual estrada?

Pierre só conhecia pessoas da terra. Nunca tinha viajado senão através dos postais ilustrados que distribuía. Os Damammes já não estão. Emmanuel ficou lá uns instantes. Nina sentiu que ele queria vê-la naquela noite, mas não se atreveu a formular o pedido. Ou então fê-lo, mas ela não se recorda. Na mesa da cozinha foram postos dois lugares por empregados invisíveis, mas ela não irá comer. Não voltará certamente ali. Dentro de quinze dias, deixará La Comelle.

Resta saber quem tratará dos animais. Marie-Laure e Joséphine têm-lhes adoração. A cadela e dois dos gatos na casa de uma, e os dois outros gatos, mais velhos, no apartamento da outra.

Nina não voltou a casa desde que regressou de Marselha. Eles intimaram-na todos a que se mantivesse afastada, como se o seu avô tivesse minado o jardim antes de morrer. Como se fosse ali o local do crime.

Só Joséphine lá vai, para dar comida e passear *Paola* de manhã e ao final da tarde. Abrir as portadas e as janelas para arejar um pouco.

Agora, é preciso regressar. Nina quer escapulir-se. Rever as suas coisas, o seu quarto. Vai fazê-lo sozinha. Desenrascar-se. Sair de mansinho de casa de Étienne quando for uma boa altura. Quando ninguém der por isso. Telefonará depois aos rapazes, para que vão ter com ela. Num primeiro momento, precisa daquela solidão. Perder o avô fê-la envelhecer. Tem a sensação de ter cem anos, de tanto que lhe custa mexer-se.

No exterior, o sol ainda queima. Nina não consegue evitar pensar no avô. Terá calor ou frio, naquele buraco?

Percorre a sombra das ruas e chega a sua casa em poucos minutos. Abre o portão, *Paola* dorme debaixo de uma árvore, no cesto instalado por Pierre

ao lado de uma cadeira de baloiço na qual ele fez as suas sestas durante anos. Nina vai sentar-se ali, fecha os olhos. Agarra com as mãos o pelo de *Paola*. Aparecem dois gatos, que se roçam nas suas pernas.

«*A vida nunca será como antes.*» *É uma frase estúpida de telenovela lamechas, mas não deixa de ser verdade*, pensa Nina, *a vida nunca mais voltará a ser como antes.* No fundo, era doce, tranquila, mimada, aquela vida junto do seu avô. Quando é que ela o viu pela última vez? A noite em que foram jantar os três no jardim com Adrien. Ela dissera-lhe: «Boa noite, vô», apressada, sem descer de novo para o beijar. No dia seguinte de manhã, ele já tinha saído para o trabalho quando ela se levantou. E depois houve Marselha, a fuga com Adrien, a força do seu amigo para a proteger. A sua força ou a sua fraqueza: talvez tivesse tido medo de arcar sozinho com o desgosto de Nina. Por isso levou-a para outro sítio, enquanto esperava que Marie-Laure fizesse o trabalho sujo. Estava a ser dura com ele. Mas não podia impedir-se de pensar: aquele parêntesis marselhês tinha sido um gesto de amor ou de cobardia?

Ao abrir a porta da casa sentiu uma tontura, uma vertigem, um mau presságio. Como se penetrasse num sítio desconhecido e hostil.

Quando ela só queria ficar só, sozinha com as coisas de Pierre Beau para se habituar ao vazio, arrumar, selecionar, reler, eis que ao franquear o limiar da cozinha se apercebe de que todos os armários entreabertos foram esvaziados. Nem vestígio de comida. Até o sal e a pimenta não estão já no seu sítio. Não resta senão a mesa, sem as cadeiras. Por reflexo, Nina abre o frigorífico: está também vazio, e desligado da tomada. Ela não percebe. Era como se houvesse uma mudança em curso.

Sem esperar nada, sem dúvida por reflexo porque é a palavra que mais pronunciou desde que nasceu, Nina chama:

— Vô?

A voz ressoa sem eco.

Ela sustém a respiração quando entra no quarto de Pierre Beau, no piso superior. Desapareceu tudo. Roubaram-lhe a vida. A vida de ambos. Já não há 33 rotações, gira-discos, roupas, lençóis, cama.

Não resta senão o grande guarda-fatos, desmontado. Até as fotografias desapareceram. Para Nina, é uma segunda morte. Uma traição, um golpe de misericórdia.

Mas quem fez *aquilo*?

Joséphine, impossível. Marc e Marie-Laure Beaulieu não a deixaram. E nunca se teriam atrevido. Nunca fariam nada que a magoasse. Forçosamente estranhos, um assalto. Alguém que aproveitou o falecimento do seu avô para visitar a casa de ambos. Pierre tinha-lhe falado por alto de oportunistas que leem os obituários, procuram a morada do falecido, notam as portadas fechadas ou as caixas de correio cheias e roubam tudo antes da herança. Mas num casebre de operário como o nosso? Tirando os laços de amor que os uniam, nada mais tinha valor debaixo daquele teto. Porventura os livros com encadernações de carneira, a obra completa de Victor Hugo, que uma «grande senhora» lhe tinha oferecido no início, quando ele era um jovem carteiro? A coleção desapareceu do quarto dele, juntamente com o resto. Ele tinha tanto orgulho do seu «tesouro». Sempre que tinha um problema de dinheiro, Pierre dizia a Nina: «Se for preciso, vendo o Victor Hugo.»

Nina hesita em ir ao seu próprio quarto, situado a poucos metros, ao fundo do corredor estreito. Os assaltantes podem ainda estar lá, metidos num sítio qualquer. Sente-se uma estranha na sua própria casa. Levaram-lhe tudo em poucos dias.

Nina chama *Paola*, a cadela sobe as escadas e pousa o focinho húmido na mão dela. Nina pensa que nunca conseguirá separar-se dos seus animais. Agora já não.

Abre a porta do seu quarto. Não parece faltar nada. Os cartazes e as fotografias continuam nas paredes. As cassetes, os romances, os carvões, os pastéis de óleo. Abre as gavetas da cómoda e vê a sua roupa interior e as toalhas de banho. Foi tudo remexido e arrumado de forma aproximada. É como uma violação. Tocaram nas suas coisas pessoais. Desce para a salinha de estar, já não há mesa de centro, televisor nem leitor de cassetes. Até as cassetes VHS desapareceram. Os seus filmes e os do seu avô. No último Natal, ela tinha-lhe oferecido a caixa com os filmes todos de Jean Gabin.

O velho sofá, tão feio que Nina o tinha coberto com lençóis, evaporado. O acidente roubou-lhes a vida; este assalto, o quotidiano. Nina sentou-se no chão, à espera que a sua crise aguda de asma passasse. Fica assim uma boa hora até ouvir as vozes de Adrien e Étienne lá fora, que a tiram do torpor.

Encontram-na ali, sentada no chão, *Paola* junto dela, no meio da casa saqueada, com uma respiração descompassada e uma vontade irreprimível

de morrer.

42

23 de dezembro de 2017

O Liceu Georges-Perec está deserto. As salas de aula, fechadas.

Só Romain Grimaldi trabalha no seu gabinete. Apeteceu-lhe. Porque está sozinho, porque se aborrece um pouco em casa. Passear *Bob* uma vez, duas vezes, é agradável, mas lá fora está um gelo. Pôs um pequeno radiador aos pés, não despiu o sobretudo, lê o correio, responde a uns quantos *mails*.

Os alunos ainda deviam estar a preguiçar nas camas, à espera das prendas enquanto viam televisão. As pessoas estão em família. A de Romain está na Austrália.

No dia anterior à noite, propôs a Nina que se juntassem para a consoada. Sem pensar duas vezes, ela aceitou. Ele não esperava tal coisa.

Nina.

Uns quantos telefonemas, dos quais um para os arquivos do departamento «da parte de…» e Romain recebeu fragmentos da sua caderneta escolar. Como retalhos. Leu as notas e as apreciações do exame final que resistiram ao tempo. Reconstituiu o *puzzle*, exame com distinção, opção artes plásticas, 17 em 20. Ela devia ter feito estudos superiores. Porque é que ficou ali? Alguns desenhos de Nina tinham sido fotocopiados. Retratos a carvão, dois rapazes, sempre os mesmos, dos quais ela captara os traços de forma impressionante. Tinha talento, era incontestável. O trabalho de Romain é reconhecer os bons alunos. Foi o que deve ter sentido no abrigo, da primeira vez que a viu.

Na véspera à noite, ela apareceu em sua casa. Fazia dez dias que ela aparecia sem prevenir. Toca, e poucos minutos depois fazem amor. Não consegue saber, de momento, se aquelas intrusões o seduzem ou não. Os seus alunos chamam àquilo «ter um *crush*» — Romain não conhecia aquela expressão, que significa sentir-se atraído por alguém. «É ter uma paixão, stor. Curtir alguém, pronto.»

Nina é rápida, tem qualquer coisa de brusco nas mãos, não se demora. Os seus gestos denunciam o exato oposto do que ela tem na voz e no olhar, uma profundidade e uma doçura. Parece maltratada, desconfiada, tensa, como se

ela se servisse na cama de Romain e lhe fizesse o mesmo para o satisfazer. Não para o amar.

No entanto, se nessa noite ela não viesse, o vazio seria vertiginoso.

*

Étienne abre os olhos, tem dificuldade em acordar. Quando a cabeça lhe diz que está na hora de se levantar, alguma coisa nele se recusa, o seu corpo impede-o. Sente vontade de mergulhar de novo no sono. Fugir das manhãs, fugir dos dias. Continuar a sonhar um pouco. Acordar é voltar a sua casa. E ele não tem a força para tal.

Marie-Castille já não está na cama há muito tempo. Luz parda de inverno no exterior. Étienne ouve as vozes no piso inferior. Primeiro as dos seus pais. Depois o timbre de Valentin, mais agudo, que sobe até ele. O seu filho. Deus, como ele ama o seu rapaz! Nunca se julgara capaz de amar um ser mais do que a si próprio. Um cheiro de café. De torradas. De refeição do meio-dia. Tudo se mistura na casa da sua infância. Lança um olhar ao relógio-despertador: 11h15. Tem de se levantar. Lavar-se. Vestir-se. Como de costume, Marie-Castille deve estar a dizer a quem a quiser ouvir que ele precisa de descansar, que está em convalescença, que «é preciso deixá-lo dormir, coitadinho».

Ele pensa de novo em Nina. O choque quando a viu na véspera ao final da tarde. Ela não mudou. A textura da pele, talvez, menos bela que outrora, outrora a pele dela era seda, pó de arroz, areia dourada. Reflete no que ela lhe disse. Valentin sabe. Mas como? Étienne não falou daquilo a ninguém. E deixou todos os resultados dos seus exames médicos no escritório, dentro de uma gaveta fechada com duas voltas. Nunca levou a sua doença para casa. Quando Marie-Castille souber, vai ter uma coisinha má, e Étienne quer viver tudo aquilo longe de tumultos. Parece-lhe insuportável imaginar o olhar dos outros a mudar ao pousar nele. Empatia, compaixão… impossível. A sua profissão não é feita senão disso: vítimas. Nunca dar consigo do outro lado.

Só Louise sabe. Mas Louise cala-se. Louise sempre se calou.

Ele está no estádio 3. O que quer dizer «localmente avançado». Tradução: tem metástases por todo o lado. Uma cirurgia para deter a progressão dos danos, depois uma primeira quimioterapia. Um tratamento de seis meses.

Para ver como se comporta o tumor. Se se encarniça face ao adversário. Uma sessão a cada duas semanas. Em regime ambulatório. Um cateter na extremidade do braço para lhe injetar o veneno. Poderá ler o jornal, se assim desejar. Já lhe disseram: «Durante a sessão, nada o impedirá de ver um filme ou de fazer o que gosta.» Mas do que ele gosta é de nadar contra a corrente, fazer surfe, tocar guitarra, levar o filho à escola, vê-lo a rir-se à socapa com os colegas, tomar um café no bar ao pé do comissariado, a adrenalina do flagrante delito, deitar a mão a um criminoso, surpreender Marie-Castille a comer um gelado às escondidas para não o tentar, o cheiro do seu creme de noite quando se deita a seu lado, ouvir música.

Não irá fazer os tratamentos.

Vai embora, morrer ao ar livre, à beira-mar, em vez de se arrastar durante meses a definhar fisicamente, até a mulher e o filho se lembrarem melhor do número do seu quarto de hospital do que dos traços do seu rosto.

*

«Que raio de presente de Natal», sibila ela entre dentes. Um cão preso em frente ao abrigo. Três centímetros de corda. Aterrorizado quando Nina se aproxima. Parece envergonhado de ter sido deixado ali. Desde que hora estará a estrangular-se? Jovem, talvez um ano, encharcado, esfomeado, o serviço completo. Uma espécie de pastor-dos-pirenéus cruzado com o infortúnio. Nina chora. Muito. Quanto tempo vai ela aguentar? *E todos esses idiotas que vão comprar cachorros para o Natal. Quem é que vai recolhê-los no final de julho, quando já não forem «fofinhos»? Euzinha. «O que vais fazer nas férias?» «Eu vou desfazer-me do canito. E talvez dos miúdos e da mulher, se me chatearem muito. A vida é curta, é preciso aproveitá-la.» E tu, pobre miúda, recolhes a merda dos outros.*

Desamarrá-lo, levá-lo para o seu escritório, secá-lo, tranquilizá-lo. Ele tresanda, ele treme. Ela avalia o estado da sua pele, se tem parasitas, marcas, identificação.

Dá-lhe água e ração. Ele lança-se sobre elas.

Nina reconhece o ruído do motor do carro de Simone. Isso alivia-a, não se sente com coragem para encarar aquele abandono sozinha, esta manhã. Simone pousa uma caixa de bombons na secretária de Nina, dizendo «É para toda a gente!», depois baixa os olhos, franze-os e exclama:

— Com os diabos! De onde saiu mais este?

— Presente de Natal, amarrado ao portão.

— Onde vamos metê-lo?

— Boa pergunta. Vamos tirar fotografias e depois avisar os funcionários municipais.

— A esta hora ainda dormem, os funcionários municipais.

— Eu sei.

— Vieste a pé?

— Sim.

— És corajosa.

— Menos que você, Simone.

Simone não responde. Aponta para o cão transido de frio, que se aquece debaixo de um cobertor, observando-as às duas. Como um réu a aguardar o veredicto.

— Como é que lhe vamos chamar? Natal? Jesus? Maria?

Simone afaga-o.

— Tem cor de caramelo — observa ela.

— Fica *Caramelo* — decide Nina.

Quando passeou, limpou e tratou todos os outros, eram já três da tarde. Dois voluntários juntaram-se-lhes para os passeios. Quando estava frio, porque os edifícios eram velhos, embora, por obscuras razões sanitárias, ela não pudesse fazê-lo, Nina punha palha em todas as *boxes*. Juntava também um cobertor nos cestos e no interior das casotas.

Durante o inverno, Simone punha a cozer os restos que o talhante lhe dava. Nina detestava o cheiro de vísceras que Simone traz dentro de grandes baldes, mas aquele alimento aquece os animais. Antes de ir embora, Simone tira fotografias a *Caramelo* e Nina publica-as nas redes sociais:

> Encontrado esta manhã amarrado aos portões do abrigo,
> macho, cerca de um ano, sem identificação.
> Se o reconhece, agradecemos o contacto.

Este tipo de anúncio é pura perda de tempo. O que ela espera é que alguém tenha pena de *Caramelo*. As adoções são como os desaparecimentos: quanto mais tempo passa, menos hipóteses há de receber notícias.

*

O carro do abrigo já não está diante da minha casa. Nina deve ter vindo buscá-lo muito cedo, não a ouvi.

Procuro um pouco por todo o lado alguma mensagem que possa ter-me deixado, na caixa de correio, debaixo da porta, no cesto de *Nicola*. Qualquer coisa, só um «Olá, até breve, um beijo, feliz Natal, voltarei em breve, tem cuidado contigo, fiquei contente de te ver».

Sim, qualquer coisa.

Tenho a cabeça numa confusão.

Redijo uma nota para informar os leitores do jornal de que as buscas com auxílio do sonar foram suspensas definitivamente no lago da Floresta. Não foi encontrado mais nenhum corpo no perímetro onde a viatura foi retirada. Nem joias, nem metais, nem arma. Parece agora certo que há apenas uma vítima, aquela encontrada no monte de chapa.

Único indício que me foi confirmado por um conhecido, um gendarme de La Comelle: o corpo estava no banco traseiro do veículo, e não no dianteiro. Suicídio, acidente, assassínio, tudo não é mais que suposição. Só o tempo permitirá saber.

Na noite passada sonhei com Clotilde Marais, ela estava ao pé de mim, sentada na minha cama. Um pesadelo. Acordei encharcada, creio que gritei no sono.

«Virginie, não deixa de ser incrível que sejas tu a escrever sobre mim no jornal.» Zombava de mim, falava demasiado alto. E eu respondi-lhe, a tremer: «Mas, Clotilde, não és tu, naquele carro.» Ela sorria-me, como me sorria quando nos cruzávamos nos corredores do liceu. Ela sorria à parede atrás de mim, e essa parede era Étienne. Eu virava-me, Étienne estava ali, tinha dezassete anos e chorava lágrimas de sangue.

43

17 de agosto de 1994

São nove da noite. Adrien está deitado na cama do quarto de Nina. Ele ouve-lhe a respiração, de tempos a tempos ela dormita uns minutos, depois acorda em sobressalto, fala com ele, dirige-lhe palavras que tentam compreender. «Porque é que isto me acontece?», «O que vai ser de mim?», «Quem é que esvaziou a casa?», «Achas que o meu avô nos vê, lá onde está?», «Acreditas que há uma vida depois da morte?», «Ele não se suicidou por irmos para Paris, pois não?», «Porque é que o motorista não o viu?», «Qual terá sido o seu último pensamento?», «Como é que a minha mãe vai saber que o pai dela morreu?», «Achas que ela virá buscar-me?».

Perguntas que rodopiam em círculo.

— Achas que é por ler o correio dos outros? Fui castigada?

— Já não o fazes.

— Faço. Tinha recomeçado…

Adrien afaga-lhe os cabelos, tranquiliza-a, repete-lhe que ele estará sempre junto dela.

— E se tu também morreres? — murmura ela.

— Não vou morrer.

— Como é que sabes?

— Sei.

Paola ressona ruidosamente. Ignora que em breve irá morar noutro sítio.

Aquela casa não pertencia a Pierre Beau, era arrendada ao município. Vai ser preciso entregá-la. O drama desenrola-se demasiado depressa, até demasiado longe, a dor é profunda, subterrânea. Um rolo compressor.

Apesar de Joséphine e Marie-Laure lhe terem assegurado que ela nunca ficaria sozinha, que haveria sempre um lugar para ela nas suas casas, não deixa de ser um lugar, um sofá-cama ou uma cama no quarto de outra pessoa. Adrien lembra-lhe que dentro de semanas viverão os três em Paris. Que a vida prosseguirá. Mas Nina sente-se tão frágil como um copo de cristal da Boémia pousado nos carris de um comboio a aproximar-se a cento e cinquenta quilómetros à hora. Pensa que a infelicidade é inelutável.

Marie-Laure e Marc Beaulieu foram à gendarmaria comunicar o assalto a casa de Pierre Beau. Os vizinhos não viram nada. No mês de agosto, a maior parte está ainda de férias. Os assaltantes tiraram partido disso. Não havia sinais de arrombamento, mas quando os gendarmes souberam que a chave estava escondida debaixo de um vaso de flores ao lado da porta de entrada, reviraram os olhos. «E o cão?» «É demasiado amistoso para morder.»

Adrien começa a adormecer. Estão exaustos. Desde que regressaram de Marselha, passaram as noites em branco e os dias, tristes. *Quantas vezes o Adrien e o Étienne dormiram aqui?*, pensa Nina. Invólucros de *Kit Kat* e rebuçados abertos, espalhados pelo chão. O barulho do saco-cama, de cada vez que um deles se mexia durante o sono. Quantas vezes Pierre Beau, encontrando o quarto naquele estado, gritou: «Nina! Arruma o teu quarto! E areja-o, tresanda a chulé!»

Não gritará mais. Nina pergunta a si mesma se no sítio onde ele está haverá caixas de correio. Imposto sobre imóveis para distribuir. E se reencontrou Odile. Se fazem juntos o giro do Paraíso.

Adrien dorme, de mão dada com Nina. A janela está escancarada. A temperatura começa a baixar. Ao longe, uma família que ainda não foi atingida por um luto azafama-se à volta de um grelhador. Nina ouve as gargalhadas, os copos que entrechocam, as crianças que brincam numa piscina de plástico. Na sua rua não é como na rua de Emmanuel: aqui é preciso insuflar as piscinas.

Há pouco o telefone fixo — que miraculosamente não foi roubado — tocou três vezes com um quarto de hora de intervalo. Nina tem a certeza de que era ele. Emmanuel procura-a.

Étienne deve estar com Clotilde. Não a viu desde o seu regresso de Saint-Raphaël, usou o pretexto dos preparativos do funeral para se esquivar, mas esta noite não conseguiu escapulir-se. Queria pôr fim à relação de ambos. Que ela percebesse que ele ia para Paris em breve e não desejava senão uma coisa: ter dezoito anos e não ter compromissos.

Nina tem sede.

Ao fim da tarde, Joséphine tinha lá ido deixar garrafas de água e víveres na cozinha. Viu, estupefacta, a casa saqueada. «Esta manhã estava ainda tudo cá.»

Nina quase tem medo de descer sozinha, naquela casa vazia. É o fantasma

dos gatunos que assombra aquele sítio, e não o do seu avô. Acende a luz do corredor, entra na cozinha, sente um perfume desconhecido flutuar na divisão. É percorrida por um calafrio, pega numa garrafa e sobe depressa ao quarto. Adormece quase a seguir. Acorda minutos depois, no meio de um pesadelo, aliviada por abrir os olhos. Parece-lhe ouvir barulho no jardim, os gatos, talvez. Debruça-se pela janela, ninguém, a rua está deserta, só uma velha carrinha azul, estacionada um pouco mais longe. As traças começam a dançar na luz dos candeeiros. Adrien e *Paola* dormem profundamente.

Nina perdeu o sono. Levanta-se, calça uns chinelos para poder sair para o alpendre. Dois dos seus gatos vêm pedir festas. Ela abre a porta, eles seguem-na. Ela senta-se num degrau, observa o céu, a noite que começa a cair. Não consegue visualizar o futuro. Antes, era belo, desconhecido, repleto de esperança. Agora, parece-lhe impossível crer nele. Todas as suas forças estão anestesiadas; os músculos da sua vida, atrofiados.

Abre-se uma porta atrás de si. Os dois gatos fogem.

Mas não é a porta de entrada que acabam de abrir, e sim a da cave. Nina fica petrificada, um filme de terror, como aqueles que via de enfiada com Étienne e Adrien, fechados no escuro.

Já não há filtros entre ela e o terrível: ali mesmo, diante dos seus olhos, a sombra de um homem enorme, a levar uma caixa cheia de antiguidades que ela e o avô iam vender todos os anos por ocasião da feira de maio. Com o dinheiro que faziam, comiam omelete e requeijão no almoço ao ar livre organizado pela comuna. Nina reconheceu o seu antigo candeeiro de mesinha de cabeceira e algum bricabraque, como as suas *Barbies*. Ao vê-la, o homem deteve-se, depois avançou resmungando qualquer coisa inaudível, passou por ela de raspão e desapareceu na rua. Nina não se atreveu a mexer-se, nem a chamar Adrien ou gritar por socorro. Estava como que paralisada. O seu cérebro tinha-se desligado. Como quando Marie-Laure lhe comunicara a morte do avô. Incapaz de fazer um gesto. À surpresa e ao espanto juntou-se o medo: mais alguém subia a escada. Quantos é que estavam lá em baixo, naquela cave minúscula onde garrafas conviviam com ferramentas de jardim, loiça esbocelada e frascos de compota vazios? Assoma uma sombra, é uma mulher, muito franzina, magra mesmo, cabelos pelos ombros. Como está em contraluz, Nina não lhe vê a cara. Traz qualquer coisa pesada, grande, maior do que ela. Um objeto que Nina

reconhece de imediato: a máquina de costura *Singer* que pertencia à sua avó. Mal apaga a luz com um golpe de ombro no grande interruptor, a mulher detém-se, distinguindo a silhueta petrificada de Nina voltada para si, sentada num degrau do alpendre. Ficam iluminadas apenas pelo final do dia. Uma luz mortiça que as faz parecer fantasmas.

Com a boca seca, Nina não consegue articular palavra. A desconhecida fecha a porta e empurra-a com o pé no sítio exato para esta se trancar. Dir-se-ia que sabia os gestos a fazer. Tanto para desligar aquele interruptor como agora para trancar a porta, como se estivesse familiarizada com o lugar, como se estivesse em sua casa. E Nina fosse a visita.

— Olá. Não tenhas medo. Sou só eu.

— …

— Vim buscar o que me pertence.

— …

Uma voz trémula. Insegura.

— Vou pousar isto porque é pesado. Já volto.

Tal como o homem antes dela, passa de raspão por Nina e desaparece na rua. Reaparece uns segundos mais tarde. Sozinha. De braços a abanar. O homem devia aguardá-la junto da carrinha.

— Não sabia que estavas cá. És muito bonita. Vi-te no funeral do velho.

— …

— Perdeste a língua?

— …

— Sabes, não é fácil… A vida. Não é fácil para ninguém.

— …

— Ah, vais dizer-me que não nos conhecemos. Não podes lembrar-te de mim, eras demasiado pequena.

Ela senta-se no degrau abaixo de Nina, vira-se para ela enquanto acende um cigarro. A luz breve do isqueiro ilumina-lhe o rosto. Traz umas calças de ganga demasiado apertadas e um *top* vermelho que deixa livres os ombros ossudos. Aquela mulher é um saco de ossos. A pele é uma cobertura fina, translúcida, que deixa à vista veias azuladas no pescoço e nos antebraços.

— Não me vou demorar. Temos um longo caminho… — Dá umas baforadas nervosas. As unhas roídas até fazer sangue. — Não queria cruzar-me com ninguém, sobretudo os vizinhos… — Esmaga a ponta do cigarro no

tacão das sandálias de cunha. — Tens aqui amigos. Vi-os no cemitério, os que te davam a mão…

Ela ergue-se sob o olhar confuso de Nina. Ia dizer alguma coisa, mas beija-a na face e vira-se, o passo apressado. Alguns segundos depois, a carrinha azul inverte o sentido e desaparece na noite. Nina distingue o perfil de Marion no banco do pendura, que baixa o vidro para apanhar ar sem olhar para ela, sem sequer um aceno de mão.

Nina fica assim uns minutos, petrificada.

Ela estava no cemitério, naquela manhã… Foi sem dúvida durante a cerimónia na igreja que os dois entraram, avaliaram a situação, depois o homem esvaziou a casa enquanto a outra assistia de longe à inumação.

Nina acabou por se erguer, titubeante, como depois de uma noitada, e vomitou bílis em cima das hortênsias do avô.

Como uma velhinha, dirigiu-se para o telefone e marcou «ligar ao último número». Emmanuel Damamme atendeu imediatamente, dir-se-ia que estava a dormir com o aparelho na mão.

— Vem buscar-me — implora ela.

— Onde estás?

— Em casa do meu avô.

— Vou já.

Ela sobe ao quarto, observa Adrien a dormir. Uma criança. De repente parece-lhe muito novo. Ela passou subitamente para uma vida de adulta. Precisa de alguém que seja mais velho. Quer esquecer a juventude, a infância, o passado. É demasiado cedo para o futuro. Adrien e ela cresceram estropiados. Adrien sem pai, ela sem pais.

Nina esperou sempre, no seu íntimo, num espaço recôndito, inconfessável, que a mãe a tivesse abandonado por uma boa razão. Demasiado jovem, inexperiente, só, amedrontada, perdida. Que um dia ela implorasse o seu perdão.

O que se teria passado entre a jovem sorridente da fotografia de turma, rodeada pelas colegas, e a «coisa» que acabara de ver com um comportamento ignóbil? A realidade é, efetivamente, demasiado difícil de entender. Preferia nunca ter sabido. Pelo menos nestas circunstâncias. Uma mulher que vem roubar o próprio pai enquanto o cadáver ainda está quente. O que vai ela fazer com aqueles trastes? Vendê-los para fazer uns francos? Para começar, como é que ela soube que ele tinha morrido? E como é que é

possível alguém estar-se assim nas tintas para a própria filha? Falar-lhe como a um vago conhecido, uma antiga vizinha de patamar? E aquele homem que a acompanha, quem é ele? O marido? O amante? O chulo? O *dealer*?

Agora Nina está furiosa consigo por não ter falado, não ter reagido. Devia ter ido furar os pneus da carrinha, chamar a polícia, denunciá-los, bater-lhes, insultá-los, gritar. Ficou calada como um rato. Queria ter questionado, feito a pergunta que a obceca desde sempre: «Quem é o meu pai?» Deixou Marion fugir como uma ave aziaga.

Reconhece o barulho do motor do *Alpine* de Emmanuel, tão característico, que para diante da casa.

Lança um último olhar a Adrien e *Paola* antes de sair do quarto.

São só dez da noite.

44

24 de dezembro de 2017

— *Petits-fours* de queijo, *carpaccio* de cepes, terrina *La Bonne Foi*. Isto para o aperitivo. Para a refeição pensei num puré de batata-doce e leite de coco como entrada, um risoto de cogumelos e ravióis de trufas. Seguidos de bolinhos e merengue gelado de morango. Gostas mais de vinho tinto ou branco?

— És mesmo psicopata.

— É possível.

— Ou homossexual…

— Também é possível.

Nina, com os braços carregados de sacos, pousa uma garrafa de champanhe e várias de bordéus, chocolates e um embrulho de presente na mesa da sala de estar ao mesmo tempo que observa a que Romain pôs na sala de jantar. É tudo lindo, sofisticado e terrivelmente apetitoso. Ele vestiu-se com elegância, umas calças e uma camisa pretas. *Bob* está aos pés de Nina, a olhar para ela enquanto abana a cauda. Ela acocora-se para o afagar.

— É uma prenda para mim? — pergunta Romain, apontando para o embrulho que ela acaba de pousar na mesa.

— Não. É para o *Bob* — brinca Nina. — Isto é tudo um exagero… A mesa, os preparativos… Pensava que íamos comer uma omelete à lareira.

— Uma omelete na consoada? E recordo-te que não tenho lareira… De que lareira falas?

Nina não conseguiu impedir-se de sorrir.

— O Natal não me diz muito — confessa ela.

— Não és católica?

— Sou órfã, divorciada e trabalho num abrigo… Não estou a ver o papel que Jesus poderia ter na minha história… Atrasou-se demasiado… Porque me perguntas isso? Tu és crente?

— Ateu. Mas já que por uma vez tenho uma convidada no Natal, aproveito.

— E os teus amigos?

Romain sorri enquanto abre uma garrafa de rosé *Ruinart*.

— Estão com as famílias.

— E a tua família?

— Os meus pais vivem na Austrália. Vou lá um em cada dois natais. Tu apareceste no ano bom… Ou não.

Estende um copo a Nina.

— À nossa.

— À nossa.

— Feliz Natal.

— Feliz Natal.

*

Na consoada, Louise janta com os pais, os dois irmãos, as cunhadas e os filhos deles. Mima todos, em especial a mãe e os três sobrinhos. Teve sempre uma predileção por Valentin, mas não faz distinção no valor dos presentes que lhes oferece.

Ter preferências na família deve ser hereditário. Sente-se constrangida em relação a Étienne, no que toca ao pai. «A queridinha do papá», quantas vezes ouviu ela aquela frase de merda?

Como é injusto preferir um dos filhos, para ele e para os outros! Mas o amor não se discute. E Marc não sabe fingir. Quando se quer esforçar, decide interessar-se por Étienne e lhe faz uma pergunta a propósito do seu trabalho ou da sua vida em geral, Louise vê que desliga muito depressa, e que Étienne finge não reparar.

— Estou-me nas tintas, maninha, a mamã ama-me por dois.

— E a mim por três — diz ela, disfarçando a sua tristeza.

Quando já estão todos deitados, vai ter com Adrien para passar a noite com ele. De manhãzinha, volta para casa e deita-se na cama umas horas, antes de a família se reunir à volta da árvore para abrir os embrulhos.

A partir dos dezassete anos de Adrien e dos dezasseis de Louise, encontram-se no Hotel Voyageurs, quarto 4. É o mais pequeno, o menos caro, situado nas águas-furtadas, que se aluga em último recurso. Aquele hotel de La Comelle por vezes estava cheio, quando a Fábrica Magellan contratava ainda e os empregados externos residiam ali em permanência. Hoje em dia, hospedam-se lá alguns representantes e consultores, mas a

maior parte dos quartos fica desocupada há muito. Agora, Louise e Adrien são os únicos a dormir no quarto 4. Poderiam escolher outro, mas, por superstição, não o fazem. Onde quer que Adrien esteja no mundo, na noite de 24 para 25 de dezembro está em La Comelle para dormir com Louise.

Desde que se lembra, Louise ama Adrien.

A primeira vez que o viu foi na primária, no primeiro dia de aulas. Ele estava no 4.º ano, ela no 3.º Viu-o chegar atrasado à cantina com Étienne e Nina. Era novo na escola, vinha ofegante, corado, observava os outros com um ar abstraído, mas quando se encontrava com os seus dois amigos ficava com um ar mais concentrado. Louise tinha tentado não olhar para ele, mas de cada vez, como uma anomalia ocular, os olhos dela pousavam nele. O olhar ia um passo à frente do pensamento, antecipava-se-lhe.

A primeira vez que ela lhe falou foi dois dias depois. À hora do recreio, posicionou-se intencionalmente no caminho do irmão, no meio do pátio, anteviu o momento em que passariam os três num ponto de interseção entre duas linhas imaginárias, um pouco como teria feito um atirador de elite, e saiu do jogo da macaca com a pedra na mão, que apertou com força. Quase surpreendido de a ver ali, no pátio da escola, Étienne disse entre dentes: «É a minha irmã, Louise.» Ela sorriu-lhes, disse «olá» e voltou para junto das meninas da sua turma, vermelha como uma peónia. Ainda assim, tivera tempo para mergulhar os seus olhos azuis nos de Adrien, enquanto ele e Nina lhe sorriam com simpatia. Louise reviu mentalmente o rosto de Adrien até à hora do almoço. Adrien não era bonito, mas amor e beleza não têm nada que ver. Metem-se no mesmo saco por facilidade. É como pôr juntos uma estrela-cadente e um corrimão porque ambos servem para uma pessoa se agarrar a qualquer coisa. Adrien emanava um mistério e uma profundidade que não se coadunavam com a infância. Um pouco como um enigma.

Depois houve as quartas-feiras, os fins de tarde, os fins de semana. Por vezes, Louise entrava em casa e sentia que Adrien estava lá. No quarto do irmão ou na cave, a fazer música. Mesmo que os sapatos dele não estivessem arrumados no móvel da entrada. Ela escondia-se para os observar. E sempre aquele olhar terno que Adrien dirigia a Nina, mal ela abria a boca. Louise não tinha ciúmes: era o mesmo olhar que Étienne lhe dirigia a ela, quando não sabia que ela reparava, que ela o surpreendia, o olhar que só um irmão lança a uma irmã.

Depois houve a doença Py. Louise não percebia porque é que Adrien emagrecia, definhava. Uma sombra de si mesmo, perdido. Os intervalos sem ele. Sempre de castigo ao final do dia. Não o via a não ser entre duas portas. Étienne disse um dia aos pais: «O Adrien sofre tratos de polé às mãos do Py», mas o que queria aquilo dizer, «sofre tratos de polé»?

Quando Adrien foi hospitalizado por causa do professor, Louise foi várias vezes até casa deste de bicicleta, em missão de reconhecimento, e decidiu aspergir as plantações deste com lixívia. Queimou-se tudo durante a noite. De manhãzinha, as floreiras que rodeavam o caramanchão tinham cor de mijo.

E em seguida as férias grandes fizeram Louise mergulhar num desgosto profundo. Iam os três para outra escola, ao passo que ela teria de ficar na primária a fazer o último ano. Os dias iriam eternizar-se e o recreio perderia importância.

Num dia de julho, chegaram juntos a casa, puseram-se a ouvir música fechados na sala de estar. Dançaram, gritaram. Três loucos furiosos. Louise ficou a tarde toda escondida no seu quarto. Quando foram embora, ela desceu e imaginou, entre as garrafas de refrigerantes abandonadas sobre a mesa, de quais Adrien tinha bebido. Farejou tudo atrás deles como um cão procura o cheiro do dono entre os demais.

Entre o 5.º e o 9.º anos, quando se cruzavam, cumprimentavam-se timidamente. Por vezes, Adrien perguntava se a escola corria bem, as disciplinas, os professores, tudo isso… Ao que Louise respondia invariavelmente que sim, antes de fugir. Não conseguia sustentar o olhar dele. Todas as noites, imaginava o casamento de ambos, a festa, as indumentárias, a troca de alianças, a música, Étienne e Nina como padrinhos, mas era incapaz de alinhar três palavras quando se via frente a frente com ele.

As coisas mudaram quando foram juntos para Saint-Raphaël, no verão de 1990. Ela não dormiu nas noites que antecederam a partida. Havia meses que ouvia a mãe dizer que nas férias seguintes, se Étienne subisse a média geral, Adrien e Nina os acompanhariam na viagem. Louise não ignorava que o mandrião do seu irmão era ajudado pelos dois amigos. Vigiava as notas dele, abria a sua caderneta escolar às escondidas e intercetou o boletim das avaliações antes de a família lhe deitar a mão. Soube a média geral do irmão e dançou no quarto: 14! Estava no papo! Iam viver na mesma casa durante o

verão. Adrien no quarto ao lado do seu. Adrien na praia, a partilhar as refeições, as bolas de Berlim, as toalhas, a vista. A parede dos três, que até então lhe parecera intransponível, abriu uma brecha no dia em que ela leu as observações e as notas de Étienne. Fechou novamente o sobrescrito, pô-lo entre o restante correio e nessa mesma noite, por entre a euforia geral, a mãe telefonou ao avô de Nina e à mãe de Adrien a fim de lhes pedir oficialmente permissão para levar os jovens consigo para a praia.

Louise estava escondida no corredor quando Marie-Laure anunciou a Étienne que eles tinham dito que sim. Aquele sim era o que Adrien lhe diria um dia, na conservatória.

*

Adrien entra em La Comelle. Por reflexo, passa diante da casa de Nina, não há luzes no interior. Ela deve estar a passar a consoada noutro sítio. *Ainda bem*, pensa ele, *é sinal de que não está só*. Não consegue deixar de atravessar a cidade, seguir por ruas que conhece como a palma da mão para se aproximar da casa dos Beaulieus. Detém-se a boa distância, para não ser visto. Marie-Laure e Marc suspenderam grinaldas bruxuleantes no exterior. Adrien imagina Louise à mesa, a observar o irmão. A perguntar a si mesma se será o seu último Natal com ele. Adrien sabe que Étienne está doente, Louise contou-lhe. Sente urgência em estreitá-la nos braços, sentir a sua pele, acariciá-la. Lobriga sombras no interior. Sente um choque quando Étienne sai para o alpendre. Do seu carro estacionado a uma vintena de metros, Adrien reconhecê-lo-ia entre mil pessoas. Deveria sair do carro para lhe ir falar? Há uma «receita», como se costuma dizer? Não dá tempo a si próprio de responder e inverte a marcha, os faróis apagados, como um assaltante. Conduz até ao Hotel Voyageurs. Pega na maleta que só contém uma muda de roupa e uma escova de dentes, agarra num saco térmico onde traz uma garrafa de champanhe, algumas ostras, manteiga com sal e um pão de centeio.

Como todos os anos, não está ninguém na receção, a patroa passa a noite com as amigas, o código de entrada não é mudado há lustros, 1820A. «Dezoito, a idade da maioridade; vinte, a mais bela idade; A de Amor.» Ela deixou a chave número 4 separada, em cima do balcão. Adrien sobe os três andares, reencontra a alcatifa vermelha dos anos 90, a colcha florida, os

cortinados a condizer, o friso nas paredes cor de salmão. Os dois aquecedores queimam, Adrien abre a janela durante uns minutos, para deixar o ar glacial inundar os tecidos adormecidos, lavar o seu cheiro de naftalina. Acende o velho televisor para haver ruído, uma presença, vai até à minúscula casa de banho e começa a abrir algumas ostras, que dispõe num prato de porcelana.

*

Étienne fuma um cigarro enquanto observa as estrelas. «Estão a anos-luz», dizia Nina. «O que vemos aqui, delas, não é tudo. As estrelas são como as mentiras.»

Étienne evitou pensar em Nina durante todo o dia. Interdito. Nina pertence a outra vida. Desenterrá-la não serve de nada. Mas agora revê-a, impressa na sua retina. O olhar dela não mudou. Tão intacto como um metal precioso que se tivesse protegido, envolto num tecido sedoso.

Marie-Castille vai ter com ele ao exterior, um xaile sobre os ombros.

— Estás bem, meu amor? O que fazes aqui? Vais apanhar frio.

— Tenho de te confessar uma coisa… — diz ele com uma expressão carregada.

Marie-Castille ensombra-se. Sente que Étienne está diferente desde há umas semanas. Parece preocupado. Mal se atreve a pronunciar as palavras:

— O que se passa?

Ele fita-a com um meio-sorriso. Os olhos dele desarmam-na. Desarmá-la-ão sempre. Desde que o viu a primeira vez soube que ele iria ser dela. Ama-o obstinada, ciumenta e obsessivamente. Quando deu à luz Valentin, ficou mais feliz por dar aquele presente a Étienne do que por ser mãe. Era-o por amor ao seu marido, que é louco pelo filho. E Valentin é parecido com o pai.

— Saberás guardar segredo? — pergunta ele.

— Sim — murmura ela.

— Prometes?

— Prometo.

— Estou à coca do Pai Natal.

— O quê?

— Finjo que venho fumar, mas a verdade é que acredito no Pai Natal. Estou à espera para o ver.

— Oh, és incorrigível… Assustaste-me.

— É por isso que me amas.

Ele aperta-a contra si. Ela treme. Ele arrepende-se da piada de mau gosto. *Como é que se pode ser tão estúpido?*, pensa. *E tão cobarde…*

— Acho que a Louise está estranha, hoje. Tem um ar triste — diz Marie-Castille ao seu ouvido.

— Ela tem sempre um ar triste — responde Étienne, lacónico. — Não é só no Natal.

— Ah, sim? E porquê? Nunca tinha reparado.

— Oh, é uma velha história…

— Que história?

— Um homem.

— Pensava que a tua irmã preferia as mulheres.

— É mais complicado do que isso.

Esmaga a ponta do cigarro e beija a mulher na boca para a fazer calar e lhe demonstrar o seu amor. Não poderá esconder-lhe a sua doença durante muito mais tempo. É uma questão de semanas. Além disso, está a perder peso, e os músculos atrofiam-se demasiado depressa.

Começou tudo com uma ressonância magnética do abdómen e um *scanner* do tórax. Pretextou um encontro com um informador aos colegas, entre os quais Marie-Castille. Era forçoso ir sozinho. À vista dos resultados e da expressão dos especialistas, Étienne pediu a Louise que estivesse junto de si, quando despertasse. Fizeram-lhe descer um endoscópio pela garganta, até ao duodeno. O duodeno, nunca tinha ouvido falar de tal coisa. Louise explicou-lhe que está enrolado em volta da extremidade do pâncreas. «Como um pneu à volta de uma jante, por assim dizer.»

Com auxílio de uma sonda, examinaram-lhe o pâncreas sob todas as dobras e procederam a uma biopsia do tumor para avaliar o estado.

O cancro do pâncreas desenvolve-se sorrateiramente. Sem se manifestar nem fazer barulho. Uma timidez letal. Quando começa a sentir-se, é porque já está grave. Avançado. É um dos piores cancros. Fulminante.

É a primeira vez que sou o primeiro em alguma coisa, diz Étienne de si para si. *Ultrapassei o meu irmão, fui melhor do que ele na doença, o meu pai vai enfim ter orgulho em mim.*

Quando desperta, Louise está a seu lado. Ao ver a cara da irmã, percebeu

que estava lixado. Pôs um sorriso artificial nos lábios quando os seus olhos estavam devorados pelo medo. Até as pálpebras tremiam sob o fingimento do «está tudo bem».

Louise tinha já tratado das consultas e dos tratamentos com os oncologistas.

— Vão operar-te, fazer sessões de químio muito violentas para reduzir o tumor… E depois tiram-te o pâncreas, pode-se viver sem ele.

Étienne pensou que já vivia sem sonhos e sem amor. Só Valentin contava, entre as suas estrelas mortas, a única que brilhava no céu da sua vida. O único fio que o prendia ainda ao dia. Foi por essa razão que preferiu desaparecer a que Valentin assistisse à sua queda miserável.

Há quinze dias, em Lyon, Étienne foi ter com a irmã ao consultório. Pediu-lhe medicamentos para não sofrer.

— Uma coisa forte, ouviste? Uma cena que fizesse a malta dos estupefacientes empalidecer. Depois vou para qualquer sítio, sabes, como nos filmes românticos que detesto e tu adoras. Quero morrer à beira-mar, enrolado numa manta… Sentado num banco. Sossegado. Sem ninguém. Imagina o sol a nascer sobre a minha silhueta de moribundo.

— Para, Étienne, não tem piada.

— Tu nunca me chamas Étienne… Estás a ensaiar para quando evocares as lembranças do teu irmão?

Louise começou a chorar. Ele pediu-lhe desculpa.

— Podes curar-te.

— Ná. Sabes bem que não posso. Já viste o aspeto do bicho? Tenho metástases por todo o lado.

— As químios são precisas. Pode-se tentar ao menos reduzir o tumor.

— Aquilo que arrasto comigo desde os dezassete anos ninguém pode reduzir.

45

17 de agosto de 1994, 22 horas

A sepultura da família Beau fica à beira da estrada nacional, aquela que passa ao lado do muro esquerdo do cemitério municipal.

Pierre Beau descansa junto da mulher e de antepassados que têm o seu patronímico mas que ele nunca conheceu. Enterraram-no há poucas horas. Uma noite estrelada, um ruído de motor, uma luz fraca vinda da estrada ilumina por instantes o seu nome e apelido gravados no mármore. São os faróis de uma carrinha azul onde todos os seus parcos haveres, empilhados na caixa uns em cima dos outros, seguem em direção à Bretanha, Finisterra Sul.

Assim é a vida. Assim são as coisas. «Assim fazem, fazem, fazem as pequenas marionetas», cantava Odile à filha, agitando as bonitas mãos.

Marion vai no lugar do pendura, ao lado de Arthus, um antigo marinheiro convertido em antiquário e sucateiro. De Bénodet a Quimper, todos lhe chamam Desenrasca, porque ele encontra sempre a peça ou o objeto desejado. Isto vai da jante de alumínio para um *Renault 5 GTL* ao mobiliário inglês para jardim, passando por uma pedra de haxe e um álbum original dos Beatles de 1966. Basta um telefonema, uma solicitação, e Arthus responde: «Vou ver o que posso fazer» e acaba por encontrar. Só Marion chama «meu querido» a Arthus. Deixa o Desenrasca para os outros, visto que com ela ele se sai muito pior do que com as antiguidades.

*

Nesse mesmo momento, também a neta de Pierre Beau vai sentada no lugar do pendura de um veículo. Segue na direção da propriedade Damamme, um pouco afastada do centro, na orla de uma floresta nacional. Nina não sabe, mas quando os avós eram recém-casados gostavam de passear de bicicleta para os lados daquilo a que chamavam «o Castelo». Pierre e Odile passavam diante dos portões durante todo o ano e, no inverno, ao longe, quando as árvores estavam despidas, pelos janelões que eram como quadros de luz, contavam as divisões iluminadas pelos belos

lustres, observando as sombras no interior. Nunca poderiam ter imaginado que a sua neta viria a fazer parte daquelas silhuetas.

A cada reta, o olhar de Emmanuel desvia-se da estrada para observar o perfil de Nina. Tem uma expressão abatida. Quanto mais se aproximam da casa dele, mais rareiam os candeeiros de rua. O rosto da jovem mulher fica mergulhado na obscuridade. Até desaparecer por completo. Desde que Emmanuel passou para a apanhar, não disse nada.

Dormitava quando o telefone tocou. Esperava aquele telefonema. Aquele «vem buscar-me» é uma dádiva do céu; a morte daquele avô, uma bênção. Ironia do destino, foi um camião da empresa familiar que o atropelou. Emmanuel é católico. Ele, que fez a comunhão e o crisma, pergunta a si mesmo se aquilo não será um sinal, um empurrão divino.

Receara perder Nina depois do funeral. Pensou que nunca mais a veria. Porque há aqueles dois rapazes que nunca a largam. Aqueles com quem ela vai para Paris.

Agora ela não diz nada, parece atordoada, a fixar a estrada com um olhar vazio. Mas em breve, quando estiverem encostados um ao outro, ela aninhada junto dele, falará. Sentirá a confiança necessária para lhe contar como a dor de uma morte súbita pode fazer sofrer, desfazer órgãos, como facadas sem anestesia, como impossibilita tudo, até projetos de futuro. Falará da sua infância, da mãe, daquele homem que viu subir da cave à noite, a levar as suas bonecas numa caixa, o pouco que eles possuíam, ela e o avô, e depois daquela mulher, o seu cigarro, o seu cheiro, a sua pele, as suas calças, a sua voz, a carrinha azul, as coisas desaparecidas, até mesmo o sal e o frasco de mostarda encetado. Marion e o homem grande — há pouco, Nina imaginou tudo sem pensar que ele poderia ser o seu pai — não deixaram nada. Como cães que tivessem roído um animal até à carcaça. Só o seu quarto fora poupado. Para ficarem bem com a sua consciência? Quem rouba a um morto tem consciência?

Nina falará mais tarde, sobre a almofada. E Emmanuel saberá encontrar as respostas, as palavras certas, tranquilizá-la-á, amá-la-á.

Para já, serve-lhe uma bebida. Depois uma segunda. Uísque puro, sem gelo nem água gaseificada. Nina está em jejum. Ela bebe à velocidade de uma cliente habitual ao balcão. Sente a cabeça andar à roda, é quase imediato. Põe música entre dois goles, escolhe uma canção dos Cure, *Boys*

Don't Cry. Nina sente alívio por estar naquela casa ao mesmo tempo estranha e já familiar. De repente, a canção e a voz de Robert Smith transportam-na a Adrien e Étienne. Sente desesperadamente a falta deles. Procura as suas mãos. Fecha os olhos para os esquecer, como se batesse com duas portas atrás de si. Começa a dançar no meio da sala, perante o olhar de Emmanuel, que a deseja ardentemente. Sempre que está junto dela, reprime pulsões violentas. É como se desejasse ao mesmo tempo acarinhá-la e magoá-la. Esmagá-la e beijá-la. Tem medo do que sente. É como se Nina despertasse um estranho em si. Um ser sinistro, agachado num canto. Emmanuel pensa que aquilo vai passar, que ele a deseja tanto que isso lhe transtorna os sentimentos. É certamente àquilo que chamam «amor à primeira vista». Que parvoíce.

Nina mexe-se ao ritmo da música, pés descalços, braços abertos, a cantar *Boys Don't Cry*. Emmanuel aproxima-se dela, reúne toda a sua doçura, encosta-se às suas costas, segue os seus movimentos, dançam corpo a corpo, ela geme, ele toma-a nos braços, condu-la ao quarto, uma vez que ela quis. Uma vez que ela disse: «Vem buscar-me.»

*

Adrien abre os olhos, o despertador indica 22h04. Nina já não está na cama. O lugar dela está frio. Chama-a. A sua voz acorda *Paola*, que se levanta com dificuldade e desce até à cozinha e à sua tigela de água. Adrien segue a cadela, vê a porta da entrada entreaberta. Chama outra vez Nina, sobe de novo e procura-a nas divisões vazias. Aquela casa despida é inquietante, um cenário de filme de terror. Uma pergunta persegue-o: quem a saqueou? Custa-lhe acreditar naquela história de assaltantes. Adrien sente de súbito medo de se cruzar com o fantasma de Pierre Beau, tem um calafrio. E se tivesse sido ele? Se não estivesse realmente morto? Se fosse outra pessoa lá dentro, no caixão? Afinal, ele não lhe viu a cara no dia do acidente. Apenas as pernas, o resto do corpo estava coberto com um lençol. Que disparate. Seria demasiado fácil, se os nossos mortos não morressem. Os fantasmas e os mistérios pertencem ao cinema e à literatura. Não à vida real. Na vida real, o seu pai é um idiota e Nina agora está sozinha.

Onde está ela? Sai para o jardim, arranha os pés na gravilha. Três gatos junto das suas pernas, mas ninguém à vista. Terá ido dar uma volta a pé?

Puxa pela cabeça, plantado entre as hortênsias e duas árvores de fruto raquíticas. De súbito, sente uma presença atrás de si, como uma sombra ameaçadora, quase colada a ele. Vira-se aos gritos. Não o reconheceu de imediato. Adrien pensa que Étienne fez de propósito para o assustar. Ele adora isso, as piadas de mau gosto. Adrien diz-lhe, com zanga sincera:

— Pregaste-me um destes sustos… Não és bom da cabeça!

De costume, em circunstâncias parecidas, Étienne riria a bom rir, rejubilaria, mas naquele momento fica sem voz, a fixar Adrien com um olhar desvairado. Um silêncio breve. Adrien tem medo de perceber.

— Foi a Nina? Aconteceu alguma coisa à Nina? — pergunta ele num fio de voz.

— Não.

Étienne entra em casa, tem um ar abatido. Adrien segue-o, desorientado.

— O que é que tens?

— …

— Onde está a Nina? — insiste Adrien.

— Sei lá! Vocês não estavam juntos?

— Estávamos. Mas ela evaporou-se!

Étienne ergue as mãos como se pouco se ralasse. Adrien não soube como interpretar aquele gesto. Étienne acabou por deixar escapar, fatalista:

— É a Nina…

Sobe ao piso superior, fica de cuecas e lança-se para a cama, cobre-se com o lençol apesar do calor, fecha os olhos. Adrien observa-o. Além de álcool, ele cheira a lodo, aquele odor com que todos ficam depois de se banharem no lago. Étienne costuma tomar um duche a seguir, porque aquilo «tresanda a ovo podre».

Adrien não percebe. E Étienne não tem por hábito ser enigmático. E agora parece adormecido, bêbedo como um cacho, na cama de Nina. Quando esta desapareceu.

— Não queres saber onde está a Nina? — pergunta Adrien.

— …

— E tu não devias estar com a Clotilde, esta noite?

— Vem cá — responde-lhe Étienne.

46

24 de dezembro de 2017

No Hotel Voyageurs, Louise adormece nos braços de Adrien. Não pode dormir, apenas fechar os olhos. Tem de voltar para casa, como uma adolescente que saltou o muro e precisa de voltar antes do nascer do dia. Meter-se entre os lençóis frios do seu quarto de infância e dentro de algumas horas participar no teatro do Pai Natal que acaba de entrar pela chaminé para Louis e Lola, seus sobrinhos. Ainda que Étienne finja não perceber, Louise nunca se sentiu tão próxima de Paul-Émile como dele. Entre ela e Étienne há apenas um ano de diferença, têm uma ligação de gémeos, os mesmos reflexos, emoções, medos, apreensões. E são parecidos fisicamente. Quantas vezes Étienne, ao apresentar a irmã, ouviu em resposta: «Pois, já tínhamos percebido.»

Louise ainda tem esperança de que Étienne mude de ideias, que aceite os tratamentos. Para isso, necessita de ajuda, não conseguirá fazê-lo sozinha. Vinculada pelo sigilo profissional, não tem o direito de revelar o que sabe. Na família, só ela e Valentin sabem a verdade. O sobrinho encontrou uma mensagem de telefone que ela enviara a Étienne:

> Suplico-te, faz os tratamentos. É preciso não perder a esperança, já vi casos mais graves terem sucesso. Tens de viver.

Valentin telefonou de imediato à tia, para perceber.

— Tia?

— Sim, meu querido.

— O papá está doente?

— Não percebo.

— Vi a tua mensagem no telefone dele.

— Tu andas a espreitar o telefone do teu pai?

— Claro. E tem cuidado porque a minha mãe também. Eu vejo antes para apagar, evitar dramas.

— Que tipo de dramas?

— O papá está doente?

Louise improvisou uma mentira.

— Enganei-me no destinatário. Queria escrever a um paciente chamado Edmond… Edmond e Étienne estão seguidos, nos meus contactos.

— Como me podes mentir, tia? A mim? Eu achava que podia acreditar em ti.

Fez-se um longo silêncio. Ela percebeu que Valentin abafava os soluços.

— O teu pai tem um cancro. Recusa tratar-se. Jura-me que não falas a ninguém disto.

— Juro-te… — murmurou ele.

— Nem sequer a ele?

— Juro-te, tia. Vais tratá-lo?

— Vou fazer tudo o que for possível, se ele aceitar.

— E porque não aceitaria?

— Porque acha que é demasiado tarde, que está condenado.

De novo um silêncio. O adolescente processa a informação. «Condenado» quer dizer que está tudo perdido. Quer dizer que ele vai perder o pai. E a seguir retomou o fio às perguntas. Queria compreender.

— Porque é que ele acha isso?

— Porque a doença está num estado avançado.

— E tu, tia, o que é que tu pensas?

— Que nunca é demasiado tarde. Nunca se sabe como é que o corpo vai reagir aos tratamentos. É preciso experimentar, para saber.

— E como é que vais fazê-lo mudar de ideias?

— Ainda não sei.

Louise fracassou. Decorreram três semanas desde que ela teve aquela conversa com Valentin e Étienne continua a não ir à químio. Já não atende as chamadas dela. Faz-se de morto.

Um fim de tarde, fez-lhe uma espera em frente ao comissariado, mas ele saiu com Marie-Castille. Esperou por ele no Nazir, um café ao lado do trabalho. Louise notou que ele a viu, mas passou diante dela, a falar com a mulher para disfarçar. A agarrar-lhe o braço, sabendo que Louise nunca se atreveria a abordá-lo na presença de Marie-Louise.

Há três dias, quando ela chegou a casa dos pais e viu Étienne, Marie-Castille e Valentin na sala, de copo na mão, disse a si mesma que seria durante aquelas poucas horas em família que iria conseguir convencê-lo. Valentin e ela afastaram-se para poderem falar do assunto. O adolescente é

de uma ponderação que desconcerta Louise. Como Adrien quando era criança, tem qualquer coisa que raia uma maturidade anormal. Porque é que algumas crianças crescem mais depressa do que outras? No caso de Adrien, Louise conhecia a razão. Mas no que toca a Valentin, ignora-a.

— Acho que vou falar com o papá, pedir-lhe que se trate por mim.

— O problema é que tu não devias saber. E és demasiado novo para arcares com essa responsabilidade.

— Posso dizer-lhe que andei a espreitar o telefone dele. Na pior das hipóteses, passa-me um sermão… Apesar de nunca me passar sermões.

— E a tua mãe? — perguntou Louise sem grande convicção.

— Se a mamã souber, vai ser um drama. O papá partirá para sempre. Nunca conseguiremos encontrá-lo. Tu conheces alguém que pudesse falar com ele?

Louise não precisou de pensar muito.

— Sim… Enfim, acho que sim.

— Quem?

— O Adrien e a Nina.

— Quem são?

— Os seus amigos de infância.

Adrien abre os olhos e sorri-lhe. É a vigésima terceira noite de Natal deles naquele hotel.

— Queres que te faça um filho?

Louise não responde. Tem quarenta anos, nunca se casou. Alguns amores de passagem, uma vida de liberdade vinculada à de Adrien.

— Estraguei-te a vida — diz-lhe ele.

— Eu adoro a minha vida — responde Louise. — Mas, neste momento, o meu irmão é que está a estragar a dele. Tenho de descobrir uma maneira de o levar a tratar-se… Não posso obrigá-lo. Gostaria que falasses com ele.

Adrien fecha os olhos. Louise não sabe o que se passou entre o irmão dela e ele, mas uma coisa é certa: não se podem ver um ao outro.

*

Nina não dorme. Ouve a respiração de Romain. Passou uma noite de Natal maravilhosa, terna, alegre. Desde o avô que não se sentia tão bem. À meia-noite tinham já aberto os presentes, chocolates e uma caneta de tinta

permanente para Romain, uma caixa de carvões e um grande bloco de desenho para ela. Nina não reagiu, os olhos franzidos como se descobrisse a caixa negra de um avião despenhado havia vinte e três anos.

— Como é que sabes? — acabou ela por perguntar.

— Sei.

— Quem te disse? Desde os dezoito anos que não toco num carvão.

— Vi a tua nota a Desenho no exame do secundário.

— Onde?

— Procurei.

— …

— As notas dos exames são como os registos clínicos… ainda que muitas coisas se tenham perdido… Porque é que deixaste de desenhar?

— Porque me dediquei a outra coisa.

— Que coisa?

— À vida, a real.

— Aos dezoito anos?

— Sim.

— Desenha-me.

— Agora?

— Sim.

— Esqueci-me.

— Não acredito.

Nina abriu o caderno, pegou num carvão. Tremiam-lhe as mãos.

— Senta-te à minha frente — diz-lhe ela.

— Tenho de ficar em pose?

— Não faz diferença. Não demoro muito.

Nina fez uns traços e estendeu a folha a Romain.

— Aqui tens.

Romain viu a cabeça de um homem como a desenham as crianças da creche: um círculo para a cabeça, duas rodelas para os olhos, dois pontos para o nariz e um risco direito para a boca.

— Estou com um ar aborrecido — constatou ele, malicioso. — É espantoso como me pareço com o meu pai.

Desataram os dois a rir-se.

— Já não sei desenhar.

— É como o amor. Disseste-me que o teu corpo se tinha esquecido, e no

entanto…

— E no entanto o quê?

— Subimos ao meu quarto?

Passaram a noite a fazer amor. Foi mais terno do que nas primeiras vezes. Começavam a conhecer-se. O cheiro das suas peles já não os surpreende. Pelo contrário, reencontra-se e é bom. Não pode perder-se de amores, recorda Nina a si mesma. Da última vez foi um pesadelo e, agora que já redescobriu o caminho, não quer voltar a desviar-se. Porque é que se diz «perder-se de amores»? Ela esperaria que o amor a ajudasse a encontrar-se. No entanto, foi o contrário que lhe aconteceu: perdeu-se por completo.

Nina veste uma camisa encontrada no guarda-roupa de Romain. Desce para a sala. Os restos da refeição festiva deles estão em cima da mesa. Os papéis de embrulho jazem no chão. No sofá, *Bob* dorme encostado ao gato. Nina pousa o seu caderno nos joelhos e desenha-os. Não se apressa, apaga, recomeça. Uma hora depois, terminou. O resultado não é um desastre. Está habituada a desenhar animais, passou a sua infância a fazê-lo com *Paola* e os seus gatos. Não esqueceu nada. Fita o desenho e sente o desgosto regressar. Uma lágrima rola e cai sobre a mesa de centro, ao lado das taças de champanhe vazias. Depois duas, três, quatro. Ela não as reprime. Há quantos anos anda a reprimi-las?

*

Étienne e Marie-Castille fazem amor. Ele de costas, ela por cima. Convém-lhe, sente-se exausto. E desde que chegou a casa dos pais que bebe para fazer calar a dor física e psicológica. As festas de fim de ano têm isso de bom: mal se sai da mesa, passa-se ao aperitivo e assim sucessivamente. Vão buscar-se as grandes reservas à garrafeira. Os pais, felizes de os verem todos juntos, dão-lhes o melhor. Embora ele se tenha tornado inspetor, o pai continua a considerá-lo um falhado. Étienne bem vê que ele prefere até Louis e Lola a Valentin. O olhar com que os brinda não é o mesmo. Com Louise, o pai é diferente, é uma rapariga. Parece que os pais têm o coração mais mole com as filhas. Contudo, segundo reza a história familiar, Louise é que é um acidente. É ela a criança que não se esperava. A última pequenina, como um presente envenenado. Aquela pela qual a mãe se viu obrigada a deixar de trabalhar durante uns anos. Mas a ele, Étienne, os pais desejavam-no,

caramba!

Marie-Castille acordou-o de noite, ele sentiu a boca da mulher no seu sexo. Afagou-lhe os cabelos, fechando os olhos, fingindo apreciar. Para conseguir a ereção, imagina cenas inverosímeis, sobretudo nada de outras coisas, fixar apenas mamilos e rabos imaginários, inventar uma rapariga mascarada, quente, os punhos amarrados, a quem ele provoca um orgasmo. É preciso manter a ereção, se a perder, ela chorará, lamentar-se-á, dirá que ele já não a ama. Mas agora é difícil. Precisa de estar sozinho. Quando regressar a Lyon, vai organizar o seu desaparecimento. Fez um seguro de vida em nome do filho, para que nunca lhe falte nada. Mesmo sabendo que a Valentin nunca faltará nada, tirando um pai. No fundo, aquela doença convém-lhe. Acabaram os comboios de brincar, os carrinhos telecomandados, as subidas para os carrosséis a agarrar-lhe pelas axilas, acabou esse tempo em que Étienne podia brincar às crianças para estar em sintonia com o filho. Valentin vai entrar numa idade em que se fazem perguntas, de homem para homem. O que lhe diria Étienne? Que conselhos vindos dele poderiam ter algum valor?

Marie-Castille é comissária da divisão, é muito bem remunerada. A casa já está paga. Não há créditos a suportar. Ela refará a sua vida. A ideia de que o filho e a mulher se recolherão sobre o seu túmulo provoca-lhe engulhos.

Organizar o seu desaparecimento. Mesmo morto, terá de desaparecer. Não ter identificação consigo. Acabar numa vala comum.

Por agora, imagina-se numa orgia, raparigas por cima e por baixo dele, belas de morrer, corpos entrelaçados, bocas, o prazer nas gargantas, os arquejos, as rendas, couro e saltos agulha. Ejacula. Poderia chorar, de tal forma se sente aliviado. Terminou. Abraça a mulher, que se aninhou contra si, murmura-lhe «amo-te» ao ouvido. Fecha os olhos, ouve Louise estacionar o carro debaixo das janelas, desligar o motor. Rangidos nas escadas, risca de luz debaixo da porta quando ela a acende no corredor, torneiras que correm na casa de banho. Os sons da sua infância e da sua adolescência. Sabe-se tudo de uma casa, dos seus hábitos, só pelos ruídos que ali fazem. A luz desaparece. Louise entrou no seu quarto. Como todos os anos, a irmã passou a noite com o *outro*.

47

18 de abril de 1994

Nina abre os olhos. Emmanuel, deitado contra ela, olha-a, sorrindo.

— Falas a dormir.

— Chamei o meu avô?

— Não.

— Sonhei que ele estava morto… e ele está morto.

— Lamento muito.

Ela vira-se de lado e puxa os joelhos para o peito, em posição fetal.

— Agora estou sozinha.

— Eu estou aqui.

Nina mira-o. Está a gozar com ela? Está a aproveitar-se da situação? Porque é que um homem como ele tomaria conta de uma miúda como ela? Mal se conhecem.

Põe os pensamentos em ordem, elabora mentalmente a lista das coisas a fazer, por ordem de prioridade:

— Tenho de mudar de casa, preciso de esvaziar o meu quarto antes de ir para Paris.

— Porquê?

— Porque a casa não é nossa, o avô tinha-a arrendado ao município.

— Eu compro-ta.

— …

— De que serve ter dinheiro, se não for para ajudar quem se ama?

— Mas… ela se calhar nem está à venda… E os teus pais? O que diriam eles?

— Meu amor, eu tenho vinte e oito anos.

— Acabaste de me chamar «meu amor».

— Sim, porque tu és o meu amor. O grande amor da minha vida. Nunca amei ninguém como te amo, Nina.

Ela abraça-o. É a primeira vez que lhe fazem uma declaração assim. Como nas canções que fazem sonhar. Quando ela ouviu *Un homme heureux* de William Sheller — «Porque é que as pessoas que se amam são sempre um

pouco as mesmas?» —, chorou.

— Eu e o Adrien temos uma teoria. Pensamos que quando a vida nos tira uma coisa, dá-nos outra, em compensação.

— É por minha causa que estás a dizer isso?

— Sim.

Emmanuel beija-a, acaricia-a, pousa beijos no seu corpo como se se tratasse de uma pedra preciosa, procura o prazer de Nina, encontra-o, ela estremece. Pensa: *Já não estou sozinha, há uma pessoa que me ama. Mais ninguém me vai abandonar. Ele ama-me.*

*

Adrien sai para passear *Paola*, pois Nina não regressou ainda da noite. Ao dar a volta ao quarteirão, a velha cadela parece carregar tanta tristeza como ele. Têm dificuldade em avançar, cabisbaixos, a olharem para o asfalto sem compreenderem o que lhes está a acontecer.

Onde está a Nina?, pergunta Adrien a si mesmo. *Se ela tivesse estado cá…*

Quando se levantou, telefonou a Marie-Laure. Não, ela não a tinha visto. Sugeriu-lhe que ligasse a Emmanuel Damamme. Mas ele não tem vontade. Há qualquer coisa naquele homem que o repugna. Não saberia dizer o quê, a não ser que sente ciúmes dele. Custa-lhe suportar que Nina esteja com um tipo bonito, alto, inteligente, rico, irresistível. A juventude deles, que considerava uma vantagem, foi abalada, derrubada.

Tranquiliza-se dizendo a si mesmo que dentro de quinze dias tudo terá terminado. Adrien levará Nina para longe. A este pensamento, ergue a cabeça, caminha mais depressa. E depois, como um bumerangue, a cólera regressa. Porque é que Pierre Beau morreu? Estavam tão bem antes, os três! Ignoravam-no, sonhavam com um futuro em Paris sem saberem que em La Comelle, tirando o ano Py, se vivia no paraíso. A base, o apoio de que precisavam para se lançarem em voo. O local de uma infância tranquila e protegida, um berço distante da infelicidade. Com a trela de *Paola* numa mão, Adrien enxuga uma lágrima com a outra. *Étienne à esquerda, Nina no meio, eu à direita*. O horizonte, que lhes parecera tão límpido quando tinham celebrado a passagem no exame em julho, obscurecia-se. São oito horas de uma manhã de verão e no entanto a Adrien parece que é meia-noite em pleno inverno.

Traz de volta *Paola*, põe-lhe comida, a ela e aos gatos, enche as tigelas com água nova porque Étienne não se lembrará disso.

Étienne… Adrien sobe ao piso de cima, abre a porta, observa-o a dormir na cama de Nina como que querendo assegurar-se de que não sonhou. Ele está deitado de barriga para baixo, uma almofada a tapar-lhe a cabeça. Adrien pensa em Louise, reprime uma ânsia de vómito, ali, na casa da morte e da ausência.

Monta na sua bicicleta e pedala depressa, muito depressa, até perder o fôlego. Quando chega à estação de serviço, arfa. Abre o cubículo, põe a funcionar as bombas de gasóleo e súper. Entra um *Renault Clio* vermelho. «Ateste, por favor, jovem.»

*

Nina sai da casa de banho, acaba de se cruzar com o seu rosto no espelho, desfigurado pelo desgosto. Quer retomar o trabalho nos Damammes sem mais delongas. Diz a Emmanuel que regressar a casa, passar dias inteiros numa habitação vazia, lhe parece impossível. Ele responde: «Percebo.» Quer levá-la, mas ela recusa que os vejam juntos. A substituta de verão e o filho do patrão não podem chegar no mesmo carro.

— Depois, as outras vão olhar para mim, não sei. Já basta ser órfã.

Emmanuel diz que não faz qualquer tenção de a esconder.

— Quero que todos saibam que estamos juntos.

E é no caminho entre a propriedade e os escritórios dos Transportes Damamme que Emmanuel pronuncia estas palavras:

— Tu és muito nova, Nina, acho que tens de te restabelecer. Ir para Paris dentro de quinze dias parece-me uma loucura. Deixa passar um ano letivo e vai depois ter com o Étienne e o Adrien.

Seria tão mais simples, diz de imediato Nina a si própria. *A solução talvez seja esta. Restabelecer-me antes de partir.* De momento, sente-se desfasada, como numa *bad trip*. Já viu colegas do liceu passarem-se depois de terem tomado ácido. A sua cabeça, os seus músculos doridos, o seu mal-estar, o seu desgosto, os seus pensamentos obsessivos deixam-na a pensar que se encontra no mesmo estado que um tipo que chega a casa às oito da manhã depois de uma *rave*.

— E durante esse tempo continuas a trabalhar para nós… Durante um

ano, podes fazer uma poupança que te permita seres autónoma em Paris… E eu fico contigo mais algum tempo — acrescenta Emmanuel.

Ele baixa o volume do rádio. *Uma canção de verão,* pensa Nina, *é verão em todo o lado menos aqui, as pessoas estão na praia.*

Come-me! Come-me! Come-me!
É o canto do cogumelo mágico que suplica
Que brinca com as almas
E abre as portas da per-ce-ção…

Quantas vezes Nina, Étienne e Adrien dançaram e cantaram ao som daquela letra e riram a bandeiras despregadas. É Joséphine que usa aquela expressão, «rir a bandeiras despregadas». Depois da morte do seu avô, não haverá mais bandeiras despregadas. Pensar nos rapazes é como convocar recordações de infância quando se é adulto, a despreocupação e a alegria parecem-lhe longínquas. *Ainda há um mês eu fazia a dança do lenço no Club 4.*

— Podes levar-me a casa à hora de almoço? Tenho de ir ver se os animais estão bem.

— Claro.

— Obrigada.

Ele acaricia-lhe o joelho. Tem as mãos grandes e bonitas. Nina agarra-lhe nos dedos e beija-os, fechando os olhos. *Já não estou sozinha, há uma pessoa que me ama. Mais ninguém me vai abandonar. Ele ama-me.*

— Tens de arranjar móveis novos para a casa, visto que a tua mãe levou tudo… Vamos comprá-los juntos.

A minha mãe, pensa Nina. *Aquela* coisa *que fumou um cigarro ao meu lado*. Demasiado sofrimento mata o sofrimento. Nina aumenta o volume do rádio e canta, tristemente:

Come-me! Come-me! Come-me!
É o canto do cogumelo mágico que suplica
Que brinca com as almas
E abre as portas da per-ce-ção…

⋆

Nesse momento, Adrien vê o *Alpine* vermelho passar velozmente. É como uma cena cinematográfica acelerada. Adrien distingue os cabelos ao vento de Nina, o seu perfil, a sua nuca. Então ela está com *ele*. Ela traiu-o. Preferiu o dândi a ele.

No seu cubículo, deprimido a recordar a noite anterior, sentiu vontade de fazer um disparate. O que acontece quando se bebe gasolina? Já se viu alguém atestar-se até ao suicídio? Para cúmulo, devia ir almoçar com o pai. Este quer falar-lhe da sua mudança para Paris.

— É preciso gerir a situação — dissera-lhe ele ao telefone.

Sylvain Bobin não sabe fazer senão isso: «gerir.» Não é um pai, é um administrador. Adrien não teve coragem de lhe responder: «Não, giro-a eu sozinho.»

Têm encontro marcado no Hotel Voyageurs. Um local chique. Habitualmente, combinam na pizaria do Porto, ao lado do passadiço — batizado assim pelo proprietário, um nostálgico do Mediterrâneo, apesar de nunca ter havido barcos em la Comelle, apenas algumas barcaças. Será seguramente a última vez que Sylvain Bobin porá os pés em La Comelle. Talvez seja para celebrar o seu alívio, o fim das suas obrigações, que decidiu mudar de estabelecimento.

— O restaurante do Hotel Voyageurs? Bem, caramba, o teu pai faz as coisas em grande… — ironizou Joséphine.

*

São duas da tarde. Marie-Laure entra no jardim de Pierre e Nina Beau.

Está tudo seco, as flores e os legumes morrem já de sede. E só enterraram Pierre no dia anterior. É incrível como tudo o que um homem deixa atrás de si é frágil.

Quantos meses serão precisos para que as chuvas espalhem a gravilha, as fendas nos muros se ampliem, as ervas daninhas cubram tudo, a humidade enegreça as juntas, os ventos maltratem as telhas?

Marie-Laure observa o aspeto desolado dos pés de tomateiro nos seus tutores. Normalmente, ela lançar-se-ia de imediato à tarefa, teria já o regador nas mãos. Mas há coisas mais urgentes. Chama Étienne várias vezes, este não responde. Entra na casa, encontra as divisões vazias.

Quem poderá ter feito aquilo?

Marie-Laure sobe ao quarto de Nina, encontra o filho adormecido. Aos pés da cama, a cadela abre um olho e fecha-o logo a seguir.

Marie-Laure parece contrariada por encontrá-lo só. Pousa uma mão no seu ombro nu. Recorda-se do dia em que ele nasceu, a pele é a mesma, uma macieza particular, uma textura acetinada. Ainda gosta de o cheirar como quando ele era pequeno. Agora que já é quase um homem não se atreve a fazê-lo, enterrar o nariz no seu pescoço e cheirá-lo ruidosamente, portanto às vezes cheira as suas *T-shirts* no cesto da roupa suja.

Étienne abre os olhos a resmungar.

— A Clotilde desapareceu — diz-lhe a mãe. — Os pais dela estão preocupados, andam a procurá-la por toda a parte… Disseram-me que vocês estavam juntos ontem à noite.

48

25 de dezembro de 2017

— Feliz Natal, Simone.

— Feliz Natal, meu pequenino.

— Ninguém me chamava «pequenino» desde o meu avô.

Simone sorri e respinga ao mesmo tempo:

— Disse-te que não viesses hoje!

— Não ia deixá-la gerir este pequeno mundo sozinha.

— Conheci um homem que me agrada — anuncia Simone.

Nina fica sem palavras. Entre incredulidade e estupefação, fixa Simone como se esta tivesse acabado de confessar um crime e de lhe indicar onde ocultara o cadáver. Sempre discreta, adorável e elegante, Simone é viúva há anos e usa o luto do seu filho desaparecido. Uma chapa de chumbo que ela cala. Nina quase tinha esquecido que isso não faz dela menos mulher.

— Ontem jantámos juntos. E foi muito divertido. Ele tinha-me convidado e… eu dormi em casa dele — confessa, sorridente, a Nina.

— Mas isso é estupendo, Simone!

— Pois, é como dizes, é estupendo… Eu que me julgava acabada para… essas coisas.

Nina morde o lábio para não se rir.

— Como é que o conheceu?

— No baile… Todos os domingos, a minha vizinha vai abanar-se no centro comunitário. É uma coisa de velhos, com música popular. Um horror… A minha praia é mais Matthieu Chedid, M, se preferires. Estás a ver quem é?

— Sim.

— Em suma, um baile para viúvos. Com refeição, pista e projetores. De início, não quis ir… Mas a minha vizinha insistiu. Ela, como quem diz, arrastou-me até lá… E, na verdade, foi agradável. Chama-se André. Topei-o mal entrei. E tu?

— Eu o quê?

— Conheceste alguém?

Nina não esperava aquela pergunta. Sobretudo vinda de Simone. Decididamente, quando se acha que se conhece as pessoas…

Elas estão a lavar os canis à mangueira, quando a temperatura é de cinco graus negativos. Três cães deambulam em torno delas. É preciso esfregar até o cimento ficar seco, de outro modo as superfícies gelam, o que seria fatal para as almofadas e as artroses dos animais. Têm horas e horas de trabalho pela frente, a tiritarem uma ao lado da outra, agasalhadas nas suas roupas grossas e de gorro na cabeça.

— Não, eu não tenho ninguém — acaba ela por responder.

— A sério? Pensava que sim. Andas com cara de quem passa umas boas noites.

Nina cora como uma colegial.

— Não conheci… Digamos apenas que… passei uma bela noite de Natal, tem razão.

— Eu sabia — rejubila Simone. — Quem é?

— O homem que adotou o *Bob* — confessa Nina, corando ainda mais.

— Ah, bem, estou a ver… Bem, muito bem. E como vai o *Bob*?

— Bem, muito bem — brinca Nina.

— Está feliz?

— Muito feliz.

— Eu fico com o *Caramelo*. Levo-o a seguir.

Nina não esconde a estupefação.

— Estava em crer que não queria um cão em casa…

— Também eu. Sabes, Nina, cremos. E depois enganamo-nos.

*

Louise entra no quarto de Étienne, fecha a porta sem ruído atrás de si. Depois da distribuição dos presentes, o irmão foi deitar-se, pretextando uma dor de cabeça. Ele dorme. Louise senta-se na cama para o observar, pousa delicadamente dois dedos no seu pulso para lhe sentir a pulsação.

Está ainda impregnada de Adrien. Trá-lo sobre si como um sobretudo que vai demorar dias a tirar. Depois pendurá-lo-á num cabide até um dia próximo. Ao ver o irmão dormir, lembra-se de Saint-Raphaël. Do verão das suas férias com os três. A primeira vez que Louise viu um rapaz dormir foi Adrien. Como esta manhã, ela esgueirou-se até ao quarto dele. Nina e

Étienne tinham ido fazer mergulho com Marie-Laure. Adrien preferira ficar em casa. O seu pânico de serpentes, o pavor de se ver cara a cara com um animal marinho que se lhes assemelhasse. Louise ficou muito tempo ao pé dele, depois ele abriu os olhos. Na penumbra, demorou uns instantes a vê-la, a distingui-la, sentada numa cadeira de baloiço a dois metros de si. Ele sorrira-lhe, pedira-lhe que se aproximasse. Ela sentou-se à beira da cama.

Ele disse:

— Sabes, eu não sou um rapaz como os outros.

Ela respondeu:

— É por isso que te amo.

— Amas-me?

— Sim, desde pequena.

— Ainda és pequena.

— Não, tenho treze anos. Já beijaste uma rapariga?

— Na boca?

— Sim.

— Não. Nunca beijei ninguém.

— Já fizeste amor?

— Bem, não, visto que nunca beijei ninguém.

— Queres que experimentemos? — perguntou-lhe ela.

— Fazer amor?

— Não, beijar.

Adrien acenou afirmativamente. Ela meteu-se entre os lençóis, encostou-se a ele e pousou a cabeça no seu ombro. O coração martelava-lhe com força no peito, mas naquela manhã ela sentia-se corajosa. Poderia ter ficado assim para sempre, naquele quarto, a janela aberta, as persianas corridas, as estrias de luz viva, o fretenir das cigarras no exterior. Ouviam-se a partir das dez horas, e quando o sol se punha sobre os pinheiros era o seu sinal de partida. Louise sentou-se na cama e despiu-se, tinha um vestido de algodão com alças amarelas, sem roupa interior. Adrien estava de calções. Ele pegou no vestido, cheirou-o.

— Cheiras bem.

Ela encostou-se a ele, nua. Adrien afastou-se para a observar. Pousou o olhar em todas as partes do seu corpo, como que fascinado. Como se admirasse um quadro de um grande pintor.

— És linda, Louise.

Depois, com a ponta dos dedos, aflorou-a. A cara, a boca, o pescoço, os seios, o ventre, o sexo, as coxas, desceu e subiu várias vezes, ao longo do corpo dela. Só com as pontas dos dedos. Ela recorda-se ainda dos arrepios, da pele de galinha, um líquido quente entre as coxas. Como uma vontade enorme de fazer chichi, no baixo-ventre. Acabara por fechar os olhos. Disse-lhe: «Acaricio-me muitas vezes a pensar em ti. Queres ver como é?» Adrien respondeu que sim.

Ela deitou-se de barriga para baixo, a cabeça virada para ele, olhou-o nos olhos e acariciou-se. Ele tinha posto o vestido dela sobre si, como que para a cheirar sem lhe tocar. Depois, por sua vez, deitou-se de barriga para baixo e imitou-a. Tiveram o orgasmo em simultâneo, de mãos dadas.

No quarto, só silêncio, os olhos de Louise nos de Adrien. Aproximaram-se e beijaram-se na boca, procurando a língua do outro. Depois, adormeceram, num calor partilhado.

— Estás a pensar nele — diz Étienne entre dentes.

Louise sobressalta-se.

— Não, estou a pensar em ti. Temos de falar.

Étienne põe uma das almofadas sobre o peito.

— Sai do meu quarto, vi nos teus olhos que pensavas nele. Nunca soubeste mentir.

— É verdade que quanto a mentira és tu o especialista.

— O que é que queres?

— Que vás para o hospital.

Ele vira-lhe as costas.

— Não irei.

— É ridículo. Se não o fizeres por ti, fá-lo pelo Valentin.

— Para que ele me veja sofrer? Me veja retalhado? A perder cabelo? A vomitar depois das químios e a já não me segurar em pé? Queres que o meu filho veja isso?

— Pelo menos, verá que lutas!

Marie-Castille entra no quarto.

— O que é que estão a fazer? Porque é que estão aos gritos?

Louise sorri-lhe.

— Não é nada… Eu queria que fôssemos visitar juntos um velho amigo.

— Que amigo? — pergunta Marie-Castille, desconfiada.

— Não falemos mais nisso — corta Étienne. — Não irei. Minhas senhoras,

podem fazer o obséquio de sair do meu quarto? Gostaria de me levantar e estou em pelota. Vocês conhecem o meu pudor proverbial.

Louise ergue-se e sai, acabrunhada. Tenta sorrir a Marie-Castille, mas não é bem-sucedida. De súbito, vira-se para ela para lhe dizer a verdade, para obter a ajuda de que precisa desesperadamente para conseguir vergar o irmão. Étienne, que o adivinha e ouve-a pensá-lo, adverte-a friamente: «Louise, não!» Ela reprime a vontade de gritar, engole as lágrimas e sai do quarto.

Por detrás da porta, ouve Marie-Castille e o irmão discutirem. «Acalma-te… Está tudo bem… — Não me chateies… Um colega de liceu… Não tenho vontade de o ver… A Louise insiste… Vocês moem-me o juízo, todos… Tenho vontade de estar sozinho… por favor… estou cansado…» «Estás a esconder-me alguma coisa, Étienne…» «Sim, a minha pila… Não gosto que me vejam nu… Não chores… É Natal… Paz… por favor… paz… estamos de férias… Vir chatear-me até no meu quarto…»

Valentin vai ter com Louise. Com um olhar, ela faz saber ao adolescente que fracassou mais uma vez.

*

Entro em casa com os braços carregados de embrulhos. Tinha-os na bagageira do meu carro há já dias, mas esperava o Natal para lhos oferecer. E pronto, aconteceu: passei para o outro lado, a estupidez profunda. Dou presentes ao meu gatinho. A menos que sejam sinais de uma senilidade precoce.

Instalo um cesto novo, ultramacio, encostado ao radiador, um arranhador ao lado do sofá, embora daí a uns meses ele vá ter todo o campo circundante para afiar as unhas. Agito uns objetos diante do seu minúsculo focinho rosado, brinquedos feios de plástico. Pousa a pata sobre uma bolinha, que faz rebolar. Ao observar *Nicola,* penso em como detestei ser filha única. E se eu fosse buscar outro gato? Também pequenino, para que crescessem juntos e estivessem em sintonia, no mesmo comprimento de onda. *Nicola* aborrecer-se-á menos com um congénere de quatro patas do que comigo, uma das pessoas mais solitárias e sinistras do planeta. Em minha casa, até as plantas acabam por se suicidar, recusam alimentar-se, caem das janelas, automutilam-se. Ainda bem que a minha tília é velha, que teve tempo de

crescer antes da minha chegada, de conviver com o céu suficientemente de perto.

Deve haver sempre alguém no abrigo. Mesmo no dia de Natal. Se não for lá agora, já não irei. Depois, refletirei. E, se refletir, *Nicola* crescerá sozinho e acabará depressivo e neurasténico, como eu.

Dez minutos depois daquele pensamento súbito, daquela vontade, daquele regresso do pessimismo ou do otimismo, não sei dizer, estacionei diante dos portões do abrigo. Estão ali mais dois veículos, um deles o *Citroën* comercial de Nina. Entro ali pela segunda vez na vida. Quando Nina me surpreendeu a introduzir o sobrescrito com dinheiro na caixa de correio e me ofereceu um café no seu escritório, era de noite, não vi nada do local. Esta manhã, vejo-o à luz do dia. Não é muito alegre. Feito de remendos. Barracões de cimento, prefabricados. À direita, um grande cão preto de caça ladra sem convicção. À esquerda, três *boxes* isoladas, das quais duas vazias, com o letreiro «Quarentena», um cão fixa-me, tristeza, baixo os olhos, envergonhada, como se tivesse sido eu a abandoná-lo. Abro um segundo portão e entro no canil. Está escrito por todo o lado que não se deve meter as mãos pelas grades. A minha entrada no espaço dos cães é retumbante, põem-se todos a ladrar à minha passagem, incessantemente.

Acaba por aparecer uma senhora baixinha.

— Bom dia.

— Bom dia… A Nina está?

— Foi passear um cão. Em que posso ser útil?

— Adotei um gatinho e… gostaria de lhe levar um amigo.

A senhora baixinha sorri-me e conduz-me ao gatil. Cheira a merda e detergente.

— As caixas de areia ainda não foram limpas — diz-me ela.

Alguns felinos observam-me, desconfiados. Outros aproximam-se, cheiram-me. Um ou dois arriscam roçar-me as pernas.

— No dia de Natal não fazemos adoções — informa a senhora baixinha.

— Porquê?

— O escritório está fechado.

— Mas o dia de Natal… é precisamente quando se devia poder adotar.

— Não deixa de ter razão — responde ela. — Como se chama?

— Virginie.

A senhora baixinha fita-me como se procurasse alguma coisa no meu rosto.

— Como é o seu gatinho? — pergunta ela.

— Pequeno. Pequenino. Preto. Com o nariz rosado.

Nina entra no gatil. Vem transida. Sopra para as luvas de lã.

— O que fazes aqui? — pergunta-me, como que receosa.

— Feliz Natal, Nina.

A senhora baixinha não lhe dá tempo de responder.

— Era para adotar um gato — diz ela numa voz melíflua, quase a desculpar-se por me ter deixado entrar.

— Perdeste o *Nicola*?! — exclama Nina, em pânico e com agressividade.

— Nada disso. Tenho receio que se aborreça sozinho.

— E achas que vais conseguir tratar de dois gatos, tu? Vais saber lidar com isso?

Impiedosa, contundente. É a sua vinganzinha pessoal. Não posso culpá-la.

— Sim, quero dizer, acho que sim.

— Vem comigo.

Atravessamos um corredor e entramos numa divisão sobreaquecida.

— Aqui é o berçário e a enfermaria. Depende dos dias e das chegadas.

Três gatos tigrados dormem, em fila, encostados uns aos outros.

— Poderia dar-te um dentro de quinze dias. Para já, estão a recuperar.

— Pode-se separá-los?

Ela olha-me com os seus belos olhos pretos. De súbito, ocorre-me a letra que ela cantou na festa de fim de ano do liceu:

E ver-nos-emos todos os dias, desde o nosso regresso
Aonde vais tu, olhos negros, não vais para sítio nenhum…

Étienne e Adrien nos teclados, Nina no microfone. Estávamos todos no 12.º ano. Tinham organizado um concerto no pátio do Vieux-Colombier, debaixo do telheiro. Vejo ainda a faixa, as letras TRÊS belissimamente desenhadas por Nina num pano branco. Três era o nome da banda que tinham formado. Uma homenagem ao álbum *3* do grupo Indochine, do qual Nina interpretou nesse dia *Tes yeux noires, Canary Boy, Troisième sexe, Trois nuits par semaine*. Fê-las seguir de canções originais escritas por Adrien e ela própria com música composta por Étienne. Letras um pouco estranhas.

Melodias antiquadas. Mas Nina tinha uma voz bonita. Adorava ouvi-la.

— É a vida. É preciso que cresçam… Não vão ficar para sempre agarrados uns aos outros — disse-me ela sem pestanejar.

Faz-se um silêncio demorado. Durante este longo tempo morto, como se alguém tivesse dito: «Vamos fazer o jogo do silêncio», observo os gatinhos adormecidos. Jaulas vazias, pacotes de comida, um armário de medicamentos, fechado à chave, um cartaz antigo onde se vê um cão atrás das grades, com a frase: «Culpado de quê?»

Nina acaba por quebrar o silêncio:

— Há dois machos e uma fêmea. Queres qual?

— A fêmea.

49

Janeiro de 1995

Faz cinco meses que Pierre Beau descansa no cemitério.

Nina é secretária de direção. Trabalha com o diretor administrativo e financeiro, Yves-Marie Le Camus, um homem encantador. Trata-lhe do correio, das chamadas telefónicas, do envio e receção de faxes, faz a pesquisa no *Minitel* sobre a solidez financeira de potenciais clientes, redige atas de reuniões. Ganha nove mil francos por mês, treze meses por ano. Não dá erros ortográficos, não desenha, já não escreve canções.

Na casa Damamme é apreciada por todos, a sua juventude seduz, as suas dezoito primaveras atraem simpatias. É bonita e desempenha o seu papel de perfeita funcionária-maravilha.

Durante a semana, dorme em sua casa, vive com *Paola* e os gatos. É um dos jardineiros da propriedade dos Damammes que trata do espaço exterior. E de sexta a segunda de manhã passa os fins de semana no Castelo.

No espaço de cinco meses, as engrenagens da sua vida foram perfeitamente oleadas por Emmanuel. Ele comprou a casa do avô dela ao município por uma ninharia, mobilou-a ao gosto de Nina, arranjou-lhe um emprego, apresentou-a aos pais, que a consideram sua nora. Ela almoça com eles todos os domingos.

Emmanuel cumula-a de flores, atenções, presentes e palavras de amor.

O dia a dia de Nina é de uma facilidade louca, tão louca que ela por vezes tem afrontamentos. Deve ser aquilo, a felicidade. Já não ter medo, já não sentir angústia. Uma alcatifa bonita, uma banheira grande, tudo aquilo que invejava nas montras encontra-se como que por magia no seu roupeiro. Enquanto os seus amigos do liceu estão em Dijon, Autun ou Lyon a alimentar-se a latas de conserva e a dar no duro em estúdios de quinze metros quadrados, de nariz enfiado nos livros, ela, ela sente-se livre. É como se levasse dez anos de avanço sobre eles.

Uma vez por semana, vai ao cemitério falar com o avô e fazer-lhe o relatório.

— Estou bem, não te preocupes. O Emmanuel é bom para mim. Estamos

muito apaixonados. Gosto muito do meu trabalho, os dias passam depressa. O teu jardim está bonito. Os animais estão bem. No fim de semana, a Joséphine dorme em nossa casa. Gosta de tratar da casa, é uma mudança do seu apartamento. Diz que vai para a sua casa de fim de semana. O Adrien e o Étienne ligam-me muitas vezes. Esperam-me em Paris.

Aquela vida é como quando ela brincava às lojas, em pequena. Empilhava frutas e legumes no jardim, vendia-os a clientes imaginários e registava as vendas numa caixa registadora de plástico.

*

Vincennes, RER A, direto até Auber, transbordo, apanhar a linha 7 do metro, sair em Poissonnière. Liceu Lamartine, rua do Faubourg-Poissonnière, 121, 9.º Bairro. Adrien segue aquela rotina de segunda a sexta. Mochila, sanduíche, massa ou salada numa caixa de plástico. Aquelas luzes fracas, aqueles corredores compridos, aquelas pessoas ao monte, aquelas portas que se fecham, aqueles avisos nos altifalantes: «A vossa atenção, por favor, registam-se perturbações na circulação da linha A do RER, na sequência de um objeto suspeito… na sequência de um acidente com um passageiro… na sequência de uma greve, na sequência de…» A mancha dos sem-abrigo que dormem no chão, sobre os bancos, debaixo de jornais velhos, músicos, vendedores ilegais, Torres Eiffel de pacotilha, fruta, cigarros, flores, cheiros a mijo, a carrascão, violência em certos olhares, *punks* com cães, fatos-gravatas que saem em Défense, toda aquela multidão que se agita, corre, empurra, reunião sem união, no mesmo sentido, sem se olhar. As massas. Desde que vive em Paris, sente uma vontade irreprimível de não se mexer, de se deixar ficar no quarto em Vincennes, no apartamento onde está alojado, que cheira a vela perfumada.

Sair para ir às aulas custa-lhe. Queria dormir o dia todo. Fechar as janelas. Procurar o silêncio. No entanto, sai uma hora adiantado e, quando chega à estação Auber, senta-se num canto onde passa pouca gente, para ler, esquecer aquele mundo subterrâneo e mergulhar nas palavras como mergulhava na piscina municipal de La Comelle com Nina. Desde que vive em Paris, tem a sensação de já não ver o céu. De comer betão. Antes era o verde, agora é o cinzento aquilo que tem na retina. Nunca ninguém lhe falara daquela violência. Discorre-se sobre conflitos mundiais, prisões,

histórias de amor, *faits divers*, os pasmados, os velhos, prostituição, os desempregados, o fabrico de automóveis, mas nunca ele ouvira testemunhos sobre o que sente um provinciano quando desagua em Paris. Tudo parece imenso, perdemo-nos, sentimo-nos perdidos mesmo que não o estejamos, ninguém se fala, ninguém se vê, ninguém se cumprimenta. Os olhares voltados para um interior imenso, um labirinto de solidões. Como se uma tristeza comum estivesse colada às solas dos utentes do metro.

Paradoxalmente, apesar da opressão, da multidão, Adrien sente-se mais livre. Afogado nas massas. Ser anónimo tranquiliza-o. Aqui, não há mexericos, maledicências nem juízos de valor. Aqui, estão-se todos nas tintas para os outros. Quando se morre em Paris, ninguém sabe. Quando se morre em La Comelle, sai um artigo no jornal.

Para seu grande alívio, não foi para a residência estudantil. Ficar no meio de outros estudantes sem Nina parecia-lhe insuportável. Está alojado em casa de Thérèse Lepic, professora de piano e amiga do seu pai. Inaudito: como é que o seu progenitor, aquele homem taciturno, frio e desinteressante, pode ser amigo daquela mulher divertida, moderna, sofisticada, artista até à ponta dos dedos? Em casa dela há velas e rendas, vários quadros, retratos de musas e um desenho de Salvador Dalí que o pintor lhe ofereceu pessoalmente. Aquela mulher de setenta e cinco anos tem mais juventude nas veias do que Adrien, na sua conduta, atenta e perspicaz, na sua forma de se extasiar, de se rir. Fuma como uma chaminé mas só na sala onde recebe e deixa uma janela entreaberta dia e noite. Mesmo de inverno. Acontece os seus alunos tocarem piano de sobretudo, de tal modo o ar é gélido.

Adrien nunca ousou perguntar-lhe como conhecera o seu pai. Pensa que ela foi sua amante. As fotografias emolduradas no quarto de Thérèse atestam a sua antiga beleza.

A artista é miúda como um pardal e não se alimenta senão de fruta e amêndoas. Ela não come, debica. Compra pratos já feitos para Adrien no restaurante por baixo do apartamento.

É Sylvain Bobin que paga o alojamento e a alimentação, Adrien não sabe nem quer saber quanto custa isso ao pai. Repugna-lhe que Thérèse ganhe dinheiro à sua custa porque ele a ama. E se o pai deixasse de lhe pagar, Thérèse mantê-lo-ia ainda assim junto dela?

Que valor de mercado tem aquele filho caído do céu, saído do meio do mato, que tem o nome de Bobin mas do qual Thérèse nunca ouvira falar?

Se ele se presta à violência de se erguer todas as manhãs, de enfrentar os transportes públicos e respetivo florilégio de solidões para ir até Lamartine, é porque o pai o advertiu: «Pago se houver bons resultados; caso contrário, vais para a residência.»

Adrien desfruta de um quarto com cerca de dezassete metros quadrados, confinante com uma casa de banho privativa. Tudo é limpo, paredes brancas, cama com lençóis espessos. A sua roupa é lavada e passada a ferro uma vez por semana. Nada de esperas, como para os outros, na lavandaria da esquina. Uma grande secretária onde trabalhar, uma janela a dar para a rua, terceiro andar sem elevador — o que não impede Thérèse de subir e descer várias vezes por dia sem qualquer problema. Vive há trinta e cinco anos naquele apartamento de cerca de oitenta metros quadrados com uma renda irrisória. «Ainda bem», diz ela. «Não tenho economias, gastei tudo.» Os seus recursos provêm das aulas que dá. Thérèse casou-se muito nova com um militar de carreira. Viúva aos vinte e cinco anos, teve uma filha com quem não se entende e vive sozinha há décadas. Pela sua cama passaram alguns amantes. «Foram eles que me arruinaram», diverte-se ela a contar. Os hábitos de Thérèse e Adrien não se coadunaram de imediato. Jantar cedo na cozinha, depois Adrien retira-se para o seu quarto a partir das sete e meia, para trabalhar, e Thérèse para o seu, para ler, ouvir rádio ou ver *Um século de escritores*, o novo programa apresentado por Bernard Rapp que passa no canal France 3. Thérèse está inscrita na Biblioteca de Vincennes e vai lá a cada dois dias entregar e trazer livros, que devora. Aquela vida monástica, que desagradaria a qualquer outro estudante, convém perfeitamente a Adrien.

Duas vezes por semana, Adrien telefona a Nina. Ele ouve a sua voz de olhos fechados. Fala da vida na grande cidade, das aulas, dos seus colegas de turma. Diz que sente a falta dela. «É horrível sem ti, sempre que faço alguma coisa, penso em ti.» Como não é muito falador, não tem muitos amigos em Paris. Apenas bom-dia, boa-tarde.

Nina, por seu lado, fala do trabalho, de Emmanuel, dos colegas. Em breve irá visitar Adrien. Na primavera vai ter férias e estará bom tempo. Ele mostrar-lhe-á a Torre Eiffel e os Campos Elísios. E Adrien responde-lhe:

— Seja como for, em setembro também vens para cá. Arranjaremos uma maneira, com a Thérèse. Dormirás comigo e a minha mãe concorda em mudar-se para tua casa e pagar-te uma pequena renda.

— Sim, ótimo, mal posso esperar.

No sábado à noite, Étienne insiste com Adrien para ir ter com ele ao Bus Palladium. Adrien pergunta-se por que razão ele quererá tanto a sua presença. E enquanto não cede, Étienne não desliga.

— Está combinado? Encontramo-nos? Espero por ti à porta?

— Está bem.

Será uma promessa que fez a Nina ou à sua irmã? Do tipo «Promete que não abandonas o Adrien quando estiveres em Paris… Tu estás à vontade, mas para ele é difícil, ele é tímido.»

Todos os sábados, Étienne aparece com uma rapariga diferente. Nunca chega sozinho, mas raramente sai com aquela com que entrou. Étienne partilha o seu apartamento com um colega, Arthur, um aluno da mesma faculdade que ele, que também se prepara para o concurso de admissão à Escola Nacional Superior da Polícia. «Assim, estudamos juntos. Vamos fazer exatamente o mesmo percurso. Isso simplifica a vida.» *Dizes tu*, pensa Adrien, *assim, copias do teu amigo*. Adrien admira Étienne em todos os aspetos, mas não se ilude quanto à sua capacidade de se servir dos outros, de sorver a sua substância para fazer com ela o que lhe interessa.

No Bus Palladium, as raparigas bonitas volteiam em torno de Étienne. Acontece ele desaparecer uns tempos nas casas de banho ou na rua. Depois reaparece na pista como que por magia, a transpirar segurança e a sorrir como um rei. Adrien gosta de observar o ritual da sedução, a atração dos corpos, o jogo daqueles que se provam. Permanece retirado, observa os movimentos, as indumentárias, as mãos que se agitam, os cigarros que se seguram entre os dedos, o fumo que se inala e exala, os decotes *push-up*, os olhares que se prendem, se absorvem.

Adrien escreve mesmo quando não escreve.

Começou a redigir um romance e preenche as páginas de um caderno entre as aulas.

Dança muito pouco, mas adora a música eletrónica. Alimenta-o de imagens mentais. As sensações que produz no seu corpo são positivas, coloridas, alegres. Assemelham-se às que experimenta ao ouvir música

clássica, sobretudo de Bach. A música eletrónica deixa-o num estado de torpor que lhe aligeira o espírito atormentado. Liberta a ave louca que bate nas grades, aprisionada, dentro de si.

Por vezes vêm encostar-se a si raparigas já tocadas, ele aspira os seus perfumes, inebria-se com os seus odores corporais, mas nunca lhes toca. *O Perfume*, de Süskind, fascinou-o, uma pena encharcada num aroma, e aquela personagem, Grenouille, gélida.

Étienne pensa que é por causa de Louise que Adrien não ousa atirar-se a outras raparigas à sua frente.

No último Natal, Étienne apanhou-os, viu-os sair juntos de um hotel de La Comelle. Ele vinha do Club 4, eram seis horas da manhã. Nina e Damamme tinham acabado de o deixar no centro da cidade, queriam levá-lo a casa, mas Étienne declinou a oferta, preferindo caminhar para ficar mais sóbrio. Para os pais não o verem naquele estado.

Étienne pensara estar a alucinar quando viu os dois. Ele tinha estado a jantar com a família umas horas antes, com Louise. À meia-noite, Nina e o seu lindinho foram buscá-lo para irem ao Club 4. Ao telefone, Adrien pretextara querer ficar junto da mãe.

Dizes tu, a mãe… Era para te encontrares com a minha irmã às escondidas.

A sua irmã menor e Adrien de mãos dadas, a saírem como dois ladrões do Voyageurs. Um hotel: sem dúvida, dormiam juntos.

Étienne poderia tê-los denunciado, dar um soco a Adrien e um tabefe à irmãzinha, mas não fez nada. Passou para outra rua, para não se cruzar com eles e não ser visto. Pelo menos Louise não andava a sair com parvos. E não lhe parecia descabido que aqueles estivessem juntos, eram os dois marados. Sempre calados ou a falarem muito baixinho, a lerem sem ninguém os obrigar, a nunca perderem as estribeiras, a pousarem os seus olhos de pescada frita sobre a «beleza do mundo». Extasiarem-se perante uma flor, uma borboleta ou um quadro num museu. Crianças bem-comportadas. Como a superfície de um lago um pouco irritante. Étienne, pelo seu lado, prefere as ondas e a fúria. O vento e o granizo.

Depois do desaparecimento de Clotilde, mesmo antes de se mudar para Paris, Étienne foi à polícia. Os pais da jovem procuravam-no, não percebendo porque tinha ela partido de um dia para o outro, sem avisar ninguém. Uma mulher tinha-a avistado na estação de La Comelle na noite

em que ficara de se encontrar com Étienne no lago. A testemunha ia apanhar o último comboio, o das 22h17, para Mâcon. E Clotilde aguardava-o também.

Interrogado a pedido dos pais de Clotilde, Étienne prestou-se de bom grado ao exercício. Fez perguntas sobre as carreiras de oficiais aos dois gendarmes que o receberam para prestar declarações. Explicou que na noite de 17 de agosto de 1994 ele e Clotilde deviam encontrar-se às oito e meia no lago da Floresta. Reconheceu ter bebido enquanto esperava, nervoso, pois naquela noite ia anunciar-lhe a separação.

— Porquê?

— Porque já não a amava.

— Discutiram?

— Não. Não voltei a vê-la desde 15 de julho, quando parti de férias.

Há já cinco meses que ninguém tem notícia de Clotilde. Não deixou nenhuma mensagem. Nunca telefonou, nem sequer enviou uma carta. No momento do desaparecimento, Clotilde tinha dezoito anos. Ora, toda a pessoa maior de idade tem o direito de desaparecer sem ser incomodada. Clotilde volatilizou-se levando consigo simplesmente a sua mala de mão com a identificação e algum dinheiro. Tinha trabalhado como empregada de mesa durante o verão e poupara cerca de 15 mil francos. Levantara os 30 mil francos que tinha na conta poupança duas semanas antes de desaparecer. Tudo apontava para uma fuga premeditada.

A mãe de Clotilde telefonou várias vezes a Étienne, suplicou-lhe que lhe desse notícias, caso ela o contactasse. Ele prometeu.

Aquele desaparecimento transtornou a vida de Étienne. Operou nele uma mudança radical. Sentia-se em falta. Uma culpabilidade difícil de suportar. Como que para compensar, resolveu começar a estudar. A trabalhar verdadeiramente.

Partilhar o apartamento com Arthur, um aluno empenhado, ajuda-o. Desta vez, quer compreender sozinho, escalar níveis.

Concede-se uma saída por semana e um pouco de música ao domingo, mas nos outros dias trabalha arduamente. Quer ser polícia. E não gendarme. Primeiro licenciar-se em Direito. Depois o concurso de entrada para um comissariado.

⋆

Étienne e o seu companheiro de alojamento Arthur partilham duas assoalhadas na Nation desde setembro último. A Nation fica a uma estação de Vincennes, no RER. Ao domingo, Adrien vai por vezes ter com eles ao apartamento.

Étienne trouxe consigo os dois sintetizadores, o seu e o de Adrien, que instalou na sala de estar. Tocam juntos, mas sem grande convicção. Interrompem-se com frequência para conversar, beber cervejas, ver televisão. Tocam as músicas que Étienne compôs antes de Paris. Juntam um ritmo, um instrumento, modificam os tempos, os compassos. Mas sem a voz de Nina é tudo de uma tristeza absoluta. Uma ausência que tem um gosto mau a eternidade. Ela ainda está ali, mas sem ali estar. Como se estivesse morta. A música deles sem a voz dela fica incompleta, coxa. Já não compõem, não têm tempo.

Adrien espera que Nina se reúna a eles, mas Étienne já não acredita nisso. Não o diz a Adrien, contudo.

Na noite de Natal, no Club 4, bem viu que Damamme não deixava Nina. Mesmo quando ela ia à casa de banho, ele seguia-a como um cachorro até à porta.

Nunca a deixará partir. Ou então virá com ela. Ou então Nina fugirá. Sacrificará algumas coisas para salvar o restante.

Nunca mais serão os três, isso é certo. Mas tocar música é como guardar um tesouro, preservar o laço que os une. É fingir que ainda se acredita.

Étienne começou a tocar baixo sem dizer a ninguém. Ligou a guitarra a um amplificador no quarto, para que Adrien não se apercebesse. Como uma criança que descura um amigo porque conheceu outro, mas se recusa a confessá-lo. O sintetizador já não lhe diz nada. Enquanto Adrien escuta o estilo francês, os «cantores com mensagem», como ele diz, ele prefere o *rock* alternativo.

Sente-se traidor.

O telefone toca. Adrien e Étienne estão a cozer massa na cozinha. É Arthur que atende.

— Alô, é a Nina. O Étienne está?

— Sim, vou passar-to — responde Arthur. — O Adrien também está cá — acrescenta.

— Ah, fixe! Liguei para casa da senhora Lepic, mas não estava ninguém…

Alô, rapazes?

— Sim — responde Étienne.

— Podes pôr em alta-voz, para que o Adrien ouça?

— Sim.

Étienne prime um botão. A voz de Nina invade a pequena sala. Está estranha, dir-se-ia que bebeu. Parece sobre-excitada, respira ruidosamente.

— O que é que estão a fazer?

— Massa.

— Estão bem?

— Sim, cá vamos.

— Estão a ouvir-me?

— Sim — respondem Étienne e Adrien em coro.

Aí vem, pensam eles, *vai dizer que está a caminho. Que está a sair de La Comelle, ou talvez esteja já a ligar de uma cabina em Lyon.*

Os rapazes entreolham-se com um sorriso de esperança no olhar. Sustêm a respiração. Ela é assim, Nina, não tem freio.

— Estão sentados?

— …

— Vou casar-me!

50

25 de dezembro de 2017

Há meia hora que Valentin insiste:

— Vamos lá os dois. Por favor, papá… Antes de ir de novo para Lyon, amanhã.

Étienne acaba por se ouvir dizer:

— Está bem…

— Mas não dizemos à mamã, senão, ela vai querer vir connosco.

— E?

— E… não tenho vontade, ela não gosta muito de animais.

— Eu também não gosto muito.

— Tu, papá, finges.

— Finjo? — pergunta Étienne, incrédulo.

— Não gostar deles.

Étienne fita o filho. Irá surpreendê-lo sempre. Tenta imaginá-lo daí a dez, vinte, trinta anos. Desiste. Já não tem força para fazer mal a si próprio.

Primeiro tomar um duche. Étienne deixa o calor da água invadi-lo. Uma sensação agradável, há tempos que não a tinha. Depois da discussão com Marie-Castille no quarto, encheu a mula, reforçou a dose de medicamentos prescritos pela irmãzinha. Os analgésicos aliviam-no, impedem-no de pensar. Fecha os olhos, submerso em bonitas imagens, revê-se no seu *skate*, a deslizar no asfalto, na piscina, a frescura azul no verão, as batatas fritas, as lágrimas que lhe sobem aos olhos porque despejou o frasco de mostarda no cachorro-quente, as gargalhadas descontroladas a três, as tostas com *Nesquik*, os filmes de terror, a mão de Nina na sua, a enterrar-lhe as unhas na pele, as festas, a música, a cave, o sintetizador, o cheiro da fruta podre no jardim de Nina, o tabaco, o álcool, o lago, Clotilde. Abre os olhos. Fecha a água. Sai do duche. Vê-se ao espelho, não se vê por causa do vapor. *Melhor assim.*

Cruza-se com o pai nas escadas, mal se olham.

— A tua mãe e a Marie-Castille foram buscar o tronco de Natal — balbucia ele.

Ufa, pensa Étienne.

Naquele momento, ter a mulher à perna seria mesmo impossível.

Vislumbra o irmão e a nora no jardim, a brincarem com os filhos, Louis e Lola. Paul-Émile é um estranho, diz a si mesmo Étienne. Quando se tem um irmão com uma vida a mais do que a sua, nunca se consegue alcançá-lo. Quase dez anos de diferença. Poucas recordações em comum. Quando Paul-Émile saiu de casa, Étienne tinha oito anos. Voltava durante as férias escolares, mas partia logo a seguir com amigos. Conheceu a futura mulher muito novo. Não restam senão umas poucas fotografias a atestarem a cumplicidade de ambos em crianças. Étienne sentado nos joelhos do irmão mais velho. Ele devia ter uns três anos, e Paul-Émile era já adolescente. Ia a Saint-Raphaël todos os anos. Mas andava sempre acompanhado por mais velhos. No fundo, Étienne considera o irmão um amigo de férias. Um tipo com quem jogava voleibol na praia. Uma espécie de modelo, de ícone familiar a namorar a excelência. O primeiro a formar-se. O orgulho paterno. E ainda assim a olhar para as revistas pornográficas esquecidas no quarto.

Naquela manhã, Étienne dá-se conta de que nunca trocou mais de meia dúzia de palavras com a cunhada, Pauline. «Bom dia, estás boa? E os miúdos? E o trabalho?» Ela respondeu sempre que sim. Sim a tudo. Escolhe as boas respostas, que não chamam outras perguntas. Pauline é muito bonita, discreta, inteligente, magnética. É mesmo uma pena que lhe tenha passado ao lado.

Ao lado de quantas pessoas passamos, numa vida?

Afasta as ideias sombrias, veste a parca.

Valentin aguarda-o já no carro, de auscultadores nas orelhas. Quando vê o pai aproximar-se, retira-os. Étienne mal ligara o carro e já Louise se esgueira para o banco traseiro. Étienne encara-a pelo retrovisor.

— O que é que tu queres?

— Ir convosco.

— Mas isto é o quê? Uma emboscada?

— …

— Sabes onde fica, papá? — pergunta Valentin.

— Sim, meu filho. Sei onde fica.

Pela rádio, ficam a saber que a revenda dos presentes de Natal já começou na Internet. Não perderam tempo, os infelizes dos presentes.

Como todos os anos, Étienne não tratou de nada, foi Marie-Castille que geriu tudo. *Rêve d'Ossian* para Louise, esse perfume que ela adora e ele detesta. Lembra-lhe o cheiro da igreja de La Comelle quando Nina acendia lá uma vela. Um *drone* e uma coluna sem fios para Valentin. E para ele um fim de semana em Veneza para duas pessoas, tudo incluído. Até o amor, a fazer fé nos corações desenhados na caixa.

Marie-Castille é incrível, um fim de semana para duas pessoas. Étienne imagina a cara que faria, se ele fosse sem ela. «Vou com outra. Adeus, bom fim de semana, até segunda.»

Como sou cruel, diz de si para si. *Até em pensamento.*

— Em que é que estás a pensar, papá?

— Em nada de especial, meu filho.

Étienne observa Louise pelo retrovisor. Sente vontade de a chatear. Como quando eram pequenos e se metia com ela. É mais forte do que ele. Uma coisa entre irmão e irmã. Além disso, será uma forma de se vingar da sua intrusão no quarto, naquela manhã. Foi por causa dela que Marie-Castille se passou.

— Passaste uma boa noite? — pergunta ele, irónico.

Louise enrubesce.

— Voltaste tarde, eu ouvi-te. Estiveste onde? — continua ele.

Sabe que ela esteve com Adrien. Ela não lhe responde. Vira a cabeça, olha para os passeios desertos. Muda de assunto:

— Valentin, tens a certeza de que a Nina vai estar no abrigo?

— Sim, ela está lá. Mandei-lhe uma mensagem. Tu já lá foste, papá?

— Quando éramos pequenos, a Nina encontrou um cão e levámo-lo lá, com o Adrien.

— Quem é o Adrien?

Louise sente o sangue gelar.

Étienne atormenta-a:

— Louise, responde ao Valentin: quem é o Adrien?

— És impossível! — lança ela.

— Quem é? — insiste Valentin.

— Um amigo de infância — responde Étienne. — E um muito bom amigo da tua tia.

— És um pulha! — invetiva-o Louise.

— Tia, porque é que o papá disse isso?

— Um dia explico-te.

— Também me vais explicar porque é que não és casada? És tão bonita!

— Obrigada, meu querido.

Louise está à beira das lágrimas. Casar-se com Adrien, sonhou tanto com isso. No entanto, recusou sempre.

Passam diante da sua antiga escola. Étienne trava bruscamente.

— Caramba! Arrasaram o Vieux-Colombier! — exclama ele.

Ficam assim uns segundos, irmão e irmã cada um com as suas lembranças de pastas cheias, correias nos ombros, a pesar nas costas.

Louise observa o terreno vazio. *Exatamente como a minha vida amorosa*, pensa ela. *Uma terra deserta, minada pelo amianto. Nem sequer capaz de dar vida a um tomateiro. Felizmente, salvo-as. No fundo, sirvo às vidas dos outros. Mas não à do meu irmão. O que vai ser de mim, sem ele?* Limpa discretamente as lágrimas. Étienne fixa-a no retrovisor. Uma vez mais, ouviu-a pensar. O olhar de Étienne naquele momento, no quadrado do espelho, é de desespero. Desistiu. Acabou. Vai-se deixar levar pela corrente. Ela vê no belo olhar azul do irmão, o mesmo que o seu, que ele já partiu. Nada nem ninguém poderá detê-lo.

Étienne põe o carro de novo em marcha, liga o pisca e segue as indicações ABRIGO, uma seta vermelha pintada numa placa oscilante, num cruzamento.

Estaciona diante do muro, a poucos metros dos portões. Vê de imediato a viatura de Nina e duas outras, uma delas a recuar para ir embora. Não presta atenção ao condutor.

A primeira vez que foi ali, devia ter treze ou catorze anos. A mesma idade que o seu filho tem hoje. Nina tinha encontrado um pequeno *épagneul breton*. Sem coleira, famélico. Tinham passado a tarde a bater a todas as portas, como vendedores.

— Este cão é seu?

— Não.

Às nove da noite, Pierre Beau, louco de raiva e preocupação, tinha-lhes passado um sermão memorável. Quando viu a neta com o cãozito nos braços, ameaçou-a:

— Agora já chega! Já temos a *Paola* e quatro gatos! Isto aqui não é a arca

de Noé! Vais-me fazer o favor de o levares à SPA!

— Mas a esta hora está fechada, vô!

— Não quero saber!

Nina tinha voltado os seus olhos tristes para os rapazes.

— Nunca conseguirei levá-lo lá.

Étienne acolheu o animalzinho nos braços para o levar para casa, também ele recebido com os gritos dos pais:

— O que é que é isso?

— Um cão. Encontrámo-lo na rua. Amanhã levo-o à SPA.

— E até lá? O que pensas fazer?

Os pais tinham exigido que o pusesse de novo na rua. O animal reencontraria o caminho sozinho.

— Achas tu, não estamos num desenho animado…

Mas Louise interpôs-se. Duas crianças contra dois adultos não faziam mossa, e a irmã e ele ganharam a batalha mas não a guerra. Improvisaram-lhe uma cama com um cobertor que encontraram na cave, deram-lhe comida. Louise dormiu no sofá, ao lado dele. No dia seguinte de manhã, tinha cagado a sala toda. Marie-Laure ficou à beira de uma apoplexia e o pai, vermelho de cólera, atirou:

— Eu bem digo que tu és um irresponsável!

— Não faz mal, é só a merda do costume — respondeu-lhe Étienne.

Adorava ripostar ao pai diante da mãe porque sabia que, dissesse ele o que dissesse, Marie-Laure defendê-lo-ia.

Naquele dia, Adrien foi buscá-lo às nove horas da manhã, foram até ao abrigo a pé, o cãozinho alegremente no encalço de ambos. Uma senhora recebeu-os secamente, pegou no animal a resmungar umas palavras inaudíveis e desapareceu, batendo-lhes com os portões na cara. O olhar suplicante do cão pousado neles. Dois traidores. Pudicos, Étienne e Adrien não ousaram chorar diante um do outro.

Fizeram o caminho de regresso em silêncio, e foi cada um para sua casa, soluçar longe dos olhares.

Louise implorou durante muito tempo aos pais que fossem buscar o *épagneul*. Nada os demoveu. Étienne telefonou duas vezes às escondidas para o abrigo, para saber se o animal tinha sido reclamado. Das duas vezes lhe desligaram o telefone na cara.

Porque estava ele ali naquela manhã? Porque tinha acedido ao pedido do filho?

Por duas razões: fazer a vontade a Valentin e abraçar Nina antes de partir. Uma última vez.

51

Sábado, 1 de julho de 1995

A Conservatória, cheia até mais não caber, esvazia-se pouco a pouco. Sobretudo pessoas da família Damamme e seus amigos íntimos. Do lado de Nina, os convidados resumem-se aos Beaulieus, Adrien e Joséphine. Mas está lá o essencial. Ao apertar nos braços franzinos as mães de Adrien e Étienne à vez, ela pensa que são as suas mães substitutas. Quando o conservador felicitou os pais dos noivos, o pensamento dela foi para Marie-Laure e Joséphine, não para Marion.

Foram elas que a acompanharam a Dijon para escolher o vestido: parece de *ballet*, de cor marfim, o busto de seda e renda abrindo-se numa corola de tule na cintura e até meio da perna, bonitos sapatos de presilha, um ramo de rosas pálidas na mão e uma tiara de pérolas finas no cabelo. Nina está esplêndida. Todos os olhares convergem para ela, uma luz mais forte do que as outras, que se derrama. Como parece mais nova do que é, dir-se-ia uma colegial vestida para o seu primeiro baile. Emmanuel, tão elegante como a sua jovem mulher num fato *Dior* cinza-claro, tem a majestade de um lorde inglês. Tanto quanto se recordam os habitantes da terra, nunca houve noivos tão belos a pisar a soleira da Conservatória.

Étienne e Adrien são os padrinhos de Nina, acabam de assinar o registo. É como se tivessem assinado a condenação à morte da sua amiga abrindo-se num sorriso, à luz dos *flashes* do fotógrafo contratado para a ocasião. «Jovens, olhem para mim, ergam um pouco a cabeça… Isso, assim mesmo, menos sérios, mais alegres, por favor.»

Na antevéspera, tinham organizado os dois a despedida de solteira de Nina. Aquilo contrariou Emmanuel, mas não abriu a boca. *Depois de amanhã, será minha para sempre*, disse a si mesmo.

Também ele saiu para ir beber um copo com antigos colegas da faculdade, vindos especialmente para o casamento. Fingiu divertir-se, pensando só em Nina, quase a enlouquecer.

Nas duas noites que antecederam a união, em respeito pela tradição, Nina e Emmanuel tinham dormido cada um em sua casa. A partir desta noite,

Nina irá viver no Castelo todo o ano. É Joséphine que habitará a sua casa.

— Tens a certeza de que queres deixar o apartamento, mamã? — perguntou-lhe Adrien. — Este casamento não vai durar muito.

— És muito pessimista, meu filho.

— Não, mamã, otimista.

— Isto tranquiliza a Nina. Se for preciso partir, partirei. Encontrarei facilmente outro sítio para arrendar. E desde que vives em Paris que me custa passar pelo teu quarto de luz apagada… Tenho a impressão de que estás morto.

— Mamã…

— É verdade. Tenho de me pôr a mexer. Mudar de ares.

Na noite da despedida de solteira de Nina, Étienne e Adrien foram buscá-la às oito e meia a sua casa. Ficaram espantados ao verem lá Emmanuel, que passara «num saltinho para beijar a minha futura mulher». Apertaram-se as mãos vigorosamente, embora todos os seus gestos e olhares traíssem a animosidade recíproca. Depois de lhes ter feito algumas perguntas educadas sobre os seus estudos em Paris, Emmanuel acabou por ir embora, não sem antes dizer, num tom paternalista: «Portem-se bem… Não façam muitos disparates à minha mulherzinha.» Étienne conseguiu manter-se calmo, mas Adrien teve vontade de lhe partir a cara. Como tinha feito a Py.

Quando Emmanuel transpôs a porta, Nina ficou com um ar quase aliviado. Como se se permitisse ser de novo adolescente. Os três começaram por se cumprimentar *como devia ser*.

Não se viam desde o Natal. Sete meses, uma eternidade. E nessa altura só tinham passado dois dias juntos. Étienne e Adrien chegaram a La Comelle no dia 24 de dezembro, e Emmanuel fizera a surpresa a Nina de a levar no dia 26 para uma ilha ao sol, festejar a passagem de ano. «Ele fez de propósito», insurgira-se Adrien. «Sabia que nós vínhamos.» Étienne tinha desdramatizado: «É a primeira passagem de ano sem o avô, talvez seja melhor ela não estar cá.»

Apertaram-se à vez nos braços, durante longos momentos. Adrien foi-se abaixo, chorou sobre o ombro de Nina. Murmurou-lhe:

— É muito difícil estar sem ti em Paris… Viver sem ti.

Étienne olhou-os sem dizer nada.

Os rapazes encontraram a casa de Nina com móveis e decoração novos,

pintada e com janelas de PVC. Tiveram dificuldade em reconhecer a antiga residência de Pierre Beau.

— O Emmanuel comprou-te mesmo a casa? — perguntou Adrien.

— A sociedade.

— Isso quer dizer que não é tua?

— O que é dele é meu.

Houve uma breve troca de olhares entre Adrien e Étienne, e por fim este disse:

— Não é bem assim, minha linda, mas temos de ir, é a tua despedida de solteira.

— Aonde me levam?

Puseram-lhe uma venda preta sobre os olhos, guiaram-na até ao carro e sentaram-na no lugar do pendura. Adrien entrou para o banco traseiro. Conduziram cerca de cinco minutos.

Marie-Laure emprestara o seu *Clio* ao filho. Durante os cinco minutos de trajeto, Étienne disse apenas:

— O bólide é novo e tem o depósito atestado.

— Aonde me levam? Digam-me…

— Achas mesmo que nos demos ao trabalho de te pôr uma venda nos olhos para depois te dizermos aonde vamos?

Étienne desligou o carro, tirou um objeto da bagageira, um ruído metálico.

— Vão matar-me e ocultar o corpo, é isso?

— Isso — respondeu Étienne, cerrando os dentes.

— Estão zangados comigo?

Étienne e Adrien entreolharam-se de novo. Da mesma forma que quando Nina dissera, a propósito do futuro marido: «O que é dele é meu.»

— Não — acabou por responder Adrien. — É comigo que estou zangado, por não ter sabido levar-te daqui à força.

— Sou feliz aqui — disse Nina com uma voz desolada, como que para os tranquilizar ou se desculpar.

Deram-lhe as mãos, Nina no meio, Étienne à esquerda, Adrien à direita, e caminharam uns metros. Étienne montou um escadote metálico. Adrien passou diante, tomou as duas mãos de Nina e ajudou-a a franquear um portão de ferro. Nina sentiu primeiro a relva debaixo dos pés, depois o cheiro do cloro.

— Estamos na piscina!

Retirou a venda. O dia declinava. Àquela hora, o equipamento municipal estava deserto, fechado ao público. A água azul dos tanques hesitava entre o marinho e o malva. Refletiam-se ainda nela nuvens de calor. Descalçaram-se, as lajes estavam frias, o ar, tépido.

— Podemos estar aqui? — perguntou Nina.

— Bem, não, e é por isso que tem piada — respondeu Étienne enquanto tirava da mochila uma garrafa de *Malibu* e sumo de ananás. — Trouxe as tuas coisas de miúda.

Continuou a despejar a mochila: pacotes de batatas fritas, copos de plástico, uísque, *Coca-Cola*, toalhas de praia, napolitanas de chocolate (a marca preferida de Nina), rebuçados, um fato de banho tomado de empréstimo a Louise, que ele estendeu a Nina.

— Achei que te devia servir.

Nina ergueu os braços ao céu e gritou:

— Vocês são os maiores!

— Cala-te, não podem ouvir-nos.

Não foram precisos nem três minutos para saltarem os três para o tanque maior, mergulharem, tocarem o fundo, cronometrarem as respetivas velocidades, afundarem-se à vez, Nina aos ombros dos rapazes, os braços apertados em volta dos seus pescoços.

De tempos a tempos, Étienne saía para voltar a encher os copos. O seu leitor de cassetes em surdina. Ele tinha tido o cuidado de gravar as músicas preferidas dos três. Aquelas que tinham ouvido mais vezes, nos dez últimos anos. Todas sem distinção, mesmo aquelas de que ele não gostava. A-ha, *The Sun Always Shine on TV*, Cock Robin, *The Promise You Made,* Étienne Daho, *Le Grand Sommeil*, INXS, *Need You Tonight*, Mylène Farmer, *Ainsi soit je*, The Christians, *Words*, Nirvana, *Smells Like Teen Spirit*, Depeche Mode, *I Feel You*, The Cure, *Charlotte Sometimes*, David Bowie, *Rebel Rebel*, Indochine, *Un jour dans notre vie*, 2 Unlimited, *Let the Beat Control Your Body*… uma mistura improvável que, no fundo, se assemelhava a eles.

Nadaram durante muito tempo na água negra. De vez em quando, assustavam-se uns aos outros, Étienne trauteava a música do filme *Tubarão* descrevendo círculos à volta de Nina, que gritava dentro de água para ninguém a ouvir. Só saíram da água uma vez, para subirem à prancha dos

cinco metros. Deram-se as mãos e saltaram para a noite, sem verem o tanque lá em baixo.

Voltaram para casa de Nina os três, podres de bêbedos, às quatro da manhã, a tiritar, a rir, três idiotas a berrarem as canções das suas jovens vidas.

— Tive a mais bela despedida de solteira de todas as solteiras do mundo… Obrigada.

Começou a pensar no avô e chorou todas as lágrimas do seu corpo sobre os ombros deles. Tomaram um duche a ferver para se aquecerem, deitaram-se os três na cama de Nina e começaram a ler bandas desenhadas. Os dois rapazes fumaram um charro. A cada fim de página, Adrien ou Étienne diziam: «Acabei.» E Nina passava à seguinte.

Por volta das cinco horas da manhã, já meio a dormir, Nina perguntou:

— Vocês já me desejaram?

— Vai-te lixar — respondeu Étienne.

— Podem dizer-me tudo, vou casar-me.

— Podemos dizer-te tudo? — começou Adrien. — Então, o depósito está cheio, o carro é novo, amanhã de manhã levamos-te para longe, muito longe. E em setembro vais connosco para Paris.

— Mas… eu vou casar-me.

— Bem, o que o Adrien está a tentar dizer-te é que ainda podes desistir.

— E o vestido?

— Vende-se.

— Mas eu não posso fazer isso ao Emmanuel.

— Salva-te, pira-te, Nina, vem connosco. Nós olhamos por ti — suplicou Adrien.

— E a minha casa?

— A minha mãe muda-se para lá, fica tranquila.

— Não posso abandonar o Emmanuel, amo-o. Ele é maravilhoso.

— A vida é que é maravilhosa. Se ele te ama, esperará.

— Vocês não podem compreender… Não conseguem ficar felizes por mim? Por uma vez? São dois invejosos!

— Invejosos? Minha pobre amiga, eu acho que a tua vida de castelo tresanda! — não se conteve Étienne. — Quem é que nos abandonou? Não devíamos estar a viver os três em Paris?

— Tu és um idiota que não percebe nada!

— Idiota és tu!

Adrien interveio.

— Vocês estão doidos?

— Ela é que me enerva! — exclamou, irritado, Étienne.

— Não te enervava quando precisavas de mim!

— O quê? O quê? Vá, explica-te!

— Quem é que fazia os trabalhos todos de casa enquanto tu estavas de papo para o ar?

— Ah, mas agradava-te tirar partido do meu dinheiro!

— O teu dinheiro? Qual dinheiro?

— Trataste-te bem, quando te levámos de férias!

— Parem com isso! — gritou Adrien.

— Oh, tu também! — respondeu-lhe Nina. — Nunca se sabe o que tu pensas!

— Ah, sim? O que eu penso é que não deves casar-te.

— Porquê? Dá-me uma boa razão.

— És demasiado nova.

— O que tu não percebes, Adrien, é que no dia em que o meu avô morreu eu deixei de ser nova. E aquele que me estendeu a mão, que olhou por mim, foi o Emmanuel… Quando vocês foram os dois para Paris, deu-vos jeito que ele estivesse aqui. Não tiveram de lidar com o meu desgosto. Ele teve.

Ficaram calados. Acalmaram-se. Entreolharam-se. Arrependeram-se de se terem zangado. Étienne enrolou novo charro. Nina desceu à cozinha e trouxe um resto de uísque e três copos. Ficaram assim durante mais de quinze minutos, sem se dizerem nada. O dia começava a despontar. Foi Adrien quem rompeu o silêncio.

— Tenho de vos dizer uma coisa.

— Ah, bem, já não era sem tempo! — exclamou Nina. — Preferes os rapazes, é isso?

— Não, ele prefere a minha irmã — disse Étienne.

Adrien corou.

— Comecei a escrever um romance.

Os outros dois olharam para ele sem perceberem.

— É mais fácil escrever do que dizer — acrescentou Adrien.

— Vais falar de mim no teu livro? — empolgou-se Nina.

— Se falar de mim, falarei forçosamente de ti.

— E de mim também? — inquietou-se Étienne.

— Porquê? Há coisas que não deveria dizer? — questionou-o Adrien.

Os dois rapazes defrontaram-se com o olhar.

— Escapou-me alguma coisa? — perguntou Nina.

Nenhuma resposta.

— Como é que me vou chamar, no teu romance? — retomou Nina.

— Como gostarias de te chamar?

— Angélique.

Étienne desatou a rir-se.

— Tu consegues mesmo ser pirosa!

— E tu? — perguntou Adrien a Étienne. — Como gostarias de te chamar no meu romance?

— Kurt. Como o Kurt Cobain.

*

— Sim.

— Nina Beau, aceita Emmanuel Jean-Philippe Damamme como marido?

— Sim, aceito.

— Estais unidos perante Deus. Podeis beijar-vos.

Os órgãos, Johann Sebastian Bach, persignações, felicitações. Lançando um olhar ao Cristo branco, Nina não consegue evitar pensar no avô, que enterraram há onze meses, evita pensar que talvez seja ela quem agora enterram. Étienne e Adrien lançaram-lhe a semente da dúvida no espírito. Uma semente que ela quer destruir antes que germine. O que ela ignora é que já é demasiado tarde: quando se corta o caule, não se arrancam as raízes.

São quatro da tarde, os convidados reúnem-se para a fotografia de grupo. Depois é oferecida pelos Damammes uma bebida em honra dos noivos, no parque das termas. Pelo menos trezentas pessoas, quase toda La Comelle, entre as quais um grande número escolhido criteriosamente para o jantar.

Pessoas que Nina não conhece vêm felicitá-la. Repetem-lhe: «É tão bonita», «Está deslumbrante», «Vai fazer a inveja de muitas mulheres»… A todos, Nina serve a mesma resposta: obrigada.

Os Beaulieus, Adrien e Joséphine ficaram juntos. Louise sorri, parece feliz, não para de admirar Nina. Marie-Laure e Joséphine bebem taça atrás de taça, tagarelando alegremente. Marc conversa com Adrien, que parece

pensar noutra coisa, como de costume. *Mas em que pensa ele?*, interroga-se Nina. *Adrien e Louise. Não me apercebi de nada. Acha-se que se sabe tudo dos amigos, e no fundo não se sabe nada.*

— Como está a senhora Damamme? — pergunta Emmanuel, enquanto lhe deposita um beijo no pescoço.

— Está feliz… E como está o meu marido?

— Louco de alegria. Amo-te.

— Amo-te.

É irreal, pensa Nina. Vai sentar-se um pouco afastada, à sombra. Vêm servir-lhe uma taça de champanhe. *Estou no meu casamento*, diz de si para si. *Hoje é o meu casamento.* Varre de novo a assembleia com o olhar. Muitos amigos de Emmanuel, pessoas da sua idade, quase na casa dos trinta. As mulheres são belas, altas, elegantes, duas estão grávidas, outras inclinam-se para cabecinhas loiras, de bebés e crianças muito pequenas. Os carrinhos de bebé e as cadeiras para os idosos convivem lado a lado. De tempos em tempos, os amigos de Emmanuel olham com simpatia para Nina, brindam-na com sorrisos cúmplices. Saiu a sorte grande a Nina, Emmanuel Damamme partiu muitos corações e veio aquela pequena e apanhou-o na sua rede. É forçoso sentir admiração. Muitos dos seus amigos íntimos ficaram surpreendidos quando Emmanuel lhes anunciou o seu casamento com Nina. Foi tudo tão rápido! Nunca tinham visto o amigo apaixonado. O mais belo do grupo tinha aventuras em série sem nunca se aventurar muito tempo.

Há já uns minutos que Nina não compreende o mal-estar que alastra nela lentamente, alguma coisa que a perturba, lhe comprime o estômago. Ou alguém. O seu rosto entre todos os desconhecidos. Nina aperta a taça entre os dedos, identifica-o, faz um grande plano sobre ele, como se o focasse com uma máquina fotográfica. O que era difuso torna-se nítido. Ela reconhece-o. Está ali, em frente ao bufete, a encher-se de salpicão. Traz um fato de mau corte, fala com a sua mulher como se nada fosse. Quem o convidou? Quem se atreveu? Como é que os seus sogros foram indelicados àquele ponto? Nina levanta-se com alguma dificuldade, as pernas mal a aguentam, procura Emmanuel na multidão. Sente vontade de fugir.

«O carro é novo e o depósito está cheio.» As palavras dos rapazes de repente adquirem sentido.

Alguém a agarra pelo braço, o aperta quase demasiado. É Emmanuel.

— Está tudo bem, meu amor?

— Não – responde Nina. — *Ele* está ali.

— Quem?

— O homem que matou o meu avô.

Durante um momento, Emmanuel parece não perceber de que fala a sua mulher.

— Ah… — acaba por responder. — Convidei-o para o copo d'água, o pessoal gosta tanto de participar nas nossas festas…

— Foste *tu* quem o convidou?

— Sim… Perdoa-me, devia ter-te dito.

— Mas… ele matou-o!

— Meu amor, foi um acidente… Aquele pobre senhor Blondin não teve culpa de nada… Vá, sorri… Hoje não tens o direito de amuar.

Nina não consegue dizer mais nada. «Aquele pobre senhor Blondin»…

— Vai ver dos teus padrinhos — sussurra-lhe Emmanuel ao ouvido. — Estão com um ar enfadado.

Nina olha para ele. Procura algo nos belos olhos do marido, algo que não encontra. Não vê. A sombra no quadro.

— É por o Étienne e o Adrien serem meus padrinhos que tu convidaste o criminoso?

Emmanuel ensombra-se. Revira os olhos.

— O que estás a dizer?

— Eras contra. Não querias que fossem eles. Admite que não gostas deles, que tens ciúmes da nossa amizade.

— Bebeste demasiado. Cala-te, por favor.

Depois do acidente que provocou a morte de Pierre Beau, Blondin saiu da empresa em pré-reforma. Os gendarmes não conseguiram determinar qual dos dois fora responsável pelo desrespeito da prioridade, se Pierre Beau, se o motorista do pesado. Este último, chegando pela esquerda, deveria ter cedido passagem ao velocípede vindo da direita, mas ele afiançava que Pierre Beau viera da rua Jean-Jaurès, situada à esquerda da praça. Ora, Nina continuava convencida de que o avô chegara da rua Saint-Pierre, à direita do motorista. Como o camião arrastou o corpo do malogrado carteiro durante vários metros, os gendarmes e os peritos das seguradoras não conseguiram

provar nada. E não havia testemunhas do acidente.

Algumas semanas mais tarde, Nina foi interrogar os residentes naquelas duas ruas, para saber se eles tinham recebido correio nas suas caixas naquele dia. Responderam todos que sim. Por que rua tinha Pierre Beau começado a distribuição? Nunca se saberia. Mas Nina continua a odiar Blondin, que considera um criminoso. Tentou interrogá-lo, seguiu-o uma vez na rua, ele estugou o passo. Então Nina foi a casa dele. Foi a mulher que abriu a porta. O marido, disse, não estava. Nina teve a certeza de que ele se escondia no interior. Não insistiu. Para quê? Aquilo não lhe traria de volta o avô. Além disso, se ela conseguisse alguma vez provar que o motorista fora o responsável, isso recairia sobre os Damammes, família que agora era a sua.

*

Algumas horas mais tarde, os noivos abrem o baile com uma valsa. Foi a mãe de Emmanuel que ensinou os passos a Nina. Com muito humor, Gertrude Damamme explicou à nora que, não podendo usar com decência aquele nome de avestruz, pedia que lhe chamassem Gé. Mas nunca Gegé. Ensaiaram na grande sala de jantar, Gé descalça e Nina de sapatilhas. «Um, dois, três, quatro; um, dois, três, quatro; um, dois, três, quatro.» Foi assim que Nina conheceu realmente a sogra: a pisar-lhe os calos. Conheceram-se numa sessão privada alegre e musical.

A privacidade é quase inexistente no Castelo. Ao domingo há sempre no mínimo dez pessoas à mesa, rodeadas de empregados. Nina encontrou uma família divertida e benevolente, o exato oposto do que lhe parecera de início — uma certa reserva, quase uma frieza. Gé fez-lhe perguntas sobre a infância, o avô. Não para saber, mas para compreender. Não perguntas intrusivas, mero interesse. Nina não contou o episódio de Marion, quando esta foi a casa roubar, reaver o que lhe pertencia, na noite do funeral. Nina disse apenas a Gé que não conhecia a mãe. Que nunca a tinha visto. Não tinha dela nenhuma recordação e o avô criara-a com amor.

Quando Nina se dirige aos sogros, sopesa as palavras, pensa duas vezes. Não deixa lugar à espontaneidade. Aquelas pessoas não são do seu mundo. Andaram em boas escolas e nasceram «em berço de ouro» — uma expressão que o avô usava às vezes. Nina receia Henri-Georges, o pai de Emmanuel. Cose-se às paredes quando se cruza com ele. Este mostra-se caloroso quanto

pode, pois o homem não é propriamente de sorriso fácil e tem um olhar tão altivo que Nina tem a impressão de ter de erguer a cabeça para o céu quando ele lhe dirige a palavra. Trocam banalidades e delicadezas, e é tudo.

Naquela manhã, quando Nina punha o vestido de noiva perante os olhos maravilhados de Marie-Laure e Joséphine, que não paravam de dizer: «Estás tão bonita, estás mesmo bonita!», Gé entrou no aposento. Exclamou: «Meu Deus, como é bonita a minha nora!» Enquanto Marie-Laure fazia café para todas, Gé abriu a sua bela mala de mão. «A tradição dita que a noiva tenha consigo no dia do casamento um objeto azul, um objeto novo, um objeto antigo e um objeto emprestado.» Ofereceu a Nina uma safira, uma pulseira de ouro branco no seu estojo, um magnífico anel antigo cravejado de diamantes, e depois tirou o seu próprio anel de noivado para lhe emprestar.

Nina observou as três mulheres que a rodeavam, se ocupavam dela. Porque é que a sua mãe nunca tinha querido saber dela?

O local da festa dista cerca de sete quilómetros de La Comelle, numa propriedade que pode receber uma centena de convidados, cozinhas, grande sala de receção, jardins, pista de dança, edifícios adjacentes com vários apartamentos e quartos para os que pernoitam no local. O quadro é sumptuoso, as flores, omnipresentes. Como se as roseiras brancas tivessem invadido as paredes e os tetos desde há séculos. Tudo está iluminado por velas. Um cenário de conto de fadas.

Foram os pais de Emmanuel que trataram de tudo. Gé pediu aos noivos que escolhessem a ementa e a música que queriam. O baile seria clássico de início, com orquestra e violinos. A partir da meia-noite, haveria um DJ e servir-se-iam tequilas.

Agora, de olhos nos olhos, os noivos rodopiam à luz crepitante dos *flashes*. Nina está embriagada. Só Étienne e Adrien sabem o que os outros nunca verão. O que brilha no seu olhar não é alegria, mas champanhe. Alguns pares juntam-se-lhes, dançam uma vintena de minutos, depois cada um regressa à sua mesa. O bailado é perfeito, há sorrisos, menos no rosto de Adrien. Étienne está no mesmo estado que Nina. Bebeu toda a tarde. Agora, bebe um pouco de água para aclarar as ideias: é ele que tem de ler o discurso que preparou para os noivos, com Adrien. Foi Adrien que o escreveu em grande parte. Como este se recusava a usar da palavra em público, fez um pacto com Étienne: «Eu escrevo, tu lês.»

Tilintar de um talher de prata contra um copo de cristal. Silêncio. Nervoso, Étienne levanta-se, pigarreia, sente uma vontade súbita de rir, que reprime. *Não é o momento.*

Como está bonito, o sacana, pensa Nina dando um gole no champanhe.

Se um é muito tímido, o outro é igualmente reservado, mas preferiria morrer a mostrá-lo. A emoção leva a melhor sobre ela ainda antes de Étienne abrir a boca. Emmanuel pousa a mão no seu joelho, ela sente a pressão dos dedos sobre a pele, como se ele tentasse conter a sua perturbação.

— Querida Nina, o Adrien e eu próprio redigimos este discurso para ti… Embora suspeites que foi ele que fez tudo… Eu limitei-me a olhar… Como quando fazíamos os trabalhos de casa e estudávamos juntos. Dos dois rapazes, era eu o cábula… E de nós os três, era certamente eu. Mas divago…

Étienne procura desafiadoramente o olhar do pai, depois desdobra uma folha que tirou do bolso.

— Nossa querida Nina, não temos recordações anteriores a ti. No entanto, conhecemo-nos quando tínhamos dez anos. Mas antes de ti não há lembranças. Tu és o início. Nina, tu és a boa aluna, a amiga, a artista, o riso, a irmã, a luz. E não de uma lanterna de bolso, não, tu és o astro, o asteroide, a única, o rio, o nosso hífen. Três. Foi assim que crescemos. A expressão consagrada é «são como os dedos da mão». Até hoje, a nossa mão só tinha três dedos. Mas isso não nos impediu de crescermos juntos. Eu à esquerda, tu no meio, o Adrien à direita. Crescemos nas mesmas divisões, nos mesmos passeios, nas mesmas escolas, nas mesmas caves. Crescemos nos mesmos sonhos. Sabes o que é a saudação de três dedos? O polegar, o indicador e o médio. É um gesto que representa o juramento de fidelidade. Ser-te-emos sempre fiéis, a vida toda. Tu, por definição, és o dedo médio, apesar de ter sido no anelar que o teu belo marido te pôs a aliança que representa o vosso amor, a vossa união. Mas regressemos a ti, Nina, artista antes de tudo. Viva e vibrante. Desenhadora de génio a tempo inteiro e cantora nas horas vagas. Horas que veneramos. As nossas canções vão juntar-se às lembranças, as da nossa infância e as da nossa adolescência. Tens uma vida a construir. Sem a tua voz, as nossas composições vão-se decompor. Mas não é grave. O nosso público não sentirá a nossa falta, uma vez que não existe. As quermesses de fim de ano e as festas da Música só terão a ganhar. Hoje perdemos-te um

pouco, mas é sem dúvida para a tua felicidade. Nunca fizeste nada como os outros. Sempre levaste uma época de avanço em relação a nós. Tu és a rapariga e nós, os rapazes, muito simplesmente. É tão pequeno, um rapaz, ao lado de uma rapariga. Dir-se-á sempre que ele tem uma vida de menos. O poeta não diz que a mulher é o futuro do homem? Querida Nina, antes, tinhas duas famílias, as nossas. A partir de hoje, juntas-te a uma terceira. Uma vez mais o número recorrente, como a Santíssima Trindade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo. O estribilho da nossa existência. Vais fundar uma nova família com o Emmanuel. Hoje, a tua felicidade pertence-lhe, pertence-vos. Emmanuel, esta tarde confiamos-te a nossa irmã, há determinadas coisas nela que ainda ignoras, que vais descobrir com o passar dos anos, como o seu bom humor. É nela uma segunda natureza, o sorriso. Fizemos-te uma lista não exaustiva — porque as listas mudam — dividida em três secções: do que a Nina gosta, do que a Nina não gosta e, por último, daquilo que não gostamos na Nina. A Nina gosta de napolitanas de chocolate e café, cães, gatos, porcos, bezerros, vacas em liberdade, nunca no prato. Ela pode chorar diante de um prato de cozido, Emmanuel, foste avisado… E fez-nos muitas vezes sentir vergonha diante de um salpicão… Também gosta dos aromas baunilhados, na pele e nos pratos, de *piña colada* e *Malibu,* de sal nas batatas fritas, de mostarda, de tomate, de vasculhar gavetas, de dançar, de nadar, do *Columbo*, de sapatilhas feias, de tarte de maçã, de leite-creme, de molho de pimenta, de batata-doce, de queijo, de bolachas, de cerejas. Ela não gosta do amargo da toranja, de estar em filas, de pessoas com um aperto de mão frouxo, de cubos de gelo e de sobremesas quentes. Nunca lhe ofereças casacos de peles, a menos que te queiras ver livre não do casaco, mas da tua mulher. Aquilo de que não gostamos na Nina: está sempre a desenhar-nos, mesmo ao acordar, quando dormimos, temos acne ou olheiras, obriga-nos a posar durante horas, é um zero à esquerda em videojogos e no ténis, mas quer participar *à força*, um pesadelo, e também faz perguntas estranhas. Sempre. Do género: «Porque é que as bananas são amarelas?», «A saliva vem de onde?», «Porque é que ele não olhou para mim?», «Porque é que as lágrimas são salgadas?», «Porque é que certas pessoas são caladas?», «Porque é que as pessoas em geral se estão nas tintas?», «Quando se diz "não é pera doce", porque é que acham que é "pera"?», «Em que pensa uma minhoca?»… Emmanuel, estás avisado.

Sempre dissemos que ela não tinha sentido de orientação e se perdia com a maior das facilidades. É falso. E temos hoje a prova irrefutável disso, uma vez que ela te encontrou. Desejamos a ambos toda a felicidade do mundo, do vosso mundo. O resto arranjar-se-á.

Étienne senta-se novamente, todos aplaudem. Nina levanta-se para beijar os dois rapazes. Pudico, Étienne diz-lhe: «Não tive nada que ver com isto, não fui eu, não o escrevi.» E Adrien sussurra-lhe ao ouvido: «Para ti, teremos sempre um carro novo com o depósito atestado.»

52

25 de dezembro de 2017

Aquilo gelou-me o sangue. Reconheci o seu 4x4 com matrícula do departamento 69. Ele não me viu quando nos cruzámos. Nem um olhar. Atrás, vislumbrei Louise, o seu cabelo loiro. Também ela não deu por mim. Como poderia ela ter adivinhado, pensado, que eu estaria ali? Qual era a probabilidade de nos encontrarmos diante do abrigo no dia de Natal? Abrandei enquanto eles desciam da viatura.

Observei-os pelo retrovisor. Demorei-me a despi-los com o olhar. As minhas mãos tremiam, agarradas ao volante como se o meu corpo estivesse suspenso no vazio.

Acabara de dizer a Nina que reservava uma irmã para *Nicola*. «Podes vir buscá-la daqui a três semanas.» Ela consultou o calendário: «No dia 19 de janeiro. É uma terça-feira. Terça-feira é um bom dia para adoções.» Não sei por que razão ela me disse aquilo. Procurei terças-feiras nas nossas recordações de infância, não encontrei nada.

Tive vontade de sair do carro, segui-los até ao abrigo, ficar à escuta. Ouvir as vozes deles.

Étienne trazia uma parca grossa e um capuz a tapar-lhe a cabeça. O seu modo de andar não tinha mudado. Distingui o nariz, a boca, não vi os olhos, ele ia de cabeça baixa. E o adolescente ao seu lado, seu filho, uma cópia conforme o original. E depois surgiu Louise. Tinha um ar acabrunhado.

Fiquei ali, incapaz de ir embora, incapaz de desligar o carro e sair. De repente, pensei que Étienne ia levar a irmã adotiva de *Nicola*. Que Nina ia vingar-se daquele modo, entregando o meu gato de 19 de janeiro. Que eles vinham buscar a ninhada de três gatinhos para não os separarem. E comecei a chorar. Não sei quanto tempo fiquei assim, a soluçar em cima do volante.

Ergui a cabeça e vi-os novamente pelo retrovisor com a mulher baixinha que me tinha recebido, levado até aos gatos. Tinha um cão pela trela e estava rodeada por Nina, Étienne, o filho deste e Louise. Olharam na minha direção. Nina disse qualquer coisa. Étienne virou a cabeça, aquilo durou muito tempo, o momento em que fixou o meu carro. Ele hesitou, e depois

aproximou-se, sozinho. Não me mexi. Impossível partir. Esperei. O coração à desfilada no peito.

Quando chegou junto de mim, bateu no vidro. Disse: «Polícia, os seus documentos, por favor.»

À superfície dos seus olhos, vi a nossa infância reaparecer como uma pele morta. No seu olhar, uma mistura de riso e desespero. Dezassete anos sem nos vermos. Catorze anos sem nos dirigirmos palavra.

Da última vez, quase chegáramos a vias de facto. Nunca odiei ninguém tanto como a ele.

Estava ali, naquela manhã glacial, inclinado para mim.

Baixei o vidro. O frio fez-se convidado. Olhei-o longamente, ele também. Ficámos a medir as rugas, as da glabela e as dos vales lacrimais, as pálpebras flácidas, os sulcos nas comissuras dos lábios, quem tínhamos beijado? Quantas vezes?

— Porque é que estás a chorar? — perguntou ele.

— Porque vais levar o meu gato.

53

Maio de 1996

Há dez meses que estão casados.

São sete horas quando Emmanuel a beija no pescoço antes de sair. Ela geme de prazer e volta a mergulhar no sono. Todas as manhãs, ela abre os olhos uma primeira vez às dez horas, torna a adormecer, abre-os de novo às dez e um quarto, dez e vinte, dez e meia. Falta de ânimo. Regressa aos seus sonhos. Acaba por se levantar às onze e um quarto, no último momento. Para poder ter um ar fresco quando Emmanuel vem almoçar. Como se se tivesse levantado às oito. Toma duche a ouvir rádio. Gosta da voz dos apresentadores.

Quando entra na cozinha, Nathalie, a empregada, está já ali. O pessoal invisível do início apareceu, para grande desespero de Nina. Ela preferiria cozinhar e fazer a limpeza por si, mas nem tentou propor isso ao marido, que teria recusado de imediato. Nina não gosta daquela mulher, mas como ela trabalha há uma eternidade para os Damammes, não ousa dizer nada.

Nathalie confeciona as refeições todas. Emmanuel vem por volta da uma hora, para estar um pouco junto de Nina, diz que assim os dias lhe parecem menos compridos. Exceto quando tem reuniões de negócios ou está em viagem. Desde setembro que aquela é a sua rotina.

Dois dias após o casamento, Emmanuel pediu a Nina que apresentasse a sua demissão.

— Já não podes ser a secretária do diretor financeiro, agora que és minha mulher.

— Eu gosto do que faço… Divirto-me. E o senhor Camus é encantador.

— Eu sei. Mas tens de arranjar outras atividades, Nina. No próximo ano vou assumir a direção. Não é aceitável que a mulher do patrão trabalhe nas mesmas instalações como secretária. Já não precisas de ganhar a vida.

— E o que vou fazer dos meus dias?

— Vais ocupar-te do teu marido, pôr-te bonita e gastar o nosso dinheiro… Não quero que te preocupes com mais nada. Faz aquilo de que gostas, Nina. Eu amo-te. Quero mimar-te. Tornar a tua vida mais bela. Maior. Mais leve.

Nina roeu a unha do polegar, a refletir.

— Então vou retomar os meus estudos.

— Para quê?

— Para aprender. Posso fazê-lo por correspondência.

— Se é o que desejas… Os teus desejos são ordens, meu amor.

Inscreveu-se num instituto de formação profissional para fazer um curso de *design* gráfico à distância, comprou um computador. Aguentou até ao inverno. Três meses. Estudar em casa, motivar-se, entregar os trabalhos regularmente, seguir os tutoriais em disquetes, não teve ânimo para tal. Por isso preguiça na cama, maquilha-se, muda de vestido e de cor de cabelo, vê séries na televisão, ouve música, lê, faz compras. Às vezes, vai até à sua antiga casa tomar um café com Joséphine e ver os animais. *Paola* morreu de velhice durante o sono. Nina mandou-a cremar e lançou as cinzas sobre o túmulo do avô. *Vão fazer a sesta juntos, como outrora*.

Só restam os dois velhos gatos, que já não saem e dormem todo o dia em cima da cama. Nina poderia levá-los para a propriedade, mas Emmanuel é alérgico a pelo de animal. Prometeu a Nina que ia fazer a dessensibilização, mas não garantia nada. «Umas vezes funciona, outras, não.»

Ao domingo, reúnem-se ao resto da família Damamme na grande sala de jantar, a mesma onde Nina aprendeu com Gé a dançar a valsa. Almoçam e discutem política, negócios e *faits divers*. Nina ouve, raramente emite opinião. Uma única vez, quando o assunto se desviou para os últimos ensaios nucleares na Polinésia francesa, encorajada por um *pommard* de 1989 selecionado pelo sogro, insurgiu-se, escandalizada com a decisão de Chirac. Surpreendida, a família dirigiu-lhe um sorriso educado, sem compreender bem aquela exaltação. Os Polinésios e a Grande Barreira de Coral ficam muito longe da Borgonha.

Ao regressar daqueles almoços dominicais, sempre um pouco tocada, Nina telefona a Adrien e Étienne. É o ritual das tardes de domingo. Enquanto Emmanuel faz uma sesta, ela fala com eles, escuta-os, faz-lhes perguntas. Contam as suas vidas, eles em Paris, de nariz enfiado nos livros, a preparar os concursos, ela ociosa e feliz.

— Não te aborreces? — pergunta sempre Adrien.

— Não, aproveito.

— Aproveitas o quê?

— A vida.

Ela diz que em breve irá visitá-los, com Emmanuel, mal os seus afazeres lho permitam. Falam do verão seguinte, eles têm de vir à propriedade, a piscina é sensacional, farão churrascos e jantares ao ar livre. Étienne e Adrien, por seu turno, prometem visitá-la.

Nina já não desenha. Como se a arte pertencesse à sua vida anterior. Aquela que tinha com o avô. Uma manhã, fez um esboço de Emmanuel adormecido, e ele riu ao ver-se no papel *Canson*, zombou um pouco dela, não se achou parecido.

— Meu amor, receio bem que não sejas um Renoir.

Na altura, Nina ficou profundamente magoada, mas depois disse a si mesma que era aquilo o amor, aquela franqueza, dizer a verdade a quem se ama. Que a tinham enganado quando era jovem, fazendo-a alimentar ilusões quanto ao seu talento. Olhou para o esboço que tinha feito de Emmanuel, percebeu que o seu trabalho era medíocre. Desde então, as cartolinas, os carvões e as folhas virgens dormem no fundo de um armário.

Ao fim do dia, Emmanuel chega por volta das sete horas, eles bebem, jantam tarde, fazem amor. Emmanuel diz-lhe que nunca foi tão feliz, ela dá-lhe a vida com que ele sonhava. Quando ele acaba por adormecer, ela liga a televisão e vê os programas até às duas da manhã. *Bouillon de culture, Comme un lundi, Ça se discute*. Ouve, fascinada, aquelas pessoas que vão dar o seu testemunho ao programa de Jean-Luc Delarue, por vezes desfocadas, com perucas e óculos escuros.

Ao assinar o registo do seu casamento, Nina assinou umas férias perpétuas.

*

— Senhor Bobin?

— Sim.

— O senhor Désérable aguarda-o.

De boca seca e com um nó na garganta, Adrien entra no gabinete forrado de livros alinhados em estantes de cerejeira. Mandou o seu manuscrito a várias editoras. Todas lhe responderam que o seu romance não se enquadrava na respetiva linha editorial. Todas menos uma, uma casa célebre que conta com autores de prestígio no seu catálogo.

Uma tarde, Thérèse Lepic disse a Adrien que lhe tinham telefonado.

— Um tal Fabien Désérable, das edições de… das edições… Esqueci-me.

— O que lhe disse ele, Thérèse? O que lhe disse ele, exatamente?

— Nada de especial, tens de lhe ligar.

Adrien percebeu logo que era um bom sinal. Aquelas pessoas não telefonam, enviam uma resposta-tipo quando não estão interessadas. A menos que seja para o insultar ou se insurgir de viva voz, tendo em conta a natureza do seu texto.

Eram oito da noite quando Adrien, febril, marcou o número. Atendedor. Não dormiu naquela noite, a olhar para o teto, onde projetava imagens mentais cada uma mais alucinada que a outra. No dia seguinte de manhã, apanhou o RER e o metro como de costume, para ir para a escola. Ao meio-dia saiu para procurar uma cabina telefónica e marcou o número que Thérèse tinha rabiscado num papel. Uma mulher marcou-lhe a reunião sem acrescentar mais nada. Adrien não se atreveu a fazer perguntas. E ei-lo face a um homem de uns quarenta e cinco anos, baixo, de olhar malicioso, caloroso, a voz grave, nem um único cabelo. Aperto de mão vigoroso.

— Sente-se. Chá? Café? Água?

— Não, obrigado.

— Tem algum parentesco com Christian Bobin?

Adrien matutou. Ignora quem seja Christian Bobin. O pai chama-se Sylvain. Teria ele um tio ou um primo por afinidade chamado Christian? Afinal de contas, não sabe nada da família do progenitor.

— Penso que não… — acabou ele por responder, acanhado.

Fabien Désérable mira-o. Adrien sente-se constrangido.

— Não vou estar com rodeios, o seu manuscrito é muito bom, mesmo muito, muito bom. Profundo, fascinante, poderoso. Nunca li nada assim tão… original. Peço desculpa se as minhas palavras são inapropriadas… Não quero de forma alguma ser indelicado.

— …

— Seduziu a nossa comissão de leitura quase unanimemente. Apenas uma ou duas pessoas expressaram algumas reservas… Mas penso que seja devido à sua particularidade. O texto pode parecer desconcertante. Enviou-o a outras editoras? Recebeu outros contactos? Propostas?

— Não.

— Agradeço a franqueza. Estaria interessado em integrar a nossa editora?

Adrien emite um «sim» quase inaudível. Como se hesitasse, quando o seu coração o impele, aos pulos.

— O título, *Branco de Espanha*, é excelente.

— …

— O que faz na vida?

— Estudos literários. Estou no ano preparatório.

— Que idade tem?

— Vinte anos.

— Já tinha escrito?

— Não. Enfim, algumas canções, coisas assim. Nada de transcendente.

— Não lhe escondo que estou impressionado com a natureza do seu texto.

— …

— Tem já mais alguma coisa? Um outro romance em preparação?

— Não.

— Então vai ter de começar a pensar nisso.

— …

— Tenho uma pergunta à qual não é obrigado a responder: é autobiográfico ou romanceado?

Adrien demora um certo tempo a responder.

— Penso que em todo o romance há certas verdades, raízes que se alimentam do real, e que nas autobiografias há muitas mentiras.

Sorrindo, Fabien Désérable mira-o de novo.

— Esquivou-se muito bem… Vou mandar preparar o seu contrato. Quando estivermos prontos, contactá-lo-emos de novo… Irá haver correções, poucas, alguns cortes, mas faremos tudo isso os dois, e apenas se estiver de acordo. Serei o seu editor, trabalharemos juntos. Bem-vindo.

Fabien Désérable estende-lhe a mão.

Cinco minutos depois, Adrien está na rua, desorientado. Mal consegue acreditar. O seu texto vai ter o efeito de uma bomba nos que o rodeiam. As suas palavras vão certamente mudar a sua vida. O seu romance vai ser editado, publicado! Passou-se tudo tão depressa. Ele não caminha, voa, transportado por um orgulho tortuoso. As palavras que lançou sobre o papel estão impregnadas de dores profundas e aquelas pessoas amaram-nas ou compreenderam-nas. Sente-se reconhecido. Existe pela primeira vez. Uma entrada na luz, e pela porta principal. É como se estivesse a sonhar

acordado. Tem de ligar a Nina e à sua mãe. Tem de lhes dar a grande novidade.

Estaca abruptamente no passeio. Claro que não. Não dirá a ninguém. Exceto a Louise. Não haverá champanhe nem rufos de tambor em torno daquele acontecimento.

Adrien esqueceu-se de informar Fabien Désérable da sua intenção de permanecer anónimo. O seu nome não pode figurar na capa.

*

Louise desliga. Adrien acaba de lhe dizer que vai ser editado. Ela respondeu: «É maravilhoso, mas não me surpreende.» É a única a saber. Leu o manuscrito antes de Adrien o enviar a vários editores. Prometeu guardar segredo. Antes de desligar, sussurrou-lhe:

— Amo-te.

— Eu também.

Ela vive em Lyon, onde está no primeiro ano de Medicina. Aborrece-se sem os Três. Tem saudades do idiota do irmão. Nina ficou onde nasceu e Adrien vai brilhar longe, tem a certeza.

Sempre que Louise regressa a La Comelle, diz a si mesma que devia ir visitar Nina, e no domingo ao final do dia, antes de partir de novo, pensa: *Bolas, esqueci-me dela.*

*

Étienne sai do anfiteatro da universidade. Só falta um ano para ele e Arthur, o seu colega de casa, poderem fazer o concurso de ingresso na Escola de Polícia. Os dois anos de faculdade, antes, são obrigatórios. Precisam de ter um diploma de estudos universitários gerais no bolso.

Étienne quase risca os dias que o separam dessa data, como se aguardasse uma efeméride. Tem urgência de entrar, de se atirar ao principal, ao essencial da sua existência. A faculdade de Direito é o pior, um castigo. Em comparação, até o inferno deve ser porreiro. Direito Civil, Direito Privado, Direito Constitucional… um pesadelo. Mas ele aferra-se, entrar na polícia tornou-se a sua obsessão. Se for aprovado no concurso, que é renhido, será admitido na escola de oficiais de Cannes-Écluse, e, se for aí bem-sucedido, daí a dezoito meses será tenente da polícia. Dezoito meses de formação, dos

quais seis de estágio nos comissariados onde participará em buscas, detenções, perseguições.

Em função dos lugares disponíveis, a sua classificação permitir-lhe-á escolher o local de colocação. Vai ser preciso dar no duro, fazer parte dos melhores da fornada de 96. Contratou uma professora da Sorbonne para lhe dar explicações três vezes por semana. No início, era tão mau que lhe acontecia chorar. Lembrava-se do que Nina lhe dissera: «Vê se entendes o que copias, um dia já não estarei aqui.»

Nina já não está aqui. Não morreu, mas é como se.

Ao sair da formação, Étienne porá Lyon como primeira escolha. Paris não lhe interessa. Paris era o sonho para fazer música, o sonho de antes. Lyon é um bom compromisso, cidade, o mar não muito longe, montanha muito perto, Louise.

Já sabe que preenche todos os requisitos de aptidão física e se destaca no tiro. Já não fuma nada. E se nas raras festas a que vai passam um charro de mão em mão, ele põe-se à janela ou passa para a divisão do lado.

Tem a roupa de desporto na mochila. Três vezes por semana, apanha a linha 9 do metro para ir correr, dar a volta aos lagos superior e inferior do bosque de Bolonha, com Sonic Youth nos auscultadores.

Não passa muito perto da água, e se por azar tem de fazer um desvio e a vê, angustia-se. A água silenciosa que reflete invariavelmente o céu, aquele espelho que ele imagina ser um olho que o examina, lembra-lhe o lago da Floresta. A noite em que esperou por Clotilde. Em breve fará dois anos que desapareceu. Parece que os pais dela querem ir ao programa *Perdu de vue*. Étienne lembra-se de que a mãe o via, quando ele ainda vivia em La Comelle. Na altura, ele revirava os olhos quando ouvia a música dramática usada para acentuar a emoção. O conceito do programa consiste em fazer apelo a testemunhas no quadro de um desaparecimento preocupante ou na sequência de um homicídio não esclarecido. Uma curiosidade mórbida que tende a afligir Étienne. E sobretudo a pôr a polícia em xeque: «Não são capazes de resolver um caso? Então vamos apelar aos meios de comunicação.»

Deverá dar o seu testemunho? Não poderá furtar-se a isso, caso lho peçam. De outro modo, parecerá suspeito. Correr esvazia-lhe a cabeça. Também o mantém em boa forma.

Hoje, vai contornar os dois lagos. Seguir por outros caminhos pelo bosque. Desde que imagina os pais de Clotilde a pedirem ajuda diante das câmaras da TF1, evita olhar para a água, como um olhar que se esquiva. Desde que a mãe o informou: «Titi, os pais da Clotilde inscreveram-se no Pradel, andam a estudar o dossiê», os lagos do bosque de Bolonha assemelham-se a um rosto, a uma máscara aterradora.

Assistiu ao último programa na companhia de Adrien. Não teve coragem de o fazer sozinho. Foi numa segunda-feira ao final do dia. Habitualmente encontravam-se sábado ou domingo, nunca durante a semana. Mas Étienne disse que era importante. Tinha pedido pizas, que comeram lado a lado, encostados aos sintetizadores, apagados vinte e quatro horas sobre vinte e quatro, que agora cumprem a função de bengaleiro e consola. Como dois corpos adorados, venerados durante anos, e agora esquecidos.

— Porque é que queres que vejamos isto?… — perguntou Adrien, surpreendido.

— Porque os jornalistas vão chamar-me de certeza, a minha mãe disse-me que os pais da Clotilde decidiram ir ao programa.

— Estás a falar a sério?

— Não ia brincar com uma coisa destas.

— O que é que vais dizer?

— O que é que queres que eu diga? Esperei e ela não apareceu.

54

25 de dezembro de 2017

Étienne pega na sua chávena de café, dá um gole, faz uma careta. «Feliz Natal», acaba por nos dizer.

Tem um ar cansado. Tirou o capuz mas continua de parca. Tive dificuldade em acreditar que estava na mesma divisão que ele. Por vezes vivemos coisas que imaginámos ou receámos tanto que, quando ocorrem deveras, não as vivemos, ficamos fora dos acontecimentos.

Nina não desprega os olhos dele. Naquele escritório minúsculo, dir-se-ia um gigante. Ele acende um fósforo sem perguntar se pode. Ela não diz nada. Procura as palavras como procuramos um caminho quando estamos perdidos.

Louise e Valentin foram com Simone ver a ninhada de gatos no gatil, Louise arrastou-os, para nos deixar a sós.

Quando ela me viu sair do carro, tornou-se transparente. Embora já estivesse pálida à chegada. Não esperava encontrar-me aqui.

Aproximei-me deles, Étienne ao meu lado. Tive novo choque ao ver o filho dele ao perto. A parecença.

Não toquei nem beijei ninguém.

Em nova, Nina era muito tátil. Tinha necessidade de tocar nos outros para se ligar a eles. Abraçava e pegava nas mãos, acariciava os rostos como se esculpisse as pessoas que tinha diante de si. Eu admirava-a, porque era incapaz de tal coisa. Sempre tive medo de tocar nos outros.

Agora, sou a única diante de Étienne e Nina. As mãos atrás das costas, para que não vejam como tremem.

— Não terás por acaso uma coisa forte que se beba? — pergunta Étienne a Nina. — O teu café é horrível… Álcool para celebrar o Natal?

— São onze da manhã — observa Nina. — E não me parece que seja boa ideia, dado o teu estado.

Étienne sorri. Olha para mim.

— A Louise contou-te?

— Contou o quê?

Tenho a voz inexpressiva.

— Que vou morrer.

Nina intervém. Isso alivia-me. Não sou obrigada a responder-lhe.

— Se não te tratares, é certo — diz ela.

— Não vais começar tu também… Deixem-me em paz… Não há nada a tratar.

— O que pensas fazer?

— Nada.

— Como assim, nada? — insiste Nina.

— Volto amanhã para Lyon.

— E?

— E… depois piro-me para o sol. Tenho vontade de ver o mar antes de… A Louise deu-me o necessário. Não vai doer.

— Queres ir para onde?

Fui eu que fiz esta pergunta. Quando o que desejava de todo o coração era ficar fora daquela conversa. Escapou. Há palavras que não se consegue reter. Palavras caladas há anos, que nos escapam subitamente.

— Ainda não sei… — responde-me ele. — Itália ou Grécia… qualquer coisa assim…

Nina e Étienne prosseguem como se eu não estivesse ali:

— Comunicaste essa intenção ao teu filho?

— Ainda não. Fá-lo-ei antes de partir.

— Pensas ir quando?

— Em breve. Muito em breve. Na próxima semana, de certeza. Não me resta muito tempo.

— O que sabes tu disso?

— Não viste o aspeto do meu tumor — disse ele.

— Podem operar-te. Há químios que são eficazes — retorque Nina com pouca convicção.

— Pareces a minha irmã! Ela ensinou-te a lição?

— Nada disso. Tenho amigos que se safaram.

— Que amigos? — pergunta Étienne.

Nina não responde.

— Joséphine? — continua Étienne, quase agressivo. — Achas que não sei o inferno que ela passou?

— Nem sequer vieste ao funeral dela!

Acabo de gritar mais alto do que queria. Fico de rastos. Uma vontade de fugir dali o mais depressa que as minhas pernas permitam. Já ouvi demasiado. Insuportável. Saí do carro por amor a Louise e Nina, não a Étienne. Que ele morra, depois do que fez. Para mim, há muito que está morto. Viro-me para a porta para sair, Étienne interpõe-se.

— Fui à campa de Joséphine… no dia a seguir ao funeral… Quando já todos tinham ido embora. Na altura, não queria encontrar-me com ninguém.

55

6 de setembro de 1997

Estão dois mil milhões de pessoas em frente aos seus televisores, a seguir o cortejo com os olhos, atordoadas. Os jovens príncipes, sob um sol abrasador, dobrados pela dor como dois caniços debaixo de garras de aves. O mundo não suporta ver sofrer as suas cabeças coroadas. Ainda menos duas crianças que perderam a mãe.

Além disso, esse mesmo mundo acaba de ser informado do desaparecimento de Madre Teresa. Imaginam ambas diante de São Pedro, a princesa dos corações e a princesa dos pobres, de mão dada. A voz melíflua em comum. Perde-se a voz quando se morre?

O que está a tentar dizer-nos este final de verão?, pensa Adrien.

Noutro local, um filho enterra a mãe sem oceano de flores nem maré humana. Uma mulher que deu o seu melhor. As mãos esborratadas de canetas de feltro, com plasticina nas unhas, passou a vida a limpar os filhos dos outros, a recebê-los das mãos dos pais de manhã, a entregá-los às mãos dos pais ao fim da tarde. Braços para o dia. Um parêntesis. O seu quotidiano era fazê-los brincar, rir, dançar de roda, comer, dormir, mimá-los, limpar o ranho, separar os bonecos de estimação, ler-lhes uma história, ocupar-lhes as horas antes de entrarem para a pré-escola. Vinte anos de jardins-infantis e creches municipais. Cabeças loiras, morenas, teimosas, dóceis. Lidou com os primeiros dentes e os primeiros passos. As costas curvadas para os suster quando estavam prestes a cair.

São onze horas da manhã quando Nina, Adrien e Louise entram no cemitério de La Comelle. Louise à esquerda, Nina no meio, Adrien à direita. É a primeira vez que Louise substitui o irmão, retido na Escola de Polícia onde foi admitido. Louise, Nina e Marie-Laure ajudaram Adrien a organizar o funeral. Como se Marie-Laure estivesse encarregada da morte dos outros. A dos pais dos amigos do filho.

Nina e Adrien passaram pelo mesmo desgosto com três anos de intervalo. Sylvain Bobin, claro está, insistiu em pagar tudo. Também ele está presente naquela manhã.

Bastaram dois meses para Joséphine se apagar. Uma manhã o médico fez-lhe análises ao sangue porque ela se sentia mais cansada do que o habitual, no dia seguinte ficou a saber que tinha um cancro generalizado.

Tentaram uma químio, mas Joséphine partiu antes de o cabelo lhe cair. Foi Nina que tratou dela, a acompanhou ao hospital de Autun até ela se apagar, lá, rodeada por Adrien, Nina e Marie-Laure. Até ao fim, Adrien veio todos os fins de semana, demasiado assoberbado com o trabalho do ano preparatório.

A verdade é que Adrien não foi aprovado no concurso. A verdade é que mentiu a toda a gente: desde a publicação de *Branco de Espanha*, em março de 1997, o romance já vendera mais de quinhentos mil exemplares em França e os direitos haviam sido comprados para vinte países. Um verdadeiro fenómeno, o tema fascina. E o facto de o autor querer permanecer anónimo não lhe é alheio. Adrien escolheu Sasha Laurent como pseudónimo.

Mulher ou homem, supôs-se tudo, aventaram-se nomes célebres. Imaginou-se até que o escritor estava morto havia muito e se tratava de um livro póstumo.

O adiantamento para o seu segundo romance é tão significativo que Adrien deixou o apartamento de Thérèse em Vincennes e mudou-se para o 6.º bairro de Paris, sessenta metros quadrados confortáveis com vista para o pátio, mesmo ao lado da editora. Uma vida clandestina, de contrabando. Diz aos seus próximos que é estudante para não se confessar autor de *Branco de Espanha*. Também dá a entender ao editor que anda a trabalhar no segundo romance, mas não tem a menor ideia. Está seco. O seu quotidiano é uma página em branco. *Branco de Espanha* foi uma descarga. E atrás de mentira, nova mentira. É definitivamente a sua segunda pele.

Sem se aperceber, como o conta-gotas a que a sua mãe esteve ligada nos últimos meses de vida, Adrien mudou. Ganhou segurança e começa a olhar-se nas montras das lojas para ajeitar o cabelo. Um antigo feio tornado belo graças à glória. Glória de que não colhe qualquer benefício a não ser na conta bancária.

Sai todas as noites com o seu editor Fabien Désérable, que o apresenta como um dos seus jovens prodígios sem acrescentar mais nada. Aos curiosos que querem saber o que escreveu, limita-se a responder: «Estamos

ainda em fase de provas, um pouco de paciência…»

Adrien e Désérable assistem a todos os espetáculos, sempre nas primeiras filas. Adrien acaba as noites nas discotecas da moda. Beberrica *cocktails* caros por uma palhinha enquanto observa a fauna dançante.

Pela primeira vez, tem consciência de agradar. Sem dúvida devido à sua atitude. O rapaz que corava está morto e enterrado. O sucesso deu-lhe aprumo, como se tivesse um tutor nas costas. Nas noites parisienses, posiciona-se sempre de maneira a dominar a pista para regalar os olhos. Não imagina nem um instante que pudesse ter vivido na Borgonha. Inventa para si um passado no qual cresceu para os lados de Saint-Germain-des-Prés. Ora filho de artistas, ora filho de ninguém. Nascido em Buenos Aires ou Nova Iorque, cria para si uma vida ao sabor dos seus encontros. Já não anda de transportes públicos, sai raramente do seu bairro e, quando tem de se deslocar, chama um táxi. Não procura saber de Thérèse, a sua «senhoria», como agora lhe chama. Afinal de contas, ela alojou-o para ganhar dinheiro.

Já não se encontra com Étienne, que foi admitido na sua Escola de Polícia de Cannes-Écluse, em Seine-et-Marne.

Não foi Joséphine quem informou Adrien da sua doença, mas Nina. Joséphine não queria preocupá-lo. Disse a si mesma que se livraria rapidamente daquele cancro e contaria tudo ao filho quando já estivesse fora de perigo.

Num final de dia, Nina telefonou a Adrien para lhe dizer que ele devia regressar, a mãe estava mal. Quando ela pronunciou a palavra «cancro», ele gelou.

No dia seguinte, apanhou um TGV e foi ter com eles diretamente ao hospital. Ao abrir a porta do quarto, ficou estarrecido: a mãe tinha emagrecido muito e exibia já a máscara da morte no rosto. Ele encarou aquilo como uma punição. Tinha escrito *Branco de Espanha* sem dizer nada e a vida estava a vingar-se. Tinha admitido tudo no papel, mas em silêncio. Nina também estava mudada, o rosto inchado e o corpo de outrem. Tinha engordado dez quilos, talvez mais. Adrien pensou que estava grávida. Sentiu vontade de fugir daquela antiga vida, de dar às de vila-diogo e regressar às suas belas existências inventadas. Nina foi buscar café à máquina automática e ele sentiu vontade de lhe confessar tudo: «Mamã, fui eu que escrevi *Branco de Espanha*, perdoa-me.» Mas faltou-lhe a coragem.

Ela morreu sem saber.

Tirando alguns antigos colegas de liceu e de trabalho, não havia muita gente na igreja. As pessoas ficaram em casa para verem o funeral de Lady Diana na televisão. No cemitério, apenas um punhado de pessoas assiste ao baixar do corpo à terra.

Louise e Nina dão as mãos a Adrien. Inflexível como a justiça, Sylvain Bobin está atrás deles. Adrien sentiria o bafo do progenitor na nuca se recuasse um centímetro.

Adrien pediu às duas raparigas que o levassem para longe, depois do enterro. Nada de beberete em casa de uma ou de outra, ficar apenas sozinho com elas as duas. Nina fez uma careta. Era difícil não ir para sua casa, Emmanuel detestava sabê-la longe dele, mas naquelas circunstâncias era impossível abandonar Adrien. Ela mentiu, fez crer a Emmanuel que iam reunir-se todos em memória de Joséphine depois da cerimónia.

— Onde? Até que horas? Queres que te acompanhe?

— Não é preciso, obrigada.

Atreveu-se mesmo a dizer: «Prefiro estar sozinha, já que o Étienne não estará.»

Depois da morte de Joséphine, Louise telefonou ao irmão:

— O funeral é no sábado.

— Fazem-se funerais ao sábado? — Foram as únicas palavras que ele pronunciou.

— Assim parece.

— Não posso ir. O meu comissário indeferiu o meu pedido. Estou preso aqui.

— Ao menos telefona ao Adrien.

— Está bem.

Étienne desligou, recordou Joséphine. Ela era fixe. Nunca uma palavra mais exaltada. Sempre divertida. Um cigarro na boca. A mão nos cabelos deles. Só boas recordações no seu pequeno apartamento. Pensou no desgosto de Adrien. Na solidão de Nina. Na sua juventude abortada. Nina e ele morreram no mesmo dia e ninguém deu por nada. Pensou que daria tudo para regressar à adolescência. Àquela despreocupação que o caracterizava.

O dia seguinte era domingo. Comprou um bilhete na estação de Lyon, apanhou um TGV e, quando saiu para o cais, viu Adrien e Louise sentados

lado a lado diante de uma máquina automática de bebidas, no interior do recinto. Tinham um ar perdido.

Ele devia estar de partida para Paris, e ela para Lyon.

Étienne coseu-se com as paredes para não ser visto, como no dia de Natal em que os tinha surpreendido a sair do Hotel Voyageurs.

Que casal estranho. Dir-se-ia que estão juntos há cem anos. Velhinhos num corpo de jovens. Porque é que não vivem juntos? Porque é que ainda se escondem?

Étienne apanhou um autocarro para La Comelle, foi a pé até ao cemitério debaixo de um sol escaldante, procurou e acabou por encontrar a campa de Joséphine Simoni entre as mais recentes. Deu-se conta de que até então não soubera o seu apelido.

Para ele, ela fora sempre Jo ou a mãe de Adrien.

Sentou-se ao lado dela, num banco, e pôs-se a falar-lhe. Começou por agradecer os chocolates e as bolachas. Depois foi direito à noite de 17 de agosto de 1994. Nunca tinha falado dela a ninguém. No sítio onde agora estava, Joséphine não poderia contar nada. Só ouvi-lo. Sentia necessidade de aliviar a consciência.

À tarde do dia do funeral de Pierre Beau. Étienne, transtornado, chegou em primeiro lugar ao lago da Floresta. Tinha levado *crackers* e uma boa garrafa de uísque que tirara do bar dos pais. Estava apreensivo quanto àquele reencontro com Clotilde, que não via desde havia mais de um mês. Tinham-se cruzado apenas de manhã, no funeral, e de tarde, em casa dele, mas brevemente, pois ele não largara a mão de Nina.

Reencontro que ia acabar em separação. Tinha o breve discurso preparado: «Amo-te, mas parto para Paris dentro de quinze dias, talvez nos reencontremos, certamente, daqui a uns anos, mais tarde, acabaremos por nos casar, vais ver… Mas agora é melhor fazer um intervalo, senão, ficaremos demasiado infelizes.» A palavra «intervalo» era menos violenta, mais fraca e menos definitiva que «acabou». Era seu desejo evitar gritos e lágrimas. Os dramas não eram a sua praia.

Ele já tinha bebido bem da garrafa e adormecera, quebrado pelo cansaço dos últimos dias e pelo álcool, quando Clotilde chegou. Sobressaltou-se ao vê-la arranjada, maquilhada.

Ela atirou-se a ele. Étienne deixou-se beijar. Depois ela fitou-o.

— Não recebeste a minha carta? — perguntou-lhe.

— Que carta?

Ela fez um sorriso estranho, antes de encolher os ombros. Ele reparou que ela tinha os traços vincados, como se o verão a tivesse envelhecido. Queria banhar-se, ali mesmo, já. «Está demasiado calor… E depois a história do avô da Nina, aquele funeral, deprimiu-me, a pobrezinha…»

Ela não pensava uma única palavra do que dizia. Má atriz. Tinha ciúmes de Nina, da proximidade dos Três. Étienne ouviu o contrário: «Estou-me a cagar para Nina Beau.»

Detestou-a. Quase se pôs no piro. Clotilde sentiu-o. Mudou radicalmente de comportamento.

— Vamos procurar um cantinho discreto? Assim poderemos despir-nos completamente — sugeriu ela com uma voz lasciva, acariciando-o entre as pernas.

A carne é fraca, sobretudo a de Étienne. Disse a si mesmo que poderia dormir com ela uma última vez. Afinal de contas, era por isso que saía com ela havia já tanto tempo. Respondeu *okay*.

Montaram na moto, internaram-se na floresta, encontraram um recanto frondoso, distante de olhares, sem margem. Os outros banhistas estavam do lado oposto, nas orlas arranjadas toscamente com areia grossa de pedreira, onde os adolescentes grelhavam salsichas.

Étienne e Clotilde saltariam diretamente para o lago de um talude de ervas altas queimadas pelo verão.

Ele despiu-se. Mergulhou. A água estava lamacenta. Ele viu-a despir-se, ela virou-lhe as costas. Tinha uma espécie de faixa, aquelas coisas de velhos para proteger a lombar. Ela virou apenas a cabeça para ele e dirigiu-lhe um sorriso, um sorriso estranho. Ele sentiu-se de novo incomodado, com vontade de se pisgar, perdeu de imediato a pica. Já não tinha vontade de a foder. *Que idiota ter vindo aqui… Mas que idiota.*

Nadou, fugindo da borda. A lama desapareceu. A água estava mais límpida. Fresca, ajudava a pô-lo sóbrio. Quando se virou, Clotilde estava na água e nadava na sua direção, a rir demasiado alto. Quando chegou junto dele, murmurou: «Tenho uma surpresa» e depois desapareceu. Étienne pensou que ela ia fazer uma coisa tipo felação submarina. Mas ela veio à superfície e começou a boiar de costas. Um ventre redondo. Como uma

excrescência. Um pesadelo. Ele nunca tinha visto o ventre de uma mulher grávida. Debaixo de roupa, sim. Mas nu, nunca. O umbigo um pouco saliente.

Ele percorreu a história toda de trás para a frente, numa décima de segundo. Devia ter adivinhado, sentido: ela não abortara.

No entanto, ele levara-a a Autun. Esperara por ela num café, à saída do hospital. Ela saíra a meio da tarde.

— Correu tudo bem? — perguntara ele, um pouco envergonhado.

— Sim, é melhor assim — respondera ela.

Agora, não consegue dizer nada. E ela, de costas, olha para ele a sorrir, quase orgulhosa da sua boa ou má piada. Ele fechou os olhos, submergiu a cabeça e nadou para alcançar a margem e fugir. Queria anular aquele momento. Como no computador, com a tecla *delete*.

Ela seguiu-o nadando em *crawl*. Uma nadadora de exceção. Ele tinha-se esquecido desse pormenor. Sentiu as mãos dela agarrarem-no pelos tornozelos. Debateu-se e saiu precipitadamente da água. Viu a faixa caída ao lado das suas roupas.

Uma louca, pensou.

Ela teve dificuldade em sair, pediu ajuda a Étienne, ele não se mexeu, olhou-a com frieza. Ela agarrou-se a uma raiz de árvore e subiu como pôde. Ele sentiu vontade de lhe empurrar a cabeça com um pé, para que desaparecesse no fundo do lago.

Uma vez fora de água, ela pôs-se a berrar:

— Não te preocupes, não te vou pedir nada. Ninguém sabe, nem sequer os meus pais.

Tirou maços de notas da mala de mão. Vários milhares de francos.

— Estás a ver? Tenho montes de massa, vou embora.

— Embora para onde?

— Ainda não sei… Esta noite, este nosso encontro, era para me largares, não?

Ele não respondeu. Ela começou a chorar por entre gritos estranhos. Fez de novo alusão a uma carta que lhe teria enviado. O ódio e a pena. Ele pegou na garrafa de uísque que tinha na mochila e deu vários goles. O álcool sempre o acalmara. Acalmou-se. Teve uma tontura, sentou-se na erva.

— Porra, eu ainda nem tenho dezoito anos… Porque é que fizeste isso?

— Não tive coragem de abortar.

— Não acredito, Clotilde. Diz antes que quiseste prender-me. Mas não me venhas com essas tretas de falta de coragem.

Ela vestiu-se sem dizer nada, a fungar de tempos a tempos. Sem enfaixar o ventre. Ele enrolou um charro. Continuou a beber. Ela sentou-se junto dele.

— Quando os nossos pais souberem, vão-se passar… Tanto os teus como os meus.

— Eu vou embora antes de eles saberem — respondeu ela.

— Mas vais embora para onde, raios?!

Ela sorriu.

— Sempre me desenrasquei.

— Eu não quero essa criança. Nunca quis. Nunca quererei. Roubaste-me. É repugnante.

— E tu, não é repugnante quereres deixar-me?

Ele fechou os olhos. Um pesadelo acordado. Naquela manhã o funeral de Pierre e agora a outra a esfregar-lhe a pança na cara. Iria chorar. Mas nunca diante de uma rapariga. A cabeça começou a andar-lhe à roda. Deitou-se, de olhos ainda fechados. Nas costas sentiu a erva seca e aguçada. De tempos a tempos, tirava uma formiga do braço ou do pescoço. Clotilde pousou uma mão no seu ventre, uma mão ágil e quente. Ele afastou-a uma, duas vezes. À décima, deixou-a. De que servia resistir? E resistir a quê? Ela tinha-o apanhado. Mais valia tirar daquilo um prazer relativo. Ela acariciou-o, sempre soube quebrar-lhe a resistência. Ele ejaculou, adormeceu, embalado pelo calor e pelo uísque.

A noite começava a cair quando ele foi acordado por um ruído surdo. Chamou Clotilde várias vezes, sem resposta. As roupas e a faixa dela tinham desaparecido, não havia vestígios da sua passagem por ali, era como se ele tivesse tido um pesadelo.

Ergueu-se com uma sensação desagradável, demasiado álcool, dificuldade em manter-se de pé. Tresandava a lodo.

A duzentos metros, talvez trezentos, pareceu-lhe ver qualquer coisa submergir na água. Étienne acabou por perceber que não era fruto da sua imaginação: havia um carro a afundar-se, engolido pelo lago. Não tentou mergulhar. Saber se havia alguém no interior para, eventualmente, salvar. Disse a si mesmo que aquilo devia ser uma história de tráfico, um carro roubado. Havia sempre por ali uns tipos manhosos, pequenos traficantes e

fumadores de erva. Naquela altura, Étienne não estabeleceu nenhuma ligação entre Clotilde e aquele monte de chapa.

Subiu para a mota sem olhar para trás e conduziu até à casa de Nina.

Afinal de contas, não tinha nada que ver com aquilo. Aquela criança era problema dela, não seu.

No dia seguinte, soube do desaparecimento de Clotilde.

Uma testemunha tinha-a identificado formalmente na estação de La Comelle por volta das dez horas da noite. Os horários batiam certo. Então, Étienne mentiu: Clotilde não comparecera ao encontro. Era mais simples. Ao dizer que não a tinha visto, convencia-se de que não se passara nada. Partiria para Paris e ninguém se oporia. Tornar-se-ia polícia, aplicaria a lei para impedir as Clotildes ou outras ladras de montar ciladas aos homens.

56

25 de dezembro de 2017

— Em que estás a tornar-te? — pergunta-me Étienne, apoiado nos portões do abrigo como se acabássemos de nos cruzar na esquina de uma rua por acaso.

Ao longe, ouvem-se os cães ladrar à passagem de Simone, Louise e Valentin.

— Vivo aqui. Regressei.

— Porquê?

— Porque conheço. Comprei uma casa pequena.

— A verdade — insiste ele.

Não percebo aonde quer chegar. Como se quisesse que eu confessasse alguma coisa ou denunciasse alguém.

— Nina, talvez… Eu…

Nesse momento, Nina chega junto de nós.

— Podemos ir a tua casa? — implora-me.

— Sim.

— Vou pedir à Louise que leve o Valentin. Só tenho dois lugares no carro, podes levar-nos no teu?

— Sim.

Depressa percebo que ela tem medo de que Étienne lhe escape entre os dedos. Espera que a ajude. Está nervosa, não perde tempo. Está já pronta a partir. Simone sai do abrigo com um cão nos braços, seguida de Louise e Valentin, que vêm de mão dada. Digo a mim mesma que preferia que fossem eles a ir no meu carro, em vez de Étienne e Nina.

— Vou levar o *Caramelo* a casa e volto a passar ao final da tarde — diz Simone a Nina.

Estamos todos enregelados. A extremidade das orelhas e o nariz vermelhos. Nina observa Simone a pousar *Caramelo* sobre o banco traseiro do carro. Adotar é ter um projeto. Construir castelos no ar. Ela que acreditava que Simone não tinha senão uma perspetiva: morrer. Valentin também a observa, invejoso.

— Quando for grande, vou ter um cão — declara ele.

Étienne sorri ao filho, sem responder. Nem sequer se dera ao trabalho de lhe oferecer um cachorro.

— Virás buscá-lo aqui, espero — espicaça Nina, para desanuviar o ambiente.

— Não sei… — responde tristemente Valentin. — É horrível escolher um e deixar os outros.

— Não te preocupes, escolherei por ti… Louise, nós vamos com o Étienne. Podes levar o carro dele? — pergunta Nina.

Resignado, Étienne estende as chaves à irmã.

— Não te preocupes, eu sei guiar o teu grande bólide — antecipa-se-lhe Louise.

Ele aponta para mim e Nina.

— Se não chegar a casa antes da uma da tarde, chamem a polícia. Com estas duas nunca se sabe — brinca ele sem sorrir.

Nina vai no banco traseiro, ele ao meu lado. Cheiro o seu perfume. Ele baixa o vidro, acende um cigarro.

— Recordo-te que sou asmática.

Étienne lança fora o cigarro e fecha o vidro. Pousa a nuca no apoio de cabeça e fecha os olhos. Nina agarra-lhe nos ombros. Ele toma uma das mãos dela na sua.

Só volta a abrir os olhos quando param diante de minha casa.

— É este o teu tugúrio? — pergunta-me ele.

— Sim.

No interior, somos recebidos por *Nicola*. Étienne observa o meu escritório, o meu computador. Dá a volta ao piso térreo como se quisesse comprar a casa ou fazer uma busca.

— Vives sozinha?

— Com o meu gato.

— Vais ficar aqui?

— Sim.

— Para sempre?

— Sim, quero dizer, acho que sim… Quem quer um café?

Étienne senta-se no sofá. Ergue *Nicola*, pousa-o nos joelhos para brincar com ele. Está com um ar pedrado. Os olhos fecham-se-lhe contra vontade,

como se se tivesse injetado.

Depois de ter tragado um expresso, um pouco mais enérgico, Étienne dirige-se a Nina:

— Porque é que me fizeste vir aqui?

— Se fores embora, vamos contigo.

57

12 de julho de 1998

Nessa noite, é a final da Taça do Mundo de futebol. Adrien e Étienne virão. Nina empurra o carrinho de compras pelos corredores do supermercado, escolhe os ingredientes que Nathalie, a cozinheira, preparará para o jantar.

Uma vez por mês, os amigos de Emmanuel vêm a casa deles. Em princípio, é *tajine* de galinha com limão, todos gostam. São uma dúzia à mesa, todos antigos alunos da BBA INSEEC, uma escola de gestão europeia lionesa. Dormem nos anexos e vão embora de manhãzinha.

Quando chegam, Nina sente-se sempre constrangida com os seus eflúvios de perfume, fragrâncias de cidades, de mulheres que trabalham, um odor de independência. Depois de umas taças de champanhe, Nina descontrai-se. Leu os jornais, informou-se, pode participar nas conversas como aluna que sabe a matéria de cor. O que a alivia é eles nunca virem com os filhos. É o serão de namorados *deles*.

Emmanuel começa a ter uma fixação. Quer um bebé de Nina. Lança-se sobre todas as crianças com que se cruzam, os carrinhos de bebé, diz-lhe: «Olha como é bonito!» Supervisiona os seus ciclos hormonais, faz amor com ela de manhã e à noite, deixa-se ficar muito tempo dentro dela, com tanta esperança que ela pensa conseguir ouvi-lo. Só falta dizer uma prece enquanto o sémen alastra nela. Nina tem a sensação de que o seu corpo já não lhe pertence verdadeiramente, que desaparece pouco a pouco.

Todos os meses, quando a menstruação aparece como uma maldição, Emmanuel ensombrece-se. Durante uns dias, sai cedo e regressa tarde do trabalho. Não vem almoçar com ela.

Há três anos que se casaram, há um ano que tentam ter um filho, no mês seguinte vão consultar um especialista de infertilidade.

Nina tem medo de vir a ser como a sua mãe. Tem medo de não amar a criança. De a abandonar. Aquelas ideias impedem-na de se deixar engravidar. De se deixar ir, simplesmente. A verdade é que ela toma o que é preciso para que isso não aconteça.

Depois de passar pelos refrigerados, demora-se um pouco diante dos

artigos dietéticos, hesita entre dois produtos, um adelgaçante e outro drenante, qual é a diferença? Qual é a diferença entre felicidade e alegria? Esperança e desejo? Tristeza e melancolia? Amor e hábito? Medo e desespero?

Além dos amigos de Emmanuel, esta noite estarão lá Adrien e Étienne. Repete aquela frase como uma litania. Não os vê desde o Natal.

Escolhe ao acaso três galinhas do campo. Não as comerá, como de costume. Fingirá servir-se, como de costume. Desde que quer um filho, Emmanuel censura-a por não comer carne.

— Se calhar é por estares anémica que não resulta…

— Nunca estive anémica.

— Não sabes, meu amor. Um ser humano tem de comer carne.

— Claro que não.

— Sim, é natural.

Limão, cebolas, alho, gengibre, coentros, vinho branco, vinho tinto, champanhe. O carrinho está cheio.

Nina recorda a última vez que estiveram com os amigos de Emmanuel; o serão teve uma reviravolta interessante. Estavam todos bem bebidos, o tempo estava bom, tinham-se instalado à volta da piscina, as velas bruxuleavam sobre a mesa. Depois da sobremesa, Emmanuel propôs um jogo: dizer três frases que contivessem verdades ou mentiras. A regra: não revelar nada. Cabia aos outros adivinharem.

Em primeiro lugar, Emmanuel disse que tinha ido a São Francisco; em segundo, que lia o seu horóscopo todas as manhãs; e, em terceiro, que lera os sete volumes de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Proust… A seguir, todos aderiram alegremente: «Tirei dinheiro do porta-moedas da minha avó», «Hoje não fumei ganza», «Tenho medo», «Sou feliz», «Ando stressado», «Na véspera de uma das suas viagens, roubei o passaporte ao meu irmão, para que ele não pudesse partir», «Adoro crianças», «Tenho medo do futuro», «O meu marido nunca me traiu», «Não faço amor há seis meses», «Fiz amor hoje de manhã», «Escrevi o número de telefone do meu ex nas portas das casas de banho públicas de um centro comercial com a frase: "Liguem-me a qualquer hora, tenho fogo no cu"», «Comi uma minhoca», «Engoli uma mosca», «Comi uma borboleta», «Roubei e li o correio dos outros», «Adoro tripas de carneiro com molho», «Adoro *Malibu*», «Já caminhei sobre

brasas», «Ganhei um campeonato europeu de xadrez em 1990», «Fui hipnotizada para deixar de fumar», «Urinei num elevador avariado», «Era para me chamar Juliette», «O meu filme preferido é *Brincadeiras Proibidas*», «Bebi um copo com Bono & The Edge num bar de hotel», «Dancei a *Macarena* nua em cima da cama…».

Quando ficaram sós, Emmanuel perguntou a Nina quais eram as mentiras e as verdades no que ela tinha dito. Ela tentou eludir a questão:

— Não, o objetivo do jogo é não dizer nada… se disser, não tem piada.

— Não tem piada ler o correio dos outros… Sobretudo sendo neta de um carteiro.

Nina ficou vermelha.

— E eu teria gostado que dissesses «Amo o meu marido» ou «Desejo muito ter um filho do meu marido»… Acredita, é grave. Podias ir para a prisão por isso.

— Isso o quê? — respondeu secamente Nina. — Por não ter dito que amo o meu marido?

— Já não me amas?

— Claro que sim…

— Talvez não engravides porque já não me amas…

— Estás a dizer disparates.

— Engordas a olhos vistos. Uma mulher apaixonada não engorda.

Magoada, Nina fechou os olhos como se deixar de ver lhe permitisse deixar de ouvir. Ele empurrou-a para a cama e fez amor com ela à bruta. Era a primeira vez, aquela quase-violência. Mentalmente, Nina falou com o Universo. Poderia ter dito aquilo à mesa, minutos antes, naquele jogo estúpido do marido: «Falo com o Universo.»

Universo infinito, antes de morrer, gostaria de ser feliz.

Naquela noite, Emmanuel adormeceu dentro dela. A repetir-lhe: «Amo-te, Nina, amo-te muito.»

Ao dirigir-se para as caixas, passa pelo corredor dos livros. Uma mistura de BD, receitas de culinária e literatura. Da última vez que ela fizera compras, tinha comprado *A Marca do Anjo*, de Nancy Huston. Devorou-o em duas noites. No primeiro ano do seu casamento, Nina e Gé trocavam romances, mas agora os pais de Emmanuel estão a viver em Marrocos. A casa principal da propriedade é habitada pelo pessoal encarregado de a

manter. Aquela partida isolou Nina. Desde a morte de Joséphine, sente-se cada vez mais só. Ler permite-lhe quebrar essa solidão. Lendo, desenha mentalmente, vê as personagens, imagina-as a posar para si. Faz os seus próprios quadros. Através da leitura, reencontra também Adrien e Étienne em sonhos. Continua a telefonar-lhes ao domingo. Étienne foi admitido na sua escola, conta-lhe os seus dias de estágio, de buscas e interrogatórios.

Adrien é mais reservado. Prefere ouvir a falar.

Em lugar de destaque, Nina vê *Branco de Espanha* de Sasha Laurent, o romance que anda nas bocas do mundo. Lê a contracapa:

> O branco de Espanha é um pó de cré que serve muitas vezes para ocultar as montras das lojas durante obras ou quando há uma mudança de proprietário.

Nina não fica entusiasmada, mas acha a capa bonita. Além disso, leu algures que aquele romance estava bem cotado, por isso acaba por pô-lo no carrinho.

Dirige-se para as caixas, repetindo de si para si, como um mantra: *Esta noite, o Adrien e o Étienne virão*.

*

Nesse momento, Adrien põe um ponto final no seu novo texto. Há meses que trabalha nele. Desde a morte da mãe. Através das suas palavras, fá-la renascer de outro modo.

Não escreverá mais nenhum romance. Já sabe, mas ainda não o confessou ao seu editor. Como a escrita faz agora parte da sua vida, experimenta a dramaturgia. Acaba de escrever uma peça em cinco atos intitulada *As Mães*. A história de cinco amigos que falam das respetivas mães e sobretudo das mães dos outros.

A primeira é parecida com Marie-Laure, a segunda, com Joséphine. As outras três, imaginou-as inspirando-se nos traços de caráter de Thérèse Lepic, Louise e Nina. Partiu do real para romancear aquelas mães simultaneamente loucas, duras, instáveis, fantasistas, irresponsáveis, caprichosas, magnéticas, egoístas.

Um mostruário de maternidade.

Já imaginou a encenação: cinco casinhas justapostas, as dez personagens, cinco crianças e respetivas mães, evoluem lado a lado, amam-se, dilaceram-

se, assemelham-se, questionam-se, festejam. Os atos são ritmados pelos acontecimentos que vivem durante dez anos. Os que partem e os que ficam, os que regressam. Histórias de amor e de separação. Dez existências que se roçam e tocam. Sem maridos nem pais.

Adrien tem encontro marcado com um empresário teatral dentro de dias. Um homem que conheceu num jantar e que ignora que ele é Sasha Laurent. Adrien assinará a peça com o seu nome verdadeiro.

Vai num TGV que o leva a La Comelle. Esta noite, é convidado de Nina e do seu lindinho. Está apreensivo. Étienne também lá estará. Menos mal. Os jantares-jogos de futebol não são bem a sua coisa favorita. Mas Nina insistira muito.

Embora Adrien se tenha servido da sua «vida de antes» para escrever a peça, sente que cada vez tem menos vontade. Que está a distanciar-se. Sente-se melhor em Paris. No anonimato. E agora que Joséphine já não está lá, nada o prende a La Comelle, tirando Nina e Louise.

58

25 de dezembro de 2017

Étienne não respondeu nada quando Nina lhe disse: «Se fores embora, vamos contigo.» *Nicola* brinca com o fecho-ecler da sua parca, cansa-se e refugia-se nos braços de Nina. Étienne levanta-se, dá a volta à sala, avalia a minha videoteca, os meus CD e vinis, encontra umas cassetes, entre as quais uma dos Trois, gravada em 1990, no liceu.

— Guardaste isto? — pergunta ele.

— Leva-a, se quiseres… Para o teu filho.

— Agora a rapaziada já não tem o sonho de ter uma banda, só querem ser *youtubers* célebres.

— O que é um *youtuber*? — pergunta Nina a Étienne.

— O YouTube é como se fosse uma cadeia de televisão, mas na Internet. Publicam-se vídeos e todos veem.

— Vídeos de quê?

— Música, humor, trapos, videojogos… Caraças, nota-se bem que ficaste em La Comelle, tu…

— Vai ao tal sítio.

— Não quero eu outra coisa, mas tu raptaste-me à porta do teu abrigo.

— Onde pensas ir para… morrer? — sussurra ela.

— Ainda não decidi… Já vos disse, gostaria de ver o mar… Não é lá muito original, como genérico de final.

Volta a sentar-se junto de Nina. Estão lado a lado. Eu, em pé, encostada à porta da cozinha, a alguns metros. Como se eles me fizessem medo.

— Não dizes nada? — pergunta-me Étienne.

— O que queres que te diga? A Louise falou contigo. Ela anda desesperada por não quereres tratar-te.

— E tu? Vais tratar-te? — lança-me ele.

Perdi a cabeça.

— Sai de minha casa, Étienne.

— Por favor, parem os dois com isso! — intervém Nina.

Respiro fundo, tento acalmar a tormenta que me atravessa. O que Étienne

me provoca. Odeio-me por ainda me deixar perturbar pelas suas palavras.

— Andamos aqui às voltas — irrita-se ele. — Se foi para me pedirem que me deixe operar que vocês me fizeram vir até aqui, é inútil.

Ele levanta-se do sofá.

— Podem levar-me a minha casa?

Nina desata a soluçar. Étienne senta-se novamente. Aperta a chávena de café com tanta força nas mãos que elas ficam brancas. Ele engole várias vezes.

Dou alguns passos até ela, toco-lhe no ombro. Não me repudia. Já não tem força.

— Nina, porque é que quiseste que vos trouxesse para minha casa? O que queres que eu faça?

— Quero que vamos com o Étienne — consegue ela articular.

Viro-me para ele. Ainda está hirto no sofá. Uma expressão de meter medo.

— Queres que vamos contigo, Étienne? — pergunto.

— Se for eu a conduzir.

59

1999

Quatro anos de casamento.

Nina só tem vinte e três anos e parece ter trinta. Há dois anos que Emmanuel tenta fazer-lhe um filho. Mas ela continua a não querer.

Ela faz tratamentos hormonais para aumentar a fertilidade e não se passa nada. Terapias pesadas, que a fazem engordar. Que lhe dão náuseas. Tem o rosto inchado. Já não se vê ao espelho. Emmanuel e ela fizeram múltiplos exames, nada parece estar mal. Apenas eles.

Nina já não telefona a Adrien e Étienne uma vez por semana. As coisas foram-se espaçando pouco a pouco. Falha-se um domingo porque se está ausente, depois um segundo porque se esquece ou se está doente. As palavras de ausência da vida. Quando a separação entra nos hábitos. Os «De que serve, afinal, já não somos miúdos».

Além disso, onde se vive faz-se sempre novos amigos. Para Étienne, são os colegas. Para Adrien, os atores, encenadores, autores. A sua peça *As Mães* foi um sucesso. Desde então, escreveu mais duas, uma das quais foi comprada pelo Teatro des Abbesses. Será o acontecimento do arranque da temporada de 2000.

Portanto, quando o telefone toca em casa de Nina naquela manhã e ela reconhece a voz de Adrien, pensa que aconteceu algo grave. De outro modo, porque lhe telefonaria ele num dia de semana?

— Estás bem? — começa ele.

— Sim, estou.

— Porque é que estás a falar tão baixo?

— Porque a cozinheira escuta atrás das portas.

— Porquê?

— Porque não gosta de mim.

— Todos gostam de ti, Nina.

— Todos gostavam de mim, quando eu era jovem.

— Ainda és jovem.

— Todos gostavam de mim quando eu era pequena, se preferires. Porque é

que ligaste? Estás bem?

Nina sustém a respiração enquanto aguarda a resposta.

— Sim.

— E o Étienne?

— Sim, penso que também está bem.

— Então porque é que estás a ligar, Adrien? Não é domingo.

— Na noite passada pensei numa coisa.

— …

— Escondi uma sacola na sede dos Damammes.

— Que sacola?

— Do teu avô.

— …

— Encontrei-a num banco, no dia do acidente. No meio do pânico, alguém deve tê-la posto lá. Trouxe-a. Depois, quando cheguei à sede dos Damammes para te levar para Marselha, antes de entrar no teu gabinete, escondi-a numa sala, em cima de uma estante.

— Adrien, isso foi há cinco anos, porque é que não me disseste antes?

— Esqueci-me do assunto. Mas esta noite sonhei com ela… Um sonho tão estranho… Como se…

— Como se o quê?

— Sonhei com ele… O Pierre falava comigo.

— …

— E no meu sonho ele dizia-me para te dizer. Para que a encontrasses.

«Uma porta mais pequena do que as outras, não muito longe do gabinete onde te encontrei naquele dia. Havia arquivadores por todo o lado, caixas também, lembro-me de um cartaz afixado na parede, montanhas e um lago… uma paisagem, seja como for.»

As indicações de Adrien eram precisas. Nina não precisou de procurar muito. Trepou para uma mesa e viu-a.

Ninguém lhe tinha tocado. Dormia ali havia cinco anos, na sombra e no pó, no cimo da quinta estante encostada à parede da esquerda. Está meio desfeita.

Agora que Nina a tem nas mãos, treme, pensa. Está destroçada, não ousa abri-la. De tempos em tempos, uma lâmpada nua tê-la-á sem dúvida iluminado, mas nem um arquivador foi colocado naquele lugar inacessível. Como é que Adrien conseguiu pô-la tão alto?

Mais tarde, contar-lhe-á que a lançou com a energia do desespero.

Nina acaricia o couro. À hora a que o avô se apagou, faltava-lhe fazer a distribuição numas quantas ruas. O que significa que a sacola deverá ainda conter correio. Aperta-a contra si, dissimula-a por baixo do sobretudo e sai dos escritórios sob o olhar curioso de Claudine, uma antiga colega. A única com que se cruzou ao chegar à sede dos Damammes, com o coração alvoroçado. Nina disse-lhe que tinha vindo recuperar uma velha mala que deixara esquecida em cima de uma estante, mesmo antes do casamento, quando trabalhava com Yves-Marie Le Camus. Nina falou sem parar enquanto a outra a mirava. Viu nos seus olhos que teve dificuldade em reconhecê-la, quando ela entrou.

— Encontrou o que procurava?

Nina sobressalta-se. Tinha-se quase esquecido da presença de Claudine.

— Sim, muito obrigada… Não diga ao Emmanuel… quero dizer, ao meu marido, que estive cá, ando a preparar-lhe uma surpresa.

— A minha boca é um túmulo… Estava tão bonita, nos dois dias do casamento!...

Nina sente que Claudine a avalia da cabeça aos pés… O que resta do jovem cisne gracioso? Nina nem sabe onde está o seu belo vestido cor de marfim. Perdido sem dúvida entre duas caixas, duas redecorações, duas arrumações, dois roupeiros novos. É uma obsessão de Emmanuel mudar de decoração, comprar, deitar fora ou mudar os móveis de sítio. Fazer fogueiras no jardim para queimar as «velharias».

— Oh, meu Deus, está grávida! — exclama Claudine, fitando as formas arredondadas de Nina, aumentadas pela sacola que ela dissimula contra o peito, debaixo do sobretudo comprido.

Nina fica incapaz de reagir. Empalidece, baixa os olhos e murmura: «Não. Adeus.» Depois foge como uma ladra, entra no carro, põe-no em marcha e abandona rapidamente o parque de estacionamento, temendo cruzar-se com Emmanuel. Sem razão, uma vez que ele está em viagem.

Antes, quando ele se ausentava, ela ficava triste. Agora, rejubila quando ele faz a mala para uma semana. Uma perspetiva de descanso e alívio. O peso que sente no estômago aligeira-se. Nina não trabalha, mas está sempre cansada.

Pousou a sacola de carteiro no banco do passageiro. Tem a sensação de levar o avô ao seu lado, meio desfeito, como que achatado. Eis o que resta

daquele homem, uma prova do seu desaparecimento trágico. Como a mãe levou tudo, Nina não tem nada a não ser as suas próprias recordações. Nem sequer uma peça de roupa. Felizmente, guardara uma imagem sépia numa caixa: a fotografia do casamento dos avós.

Nos últimos tempos, Pierre fazia o giro com duas sacolas: uma para os registos, outra para o correio normal. É esta última que ela tem no carro. Aquela de onde ela tirava cartas para ler às escondidas.

No fundo, o que a mãe lhe deixou em herança foi o roubo. Nina não ousa olhar para a sacola. O que devia fazer era ir aos correios ou à polícia entregá-la. Mas nunca o fará.

*

Este está longe de ser o primeiro interrogatório de Étienne. É o comissário Giraud que o conduz. Ainda que seja o titular, Étienne fica retirado, a observar.

Uma história banal de carteiristas. Duas miúdas que pareciam não partir um prato, menores de idade, carinhas angelicais, limpas. Uma que interceta um transeunte para lhe pedir indicações ou perguntar as horas. A outra que se ocupa dos bolsos ou da mala da vítima. Dinheiro, cigarros, carteiras de cabedal, relógios. Só isso lhes interessa. Estão-se a borrifar para os papéis. Deitam-nos nos caixotes do lixo. Em contrapartida, desde há dois anos, cada vez mais pessoas usam telefones portáteis e, com a proliferação destes aparelhos, criou-se um belo mercado negro em Lyon. O comissário espera que as duas raparigas lhe permitam chegar à rede à qual vendem os telemóveis.

Foram apanhadas por um segurança numa loja de luxo. A mão numa mala *Vuitton*. Tentaram fugir, defenderam-se, debateram-se. Deram luta até dois molossos as terem agarrado e entregado numa bandeja.

Negam tudo, repetindo: «Enganaram-se na pessoa.»

Todavia, há já meses que elas rondam o parque Tête d'Or. Foram identificadas e os retratos-robô correspondem. Émilie Rave e Sabrina Berger.

Émilie parece ser o cérebro da dupla. Destemida, não para de sorrir quando o comissário faz perguntas e de desafiar Étienne com o olhar desde que este entrou na sala do interrogatório. Sabrina é reservada, não fala, baixa

os olhos, fecha-se.

Como elas são menores de idade, um advogado representa-as. Não têm o mesmo perfil que os pequenos delinquentes que encontram habitualmente. Duas miúdas de boas famílias que se divertem a brincar ao Arsène Lupin e se comportam como putas de luxo. Duas miúdas irritantes.

Os pais não tardarão a chegar.

Desde que está na polícia, Étienne ouviu de tudo:

«Não fui eu, senhor, não fiz nada. A culpa é das vozes que ouço na minha cabeça, elas comandam-me. Eu não tenho nada que ver com isso. Não fiz de propósito. Está enganado na pessoa. Foi o meu gémeo, está a confundir-me com o meu irmão.

» Não tens irmãos.

» Tenho, sim, juro que tenho um primo que é como meu irmão, é um sósia, toda a gente lhe dirá que tenho um sósia, tinha bebido, já não me lembro, tenho falhas de memória, sou sonâmbulo…»

E sempre: «Juro que não torno a fazer.» Quantas vezes Étienne ouviu aquela frase…

— Quero confessar tudo — acaba por dizer Émilie —, mas quero ficar sozinha com aquele ali.

Aponta para Étienne. Todos os olhares convergem para ele. Ele retorque de imediato:

— Não me parece que estejas em posição de decidir o que quer que seja.

— No que diz respeito à posição, tenho uma ideia — diz-lhe a rapariga.

— Para com isso. Se te apertar o nariz, sai leite.

— Deixe o meu nariz em paz, tenho outras ideias, já lhe disse.

— Basta! — berra o comissário Giraud. — Não estamos aqui para brincar! Vocês incorrem numa pena de prisão efetiva, jovens!

— Somos menores — diz Émilie, revirando os olhos. — Não corremos risco nenhum.

— Estás a sonhar, minha filha — diz Étienne. — Já mandámos menores para trás das grades. Regra geral, as miúdas como tu ficam separadas dos adultos, mas as celas são coladas… Se fosse a ti, desbobinava… A menos que te excite roçares-te em mulheres que te vão ensinar o que é a vida.

— Aconselho-o a moderar o discurso — interrompe o advogado.

Étienne não presta atenção ao homem de leis, não desprega os olhos das raparigas. Passa de uma à outra. Giraud deixa-o prosseguir. Tem total

confiança no seu jovem recrutado, que domina a arte de fazer confessar mesmo os mais duros. Aquelas duas raparigas, para ele, serão um passeio no parque. Étienne tem um lado implacável. Nunca perde o controlo. Reside tudo no seu olhar azul de aço, duas caixas refrigerantes, quando se encontra face a um suspeito.

— A quem revendem os telemóveis? — pergunta.

Émilie já não sorri, mas não baixa os olhos, continuando a desafiar Étienne com o olhar.

— O meu pai nunca me deixará ir para a prisão… — acaba ela por responder.

— O teu pai não pode decidir nada — replica Étienne. — Deixa chegar à juíza de menores… Uma megera como nem fazes ideia, não vai suportar o teu sorrisinho presunçoso… Doutor, devia explicar às suas clientes que se arriscam a sério. Temos cem testemunhas que as viram em ação, que estão prontas a identificá-las. Há já meses que a brincadeira delas dura. Vamos começar por fazer uma busca em casa delas e depois uma acareação com as vítimas, para as fazer quebrar… Vai haver sangue… A menos que elas revelem o nome do recetador…

Uma hora depois, está feito. Como habitualmente, Étienne pedirá a uma colega para redigir o relatório, um acordo entre ambos. Ele tem um ódio visceral a tudo o que é administrativo. Em troca, presta serviços, telefona aos informadores.

Adora as buscas e as perseguições, mas não bater à máquina. Apesar de o comissariado estar equipado com alguns computadores, ele *quer* a rua. Andar pelos bares, fazer perguntas, observar, vigiar. É onde é o seu lugar.

Agora, Étienne bebe uma cerveja no seu sofá, a ouvir *Where Is My Mind?*. Adora aquela música dos Pixies. Ouve-a repetidas vezes, a pensar em Nina, nos sonhos musicais passados. Nos sonhos, simplesmente.

Abre uma segunda lata pensando que tem um prazer especial quando se encontra frente a frente com suspeitas. É raro serem miúdas, mas dá-lhe muito gozo apertá-las. Não vale a pena ir ao psicólogo, ele sabe que aquilo está relacionado com Clotilde. Uma vingança pessoal que ele reitera há já cinco anos.

A imagem do carro a afundar-se na água sombria do lago da Floresta não o abandonou. Terá sonhado ou realmente visto aquele carro? Caso o tenha

visto, a quem poderia pertencer? Estaria alguém no interior? Quem o empurrou? Ela? Clotilde não tinha carta de condução nem carro. Ele vislumbrou alguém atrás do volante? Uma sombra, porventura. Porque não disse aos gendarmes de La Comelle que tinham nadado juntos naquele fim de tarde e que ele tinha adormecido ao lado de Clotilde por causa do uísque, do cansaço, da emoção após o funeral de Pierre nessa manhã?

Dizer apenas que vira um carro na água. E aquele ventre redondo.

60

25 de dezembro de 2017

Adrien acaba de atestar o depósito. Está sentado num banco, no exterior, diante dos cinzeiros de pé. Ao longe oscila um baloiço abandonado pelas crianças, empurrado pelo vento. Envolvido num sobretudo grosso, ele fuma um cigarro ao ar glacial. Roubou o maço da mala de Louise naquela manhã. Acaba de encontrá-lo no fundo do bolso, com um isqueiro rosa-rebuçado lá dentro. Há muito tempo que ele não fumava. Nojento e jubilatório.

Indeciso, Adrien pensa em Étienne. No seu cancro. Naquela morte que o ronda. Nunca se está preparado para a morte dos amigos, mesmo quando eles deixaram de ser amigos.

Adrien recorda-se.

Janeiro de 1997. Havia pouco mais de um ano que Étienne e ele tinham ido para a capital. Adrien em Vincennes e Étienne na Nation — ele não tinha ainda entrado na Escola de Polícia de Cannes-Écluse. Pela segunda vez, Étienne telefona-lhe a pedir ajuda.

— Não consigo ver isto sozinho. Tens de vir cá a casa. Estar comigo. Aconteceu, eles vão falar do caso Clotilde Marais.

É estranho que Étienne diga o seu apelido. Como se quisesse afastar-se de Clotilde, mantê-la à distância.

Era sobre o programa *Perdu de vue*, transmitido em horário nobre na TF1.

— Os pais da Clotilde pediram-te que desses o teu testemunho?

— Não — respondeu Étienne com a voz de uma criança apanhada com os dedos no frasco de doce.

Adrien chegou a casa dele às sete. Étienne tinha mandado vir duas pizas, as preferidas de ambos, uma romana para Adrien, uma *calzone* para ele, sobre o qual verte muito azeite picante, como de costume. Apesar da situação e do nervosismo, tinha fome. Adrien lembra-se de Étienne sempre esfomeado.

Adrien ficou tocado por Étienne lhe ter ligado a ele. Considerava-o, portanto, um amigo. Mesmo sem Nina, era realmente importante para ele.

Porque é que tinha aquela dúvida desde sempre?

Étienne abriu uma garrafa de vinho rosé, ligou o televisor, tirou o som, eles viram distraidamente uma reportagem sobre Yasser Arafat, e depois Bill Clinton. Falaram de ninharias.

Adrien tinha concluído a escrita de *Branco de Espanha*, mas não falou disso. E Étienne não lhe fez perguntas sobre o romance que ele referira na noite da despedida de solteira de Nina.

Depois o programa começou.

Étienne pôs o som e acendeu um cigarro. Os olhos brilhavam-lhe como se tivesse febre. Um misto de terror e excitação que surpreendeu Adrien.

Algo angustiante, logo no genérico. Algo de malsão na apropriação do infortúnio dos outros para o transformar em espetáculo.

Os Marais à luz dos projetores, sentados lado a lado, como eles no sofá com o copo de rosé na mão.

O olhar embaciado daqueles pais, como dois náufragos, resignados. O pai, devorado pela inquietação, entalado entre o pudor e a vergonha de se ver assim mediatizado, mas resoluto. «A nossa última hipótese», murmurou ele à mãe.

Fotografias de Clotilde em série.

Em primeiro lugar, os pais foram interrogados a propósito da filha: «Qual a sua personalidade? É mais reservada ou, pelo contrário, abre-se facilmente?», «Parecia-vos diferente, no final? Mudou alguma coisa no seu comportamento? Irritável?», «Já tinha acontecido sair alguns dias sem vos informar? Há uma testemunha que afirma tê-la visto na estação de La Comelle por volta das dez horas. Aonde foi? Que direção pode ter tomado?», «Outra questão importante: Clotilde levantou as suas poupanças duas semanas antes de partir; na vossa opinião, porque o terá feito?».

Depois Jacques Pradel dirigiu-se à câmara:

— Você poderá ter informações capitais e, graças a si, o enigma deste desaparecimento poderá ser solucionado. Se tem memória do menor episódio, não hesite em contactar-nos. E se a Clotilde estiver a ver o nosso programa, se quiser tranquilizar os seus familiares, poderá marcar o número que irá surgir em rodapé no ecrã, o anonimato será respeitado.

Seguiu-se uma reportagem:

«La Comelle, uma terra pequena de Saône-et-Loire, sem história. Foi aqui, no coração desta pacífica Borgonha, que Clotilde Marais, de dezoito anos,

desapareceu no dia 17 de agosto de 1994. Há dois anos e meio que os seus familiares não têm notícias suas. Nem o menor sinal de vida.»

Filmaram as ruas de La Comelle, depois a casa dos Marais, e por fim o quarto de Clotilde. Foi quando viu as bonecas em cima da manta de retalhos que Étienne foi vomitar a piza à casa de banho.

Adrien ficou sem saber o que fazer. Não encontrou palavras. Étienne murmurou apenas, ao regressar:

— Demasiado emotivo para um futuro chui, tenho de me endurecer.

— Queres que desliguemos a televisão?

Étienne pôs a cabeça entre as mãos.

— Não, deixa… Merda, mas o que é que ela fez?

— Quem?

— A Clotilde…

Como posso ser tão idiota?, disse de si para si Adrien. *Como pude fazer uma pergunta tão estúpida?*

Adrien não gostava de Clotilde. Os dois mal se falavam quando se cruzavam nos corredores da escola ou nas festas. Adrien era um vulgar verme para Clotilde, e ela não fazia o seu género. Demasiado sofisticada e a fazer tudo com demasiado barulho. Rir, falar. Sempre no volume máximo. O olhar duro, os lábios franzidos. Destituída de toda a doçura, aquela beleza da inteligência que caracterizava Nina ou Louise.

No fundo, Adrien estava-se nas tintas para o que era feito dela. Tinha a certeza de que era o tipo de rapariga que desaparecia só para que falassem dela. Que reapareceria um dia nos braços de um príncipe, de um guru ou numa comunidade *hippie*. Adrien nunca imaginara que se pudesse passar algo grave. Que aquele desaparecimento estivesse ligado a um drama. Apenas mais um capricho para se fazer interessante. Devia estar a rejubilar frente ao seu televisor.

O que preocupava mais Adrien era o estado em que o assunto deixava Étienne. Adrien não sabia que ele se importava tanto com ela.

E então, de repente, as coisas descambaram. O apresentador anunciou que uma testemunha que desejava manter o anonimato os tinha informado de que na tarde de 17 de agosto de 1994 Clotilde estava com o seu «namorado da altura». Era preciso verificar aquelas afirmações, pois estavam em contradição com as declarações segundo as quais ela fora vista na estação à

espera de um comboio.

Quem era então aquele namorado caído agora do céu?

A mãe de Clotilde interveio: «Esse rapaz tinha um encontro marcado com a minha filha nessa noite, mas ela não apareceu.» As perguntas sucederam-se: porque é que ela não tinha ido? Teria encontrado alguém pelo caminho? Clotilde teria estado no local errado, à hora errada? No entanto, o primeiro testemunho era perentório: ela estava sozinha na estação.

No estúdio, rios de lágrimas.

Adrien já não ouvia, já não via nada. As suas mãos tremiam. Étienne foi-se abaixo quando o apresentador referiu o encontro de Clotilde Marais com o seu «namorado». Além disso, Adrien sentia qualquer coisa germinar na sua cabeça. De início a sombra de uma dúvida, depois uma certeza.

Étienne tinha estado com Clotilde naquela tarde. Tinha acontecido alguma coisa. Algo irremediável. Caso contrário, Étienne nunca teria tido aquela reação aterradora e aterrorizada. Todo o seu ser tenso, o rosto desfigurado pelo medo, pela obsessão.

— Étienne, o que é que tu fizeste?

— Nada. Não fiz nada. Juro.

— Mas… estiveste com ela… naquela tarde?

— Sim.

Um longo silêncio. Os dois rapazes encararam-se.

— Vocês discutiram?

— Tomámos banho… curtimos. Eu adormeci. E depois… mais nada.

— Mais nada? Como assim, mais nada?

— Quando acordei, ela já tinha ido embora.

— Estás a mentir? Étienne, estás a mentir-me?

— Não!

— Fizeste-lhe mal?

— Não. Juro-te.

— Um acidente?

— Não!

— Mas… é um pesadelo.

— Sim… Na altura, pensei que ela tinha ido embora para um sítio qualquer. Mas não deu mais notícias.

— Quem é a testemunha que viu a Clotilde na estação?

— Não sei.

— A que horas é que a Clotilde chegou ao lago?

— Não sei… Não tinha relógio. Diria entre as oito e as nove horas.

— Alguém vos viu?

— Não creio.

— Falaste disto a mais alguém? À Nina?

— A ninguém. Só a ti. Nunca disse que tinha estado com a Clotilde naquela tarde. E mesmo que me torturem, não o direi.

— Porquê?

— Porquê o quê?

— Porque é que não disseste nada?

— Não quero acabar preso.

— E porque é que acabarias preso?

— Sou o suspeito ideal… O namorado é sempre o suspeito ideal… sobretudo porque…

— Sobretudo porquê?

— Nada.

— Sobretudo porquê, Étienne?

Adrien sentiu um imenso vazio em torno de si, depois de fazer aquela pergunta. O que lhe ia confessar Étienne?

Pela primeira vez, Adrien sentiu-se o mais forte dos dois, o menos vulnerável.

— Ela estava grávida.

61

1999

Nina regressa a casa. Ninguém. Um alívio. A «cozinheira» — é assim que ela agora chama a Nathalie — foi às compras.

Emmanuel só volta daí a dois dias.

Ela pousa a sacola do carteiro na mesa da cozinha. É como um tesouro que entrasse numa casa morta.

No início, Nina achava extraordinário dar com os pavimentos e as alcatifas limpos, a sua roupa lavada e passada a ferro dentro dos roupeiros e as refeições fumegantes sobre a mesa. Mas aquele luxo tinha um reverso: ausência de privacidade. A cozinheira entra e sai de casa deles sem bater à porta. Nina pode encontrá-la no meio de uma divisão a qualquer hora. Quantas vezes se sobressaltou ao dar de caras com a outra, de pano na mão? Já não pode ouvi-la. Por vezes até deseja a sua morte. Nathalie já tem idade de se reformar, mas Nina sabe que ela nunca se vai desprender do seu rochedo: Emmanuel Damamme.

Nina está convencida de que o marido a manda vigiá-la quando se ausenta. «Conto consigo, confio-lhe a Nina, ela é tão nova.» Nova ou inconsequente? Que palavras empregará ele?

Nina bem tentou dizer a Emmanuel que gostaria que Nathalie se fizesse anunciar antes de entrar na casa deles, mas ele repreendeu-a, sorrindo: «Ela faz parte da mobília, é leal, é uma sorte tê-la, deixa-te de caprichos, no fundo, és demasiado mimada.»

Nina imagina o seu dia a dia, caso engravidasse. E essa perspetiva gela-a. A cozinheira andaria atrás dela o dia todo, se tivesse um bebé. Não suportaria isso. Além disso, ter um filho *dele* seria encerrar-se para sempre. Agora, ainda guarda em si uma pequena centelha de esperança, a esperança de se salvar um dia. Não simplesmente partir, mas *salvar-se*. Aquele pensamento aterroriza-a, mas ele existe, é a possibilidade de uma ilha. Mesmo que agora essa ilha lhe pareça inacessível e a viagem, irrealizável, um dia, quem sabe…

Para se aguentar, bebe pelo menos três copos por tarde. Está ciente de que se destrói, mas não encontra outro paliativo. O álcool torna suportável o

insuportável, ajuda-a a lidar com o regresso de Emmanuel. Bebe o primeiro a partir das cinco horas. Cheio. Outro às seis. O terceiro meia hora depois. Assim, quando Emmanuel chega, Nina tem um ar radioso, a chupar um rebuçado.

Ao jantar, conversa animadamente, uma máscara sorridente no rosto. Fazê-lo crer que está tudo bem, que a vida é bela graças a ele. Depois vão-se deitar, sempre juntos, os passos dele no seu encalço, e, uma vez no quarto, ela sabe que ele a vê tomar os medicamentos que estão em cima da mesa de cabeceira. Os que estimulam a ovulação.

Espera até ouvir o ruído da escova de dentes elétrica de Emmanuel para tomar a pílula contracetiva. Nunca guarda as embalagens. Um médico renova-as trimestralmente. O mais afastado do centro de La Comelle. Um clínico que não faz perguntas. Ela paga as consultas em dinheiro vivo e não solicita reembolso. À saída da farmácia, esvazia as embalagens e despeja os comprimidos numa bolsa que contém grânulos homeopáticos, aspirinas e batons de cieiro.

É esta mistura improvável de hormonas e álcool que a desfigura e paralisa dia após dia. Luta destruindo-se. Mas ainda assim luta.

Não pode falar daquilo a ninguém. Já não tem amigos. Étienne e Adrien foram embora. Louise também. Antes, havia Joséphine, uma chávena de café juntas, era galvanizante, mas agora acabou. Marie-Laure e Marc Beaulieu estão fora durante todo o dia, ocupados com o seu trabalho. E desde que Emmanuel assumiu as rédeas da sociedade, os sogros raramente saem de Marrocos. Gé telefona a Nina todas as semanas, trocam palavras ocas, alguns títulos de romances a ler, uma distância educada e calorosa. Mas como dizer a uma mãe que o seu filho é ligeiramente desequilibrado? Doentiamente possessivo?

Não restam senão aqueles fins de semana uma vez por mês, quando os amigos vêm de Lyon. Mas são os amigos de Emmanuel, não os seus. Eles são simpáticos, agradáveis de receber, sempre amáveis com ela. Mas, uma vez longe, nunca lhes sente a falta. Ao contrário do que lhe sucede com Étienne e Adrien.

Acaricia de novo a sacola do avô. Acaba por abri-la, observando os seus dedos inchados. Como pôde ela cair tão baixo? Aceitar engolir aqueles medicamentos que não tratam senão o vazio do casal que ela forma com Emmanuel?

Os sobrescritos brancos amareleceram ligeiramente. Mais de uma centena de cartas e postais. Todos com o carimbo de 11 de agosto de 1994. A véspera do acidente.

Há cinco anos que as palavras dormem no seu interior. Frases que se enviam no verão, durante as férias. Vai ter de as distribuir, umas após outras. Correspondência que se descobre cinco anos mais tarde na caixa de correio, sem dúvida uma coisa inédita.

Tem de começar por esconder a sacola. Nem Emmanuel nem a cozinheira podem dar com ela. Algures no seu quarto, atrás dos vestidos, no *closet*? Não. Demasiado arriscado. O único local da casa onde Nina se pode fechar à chave é a casa de banho contígua ao quarto. O seu porto de abrigo, onde lê enquanto toma banho. Vem-lhe a ideia de despejar o conteúdo — exceto as faturas, que não interessam — dentro de três grandes toalhas turcas, que dobra e dissimula cuidadosamente atrás das outras, na prateleira sobre a banheira. Depois regressa ao carro para deixar a sacola na bagageira, que fecha.

Sente-se a viver como um condenado em liberdade condicional.

Pergunta-se se o avô lhe permitiria ler as cartas. Existirá prescrição? Estavam destinadas a acabar ali, em cima de uma estante, na sede dos Damammes. A nunca serem distribuídas, nem lidas *a fortiori*. Como receber um sinal dele? Onde procurar, para saber se ele consente ou não?

O telefone toca. É de novo Adrien. Duas chamadas no mesmo dia, quando ela ouve cada vez menos a sua voz.

— Encontraste-a? — pergunta ele, impaciente.

— Sim.

— Ninguém lhe tinha tocado?

— Não.

— Incrível.

— …

— Onde a puseste?

— Na bagageira do meu carro.

— Havia correio lá dentro?

— Sim, muito.

— Vais ler as cartas?

— Não sei. Já não sou uma miúda… Além disso, é roubo.

— Não é roubo, é empréstimo.

— …

— É como tomar de empréstimo a história antiga de alguém, antes de lha devolver…

— Antes não dizias isso.

— Antes é passado. Agora é um presente que o teu avô te dá. Caso contrário, eu não teria sonhado com isso.

— Achas?

— Sim.

— Se eu acabasse por ir para Paris, ajudavas-me?

— Porquê? O teu casamento está com problemas?

Fez a pergunta num tom presunçoso. Subentendido: «Eu avisei-te.»

— Não, passou-me só pela cabeça…

Adrien fica em silêncio. Um silêncio constrangido, que Nina acaba por quebrar:

— Já pensaste, estamos quase no ano 2000… Acho que estamos a perder-nos de vista, Adrien.

— Claro que não, Nina, deixa de te angustiar sem razão — responde-lhe ele, quase irritado.

— Não me angustio sem razão. Achas que vamos estar juntos na passagem de ano?

— Ainda não sei… Tenho de ir, não estou aqui sozinho.

— Está bem. Mas, Adrien, jura-me que estaremos juntos na passagem do ano 2000.

— Juro-te, Nina.

— A sério?

— A sério.

— Beijos.

— Beijos.

Ela regressa à casa de banho. Fecha-se. Põe água a correr na banheira, agarra numa das toalhas, desdobra-a. Caem dezenas de cartas sobre os ladrilhos. Pega numa ao acaso. Passa a parte de trás do sobrescrito sobre a torneira da água quente, consegue descolá-la sem rasgar.

Encontra uma nota de 20 francos entre duas folhas.

«Minha queridinha, feliz aniversário, compra o que quiseres. Espero que esteja bom

tempo. Aqui, abafa-se, doem-me as pernas. Não te esqueças de pôr água para os passarinhos, no quintal.

A tua vovó que te adora»

Nina fecha de novo o sobrescrito e põe-no de lado. Irá entregá-lo depois a Rachel Mark, na rua Pépinière, número 6. Como Emmanuel não regressa naquela tarde, ela distribuirá conforme for lendo, até ser de noite. Menos as más notícias. Com cinco anos de atraso, não serviriam de nada.

Nina abre e fecha outros sobrescritos. Faz um monte para a distribuição desse dia. Lê as cartas em voz alta, como se o avô estivesse junto dela e partilhasse as palavras com ele. Por vezes, Pierre Beau lia o correio a pessoas que lho pediam, as que não sabiam ou não entendiam um documento administrativo. «Senhor carteiro, o que é que isso quer dizer?»

São nove horas quando ela liga o carro com uma vintena de sobrescritos pousados no banco do passageiro. Sabe que depois a cozinheira contará a Emmanuel que ela saiu após o jantar. Por isso, para evitar perguntas insidiosas, entre a pera e o queijo contou a Nathalie que no seu ginásio tinham organizado uma festa pelo aniversário de um dos professores. O ginásio, dizia ela… Havia dois anos que não punha lá os pés. Mas continua a pagar a mensalidade para duas aulas por semana. Estaciona à porta do ginásio e vai caminhar sozinha ao longo do rio.

Percorre o caminho que o seu avô teria feito naquele dia. Parte da praça Charles de Gaulle, onde ele encontrou a morte. A sua intuição estava certa: Pierre viera da rua Saint-Pierre, e não da rua Jean-Jaurès. Foi o camião que não respeitou a prioridade. O motorista tinha mentido.

Mas não mentimos todos?

Só um destinatário se tinha mudado. O nome fora arrancado da caixa de correio, as persianas estão corridas e as ervas daninhas cobriram o caminho de acesso. Ainda assim, Nina entrega o postal que Jacques Laurent teria recebido no dia 12 de agosto de 1994.

«Meu Jacquot,

No regresso do Midi, farei uma paragem para te ir ver nesse buraco. Estou ansioso por irmos pescar os dois, já que não há mais nada para fazer aí onde moras. Põe a cerveja no frigorífico e limpa o grelhador. Levarei a minha guitarra, como nos bons velhos tempos.

Beijos, amigão.

Sergio»

Às onze horas, Nina finda o seu giro. Regressa a casa com a morte na alma. Acaba de realizar os gestos que o avô teria feito naquele dia. Gestos mortos pela merda de um camião.

Restam-lhe ainda uns cem sobrescritos a distribuir. Enquanto não o faz, sobe para se deitar, tranquilizada pela ausência de Emmanuel.

Antes, quando se ausentava, telefonava a todas as horas. «Como vai o meu amor? O que estás a fazer? Como estás vestida? Sinto a tua falta…»

Agora, liga para dizer que chegou bem e depois mais nada.

No último Natal, ofereceu-lhe um telemóvel. «Assim, poderemos sempre contactar-nos.»

O pesadelo. Estar sempre contactável, quem é que pode querer isso?

Ela teria preferido que ele lhe oferecesse um cão. Resposta: «Não, com o bebé, não seria higiénico. Além disso, a Nathalie já tem trabalho que chegue. Imaginas os pelos do cão na casa? Porque contigo ele teria autorização para subir aos sofás.»

Depois da morte de Joséphine, Emmanuel vendeu a casa do avô dela: «Já não serve para nada.»

E os seus dois gatos foram para a casa dos Beaulieus: «Nem penses em trazê-los para aqui, sabes que sou alérgico.»

Marie-Laure prometeu a Nina que tomaria conta deles.

Deitada na cama, Nina bem que iria de novo à casa de banho. Desdobrar outra toalha, deixar cair os sobrescritos no pavimento. Convocar o espírito do avô. Regressar a agosto de 1994. Quando Étienne e Adrien ainda lhe davam as mãos.

62

25 de dezembro de 2017

Fui levar de novo Étienne e Nina ao abrigo. Partimos amanhã de manhã.

Tenho um dia para me organizar.

Disse que sim à viagem com eles, acompanhar Étienne «à beira-mar».

Somos todos constituídos por sim e não. Há muito tempo que digo não a tudo. Mas Nina precisa de mim. Sorriu-me quando eu disse que sim. Há anos que esperava aquele sorriso.

Conduzo sem destino, a pensar que nunca confiei as minhas chaves a ninguém, desde que me mudei de novo para La Comelle.

Nina deu-me o número de telefone de uma voluntária que faz *baby-sitting* de animais. «Uma pessoa de confiança», assegurou-me ela.

Combinei encontrar-me com ela ao final da tarde. Ela é como toda a gente: hoje celebra o Natal em família.

*

Marie-Laure e Marc Beaulieu afadigam-se na cozinha.

Marie-Castille põe a mesa, acende as velas, dispõe os enfeites de Natal e os copos de cristal sobre a toalha de papel dourado.

Pela janela, vê Louise chegar ao volante do carro do marido, com Valentin a seu lado.

Onde está o Étienne?

Valentin entra na casa de rompante e não lhe dá tempo de abrir a boca:

— O papá já vem, está com amigos.

— Que amigos?

— Nina e um outro.

— Quem?

— Não sei quem é.

— Onde está o teu pai?

— Está a beber um copo, já te disse.

— Onde?

— Não sei, bolas — diz-lhe Valentin com um ar derrotado.

Marie-Castille interroga Louise com o olhar. Aquela baixa os olhos e pendura o sobretudo no bengaleiro.

— Onde está o Étienne? — insiste Marie-Castille.

— Já vem.

— Porque é que discutiram esta manhã?

— Porque eu queria que ele se encontrasse com uma pessoa.

— Quem?

— Sou obrigada a responder às tuas perguntas? Não estamos no teu comissariado, caramba! — irrita-se Louise, os nervos à flor da pele.

As palavras saíram-lhe mais aceradas do que desejaria. Marie-Castille mira-a, confusa. À beira das lágrimas, Louise sobe para o seu quarto.

Marie-Louise tenta contactar Étienne pelo telemóvel, mas a chamada passa diretamente para o correio de voz.

— Valentin! Onde estavam vocês?

Valentin reaparece, vindo da cozinha.

— No abrigo. Implorei ao papá que lá fôssemos.

— Porquê?

— Queria que ele visse uma coisa.

— Que coisa? Eu disse que não queria animais cá em casa!

Valentin olha-a como se ela tivesse enlouquecido.

— É uma surpresa para a avó — murmura.

— Que surpresa?

— Um gato para o Natal — diz-lhe ele ao ouvido.

Marie-Castille faz uma expressão de dúvida e acaba de pôr a mesa de Natal.

Ela não gosta de vir a La Comelle, prefere a vida deles em Lyon. Em Lyon, conhece os colegas de Étienne, todos os polícias, colegas com quem se entende bem. Não gosta que Étienne reveja Nina. Não gosta de não controlar as coisas. E não consegue controlar as recordações do marido. Arrancaria de bom grado das paredes aqueles retratos a carvão de Étienne que Marie-Laure tem por todo o lado.

— Valentin! É a Nina que traz o teu pai? Ela almoça connosco? — grita Marie-Castille.

— Não. Ela vai ter com o namorado — responde o adolescente.

— A sério? Ela tem um namorado?

— Sim.

— Disse-te ela?

— Não. Foi a Simone.

— Quem é a Simone?

— Uma senhora que trabalha no abrigo. Adotou um cão hoje. Chama-se *Caramelo*. Como o rebuçado.

Marie-Castille fica de tal modo contrariada que parte um copo sem querer. Sente vontade de chorar, mas engole as lágrimas diante do filho. Ele ajuda-a a apanhar os cacos.

— Tem cuidado, querido — diz ela calmamente.

Tem de se recompor. Não vai deixar-se afetar também. O marido foi apenas beber um copo com amigos de infância. Ela observa Valentin. Tem um ar triste. Acha-o pálido. Uma indigestão?

— Estás bem, meu querido?

— Sim.

— Dói-te a barriga?

— Não.

— Meu amor?

— Sim, mamã.

— Não é que eu não queira um cão… mas sabes bem que nem o teu pai nem eu estamos em casa durante o dia. Sentir-se-ia muito infeliz em nossa casa.

— Eu sei.

— A menos que…

— A menos que o quê?

Ele sopra uma madeixa para libertar a testa. Os seus olhos bonitos fixam-na. Agora não pode desistir. No fundo, o que é que lhe importa?

— Que encontremos alguém que tome conta dele.

— Não percebo.

— Um pouco como uma ama. Deve haver amas para cães, não? Ela ficava com ele durante o dia, e tu assumias o turno quando viesses da escola.

— Estás a falar a sério?

— Parece-me que sim.

— Vamos ter um cão?

— Primeiro tenho de falar com o teu pai… Quando ele vier.

Será que vem?, pensa de repente Valentin. *E se ele partir hoje? A Louise tem*

medo que ele desapareça sem dizer nada a ninguém.

Marie-Castille vê o olhar do filho ensombrar-se de novo, quando o que ela esperava era uma alegria sem precedentes. Fica terrivelmente dececionada.

Natal de merda. E agora é demasiado tarde para dar o dito por não dito. Logo ela, que tem tanto medo de animais.

*

Étienne está calado.

— Como vai isso? — pergunta Nina.

— Bem.

— Não tens dores?

— Não. A Louise deu-me o necessário.

Nina para a cem metros da casa dos Beaulieus. Não quer entrar na casa de Marc e Marie-Laure. Rever a mulher de Étienne.

— Até amanhã, então.

— Sim.

— Tens de falar com o teu filho.

— Eu sei. Merda de Natal.

— Lamento imenso… E à tua mulher, vais dizer?

— Impossível.

— Porquê?

— Impossível… Escrevo-lhe depois. Tens a certeza de que podes ir embora assim, com o teu trabalho? Os cães não se passeiam sozinhos.

— Vou arranjar quem me substitua.

— De qualquer modo, não será muito tempo…

Ele beija-a na face e sai do carro, murmurando: «Até amanhã.»

Depois regressa precipitadamente.

— Nina, prometes-me que não vai ser triste? Que não vamos passar os nossos últimos dias juntos a choramingar?

— Prometo-te — responde Nina.

Antes de voltar a casa, Nina passa pela padaria. Está a fechar. O dono reconhece-a, é a «rapariga da SPA». Gosta dela, ficou-lhe com um gato no ano anterior. Ela desfaz-se em desculpas por chegar tão tarde, pergunta pelo gato, compra-lhe um pão rústico e o tronco que resta, com fruta exótica.

Que nojo, pensa ela.

— Feliz Natal.

Em casa, aumenta o termóstato e passa o aspirador. Abre uma lata de milho, faz uma vinagreta. Dispõe espargos num prato e dois pedaços de queijo noutro. Depois vai tomar duche. Há precipitação nas suas veias, o corpo está carregado de eletricidade, de promessas. Ela muda os lençóis e vaporiza perfume sobre a cama. Tresanda a desodorizante velho. Ri-se sozinha, apesar de não ter coragem para sorrir. Está dilacerada entre passado e presente. Perder e encontrar. Tristeza e alegria. Temor e amor. Perder Étienne e encontrar Romain. Ali, daí a minutos.

Recorda o que disseram, Adrien e ela: «Quando a vida nos tira uma coisa, dá-nos outra.» Mas às vezes a vida engana-se. Faz batota ao dar as cartas. Às vezes a vida mente-nos, abusa da nossa credulidade.

Ouve o portão exterior fechar-se. Romain bate à porta, ela abre. Ao verem *Bob*, os gatos de Nina assanham-se, bufando.

— Vão ter de se habituar — comenta Romain.

— Porquê? Pensas vir cá muitas vezes?

— Evidentemente.

— Espera até veres como cozinho e mudarás de ideias.

Romain olha para o milho e os espargos.

— Não tenho muita fome — brinca ele.

— Mas há tronco de Natal! Com fruta exótica! — exclama ela.

— Que nojo — responde Romain.

Nina desata a rir-se. Tapa a boca com as mãos como se acabasse de dizer um disparate, uma enormidade. Mas acabou simplesmente de dar largas à sua alegria.

63

Muitos beijos de Nice. Lembranças de Chipre. Amizade de Portugal. Um abraço do fundo do coração. Termino, com um beijo. Espero que estejam todos de saúde. Do vosso Joseph. Bem, cumprimentos de toda a família. Ensolarado mas ventoso. A Georgette vem cá ter. Estão a prever aguaceiros. Banhos todos os dias. Com todo o nosso amor. Está bom tempo. Sentimos a vossa falta. Atentamente. Cordialmente. Amo-te. A nossa mais elevada estima.

Maio de 2000

A chegada de cartas com cinco anos às caixas de correio de La Comelle fez correr tinta no *Le Journal de Saône-et-Loire*. A cadeia televisiva France 3 Régions fez até uma peça sobre o assunto, no final do ano passado. Desde há seis meses, contaram-se nada menos de cento e sessenta e quatro sobrescritos com data de 11 de agosto de 1994. A véspera da morte por acidente de Pierre Beau, o carteiro à época.

Onde estivera o correio durante todo aquele tempo? Porque aparecera assim, inopinadamente, mesmo antes da viragem do século? Um mistério que intriga os habitantes. Não se sabe quem encontrará um desses sobrescritos na sua caixa de correio. Missivas banais e postais ilustrados que chegam intermitentemente, como que caídos do céu.

A sua distribuição corresponde às ausências de Emmanuel. E Nina fá-la sempre à noite, seria impossível fazê-la em pleno dia.

Tem os três últimos sobrescritos na mão. É como o fim de algo. Sente apreensão. Quando os tiver entregado aos destinatários, diz a si mesma que partirá. Para onde, não sabe, mas deixará La Comelle.

Ainda não leu aquelas cartas. Só lerá duas. Porque a terceira é dirigida a Étienne. Entregar-lha-á em mão. Lyon não fica longe. Irá e virá no mesmo dia.

Étienne veio passar as festas de final de ano a La Comelle. Natal em família e Ano Novo com os amigos, como ele avisou Nina. Impossível que não se juntassem os três na passagem para o ano 2000.

— Estará também a Louise. Os meus pais emprestam-nos a casa. Fazemos um serão de DVD, música e vodca.

Mas, no dia 23 de dezembro de 1999, Emmanuel diz a Nina:

— Querida, faz a mala, tenho uma surpresa! Leva roupa fresca e não te esqueças do fato de banho e do protetor solar.

— Mas… íamos passar o ano com os nossos amigos…

— Os nossos amigos vão estar onde vamos…

— Até o Étienne e o Adrien?

— Ah, não… Eles, não… Mas estarão lá os outros todos.

— Quais outros?

— Os de Lyon.

A ideia de se pôr de fato de banho diante das sereias loiras deixou-a de rastos. Um pormenor que lhe pareceu inultrapassável.

Recordou-se de que tinha feito Adrien prometer que passariam aquele Ano Novo juntos.

— Preferia ficar aqui… — acabou ela por dizer, de lágrimas nos olhos. — Os dois juntos no Natal e com os meus amigos na passagem de ano.

— Não sejas criança, partimos dentro de duas horas.

Nina não teve coragem de avisar Étienne e, pouco antes de apanhar o avião no aeroporto de Lyon-Saint-Exupéry, telefonou a Marie-Laure com a morte na alma:

— Diz-lhes que não vou estar aí no dia 31… O Emmanuel leva-me em viagem.

— Boas férias, desfrutem! — respondeu Marie-Laure distraidamente, sem prestar grande atenção à voz dilacerada de Nina, demasiado ocupada a resolver um problema no trabalho.

Os outros trabalham, pensou Nina ao desligar. *Eu não sirvo para nada*.

Emmanuel tinha tudo organizado havia meses. Enquanto Nina rejubilava à ideia de passar o ano em casa de Étienne, e ele a via a escolher antigas cassetes e DVD para levar e dançar, ele sabia já que estava reservada uma grande casa na ilha Maurício, sobre a praia. Todo o grupo do «um fim de semana por mês» estaria presente, desta feita com o bando dos filhos. Iam celebrar juntos o Natal e o Ano Novo. Matar dois coelhos com uma cajadada.

Durante os dez dias que se seguiram à partida, todo ele sorrisos, o belo marido de Nina foi a banhos, bronzeou-se, correu na praia, jogou à bola com os filhos dos outros com um olhar febril, fez amor com ela todas as

noites, ficando muito tempo dentro do seu ventre estéril, não parando de repetir: «Amo-te, amo-te tanto.»

Nina não viu quase nada do oceano Índico, começando a beber *cocktails* e tudo o que contivesse álcool logo ao pequeno-almoço. Terminou o século num estado de semiconsciência sem que ninguém desse por isso. Cada um estava ocupado com a sua própria felicidade.

No entanto, a luz era bela, os mauricianos, radiosos, a comida, excelente, mas nenhum quarto com vista substitui um amigo.

Ela tira ao acaso um livro da estante do quarto, para lhe pôr dentro os três sobrescritos restantes. Lê o título, *Branco de Espanha*. Tinha-se esquecido de ler aquele romance. Já o comprou há muito. Lança um olhar distraído à contracapa e arruma-o entre os outros, esquecidos, já lidos ou abandonados a meio da leitura.

O rádio-despertador marca as 17 horas. A hora da primeira bebida. Guarda as garrafas dentro das botas. Tem a arte da dissimulação. Não é coisa de que se orgulhe. Mas dissimular significa permitir-se espaços de liberdade. Naqueles momentos, os atos só pertencem a ela. Nina serve o álcool numa caneca de porcelana: levar uma caneca de chá aos lábios não levanta suspeitas.

A cozinheira está no piso inferior. Nina ouve-a afadigar-se junto dos fornos.

O papá está lá em baixo a fazer um assado, a mamã está lá em cima a fazer um grelhado, faz oó, Colas, meu maninho…

Ela pediu cem vezes a Nathalie que não chegasse demasiado cedo para fazer o jantar. Mas a outra está-se nas tintas para o que Nina lhe pede. Aparece às quatro horas, quando eles nunca jantam antes das oito. Antes, ela ficava para levantar a mesa. Agora, não. *Já vai tarde.*

«São problemas dos ricos, meu amor», repete-lhe Emmanuel. «Para de te queixares… Não fazes nada o dia todo, para de te queixares… Temos sorte, muita sorte, para de te queixares… Obriga-te um pouco, come carne, para de te queixares… Engordaste mais, não foi? Eu podia enganar-te, sabes, miúdas giras à minha volta é o que não falta, para de te queixares…»

*

Agosto de 2000

Com exceção de Fabien Désérable, ninguém sabe que Sasha Laurent, autor do sucesso de vendas *Branco de Espanha*, é Adrien Bobin. Ele passou aquela história ao papel para viver, para continuar a viver. Mas não fez nada por isso. Transporta e transportará sempre uma clandestinidade no seu foro íntimo. Uma clandestinidade que lhe permitiu tornar-se autónomo financeiramente aos vinte anos, risível ironia do destino.

A estreia da sua peça *Filhos Comuns* terá lugar dentro de quinze dias. Em Paris, os cartazes afixados um pouco por todo o lado anunciam o acontecimento no Teatro des Abbesses.

Adrien assiste aos últimos ensaios, sentado três filas atrás do encenador. Observa os atores a ensaiarem, vê-os a deslocarem-se, ouve-os, rejubilante. É como entrar num sonho. Aqueles que, em criança, o fascinavam na televisão. Ouvi-los recitar as suas palavras galvaniza-o. Palavras que lhe pertencem, que saem da sua cachimónia.

Para escrever a peça, Adrien inspirou-se num domingo, pouco depois de chegar a Paris, quando vivia ainda na casa de Thérèse Lepic, em Vincennes. Naquele dia tinha aceitado ir almoçar à rua de Rome, em casa do pai, porque afinal ele pagava-lhe a renda e subsidiava-lhe as necessidades. Sem Nina, Adrien via a residência estudantil como uma perspetiva inconcebível. Os outros estudantes não lhe interessavam. Aterrorizavam-no, mesmo. O apartamento de Thérèse era o seu único reconforto, uma ilhota limpa e aconchegante.

«O código é 6754C, sexto andar», indicara-lhe Sylvain Bobin ao telefone. Adrien encontra um belo edifício haussmanniano. No ascensor de gaiola, de ferro forjado, olhou-se ao espelho antigo. Como de costume, trazia preparadas perguntas e respostas na ponta da língua, para que não se instalassem na conversa os silêncios que tanto temia.

Era a primeira vez que Adrien penetrava no universo «paterno». Habitualmente, almoçavam os dois num restaurante.

Encontrou o nome dela na porta. O mesmo que o seu, o que sempre o espantava. Pai e filho não tinham senão o nome em comum.

A porta foi aberta por uma mulher. Cabelo loiro cortado a direito, engraçada, um falso ar de Isabelle Huppert, na casa dos cinquenta, arranjada. Adrien sentiu-se corar e odiou-se.

— Olá, sou a Marie-Hélène.

— Olá, sou o Adrien.

— Sim, eu sei — disse ela com uma risadinha.

Ele estendeu-lhe a mão, ela agarrou-lhe o ombro e beijou-o desajeitadamente. Ele cheirou o seu perfume, uma coisa da Laura Ashley que o agoniava sempre. No metro, fugia das mulheres que o usavam.

Seguiu Marie-Hélène. Ela trazia um camiseiro branco de seda e uma saia preta justa que lhe dava por baixo dos joelhos, com uma pequena racha atrás. Adrien pensou que ela tinha pernas bonitas, finas e musculadas. Pensou também na sua mãe, que nunca usara aquele tipo de saia. Só saias compridas fúchsia ou turquesa.

Adrien passou diante da porta da cozinha. Um odor de prato com molho que cozia lentamente.

— Um *coq au vin* — disse-lhe Marie-Hélène, como se o tivesse ouvido pensar.

No corredor que conduzia à sala, Adrien viu fotografias. Marie-Hélène mais jovem diante de um pinheiro de Natal ou um oceano. De páreo ou blusão de esqui. E Sylvain Bobin sempre ao seu lado. Outros retratos de desconhecidos, crianças de equipamento de futebol e velhos à mesa de um banquete, de copo de vinho na mão.

Adrien deu-se conta de que penetrava pela primeira vez na privacidade do seu pai desconhecido. Toda uma vida que tinha começado muito antes do seu nascimento e seguia o seu curso.

Mas porque é que a sua mãe tinha dormido com aquele homem casado? De repente, sentiu vontade de saber como é que aqueles dois seres que tudo parecia opor se tinham juntado na mesma cama. Foi ao conhecer Marie-Hélène que Adrien sentiu necessidade de saber. Vira muitas vezes o seu progenitor chegar ao apartamento deles em La Comelle, tomar um café em silêncio, Joséphine ao seu lado, ansiosa por que ele partisse. Mas nunca se interrogara sobre o mistério daquela união. Tê-lo-ia ela feito rir? Ter-se-iam amado? Como a teria seduzido ele? O que os teria atraído mutuamente? Ele, a caricatura de um contabilista que conta as ervilhas que acabam de lhe servir para calcular o preço ao centímetro quadrado do prato do dia, e ela, excêntrica, adepta do budismo e dos remédios naturais.

Em cima da mesa da sala, taças de champanhe e biscoitos em pratinhos. No sofá, Sylvain Bobin junto de dois jovens. Cerca de vinte e cinco e trinta

anos.

Levantam-se os três para lhe apertarem a mão. Adrien nunca tinha beijado o pai.

— Olá, sou o Laurent — diz o mais novo dos dois.

— Olá, Pascal.

— Olá… Adrien.

Sentam-se. Pascal e Laurent perguntam a Adrien onde vive, o que estuda, onde fica exatamente La Comelle.

Por vezes, está-se de tal modo desligado da realidade que se demora algum tempo a ver a evidência. Adrien sempre fora rotulado como o «tímido que vive no seu mundo». E, naquele dia, retirado para o seu mundo, precisou de duas taças de champanhe para perceber que Pascal e Laurent eram seus meios-irmãos. Meios-irmãos que tinham o mesmo apelido que ele, que tinham sido reconhecidos como ele, com a única diferença de eles terem sido criados com o pai.

Quando percebeu que aquela pequena multidão debatia como se nada fosse o silêncio dos países a propósito do genocídio ruandês e a interpretação de Tom Hanks em *Forrest Gump*, Adrien disse a si mesmo que as pessoas eram loucas e teve vontade de regurgitar os seus pequenos *crackers* de queijo.

Passaram à mesa. Marie-Hélène foi buscar as entradas, seguida por Pascal.

— Mamã, eu ajudo-te.

Adrien observou atentamente os irmãos, perguntando de si para si se eles sofreriam do mesmo mal que ele. Mas como saber? Aquele mal era invisível. E os dois matulões que tinha diante de si não se assemelhavam a ele em nada. Fora mesmo preciso o pai ir lançar a sua semente noutro sítio para fazer o jovem enfezado que ele era.

Saiu do apartamento paterno por volta das quatro da tarde, ligeiramente tocado. Prometendo a Marie-Hélène que voltaria.

Voltou, mas em pensamento. A recortar e dissecar cada minuto daquele domingo, um estranho na sua própria família, para fazer daquilo uma obra que «a classe» considera «magistral».

Reviu o pai intermitentemente, mas sempre em pequenos restaurantes apinhados, durante a semana e à hora do almoço. Sylvain Bobin nunca mais referiu a sua outra vida a Adrien. Porquê?

Não devia ter causado boa impressão. Demasiado reservado, demasiado pálido, insuficiente.

Como se aquele domingo nunca tivesse existido.

*

Agosto de 2000

Étienne pousa o telefone. Algo pegajoso nas mãos e no espírito. Aquela história anda colada a ele há demasiado tempo.

Foi o gendarme Sébastien Larand que o avisou. Um antigo colega do liceu. Ligara mais um homem para a esquadra de La Comelle a afiançar que Clotilde e Étienne estavam juntos na tarde do desaparecimento. «Sem dúvida a mesma pessoa que telefonou para o programa de Pradel em 97», acrescentara Larand.

Três anos de silêncio e eis senão quando aquilo o apanha.

O caso fora arquivado por falta de elementos. Mas os gendarmes não podem ignorar aquelas chamadas anónimas feitas de uma cabina telefónica situada na Baixa de La Comelle.

Até parece que alguém anda a ver se o entala. Mas quem? Os pais de Clotilde? Como saber? Falar? Contar o que viu? Aquele carro que se afundou no lago estará relacionado? Um acidente? A ideia fá-lo arrepiar-se.

E se começasse por interrogar a testemunha da estação, aquela mulher que julga ter visto Clotilde no cais, naquela noite?

Liga a Sébastien Larand e diz-lhe:

— Preciso de te pedir um favor.

64

25 de dezembro de 2017

Étienne está sentado na minha cama. Pensa no seu desaparecimento. Depois de Clotilde, chegou a sua vez.

Marie-Castille é comissária. A sua mulher vai encontrá-lo em cinco minutos, se ele não organizar tudo com minúcia.

Ela não pode saber em que carro ele vai fugir, nem localizar os seus levantamentos de dinheiro. Já levantou bastante no banco, na semana passada, de forma a pagar portagens e hotéis em dinheiro vivo.

Não sabe ainda para onde irão. Nem em que carro.

Primeira solução, alugar um. Mas não em seu nome, nem no de Louise ou Nina. Tinham de ir buscá-lo a Autun não usando as suas identificações, mas a de outrem. De um vizinho ou um primo afastado, que não dirá nada. Alguém que Marie-Castille nunca relacionasse com ele. Segunda solução, pedi-lo emprestado a um desconhecido. «Bom dia, poderia emprestar-me o seu carro? É para ir morrer descansado… Devolvem-lho após o meu funeral. Desculpe o inconveniente, será devidamente compensado.»

Morrer. Agora, encara essa perspetiva como uma viagem. Como se fosse apanhar o avião para desbravar paisagens até então virgens. Panoramas que não figuram em nenhuma revista.

Obriga-se a pensar de novo na organização. Não divagar nem entristecer.

Será preciso desligar todos os telemóveis. Fazê-los estar calados de dia e de noite. Fazer os telefonemas importantes com cartões pré-pagos. Pensa nas chamadas de urgência para Louise. No caso de ser preciso ela mandar uma receita para uma farmácia. Se bem que, com todas as drogas que ela lhe prescreveu, haja já com que administrar uma dose letal.

Conhecendo Marie-Castille, sabe que ela porá todos sob escuta em vinte e quatro horas. Do abrigo de Nina à casa dos seus pais. Ela vai ficar louca. E quando Marie-Castille fica louca, é o mundo inteiro que paga. Não recua perante nada. Se ela soubesse, mandá-lo-ia algemar de imediato, para o conduzir à força ao hospital. Isto se não aplicasse ela mesma o cateter para lhe injetar a químio.

Ouve a sua voz no piso térreo, a arregimentar todos para o almoço de Natal: «Para a mesa!»

Antes de descer, Étienne envia uma mensagem a Nina. Depois de a ter transmitido, apaga-a do telefone. Entre a mulher e o filho, há que ter cuidado.

Esta noite, falará com Valentin.

*

Notificação. Nina lê a mensagem de Étienne várias vezes.

> Precisamos de um carro desconhecido para viajar. Senão, a minha mulher vai pôr todas as polícias francesas no nosso encalço.
> Se precisares de comunicar comigo, usa o número da Louise.
> Até +
> E.

Nina reage rapidamente. É assim desde a infância. Talvez um pouco mais desde a morte do avô. Os inícios com Emmanuel, o quotidiano com Emmanuel, conhece bem o desenrascanço. No abrigo, a mesma coisa. Está acostumada a encontrar soluções para situações inextricáveis. Para Nina, o impossível não existe. Responde logo para o telemóvel de Louise:

> Diz ao teu irmão que não há problema. Obrigada.
> Nina

— Vou viajar — diz ela a Romain, observando o seu bonito perfil.

Estão deitados na cama de Nina, *Bob* aos pés de ambos. Veem um filme de Natal completamente estúpido enquanto mordiscam batatas fritas.

— Para onde?

— Ainda não sei. Vou acompanhar um amigo. Meu amigo de infância.

— Quanto tempo?

— Não sei. Está em fase terminal. Não quer fazer químio.

Romain fica abalado.

— Quando é que partem?

— Amanhã. E preciso de um carro… A mulher dele é polícia. Vai procurá-lo por todo o lado.

— E porque é que o teu amigo não vai com a mulher?

— Porque ela quer obrigá-lo a tratar-se.

Romain desliga o televisor. Limpa uma migalha da face de Nina.

— Queres levar o meu carro, é isso?

— Sim. É isso — responde ela com um misto de segurança e desolação.

— É um dos dois rapazes que desenhaste no liceu?

— Sim.

— Não te esqueces de levar o teu caderno e os teus carvões?

Porque é que só te encontrei agora?, pensa Nina. *Porque é que a minha vida sofreu um atraso tão grande?*

— Obrigada.

*

Louise lê a mensagem de Nina. Observa Étienne a fingir devorar as tostas com patê. Ela não é parva. Sabe que dentro de cinco minutos ele vai vomitar tudo à casa de banho. Nina não conseguiu convencê-lo a tratar-se. Mas saber que o irmão não vai sozinho tranquiliza-a. Não pode chorar. Não pode mirá-lo. Marie-Castille não pode suspeitar do que quer que seja. Tem de beber champanhe, mas com moderação. Só para que a cabeça lhe ande um pouco à roda, mas não demasiado. Quando anda demasiado à roda, faz transbordar o desgosto.

Falar com os sobrinhos, Valentin, Louis e Lola. Fazer-lhes perguntas cujas respostas não lhe interessam nada. «O que é isso da *Guerra dos Tronos*? Conta-me a história.» E encontrar o bom momento para dizer ao ouvido de Étienne o que Nina acaba de lhe enviar por mensagem.

*

«Louise», surge no meu telemóvel. Atendo imediatamente. Não é ela.

— O que estás a fazer? — interroga-me Étienne.

— Estou a fazer o saco de viagem… E espero alguém.

— Quem? — pergunta-me ele, como se estivesse ciumento.

— A jovem que vai tomar conta do *Nicola*.

— Quem é o *Nicola*?

— O meu gato. Viste-o esta manhã.

— Ah, sim…

Segue-se um longo silêncio. Ouço a minha respiração.

— Não estás a passar o Natal com ninguém? — acaba ele por perguntar.

— Não sou fã de refeições festivas. Ouço música. Estou bem.

Tento adivinhar o que ele faz. Não tem ninguém à sua volta. De repente, entro em pânico, digo a mim mesma que ele partiu sozinho e está a ligar-me por isso. Para mo anunciar.

— Onde estás?

— Em casa dos meus pais. Fechado na casa de banho.

Sinto um alívio imediato. Não partiu sem nós.

Étienne acrescenta:

— O único sítio onde me deixam em paz.

De novo silêncio. Como se ele quisesse dizer-me alguma coisa e não soubesse como começar.

— Porque é que estás a ligar-me, Étienne?

— Escrevi uma carta para a minha mulher… Não sou muito bom nas concordâncias, nas fórmulas, nos voos líricos… tudo isso… Posso enviar-ta por *mail*?

— …

— Como tu és barra em francês… Podes dar-lhe um jeito?

— Eu não conheço a tua mulher.

— Não precisas de a conhecer para saberes o que tenho a dizer-lhe. Porque a mim conheces-me.

— Conheci-te, há muito tempo.

— Podes ajudar-me, por favor?

— Estás bem.

Recebo a carta enviada do *mail* de Louise. Reenvio-lha uns minutos depois.

> Étienne,
> Corrigi os erros ortográficos. No resto, não toquei. Porque as palavras pertencem a quem as escreve.
> Sobretudo estas.
>
> Marie-Castille,
> Fui embora. Tens o direito de ficares zangada comigo.
> Talvez me julgues egoísta, nojento, ignóbil. E estás no teu direito.
> Mas é uma escolha minha.
> Não há outra mulher. Não conheci ninguém.
> Estou doente.
> A Louise vai explicar-te. Não te zangues com ela. Proibi-a de te contar.

Não aceito que o Valentin e tu me vejam sofrer como um animal de laboratório. Degradar-me. Não quero que a vossa última imagem de mim seja a de um velho doente. Sabes que odeio hospitais e que sou vaidoso como um pavão. É o que estás sempre a dizer-me: «Meu amor, és vaidoso como um pavão.» Sou, portanto, demasiado vaidoso e sem dúvida demasiado cobarde para morrer à vossa frente.

Não me procures, suplico-te. No início, estarei com os meus dois amigos de infância, que vão acompanhar-me na última viagem.

Não ver crescer o nosso filho e não envelhecer ao teu lado é uma dor imensa, mas aceito-a.

Sabes que não acredito em Deus e que para mim é impensável ser encerrado numa caixa que um sacerdote abençoará antes de ser levada por uns tipos que não conheço de lado nenhum. Ou, pior, pelos nossos colegas. Prefiro lançar-me à água, antecipar-me. E é o que vou fazer, lançar-me à água quando sentir que chegou o momento.

Não vou chorar a minha sorte. Suplico-te que nunca te vistas de preto em minha memória. Veste a tua camisola, aquela de que gosto tanto, com os losangos vermelhos. Compra muitas dessas. Estoira o nosso dinheiro. Não sejas minha viúva. Conhece outros tipos e diverte-te. Sim, diverte-te, gasta a rodos e aproveita o sol. Fá-lo por mim.

Étienne

65

Setembro de 2000

Manhã de segunda-feira. Nina tem duas semanas diante de si. Emmanuel acaba de sair com uma grande mala.

Era ocasião para festejar. Aleluia.

A cozinheira está de férias. Foi numa excursão à ilha da Madeira.

O sonho e a realidade sincronizam-se. Aleluia.

Dez horas de diferença horária entre França e Austrália, vinte horas de avião vão separá-la de Emmanuel. Ele vai descolar ao final da noite de Paris. Dois dias sem poder telefonar à mulher.

Emmanuel não se tinha ausentado desde novembro passado, não lhe deixando nenhum espaço de liberdade. Impossível ele chegar a casa e ela não estar. Se isso acontecesse, seguir-se-ia o interrogatório habitual: «Estavas onde, com quem, porquê? Estava raladíssimo. De que serve oferecer-te um telemóvel, se o tens desligado o tempo todo? Amo-te.»

Anunciou-lhe a viagem a Sydney dois dias antes da partida.

— Meu amor, tenho uma má notícia para te dar: vou ter de me ausentar quinze dias. Lamento muito. Tentei anular até ao último momento, mas não consegui libertar-me. Pode significar um contrato enorme. O que me aborrece é que calha nas férias da Nathalie… Não gosto de te deixar sozinha.

De início, Nina julgou tratar-se de uma piada. Pensou mesmo que ele iria concluir a sua longa tirada com um: «Aha! Caíste! Claro que não me vou ausentar! Vamos ficar juntos, só os dois… a minha mulherzinha e eu. E, desta vez, vai resultar, vamos ter o nosso filho.»

Mas quando Nina viu o bilhete de avião dentro do passaporte pousado na cama, ao lado da camisa que ele tinha acabado de tirar, percebeu que era verdade. Que ele ia mesmo partir.

Não denunciar a minha alegria.

Ela franziu os olhos e respondeu-lhe no tom mais inocente do mundo:

— Não te preocupes, meu amor, quinze dias passam depressa.

— Ainda assim, teria gostado que me pedisses para não ir.

Ele sorri-lhe, meio divertido, meio acusador.

Aquele ar de vítima incompreendida que arvorava sempre. E as queixas em tom de brincadeira, para se fazer passar por um tipo fixe.

Sentia vontade de lhe bater. Cada vez com mais frequência. O amor que tinha sentido por ele transmutara-se em asco. Não uma inimizade constante, mas intermitente. Baforadas de ódio que subiam e podiam desaparecer logo ou instalar-se durante muito tempo. Como um veneno nas veias. Ela, que era toda empatia e benevolência, transformava-se em feiticeira. Tornava-se sua própria inimiga. Acontecia por vezes imaginar a morte do marido. Empurrá-lo nas escadas. Queimá-lo vivo. Deixá-lo inconsciente, pô-lo atrás do volante do seu carro desportivo e lançá-lo do alto de uma ravina. Cenas hitchcockianas que a deixavam transida. Sobretudo de manhã, ao despertar, quando ele se metia nela antes de ir para o trabalho. Depressa e bem, para poder lançar a sua sementezinha. *Que morra*, pensava ela, fechando os olhos enquanto ele a comia.

Mas agora era preciso que ele não mudasse de ideias. Aquela viagem à Austrália era inesperada.

A oportunidade da minha vida.

Ela apertou-o nos braços, fechou os olhos, pensou no avô, em Étienne e Adrien e desatou a soluçar, murmurando ao ouvido do marido:

— Ver-te partir aniquila-me, mas não te preocupes comigo, sei como te esforças por nós… pela sociedade… Amo-te… Tenho muito orgulho em ti.

Depois deitou-se na cama deles, chamando a si toda a sua doçura e docilidade. Pensava muitas vezes que não havia nenhuma diferença entre ela e uma puta. Tirando o cliente ser todos os dias o mesmo e ela dormir em lençóis bordados com o brasão da família. Tornamo-nos aquilo que fazem de nós e que aceitamos.

Nina retira *Branco de Espanha* da estante. Extrai os três últimos sobrescritos de 11 de agosto de 1994, entre eles aquele destinado a Étienne. Porquê levar-lho a Lyon? Ele não lhe fala desde o Ano Novo abortado. Zangou-se por ela ter preferido ir à ilha Maurício entrar no ano 2000.

Ao chegar de viagem, ela telefonou-lhe, ele não atendeu. Deixou uma mensagem: «Sou eu, a Nina… Bom ano e bom século… Sinto a tua falta. Passei em tua casa, mas a tua mãe disse-me que acabavas de ir embora… Vemo-nos em breve… Gosto muito de ti… Bom ano de novo… Prende os ladrões malévolos e os assassinos cruéis.»

Étienne respondeu três dias mais tarde por SMS, palavras frias e distantes:

Bom ano à família. Beijos.

À família? Qual família? A dos Damammes? Na palavra «beijos», ela via mais os acessos de cólera de Étienne do que o menor beijo.

Como quando fazia birra, em criança.

Abre o primeiro sobrescrito, destinado a uma tal Julie Moreira, e encontra um postal com um desenho do Marsupilami.

«Minha Juju,

Deixei o François. Dois anos com um psicopata! Perdi os cem quilos que me pesavam no estômago. Respiro, enfim! Tenho a impressão de que quando vim embora me ligaram a uma máquina de oxigénio. Tinha-se tornado tão ciumento que nem suportava que a sombra de um homem me cobrisse. Só tempo perdido. Arrependo-me tanto, se soubesses. Mesmo não servindo de nada. Como sandes todos os dias e já não me resta um copeque, mas estou-me nas tintas.

Estou ansiosa por te ver, na próxima semana vamos saltar dos cinco metros na piscina, como quando éramos miúdas, e chupar caramelos. Mais vale do que pilas de cabrões.

Um grande beijo, amiga,

Lolo»

Nina lê e relê o postal. As palavras «psicopata» e «respiro» misturam-se no seu espírito. É como se aquela Lolo lhe desse as instruções da partida. Parece tão simples. E tem um ar tão exaltante, partir, deixar.

Abre o segundo sobrescrito, destinado à ADPA. Nina demora a perceber que se trata do nome do abrigo para animais de La Comelle. Nunca lá pôs os pés. Sempre fugiu daquele sítio, com receio de ficar traumatizada. Recorda-se do pequeno *épagneul* que eles tinham encontrado quando ainda eram três, de andarem de porta em porta para identificarem o seu eventual dono, do raspanete do avô quando os viu entrar em casa com o cão nos braços. Nem pensar em ficar com ele. Os dois rapazes encarregaram-se de o levar ao abrigo, enquanto Nina se desfazia em lágrimas.

«Senhora, Senhor,

Venho informar que um cão tipo *labrador*/*golden retriever* passa os dias e as noites fechado numa varanda que dá para um pátio interior privado. Vive no meio dos seus excrementos e duvido que seja alimentado com regularidade. A sua dona ausenta-se muitas vezes.

Para verificação, o endereço é o seguinte: Cristelle Barratier, Estrada dos Cent-Pas, 10, La Comelle.»

A carta não está assinada. Não há nome de remetente no verso do sobrescrito. Será uma vingança por parte de alguém ressentido por causa de um qualquer problema de vizinhança, ou uma denúncia real de maus-tratos? Aquela carta tem seis anos. O que se terá passado depois daquilo? O animal terá sido retirado? Seja como for, estará certamente já morto.

Volta a fechar os sobrescritos sem deixar nenhum vestígio de terem sido abertos.

Torna a pôr a carta para Étienne dentro de *Branco de Espanha* e devolve o romance ao seu lugar no meio dos outros.

Marca o número 12 no telefone fixo. Uma telefonista das informações atende de imediato.

— Bom dia, gostaria de saber o número de telefone do Teatro des Abbesses, A-B-B-E-S-S-E-S, Paris, 18.º bairro.

Anota o número, liga para o teatro e reserva um bilhete para a noite do dia seguinte. Como se trata da estreia, os melhores lugares já foram vendidos, restam apenas uns quantos no fundo da sala. Não é grave. O que conta é estar lá. Vai ver *Filhos Comuns*, a peça escrita por Adrien. Far-lhe-á a surpresa de aparecer sem avisar.

Daí a pouco irá comprar o bilhete de comboio à agência de viagens. E esperará que caia a noite para procurar as caixas de correio de Julie Moreira e da ADPA.

Toma um duche enquanto ouve o álbum de Étienne Daho *Corps et armes*. Foi Emmanuel que lho ofereceu, dizendo: «Em memória do concerto que nunca teve lugar, na noite em que te beijei pela primeira vez.»

Nina sabe de cor a letra de *La Baie*. Aquela canção é como uma viagem imóvel. Ela segue a estrada junto ao mar, descrita pelo cantor, o caminho de quem parte.

Seca o cabelo e começa a fazer a mala.

Desta vez, vai partir.

*

Segunda-feira. São nove horas do mesmo dia quando Étienne entra em La Comelle. Tem um encontro marcado com Sébastien Larand, o seu antigo

colega de liceu que se tornara gendarme.

Étienne tinha partido de Lyon às seis. Não irá ver os pais. Não avisou ninguém. Como no dia em que foi à campa de Joséphine. Pensa em Nina. Estará sem dúvida em sua casa, a vegetar no seu quotidiano de mulher-casada-que-não-trabalha. Podia ir lá tomar um café, fazer-lhe a surpresa, mas não sente a menor vontade.

Não sentir vontade de ver Nina naquela altura dá-lhe náuseas. Nunca pensou que isso fosse possível. Ainda não digeriu o que ela lhe fez no Ano Novo. Ir embora à última hora. Bem sabe que a culpa não é dela, que vem tudo do marido, mas ela poderia ter recusado. Étienne detesta-a por se submeter sem reagir ao que aquele tipo lhe impõe.

Nessa manhã, Étienne vai por fim encontrar-se com a testemunha que afirma ter visto Clotilde no cais da estação, na noite do seu desaparecimento. Chama-se Massima Santos. Sébastien Larand marcou o encontro num café. Menos formal do que na gendarmaria. Também menos impressionante.

Étienne tem necessidade de saber o que viu aquela mulher. E como é que ela conhecia Clotilde.

Seis anos depois, do que se recordará? Sébastien Larand enviou-lhe o depoimento de Massima por *mail*. Um depoimento prestado cinco dias após a suposta partida de Clotilde.

No dia 17 de agosto de 1994, Massima fechou às sete horas a retrosaria onde trabalhava. Foi para casa, fez a mala e entregou as chaves aos vizinhos, para que regassem as flores e dessem comida ao gato na sua ausência. Depois foi a pé até à estação, a fim de apanhar o último comboio para Mâcon, o das 22h17. Clotilde Marais estava sentada num banco, no cais número 2, com um saco de viagem na mão. Cumprimentou-a e entrou no comboio regional. Viu Clotilde entrar também? Impossível dizer. Quando Massima regressou a La Comelle, cinco dias depois, a patroa disse-lhe que Clotilde Marais tinha sido dada como desaparecida. Foi então que telefonou aos gendarmes.

Étienne entra no café. Alguns homens jogam póquer à volta de uma mesa, perto da janela. Mal levantam a cabeça à sua entrada. Sébastien já está lá. O quépi debaixo do braço, toma um café ao balcão e conversa com o patrão. Étienne conhece o tipo de vista. Em La Comelle, toda a gente se conhece de vista. É a primeira vez que entra naquele boteco. É um sítio de velhos, um

pouco escuro, que ficou parado nos anos 50. Aqui, nem videojogos nem música *rock*.

Étienne e Sébastien vão sentar-se ao fundo da sala. Pedem um café e um copo de água cada um. Estão adiantados um quarto de hora. Conversam sobre os respetivos percursos. Sébastien mostra-se impressionado com o de Étienne. Tenente da polícia… é qualquer coisa. É sobejamente sabido que o concurso e os estudos são muito difíceis.

Depois falam do caso. Antes de desaparecer, Clotilde trabalhava como empregada de mesa. Um emprego de verão.

— Na altura — conta Sébastien —, ainda era estudante, mas os colegas que conduziram a investigação contaram-me que a rapariga tinha mudanças bruscas de humor. Isso não disseram eles na televisão, no Pradel. Foi o dono da pizaria onde ela trabalhava que nos contou. Nos últimos dias, parecia que ela estava sempre a olhar para a rua, como se esperasse alguém.

Étienne regista mentalmente a informação. Não deixa transparecer nenhuma emoção. Aprendeu a controlar-se para as orais do concurso. Afivelar uma máscara, uma expressão de escuta e reflexão.

— A Clotilde não apareceu no nosso encontro dessa noite… por isso pus-me a andar… Quem é que pode telefonar-lhe regularmente para afirmar o contrário?

Sébastien faz uma careta.

— Delações é coisa que não falta por aqui… Um dia, para ficares sossegado, vai ser preciso que o amigo em casa de quem dormiste nessa noite também deponha. Nunca se sabe.

— Nunca se sabe o quê? — interrompe-o Étienne.

— Se insistirem, podes ser chateado. A única pessoa que se manifestou depois do programa da TF1 foi o tipo que telefona regularmente para dizer o teu nome… Quem é que poderá ter alguma coisa contra ti?

— Mas quando ele vos telefona, não me acusa diretamente.

— Não, mas é como se o fizesse… Diz que vocês estiveram juntos, ela e tu, no lago, nessa tarde, e desliga…

Quando Massima Santos abre a porta, erguem ambos a cabeça.

Ela parece intimidada. Talvez não tenha sido boa ideia, este sítio. Não era do género de frequentar aquele tipo de estabelecimento. Os jogadores que mal olharam para Étienne à sua entrada pousam as cartas no feltro verde,

como se tivessem sido apanhados em falta. Cumprimentam-na todos com um ar embaraçado. Massima brinda-os com um aceno de cabeça e pede um café com leite, como que se desculpando de estar ali.

Também ela conhece Étienne de vista. Ele recorda-se das suas roupas escuras, a pele fina e clara, os olhinhos pretos fundos e o crucifixo de ouro ao pescoço. Uma mulher magra, que coxeia ligeiramente. Devia ter acompanhado a mãe algumas vezes à retrosaria ou ter-se cruzado com ela, como todos os outros habitantes dali, nos quatro passeios do centro daquela pequena cidade.

Sébastien e Étienne erguem-se em simultâneo para lhe oferecer uma cadeira, na qual ela se senta, pouco à vontade. Pousa as mãos magras e brancas na mesa de fórmica. Étienne pensa de imediato em patas de galinha.

Sébastien pergunta-lhe pela sua saúde e apresenta-lhe Étienne, «grande tenente de polícia em Lyon». Massima parece ao mesmo tempo amedrontada e impressionada. Étienne tranquiliza-a de imediato, imprimindo o máximo de doçura ao seu tom de voz. Como faz sempre que quer acalmar ou fazer falar uma testemunha. Arma-se de um sorriso aberto, apesar de a acidez no estômago lhe provocar dores de morte. Demasiados cafés tomados nas áreas de serviço da autoestrada entre Lyon e La Comelle, demasiadas noites em claro, demasiados pesadelos em que vê Clotilde afundar-se na água salobra.

— Eu conhecia a Clotilde Marais… — começa Étienne. — Namorámos uns tempos… e na noite em que a viu na estação eu esperava-a… Tínhamos encontro marcado. Pode dizer-me o que viu, exatamente?

— Bem, como já disse, ela estava na estação. Sentada num banco.

— Sozinha?

— Sim.

— Tem a certeza? — insiste Étienne num tom que deseja reconfortante.

— Sim.

— O que fazia ela? Estava a ler? Ouvia música? Tinha os auscultadores do *walkman* postos?

Massima franze os olhos enquanto vasculha a memória.

— Não. Olhava a direito, em frente.

— Tinha um ar contrariado? Feliz? Cansado?

— Tinha o ar de esperar o seu comboio.

Étienne ficou em silêncio. Refletiu. Voltou a fazer a si mesmo as perguntas que o obcecavam e regressavam sem cessar havia anos: a que horas Clotilde se encontrara com ele no lago? Tivera tempo de ir até à estação? Como? Quem estava no carro que ele vira afundar-se na água? Tê-la-ia realmente visto? Tinha bebido bastante naquela noite.

Massima mexe o café com leite fixando o interior da chávena.

Étienne sabe que muitos depoimentos não valem nada. As pessoas esquecem-se, enganam-se, confundem-se. Estão repletas de certezas e não são fisionomistas, só pensam em si próprias e ligam muito pouco às demais. É fácil dar-lhes a volta à cabeça em três tempos. Os retratos-robô são prova irrefutável disso. Quantas vezes procurou ele o indivíduo errado por lhe terem dado uma pista falsa?

«Era loiro.

» Tem a certeza?

» Sim, absoluta.

» Mas alguém viu um homem moreno que parece corresponder… Veja esta fotografia.

» Ah, sim, podia ser, era de noite…»

Quantas vezes ouviu ele aquilo? *Era de noite!* Étienne reprime imediatamente duas perguntas que os gendarmes certamente nunca fizeram a Massima Santos, por pensarem numa banal fuga de adolescente: «Era de noite quando diz ter reconhecido Clotilde na estação e a senhora estava a usar óculos?»

O sol deve começar a pôr-se por volta das nove horas no mês de agosto. Portanto, depois das dez horas estava escuro…, pensa Étienne. *A velha não deve ter visto Clotilde com clareza… Há candeeiros, num cais de estação… E eu, quando acordei, vi o carro afundar-se na água, mas já havia pouca luz. Devia passar das nove e meia.*

Étienne observa novamente Massima. Deve ter bem mais de sessenta anos. Teria, portanto, mais de cinquenta e cinco em agosto de 1994. Quem nessa idade tem ainda a vista boa?

Embora, neste caso, o depoimento de Massima o isente de toda a responsabilidade, Étienne quer saber se a velha beata se está a enganar ou diz a verdade. Ocorre-lhe então outra coisa. Quem, em 1994 e em La Comelle, poderia *assemelhar-se* a Clotilde? A mesma fisionomia, o mesmo

porte, alta e de cabelo loiro? Várias raparigas, sem dúvida. Clotilde tinha algo que a distinguisse? Só de pensar nisso, Étienne sente uma dor violenta no estômago, como um golpe dado com uma barra de ferro, na barriga. As suas recordações dirigem-se para o rosto de Clotilde, procuram um sinal, uma tatuagem, uma marca de nascença. Nada. A pele sem manchas. Evita pensar na barriga dela.

Sébastien arranca-o às suas reflexões.

— Como é que conhecia Clotilde Marais? — pergunta ele a Massima.

— Vinha à loja com a mãe, quando era pequena. E às vezes sozinha. Fazia costura.

Étienne intervém sem querer — não se consegue controlar tudo.

— Deve estar a confundir… Não era o género de rapariga de coser.

A mulher mira-o com desprezo.

— Era. Fazia mesmo as suas próprias blusas. Modelos bonitos… A minha patroa dizia-lhe sempre que podia estabelecer-se por conta própria. Que faria sucesso e conseguiria até poupar para algum revés da vida…. Sim, ela dizia isso, «algum revés da vida».

E que revés…, pensa Étienne.

Na maioria das vezes, encontravam-se em casa dele. Muito raramente, em casa dela. Não se recorda de ter visto uma máquina de costura no quarto dela nem noutra divisão. E nunca lhe falara de trapos e costura. Era feminina, mas mais do género desportivo. Étienne tenta recordar-se do exame dela do secundário, das suas opções — a ideia era ir para Dijon fazer uma licenciatura em Desporto, não para ser estilista ou esse género de coisa.

— Vamos verificar em casa dos pais se há lá uma máquina de costura — diz Sébastien enquanto ergue a mão para fazer sinal ao empregado. — Deseja tomar mais alguma coisa?

— Não, obrigada.

Mas o que estás tu a fazer?, pergunta Étienne de si para si. *Estás a tramar-te. Se o depoimento desta mulher for por água abaixo, todos os olhares se virarão para ti. Sobretudo os dos pais da Clotilde. Aos outros, dá jeito pensar que ela partiu e foi viver a sua vida noutro sítio. Mas não aos seus pais. Além disso, quem é que anda a ligar para a gendarmaria a dizer que eu estive com ela no lago, naquela tarde? Talvez esteja na altura de pedir uma ajuda ao Adrien.*

*

Adrien abre os olhos.

Como é que se vai vestir para o programa *Vol de nuit*?

É a primeira pergunta que faz a si mesmo.

Na noite anterior foi o ensaio geral de *Filhos Comuns*. Adrien ainda está inebriado de sucesso.

A fina flor de Paris de pé, a ovacioná-lo. Atores, dramaturgos e jornalistas, daqueles que se veem na televisão ou escrevem na imprensa semanal ou mensal de vanguarda.

Adrien não se cansa de ler as críticas elogiosas que chovem sobre si desde a peça *As Mães*. Espera que o padre Py as leia também. Mas não, que ideia estranha. O padre Py pertence a outra vida.

«Adrien Bobin, o principezinho», «Adrien Bobin maravilha-nos», «Uma linguagem majestosa e fluida que vai direito ao nosso coração», «Há Shakespeare no jovem Bobin», «O acontecimento Adrien Bobin», «Adrien Bobin desempoeira o teatro contemporâneo»… Ele lê e relê sem cessar aqueles títulos, levitando. Coleciona os suplementos culturais em que aparece. Rega o seu jardim secreto.

— Há alguém com quem partilhe a sua vida?

— Há, mas não vos direi nada.

Na rua, começam a reconhecê-lo. Sobretudo estudantes e aspirantes a atores.

Thierry Ardisson estava na antestreia para preparar *Tout le monde en parle*, o programa mais visto de todos os canais, em que vão participar os três atores principais.

Patrick Poivre d'Arvor, que adorou a peça, também tenciona fazer um *Vol de nuit* sobre os dramaturgos. Deseja convidar Adrien, juntamente com outros autores de textos dramáticos, para o seu programa, prometendo uma conversa em torno dos seus diferentes registos: «Como se chega à escrita?», «Porquê o texto dramático?», «Qual é a parte de ficção e de vivido?», «Pensa num ator ou numa atriz para se inspirar?», «Como surgem as cenas no seu imaginário?», «O que sente quando ouve as suas palavras na boca dos atores?».

Quando lhe dizem: «Os seus pais devem estar orgulhosos», assume uma expressão desolada e responde, com um lenço sobre a boca: «Já não tenho

mãe.» Sem acrescentar mais nada. Não insistem. Não ousam perguntar pelo pai. Sobretudo os que viram *Filhos Comuns* em antestreia.

Há meses que Adrien não procura saber de Sylvain Bobin. Para quê? Comer num restaurantezinho a tresandar a fritos e molho de vinho da Madeira enquanto vê as moscas voltear no ar? Debitar banalidades para encher? Suportar o olhar melancólico e vazio que o progenitor lhe lança?

No dia seguinte, à noite, é a estreia de *Filhos Comuns*. Vai ter de se confrontar com o verdadeiro público.

Adrien não convidou ninguém.

Nem o pai, nem a madrasta e, menos ainda, os meios-irmãos.

Serviu-se deles, daquela matéria dramática, para tecer a sua intriga. Ponto final.

A assessora de imprensa perguntou-lhe se desejava convidar pessoas chegadas. Adrien disse que as tinha perdido. Poderia ter convidado Louise, mas isso implicaria convidar também Étienne. Étienne no teatro, que incongruência. Quanto a Nina, não se desloca sem o seu *playboy*, que jamais viria assistir a uma das suas peças. Adrien nem tentou sondá-la.

Evita pensar em Nina, para não se sentir mal. A sensação de a ter abandonado, apesar da promessa feita: «Para ti, teremos sempre um carro novo com o depósito atestado.» E aquela lengalenga a vir sempre à tona: «Não há amor, mas provas de amor.»

Não consegue deixar de pensar que talvez devesse ter-se mexido. Mas acabou por dizer a si próprio que cada um tem a sua vida e é impossível salvar o mundo inteiro. Também cabe às pessoas salvarem-se a si mesmas.

Certo, mas Nina não é «as pessoas». Contudo, quantas vezes ele lhe sugeriu que viesse viver consigo, na casa de Thérèse Lepic?

— E sobre a senhora que te alojou quando chegaste a Paris, tens novidades? — perguntou-lhe Désérable uma noite, quando jantavam juntos no L'Arpège para comemorar os sucessos e enterrar definitivamente a esperança de um novo romance.

— Está gagá — respondeu-lhe Adrien secamente.

Todavia, animado pelo vinho delicioso que saboreavam desde o início da refeição, o editor tornou-se mais ousado. Nunca se tinha arriscado a mencionar a vida privada de Adrien. Guardava uma certa discrição quanto ao mistério Sasha Laurent, o pseudónimo de Adrien.

— E as pessoas de quem falas no *Branco de Espanha*… leram-no?

— *Branco de Espanha* é ficção.

Désérable mirou-o. E pela primeira vez ousou um «não creio». Adrien enrubesceu e levou o *montrachet* de 1984 aos lábios.

— Pensa o que quiseres.

Adrien ainda está deitado na cama. Devem ser cerca das nove da manhã, a julgar pela luz exterior que se filtra pelos estores e pelo ruído da rua.

Hoje, está livre. Vai certamente ao cinema. Gosta das sessões de fim de tarde. Ainda não viu *Harry, un ami qui vous veut du bien*.

Há já alguns meses que não consegue escrever como antes. Atualmente, vê-se e ouve-se à procura de expressões sonantes. Ao querer impressionar, tem consciência de perder toda a sinceridade.

Escrever *Branco de Espanha* foi uma necessidade. Agora, escrever significa brilhar aos olhos dos outros, e já não salvar a sua vida. E onde havia um prazer imenso, não sobra senão um frete.

Deve ser do cansaço. Não parou desde que vive em Paris. Há já seis anos.

Como o tempo passa. Pensa em Louise e Étienne. Gosta de estar com eles em La Comelle, não em Paris. A ideia de se encontrarem na gare de Lyon desagrada-lhe. Já lá foi buscar Louise. Sempre que a vê aparecer na extremidade do cais, sente-se pouco à vontade. Tem a sensação terrível de não saber o que fazer com ela. Passeia-a como a uma turista, de restaurantes em museus. Tem a impressão de ser um monstro de sangue frio e, quando ela parte, sente-se aliviado.

66

25 de dezembro de 2017

Nina abre os olhos. Romain dorme profundamente, a cabeça metida debaixo da almofada. Adormeceram no calor um do outro. Os restos do almoço de Natal em cima das mesas de cabeceira e do pequeno aparador antigo.

Devem ser cerca das cinco da tarde. Os gatos dormitam nos cadeirões, sempre de olho em *Bob*, como um bem-aventurado sobre o edredão.

Nina levanta-se sem fazer barulho.

Põe os pensamentos em ordem: ligar a Simone e ir até ao abrigo organizar a partida. Mas, antes, pega no bloco de desenho que Romain lhe ofereceu na véspera, escolhe um carvão e começa a desenhar-lhe o perfil. Não lhe vê senão uma parte do rosto, os cabelos desalinhados. Redescobre o prazer sob os dedos. Graças aos movimentos da mão, liga-se de novo ao seu corpo. Também à sensualidade. O punho roça o papel, os olhos passam das linhas do rosto de Romain para aquelas que traça. Sente um prazer evidente, que não sentia havia anos, e que é o de transcrever uma individualidade através do seu nariz, da sua boca, dos seus olhos, da sua testa. Escreve «Natal 2017» no fundo da folha e pousa-a junto dele, na cama.

Nina pensa de novo no que Simone lhe disse aquela manhã a propósito da adoção de *Caramelo* e da noite de amor que tinha passado com o seu aprendiz de dançarino: «Sabes, Nina, cremos. E depois enganamo-nos.»

Há séculos que não fazia uma mala, diz de si para si enquanto olha para as suas roupas. Guardou a mala da avó Odile. A feia, de couro falso e cartão, que tinha levado para Saint-Raphaël em 1990. Depois fizera-a de novo em setembro de 2000, para a estreia de *Filhos Comuns*, a peça de Adrien. Poderia ter levado uma das malas que Emmanuel lhe tinha oferecido, maior, mais resistente, com rodinhas, mas fizera questão de usar a da avó para *partir*.

Quando Nina chegou à Gare de Lyon, deixou-a num cacifo. No interior, os restos de seis anos de vida comum com Damamme, arrumados e passados a ferro.

Era a primeira vez que ela ia a Paris.

Da Gare de Lyon, com o mapa do metro na mão, apanhou a nova linha 14 para a Madeleine. Subiu a pé até à rua des Abbesses, cortando pela place Blanche, teve de pedir indicações duas vezes e, de passagem, achou o Moulin Rouge minúsculo. Um cenário de filme.

Uma vez na rua des Abbesses, instalou-se no Saint-Jean, o café situado mesmo ao lado do teatro. Sendo noite de estreia, sabia que Adrien estaria presente e iria ali talvez tomar uma bebida ou cumprimentar amigos ao balcão.

Eram seis da tarde quando ela lhe enviou uma SMS:

> Passa no café Saint-Jean, rua des Abbesses, pedi que entregassem lá uma surpresa para ti.

Durante duas horas, ela perscrutou a rua, os transeuntes, os clientes, sobressaltando-se de cada vez que surgia uma nova sombra atrás da porta. Às oito horas, apresentou-se na bilheteira do teatro sem ter obtido a menor reação de Adrien.

Nina disse a si mesma que ele devia estar nos bastidores com os atores. Que não tinha o telefone com ele. Que se encontrariam mais tarde. Que ela lhe diria, por volta das onze horas e com uma taça de champanhe na mão: «Deixei La Comelle, gostaria de ficar em Paris, podes dar-me um teto até eu me desenrascar?»

Adrien iria ficar contente, aliviado. Nina pensava muitas vezes naquela frase que ele lhe segredara no dia do seu casamento: «Para ti, teremos sempre um carro novo com o depósito atestado.» Esperava aquilo há muito.

Tinham-se passado seis anos entre o dia em que os rapazes haviam ido embora e aquela estreia no teatro. Ela tinha demorado seis longos anos a deixar Emmanuel. E fora preciso ele ir para a Austrália para que ela encontrasse a coragem de se escapulir. Não tinha dito nada a ninguém. Nem sequer tinha telefonado aos sogros. Emmanuel era capaz de tudo, sobretudo do pior. Enquanto ele não regressava a França e percebia que ela já não estava em casa, Adrien conseguiria encontrar uma solução para a esconder durante uns tempos. Agora ele tinha conhecimentos.

Na rua das Abbesses, vendo o seu reflexo nas montras, Nina disse a si mesma que tinha de emagrecer, parar de beber todos os dias e de se encher de hormonas. E sobretudo recomeçar a desenhar… e talvez cantar.

Entre La Comelle e Paris, sonhara ao ver as paisagens desfilar: porque não voltar a fazer música? Agora que era célebre e reconhecido, Adrien escreveria as letras e ela cantá-las-ia. Se insistissem um pouco, Étienne poderia juntar-se a eles. Estaria ele verdadeiramente feliz em Lyon, na polícia? Nina conseguiria encontrar as palavras para que ele se lhes reunisse. Serem de novo Três. Ainda eram jovens — a vida, a verdadeira, ia começar com seis anos de atraso.

Levantou na bilheteira do teatro o bilhete reservado na véspera pelo telefone e entrou no átrio por entre uma multidão compacta.

Ia levada pelo orgulho, pela alegria de ser amiga daquele cujo nome aparecia no cartaz. Também sentia alguma apreensão: não via Adrien desde o dia em que França vencera o campeonato do mundo de futebol.

Estava a fazer as contas — dois anos, vinte e seis meses, para ser mais exata —, quando os olhares deles se cruzaram.

Em vinte e seis meses, aquele olhar tinha mudado. O olhar dele sobre os outros, talvez não, mas sobre ela, sim. Primeiro, ele corou. Ao perceber que era efetivamente ela. Nina, a sua Nina. Separavam-nos poucos metros.

Com os olhos, procurou saber com quem ela estava. Étienne, como uma esperança; Emmanuel, como uma evidência. Acabou por comprovar que se encontrava sozinha. Mas não se mexeu. Não deu um passo na sua direção. Foi Nina que se aproximou, sorrindo. Lançou-se nos seus braços. Sentiu-o crispar-se.

Demasiada emoção. O pudor de Adrien. A sua timidez imensa.

Olharam-se, trocaram algumas palavras.

— Tudo bem?

— Tudo bem.

— Estás com medo?

— Um pouco.

Perante o seu mutismo, a mímica forçada do género «não é o momento adequado», as roupas de bom corte, os *Tod's* novos e o corte de cabelo elaborado, ela deixou escapar umas banalidades que nada tinham que ver com aquela não-conversa, como ela própria nada tinha que ver com aquele local que de repente lhe pareceu imenso e gélido. Ela balbuciou algo como «vim de comboio, mandei-te uma mensagem, bem, vou sentar-me, até logo».

Ele olhou à sua volta, como que a certificar-se de que ninguém os observava ou à procura de alguém. Nina não soube como interpretar.

— Até logo — respondeu-lhe ele, brindando-a com um sorrisinho cúmplice.

O pobrezinho, está aterrorizado, é por isso que nem parece ele. Foi o que ela disse a si mesma enquanto ocupava o seu lugar.

No final da peça, ela foi uma das primeiras a erguer-se para aplaudir. Estava feliz, tinha gostado de tudo: a direção de atores, a encenação, as falas, as situações, e dizia a si própria que regressaria todas as noites.

Lembrava-se de Adrien ter ido almoçar a casa do pai e ter descoberto a sua «outra família», dois irmãos mais velhos do que ele e uma madrasta caídos do céu. Adrien ligara-lhe, à saída: «Nina, nem imaginas o que acabou de me acontecer.» Ao fim de dez minutos de conversa, Emmanuel impacientara-se. Começara a fazer-lhe sinais, apontando para o relógio de pulso: «Podes desligar?» Por isso ela tinha fechado os olhos para não ver o marido e tapado o ouvido esquerdo com a mão. Falara mais de uma hora com Adrien. A seguir, teve uma discussão acesa com Emmanuel. Bebera mais do que o habitual, para calar a dor que sentia no corpo. Com o álcool, ficava de novo doce. Dentro de si, calava-se tudo. Ela transformava assim o inferno num falso paraíso.

Dez minutos de ovação.

Adrien tinha um dom ímpar de narrador. A maneira como transcrevera aquelas horas da sua vida era assombrosa. Os atores fizeram subir ao palco o encenador e Adrien. Os aplausos e os gritos de «bravo!» redobraram. Ao ver Adrien entre aquelas «grandes» pessoas, Nina deixou-se inundar pela emoção. Ele tinha lá *chegado*.

Depois a cortina fechou-se ou o palco escureceu, ela não se recorda. Houve vozes e barulho de passos a dirigirem-se para a saída. Nina deu por si no átrio do teatro, no meio de desconhecidos. Ninguém com quem falar. Esperou por Adrien a um canto, fingindo interessar-se pelos folhetos de diversos espetáculos.

Quando o átrio se esvaziou, não se atreveu a perguntar aos últimos empregados onde se encontrava Adrien. Regressou ao Saint-Jean para o aguardar. Enviou uma segunda SMS:

> Estou à espera no café ao lado.

O telefone tocou, fê-la sobressaltar-se. Finalmente, ele ligava. Finalmente, ele ia pedir-lhe que fosse ter com ele aos camarins, queria apresentar-lhe os atores, os responsáveis pelo guarda-roupa, os técnicos. Ela tinha de estar ali, a partilhar o triunfo.

Um número que ela não conhecia. Atendeu com o coração aos pulos.

— Sim?

— És tu?

— Desculpe?

— Não estou a reconhecer-te a voz.

— Sou a Nina.

— Perdão, foi engano. Queira desculpar.

Porque é que certos enganos são mais cruéis do que outros?

Nina mordeu a bochecha para não chorar diante de toda a gente.

Depois de duas horas e quatro copos de vinho branco, ela desceu de novo a pé até à Madeleine, apanhou a linha 14 e regressou à Gare de Lyon. Foi buscar a mala da avó ao cacifo. Passava da meia-noite. O próximo comboio para Mâcon só partia às 6h30.

Andou pelas ruas atrás da estação, encontrou um hotel sem estrelas, um quarto simples, por 394 francos. Teve dificuldade em adormecer, reviveu a noite sem cessar, de telefone na mão, aguardando uma chamada de Adrien. Quando, às quatro da manhã, ele acabou por tocar, ela pensou, com o coração à desfilada e a respiração acelerada: *É ele, acaba de chegar a casa, onde se esqueceu do telemóvel, e viu as minhas mensagens, andou à minha procura depois do espetáculo, vai pedir-me desculpa e que vá ter com ele a casa, deve estar louco de preocupação.*

— Sim?

A voz de Emmanuel. Eufórica.

— Meu amor, estou a caminho! Não posso falar muito tempo. Amo-te. Penso em ti. Porta-te bem.

E desligou.

No fundo, ela estava sozinha no mundo. Assim sendo, mais valia estar sozinha em sua casa. Mais valia escolher a facilidade. Duas horas mais tarde, apanhou o primeiro comboio para Mâcon. Chegou a casa ao final da tarde. Desfez a mala. Arrumou as suas coisas. Foi buscar *Branco de Espanha* à estante para devolver ao sítio a última carta, aquela destinada a Étienne.

E depois, afinal, não. Pousou *Branco de Espanha* na mesa de cabeceira e abriu o sobrescrito…

— Estás a sonhar? — pergunta-lhe Romain.

Nina sobressalta-se, imersa nos seus pensamentos.

— Lembranças que vêm à tona.

Romain acaba de dar com ela no piso térreo. Uma mala aberta em cima da mesa da cozinha, o olhar voltado para o exterior, como se observasse alguém a entrar no jardim. Ele beija-lhe o pescoço.

— Cheiras bem.

— Cheiro a cão. E ligeiramente a gato — brinca ela.

— Não, ligeiramente, cheiras a mim…

Ele fareja-lhe o pescoço.

— Cheiras a calor, como se andasses sempre ao sol… Adoro o teu cheiro.

— O que é que não bate bem em ti?

— Tudo — ironiza ele.

Ele espreguiça-se, põe café a fazer.

O que faz este tipo jeitoso na minha cozinha?, interroga-se Nina. *A minha cozinha, que está um nojo, não é pintada desde o primeiro mandato de François Mitterrand. Isto não existe, um tipo assim, na vida real. Sobretudo na minha. É um equipamento para as outras, não para mim. As belas, limpas e sorridentes. Ou então é um presente caído do céu. Como no filme péssimo de há pouco. Amanhã, o Pai Natal vem recolhê-lo no trenó para o oferecer a outra no próximo ano.*

— Acho que já não dormia a sesta desde a creche… — diz ele, dando um gole no café.

Aproxima-se e estreita-a nos braços. Ela deixa-se ir, sente um exército de formigas no ventre. Não diz nada, fecha os olhos. Ele acrescenta, ao seu ouvido:

— Nunca ninguém tinha feito o meu retrato… Obrigado.

No momento em que Romain lhe sussurra aquele «obrigado» ao ouvido, Nina volta a ouvir as palavras de Simone: «Sabes, Nina, cremos. E depois enganamo-nos.»

*

Acabo de entregar uma cópia da chave à *cat-sitter*, uma jovem bonita e meiga chamada Élisa. Ficou louca quando viu o focinho de *Nicola*. No entanto, já devia estar habituada. No abrigo, focinhos como o do meu gato é o que ela mais vê, todas as semanas. Bocas rasgadas, e velhos e coxos também, mas aquilo surpreendeu-a. Talvez as almas sensíveis nunca se habituem a nada.

A partir de amanhã, dorme em minha casa, até eu regressar. Sabe que estou de partida sem data exata de regresso e que dificilmente me conseguirá contactar. Também sabe que Nina estará comigo durante esta viagem.

Élisa é estudante, faz o exame final este ano. Anda no novo Liceu Georges-Perec. O estabelecimento dirigido pelo tipo que dorme com a Nina. Enfim, imagino que durmam juntos. O tal R. Grimaldi, cujo nome vi escrito a caneta preta na caixa de correio da casa onde ela entrou na semana passada. Não se entra assim na casa das pessoas às onze da noite. Além disso, fiz a minha investigação. É um tipo que vive só. Chama-se Romain Grimaldi e, segundo informações fornecidas por um colega do jornal, foi afastado de Marnes-et-Coquette por uma questão de costumes. Uma aluna menor apresentou queixa pela sua conduta. Mas como não se conseguiu provar nada, ele foi afastado do local, e não despedido. Mandado para aqui, para ao pé dos campónios, longe das grandes cidades. No campo, têm mais é que se dar por contentes. Já não é nada mau terem um liceu novinho em folha.

Nina terá jeito para atrair psicopatas?

Perguntei a Élisa o que achava do diretor do liceu. Ela pareceu surpreendida com a minha pergunta.

— É fixe — respondeu.

Só isso. Por conseguinte, insisti.

— Fixe como?

— Fixe normal. Acho que gostam todos dele, lá. Além disso, não é nada feio.

Cortei a conversa. Tenho ciúmes. Tudo o que diz respeito a Nina torna-me primitiva e má.

Élisa perguntou-me o que fazia na vida. Respondi-lhe que fazia traduções e peças para o jornal, pagas à linha.

— Traduz de que língua?

— Do inglês.

— Ah, isso é bom… O que é que lhe parece quinze euros por dia? — perguntou-me ela.

— Parece-me bem.

— Quando recomeçar as aulas, no início de janeiro, vou trazer as minhas refeições. Tem um micro-ondas?

— Sim.

— Posso fazer-lhe uma última pergunta?

— Sim, claro.

— É escolha sua, não estar com ninguém no dia de Natal?

— Uma escolha completamente assumida.

— Tudo bem. Senão, podia vir comer lá a casa hoje à noite. A mamã faz sopa de cebola para os vizinhos todos.

— É simpático, mas eu deito-me cedo.

Uma rapariga que me convida para o Natal sem me conhecer tratará certamente bem do meu gato.

Ao fechar o saco, digo também a mim mesma que tenho de avisar o jornal. Esperam que eu fique de plantão até 2 de janeiro, data em que o redator que estou a substituir regressará de férias. Vou mentir. Direi que tenho de ser operada com urgência. Um caso de força maior.

Não a ouvi entrar em casa. Nem o barulho do motor, nem o barulho da porta de entrada. Louise abraça-me por trás. Reconheceria o seu cheiro entre mil. A respiração dela no meu pescoço.

— Feliz Natal…

— Como vai isso?

— O meu irmão vai morrer.

— Sabes que amanhã partimos os três?

— Sim.

— Queres tomar alguma coisa?

— Sim.

— Dormes cá?

— Não. Prefiro estar em casa amanhã de manhã, quando a Marie-Castille descobrir que o Étienne foi embora. E depois tenho também de gerir a situação com os meus pais… A minha pobre mãezinha.

— Vais dizer-lhes a verdade?

— Vou. Não tenho vontade de andar com mais mentiras. E para o Valentin será melhor, mais claro.

*

Ele vai em cima do porta-bagagem, o pai pedala depressa. O menino agarra com força a sua *T-shirt*, uma peça de algodão com a cara de Jim Morrison, que ele usará durante anos. As costas do pai, os seus cabelos ao vento. A primeira recordação que tem dele. Daquele homem alto, forte e belo. O seu herói. Aquele que o protege, nunca ralha, lhe sorri sempre. Valentin grita a plenos pulmões: «Hoje faço cinco anos!» E o pai pedala, às gargalhadas, inventando lombas na estrada e gritando: «Feliz aniversário, meu filho!»

Estão de férias. Uma estrada ladeada por pinheiros na ilha de Porquerolles, vislumbres daquele mar que brinca às escondidas atrás das árvores. Depois desaguam numa praia. Uma baía descolorida, a água perdeu o azul, é transparente. Percorrem um caminho de areia branca, lançam as toalhas para o chão e correm para a água.

O pai, a sua pele bronzeada. Aquele homem para quem os outros olham. O menino tem consciência disso desde muito cedo, daquela beleza particular, de o papá não se parecer com o comum dos mortais. E todas as pessoas que lhe dizem: «Tu e o teu pai são duas gotas de água, iguaizinhos.»

Então, mais tarde, serei como ele. Valentin construiu-se assim, a dizer-se sempre aquilo: *Mais tarde, serei como o meu pai. Farei tudo como ele.*

A prova.

São seis da tarde.

Estão os dois sentados frente a frente no quarto que Valentin ocupa quando dorme em casa dos avós. Uma cama empoleirada num mezanino.

— Porque é que não te queres tratar? — pergunta o adolescente de olhos fixos na ponta das sapatilhas. — Estamos em 2017… não na Idade Média.

Naquele instante, Étienne pergunta a si próprio porque é que se vem à terra, se é para acabar por viver um momento assim. É um castigo? Estará a viver este momento de pesadelo porque largou a Clotilde vinte e três anos atrás? Porque nadou até à margem, a achar que ela era louca?

Ter de dizer ao filho, no dia de Natal:

— Tenho de falar contigo, estou doente… mas isso já tu sabes… E há

doenças que não se tratam.

— Isso não existe — responde Valentin, à beira das lágrimas, de punhos fechados.

— Existe, sim, meu querido.

Étienne toma as mãos do filho entre as suas. Ele não reage, mas morde os lábios. Adora a pele do pai. Nesse momento, pergunta a si mesmo se terá a barba rija e loira como ele. Aquela que ele deixa crescer nas férias.

— A tia diz que não *queres* tratar-te, não diz que não *podes* tratar-te.

— A tia está enganada… Eu recuso-me a alimentar-te ilusões.

— Nunca mais te vou ver?

Étienne gostaria de mentir, de tranquilizar o filho, mas para quê? Reuniram-se para se dizerem a verdade. Étienne não confia na verdade. Acha que por vezes ela é dissimulada. Encerra vários caminhos, tonalidades, vias. Não é tão simples como parece. Disso ele sabe, por causa do seu ofício. Mas agora deve-a ao filho.

— Hoje, vês-me como sou. Quando a doença levar a melhor, eu… não quero… Quero partir antes. É muito importante para ti. Bem mais importante para ti do que para mim.

— Vais suicidar-te?

A pergunta é tão brutal que Étienne faz um movimento de recuo.

— Não sei… Não. Não. Não vou suicidar-me. A tia deu-me medicamentos para que não sofra.

— Tens medo da morte?

— Não. Tenho medo por ti. Deixar-te sozinho… Mas a mamã é excecional. Com uma mãe como a tua, nunca estarás só. Estás a ouvir o que te digo, Valentin? Nunca.

— Então porque é que vais partir sem lhe dizer?

Étienne não responde. Baixa os olhos. Depois pousa-os nos do filho. Fitam-se, entendem-se. Sempre se entenderam.

— Escrevi-lhe uma carta a explicar tudo… Vai ser complicado para ela, mas tenho a certeza de que acabará por entender.

— Vais sozinho?

— A Nina vai comigo. E a pessoa que viste diante do abrigo, há pouco.

— E porque não a mamã e eu?

— Porque é mais simples. Mais simples para mim. Mais simples para

vocês.

Instala-se de novo um silêncio prolongado entre eles. Lá em baixo, na sala, as vozes abafadas da família a jogar tarô.

É Valentin quem acaba por tomar a palavra:

— Não direi nada.

— Vou telefonar-te com frequência. Hei de conseguir contactar-te todas as noites. Quando estiveres sozinho no quarto. Juro-te. Juro-te, estás a ouvir? Números não identificados, números de telemóvel que não conheças, atende todos, sim?

— Vais para onde?

— Não sei. Decidiremos no caminho… Não quero que sintas o cheiro a hospital em mim… a medicamentos… Tresandam. — Aperta o filho nos braços. — Quero que guardes o cheiro do teu pai, a lembrança do homem que te ama. Não de um doente.

67

«10 de agosto de 1994

Étienne,

A primeira vez que te vi, soube que um dia serias meu.

Soube e quis.

Saber, querer, qual é a diferença? O resultado é o mesmo: estamos juntos.

Nunca imaginei que me farias sofrer tanto. E mesmo que o tivesse sabido, iria ainda assim até à cama contigo.

Acabei de ler numa revista que quanto mais o teu homem te dá prazer, mais sofres quando ele se vai. O imposto do sexo apaixonado sai caro.

É tão fácil ficar caída por ti que eu podia vomitar só de pensar na asneira em que caí. És o típico gajo giro de serviço. O teu sorriso, um primeiro pretexto para derreter as miúdas, e o resto que se segue. Tão fácil…

Que idiota que eu fui. "Não tens nada entre as orelhas", como dizia a minha avó.

Trabalhar o mês todo de julho permitiu-me não pensar muito, depois de irem de férias. E para gorjetas a pizaria do Porto é ideal.

Enchi o meu mealheiro de lágrimas e de notas todas as noites, ao chegar a casa.

Subia ao quarto a correr, para ver se não havia uma carta ou um postal em cima da minha secretária.

Nenhuma notícia tua desde que foste embora, no dia 15 de julho. Antes de partires, senti-te mais distante comigo, mas acreditei que era porque nos íamos separar durante as férias. Disse a mim mesma que estavas deprimido porque nos íamos separar.

Então fui ter com uma amiga a Fréjus, no fim de semana passado. Não fiquei muito tempo, mas aquelas poucas horas no Midi foram muito instrutivas.

Fréjus-Saint-Raphaël, apenas três quilómetros entre os dois. E eu sabia o nome da praia onde paras desde miúdo. Uma boa maneira de te ver. De te fazer uma surpresa. E vi-te. Vi-te, é como quem diz: para te ver teria sido preciso afastar a rapariga deitada em cima de ti, eu não sabia que a tua segunda ocupação era ser toalha de banho para loiras atiradiças. Senti-me humilhada quando te vi apalpá-la. Até vomitei o meu cachorro-quente para um caixote do lixo. O amor é difícil. Difícil de aparar o golpe. O ciúme pode realmente matar. Acredita. Fiquei muito tempo a observar-vos, sem me conseguir mexer. Pior do que um pesadelo quando gritas, quando sabes do que se trata mas não consegues acordar. Pensei arrancar-te os olhos ali mesmo, mas, dado o meu "estado", vim embora.

Que estúpido que tu és.

Que fraude.

Bem que eu duvidava, não, eu sabia que a tua volta à Córsega de barco era treta.

Regressei a La Comelle ontem à noite.

Regressei de rastos, com os olhos vermelhos.

Esta manhã, tenho várias perguntas a martelarem-me na cabeça: vais deixar-me, quando chegares? Vais olhar-me nos olhos? Vais largar-me por telefone? Talvez vás mesmo fazer-te de morto até ao início das aulas, uma vez que deves ir para Paris e eu para Dijon.

A menos que eu te vá contrariar os planos.

Antes de tomares uma decisão, tenho uma coisa a dizer-te. Uma coisa que te vai fazer pesar os prós e os contras.

Fiz dezoito anos no dia 27 de julho. Esperei a tua chamada, o teu "feliz aniversário".

Fui até acender uma vela para pedir à Virgem Santa um sinal de ti. Eu que até sou ateia… já vês ao que estou reduzida.

Reduzida, sim.

O que não impede que tenha dezoito anos. Pronto, sou maior de idade. Posso fazer o que quiser, mesmo não tendo esperado pelos dezoito anos para fazer o que queria, meu querido amor.

A primeira vez que te vi, soube que um dia serias meu.

Regressemos ao dia 25 de maio. Quando me acompanhaste ao hospital. "Acompanhaste" é uma maneira de dizer. Digamos que me descarregaste à porta das urgências. Como uma encomenda que se deixa em cima do capacho por falta de coragem. Porque, supostamente, não suportas o odor dos corredores, desmaias mal sentes o cheiro do éter. Por isso entraste num boteco em frente ao hospital, bebeste "o pior café do mundo" e esperaste por mim.

Deixaste-me sozinha.

Fui sozinha à receção. Subi no elevador até ao terceiro andar, serviço obstétrico, sozinha. Uma sala de espera, sozinha. Deitar-me numa cama, sozinha. Ninguém para me dar a mão.

As três perguntas que me fizeram: "Está em jejum? Tem consigo o cartão da Segurança Social? Veio sozinha?"

— Não, o meu companheiro está à espera diante do hospital.

Quanto tempo vai o meu companheiro esperar por mim?, perguntei a mim mesma. *Hoje está lá, mas, e amanhã?*

Quando saí de novo, umas horas depois, viste-me abrir a porta do café, mudaste de cor. Um misto de vergonha e de alívio nos teus belos olhos claros.

Tinha terminado. Podias retomar a tua vida normalmente. Fazer o exame do secundário.

Next.

Quanto a mim, eu tinha enjoos por causa dos cheiros, um misto de mau vinho e eflúvios de tabaco.

Malditas náuseas.

Dizem que quando se aborta elas passam. Mas isso é coisa que nunca saberei.

Porque, na verdade, saí do quarto antes de me irem buscar. Fiquei duas horas na cafetaria, observei-te por uma janela, a comer uma sandes e a beber cervejas enquanto esperavas. Como no intervalo de um jogo de futebol.

Depois, subimos novamente para a mota, agarrei-me a ti e fechei os olhos.

Vi a minha vida desfilar. A que aí vinha. A minha vida futura, com o nosso bebé.

Pedi-te que ficasses comigo essa noite, dizendo que estava "cansada". Não te atreveste a recusar. Telefonaste à Nina Beau, ouvi-te contar-lhe uma peta porque tinhas ficado de te encontrar com ela para estudarem, e dormiste em minha casa. Encostado a mim. Nessa noite, adorei ter este segredo no meu ventre. Era a única a saber que íamos ter um filho.

Hasta la vista,

Clotilde»

Outubro de 2000

No dia em que leu as palavras de Clotilde, Nina soube que nunca mais abriria uma carta que não lhe fosse dirigida.

Enquanto isso, deveria ir entregá-la à polícia? Mas Étienne era, ele próprio, polícia. E talvez aquilo lhe causasse dissabores. Então destruí-la, simplesmente?

Não, era impossível que Étienne não soubesse.

Nina interrogou o avô em voz alta:

— Avô, o que faço disto?

Deixá-la na caixa de correio de Marie-Laure e Marc, em La Comelle? Como tinha feito com os outros sobrescritos? Ou entregá-la em mão ao próprio Étienne, em Lyon? Ele sabia que Clotilde estava grávida? Estaria ela a fazer *bluff*? Afinal, ele tinha-a visto ou não, no fatídico dia do desaparecimento?

Nina estava sentada ao lado de Clotilde e Étienne quando eles marcaram encontro no lago, no dia 17 de agosto. Quando Clotilde se levantou para deixar a casa dos Beaulieus, onde teve lugar a receção depois do enterro, Étienne dissera-lhe:

— Eu fico mais um pouco com a Nina, mas encontramo-nos logo?

— Combinado. No lago, debaixo da nossa árvore.

Ela inclinou-se para o beijar. Ele correspondeu ao beijo rápido nos lábios.

— Até logo — murmurou ele.

Nina recordava-se porque quando Clotilde disse as palavras «debaixo da nossa árvore» fez-lhe lembrar a árvore do seu avô, no jardim.

E sempre aquela pergunta sem resposta: porque é que o seu avô tinha sido atropelado no dia em que ia entregar aquela carta? Para que ela não chegasse ao destinatário? Quem puxava os cordelinhos das vidas deles? Que Deus ou destino se permitia tudo aquilo? Aquela farsa sinistra?

O que tinha sido feito de Clotilde? Étienne teria algures um filho de seis anos? Porque é que Clotilde tinha agido assim? Como se podia fazer tal coisa a um homem só para o prender a si? Étienne dizia sempre que tomava precauções. Que fazia parte de uma geração que tinha crescido «com um preservativo na gaita». Nina detestava quando ele se exprimia assim.

— Étienne, estás a ser vulgar!

— A verdade é que é vulgar — respondia-lhe ele com o nariz enfiado num copo.

É verdade que eles viviam com o espectro da sida desde o nascimento. Todos os anúncios, todos os cartazes os intimavam a tomarem precauções.

«A sida não passará por mim.» Tinham onze anos os três quando as campanhas de sensibilização começaram a passar repetidamente na televisão. Se nos ministérios os velhos falavam da sexualidade dos jovens, isso queria dizer que era grave. No fundo, Étienne tinha razão, eles faziam parte de uma geração que se protegia.

Ao ler a carta de Clotilde, Nina pensou instintivamente em telefonar a Adrien para lhe pedir conselho.

Inimaginável, depois da atitude que ele tivera para consigo.

Ela sentia ainda um travo amargo no fundo da garganta. Um misto de desilusão, de sensação de abandono e de humilhação. As ondas de desgosto não paravam de se agitar nela, as lágrimas corriam sem cessar. Nina tinha mesmo pensado deixar-se morrer. No comboio que a trazia de volta de Paris. Deitar-se na cama e ir encontrar-se com o avô, Joséphine, Joe Dassin, *Paola* e os seus gatos. Até ter descoberto aquela última carta destinada a Étienne.

Um eletrochoque.

Havia três semanas que a tinha aberto. Que a tinha lido e relido sem saber o que lhe fazer.

E continuava sem saber.

Adrien não lhe tinha telefonado. Nem no dia a seguir nem no outro ainda. Nem na semana a seguir ao seu parêntesis parisiense. A mala da avó retomara os velhos hábitos e fora juntar-se às restantes, no roupeiro.

Quando Emmanuel regressou da Austrália, quinze dias após a estreia de *Filhos Comuns*, Adrien ainda não tinha telefonado. Nem uma mensagem, uma carta, a agradecer-lhe ter ido.

Nem isso.

*

Adrien tem um encontro marcado com Étienne.

Este último enviou-lhe uma SMS:

> De passagem por Paris, temos de nos ver.

Adrien leu-a várias vezes, antes de escrever:

> OK. Cervejaria La Lorraine, place des Ternes, 20 horas?

Adrien pergunta a si mesmo o que quer dizer «temos». A última vez que viu Étienne foi na passagem de ano de 2000. Na tarde de 31 de dezembro, encontrou-se com Louise, Étienne e uma vintena de amigos comuns, estudantes de Medicina, aspirantes a chuis e antigos colegas de liceu. Marie-Laure e Marc Beaulieu tinham ido passar o ano algures, e Nina deixou-os pendurados à última hora. Passaram dois dias excelentes. Na ementa, salmão fumado sobre tostas *Heudebert* ressessas «porque nos esquecemos do pão de forma», piza, travessas de ostras e ervilhas de conserva, álcool, dança, música, *Tu m'oublieras* de Larusso em *repeat*, séries, videojogos e sestas. Como adolescentes a quem os pais tivessem entregado a casa. Adrien, embora muito distante daquela antiga existência, tinha aceitado juntar-se-lhes a pedido de Louise e retirou um certo prazer: já não precisava de fingir nem procurar palavras bonitas para agradar a uma assembleia elitista. Dois dias a arrastar-se, de velhas pantufas, e a comer o que e quando calhasse.

À hora de deitar, no dia 1 de janeiro de manhã, por reflexo ou hábito quando regressava a La Comelle, Adrien quase se dirigiu a casa da mãe para se deitar na sua cama. Louise juntou-se a ele uns minutos mais tarde, num dos quartos de hóspedes. No dia 2 de janeiro, foi levá-lo à estação, pouco antes de se pôr a caminho de Lyon. Desde então, não tornou a ver Étienne

nem Louise, e já estamos a meio de outubro.

Adrien chega em primeiro lugar. Observa o seu reflexo. Fica sempre surpreendido com a imagem que os espelhos lhe devolvem. Belo sobretudo azul-marinho, de bom corte. Já não tem medo de entrar num sítio e anunciar calmamente, a voz bem colocada:

— Boa noite, reservei uma mesa em nome de Bobin. Cheguei adiantado.

— Queira seguir-me — responde a empregada, uma ruiva bonita que se parece um pouco com Julia Roberts.

Adrien reservou mesa na sala de fumadores, por causa de Étienne. É a primeira vez que se encontram os dois a sós num restaurante. Habitualmente, Adrien janta no seu bairro. Tem os seus locais. Mas disse a si mesmo que Étienne estaria mais à vontade naquela bela marisqueira.

— Deseja beber alguma coisa?

— Uma *Chateldon*, por favor.

Enquanto espera por Étienne, Adrien pergunta-se de fugida se o amigo terá lido *Branco de Espanha* ou alguma das peças. *Mas o Étienne alguma vez leu um livro? Sim, para os seus concursos, necessariamente. Mas não romances… e muito menos peças.*

E então, por causa deste encontro com ele, como uma reminiscência ignóbil, Adrien volta a ver Nina no Teatro des Abbesses, a procurá-lo no meio da multidão.

Ele recebeu as suas mensagens, depois da representação. Apagou-as de imediato, como um marido elimina as palavras de uma amante demasiado insistente. Naquela noite estava previsto jantarem com o encenador, Fabien Désérable, os atores e alguns jornalistas tirados à sorte. O teatro tinha reservado uma sala no Café de la Paix. Adrien pensara que telefonaria a Nina no dia seguinte de manhã. Quando tudo estivesse terminado. Não se podia aparecer assim sem avisar. Ele tinha trabalhado arduamente para chegar ali. Naquela estreia, estava em jogo o seu futuro. Parecia-lhe impossível apresentar a sua vida antiga à nova. No dia seguinte de manhã, atormentado pela vergonha, disse a si mesmo que ligaria mais tarde. Depois na semana seguinte. Depois no aniversário dela. Mas, no dia 2 de agosto, o seu silêncio tornara-se tão ensurdecedor que não conseguiu pegar no telefone para lhe falar. Afasta de imediato aquele pensamento, ergue a mão e pede uma taça.

Rejeita toda a lembrança que lhe recorde o olhar de Nina pousado em si, aquele olhar que procurava encontrá-lo por trás da sua máscara de frieza e mundanidade, o jovem que ela amara, o seu quase irmão.

Étienne abre a porta. Adrien tinha-o esquecido, de tão ocupado que estava a varrer o pó do passado para debaixo do tapete.

Étienne chegou a horas. Adrien observa-o à distância. Não lhe faz sinal. Isso dá-lhe tempo de o examinar dos pés à cabeça. Blusão de cabedal, calças de ganga, sapatilhas. A panóplia perfeita do chui. Cada um com a sua, a dele é a do autor de sucesso. Roupas escuras e chiques, traje de rigor em todas as circunstâncias.

Étienne é de uma beleza de cortar a respiração. Emagreceu. Rugas, o rosto encovado e uma barba de dois dias. Os cabelos escureceram ligeiramente. Os olhares dos clientes às mesas convergem todos para os seus belos olhos azuis, o seu porte ao mesmo tempo desportivo e juvenil.

Étienne dirige-se à Julia Roberts do balcão, e até ela parece corar e sorrir beatificamente.

Eu nunca farei ninguém corar como ele, pensa Adrien.

A empregada indica a mesa, Étienne vira-se e, quando vê Adrien, sorri-lhe. Adrien levanta-se, beijam-se. As faces de Étienne estão frias e picam. Traz um perfume inebriante, uma mistura de vetiver, especiarias e citrinos. Adrien disfarça a sua perturbação.

— Estás bem? — pergunta Étienne enquanto tira o blusão e acende um cigarro.

— Sim.

— Bem, as coisas correm-te de feição. Até li um artigo sobre uma das tuas peças, na semana passada.

— A sério, qual?

Étienne encolhe os ombros. Não se lembra. Adrien sorri-lhe. Não tem vontade de falar do seu trabalho com ele.

— Como está a tua irmã?

— Mata-se a estudar. O curso de Medicina é de loucos.

— E tu?

— Eu continuo a gostar do que faço. Buscas, interrogatórios, giros, não há rotina, é a minha cara. Tirando a papelada…

Um empregado pergunta a Étienne o que deseja beber.

— Uísque sem gelo, por favor.

— E para mim outra taça — acrescenta Adrien.

Mergulham ambos na ementa. Adrien pede solha e legumes da época, Étienne um *vol-au-vent* com batatas fritas e alface.

— Queres ostras, camarões ou outro marisco, para começar? Pedimos uma pequena travessa? — pergunta Adrien, animado pelas duas taças bebidas de um trago.

— Não, obrigado.

Adrien interpreta aquela recusa de Étienne como vontade de não se demorar muito. Desde miúdo que adora marisco. Em Saint-Raphaël e no Ano Novo anterior, entre duas fatias de tronco de Natal, só comeu daquilo.

— Queres beber vinho?

— Um copo de tinto com o *vol-au-vent*. Deixo-te escolher por mim, tens ar de conhecedor, agora. Andas em altos voos, caramba.

Adrien não se dá por achado. Deteta um toque de ironia na voz de Étienne.

— Escrever essas cenas dá muita massa?

— Depende… O que mudou realmente a minha vida, enfim, as coisas, foi o romance.

Étienne franze o sobrolho enquanto barra de manteiga um bocado de pão quente.

— Que romance?

— *Branco de Espanha*.

Étienne faz uma pausa. Mira o amigo. Adrien percebe pelo seu olhar que ele já ouviu falar daquele livro. Que o título lhe diz vagamente qualquer coisa. Mas o quê? Quando? Quem? Onde? Ele procura, não parece encontrar.

Adrien não sabe porque acaba de confessar ser o autor daquele livro tornado célebre. Ele que nunca o disse à mãe. Até hoje, só Fabien Désérable e Louise conheciam o segredo.

Adrien sorri, dizendo de si para si que no dia seguinte Étienne terá até esquecido o título do romance. E uma vez que o assinou como Sasha Laurent, ele nunca conseguirá fazer a ligação. Ou perguntar-lhe-á: «Era como, o título do tal romance que te deu a massa?» Ou então perguntará a Louise, que fará uma cara espantada. Que nunca o denunciará.

Adrien faz a pergunta que lhe queima os lábios desde que Étienne entrou na marisqueira:

— O que fazes em Paris?

— Vim ver-te — diz ele entre dois goles de uísque.

— Ver-me?

— Isso. Vou precisar de ti.

— De mim?

— A Clotilde…

— Há novidades?

— Ainda não. Mas vai haver.

— …

— Estão prestes a perceber que o depoimento não tem pés para andar.

— Qual depoimento?

— O da velha que disse ter visto a Clotilde na estação. Na noite do desaparecimento… E vai-me cair tudo em cima.

— Como é que te posso ajudar?

— Dizendo que estavas comigo… Primeiro no lago, depois em casa da Nina.

— Eu estava em casa da Nina com a Nina. Tu vieste ter comigo à noite.

— Eu sei.

— Estás a pedir-me que minta?

— Sim.

— A Nina mentirá? — pergunta Adrien.

— A Nina anda meio pedrada vinte e quatro sobre vinte e quatro horas desde que se casou. E dirá o que eu lhe pedir para dizer. De qualquer forma, é preciso deixá-la fora disto tudo. Nessa noite, ela esteve em casa do Damamme.

— Não foi bem assim — corrige Adrien. — Nessa noite, ela esteve comigo em casa dela, enfim, em casa do avô dela. Estivemos lá os dois. Ela saiu antes de tu chegares.

Adrien vê que Étienne fica contrariado como quando, em miúdo, não obtinha o que desejava. É impercetível a quem não o conheça. Uma sombra a turvar-lhe o olhar, uma dobra que lhe atravessa a fronte, o lábio superior que freme insensivelmente.

Dir-se-ia os três instrumentos da discórdia em acordo, pensa Adrien.

— Mas ninguém sabe isso — objeta Étienne, irritado. — É preciso deixar a Nina fora desta história.

Adrien não diz mais nada. Tira a pele à solha sem cruzar os talheres.

— Vi a Nina ontem — diz Étienne.

Adrien ergue de novo a cabeça.

— Onde?

— Em Lyon. Foi e voltou no mesmo dia, para me levar uma carta.

— Que carta?

— Uma carta antiga da Clotilde… Sabias que ela vasculhava o correio do avô quando éramos pequenos?

— Sabia. Mas não estou a ver a ligação.

— Pois eu vejo-a. Sou chui.

— Vais prendê-la? — ironiza Adrien.

— Ela contou-me o que se passou no Teatro des Abbesses… Como não lhe prestaste a menor atenção.

Adrien cora e fica em silêncio.

— Sabes do que gosto mais na minha profissão de chui?

— As algemas?

Étienne sorri estranhamente à resposta de Adrien.

— É representar durante os interrogatórios. Tornei-me um ator exímio. Nem o Belmondo me leva a palma. Mau, simpático, hipócrita, estúpido, crédulo… Conheço todos os registos. Poderia entrar na boa no Conservatório.

— Vou contratar-te para uma das minhas peças, então.

Étienne dá um risinho.

— Adrien, tu achas *mesmo* que eu não li *Branco de Espanha*? Achas *mesmo* que a minha irmã não me disse nada? Quando o teu livro saiu, senti que se passava qualquer coisa… E, para tirar nabos da púcara, sou o melhor. Então à minha irmã…

O sangue de Adrien fica gelado. Sente uma vertigem. Como se estivesse nu, exposto numa feira popular sobre um estrado, aos olhos de todos, e Étienne incitasse a multidão: «Venham, senhoras e senhores, venham ver quem é realmente Adrien Bobin! Venham admirar este fenómeno!»

— Leste-o? — murmura Adrien.

— Li — responde Étienne, trincando o bocado de pão sem desviar o olhar

dele.

Adrien processa a informação.

— Disseste à Nina?

— Disse. Dei-lhe a informação ontem, quando ela me contou o que lhe tinhas feito. Como tentava encontrar-te circunstâncias atenuantes, falei-lhe do teu livro.

— E o que é que ela disse? — sussurra Adrien.

— Que o teu romance estava em cima da mesa de cabeceira dela há muito tempo, mas ainda não o tinha lido.

Adrien fica petrificado. É um pesadelo. Quer acordar em sua casa, deitado no seu sofá. Que alguém lhe diga que aquilo que está a viver não é a realidade, mas fruto da sua imaginação fértil.

— Sei o que estás a pensar. Que eu não leio. Que sou um bronco. Mas estás enganado, amigo. Li tudo o que escreveste. E o artigo, na semana passada, era sobre a tua última peça, *Filhos Comuns*.

Étienne cala-se e parece saborear o fim do seu jantar. Adrien observa-o, a raiar a indisposição, percorrido por suores frios. *É ele que está metido numa bela alhada com a história da Clotilde, e sou eu que me sinto culpado*.

— O que é que tu queres, Étienne? — acaba por perguntar.

— Que me sirvas de álibi. Que digas que estavas comigo no lago da Floresta no dia 17 de agosto de 1994, que esperaste pela Clotilde comigo, e que voltámos juntos para a casa da Nina…

— E ninguém vai achar estranho eu não ter dito isso antes?

— Não, porque antes ninguém pensava que eu pudesse estar relacionado com o desaparecimento.

— Fizeste mal à Clotilde?

— Não. Juro-te…

— E porque acreditaria eu?

Étienne marca um compasso de espera, antes de dizer:

— Acho que vi uma coisa naquela noite.

— Que coisa?

— Um carro a afundar-se no lago.

Étienne ergue a mão e pede outro copo de vinho.

— Que carro? — insiste Adrien.

— Não faço ideia. Um carripana vermelha. Acho que era vermelho. Mas

isso não tem nada que ver com o teu depoimento. Tu só vais dizer que estavas comigo.

— E se eu recusar?

— E porque recusarias?

— Falso testemunho.

— Só meio. Lembro-te que acabámos essa noite juntos… Tudo bem, éramos novos e toda a gente se enrolava, mas…

Adrien levanta-se, Étienne segura-o pela mão. Uma mão firme. Quase duas vezes maior do que a dele e que lhe esmaga os dedos. Os seus olhos claros já não o são. Duas sombras cinzentas velam-nos. O lábio superior já não treme. Étienne passou da irritação à determinação.

— Senta-te. Ainda não terminei. Lembras-te de quando a Nina me dizia: «Nunca se sabe?»

— De que é que estás a falar? — pergunta Adrien, encharcado em suor, à beira das lágrimas.

— Eu copiava os vossos apontamentos, os vossos trabalhos de casa, e ela insistia que eu percebesse o que estava a escrever. Dizia: «Nunca se sabe.» E eu perguntava-lhe: «Nunca se sabe o quê?» E ela só me repetia, incansavelmente: «Nunca se sabe.» Tinha razão, a Nina. Devo-lhe tudo. Porque, à força de mo dizer, foi o que acabei por fazer. Perceber o que copiava de vocês.

— …

Étienne larga a mão de Adrien e suaviza o tom.

— Podemos voltar juntos, se quiseres.

— …

— Imagino que tenhas um belo apartamento. Tão belo como os trapos que trazes.

— …

— Podemos brincar aos médicos, se tiveres vontade.

Adrien atira-lhe à cara a água do copo e arrepende-se de imediato.

— Eu amo a tua irmã.

— É pena — responde Étienne, enxugando o rosto com o guardanapo. — Não me teria forçado, teria sabido mostrar-me agradecido… Queres uma sobremesa?

Adrien está incapaz de dizer palavra. De fazer um gesto.

— Fiz um disparate — recomeça Étienne. — Há um mês, encontrei-me

com a testemunha… e dei cabo de tudo. Instilei a dúvida na cabeça dos chuis de La Comelle. A velha não pode ter visto a Clotilde na estação.

— Porquê? — consegue Adrien articular.

— Porque a confundiu com outra rapariga.

— Como é que sabes? Já a tinhas matado?

Étienne encolhe os ombros, como quem diz: «Para com essas parvoíces.»

— Uma história de costura. De máquina de costura.

— Estás a delirar, Étienne. Só dizes disparates.

— Prendo-te já a seguir. De nós os dois, tu é que és o desequilibrado, não sou eu.

Adrien apara o golpe. Partiria a cara a Étienne de bom grado. Ali mesmo, agora. Sente as ondas de ódio inundarem-no. O caso Py a vir à superfície.

— Não quero voltar a ver-te.

— Nem eu. Mas, antes de me riscares do mapa, farás o favor de ir à polícia dizer que estivemos sempre juntos naquela noite.

— Caso contrário?

— Caso contrário, direi ao mundo inteiro quem é Sasha Laurent… E, acredita no que te digo, não me importarei nada de fornecer pormenores. A minha irmã vai adorar saber que é de mim que falas no *Branco de Espanha*.

Adrien ergue-se e agarra-o pelo pescoço. Julia Roberts corre em direção aos dois. Os poucos clientes nas mesas vizinhas fazem silêncio. Étienne empurra Adrien com violência, este perde o equilíbrio e cai de novo na cadeira.

— Eu convido — diz Étienne.

— …

— Insisto.

Dirige-se para a caixa e tira o cartão de crédito. Adrien permanece prostrado na cadeira como uma boneca de trapos.

68

26 de dezembro de 2017

Marie-Castille relê várias vezes a carta de Étienne.

Habitualmente, é ela que interroga, que dá tareia. É ela que julga a existência patética dos acusados. Os seus desvios, as suas aberrações, as suas loucuras. Esta manhã, é a vida que a põe em prisão preventiva, que a julga sem contemplações.

Pousa-a na cama.

Sempre soubera que ele estaria de passagem, que não ficaria. Não por causa da doença, mas de outra mulher. Pensou sempre que teria de se bater com rivais.

Étienne, *doente*… Como é que foi embora? O carro deles está estacionado no caminho de acesso. Foi sem dúvida no de Nina. Ou então apanharam um comboio. Talvez mesmo um avião. Estará sem dúvida já longe.

Marie-Castille tem o corpo todo a tremer. Percebe que nunca mais voltará a ver o marido. Que ele acaba de organizar a sua partida. Por reflexo, tenta telefonar-lhe. Correio de voz.

Como é que Étienne foi capaz de ter assim tão pouca confiança nela? Partir deixando uma carta de desculpa e explicação sobre a almofada.

É como aquele tipo que quis que me tratasse.

E que abandonasse o cachorro dele em Espanha no mês de agosto…

Naquela manhã, ela sente-se também tão só como um cão abandonado à beira da estrada, no caminho para as férias. Uma coisa sem préstimo. Uma pilha gasta.

«Temos a idade dos atentados do 11 de Setembro», respondiam eles quando lhes perguntavam há quanto tempo se conheciam.

Conheceram-se diante de um televisor. O do *dealer* e dos seus dois cúmplices que as suas brigadas tinham acabado de deter.

Étienne fazia parte do comissariado do 6.º bairro de Lyon e ela acabara de ser transferida para o do 1.º bairro de Lyon.

Como os indivíduos eram perigosos e estavam armados, chamaram reforços.

No momento de deixar o apartamento, Marie-Castille abriu uma porta e encontrou um homem sentado num cadeirão, diante de um televisor. Estava sozinho. Tinha a faixa POLÍCIA no braço. Não a viu entrar na divisão — estava como que hipnotizado pelas imagens apocalípticas.

Quando a sentiu junto de si, disse apenas:

— Tirei o som, é insuportável.

Sem mesmo saber a quem se dirigia.

E ali, enquanto uma parte do mundo desabava e só se via fumo no ecrã do televisor, Marie-Castille apaixonou-se.

Apaixonou-se no dia em que milhares de inocentes morriam e iam morrer, ali, aqui, alhures. Isso devia ser proibido por uma espécie de lei interior. Uma deontologia do coração. Um presságio demasiado mau. Mau carma, maus auspícios, mau encontro. Embora o seu ser devesse estar fechado a toda a forma de intrusão, o seu amor nasceu no dia dos atentados do 11 de Setembro.

O telemóvel vibrava ininterruptamente no bolso das calças de ganga, ela devia atender sem demora, mas sentou-se junto dele, sobre o braço do cadeirão. Quase encostada a ele. O seu ombro roçava-lhe o braço. Sentiu o seu cheiro. Impediu-se de pousar a mão nos cabelos dele. Observou-o a ver as imagens. Enquanto o proprietário do apartamento aguardava numa cela para ser interrogado.

— Como se chama? — acabou ela por perguntar.

— Tenente Beaulieu.

— Comissária Blanc.

— É a nova? — perguntou-lhe ele sem qualquer constrangimento, apesar de se dirigir a uma superiora hierárquica.

— Sim.

Falava com ela sem desviar os olhos do ecrã, como um adolescente mergulhado no videojogo de um cenário catastrófico.

Saíram por volta das nove da noite, siderados de terror, e encontraram, assombrados, as ruas desertas.

Parecia um domingo de janeiro, em Lyon. Todos os habitantes se tinham refugiado nas suas casas. Os bares, habitualmente muito concorridos àquela hora, estavam fechados ou vazios.

Engoliram uma sandes e uma cerveja, os olhos postos no ecrã de um televisor que alguém tinha ido buscar para a ocasião e posto de lado sobre o

balcão da cervejaria. Todos os canais repetiam sem cessar as imagens dos dois aviões a despedaçarem-se contra as paredes de vidro. Quatro clientes viam o símbolo do poderio económico dos Estados Unidos ruir como um baralho de cartas, sem resistência.

Marie-Castille perguntou onde morava Étienne.

— Um pequeno apartamento, não longe daqui. E você?

— Um apartamento mobilado arrendado, enquanto espero por si.

Ela corou.

— Perdão, enquanto espero alternativa… Tenho medo de ir sozinha para casa, esta noite. Posso ficar consigo?

Étienne não acreditou. Aquela mulher não tinha medo de nada. Isso sentia-se na forma como ela o mirava às escondidas. Agradou-lhe. Um lado arrapazado mas, paradoxalmente, muito feminina. Anéis nos dedos, sem aliança, talvez uns dez anos mais velha do que ele. Cabelos loiros curtos, boca sensual, olhos verdes. Um olhar ao mesmo tempo malandro e curioso.

— Aviso-a: a minha casa é uma confusão. Todas as mulheres da limpeza que contrato acabam a tomar ansiolíticos.

Ela seguiu-o como um cãozinho. À descoberta do apartamento de solteirão de Étienne. Não havia vestígios nem de mulher nem de criança.

Celibatário.

Disse logo de si para si que tinha de o prender nas suas malhas antes que outra o fizesse. Inteligentemente, com pezinhos de lã.

Marie-Castille veste um roupão e entra sem bater no quarto de Louise. Louise não está a dormir: bebe um chá, sentada no parapeito da janela, a olhar para a rua, como se esperasse a cunhada.

— Há já muito tempo que ele está doente?

— Sim, há mesmo muito.

— Sabias que o Étienne ia embora?

— Sim.

— Foi por isso que discutiram ontem?

— Sim… Eu queria que ele falasse contigo.

Marie-Castille fecha os punhos e engole as lágrimas. Rios de desespero e de rancor que a submergem.

— E o Valentin também sabe?

— Sim. Deu com mensagens trocadas entre mim e o Étienne.

Marie-Castille apara este novo golpe. Era como se todos tivessem andado a conspirar nas suas costas. Como se ela fosse a inimiga ou o elo fraco. Aquela que não é capaz de conviver com a realidade.

— Não há mesmo mais nada que se possa fazer?

Louise soçobra. Parece exausta. Como um soldado valoroso que tivesse perdido as armas no campo de batalha.

— Há sempre alguma coisa que se pode fazer, tentar. Não digo que ficasse curado, mas um tratamento poderia prolongar-lhe a vida.

— Ele sabe disso?

— Disse-lho cem vezes. Nem quis ouvir.

— Decidiu morrer — diz Marie-Castille, como se falasse consigo própria. — Sabes onde estão?

— Não faço ideia.

— Acho que mereço saber a verdade.

— Não sei onde estão. Juro-te. Partiram os três durante a noite.

*

Fomos buscar Étienne às quatro horas. Ele esperava-nos ao fundo da rua, com um saco de viagem ao ombro.

— Esse carro é de quem? — perguntou ele a Nina.

— Do meu namorado.

— Tens um namorado?

— Sim.

— Um tipo normal?

— Sim.

Eu nem piei. Sentada atrás, belisquei-me para não abrir a boca. Não revelar o que me contaram sobre Grimaldi.

Fomos até Mâcon. Étienne roía as unhas enquanto examinava um mapa da Europa desdobrado sobre os joelhos. Hesitava entre Itália e Grécia.

— Vocês podem ficar comigo quanto tempo? — perguntou-nos.

— Não tirei muitas férias desde que comecei a trabalhar no abrigo.

— Isso quer dizer quanto tempo?

— O tempo que for preciso.

Étienne virou-se para mim.

— E tu?

— O mesmo.

— Seja como for, não será muito tempo…

Não deixou que a voz lhe tremesse. Prosseguiu de imediato.

— Queria… agradecer-vos. E também pedir-vos desculpa…

Nina e eu ficámos em silêncio enquanto Étienne traçava com o dedo eventuais trajetos sobre o mapa. Acabou por remexer no bolso e tirar um euro.

— Coroa, vamos para a Grécia; cara, vamos para Itália.

Lançou a moeda ao ar, virou-a sobre as costas da mão.

— Cara.

69

Outubro de 2000

Havia muito tempo que não contava toda a verdade a Emmanuel. Ele esperava, tenso, sentado no sofá da sala. Eram oito e meia da noite. A cozinheira tinha feito um empadão e uma salada de alface. Como Nina não comia carne, rapava o puré do cimo, mas aquilo enojava-a. A empregada já não se escondia para revirar os olhos quando Nina aludia à confeção dos pratos. Para ela, ser vegetariano era uma mania. Um simples capricho. Por vezes resmungava: «Se ela tivesse fome, bem que comia um bife. Vê-se logo que não viveu a guerra.»

Tu também não viveste a guerra, pensava Nina, mas fazia de conta que não a tinha ouvido.

— Passei o dia em Lyon — começa ela. — Tinha de ir entregar uma coisa a Étienne.

— Que coisa? — perguntou Emmanuel, irritado.

— Uma coisa antiga que encontrei.

— E o teu telemóvel? Tentei ligar-te o dia todo.

— Esqueci-me de o carregar.

Ela vê-o fechar os punhos. Emmanuel nunca fora à bola com Étienne. Sem dúvida demasiado belo e demasiado arrogante, emana dele uma força tranquila que o irrita. E depois Nina continua a amar Étienne, ao passo que o seu marido lhe inspira repulsa. Ainda que ela se esforce por sorrir o tempo todo, o seu corpo não sabe mentir.

Há quanto tempo é que ela finge os orgasmos? Quantas mulheres os fingem, quando na verdade sentem um profundo tédio ou nojo?

Quantas, pensa ela quando finge o orgasmo, *quantas fazem a mesma coisa que eu, neste momento?*

Nina já não pode com o marido. Em todos os sentidos da expressão. Até o cheiro dele lhe dá náuseas. Habituou-se a respirar só pela boca, quando ele está presente.

Falou disso a Étienne, depois de lhe ter entregado a carta de Clotilde: «Vou deixar o Emmanuel.»

Ao levantar-se, de manhã, tinha a decisão tomada. *Tenho de ir ver o Étienne. Devo-lhe a verdade e a carta da Clotilde.*

Primeiro tentou contactá-lo várias vezes por telefone e, à terceira, Étienne acabou por atender.

Frieza na voz, quando a reconheceu. Punha-lhe sempre má cara, depois do Ano Novo anterior. Nina nem o deixou mandar uma boca. Debitou tudo de rajada, de forma urgente:

— Tenho uma coisa para ti… Vou levar-ta hoje. Saio de La Comelle dentro de cinco minutos. Explico-te tudo quando te encontrar em Lyon.

Houve um longo silêncio.

— Eu espero por ti. Vai ter comigo ao comissariado. Vamos comer qualquer coisa juntos. — Depois Étienne deu-lhe a morada. — Vais ver, é fácil dar com o sítio, há um parque de estacionamento mesmo ao lado. Que carro é que tens?

Sempre aquela obsessão por carros.

— Um *Polo* preto.

— *Okay*.

Desta vez Nina ouviu na voz de Étienne a alegria de a ir rever. Mesmo de má cara, não sabia fingir. Quando ela chegou, achou-o preocupado. Antes até de a beijar, disse-lhe:

— O que tens para me dar? Uma fotografia da turma?

— Para já, bom dia.

— Olá, desculpa.

Ao contrário de Adrien, Étienne não tinha mudado. Continuava o mesmo tosco. Não tinha coberto a sua verdadeira natureza com várias camadas de dourado. Sentiu-se feliz por o ver. Apertou-o muito tempo nos braços, murmurando:

— O que é que nos aconteceu? Porque é que nos perdemos?

— Lembro-te que *tu* é que nos deixaste como lixo à porta de casa, na passagem de ano.

— Se tivesses miolos, terias percebido que não tive escolha.

— Tem-se sempre escolha. O divórcio não foi feito para os cães.

Ele arrastou-a para o exterior. «Anda, vamos pirar-nos daqui.» Percorreram algumas ruas ao lado um do outro. Ela tinha-lhe dado o braço. Quando eram crianças, ele detestava que ela fizesse aquilo. «Para com isso,

ainda julgam que és minha namorada.» Adrien, por seu lado, aceitava aquele gesto de bom grado.

— Há um bom lionês na esquina, mas é mais cabeça de vaca e mioleira de borrego, não sei se te vai agradar — ironizou Étienne.

Riram-se em simultâneo. Entraram numa cervejaria ao meio-dia e dez.

— Não posso demorar, senão o Emmanuel mata-me — disse Nina, olhando para o relógio pendurado na parede.

— Se ele te tocar alguma vez, ligas-me.

— É demasiado manhoso. Se um dia me tocar, será demasiado tarde.

Instalaram-se num canto, Étienne mandou vir uma garrafa de vinho.

— Um chui pode beber? — admirou-se Nina.

— Estou de férias.

— Desde quando?

— Desde que me ligaste esta manhã.

— Gosto mesmo de te ver… Já viste, estou feia.

— Não estás feia, só tens um rabo grande. Como boa mulher casada que és. Vocês acabam todas por acumular gordura.

Nina contou como era o seu quotidiano com Emmanuel, sem exageros nem lamechices. Via o fim do túnel, saía de uma espécie de obscuridade depois de se ter deixado encerrar numa engrenagem infernal. Os seus atos e gestos vigiados pelo marido e pela cozinheira. Nenhuma privacidade, nem sequer no seu próprio quarto, onde a outra podia entrar sem bater para arrumar roupa nos roupeiros. A obsessão de Emmanuel em ter um filho. A contraceção que ela tomava às escondidas. Sem dinheiro de bolso. Nem o carro lhe pertencia e todas as suas compras eram passadas a pente fino pelo contabilista de Damamme.

— E eu que te julgava nas tuas sete quintas…

— Todos julgam.

— E a casa do teu avô?

— Há muito que ele a vendeu…

Sim, ela tinha de sair daquilo, encontrar um emprego, só tinha vinte e quatro anos, apesar de parecer ter trinta. Ia emagrecer, tomar as rédeas do seu corpo e do seu espírito.

Teria certamente necessidade dele para a proteger, porque estava sozinha no mundo. Porque não ousava falar daquilo a Marie-Laure, e refugiar-se em casa dos pais de Étienne parecia-lhe a pior das ideias. Seria o primeiro sítio

aonde ele iria. Tinha de sair de La Comelle, pirar-se. Caso contrário, o marido encontrá-la-ia. Em janeiro, ele iria novamente três semanas em viagem de negócios e ela aproveitaria para desaparecer. Esperar mais três meses não seria muito amargo, depois do cálice de fel dos anos já passados. E por falar em cálice, tinha de confessar a Étienne que bebia bastante todos os dias, para suportar a prisão dourada.

— Caraças! — exclamou Étienne. — A tua vida é puro Zola. Lembras-te, no liceu? Tínhamos de ler *A Taberna, Nana, Germinal*… Ficava mesmo aborrecido, quando mos lias em voz alta no teu quarto. Pois bem, o que me contas é parecido.

Riram-se imenso. Riram de si mesmos, das suas más escolhas. Depois Nina desviou o assunto para Adrien. Contou a Étienne que tinha ido a Paris para se refugiar em casa dele. Que ele a tinha ignorado de tal forma na noite da peça que ela quase morrera de desgosto.

Étienne defendeu a causa de Adrien.

— Talvez seja por causa do que diz no seu livro.

— Qual livro? — perguntou Nina.

— *Branco de Espanha*.

— De que estás a falar?

— Pensava que sabias.

— Sabia o quê?

— Foi ele que escreveu esse livro.

Nina demorou a processar a informação. *Branco de Espanha*… O romance onde ela tinha escondido os sobrescritos. Como era possível que ela não soubesse? Que Adrien não lhe tivesse dito nada?

— Deves estar a confundir. Foi um Sasha qualquer coisa que o escreveu.

— É pseudónimo.

— Foi a Louise que te disse?

— Sim.

— E fala de quê?

— Verás.

Segunda traição. Nina sentiu-se à beira das lágrimas, mas engoliu-as. Tinha afastado a imagem de Adrien a ignorá-la no teatro. Pensava que ele era seu amigo, seu irmão, aquele que lhe jurara amor eterno, e agora já não era nada de nada. Nina mudou propositadamente de assunto, fez perguntas

a Étienne — sem no entanto esquecer o que acabara de saber. Como estava Louise? Como corria a sua vida em Lyon? Ele estava apaixonado?

— Tenho cara de estar apaixonado? A sério, Nina. Achas? Mas, francamente, fiz a escolha acertada. Quando tenho três dias, vou esquiar ou surfar, tenho o mar e a montanha não muito longe. Os meus colegas são simpáticos… os cafés frios, o medo na barriga, o cansaço no final das detenções, apanhar o mesmo tipo todos os meses porque um juiz resolveu dar-lhe uma última oportunidade. Chegar aos locais de crime. Depois, até apanhares o culpado, não largas nada. Nem dormes.

— Já investigaste a Clotilde?

Étienne soçobra.

— Sim. Porque me perguntas isso?

— Quando era pequena, roubava o correio do meu avô. Foi por isso que ele me pregou aquele tabefe na escola. Lembras-te?

— Claro que me lembro. Sempre me perguntei porque o teria feito.

— Quando ele morreu, senti-me culpada. Pensei que era culpa minha… Que Deus me castigava.

— Sabes que não acredito nesse tipo de disparates.

— Eu sei. É uma história comprida, mas, no ano passado, recuperei a sacola que o meu avô levava consigo no dia em que morreu. Estava cheia de correspondência que ele não teve tempo de distribuir. Ninguém soube… Li tudo, tornei a colar os sobrescritos e fui metê-los nas caixas de correio… cinco anos mais tarde.

— Estás a falar a sério?

Nina baixou os olhos e não respondeu. Étienne estava treinado para detetar as mentiras dos outros, isso fazia parte do seu quotidiano, percebeu que ela não inventava nada. E para quê inventar tal coisa? Recordou-se do dia em que, no pátio da escola, Pierre Beau irrompeu como um louco para bater na neta. Aquilo marcara-o profundamente. Não conseguira protegê-la. Como hoje. Como com o outro tarado que lhe servia de marido. Era capaz de defender pessoas cuja identidade ignorava, mas não a sua amiga de infância.

— Nessa correspondência — prosseguiu Nina —, havia uma carta para ti. Uma carta da Clotilde.

Étienne perguntou a si próprio se estaria no meio de um sonho, como é que aquela conversa tinha conseguido aparecer num pesadelo. Nina deu-se

conta da perturbação dele, leu o pânico no seu olhar.

— Que data é que tem essa carta?

— É de 10 de agosto de 1994. Dois dias antes do acidente do avô…

Étienne ficou pálido como um morto.

— Mas não a abriste, calculo.

— Abri. Na noite em que o Adrien me traiu… estava furiosa com ele, contigo… E durante dias perguntei-me se deveria ou não dar-ta.

Ela tirou e estendeu a carta a Étienne, que a leu várias vezes em silêncio. De tempos a tempos, lançava um olhar assassino a Nina. Sentia uma vergonha imensa, ferido no seu orgulho. Tirando Adrien, nunca revelara a ninguém que Clotilde estava grávida.

Guardou a carta no bolso interior do blusão.

— Sabes que podia prender-te por roubo? Sabes que aquilo que fizeste é passível de pena de prisão?

— Lamento muito… Não tornarei a fazer, eu…

Nina não pôde terminar a frase. Ele ergueu-se, lançou umas notas para a mesa — «Para a conta e a tua gasolina» —, e deixou-a na cervejaria, partindo como um louco. Nina gritou o seu nome, mas ele nem se voltou.

Sozinha no mundo. Encaminhou-se para o carro no estacionamento e regressou a «sua casa».

Emmanuel continua a observá-la do sofá.

— Vamos para a mesa? Estou esganado de fome, com todos esses disparates… O Étienne está bem?

— Sim — responde Nina, sentando-se à mesa.

Servem-se, Nina a rapar, como sempre, a cobertura do empadão. É então que Emmanuel larga a bomba.

— Liguei para uma instituição, para adotar uma criança.

— Perdão?

— Ouviste bem.

De costume, àquela hora, Nina teria já bebido uns copos para conseguir suportar Emmanuel. Mas naquele dia estava sóbria. Dá-se conta de que já nunca o está, quando ele se encontra presente, e isso desde há anos.

— Comprometeste-te sem me falar do assunto? A mim? A mãe?

Ao pronunciar aquelas duas palavras, «a mãe», Nina cospe o puré sobre a mesa, perante o olhar estupefacto do marido. Ela própria fica surpreendida. Vai buscar um pano, limpa, envergonhada.

E, contra tudo o que seria de esperar, é tomada por um riso descontrolado e irreprimível.

— Estiveste a beber? — pergunta-lhe Emmanuel.

Aquela pergunta só lhe dá mais vontade de rir. Tenta articular: «Por uma vez, não», mas não consegue. Está dobrada em dois na cadeira. Desde quando não se ria assim? Lembra-se das palavras de Étienne: «A tua vida é puro Zola.» É impossível esquecer aquela frase, aquela constatação implacável.

Ela vê-se na sua cozinha caríssima, junto do marido com que todas sonham, a rapar puré porque detesta carne e a cozinheira faz questão de lha servir, e a acabar de saber que ele se candidatou a uma adoção sem a consultar.

«A tua vida é puro Zola.»

Aquilo que deveria fazer chorar as pedras da calçada surte nela o efeito oposto. O seu riso nervoso reverbera nas belas tapeçarias da casa que ela habita sem lá viver.

Nathalie aproxima-se deles, com um ar de dúvida, e naquele momento, ao vê-la, Nina como que recebe um eletrochoque.

O que está ela a fazer ainda aqui?

Nina sente dificuldade em respirar. Está na iminência de ter um ataque de asma. Endireita-se na cadeira e já não ri. Desata a gritar à cozinheira:

— Desapareça da minha casa! Não quero vê-la mais! Xô! Desapareça!

Confusa, a outra olha para Emmanuel, para perceber o que deve fazer.

— Pare de olhar assim para o meu marido! Sou eu que estou a falar consigo, vá-se embora imediatamente!

Nathalie pega no sobretudo que está no vestíbulo e bate com a porta sem se virar.

— O que é que te deu? — pergunta Emmanuel à mulher.

— O que me deu é que não quero filhos. Nunca quererei. Enganei-te na mercadoria. O que me deu é que me pergunto, sim, pergunto-me como é possível que tenhas iniciado um processo de adoção sem me consultar!

Ela começa a tremer. Acaba de libertar as palavras presas há demasiado tempo. Saem mal, como tudo o que se deixa sair sob o domínio da fúria. A reação de Emmanuel é tão inesperada como o riso descontrolado dela: sorri-lhe com desprezo. Seguro de si, olha-a de cima como se ela não valesse nada

ou fosse um objeto que tivesse começado a falar, uma incongruência. Então, ela lança-se a ele para lhe bater. Primeiro nos ombros, depois nos braços, nas costas, na barriga, ela bate, cega de raiva, bate ainda mais, dá-lhe pontapés. Ele sorri cada vez mais abertamente. Quando ela percebe o que está a fazer, começa a gritar. Ele olha para ela, nunca deixando de sorrir. Um sorriso que dá medo, aterroriza, mesmo.

— Minha pobre rapariga… Eu apanhei-te na rua. E, acredita, vamos ter esta criança. E tu vais tratar dela de dia e de noite. Agora, vais fazer-me o obséquio de telefonar à Nathalie e pedir desculpa.

— Nunca.

— Pensa bem. Posso mandar-te internar agora mesmo. Os manicómios estão repletos de pessoas como tu: solitárias, depressivas, ociosas e alcoólicas. Tenho um braço comprido. Um telefonema ao nosso respeitado médico de família e acabarás a tua vida num colete de forças. Deixarás até de saber como te chamas. Nunca te esqueças, nunca, de que és minha mulher… Os processos, sou eu quem os assina — processo de adoção, processo de divórcio, processo de internamento. E não contes com os teus supostos amigos para te virem buscar: o bófia e o larilas estão-se nas tintas para ti. Deixar-te-ão afundar na merda sem mexerem o mindinho. A única pessoa que te ama e com quem poderás sempre contar à face da Terra sou eu. Mas isso és demasiado estúpida para perceberes.

Emmanuel sobe para o quarto, deixando Nina a limpar os restos do jantar.

*

Uns minutos mais tarde, Nina também sobe. Despe-se, toma um duche, pensa na cólera de Étienne e na palavra «adoção» pronunciada pelo marido. Aplica creme no corpo sem olhar para ele, encosta-se docilmente a Emmanuel. Como um cão que tivesse desfeito um sapato ao dono e procurasse o seu perdão.

Deixa que ele a possua, geme por encomenda.

Quando o marido adormece em cima de si, aguarda uns vinte minutos, de olhos abertos na obscuridade. Depois empurra-o delicadamente para o lado, ergue-se sem fazer barulho, acende o candeeiro da mesa de cabeceira e pega em *Branco de Espanha*, mesmo ali ao seu lado, à mão de semear, desde o dia da final do campeonato do mundo de futebol de 1998. Recorda-se

perfeitamente do momento em que o pôs no carrinho de compras. Foi um momento feliz. Não cessava de dizer de si para si, desde essa manhã: *Esta noite, o Étienne e o Adrien virão.* E eles chegaram juntos. E ela engoliu as lágrimas para que Emmanuel não visse que ela amava aqueles seus dois amigos bem mais do que a ele. E também lá estavam os lioneses. Gritaram todos de alegria diante do televisor.

Aquele foi o último dia bonito do resto da sua vida. Depois dele, os três perderam-se de vista. E a partir daí foi sempre a descer.

Os vazios, os silêncios e as ausências foram-se introduzindo entre os telefonemas e os reencontros. E ela arrumou o romance cuja contracapa a deixara sonhadora, hesitante. Como se ela tivesse passado ao lado de Adrien sem o saber. Há livros que falhamos, como certos encontros: passamos ao lado de histórias e de pessoas que poderiam ter mudado tudo. Por causa de um mal-entendido, de uma capa, de um currículo sofrível, de um *a priori*. Felizmente, a vida por vezes insiste.

*

«*A aparência não é nada. É no fundo do coração que está a chaga.*»

Eurípides

Tenho três anos. Fazemos rodas no recreio. Há bolas, arcos no chão, jogos desenhados a giz. Por vezes, separam-nos. Meninas com meninas, meninos com meninos. Eu fico no grupo das meninas. As pequenas riem-se. Engulo os seus risos como aos marsmallows *que nos dão depois da sesta.*

Tenho seis anos, digo-o a alguém pela primeira vez. Confio-me. É um velho que não conheço e não me inspira confiança particular. Lembro-me de que cheira mal, tem sobrancelhas hirsutas grisalhas e uma tez de cera.

Tenho uma amigdalite aguda, ardo em febre sobre a mesa de auscultação. A minha mãe está na sala de espera. É a primeira vez que estou a sós com um adulto.

«Um médico está lá para te tratar quando tens uma dor algures.»

Tenho uma dor algures.

Há já cinco minutos que decifro, fascinada, dois cartazes pregados numa parede, junto de uma régua vertical. A ilustração de um rapaz e de uma rapariga pré-púberes. Com os nomes de todas as partes do corpo e dos órgãos.

São idênticos. Tubo digestivo, fígado, rins, estômago, braços, pernas, pés, coração. Só no baixo-ventre os nomes diferem. Tenho dificuldade em ler «órgãos genitais» e não faço a menor ideia do que significa.

Subjugada por estas imagens, abro pela primeira vez a caixa que contém o meu segredo:

— Sou uma menina.

— Como? — diz o homem, concentrado no tensiómetro.

— Sou uma menina.

O médico franze as sobrancelhas revoltas, o que lhe confere um ar bonacheirão, por causa da confusão com que fica na testa. Mas, de repente, parece um palhaço, daqueles que me dão medo mas fazem rir as outras crianças nos circos e nos aniversários. Ele não responde e pousa uma das manápulas ásperas na minha testa.

— Estás a arder, e deliras, pequeno.

— O que é «delirar»?

— Ficas doido. São os sintomas da febre.

Queria engolir o meu segredo, mas as últimas palavras saem por si. Quando se desaloja uma frase prisioneira há muito tempo, ela aproveita a liberdade.

— Mas a minha pilinha vai desaparecer com que idade?

Ele deixa de franzir as sobrancelhas e agarra-me pelos ombros. Magoa-me. A tez de cera desaparece e é como se todo o sangue no seu corpo lhe subisse à cabeça. Fica com a cor de um litro de carrascão.

— Quem é que te disse esse disparate?

Percebo então que preciso de construir um muro à volta da menina que tenho dentro de mim. Encerrá-la no silêncio. Por isso minto. Dissimulo. Começo a rir, a garganta a arder.

— Ninguém. Ouvi um colega falar disso na escola…

— Não se fala dessas coisas, ouviste? Os teus pais fizeram-te como és: um menino. Nasceste menino, morrerás menino. Não te imagines outra coisa. São ideias contranatura.

— O que é «contranatura»?

— É o diabo… E deve-se expulsar o diabo do espírito… Da cabeça, se preferires. Para isso, é preciso estudar bastante na escola e fazer muito desporto.

Regressa ao seu lugar atrás da secretária, receita-me um antibiótico, aspirina, um spray *e pastilhas para a garganta.*

Estendo-lhe o cheque que a minha mãe preencheu e digo-lhe: «Adeus, senhor doutor.»

Não volto a falar do assunto.

*

Emmanuel acorda. Diz a Nina que no dia seguinte começa cedo, que a luz o impede de dormir. Nina fecha *Branco de Espanha* e apaga o candeeiro.

Treme.

Apaga o candeeiro. Sim, ela apaga o candeeiro como aquelas pessoas que não querem ver mais nada. Fechar as portadas, trancar as portas com duas voltas.

Aperta o livro contra o peito, cheira-o. Procura o odor de Adrien entre as folhas, o perfume da sua pele, ou de *outrem*. Como é que ela pôde não ter percebido, adivinhado?

Durante oito anos, comeram juntos, caminharam, dormiram, tomaram duches, fizeram os trabalhos de casa, nadaram, cantaram juntos. Telefonavam-se todas as noites, antes de adormecerem. «O que é que estás a fazer, o que estás a ver, o que estás a pensar?... Boa noite, adoro-te, até amanhã.»

— Porque é que nunca dizes nada, Adrien?

— Estou bem. Estou a ouvir-te.

Durante oito anos, nunca se deixaram. Desde a primária ao liceu. Fizeram planos para o futuro, jura de sangue, choraram, riram, tremeram. Apoiaram-se, prevendo ou sentindo o que o outro se preparava para fazer, para viver, mesmo quando não estavam juntos.

Ao saber o que Adrien escondia, abafava, Nina fica com a sensação de não se conhecer. Quem é ela? Quem é esta pessoa ingénua e cega?

Tem a sensação de ser daquelas mulheres cujos maridos são criminosos de guerra ou assassinos em série e elas não sabem nada.

Porque estão em negação.

Porque o seu inconsciente não quer ouvir.

Levantam-se uma bela manhã, como todas aquelas idiotas das histórias — Branca de Neve, Bela Adormecida, Capuchinho Vermelho —, e caem das

nuvens quando são confrontadas com a realidade.

De início, Nina viu aquele romance como uma acusação. Um dedo apontado a ela: «Não percebeste nada. Não gostaste de mim.»

Mas quando releu *Branco de Espanha* acabou por entender que o rapaz e a rapariga eram a mesma pessoa. A pessoa com quem ela tinha convivido durante oito anos.

A sua atração por leitura, escrita, cinema, azul, babás com rum, bolo-rei, Louise, ovos quentes e o verão, e a sua aversão a cobras, palhaços e carnavais eram de um único ser físico.

70

26 de dezembro de 2017

Vou deitada no banco de trás, observo as nuvens pelo vidro do tejadilho. Os pingos de chuva esmagam-se, parecem agarrar-se uns segundos e depois deixam-se levar pelo vento.

Étienne vai sentado no lugar do morto.

Nina conduz devagar, o que parece irritá-lo, mas ele não diz nada. Nina e eu não ignoramos que ele treme de impaciência. Lança olhares furtivos e desesperados ao velocímetro, que mostra cento e dez quilómetros por hora, apesar de estarmos numa autoestrada.

Combinámos à saída de La Comelle: Nina e eu revezamo-nos ao volante e paramos a cada duzentos quilómetros, para tomar um café e comer qualquer coisa.

— Eu concordei com a vossa companhia na condição de ser eu a conduzir… Não estou incapaz. Tenho um cancro.

Nina capitulou.

— Duzentos quilómetros cada um. Dividimos a viagem pelos três.

Também nos pusemos de acordo quanto à escolha de estação de rádio: RTL2, uma mistura de *pop rock* que segue mais ou menos os nossos gostos.

Na terra todas as noites
Contigo
De braço dado em todo o lado
Sei tudo da tua vida
Deus disse-me
Meu amigo, vem, sei tudo de ti…

É ao ouvir as últimas notas de *Karma Girls*, uma canção dos Indochine, que me decido a falar.

— Fui visitar o Py.

A minha frase lançada no habitáculo tem o efeito de um petardo. Nina trava bruscamente, eu desequilibro-me e agarro-me ao apoio de cabeça dela. Ela passa para a direita e fica entre dois camiões.

Étienne, que me parece ter uma cara de *papier-mâché*, desliga o rádio e olha para mim pelo retrovisor.

— Quando? — pergunta Nina sem tirar os olhos da estrada.

— Quando me mudei outra vez para La Comelle.

— Onde?

— A casa dele.

— Que idade tem agora?

— Não sei. Deve andar nos oitenta…

— Porque é que fizeste isso? — pergunta Étienne.

— Precisava de o olhar nos olhos, com a minha visão adulta. Toquei à porta, foi ele que veio abrir. Reconheceu-me logo. Não foi capaz de dizer palavra. Olhámos um para o outro, talvez um ou dois minutos, em silêncio, e eu pus-lhe um exemplar de *Branco de Espanha* nas mãos. Ele aceitou-o, mudo. Regressei ao carro. Quando voltei a olhar, depois de arrancar, ele já tinha fechado a porta.

— O que sentiste ao revê-lo?

— Encerrei qualquer coisa. Definitivamente. Aliviou-me.

— Achas que ele o leu?

— Não faço ideia. Mas agora tanto se me dá.

*

Tenho dez anos. Estou no 5.º ano. Acabei de estar com os meus dois amigos, um rapaz e uma rapariga. Graças a eles, já não me sinto sozinha. Adoro-os.

Para os outros, sou um magricela sem interesse. Ignoram que tenho uma rapariga escondida cá dentro.

Um segredo de família só meu.

Como a bastarda de alguém. A que é mantida na cave e só pode passar por portas e corredores dos fundos, para nunca ser vista por ninguém.

A ilegítima repudiada pelas religiões e pelo estado civil. Que não será batizada nem receberá a extrema-unção. Enfim, aquela que nunca será nomeada.

Não, ninguém pronunciará o meu nome verdadeiro.

Mais tarde, descobri-lo-ei, chamar-mo-ei.

Faço listas. Élodie, Anna, Marianne, Lisa, Angèle, Virginie.

Tenho dez anos. Os meus dois amigos e eu somos inseparáveis. Por vezes,

gostaria de lhes dizer quem sou; tenho esta rapariga debaixo da língua, mas não me atrevo. Engulo.

Tenho medo que me rejeitem, me julguem.

Nós, é três ou nada. É três ou a solidão.

Se me repudiassem, ficaria no exílio. Aquele em que vivia antes da mudança para aqui. Quando os outros me achavam estranho, no silêncio.

A timidez é um saco onde se mete tudo para não fazermos perguntas a nós próprios.

Nas aulas, passo horas a observar as costas da minha amiga, os seus ombros, os cabelos pretos compridos, a nuca quando ela faz tranças ou as ergue com um gesto da mão.

Uma manhã, ela traz uma bandolete nova. Quando se senta à sua carteira e se inclina para tirar uma coisa da pasta, vejo uma borboletazinha vermelha com pintas brancas por cima da sua orelha. Fico de tal forma perturbada com aquele pedaço de tecido sobre o seu cabelo que me esqueço de tudo. Até de onde estou. Deixo de ouvir o professor. Entre os dedos, a minha caneta morreu. Fico enfeitiçada por aquela bandolete. De tempos a tempos, a minha amiga tira-a e volta a pô-la. Sinto vontade de lha roubar. De lha tirar das mãos.

Um pouco antes da hora do recreio, a borboleta cai nos ladrilhos da sala sem fazer barulho. Como se o chão estivesse coberto de neve fofa. O professor debruça-se para a minha folha em branco, belisca-me o braço — «Estás a sonhar, ou quê?» — e manda-me ficar na sala durante o intervalo para copiar o que está escrito no quadro.

Chamamos «mestre» a este monstro de óculos encafuado numa batina cinzenta de algodão áspero. É uma serpente que desliza entre as carteiras insidiosamente.

Saem todos da sala, exceto eu e o pequeno mártir do professor. Estou na segunda fila; ele, na primeira.

A serpente saiu da sala com os outros alunos, que ouço rir e falar alto no exterior. Imagino as brincadeiras deles. E regresso ao silêncio da sala vazia.

Observo durante uns segundos o cábula debruçado sobre a sua folha, a língua a passear-se no lábio inferior, como que perdida. Escrever exige-lhe um esforço considerável.

Eu ergo a cabeça, leio uma frase, copio-a sem dificuldade numa folha dupla

com grandes quadrículas. Mas não paro de olhar para a borboleta no chão, quase aos meus pés.

Viro-me várias vezes, ninguém.

O outro aluno ignora-me. Quando se é constantemente perseguido, esquece-se os outros à volta. Sei do que falo. Antes dos meus dois amigos, viam-me como um erro ortográfico.

Acabo por me inclinar e apanhar o gancho. É uma pinçazinha colada num pedaço de cetim, daqueles ganchinhos minúsculos de cabelo que seguram umas madeixas. Abro-a delicadamente e ponho-a sobre a orelha. Saber, compreender o que provoca trazê-la, senti-la nos meus cabelos.

Toco demoradamente o gancho como se se tratasse de um animal minúsculo que acabasse de pousar em mim. Fico desiludida, percebo que ser rapariga não reside no facto de usar um acessório. Descubro que é mais complexo, sem dúvida mais profundo. Estou perdida nestes pensamentos quando o meu olhar se cruza com dois olhos injetados de ódio: a serpente regressou à sala em silêncio. Arranco a borboleta, o cetim descola-se, levando consigo alguns cabelos.

O professor não diz nada. Sinto ao mesmo tempo vergonha e orgulho. Não baixo os olhos, fixo-o. Fico coberta de ódio, o dele. Os seus olhinhos cospem desprezo para os meus.

Nesse instante, o mestre muda de alvo preferido.

Doravante, serei eu.

71

Outubro de 2000

Nina está na secção de frutas e legumes do seu supermercado habitual quando alguém lhe põe a mão no ombro. Ela prepara-se para pesar as suas maçãs vermelhas, as preferidas de Emmanuel, sumarentas, doces e bio. No momento em que aquela mão lhe toca, Nina deixa de se perguntar como se safará, como fugirá, como porá fim àquela vida. Não vê qualquer saída. No entanto, há urgência, é preciso que vá embora antes que o marido apareça com um fedelho debaixo do braço. Ele é capaz de tudo, até de roubar um. E quanto mais tempo passa, mais ela percebe que aquela obsessão tem por finalidade não tanto ter um herdeiro, mas prendê-la. Ela nunca partirá se eles tiverem um bebé. Nina sente uma tontura, sente náuseas. Já bebeu. Três copos de vinho ao pequeno-almoço. Geralmente começa mais tarde. Mas hoje decidiu beber até cair. Porque ontem foi um dia para esquecer.

Lyon, Étienne, que a deixou na cervejaria porque ela tinha lido a carta de Clotilde, a cozinheira que ela despediu, a adoção, *Branco de Espanha*…

No carrinho das compras, dissimuladas debaixo das embalagens de salmão fumado embrulhado em vácuo, duas garrafas de uísque. Misturado com calmantes, tem ali o necessário para provocar um coma alcoólico sem regresso.

Vai reunir-se ao avô na campa dos Beaus.

A cara que farão Adrien e Étienne diante da sua campa. Como irão arrepender-se ambos de a terem abandonado.

Ou não. Para eles, Nina pertence ao passado. Afinal de contas, são os amigos de *depois* que contam, não aqueles com quem se partilhou a primária e o liceu.

Desde ontem que tenta contactar Étienne, em vão. Ele desliga-lhe o telefone na cara todas as vezes.

Adrien? Como poderá perdoar-lhe? E como poderá perdoar-se? Fazer o caminho inverso parece irrealizável.

Quem deixa de ser amigo nunca o foi.

E quanto mais o meu coração pensa nisso, mais magoado fica.

Sim, tem de partir.

Além disso, há aquela ameaça de internamento. Nina afunda-se mais a cada dia que passa e não vai ser difícil fazê-la internar. Também disso Emmanuel é capaz. Preferirá sempre vê-la encharcada em medicamentos a vê-la livre.

Aconteça o que acontecer, faça ela o que fizer, não lhe escapará.

Tudo se confunde na sua cabeça.

Até as palavras de Adrien que ela descobriu ontem à noite em *Branco de Espanha*. Retomou a leitura do romance esta manhã. Acabou-o de uma assentada, chorando todas as últimas lágrimas do seu corpo. Até Emmanuel ligar para saber se ela tinha telefonado a Nathalie, a pedir desculpa.

— Não.

— Liga imediatamente.

— Está bem.

A cozinheira atendeu ao primeiro toque.

— Bom dia, Nathalie, é a Nina. Desculpe o sucedido ontem à noite. São os tratamentos que faço para ter um bebé. Acho que me sobem à cabeça… Lamento imenso. Volte para a casa, por favor. Precisamos de si.

Nina ouviu o júbilo na respiração da outra, que não lhe respondeu.

Portanto, sim, no momento em que aquela mão pousa no ombro de Nina, que diante da balança procura o preço das *Pink Lady* há uns bons cinco minutos, ela está desesperada. É por isso que a mulher tem de insistir várias vezes, para chamar a sua atenção.

— É você?

Nina sobressalta-se.

— Como?

— Sim, tenho a certeza que é… Estou a reconhecê-la.

A mulher está radiante. Na casa dos sessenta anos, veste umas *leggings* pretas que não lhe ficam nada bem e um *top* desportivo onde se sobrepõem losangos de cores berrantes. Deve pesar uns oitenta quilos. Apanhou os cabelos mal pintados com um elástico cor-de-rosa. Os dentes são brancos, bem alinhados. A pele um pouco baça. Olhos verdes cintilantes. Nina nunca a viu. No carrinho dela, uma pirâmide de latas de comida de cão e gato.

— Como é que encontrou aquela carta?

Nina sente o chão fugir-lhe debaixo dos pés.

— Não compreendo — gagueja.

— Foi a senhora que foi à ADPA há três semanas…

Claro que é ela. Meteu na caixa de correio a carta anónima que denunciava as condições de vida deploráveis de um cão a viver numa varanda. Foi na véspera da sua ida a Paris. Nina não se sente bem. A sua interlocutora observa-lho e agarra-a pelo braço.

— Venha comigo, vamos tomar um café.

Aquilo é dito num tom doce mas firme. Que não aceita recusas. Nina não tem escolha senão seguir a desconhecida. Não compreende. Tem a certeza de que não estava ninguém no abrigo, naquela noite. Elas dirigem-se para as caixas, pagam à vez, a desconhecida repara nas duas garrafas de uísque em cima do tapete, mas não abre a boca. Limita-se a sorrir. Um sorriso bondoso. Sem segundas intenções nem pieguice.

As duas mulheres sentam-se frente a frente na pequena cafetaria da galeria comercial, ao lado de um videojogo onde se lê: AVARIADO.

— Então, diga-me, como é que encontrou a carta?

Nina não responde. Tem de ir embora. Chegar a casa antes do marido. É necessário que se desembarace daquela boa mulher gorda.

— Que idade tem? — insiste ela.

— Vinte e quatro.

— Tem a vida toda pela frente.

— …

— Chamo-me Éliane, mas toda a gente me trata por Lili.

— Como na canção de Pierre Perret…

Nina não sabe porque disse aquilo, porque referiu o cantor.

— Ah, não, Lili é de Philippe Chatel. De Pierre Perret é *Mon p'tit loup*. «Não te apoquentes, meu lobinho, é a vida, não chores…»

Nina começa a chorar. Esconde a cara nas mãos. Uma manhã, surpreendera o avô a murmurar a letra daquela canção que passava na rádio. Logo ele, que, tirando os discos da mulher, nunca ouvia música. Aquilo espantou-a. Não se atreveu a perguntar-lhe porque é que a sabia de cor.

Lili faz sinal ao empregado.

— Traga-nos dois copos de um tónico com os cafés.

— De que género? — pergunta ele.

— Do género de pôr as ideias em ordem.

Lili observa Nina.

— Isso não parece estar fácil, minha filha.

— Como é que sabia que era eu… da carta?

— Vi-a. Moro em frente ao abrigo. Quando se ouve ali o motor de um carro à noite, pode-se ter a certeza que é alguém a deixar uma caixa com uma ninhada de gatos diante do portão… Levantei-me para ver. Não esperava dar com uma jovem a meter uma carta na caixa de correio às onze da noite. E se soubesse o que aquilo me fez… não pode imaginar… Porque fui eu que escrevi aquela carta.

É estranho, pensa Nina. *Enviar a si mesmo uma carta é como enviar flores a si próprio.* Fica muda, não reage. Toma o seu café e o licor de pera em golinhos pequenos, fitando a interlocutora sem a ver. Lili está desconcertada com o desespero da jovem que tem diante de si.

— Onde vive? — pergunta-lhe, como se interrogasse uma criança perdida que procura os pais.

— Em casa do meu marido.

— A casa do seu marido não é a sua casa?

— …

— Quer comer alguma coisa?

— Não, obrigada. Tenho de ir para casa.

— Para a casa do seu marido?

— Sim.

— Ainda bem que a encontrei.

— …

— Queria agradecer-lhe… porque…

— Tenho de ir para casa…

— Fique mais um pouco… O seu marido está à espera?

Nina parece refletir antes de responder.

— Não… Ele vem por volta das sete horas.

— São só duas horas, tem tempo.

— Mas tenho coisas a fazer, antes.

Lili sente que precisa de ganhar tempo. Como quando tem de salvar uma gata vadia e prenhe que ronda uma armadilha de captura. Aquela jovem mulher parece encontrar-se à beira de um precipício cuja origem ela ignora.

Além disso, Lili nunca acreditou em coincidências.

— Há seis anos, quando enviei aquela carta para o abrigo, passaram-se dois meses sem que ninguém interviesse, até que a dona do cão foi de férias…. e deixou-o sozinho. Fui à ADPA, engalfinhei-me com a diretora à época. Perguntei-lhe o que esperava ela para reagir. Ela não sabia nada daquele caso de maus-tratos, não tinha recebido a minha carta. Não acreditei nela. Poupo-a aos pormenores, mas não foi fácil recolher o cão. Depois disso, fiquei amiga da diretora, tornei-me voluntária, comecei por passear os animais, limpar, fazer um pouco de contabilidade e trabalho administrativo, e, quando se reformou, ela pediu-me que a substituísse. No fundo, se ela tivesse recebido a minha carta, eu nunca teria ido até lá. Antes disso, fugia de lugares como aquele. Todas as pessoas que são sensíveis ao sofrimento animal evitam os abrigos. Acham que não vão aguentar. Enganam-se. Da primeira vez abala um bocado, mas depois passa.

— Eu não suportaria — murmura Nina.

— Claro que suportaria. O que é insuportável é não fazer nada.

Nina tem a sensação de que Lili já não fala dos animais, mas dela.

— Porque é que vive lá? — pergunta Nina.

— Lá ou noutro sítio… E você? Porque é que vive na casa do seu marido?

— Porque não tenho outro sítio para onde ir… É complicado. Ele descobrir-me-ia… Estou só.

Nina esmaga com raiva três lágrimas na face.

— Desculpe-me.

— Seria mais adequado pedir desculpa àqueles diante de quem nunca se chora… Toca-me que chore ao pé de mim. É o medo que impede a ação. Que paralisa. Mas, acredite no que lhe digo, é sempre possível partir. Como é que se chama?

— Nina.

*

Tudo é ainda oficioso, mas o rumor já corre: em maio próximo, a peça *Filhos Comuns* deve arrebatar a cerimónia dos Molières. Revelações, melhores atores e atrizes nos papéis principais e secundários, encenação e, sobretudo — é o que Adrien repete sem cessar a si mesmo —, a promessa de nomeação na categoria Molière para autor.

Molière para autor, Molière para autor, Molière para autor.

A cerimónia realiza-se dentro de sete meses, não pode pensar nisso. E nada é oficial.

Mas Adrien pensa nisso.

Aquele acontecimento hipotético acorda-o todas as noites.

E se me chamarem ao palco? «O Molière é atribuído a Adrien Bobin!» *E se for Isabelle Adjani a entregar-mo? Ah, não, será certamente o laureado deste ano. Quem foi ele? Dario Fo, com* A Morte Acidental de um Anarquista.

Imagina o estrondo dos aplausos. Ele a levantar-se, a afivelar a expressão de quem mal acredita, a deixar passar uns momentos de surpresa, alguns segundos, a sorrir de si para si, mostrando que interiorizou que foi mesmo o seu nome que acabaram de pronunciar, a fechar os olhos, sacudir a cabeça, abraçar os atores, o encenador… «Não, a sério, não estava à espera.» Acreditar piamente naquelas palavras. Caminhar devagar, apertar algumas mãos de passagem, subir ao palco, aceitar o seu Molière e agradecer. Pensa no discurso. A verdade é que já o escreveu e sabe de cor.

É perturbado pelo toque do telefone. Preparava-se para sair. Um jantar em casa da realizadora Danièle Thompson. Tinha adorado o filme dela *O Tronco de Natal*, vira-o três vezes. Arranjou forma de ela o saber e foi convidado por intermédio de um amigo comum.

Atende, irritado.

— Onde está ela? — grita Emmanuel Damamme.

— Desculpe?

— Onde está a Nina? Não te armes em esperto comigo, quero saber onde está ela!

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim, aconteceu que ela não vem a casa desde ontem… Está contigo?

Se alguém tivesse acabado de lhe dar um soco no estômago, Adrien não se sentiria pior. Percebe de repente que Nina fugiu de casa sem lhe telefonar, sem lhe pedir ajuda. Justificadamente. Nina está algures sem ele, e talvez nunca mais volte a vê-la.

Cala de imediato aquela dor. Sabe controlá-la. Como sabe controlar tudo o resto: o que ele é. Desde que escreveu *Branco de Espanha*, tem o coração gelado. Fechou a sua identidade a cadeado e deitou fora a chave.

Não deixa transparecer de si senão o jovem homem reservado e dotado.

Um principezinho que vai sem dúvida receber o Molière para autor.

Não tem amante. Namorisca, seduz, deixa-se seduzir, mas encontra sempre um pretexto para voltar para casa sozinho.

Menos quando se encontra com Louise.

— Não tenho notícias dela — acaba por responder a Damamme. — A última vez que vi a Nina foi há um mês, em Paris…

— Ela esteve em Paris há um mês? — pergunta Emmanuel com uma voz glacial.

Depois, ameaçador:

— Tem cuidado, Adrien, se mentires, saberei.

Adrien solta um risinho sem querer. Não sente senão desprezo por Damamme e ninguém lhe mete medo.

— Para mim, a Nina acabou há muito.

Adrien desliga. O telefone toca de novo, insistente. Ele não atende, veste o sobretudo, vai até à casa de banho dar uma olhadela à sua aparência, antes de sair. O táxi aguarda-o.

*

A Nina leu a carta da Clotilde… Étienne tem-lhe um ódio de morte. Aquilo é como uma violação. Nunca lhe perdoará. Que ela abra o correio de desconhecidos desde miúda, está-se nas tintas. Mas não o seu.

Que deceção.

Não sabe o que o magoa mais. Se Nina ter descoberto que Clotilde estava grávida dele, se ela ter profanado a sua privacidade. Um misto de fúria e vergonha que não o larga.

Aquela carta, aquele choque. Impensável só a receber agora. Aquelas palavras como que vindas de além-tumba.

*

Tenta recordar-se de Clotilde na manhã do enterro de Pierre Beau. Que olhar lhe terá lançado, pensando que ele sabia, ao passo que ele ignorava tudo sobre aquela gravidez? Impossível lembrar-se. Havia tanta gente na igreja e no adro. E todo aquele desgosto, com que não sabia lidar. A mão morta de Nina na sua. Nesse momento, o seu olhar terá sem dúvida esquivado o de Clotilde. Em todo o caso, está certo de não o ter procurado.

Do que se lembra, Clotilde não estava no cemitério. Juntou-se-lhes mais tarde, em casa dele.

Pela enésima vez, Étienne pensa na dor de Clotilde. Como deve ter sofrido por causa dele, da sua inconsequência. Ainda lhe custa a crer que ela tenha ido até Saint-Raphaël sem dizer nada. Para chegar lá e o ver nos braços de outra rapariga.

Na sua profissão, quantas vezes teve de lidar com homens que violentavam as mulheres? Que procuravam nele, na sala do interrogatório, uma espécie de solidariedade, de cumplicidade do género: «Entre homens, podemos entender-nos, às vezes um belo tabefe não lhes faz mal nenhum», ou: «Não medi a força, ela atenazou-me até eu não aguentar mais, sabe como é.»

Étienne sente por eles o maior dos desprezos. Mas, no fundo, ele não será pior?

Pede-se aos polícias que sejam íntegros, mas um homem fardado é irrepreensível? Quem poderia acreditar em tal inépcia? São menos patifes do que os outros, só porque prestam juramento? O quotidiano não é bem mais complexo do que isso? Quantas vezes Étienne ou um dos seus colegas desejaram a morte de certos sacanas? Não fazem mentalmente o julgamento de alguns indivíduos antes mesmo de eles irem a tribunal?

A imagem do carro a afundar-se no lago vai persegui-lo para sempre. E até ao fim da sua vida perguntar-se-á se Clotilde estava lá dentro. Às vezes tem vontade de regressar ao lago e mergulhar, sozinho, de noite, para saber.

Mas tem demasiado medo. Um pavor irracional.

Viu um filme com Harrison Ford e Michelle Pfeiffer que o aterrorizou. Uma amante morta pelo marido, submersa num lago próximo da casa do casal. O fantasma da morte encurralado num carro e a cabeleira loira a dançar no fundo das águas que regressava para os assombrar.

Étienne não conseguiu ver o filme até ao fim.

O telefone toca, é a mãe.

— Como estás?

— Bem.

Marie-Laure está com a voz dos dias difíceis. Das más notícias.

— A Nina partiu.

Com o choque, Étienne tem de se sentar. As pernas deixam de o sustentar. Em «partiu», ele lê «morreu». Como na palavra «desaparecida» que associa a Clotilde.

Nunca pensou, depois daquela noite de agosto de 1994, que ela estivesse algures, viva, a criar sozinha o filho de ambos.

Sentindo a perturbação do filho, Marie-Laure prossegue:

— Enviou uma carta de despedida ao Emmanuel.

Uma carta de despedida. A Nina morreu… Devia ter atendido as chamadas dela. O que ela lhe contara havia dois dias devia tê-lo alertado para a sua fragilidade. A sua vida com aquele tarado tornara-se infernal.

Étienne treme. Incapaz de chorar, de dizer uma palavra, fica sentado, o telefone encostado à orelha.

— O Emmanuel veio cá a casa esta manhã. Anda à procura dela por todo o lado. Parece louco.

— …

— Ela deixou três cópias da carta de despedida. Uma é para o Emmanuel, as outras duas são para o Adrien e para ti.

*

Emmanuel anda às voltas pela casa.

Esfumou-se, sem levar nada. Todas as coisas dela estavam em casa, quando ele chegou do trabalho. E Nathalie estava de novo na cozinha. À sua ordem, Nina telefonara à empregada, para apresentar um pedido de desculpas.

Cheiro de guisado de caça, delicioso. Ah, que belo serão eles iam ter! Ele sentia fome, estava de bom humor. Tinha passado pela joalharia para comprar um solitário à sua mulherzinha.

Na véspera tinham discutido, ela dissera-lhe que não queria ser mãe, mas tinham-se reconciliado na cama. Nina gostava de sexo, ele agarrava-a assim. Pedia mais todas as noites.

Nina? Não, Nathalie não a tinha visto. Quando pegou ao serviço, às duas horas, o carro dela não estava lá.

Onde poderá ela estar todo aquele tempo?

Na véspera, tinha ido e vindo de Lyon. Hoje deveria portar-se bem.

As horas foram passando. E o telemóvel dela continuava no atendedor.

Às dez da noite, Emmanuel pensou num acidente. Foi à esquadra comunicar o desaparecimento da mulher, mas disseram-lhe que era demasiado cedo.

— Sabem quem eu sou?

— Sim, senhor Damamme.

— Eu faço viver uma parte de La Comelle, por isso far-me-ão o obséquio de dar de imediato início às buscas.

Toda a noite e todo o dia seguinte passaram a pente fino a cidade e o campo à volta, em busca do *Polo* preto. Nem sinal.

Depois Emmanuel recebeu uma carta de Nina, enviada de La Comelle na véspera.

Fez uma pilha com a roupa dela, os seus livros, cassetes de música e de filmes, e até as escovas de dentes, no jardim, para queimar tudo. Uma grande fogueira alegre sem alegria.

Ela tinha ficado com o cartão de crédito. Mas não fora ainda efetuado nenhum levantamento. No dia do desaparecimento, tinha feito compras no supermercado a que ia habitualmente, e depois mais nada. O que comprara? Emmanuel perguntou às empregadas de caixa, mas elas não se lembravam.

O seu telefone estava agora desligado dia e noite, era impossível contactá-la.

Saberia ela há muito tempo que ia embora? Por quem? Pelo quê?

Emmanuel acabou por contratar dois detetives privados: «Pago o que for preciso, mas tragam-ma. De preferência, viva.»

Pediu a cada um que se postasse diante das casas de Étienne Beaulieu e Adrien Bobin. Mas não havia sinais de Nina, nem em Lyon, nem em Paris.

Por enquanto.

Porque a ave não tinha grandes asas. Iria forçosamente aparecer ou cometer um deslize. Voltar de rabo entre as pernas e suplicar. E nessa altura ele não a largaria.

Relê pela milésima vez a carta de Nina, apesar de já a saber de cor.

«Adrien, Emmanuel, Étienne,

Vou partir. E decido partir de livre vontade, sem que ninguém me force a isso.

Meus dois amigos, vocês iluminaram a minha infância. Foi maravilhosa, graças a vós.

Fiquei muito feliz por vos conhecer. Como fiquei muito infeliz por vos perder.

Mas é assim a vida, dizem.

Meu marido, desejo-te toda a felicidade do mundo com alguém de bem. Aquilo que eu já não sou nem para ti, nem para mim, nem para ninguém.

Beijo-vos aos três,

Nina»

Primeiro Emmanuel pensou que se tratava de um subterfúgio. Ela dirigia-se aos três em simultâneo para ilibar os outros dois. Mas informou-se: Marie-Laure confirmou-lhe que Étienne também tinha recebido aquela carta manuscrita. Posta no correio no mesmo sítio, rua da Liberté, e no mesmo dia que a dele, antes da recolha das quatro e meia da tarde.

Tinha tentado contactar Adrien, para saber se também estaria nas mesmas circunstâncias, mas o outro não atendeu.

Emmanuel foi à gendarmaria denunciar um abandono de domicílio conjugal e deu entrada com um pedido de divórcio por procuração num advogado: quando um dos elementos do casal desaparece de livre vontade e sem deixar morada, é o procedimento habitual. Porque nem se põe a hipótese de ela ficar com um único tostão da família Damamme. Ela podia pedir uma pensão compensatória, avisaram-no, apesar de eles estarem casados em regime de separação de bens. Se fosse esse o caso, ele faria tudo ao seu alcance para que ela nunca recebesse nada.

A única coisa que pode fazer bem a Emmanuel é imaginar Nina a morrer de fome num canto qualquer. Mas há pior do que isso: imaginá-la nos braços de outro homem. Emmanuel nunca pensou que pudesse sentir tanta dor. Uma dor de morte. Desde a partida dela que vive sob o efeito de antidepressivos. O médico não lhe deu escolha. Metia dó vê-lo. Já não comia, e dormia só de forma intermitente. Quando acordava, procurava-a na cama. Agora, dorme no sofá da sala.

Avisou os pais, fez a mãe prometer que lhe ligaria imediatamente se Nina a contactasse. Gé prometeu. Mas pensou que se Nina lhe pedisse ajuda ela não diria a ninguém.

72

26 de dezembro de 2017

Louise está sentada ao lado de Marie-Laure, na cozinha. Bebem um chá as duas, imersas nos seus pensamentos.

Valentin e Marie-Castille acabam de regressar a Lyon. Paul-Émile, Pauline e os filhos, a Genebra.

E pronto, a casa ficou vazia. Como todos os anos, cada um regressa à sua vida. Mas, desta vez, Étienne não voltará mais. À melancolia e à tristeza dos dias que se seguem a uma festa vêm somar-se o assombro e a vertigem do impensável.

Como é hábito sempre que se passa alguma coisa que diga respeito a Étienne, Marc está na garagem, onde instalou uma bancada de bricolagem. Deve ter encontrado alguma coisa a precisar de conserto.

Se ele pudesse consertar o nosso filho…, pensa Marie-Laure.

Está desgostosa consigo própria por não ter visto nada, não ter percebido nada. Pensava que Étienne andava apenas cansado. Além disso, naquela época do ano todos tinham má cara. Sai-se pouco, come-se em demasia, bebe-se em demasia, fazem-se muitas coisas em demasia. Entregue à alegria de ter os filhos e os netos reunidos sob o mesmo teto, não prestara muita atenção ao seu rapaz.

O meu rapaz, pensa ela.

Os filhos nunca deixam de ser pequenos nas almas das mães. Ocupam o espaço todo, mas continuam pequenos. Revê-se a beijá-lo na noite anterior, quase distraidamente. «Boa noite, meu querido, até amanhã.» Étienne sabia que não voltaria a ver a mãe, mas o abraço não se demorou. Dois beijos nas bochechas e cama.

— Não sabes mesmo para onde foram? — pergunta de novo a Louise.

— Não. Sei que o Étienne desejava luz e água. Imagino que vão para junto do mar.

— Estarão porventura em Saint-Raphaël. Os três.

— Talvez.

— O Étienne adora Saint-Raphaël… Achas que vai telefonar-nos? Dar-nos

notícias?

— Sim, seguramente.

Louise põe a mão sobre a da mãe.

— E tens a certeza de que não sofrerá?

— Sim, mamã, tenho a certeza.

Marie-Laure vê as suas lágrimas caírem na chávena. Depois olha para a filha, tão bela, tão só. É feliz? Aluna brilhante, um trabalho exigente e uma solidão que parece ter escolhido. «Assumida», como agora se diz.

— Porque é que nunca te casaste com o Adrien?

Louise nem acredita que a mãe esteja a abordar aquele assunto. Nunca falaram daquilo as duas. A história que ela vive com Adrien desde os nove anos é coisa que todos parecem saber, mas de que ninguém fala. Deve dizer-se que, à menor alusão, ela se fecha.

— É por causa do teu irmão? — insiste Marie-Laure.

— Não, fui eu que nunca quis.

— Porquê?

— Por causa dela.

— Que ela?

— Adrien.

*

A primeira vez que a vi foi no recreio da escola nova. Instintivamente, sei que não é por acaso que nos cruzamos. Sinto que ela fez de propósito para estar ali, no meu caminho, como uma flor.

Traz uma pedra na mão. Acaba de sair de um jogo da macaca, vem esbaforida, é setembro, está calor, algumas madeixas de cabelo loiro coladas ao rosto. Aliás, não é loiro, mas quase branco. Descolorido pelo verão. Ela é isso: uma pequena colegial com cabelo de prata. As suas faces ficam rosadas quando me olha.

Chama-se Louise. Tem nove anos. No entanto, Louise é tudo menos uma criança pequena.

É a irmã do meu novo amigo.

São parecidos. Os mesmos olhos azuis. Contudo, no olhar têm coisas opostas. O dele é errante, o dela é fixo.

Nunca ninguém olhou para mim como Louise. E sei, no momento em que

escrevo estas palavras, que mais ninguém olhará para mim como ela. Aquele olhar é uma sorte, a minha. Ela adivinha quem eu sou, apesar da minha aparência.

O irmão apresentou-nos: «É a minha irmã.»

Ela disse-nos: «Olá.» Revelo a minha identidade e, de imediato, ela não crê em mim. Há suspeita no modo como me fixa, como gagueja o meu nome. Sinto-o. É imediato. Não há sala de espera entre nós.

Louise é seda. É preciosa. Louise é também metal e porcelana. É uma liga de delicadeza e força. É indestrutível, terna e delicada.

Vejo-a de novo muitas vezes no recreio, à quarta-feira em casa do irmão, durante as férias. Faz parte da minha vida. Comporta-se com frequência como aquelas bonecas decorativas que se põem nos sofás. Louise é também renda. Silenciosa, de nariz enfiado num livro. Adora aprender. É a sua natureza. Do que ela mais gosta é de descobrir.

Quando sente a minha presença numa divisão, ergue a cabeça e sorri-me sem baixar os olhos e a sua face cora sempre, depois retoma a leitura sem que o sorriso se desvaneça. Pareço ser o sol de Louise, e quando alguém nos considera um astro, procuramos aproximar-nos. Encostar-nos.

Mas entre mim e ela há uma parede que me impede durante anos de sentir o seu calor: nós os três. *Os meus dois amigos e eu nunca andamos afastados. Todas as nossas vistas dão para o nosso trio. Não temos outras perspetivas. Formamos um bloco.*

Um verão, vamos de férias juntos. Louise, deitada debaixo de um chapéu de sol, sorri-me com frequência. A sua beleza perturba-me. Mas estou ocupado a dissimular junto de outras raparigas aquilo que sou. No meu modo de agir, nos meus gestos, na minha voz, «faço-me de rapaz». Não tardará que a minha voz mude.

Nesse ano, tenho catorze anos e só penso numa coisa: a minha maçã-de-adão. Quando aparecerá? Ainda não está saliente, mas até quando permanecerá assim? Barbeio-me apesar de ser imberbe, para que a barba acabe por despontar. Apesar de eu a temer como a um orgasmo. Porque tenho tanta vergonha daquela que sou? Porque é que a minha obsessão é escondê-la? Em retrospetiva, penso que sem os meus dois amigos de infância ela me teria levado ao suicídio.

E que sem Louise nunca teria conhecido o amor.

Durante aquele mês de férias, uma manhã, quando acordo, Louise está sentada numa cadeira de baloiço no quarto que ocupo. É uma bela aparição.

A casa está sem ninguém. Todos saíram, menos nós. É a primeira vez que estamos sós.

— Amas-me?

É a primeira pergunta que lhe faço. Porque não consigo acreditar que alguém me ame.

— Sim, desde pequena.

— Ainda és pequena.

— Não, tenho treze anos. Já beijaste uma rapariga?

— Na boca?

— Sim.

— Não. Nunca beijei ninguém.

— Já fizeste amor?

A pergunta deixa-me siderado.

— Bem, não, visto que nunca beijei ninguém.

— Queres que experimentemos? — pergunta-me ela.

— Fazer amor?

— Não, beijar.

Respondo que sim. Ela mete-se entre os lençóis ao pé de mim, mas não encostada a mim.

— Sentes como bate?

Toma a minha mão e pousa-a no seu seio.

Sinto o batimento do coração dela. O seu corpo é quente.

Ela despe-se sem falso pudor. Oferece-me a sua nudez enquanto lhe seguro no vestido. Não posso tomá-la a ela*, apertá-la. Somos demasiado jovens, desajeitados, receosos. É necessário respeitar uma certa distância. Percorro o corpo dela com os olhos. É bela. Invejo-a. Com a ponta dos dedos, permito-me tocá-la, gravá-la. Ela fecha os olhos, treme, geme, curva-se. Ainda tenho o vestido dela na outra mão, aperto-o com força, agarro-me àquele tecido como a uma corda, para não cair no vazio provocado pelo medo.*

Depois de um longo momento, como no fim de um imenso corredor, Louise diz: «Acaricio-me muitas vezes a pensar em ti. Queres ver como é?»

Aquilo deixa-me novamente estupefacto. Como pode uma jovem ter tanta audácia e, sobretudo, aquela confiança em mim?

Respondo que sim.

Ela deita-se de barriga, vira a cabeça para mim e olha-me. Nunca me fora dado ver alguém tão belo.

Tapo-me com o vestido dela. É como se a deitasse sobre mim. Dispo-me também eu, pego na mão de Louise, não desviamos os olhares. Ela reconcilia-me, reconcilia-nos. Já não sei nada. Sinto-me tão bem que ignoro quem sou.

Louise está apaixonada, mas quem ama ela? E qual de mim a deseja?

Sinto pavor das minhas atrações porque não as tenho. As minhas «inclinações sexuais», como se diz, não se revelam. Como sou uma rapariga, deveria gostar de rapazes. Seria a ordem natural das coisas. Mas nada é coerente. Nenhuma história de amor o é. E Louise desorganiza-me. Provoca-me ereção.

Adormecemos juntos.

Quando acordo, ela tem o meu sexo na mão.

Afasto-a: «Não, não me toques aí, isso não é meu.»

*

Na noite passada, Louise disse-me ao partir:

— Como acompanhas o meu irmão até à morte, gostaria que aproveitasses para matar o Adrien de uma vez por todas.

— O que estás a dizer é demasiado violento, Louise.

— É a vida que é violenta, eu não tenho nada que ver com isso.

Louise tornou-se cirurgiã por minha causa. Ela corrige-me sempre que emprego estas palavras: «Não por tua causa, mas graças a ti.»

Tenta convencer-me a fazer uma transição hormonal e depois cirúrgica.

A tornar-me quem sou.

Esquivo-me há anos.

Esquivar-me, procrastinar, rejeitar, deixar para depois, mentir, conciliar. Conheço todos os subterfúgios de cor.

Tenho medo.

Sei que sou uma mulher, é a minha coinquilina. Louise nunca quis viver comigo *por causa dele*. Diz que minto a toda a gente, e em primeiro lugar a mim próprio. Que ela me amará da mesma forma quando eu tiver «tetas e

rata». Quando ela emprega aquele vocabulário, fecho-me logo. Não suporto a vulgaridade. Ela sabe, serve-se daquelas palavras para me provocar. Tentou tudo.

Nunca me entendi com o meu corpo, mas nunca consegui dar o passo. Essa transição que hoje está ao alcance das «pessoas como eu», de que se fala nos meios de comunicação, que parece tão simples, rejeito-a. Louise tentou centenas de vezes dar-me a mão para que eu fizesse o caminho, debalde.

Apresentou-me a psiquiatras, endocrinólogos, mas eu não consigo falar, decidir. Irrita-se quando aludo ao médico que consultei com seis anos ou a Py. «Isso é passado. É preciso andar para a frente.»

Consegue mesmo exasperar-se até às lágrimas. Uma vez, no limite das forças, acabou por me bater, dizendo que detestava Adrien, que queria vê-lo morto. Chamou-me cobarde.

A nossa maior discussão. Não nos vimos durante onze meses.

*

São oito horas da noite. Nina, Étienne e eu estamos os três sentados de pernas cruzadas, lado a lado, em cima de uma grande cama. Acabámos de encontrar uma pensão em Savona, logo a seguir a Génova, no norte de Itália. Estamos exaustos.

Pousámos um tabuleiro à nossa frente, barramos *pesto* fresco em tostas e degustamos vinho branco, tudo comprado numa loja de conveniência. Étienne fazia questão que dormíssemos juntos. O dono da pensão não fez comentários quando pedimos um quarto para os três. Não foi difícil chegar a acordo: eu ficaria na cama individual e eles os dois na de casal.

Nina já tomou duche. Está com um pijama feio de algodão cor-de-rosa. Étienne troçou dela, quando saiu da casa de banho: «Chiça, que raio de coisa, parece saída de uma comédia de Natal.» Rimo-nos como dantes. Como quando éramos miúdos, dormíamos em casa de Pierre Beau e nos adorávamos.

Nina respondeu a Étienne que vivia sozinha há tanto tempo que dormia nua, mas achava melhor não se bambolear em pelota à nossa frente.

— Amanhã compramos-te uns trapos… e cartões pré-pagos — disse Étienne. — Tenho de ligar ao Valentin.

— E eu, ao meu namorado — acrescenta Nina.

— Se tens namorado, queima esse pijama. E o que tem esse a mais que os outros?

— É normal e simpático. Além disso, é bonito.

— O que é que sabes dele?

Não consegui deixar de intervir. Étienne e Nina interrogam-me com o olhar.

— Porquê? Tens alguma coisa a contar-nos?

— Não.

Nina muda de tom.

— Estás a mentir. Eu sei quando tu mentes. Quero dizer, agora sei. Li o *Branco de Espanha*.

— …

— Tens alguma coisa a dizer a propósito do Romain? — insiste ela.

— Pergunta-lhe porque é que saiu de Marnes-la-Coquette.

Ela fica perturbada, não percebendo aonde quero chegar.

— Como é que sabes que ele trabalhava em Marnes?

— Sabendo.

— No fundo, és um monstro. Queres sabotar-me a vida, é?

— Nada disso.

— Ah, não? Então porque é que fazes essas insinuações?

— Porque me disseram coisas.

— Que coisas?

— Que ele foi despedido dessa escola por ter tido problemas com uma aluna. E que o caso foi mais ou menos abafado.

— Quem te disse isso?

— Um colega do jornal.

— E disse-te isso como? «Olha, já agora, o novo diretor da Escola Perec teve problemas com uma aluna…»

— Não, eu fiz perguntas sobre ele.

O tom sobe. Vejo no olhar dela que me odeia. Que nada será outra vez como dantes.

— Porque é que fizeste perguntas sobre ele?

— Porque te vi entrar na casa dele.

— Seguiste-me?

— Sim.

— Psicopata!

Étienne tenta pôr água na fervura.

— Oh, oh, oh, calma, amigos.

— Liga-lhe — digo eu. — Assim ele conta-te o que se passou… E ficarás esclarecida.

— Esclarecida? E se te metesses na tua vida? Quem, de entre nós os três, está esclarecido?

— Já acabaram? — intervém Étienne, conciliador. — Podemos ver uma série?

— Qual?

— *Breaking Bad?* — propõe Étienne.

— Nunca vi.

— Também não — digo eu.

— Vocês são mesmo uns pacóvios… É só genial.

Étienne desaparece na casa de banho depois de engolir uma bateria de medicamentos. Nina e eu entreolhamo-nos longamente. Amámo-nos tanto.

— Nunca te pedi desculpa daquilo de Paris, do Teatro des Abbesses… Do meu comportamento sofrível e inadmissível. Ainda hoje sinto vergonha.

— E eu nunca te pedi desculpa por não te ver como eras. Eu que julgava conhecer-te… Eu que te julgava um irmão, quando eras uma irmã silenciosa. Uma rapariga que calavas.

— O que está feito, feito está.

— Isso.

Nina levanta-se, calça as sapatilhas sem atar os atacadores, põe a parca de Étienne sobre os ombros e sai do quarto.

— Já volto — diz-me ela.

*

Desce ao piso térreo e dá com os donos da pensão em frente do televisor. Eles sobressaltam-se ao verem-na atrás do sofá. Ela junta as mãos para pedir desculpa por perturbá-los, estende uma nota de 20 euros ao homem e indica por sinais que deseja telefonar. Por causa da paranoia de Étienne com a sua mulher comissária, ele pediu que não ligassem os telemóveis nem levantassem dinheiro. «Sob nenhum pretexto… Senão sou um homem morto…», ironizou ele.

— Guarde o dinheiro — responde a mulher a Nina, num francês perfeito.

Indicam-lhe com o mesmo gesto o telefone fixo que se encontra numa salinha contígua à cozinha. Nina marca o número de Romain, enquanto o homem, de telecomando na mão, aumenta o volume do televisor.

Romain atende logo. O que vai ela dizer-lhe? Vai falar-lhe daquela história sórdida para ficar «esclarecida»? Está bem com Romain. Não tem vontade de saber mais nada. Logo agora que alguém a despertara um pouco para a vida, quando ela já não acreditava que isso fosse possível.

— Sou eu — diz ela.

— Como estás? Vocês estão onde?

— Em Itália…

73

Dezembro de 2000

Dois meses sem saber onde ela está. Emmanuel procurou Nina por toda a parte. Até nas valetas, debaixo das camas e dentro dos armários da casa.

É de se ficar louco.

Percorreu todas as estradas de província ali à volta. Tanto de dia como de noite. Bateu a portas, ao acaso, mostrando a fotografia dela, ninguém a viu. Pediu ao *Journal de Saône-et-Loire* que publicasse o seu retrato, a pagar, com a legenda: DESAPARECIMENTO PREOCUPANTE.

O que é uma mentira. Nina escreveu a carta a Adrien, a Étienne e a Emmanuel a fim de lhes fazer saber que a sua partida fora uma escolha.

Os dois detetives que Emmanuel contratou têm agora a certeza de que ela não encontrou refúgio em casa de nenhum dos seus dois amigos.

Em casa de Adrien Bobin, nem sinais de Nina. Nem no apartamento, nem entre os seus conhecimentos. O mesmo se aplica a Lyon: Étienne Beaulieu vive sozinho e encontra-se com poucas pessoas fora das suas horas de trabalho, tirando alguns colegas e encontros de uma noite.

Quem é que resta? Quem é que poderia tê-la acolhido? Em último recurso, Emmanuel pensou na mãe de Nina. Não sabe grande coisa dela. Apenas que se chama Marion Beau e nasceu a 3 de julho de 1958 em La Comelle. «Com isto, talvez consiga encontrá-la… Com o seu número de Segurança Social», disse-lhe um dos seus dois investigadores há umas semanas.

E é com o coração à desfilada que Emmanuel lê o endereço que acaba de receber por SMS:

> Encontrei-a. Marion Beau, beco do Vilain, 3, 14640 Auberville.

Emmanuel vai logo procurar a morada num mapa: a mãe de Nina vive na Normandia. A localidade fica perto de Deauville. Conhece bem aquela estância balnear, pois esteve ali de férias várias vezes.

Segue-se uma segunda SMS do detetive:

> Quer que vá até lá?
> Não.

Emmanuel sai do escritório e avisa os colaboradores da sua ausência.

— Mas… a teleconferência e as suas reuniões de…

— Desenrasquem-se — corta ele.

Ele nunca lhes falara assim. Desde que Nina se foi, sente-se a perder o pé. Ninguém o reconhece. Sempre com o olhar no vazio. Murmura-se nas suas costas que «isto vai acabar mal».

Quinhentos quilómetros que ele faz sem pensar, de pé no acelerador. Para duas vezes para atestar o depósito, tomar um café e comer uma barrita de chocolate.

Quando chega à morada indicada, encontra uma vintena de casas geminadas, pré-fabricadas. É quase meia-noite. A rua está deserta. Uns poucos candeeiros lançam uma luz fraca sobre o asfalto molhado e as habitações sociais. Um chuvisco gélido cai sobre o para-brisas. *Aqui deve ser frio mesmo no verão*, pensa ele.

No número 3, por trás de uma cortina de poliéster, um grande televisor emite raios luminosos. Marion não parece estar a dormir. A menos que seja Nina. Será ela quem lhe vai abrir a porta dentro de minutos? Se for ela, ele vai bater-lhe. Sente-o nos punhos. Não a deixará falar nem desculpar-se. Vai arrastá-la pelo cabelo. Ela bem que poderá gritar, debater-se, que quando ele a agarrar não a largará nunca mais.

Sai do carro a titubear. As pernas têm dificuldade em sustentá-lo, sem dúvida devido ao cansaço acumulado daquelas últimas semanas. Ainda toma antidepressivos, caso contrário arrumaria o assunto sem mais delongas. Mas antes de dar cabo de si, tem uma única obsessão: levar Nina consigo. Não partirá sozinho.

Abre um portão desengonçado pelo tempo, cuja fechadura parece nunca ter fechado o que seja. Toca à porta. Aguarda um minuto. Uma mulher de olhos remelentos vem abrir, devia estar a dormir.

— É a Marion?

Ela não responde. Pergunta a si mesma o que faz à meia-noite aquele homem jovem, belo, estiloso e de sapatos novos em cima do seu capacho esfiapado. Olha de relance para o carro desportivo estacionado debaixo do candeeiro, mesmo atrás dele. Será para um programa de televisão? Patrick Sabatier e a sua equipa apareciam às vezes em casa de pessoas como ela, para lhes levarem surpresas ou presentes. Como é que se chamava o programa?

Mas já não dá na televisão, já acabou.

— A Nina está? — pergunta o janota.

A pergunta surpreende-a tanto que ela tem dificuldade em articular:

— Qual Nina?

— A sua filha.

Nunca lhe tinham falado *dela* naqueles termos — «sua filha».

Quando a deixou ao seu velho, a miúda tinha acabado de nascer. Quando pensa nela, é assim que lhe chama, para manter a distância. Nunca «minha filha». Porque nada é dela, nada lhe pertence.

Desapossaram-na há muito tempo.

Quando lhe perguntam se tem filhos, responde que não. Assim, não lhe fazem mais perguntas. De todo o modo, ela não interessa a ninguém. Nunca lhe fazem perguntas.

— Posso entrar?

Marion hesita uns segundos. Depois lembra-se de que a casa está limpa, ela limpou-a nessa tarde, de esfregona e espanador. Por isso faz-lhe um aceno com a cabeça. «Entre.»

Cheira a tabaco velho.

O televisor monopoliza toda a divisão principal. Sofá de couro falso mesmo em frente, mesa de centro e ao fundo uma cozinha onde se destaca o micro-ondas.

— Sou o marido da sua filha — diz Emmanuel num tom abatido, sentando-se no sofá.

Fecha os olhos. Percebeu, só de olhar à volta daquela divisão, que Nina nunca pôs ali os pés. Sente-se cansado. Gostaria de nunca mais se mexer. Acaba de fazer mais de quinhentos quilómetros para nada. Só para se encontrar diante daquela mulher que Nina lhe dissera ser magra e vulgar. Agora já não é magra, mas inchada, balofa, e parece desanimada nas suas pantufas enrugadas.

— Ah, não sabia que ela se tinha casado — diz Marion, vestindo um colete. — Quer beber alguma coisa?

— Se beber comigo.

Marion sorri. Abre a porta de um armário da cozinha onde estão perfiladas garrafas encetadas de xaropes *Teisseire*, *pastis*, porto e *Suze*.

— Também tenho moscatel no frigorífico.

— Venha de lá o moscatel.

Ela serve Emmanuel e serve-se ela própria de um pouco de vinho licoroso.

— Vem de onde?

— De La Comelle.

— Ah… É estranho ouvir falar de lá.

— Vive sozinha?

— Sim… E porque é que anda à procura dela?

Não consegue pronunciar nem «Nina» nem «minha filha».

— Porque desapareceu.

— Desapareceu como?

— Foi embora de um dia para o outro.

— E porque é que foi embora?

— É o que tento perceber.

Emmanuel bebeu o seu moscatel de um trago.

— Aceito mais um pouco do seu moscatel.

Marion serve-o sem demora e, de passagem, serve-se também. Um copo quase cheio. Ela não lho sugeriu, mas Emmanuel decidiu que vai dormir naquele sofá. Não tem a coragem nem a força de procurar por ali um hotel, àquela hora. Marion, sentada diante dele numa cadeira, observa-o enquanto beberica. Muito bem, ele soube tocar no ponto fraco, tal mãe, tal filha. Ela chegou quase ao fim do segundo copo.

— Repare, a maçã não cai muito longe da árvore… Eu também fui embora.

— A sua filha deu-lhe notícias recentemente?

— Não — responde ela, como se lamentasse.

Parece sincera.

— Em sua opinião, onde poderá estar? — pergunta ele com a energia do desespero.

Marion olha para ele como se fosse louco. Ou como se estivesse enganado na pessoa. Não saberá ele que ela a abandonou quando tinha dois meses?

Na verdade, não a abandonou. *Confiou-a* ao velho. E quando quis recuperá-la, era demasiado tarde. O tempo tinha passado. Ela caminhava e falava como uma boneca avariada que tivesse crescido demasiado depressa.

Regressou duas vezes para a ver, beijou aquela pequena desconhecida, não sentiu nada. A miúda pertencia ao velho e, ao confiar-lha, Marion percebeu

que a tinha perdido.

O que poderia ela ter feito, fosse como fosse? A miúda estava bem melhor onde estava.

O janota sentado diante de si, que emborca o terceiro copo, saberá que ela nunca a viu adulta?

A última vez foi no dia do enterro do velho. Marion sente o álcool aquecer-lhe o sangue. Tem sempre aquele efeito nela. Uma vontade de falar, de despejar tudo.

— Antes, eu era uma rapariga às direitas. Bonita e tudo. Também era feliz. Ria-me o tempo todo. E era boa aluna… As aparências iludem. Eu sabia palavras bonitas, isso tudo. Tinha boas notas. E depois a minha mãe adoeceu. Implorei-lhe durante meses que se tratasse, mas o meu velho nunca quis… E ela dizia: «Não, não, não te preocupes, isto vai passar.» Ele não queria que ela saísse pela porta, partisse, fosse para o hospital. Queria guardá-la só para si, que se tratasse na sua cama, em nossa casa. Chamava o médico de família, que andava aos papéis, dava-lhe medicamentos que não valiam nada. E eu suplicava aos meus pais… dizia ao meu velho: «Leva a mamã para se tratar onde conhecem a doença.» Teimoso como uma mula. Se fosse agora, tinha-a levado eu… Aquilo durou um ano. Quando ele se decidiu, era demasiado tarde. Morreu no hospital. À chegada. Nem teve tempo de desfazer a mala… Quando perdi a minha mãe, perdi a cabeça. Aquilo… matou-me. Andei na má vida. Má vida e saltar o muro para sair à noite, era o que eu fazia. Fiquei «descontrolada». O meu velho dizia isso: «A Marion está descontrolada.» Toda a gente tinha pena do velho. «O pobre», diziam todos. O pobre sacana, isso, sim.

— Quem é o pai da Nina?

Ela acende um cigarro. Um cigarro escuro, que tresanda.

— Tento deixar… mas não consigo… Quer outro copo?

— Aceito.

— O pai dela… foi para longe. Tive-a sozinha. Já lhe disse, andava na vida… Não a boa, a má.

— Porque é que não ficou com a Nina?

— Não podia. Incapaz. Posso perguntar-lhe uma coisa?

— Sim.

— Tem o número de telefone da… Nina?

— Sim.

— Pode dar-mo?

— Tem o telemóvel sempre desligado. Não serve de nada.

— É só para ter uma coisa que lhe pertence. Nem que sejam algarismos.

Emmanuel deita-se.

— Posso passar pelas brasas?

— Esteja à vontade.

Ela apaga o cigarro. Observa o homem estendido no seu sofá comprado em dez prestações sem juros na Conforama, quando ela deixou Arthus. No final ele tinha a mão demasiado pesada. Tantas bofetadas levou que fugiu.

Como Nina. Porque é que ela fugiu? Ele tem um ar simpático, o marido.

Isso é coisa que exista, maridos simpáticos?

Agora, pensa Marion*, estou sossegada. Dou comida aos gatos que andam pelo bairro, de verão rego os meus gerânios, trabalho a meio-tempo numa cantina e recebo um subsídio, não é uma vida fantástica, mas não deixa de ser uma vida. E já ninguém me chateia. Não quero mais homens, nem na cama, nem na cozinha. Já tive a minha conta…*

Mas, e ela? Porque é que ela foi embora?

*

Cinco horas da manhã. Um cão acorda-a.

Ao longo das semanas, ela foi aprendendo a distingui-los. Quem acabou de ladrar é *Paprika*, um velho *épagneul* cruzado de *cocker*. Tem a voz rouca de quem já gritou muito. Lança uma olhadela ao despertador. Porque é que está a ladrar tão cedo? Terá ouvido alguma coisa ou alguém? Habitualmente, os cães começam a agitar-se mais tarde, quando chega Lili, seguida dos empregados e dos voluntários.

A máquina do medo liga-se: é *ele* e os cães sentem-no.

É mais forte do que ela: as mãos, os músculos, o estômago, tudo se contrai, se fecha, se tranca. Paralisada de terror, fica muito tempo deitada, os olhos bem abertos, a perscrutar o teto, os sentidos alerta, procurando detetar o menor ruído estranho. Acaba mesmo por ouvir *alguém* a mexer na maçaneta da porta de entrada.

Nina levanta-se com dificuldade, são cinco e trinta e cinco da manhã, não acende a luz. Faz tudo às escuras, adquiriu o hábito de nunca acender o candeeiro de teto. Viver na obscuridade.

Arrasta-se até ao postigo que há nas casas de banho, sobe para a sanita, afasta a cortina. Não vê vivalma. As pernas tremem-lhe tanto que quase cai. Põe água a aquecer, beber uma tisana vai acalmá-la.

Sobe um pouco o termóstato do aquecimento, cobre os ombros. Sobe outra vez para a sanita e observa longamente, os olhos a perscrutarem a escuridão, todos os canis mergulhados na noite. *Paprika* deve ter sentido outro animal, uma raposa ou uma ratazana.

Lili tinha razão. No início, custa ver os animais nos canis. E depois acabamos por nos habituar. A primeira vez, olham para nós como se representássemos uma hipótese de escapar. Ou foram tão maltratados que se escondem o dia todo atrás de uma parede que os abriga do frio e dos olhares. Depois, veem-nos como a pessoa que os passeia ou lhes dá comida.

Os animais chegam de todo o lado. Principalmente das estradas, das florestas e dos caixotes do lixo. Na última semana, foram recolhidos cinco de um centro de criação sem condições.

Há dois meses que Nina dorme junto deles.

A diferença que há entre ela e os animais é ela não esperar ninguém que a leve consigo. Só quer paz. E sempre que ouve um motor de automóvel, em vez de se regozijar, esconde-se. Desaparece dentro do seu próprio corpo. Sabe que Emmanuel a procura por todo o lado. Sente-o. Acorda todas as noites encharcada em suor porque tem o cheiro dele no nariz. Como se estivesse na mesma divisão que ela, empoleirado sobre a sua cama.

Lili mostrou-lhe o aviso de busca que Emmanuel mandara publicar no jornal local com uma fotografia. Ela olhou com terror para aquela fotografia antiga. Ele deve ter andado a vasculhar as suas coisas todas. Em busca de um rasto, como se persegue um animal durante uma batida. É tão desequilibrado que deve ter-lhe cheirado a roupa.

É capaz de tudo.

Ela já o sabia há muito, mas afastar-se dele fê-la ganhar maior consciência disso. Tinha incorporado a perversão do marido.

Às vezes, não consegue impedir-se de se culpabilizar. «Ele era amável quando o conheci. Foi por minha causa que se tornou assim.» Quando lhe sai uma frase daquelas, Lili retorque, com humor: «Ainda te dou um par de estaladas para ver se ficas com as ideias em ordem.»

A única coisa que Nina lamenta é nunca ter voltado a casa para reaver

algumas coisas suas, a *T-shirt* e a camisola preferidas, os livros e a caixinha das fotografias. Tinha lá uma dos avós, tirada no dia do casamento deles, e muitas de Étienne, Adrien, Louise, Joséphine e Marie-Laure.

No dia da partida, passou-se tudo tão depressa que Nina não teve tempo de voltar atrás. Fez tábua rasa da sua vida, ao deixar tudo para trás. Como alguém que morre num acidente de viação e de quem depois se descobre a chávena de café frio e as migalhas do pequeno-almoço em cima da mesa. O cabide vazio um pouco de esguelha, de onde tirou o casaco apressadamente, antes de sair.

Era o que era preciso. Não refletir.

No dia em que Nina e Lili se conheceram, depois de saírem da cafetaria do centro comercial, dirigiram-se para o parque de estacionamento onde tinham os carros estacionados. Entreolharam-se.

Lili disse-lhe:

— Tem a certeza de que quer voltar para a casa do seu marido?

— E tenho escolha?

— Não tem família?

— Ninguém.

— Amigos?

— Poderia ir para casa dos pais do Étienne… quero dizer, os pais de um amigo… mas o meu marido conhece-os, encontrar-me-ia em apenas cinco minutos.

Lili carregou as conservas do seu carrinho na bagageira, depois levantou a cabeça e respondeu:

— Eu recolho cães e gatos. Também já aconteceu ser chamada para salvar porquinhos-da-índia e galinhas… Mas nunca uma jovem mulher.

Nina sorriu pela primeira vez desde que Lili a abordara na secção de frutas e legumes.

Meia hora depois, o *Polo* estava escondido numa garagem fechada a cadeado de que só Lili tinha a chave, e Nina estava instalada no quarto de hóspedes. E depois mais nada. Um silêncio abissal.

— E agora, o que vou fazer?

— Esperar — respondeu Lili. — O tempo que for preciso.

Era como estar na prisão, fechada entre quatro paredes. Só que na prisão tem-se direito a visitas, a um parlatório uma vez por semana.

Para que os chuis não a procurassem, Lili aconselhou-a a escrever uma carta de despedida ao marido. Nina redigiu três cópias. O mesmo texto para Emmanuel, Adrien e Étienne.

Quando estendeu os três sobrescritos a Lili para ela os pôr no correio, Nina teve a impressão de deitar o seu passado para o caixote do lixo. Só restava o vazio do presente. Tudo para construir.

Quinze dias após a sua chegada, o tempo de limpar tudo, Lili instalou-a num pequeno estúdio situado no interior do abrigo, mesmo ao fundo, resguardado dos olhares. De todos os olhares, mesmo os dos empregados.

— Assim terás a tua privacidade. E à noite só precisas de atravessar a estrada para vires jantar comigo.

Nina habita vinte metros quadrados de conforto espartano, incluindo duas janelas de costas viradas para o abrigo, que se abrem para os campos. Apenas um postigo na casa de banho dá para os canis. Foi naquele estúdio que a fundadora do local, Annie-Claude Miniau, viveu, há muito tempo.

— Aqui vais sentir-te mesmo em casa. Tens um televisor, muitos livros e comida no frigorífico.

— Não tenho nada, Lili. Nem um centavo para te compensar.

Nina tirou a aliança, a safira e o anel com diamantes.

— Vendendo-os, consigo sustentar-me algum tempo.

— Guarda a tua quinquilharia — disse-lhe Lili. — Vemos isso depois.

Mas quanto depois? Quanto tempo terá de se esconder? Arrumou as joias numa gaveta.

Quando sai para esticar as pernas, veste um blusão com capuz e umas calças de ganga. Já perdeu dois quilos. Deixou de precisar de beber para se aguentar e de seguir aqueles tratamentos hormonais que davam cabo dela. Só toma uma coisa para dormir, pois de outro modo tem demasiados pesadelos. Lili foi comprar-lhe roupa e produtos de higiene. É ela que faz as compras. Há dois meses que Nina não sai do abrigo.

— É como se escondesses uma clandestina… Ou uma criminosa de guerra.

— Em terra, há dois sítios onde nos podemos esconder: nos cemitérios e nos abrigos. Ninguém vai procurar nesses sítios. As pessoas têm demasiado medo das doenças e de serem mordidas.

O local fica distante do centro de La Comelle. Entre dois edifícios devolutos. Lili é a única empregada que fica o dia todo. De manhã,

trabalham lá umas dez pessoas, das nove à uma. E são raros os visitantes que aparecem sem terem telefonado antes. Quanto aos que vêm largar cachorros ou ninhadas de gatinhos, esses baixam a cabeça e fogem como ladrões, por isso não há o risco de irem contar que viram uma silhueta de capuz a deambular entre os canis… O que se sabe das silhuetas que deambulam neste local?

Só há que ter cuidado com os dois polícias municipais que ali vão deixar os animais encontrados no lixo. Nunca se cruzar com eles.

A partir da uma da tarde, depois de todos irem embora e ela ouvir o último carro abandonar o estacionamento, Nina sai, caminha de *box* em *box*, afaga, fala. Agora que a conhecem, os animais mostram alegria, e já não desconfiança: é uma deles. Não distinguem entre ela e eles.

Naquele mês de dezembro de 2000, há trinta e dois cães e quarenta e nove gatos. Depois de ter ido falar a todos, ela partilha uma sanduíche com Lili no escritório, na receção. À hora do almoço, os portões estão fechados. Sentem-se tranquilas, falam de tudo e de nada, como duas velhas amigas. Contam novidades dos respetivos mundos.

— Porque fazes isto por mim, Lili?

— E porque não?

74

27 de dezembro de 2017

— Sei de cor excertos de *Branco de Espanha* — diz-nos Nina.

Deitados lado a lado na cama de casal, acabámos de ver dois episódios de *Breaking Bad*. Eu adorei, Nina parece menos entusiasmada.

Agora estou na minha cama individual. No fundo, desde a infância, tive sempre de dormir numa cama de casal.

É o momento que Nina escolhe para dizer isto, que sabe o meu romance de cor. Começa a recitar uma passagem. Na penumbra, a sua voz trespassa-me.

Ela. Quando lhe pergunto: «Como gostarias de te chamar no meu romance?», ela responde: «Angélique.» Ele zomba: «Angélique é piroso.» Quando lhe pergunto: «E tu, como gostarias de te chamar?», ele responde: «Kurt, como Cobain.» Ela não comenta, contenta-se com sorrir. É assim que Angélique vive. Contentando-se. E eu alimento-me disso, do seu contentamento constante.

Nina interrompe-se uns instantes. Como se tivesse o livro diante dos olhos e virasse as páginas para retomar a leitura.

Adoro vê-las dançar, caminhar, mexer-se. Há pessoas que passaríamos a vida a observar. Não têm consciência disso, pois nada é intencional. É por esta razão que diferem das outras. Ainda agora não percebo porque olharam para mim. No dia da chamada na escola, os nossos nomes de família começam pela mesma letra, tocam-se. É graças ou por causa deste acaso que Angélique pega nas nossas mãos. Um rapaz de cada lado. Como três peças de puzzle *que se encaixam, a ordem das coisas. Com Angélique, colamo-nos. Ela cheira bem. Conheço de cor o seu odor. Uma mistura de sabonete de amêndoas e de leite que se usa no banho dos bebés. Deixa-o nas roupas que lhe roubo e acabo por restituir: «Toma, esqueceste-te disto em minha casa.» Quando tem onze anos, cobre-se de baunilha. Sinto-me capaz de a comer. As suas formas mudam, as suas linhas arredondam-se ligeiramente, devagar. Gostaria de ser ela. Sempre*

que desenha o meu retrato, espero encontrar a rapariga que sou. Desejo muito que ela me veja. Que os seus carvões mostrem o caminho que a conduziria até mim. Quando brinco com Angélique, sou a irmã sem que ela saiba. Mas nunca me visto de rapariga. Não sou um rapaz efeminado. Sou uma rapariga fracassada. Frustrada. Que saiu mal.

Nina interrompe-se de novo. Fico incapaz de dizer palavra. Há já muito tempo que escrevi *Branco de Espanha* e nunca o reli. Redescobri-lo na sua boca deixa-me transtornado. Étienne não diz nada. Ouço-o respirar. Receará que Nina leia um excerto que o deixe pouco à vontade ou em falso?

Ele, Kurt, é magnífico. Tem aquela particularidade no olhar, uma errância, ela delimita a sua liberdade, baliza-a. Uma despreocupação que não pede nenhum recurso. Ele nunca pede esmola à vida. Está à vontade em todos os lugares…

— Ainda há vinho? — pergunta Étienne.

Levanto-me e despejo o resto da garrafa para um copo que lhe estendo.

— Obrigado.

Nina apanha-me a mão quando passo por ela.

— Quando soube do *Branco de Espanha*, quase morri de desgosto por ter sido incapaz de te perceber. Mas depois compreendi que, no fundo, só tens uma alma. Seja ela a de Adrien ou de Virginie, és a mesma pessoa, a tua alma não tem sexo. Não nos aproximamos das pessoas por elas serem raparigas ou rapazes, aproximamo-nos das pessoas por causa do que elas emanam.

Beijo-lhe a mão e volto a deitar-me na cama individual sem uma palavra. Não tenho nada a acrescentar.

*

Devem ser três horas e não concilio o sono. Ocorrem-me recordações em catadupa, é mais forte do que eu. Ouço-os respirar, não durmo junto deles desde a despedida de solteira de Nina. Nessa noite também nos despedimos da nossa infância. Ainda que Nina já não esteja a recitar excertos do meu romance, tenho a impressão de continuar a ouvi-la, como um eco imaginário.

Pensava que estavam a dormir, mas Étienne levantou-se e disse-me: «Já tenho saudades do meu filho.» Não lhe vejo a expressão, adivinho apenas a sua silhueta de gigante a atravessar o quarto.

— Queres voltar? — sussurro, para não acordar Nina.

— Para onde?

— Para Lyon. Queres que dêmos meia-volta?

— Não há volta possível a dar.

— Segundo a Louise, há.

— Não vais começar tu também.

— …

Ouço-o abrir o janelo da casa de banho e acender um cigarro.

— Além disso, imagina que o que encontraram é a ossada da Clotilde… — continua ele em voz baixa. — Vou ser chateado. Não quero ouvir falar mais daquilo… Não imaginas como me senti aliviado quando eles retiraram o carro do fundo do lago.

— Pensei que isso te tinha angustiado.

Ele demora um certo tempo a responder.

— Pelo contrário, foi a prova de que não tinha sonhado. Não sou doido, vi-o mesmo a afundar-se, aquele maldito carro. Quantas vezes me perguntei se aquilo se teria mesmo passado.

— Achas que é a Clotilde quem esteve lá dentro todos estes anos?

— Ela estava capaz de tudo… De todo o modo, nunca saberei.

— Porque dizes isso? O ADN vai acabar por revelar…

— Morrerei antes.

— …

— Tomas conta da Louise?

— Sim.

— Juras?

— Juro.

— Ainda me odeias?

— De morte… Detesto-te. Por me teres usado, por me teres feito falar…

— Percebo. Portei-me como um sacana.

— Eu também… Com a Nina.

— Porque é que deixaste tudo? Paris, as peças de teatro, tudo isso? Estava a correr-te às mil maravilhas.

— Vivi um inferno. Voltar a La Comelle salvou-me.

Ele fecha o janelo e vem sentar-se na minha cama. Fico hirto.

— Porque é que nunca mandaste cortar a pila?

— Porra, Étienne, que delicadeza… Que classe.

— Chiu… Fala mais baixo, vais acordar a Nina.

— …

— Desculpa… Sabes bem que essas cenas me deixam pouco à vontade. Tenho QI zero nessas coisas de… de…

— Larilas? É a palavra que procuras? Eu não sou homossexual, Étienne, sou uma mulher.

— És uma tipa que ama a minha irmã. Portanto, és homossexual.

— Não me apetece falar disso contigo.

— Porquê? Vou bater a bota, bem podes dizer-me tudo… Tens medo, é isso?

— É exatamente isso, tenho medo.

— Tens medo de quê?

— Da felicidade, da libertação, de me tornar quem sou. Não sei quem sou.

75

Maio de 2001

Cinco nomeações dos Molières para *Filhos Comuns*, mas foi *Une bête sur la lune*, de Richard Kalinoski, que arrebatou tudo. Encenação Irina Brook. Prodigiosa, magistral. Adrien nunca tinha visto nada que lhe provocasse uma comoção tão forte. Lembrar-se-á até à morte das interpretações de Simon Abkarian e Corinne Jaber. Ao sair do Teatro de l'Oeuvre, as mãos ainda lhe tremiam.

Mas ainda assim está furibundo com o júri. É como se a classe tivesse rejeitado a sua peça. Cogita, sente-se amargurado. *É tão mais fácil dar o lugar de honra ao genocídio arménio do que a um segredo familiar.*

Depois da cerimónia, não participa no jantar organizado em homenagem aos nomeados. Prefere regressar a casa, a pé, deixando sozinhos os elementos da trupe. Nem sequer pretexta uma dor de cabeça, diz que tudo aquilo o cansa, que prefere ir embora. Não tem vontade de felicitar os laureados.

Caminha sozinho por Paris, o ar está ameno. Mais um verão que se aproxima de mansinho. E o que vai fazer dele?

Há algumas semanas que tem vontade de estar com Louise e mais ninguém. Porque pensa isso? Nunca teve vontade de estar com mais ninguém a não ser Louise.

Como é soturna a tua existência, meu pobre velho, oh, perdão, minha pobre velha… meus pobres velhos… Vocês são uma dupla e tanto.

Adrien telefona a Louise com frequência. Esta noite, ela queria acompanhá-lo, estar junto dele, pôr um vestido bonito. Ele explicou-lhe que preferia «alimentar o mistério».

— Recuso-me a deixar alguém saber que há uma pessoa na minha vida. Entende, Louise, imagina que recebo um Molière, ninguém pode saber que tu existes.

— Que eu existo? Ou que tu não existes?

E desligou.

Bem feita para mim.

Ainda assim, ela mandou-lhe uma mensagem antes da cerimónia:

Boa sorte, orgulhosa de ti.

Ele respondeu:

Amo-te.

Adrien não sabe nada de Nina. Louise também não. Ela desapareceu mesmo. Mas não como Clotilde. Com ela é diferente. Nina partiu há sete meses sem deixar morada, mas enviou uma carta de despedida. Sempre que o pensamento lhe foge para Nina, Adrien afasta-o.

Depois de se encontrar com Étienne na cervejaria La Lorraine, em outubro último, Adrien não pensou duas vezes nem esperou que passasse um dia para ligar à gendarmaria de La Comelle. Pediu para falar com Sébastien Larand, como lhe tinha indicado Étienne, «um colega do liceu que é lá sargento-ajudante».

— Adrien Bobin? Sim, claro, caramba, tornaste-te famoso… Vi-te com a minha mulher no programa de Poivre d'Arvor… falaste muito bem.

— …

— A que devo a honra da tua chamada?

— Queria dizer que na noite em que a Clotilde Marais se foi embora eu estava com o Étienne Beaulieu.

— Sim, ele disse-me.

— Na verdade, estive com o Étienne o dia todo… e a noite. Depois do funeral de Pierre Beau, fomos juntos ao lago da Floresta, esperámos pela Clotilde… Era para me vir embora quando a Clotilde chegasse, mas ela não veio. Portanto voltámos juntos para casa da Nina Beau e…

— Desculpa, Adrien, mas porque é que me estás a dizer isso tudo hoje?

— Para que o Étienne não seja incomodado… No caso de suspeitarem… E…

— Não estás ao corrente?

— Ao corrente de quê?

— De que alguém viu a Clotilde Marais.

— …

— Uma senhora de Châlon, de férias em Salvador da Baía… Tem a certeza de que é ela.

— Como pode ter a certeza? Conhece-a?

— Viu o programa do Pradel. Uma rapariga igualzinha à Clotilde Marais tomava um copo e quando esta mulher a abordou para lhe falar e perguntar se era mesmo ela a rapariga desaparecida cuja fotografia tinha visto na televisão, ela foi embora sem responder… Como que apanhada em falta. Este tipo de testemunho vale o que vale, mas porque não? De qualquer maneira, não se pode iniciar uma investigação. Não é um rapto, é uma fuga voluntária. Cada um faz o que quer. Para nós, é um caso arquivado.

*

A notícia alastrou como um rastilho de pólvora em La Comelle: tinham visto Clotilde Marais no Brasil. Emmanuel ficou louco de raiva. Aquele filho da mãe do Étienne Beaulieu não seria, portanto, incomodado.

No entanto, não seria por falta de ter tentado.

Da primeira vez que Emmanuel apertou a mão de Étienne, quando Nina lho apresentou como o seu «outro melhor amigo», ele detestou-o. Uma descontração que ele, Emmanuel Damamme, o filho prodígio, nunca tinha possuído.

Quando cumprimentou Adrien, não tinha sentido nada. Mas ao outro, odiou-o imediatamente. Aquela forma que Nina e ele tinham de se entreolhar, a cumplicidade de ambos… Foi no dia do enterro de Pierre Beau. Nina não tinha largado os seus dois amigos. Mas foi a mão de Nina na de Étienne que provocou particular repulsa em Emmanuel.

Depois da cerimónia, ele não foi ao cemitério, só conhecia Nina havia uns dias, não era o local apropriado. Iria ter com ela mais tarde, em casa dos Beaulieus.

Voltou com os pais, o pai deixou-o no escritório. Emmanuel ficou sentado cinco minutos, incapaz de se concentrar, o olhar no vazio. Depois meteu-se num carro da empresa — o seu era facilmente identificável — para os seguir. Acompanhar o cortejo.

Passou diante da igreja, a carrinha funerária ainda lá estava.

No cemitério, ficou bastante longe deles. O calor era insuportável. Postou-se debaixo de uma árvore, a observar Nina e os seus dois amigos encostados uns aos outros. Três silhuetas que só formavam uma sombra. Esperou que todos tivessem partido para entrar de novo no carro. Passou por casa para

tomar um duche, mudar de roupa, e foi para casa dos Beaulieus. Mal chegou, viu Nina sentada no sofá, o olhar perdido, e sempre aquela maldita mão na de Étienne. Clotilde Marais estava sentada junto deles. Uma rapariga loira de olhar triste. Não tirava os olhos do Beaulieu, que a ignorava.

Emmanuel aproximou-se de Nina, que mal olhou para ele. Naquele momento, ele percebeu que a tinha perdido. Que ela ia partir e ele não podia fazer nada para a reter. Emmanuel conversou com Marie-Laure enquanto tomava uma bebida. Que podia ele dizer do defunto de quem todos falavam, à sua volta? Ele não conhecia aquele «carteiro corajoso». O que era terrível era ter sido um camião da empresa a atropelá-lo. Nina detestá-lo-ia, certamente. Aproximou-se dela, beijou-a no cabelo, cheirava a transpiração e coco. Sentiu vontade de a derrubar no sofá, ali, à vista de todos, e fazer amor com ela.

Estava lixado. Completamente caidinho. Murmurou:

— Até logo, talvez, liga-me.

— Sim.

Um «sim» pronunciado no vazio, como se ela se dirigisse ao vento.

Emmanuel saiu da casa exangue.

Não conseguindo decidir-se a ir embora, esperou. Esperou o quê?

Primeiro, viu Nina regressar a sua casa, sozinha, percorrer as ruelas curvada pelo desgosto. Caminhava depressa, como se procurasse fugir à sua própria existência.

Ele seguiu-a prudentemente de carro, não podia deixar-se apanhar. Nas imediações da casa dos Beaus, estacionou numa rua paralela, desligou o motor.

Bobin e Beaulieu chegaram cerca de uma hora depois dela.

Emmanuel ficou no carro a tarde toda, as janelas escancaradas, não conseguindo reunir coragem para ligar o carro e voltar para casa.

Por volta das sete horas, Étienne Beaulieu voltou a sair da casa do avô, sozinho. Como um homem que perdera a razão, Emmanuel seguiu-o de longe. Ao contrário de Nina, Beaulieu caminhou devagar até casa. Desapareceu cinco minutos no interior e depois saiu de novo e montou numa mota.

Emmanuel disse a si mesmo que já estava na altura de regressar a sua casa e dar um mergulho na piscina. Que estava a disparatar. Que tinha a camisa encharcada e um grande desgosto no coração. E tudo isso por causa de uma

miúda de dezoito anos. Uma erva daninha criada num bairro operário.

Quando ia tomar a direção do Castelo, deu meia-volta e seguiu a mota. Pensando por um instante que poderia derrubá-la. Um cheiro de acelerador e o menino bonito iria de trombas ao chão. Além disso, Emmanuel não ia ao volante do seu carro, mas de um comercial: chapa amolgada era coisa para passar despercebida.

Curiosamente, Beaulieu seguiu na direção oposta à da casa do avô de Nina, rumo ao lago da Floresta.

*

Há sete meses que Nina está escondida no abrigo de La Comelle. Contudo, os dias passam depressa. E Nina é quase feliz naquela vida de reclusa. Até que o pessoal vá embora, à uma da tarde, ela permanece entre as suas quatro paredes. Faz todo o tipo de objetos que são vendidos nos dias de porta aberta, um sábado por mês: pequenas colagens que emoldura, castiçais, pulseiras, azulejos, pinturas em cerâmica.

Lili anda abismada com as pinturas dela. Nina desvaloriza, diz que teve aulas de desenho quando era pequena. Não toca em carvões nem em pastéis de óleo. Se Emmanuel calhasse ver um dos seus desenhos, poderia reconhecê-lo e chegar a ela.

Durante esses dias, as pessoas podem ir deixar ração, donativos em dinheiro, cobertores, detergentes, sacos para o lixo. Tomam café com os empregados, visitam os animais para uma eventual adoção. As criações de Nina encontram-se expostas à entrada e são compradas na sua maioria. As pessoas admiram-se da beleza dos diversos objetos decorativos à venda. Atraem cada vez mais gente. Começam a representar uma não negligenciável receita em dinheiro. E quando perguntam a Lili de onde provêm, ela responde invariavelmente: «De diferentes escolas artísticas com que a ADPA tem parceria.»

Os dias tornaram-se mais compridos, o campo que Nina vê do seu estúdio gradualmente transformado em ateliê mudou. As árvores recuperaram as folhas e os dentes-de-leão dão cor ao prado. Por volta das três da tarde, instala por vezes uma cadeira ao lado das *boxes* e fica uma meia hora ao sol, ou senta-se num banco no gatil. Ajuda Lili a curar, tratar, ligar, escovar, limpar.

Por vezes, após o cair da noite, Lili leva-a a dar uma volta ao centro de La Comelle, quando os lojistas já baixaram as grades, só para sair. Nina tem a impressão de estar morta e regressar ao mundo dos vivos apenas o tempo de uma volta de carro.

76

27 de dezembro de 2017

Romain fecha de novo o livro. Não consegue concentrar-se. Pensa nela.

Nelas, mais exatamente.

O bem e o mal misturam-se no seu espírito.

Nina mostrou-se quase fria ao telefone, na noite anterior. Porque é que certas pessoas que acabámos de conhecer nos fazem pensar que as entendemos de imediato?

Ela disse-lhe que estava numa pensão em Itália com os seus dois amigos, todos três no mesmo quarto, como quando eram crianças, que ela partilhava a cama com Étienne.

A voz de Nina era abafada pelo ruído de um televisor. Ele teve de a fazer repetir várias vezes algumas frases, o que pareceu contrariá-la. Como os seus jovens alunos se irritam com um velho professor um pouco duro de ouvido.

Egoistamente, Romain espera que Nina regresse depressa. Que aquela viagem não dure muito.

Antes de desligar, ela lançou: «Na verdade, nunca me disseste porque é que mudaste de Marnes-la-Coquette para La Comelle.» Uma vez mais, Romain não entendeu ou não quis ouvir. Pediu-lhe para repetir. Nina disse mais alto: «Porque é que mudaste para La Comelle? Porque saíste de Marnes?»

Desta vez, ele entendeu perfeitamente a pergunta. Aliás, era uma pergunta ou uma insinuação? Aquelas palavras surpreenderam-no de tal forma que ele não soube o que responder. Seguiu-se um silêncio prolongado. Sentiu vontade de lhe desligar o telefone na cara. Sentiu-se sujo. Nada é pior para um homem do que ser condenado antes mesmo de ser julgado. Sentir que os outros nunca mais nos verão como antes. Uma paranoia que ele arrasta como uma quimera, colada à pele.

Depois de um longo momento, ele respondeu: «Não te disse nada porque não tenho nenhuma vontade de falar do assunto.» Ficou ele também distante com ela. Depois trocaram umas banalidades sobre o tempo e o carro que não gastava muita gasolina e Nina desligou. Romain arrependeu-

se logo. Devia tê-la tranquilizado. Não responder ao disparate com um disparate. Porque pela primeira vez Nina tinha-se mostrado idiota. Como podia ela fazer parte das *outras*?

Não, claro que ela não fazia parte delas.

Ligou-lhe logo de seguida.

Ela, pelo seu lado, não se tinha mexido. Ficou a olhar para as sapatilhas com os atacadores por apertar sobre aquele tapete feio, de cores deslavadas. Quando o telefone tocou, soube que era ele. Soube ou esperou. Atendeu ao primeiro toque.

Romain nunca esquecerá a sua partida de Marnes, mas agora pensa menos nela. No dia anterior, a pergunta de Nina imergiu-o naquilo que ele vivera como uma grande desgraça. Ainda hoje não sabe como conseguiu reerguer-se.

Ela chamava-se Rebecca, como a personagem do romance de Daphne du Maurier. Seria premonitório?

Rebecca Lalo. Os amigos chamavam-lhe Becca.

Romain conhecia-a como a todos os alunos da escola de que era diretor. Falava do futuro, das escolhas a fazer e dos resultados de cada um deles nos conselhos de turma trimestrais com os outros professores. Quando um aluno entrava no 6.º ano, Romain precisava de alguns meses para o identificar. No final do ano, conhecia-os a todos e, do 7.º ao 9.º ano, chamava todos pelo nome. Romain não era um diretor severo, mas fazia-se respeitar. Devido à sua juventude, não podia aceitar que o vissem como um colega. Aconteceu-lhe durante a sua vida profissional indignar-se com um aluno, deixar-se levar pela fúria por causa de um comportamento que considerara inapropriado. Sabiam que ele podia zangar-se, elevar a voz e dar um murro na mesa para se fazer ouvir.

Rebecca Lalo andava no 8.º ano. No decurso do terceiro trimestre de 2014, mais precisamente no dia 8 de abril, entrou de rompante no gabinete dele. Eram raros os alunos que o iam ver de moto próprio. Dirigiam-se ali apenas quando convocados, com os pais ou um professor. Para os assuntos correntes, os alunos falavam com os diretores de turma, e nunca com o diretor da escola. Mal entrou, Rebecca atirou:

— O senhor dormiu com a minha mãe no fim de semana passado. Aquela bela loira que engatou no Dickens é a minha mãe. Eu vi-vos. Ela passou a

noite em sua casa.

Era a primeira vez que Romain ficava sem fala diante de um aluno. Incapaz de lhe responder o que fosse.

— Se não me der mil euros, vou contar a toda a gente.

Aquela última frase ainda o deixou mais estupefacto. Depois, desatou a rir-se, um riso sarcástico.

— Digam-me que estou a sonhar!

— Não, está mesmo em pleno pesadelo. A minha mãe é casada. Se eu contar ao meu pai, mais do que arruinar a sua reputação, o senhor é um homem morto.

Romain nunca se tinha deixado manipular nem intimidar. Aquelas últimas palavras revigoraram-no.

— Por muito que lhe desagrade, menina Lalo, eu faço o que quero da minha vida privada. E vou esquecer esta conversa, esquecer que acabou de tentar chantagear-me. Vai sair imediatamente do meu gabinete, nunca falámos um com o outro, não se passou nada, ouviu? E tem todo o interesse em obedecer-me.

— Como disse? — perguntou-lhe ela descaradamente, sem procurar dissimular um sorriso provocador.

— Para que fique claro, o que acabou de se passar entre estas paredes nunca aconteceu. E isto para o seu bem. Caso contrário…

— Caso contrário?

— Farei o que for preciso para que cale a boca de uma vez por todas.

Rebecca começou a choramingar. Lágrimas de crocodilo que irritaram ainda mais Romain Grimaldi. Em toda a sua carreira, era a primeira vez que tinha vontade de esbofetear uma aluna.

— E se eu contar? — gemeu ela. — O que é que vai fazer?

— Será a sua palavra contra a minha… E farei com que seja expulsa deste estabelecimento por insubordinação e chantagem.

As lágrimas redobraram.

— Não, senhor Grimaldi — gemeu ela —, suplico-lhe.

— Pare com esse teatro, menina Lalo, ou zango-me a valer… Tudo isto está a ir demasiado longe. Saia imediatamente do meu gabinete.

Ela fitou-o, suplicante.

— E se eu não disser a ninguém, deixa-me em paz? Poderei acabar o ano?

— Claro… Evidentemente.

— Promete?

— Sim. Agora, desapareça.

— Nunca dirá o que se passou?

— Saia!

Nesse momento, ela lançou-se sobre ele e beijou-o na boca. Romain agarrou-a pelos ombros e empurrou-a, Rebecca deixou-se cair e a sua cabeça bateu na secretária. Ela levantou-se logo, com ranho e sangue e escorrerem do nariz.

— Meu Deus… — disse ele.

— Adeus, senhor, não direi nada.

Romain fez menção de segui-la para a conduzir à enfermaria. Antes de cair em si e se sentar, atordoado.

O subdiretor entra por seu turno, em pânico, e pergunta o que se passou. Acabara de ver uma aluna sair do seu gabinete em lágrimas, a sangrar. «Prefiro não falar do assunto», respondeu Romain secamente. O outro assentiu, não sem antes lhe lançar um olhar carregado de suspeita. O primeiro de uma longa série.

A mãe de Rebecca Lalo… Romain lembrava-se perfeitamente dela. Chamava-se Sylvie. «Mas todos me chamam Syl.» O encontro no Dickens, a noite que se seguiu àquele serão bem regado. Como poderia ele saber que se tratava da mãe de uma aluna? Encontrou o seu número no telemóvel: «Nome: Syl. Apelido: cerveja.»

Telefonou para lhe contar tudo. Aflita, Sylvie Lalo fê-lo prometer nunca contar que tinham passado a noite juntos. Romain prometeu.

No dia seguinte, foi convocado à esquadra e começou a descida aos infernos.

GRAVAÇÃO CEDIDA ÀS AUTORIDADES

VOZ REBECCA LALO: Se eu contar ao meu pai, mais do que arruinar a sua reputação, o senhor é um homem morto.

VOZ DE ROMAIN GRIMALDI: Por muito que lhe desagrade, menina Lalo, eu faço o que quero da minha vida privada. E vou esquecer esta conversa, esquecer que acabou de tentar chantagear-me. Vai sair imediatamente do meu gabinete, nunca falámos um com o outro, não se passou nada, ouviu? E tem todo o interesse em obedecer-me.

VOZ DE REBECCA LALO: Como disse?

VOZ DE ROMAIN GRIMALDI: Para que fique claro, o que acabou de se

passar entre estas paredes nunca aconteceu. E isto para o seu bem. Caso contrário…

VOZ DE REBECCA LALO: Caso contrário?

VOZ DE ROMAIN GRIMALDI: Farei o que for preciso para que cale a boca de uma vez por todas.

Choro de Rebecca Lalo.

VOZ DE REBECCA LALO: E se eu contar? O que é que vai fazer?

VOZ DE ROMAIN GRIMALDI: Será a sua palavra contra a minha… E farei com que seja expulsa deste estabelecimento por insubordinação e chantagem.

Choro de Rebecca Lalo.

VOZ DE REBECCA LALO: Não, senhor Grimaldi, suplico-lhe.

VOZ DE ROMAIN GRIMALDI: Pare com esse teatro, menina Lalo, ou zango-me a valer… Tudo isto está a ir demasiado longe. Saia imediatamente do meu gabinete.

VOZ DE REBECCA LALO: E se eu não disser a ninguém, deixa-me em paz? Poderei acabar o ano?

VOZ DE ROMAIN GRIMALDI: Claro… Evidentemente.

VOZ DE REBECCA LALO: Promete?

VOZ DE ROMAIN GRIMALDI: Sim. Agora, desapareça.

VOZ DE REBECCA LALO: Nunca dirá o que se passou?

VOZ DE ROMAIN GRIMALDI: Saia!

Ruído de luta.

VOZ DE ROMAIN GRIMALDI: Meu Deus…

VOZ DE REBECCA LALO: Adeus, senhor, não direi nada.

A adolescente tinha gravado tudo com o seu *smartphone*, com exceção do início da conversa. Apresentando um traumatismo craniano, tinha contado à polícia que o diretor fizera avanços e tivera gestos pouco próprios em relação a ela. Que ela ameaçara revelar tudo e ele se atirara a ela com violência, atacando-a. Que ela tinha tanto medo dele que gravara tudo para o caso de a entrevista dar para o torto.

Romain deixou-se acusar sem negar nada.

Tudo aquilo era culpa sua. Devia ter mantido a calma. Devia tê-la levado à enfermaria, devia ter-se lembrado de que ela tinha catorze anos, devia ter sabido que ela era frágil, devia ter…

Não esperou ser chamado para enviar a sua carta de demissão ao reitor. Ficou semanas a fio fechado em casa, de persianas corridas. Mandava entregar as refeições ao domicílio. Não atendia o telefone.

Até ao dia em que, no início de junho, os seus pais apareceram lá em casa. Começaram por abrir as janelas. «Não era preciso fazerem vinte horas de avião para virem arejar o meu apartamento», disse-lhes ele, em lágrimas.

Soube que Rebecca Lalo retirara a queixa. De maneira que ele estava ilibado de tudo. Mas era demasiado tarde. A sua reputação em Marnes-la-Coquette estava arruinada. Nunca mais poderia pôr os pés na escola. Se nem conseguia ir comprar pão sem corar e tremer…

Tinha a sensação de que todos o observavam, desconfiavam dele.

Apesar daquela retratação que o reabilitava, sentia-se roído pela vergonha. Um flagelo que só lhe dava vontade de partir e desaparecer.

O facto de a adolescente ter retirado a queixa afligia-o, em lugar de o aliviar. Decididamente, ela era bem mais forte do que ele. E dava-lhe uma bela lição. Ele desceu ainda mais fundo, mergulhou num torpor alarmante. Não saía da cama senão para ir à casa de banho. Incitado por antigos colegas, acabou por aceitar ser hospitalizado, com antidepressivos injetados diretamente no braço. Uma professora salvou-lhe a vida, uma psiquiatra que o fez falar. Porque se culpabilizava a ponto de desejar morrer?

Ainda hoje Romain está convencido de que foi tudo culpa sua. Que ele nunca deveria ter reagido assim perante uma criança de catorze anos.

Apesar de tudo, readquiriu o gosto pela vida. Aprendeu de novo a alimentar-se, caminhar, gostar do aroma do chá e do café, degustar um bolo, andar de bicicleta, ir às compras, ouvir música, comer pipocas numa sala de cinema, deambular por uma livraria. Hesitou durante muito tempo a entrar de novo numa escola. Enfrentar outra vez o quotidiano de professor. Olhar as crianças nos olhos sem pensar nos de Rebecca em si, quando ela se levantou com sangue no rosto.

Tinha sido um mau diretor, um jovem presunçoso, que julgava orientar e ajudar os jovens com grandes teorias humanistas. E mal se vira numa posição delicada, fracassara.

Um novo estabelecimento de ensino ia abrir portas na Borgonha — estavam a recrutar uma equipa. Um colega e amigo insistiu para que se candidatasse: «Tu és feito para este ofício, Romain. Vá, aceita, deixa de ter medo.»

Romain contou tudo a Nina pelo telefone. Antes de desligar, ela disse-lhe: «Obrigada por confiares em mim, obrigada por me dizeres a verdade, obrigada por teres ido buscar o *Bob*.»

77

Se eu fosse eu
Nem as páginas por escrever
Nem encontrar as palavras para o dizer
Me fariam medo…
Mas largo-me a mão
Afasto-me de mim
Dou comigo de manhã
No mau caminho
Quando nos perdemos
Como ultrapassar
Esse esforço inumano
Que nos conduz a nós
Se eu fosse eu
Nem a mulher que sou
Nem sequer o homem que dorme na minha cama
Me fariam medo
Se eu fosse eu
Nenhum peso que tenho no coração
O que faço de pior e de melhor
Me fariam medo…

Novembro de 2001

São oito a jantar a uma bonita mesa. Lombo de bacalhau com espargos. Debatem o discurso de Tony Blair sobre o futuro da Europa. Como fundo sonoro, aquela canção que Adrien descobre. A letra que se sobrepõe à conversa, embora o volume esteja no mínimo. Ele só ouve aquilo, a letra. E quanto mais se concentra no que ouve, mais lentos se tornam os seus gestos. Até pararem. Fica como uma estátua. Acabam por lhe perguntar:

— Estás bem, Adrien?

Ele levanta-se e responde:

— Não sou Adrien.

Estupefação em torno da mesa.

— Chamo-me Virginie.

Ninguém percebe. Ninguém abre a boca. Ninguém se atreve a rir. Adrien pergunta à dona da casa:

— Que canção é esta?

— Qual canção?

— A que acabei de ouvir.

— Não estava a prestar atenção.

Quando Adrien se apercebe do que acabou de dizer, dos olhares sobre si, aqueles a que foge desde a infância, desmaia.

Recobra os sentidos deitado numa maca, alguém fala com ele:

— Está no Hospital Saint-Louis, sentiu-se mal. As pessoas que nos chamaram dizem que não falava com coerência, antes de perder a consciência. Vamos fazer-lhe uns exames neurológicos, sim?

— Está bem.

— Vamos começar por verificar certos aspetos… Estamos em que ano?

— 2001.

— Em que mês?

— Novembro.

— Como se chama?

— Adrien Bobin.

— A sua data de nascimento?

— Vinte de abril de 1976.

— Perfeito.

*

27 de dezembro de 2017

— Quando saí do Hospital Saint-Louis, apanhei um comboio para deixar Paris definitivamente. Sem rever ninguém. Mantive o contacto apenas com o meu editor e amigo, Fabien Désérable. Foi ele que tratou da venda do meu apartamento.

Nina e Étienne fitam-me. Acho-os belos à fraca luz matinal. Conto-lhes a minha vida aos pedaços, a parte de que nunca tinham tido conhecimento. A vida depois dos três.

A minha vida depois deles.

Estamos sentados junto de uma janela, numa área de serviço entre Génova e Florença. Nina molha uma napolitana no café, Étienne não tem fome e obriga-se a engolir um expresso. É um local estranho para contar aquilo.

Nina franze os belos olhos escuros.

— Largaste tudo por causa de uma canção?

— Graças a uma canção. Estava farto de mentir a toda a gente. Para começar, a mim mesmo… No fundo, *Branco de Espanha* não me serviu de nada. Pensava que ao pôr palavras sobre o papel me curaria… Mas curar-me de quê? Não estou doente, nasci num corpo errado.

— E o que é que fizeste este tempo todo? — pergunta-me Étienne.

— Viajei. Voltava a França no Natal, para estar com a Louise no Hotel Voyageurs. Depois fartei-me. Partir continua a ser fugir. Acabei por comprar uma casa em La Comelle.

— Mas porquê em La Comelle? — espanta-se Étienne, como se a escolha se assemelhasse a um funeral de primeira classe.

— Nina, Louise, a minha tília.

— Porquê eu? — interroga Nina. — Não falávamos há anos.

— Não é por não falarmos que ignoramos que o outro está ali, mesmo ao lado.

— Porque é que não nos disseste a verdade a teu respeito? — atreve-se Nina.

— O que é verdadeiro em mim?

— Não te esquives. Admite que não tiveste confiança em nós. Não?

— Não tive sobretudo confiança em mim.

Nina volta a enfiar o nariz na caneca.

Étienne faz uma careta.

— Este café recusa-se a descer… Porquê Virginie? Porque não Simone ou Julia? — pergunta-me ele.

— Há uma correspondência entre esse nome e a mulher que sou. Virginie é a minha identidade. Posso mudar o aspeto físico de Virginie, mas não a sua identidade. Quando cheguei a Paris, escrevi-o em *Branco de Espanha*. Posso mudar a minha aparência todos os dias, a todas as horas, todos os minutos, como naqueles jogos infantis em que as caras e os corpos são intermutáveis. E habituei-me a isso de tal modo, um mau hábito, que fico apavorada à simples ideia de uma transição. Agora, tal como sou, com

quarenta e um anos, sou alta, morena e uso franja.

Étienne fita-me como se fitam os loucos. Tenta manter o rosto impassível. Mas nos seus olhos leio a loucura que ele vê em mim. A doida. Percebo uma vez mais porque nunca disse nada a ninguém. Em criança não teria suportado aquela incompreensão. Não estava armada.

— Fazes amor com a minha irmã?

— Só podes estar a brincar! Nunca responderei a essa pergunta, Étienne. Sobretudo vinda de ti.

Nina sorri. Um sorriso terno. Como ela é bela quando deixa entrar a luz.

— Para os outros, sou Adrien. Para mim, sou Virginie.

Ela dá-me a mão. Penso que não a tinha na minha desde o funeral da minha mãe. Pensar nela abre uma ferida. Desato a soluçar. Nina aperta-me nos braços.

— Sofro por minha causa. Por causa do meu medo de mudar de corpo.

— Porque é que tens medo?

— Não tenho medo… tenho pavor da ideia de me ver *a sério* num espelho. A Louise tentou tudo, apresentou-me aos melhores especialistas… Mas eu sei que há pessoas que se arrependem de fazer a transição. A cirurgia de mudança de sexo não é reversível. As hormonas, a ablação do pénis, os remendos, os implantes mamários, são tantas montanhas a transpor… E depois há outra coisa…

— Que outra coisa?

— Não me sinto atraído pela roupa feminina, os vestidos, a maquilhagem, os saltos altos…

— Nem eu — responde Nina. — Isso não me impede de ser mulher.

— Cresci neste padrão, nasci rapariga num corpo de rapaz e há quarenta e um anos que sobrevivo deste modo. Talvez matar Adrien provocasse a morte de Virginie. Como com os siameses. Se um morre, o outro segue-o.

— És uma mulher sem afinidades com os lugares-comuns de género — diz-me Nina. — Vestidos, saltos altos, maquilhagem. Mas quem lhes corresponde? Hoje em dia, isso já não quer dizer nada. Os estereótipos não têm qualquer sentido.

Segue-se um longo silêncio, quebrado de novo por Nina:

— Em *Branco de Espanha*, a tua personagem é operada, vai até ao fim. É a história de uma libertação. Não queres evadir-te, Adrien? Gostei tanto

daquele momento em que a tua personagem caminha pela rua no seu corpo novo… «Tudo mudou, nada mudou, tenho a mesma perceção do que me rodeia, mas os outros dirigem-se a mim pela primeira vez, acabei de nascer e tenho vinte anos.» É tão belo e dá tanta esperança. Quando regressaste a La Comelle, passei por ti de carro, não percebi porque continuavas a ser Adrien.

— *Branco de Espanha* é um romance. Os romances servem para se escrever o que se é incapaz de fazer na vida real.

— Mas não só — insiste Nina.

— E a minha irmã — intervém Étienne. — O que pensa ela sobre isso?

— Que é normal ter dúvidas, incertezas. Mas que não é por ter medo que estou enganado. A Louise acha que eu sou uma ave engaiolada desde que nasci. E que preciso de me libertar.

— Quando pensas em ti, pensas num homem ou numa mulher? — pergunta Nina.

— Numa mulher.

— É a primeira vez que nos falas de ti. Verdadeiramente, quero eu dizer. Apesar de nos conhecermos há trinta e um anos. É muito tempo.

— Sim, é muito tempo.

Saímos da área de serviço e dirigimo-nos para o estacionamento exterior. Nina no meio, Étienne à esquerda, eu à direita. Ela dá-nos a mão. O céu está limpo, azul-claro.

— Paramos em Florença?

— Preferia dormir esta noite em Nápoles — responde Étienne. — Mas se for a Nina a levar o carro, não chegaremos antes de amanhã de manhã. Vão ter de me deixar conduzir. Foi o que ficou combinado no início.

— Estamos a cerca de seiscentos quilómetros de Nápoles — digo.

— Étienne, levas o carro, mas paramos a cada duas horas, como tínhamos dito.

— Sim, mamã.

— Como te sentes? — pergunto-lhe.

— Francamente, para um tipo que está prestes a ir fazer tijolo, nada mal.

78

1 de janeiro de 2003

Os amigos lioneses vieram fazer a passagem de ano em casa dele. Eles nunca o abandonaram, ao contrário da outra, a sacana, a malvada, a vaca.

Ainda estão todos a dormir no piso superior e nos anexos. Há garrafas vazias espalhadas, apesar de Nathalie ter retirado os restos do jantar antes de ir embora. Mas eles continuaram a celebrar o novo ano toda a noite.

São só oito horas. Emmanuel não pregou olho. Sentado no sofá, com uma caneca de café na mão, reflete.

Há vinte e seis meses que Nina se volatilizou. Ele perdeu toda a esperança de a reencontrar.

Chegou a ir consultar bruxos e videntes. Pêndulo, cartas, bola de cristal, tentou tudo, ouviu tudo. Que ela estava morta e enterrada no Puy-de-Dôme, que se encontrava na Irlanda, mais precisamente em Cork, uma morada onde Emmanuel a foi procurar: ninguém a tinha visto ali. Quanto à última, uma astróloga por assim dizer conceituada, esta afirmou que Nina estava perto de La Comelle, «num raio de três a quatro quilómetros no máximo», ela conseguia cheirar-lhe o perfume. Charlatães prontos a extorquir-lhe todo o dinheiro possível em troca de informações absurdas.

Mais nenhuma esperança.

Ela jamais regressará. E porque regressaria ali? Àquele fim de mundo?

A não ser que…

A não ser que pense ter o campo livre.

Nina é amiga de Marie-Laure Beaulieu. Se ela souber que Emmanuel foi embora, poderá voltar discretamente para visitar a mãe de Étienne.

E, nessa altura, ele prendê-la-á. Este pensamento fá-lo sorrir.

Emmanuel marca o número de telefone dos pais em Marrocos. Depois de cinco toques, Gé atende.

— Sim?

— Bom ano, mamã.

A mãe parece despertar. *Está com uma voz estranha*, pensa imediatamente Emmanuel.

— Bom ano, meu querido — acaba ela por responder.
— A Nina ligou-te?
— Não… Claro que não.
— Juras?
— Juro.
— Pela minha vida?
— Pela tua vida.
— Diz: «Juro pela tua vida.»
— Juro pela tua vida.
— Diz tudo: «Juro pela tua vida que não tive nenhuma notícia da Nina.»
— Juro pela tua vida que a Nina não me telefonou. E que não tenho nenhuma novidade dela.
— O papá está aí?
— Sim.
— Está a ouvir-me?
— Espera. Vou passá-lo.
— Tomei uma decisão. Vou sair de França. Vou vender a Damamme.

*

Uns minutos mais tarde, Gé caminha sozinha pelo jardim que rodeia o seu *riad*. Pensa que ao se irem instalar em Marrocos, ela e o marido revelaram-se cobardes.

Ali está sempre bom tempo e as fragrâncias que sente naquela manhã são sem dúvida inebriantes. E há aquela luz permanente, particular, simplesmente bela. Mas ela está ciente de que o verdadeiro sol brilha onde estão os nossos. Aqueles que são visceralmente nossos.

Quando Emmanuel era criança, ela pensava: «Estaria na disposição de ocultar um cadáver, se o meu filho mo pedisse.» Ela nunca amou ninguém como Emmanuel. Ele sempre teve o seu beneplácito, fizesse o que fizesse.

E depois apareceu Nina. E Gé viu o seu filho mudar. Nina a extinguir-se pouco a pouco e a loucura a acender-se nos olhos de Emmanuel. De início a acender-se, depois a lavrar perigosamente. As atitudes dele para com ela, aquela obsessão com ela, segui-la, apanhar-lhe o rasto, quase encurralá-la.

Uma vez, uma única, Gé ousou fazer uma observação: «Devias deixar a Nina em paz.» Emmanuel repreendeu-a, dizendo que a mulher era muito

jovem, tinha «necessidade de um pai».

Aquela resposta gelou-a. *O que é que eu fiz? Como é que o eduquei? O que é que — ou quem — me passou ao lado? Fui eu quem lhe inculcou tais disparates? Os nossos filhos são parecidos connosco?*

Sim, Gé agiu cobardemente ao mudar-se para ali.

Um ano depois do casamento de Emmanuel e Nina, quando o filho tomou as rédeas da sociedade, Gé falou de Marrocos, uma vida nova para si e para o marido. Viriam com frequência a França, se sentissem a falta dos amigos e da família. Nada era irremediável, poderiam sempre voltar atrás. Henri-Georges, surpreendido com aquela proposta, mostrou-se inicialmente hesitante, depois cada vez mais entusiasta.

Quantas vezes acontece fecharmos os olhos?, pensa Gé. *Uma criança que chora com demasiada frequência, um vizinho violento, uma velhota que só se conhece de vista ou um animal maltratado… e, em vez de agirmos, de fazermos alguma coisa, fazemos as malas. Para deixar de ver. Não sentir nada.*

Naquela manhã, quando o telefone tocou, Gé não pensou: *É o Emmanuel.* Não pensou: *É o meu filho que está a ligar para desejar bom ano*, mas: *Estão a ligar para me dizerem que aconteceu alguma coisa ao Emmanuel.*

Ficou quase surpreendida por ouvir a sua voz: «Bom ano, mamã.»

Desde que Nina partiu, ela tem consciência de que a loucura do filho alastrou como uma doença incurável, com metástases a proliferarem. Foi visitá-lo duas vezes, mas encurtou as estadas. De nada serve chamá-lo à razão. Ele anda às voltas como um leão enjaulado, fala sozinho, passa horas ao telefone com detetives, marabutos e curandeiros de toda a espécie. E se Gé tenta intervir, mostra-se irascível, vociferante, quase ameaçador. Gritando sempre o mesmo: «Vou acabar por a encontrar.» Enquanto no seu foro íntimo Gé suplica ao Senhor: *Meu Deus, fazei com que ele nunca a encontre.*

Até Henri-Georges tentou falar com o filho, mas embateu numa parede.

No decurso da conversação telefónica matinal que pai e filho mantiveram a propósito da venda da sociedade, Henri-Georges propôs uma gerência. Emmanuel não quis ouvir falar disso:

— Meter uma gerência é ficar com ela. Vender é dizer-lhe adeus. Além disso, já recebi várias ofertas de interessados.

— Não se diz assim adeus a três gerações de trabalho de um dia para o outro. E recordo-te que ainda tenho parte na sociedade.

— Estou-me nas tintas para o dinheiro, deixo-te tudo, papá.

O tom subiu entre eles, Gé pôs água na fervura olhando suplicantemente para o marido.

— Se um dia fores pai, ficarás satisfeito de a legares como eu te fiz.

— Nunca serei pai.

Quando Emmanuel acabou por desligar, Gé tornou a explicar ao marido que, depois da partida de Nina, o filho de ambos perdera o pé. Portanto, era preciso deixá-lo vender, era uma questão de vida ou de morte. Partir devia representar para ele a única forma de ultrapassar o assunto. E a vida do filho deles era mais importante do que a sociedade.

Com a morte na alma, Henri-Georges ligou a Emmanuel para lhe dizer que estava de acordo. Que ele venderia a sua parte para não pôr entraves aos projetos dele.

*

Esta manhã, Nina deambula livremente pelo abrigo. Num primeiro de janeiro não há risco de se cruzar com ninguém, tirando Lili. E esta acabou de ser chamada para uma urgência: um grande cão de fila do tipo *cane corso* foi encontrado preso ao lado de uma via-férrea, em Allier. Lili fez-se ao caminho com um dos polícias municipais, não quis ir sozinha. Lili não tem medo de nada, mas, como ela gritou ao entrar no carro, «nem tanto ao mar nem tanto à terra».

Na noite anterior, para a passagem de ano, organizaram um baile de máscaras no salão municipal de La Comelle. O oposto de um baile de máscaras veneziano. Todos tinham comprado os disfarces na loja de pechinchas ou encontrado antigas camisas de dormir, vestidos e roupas de antepassados no fundo dos roupeiros. Caraças de plástico com a efígie de Bernadette e Jacques Chirac, boás, maquilhagens caseiras. Uma coisa para rir. Uma orquestra regional. Uma *raclette* gigante, copos de plástico, sangria com espumante de Borgonha à discrição. Lili arrastou Nina até lá à força. «Acredita, ninguém te vai reconhecer.» Tinha-a metido num vestido *hippie* — «Uma relíquia da minha mãe» — e dado uma mascarilha multicolor e uma cabeleira loira.

— Uma relíquia da minha antiga vida.
— Usaste perucas loiras, Lili?
— Usei, pois.
— Nunca me falaste de ti de antes do abrigo.
— Sou de Nogent.
— Onde fica Nogent?
— Não muito longe de Paris.

Lili não se alongou em explicações, uma vez mais. Vestiu uma farpela verde e enfiou uma cabeça de Shrek, o que fez Nina rir-se como há muito não se ria. Ela teria gostado que Lili se abrisse, mas sentia que o passado era uma zona interdita para ela. Um dia, entre duas sanduíches, enquanto almoçavam juntas, Lili tinha-lhe dito: «Não te falarei do antes, minha querida Nina, porque é abjeto e nem sequer tem piada. No dia em que abandonei a minha antiga vida, deitei tudo fora. Mudar de vida é mudar de casa. E é preciso fazer brilhar o presente como uma moeda nova. Se soubesses como aprecio cada segundo desta triste existência…»

Lili vive sozinha. Às vezes, um homem passa a noite em casa dela. Nina não sabe quem é, nunca se cruzou com ele. Quando Lili se lhe refere, diz apenas: «Hoje o meu derriço vem cá passar a noite.»

— O que é um derriço? — perguntou-lhe Nina da primeira vez.

— Neste caso, um velho amante. Não prometemos nada um ao outro, não estamos com floreados, mas respeitamo-nos e passamos um bom bocado juntos.

Fim de conversa. E Nina não é do género de insistir.

Faz vinte e seis meses que está escondida no abrigo. Por vezes pergunta a Lili:

— Até quando é que achas?
— Até te sentires preparada.
— Mas eu…
— Não te apoquentes com nada: quando te sentires preparada, partes.

No passado outubro, a jovem queimada viva em Vitry-sur-Seine horrorizou e aterrorizou Nina. *Se o Emmanuel me encontrar, faz-me o mesmo.* Na sequência daquele acontecimento trágico, Nina sentiu-o novamente a meio da noite, como se estivesse debruçado sobre ela para a aniquilar. No fundo, disse a si mesma, quando ela escolheu desaparecer da

face da Terra, foi para satisfazer o desejo obscuro do seu marido.

Portanto, na véspera à noite, mexer-se ao som de *Macarena* e *Free From Desire* interpretadas por uma orquestra popular, enfiada num vestido comprido amarelo com flores verdes e numa peruca loira sintética, constituiu um parêntesis salvífico. Uma exalação. Lili-Shrek e ela dançaram até às quatro horas da manhã, fazendo as mais improváveis coreografias sobre o pavimento laminado do salão municipal. À volta delas, umas duzentas pessoas, cada uma mais bêbeda que a outra. Ninguém prestava atenção a ninguém. Ainda assim, Nina nunca retirou a mascarilha. Libertada umas horas, mas não livre, a ouvir sempre uma voz interior a dizer-lhe para não baixar a guarda.

É meio-dia quando Lili regressa da sua missão, o grande cão de fila pela trela. Acabara de deixar o polícia municipal em casa. O *cane corso* é impressionante.

— É manso?

— Tem ar disso. Em geral, os grandes são os mais fáceis — responde Lili. — Tem identificação, mas nem a morada nem o número de telefone existem…

— De onde vens? — pergunta Nina ao animal.

O cão rosna e, antes de Lili ter tempo de puxar a trela e Nina de recuar, ferra-lhe a barriga da perna com força.

Apesar das súplicas de Nina, Lili leva-a às urgências. Fez-lhe um garrote ao nível do joelho. O hospital mais próximo fica em Autun.

— Fala comigo! — grita Lili. — Não adormeças!

Nina não consegue deixar de rir, enquanto enxuga as lágrimas de dor.

— Não há perigo de adormecer, isto dói como tudo.

Uma hora depois, um interno dá duas vacinas a Nina, do tétano e da raiva, porque ela não sabe do seu boletim de vacinas. Em seguida, cose a ferida, que é profunda. Nos primeiros tempos, tem de ser uma enfermeira a encarregar-se dos pensos diariamente.

Sem conseguir esconder-se mais, Nina vê-se obrigada a revelar a sua identidade. E Lili a explicar a origem do animal, do qual se desconhece tudo.

Ainda nem saíram do hospital quando a informação é transmitida: Nina Beau esteve nas urgências de Autun.

79

28 de dezembro de 2017

Étienne não consegue adormecer. Tem dores. Sente que os seus pensamentos negros lhe destroem o corpo, a resistência.

Relembra a confissão de Adrien na área de serviço. «Virginie é a minha identidade. Posso mudar o aspeto físico de Virginie, mas não a sua identidade.»

Étienne agiu mal. É inadmissível, mas tão fácil, ter-se aproveitado. No dia 17 de agosto de 1994, a primeira vez que dormem sozinhos, sem Nina. Tal nunca tinha acontecido desde que os Três se encontraram. Nina estava sempre entre eles. Desde pequenos que Étienne sentia a diferença de Adrien, que procurava e calava qualquer coisa. Tinha surpreendido os seus olhares pousados em si, que ele logo desviava. Adrien seria *gay*, apesar da atração pela sua irmã?

Naquela noite de horror, ele tinha ido para casa de Nina, bêbedo. Sentia necessidade de se agarrar a alguém, uma esperança. Deu com Adrien no jardim, pálido e tão perdido como ele. Étienne atraiu-o ao quarto de Nina e Adrien deitou-se a seu lado sem dizer nada, sem reagir. Era Étienne que reinava sobre os Três. Aquele a quem não se recusava nada. Ele tinha provocado Adrien de forma consciente. Agora sabe-o na sua alma e na sua consciência. Não o fez por desespero nem solidão, mas por apetência. Acariciaram-se e beijaram-se no escuro. «É um só passo, entre amizade e amor», uma parvoíce que Marie-Laure lhes repetia gravemente e os deixava incomodados. «Para com isso, bolas», gritava-lhe ele, enquanto bebia o seu chocolate quente.

Teria ele adivinhado aquela rapariga escondida em Adrien? Tê-la-ia amado sem saber?

Depois daquela noite, nunca mais tocaram no assunto. Continuaram as suas vidas como se aquilo não se tivesse passado. Étienne desvalorizou os seus atos: uma brincadeira de miúdos, dois imbecis de dezassete anos que andam à procura de si mesmos.

Mas o que teria aquilo sido para Adrien?

Quando Étienne leu *Branco de Espanha*, sentiu-se ao mesmo tempo traído e envergonhado. O mesmo sentimento que Nina, as mesmas palavras pronunciadas, mas com um significado completamente diferente.

Étienne também sabia de cor algumas passagens daquele maldito romance. O narrador chama-se Sasha. Está a dias da cirurgia de «reatribuição sexual». Uma expressão bárbara, semelhante a uma fórmula matemática, para dizer «tornar-se aquilo que é desde a nascença». Sasha passa uma noite com um homem, um desconhecido, uma única noite de amor. Uma noite por acaso.

Estamos deitados, encostados um ao outro. Nunca toquei no corpo de um rapaz e ele também não. Ele dorme com raparigas e eu com Louise. Somos jovens, inexperientes. É uma reciprocidade. É ele que dá o primeiro passo, a primeira mão sobre mim, eu nunca teria ousado tocar-lhe. Eu sou o grão de areia e ele, o oceano. Ainda que estejamos no mesmo quarto, não habitamos o mesmo mundo. Ele é soberano, ao passo que eu sou um súbdito entre muitos. Ele começa por pousar os dedos no meu pescoço, penso que vai estrangular-me. Porque pensei que ele quer eliminar-me? Não somos ternos, mas abruptos e inadaptados. Não nos penetramos, ficamos nas margens um do outro. Quando ele pousa os lábios nos meus, tomo consciência de que aquilo está mesmo a acontecer-nos. Ainda hoje tenho o sabor da sua língua na minha boca, a sua saliva salgada e alcoolizada. O nosso corpo a corpo dura bastante tempo, imenso tempo, somos os dois senhores das horas que nos são oferecidas, como um casal que faz amor pela última vez, dois condenados à morte que sabem que a alvorada porá um ponto final nesta história que nunca começou.

No fundo, pensa Étienne*, traí a Clotilde, o Adrien e a Louise no mesmo dia, o dia do funeral de Pierre Beau. Aquela descida à terra foi também a da minha honra e da minha integridade.*

Quando Étienne leu aquelas linhas, teve vontade de assassinar Adrien. Como podia ele ter falado deles, dele? Talvez o reconhecessem, talvez o identificassem.

Quando Étienne fez falar Adrien, lhe disse que, se não testemunhasse, ele revelaria a identidade do autor de *Branco de Espanha*, fez *bluff*.

Felizmente há o Valentin, pensou ele.

Tinha-lhe ligado há pouco, à chegada a Nápoles, de uma cabina telefónica.

Valentin estava já deitado, de telemóvel na mão.

— Papá — murmurou ele, aliviado.

A única pessoa no mundo que vê Étienne como alguém de bem. A única pessoa no mundo que transformou Étienne em alguém de bem.

No ano em que foi para Paris estudar, Nina andava a ouvir uma canção demasiado lamechas para o seu gosto, *Juste quelqu'un de bien*.

Étienne agarra na mão de Nina, que dorme, e aperta-a com força. Abafa as lágrimas na almofada. *Um homem não chora*.

*

Um homem não chora. Nina pensa no título desse romance de Faïza Guène de que tanto gostou. Que leu várias vezes. Nina finge dormir enquanto a mão de Étienne aperta a sua. Ele não pode perceber ou adivinhar que ela está acordada, que o ouve abafar os soluços. Faz-se de morta, quando é ele quem vai sem dúvida morrer.

Sem dúvida porque ela se recusa a acreditar nisso. Vai haver um milagre, um impulso de vida, uma tentativa de cura, uma moratória. Na vida real, Étienne não pode morrer.

Ela faz-se de morta quando é a sua vida que se inicia. As primícias de um renovo aos quarenta e um anos. *Nunca é demasiado tarde*, como diria a canção.

Qual canção? A que tinham escrito com Adrien. Deviam ter uns treze ou catorze anos. Já não se lembra bem da letra. Qualquer coisa como: «Nunca é demasiado tarde para te olhares ao espelho, nunca é demasiado tarde para seguires um conselho»… Depois de Emmanuel, Nina percebeu que não se constrói nada com ninguém, nem para ninguém. Uma existência funda-se por si e se, por milagre, se encontra uma alma um pouco irmã, é um bónus. Desde Romain, pela primeira vez na sua vida de adulta, Nina tem a sensação de já não estar desabitada. Também sentiu aquilo com Lili. Mas com Romain é diferente. É o seu namorado. Talvez nunca se separem. Talvez fiquem juntos. Nina tem a certeza de que somos feitos de «talvez».

Nina sente Étienne partir, mergulhar no sono. A mão dele na sua afrouxa. A respiração acalma. Ela ausculta o seu sopro, ele dorme.

*

Ouço a respiração de Étienne. Soluça. Não me atrevo a mexer. Não suportaria que eu tentasse consolá-lo, é demasiado orgulhoso. Com ele, é preciso fazer sempre de conta que não se vê o que sente realmente. Ele é como aqueles tipos que se exibem, que são agradáveis à vista mas nunca se sabe o que sentem. Que fazem tudo para se esconderem por trás de uma fachada enganadora.

A mesma configuração que ontem à noite, na pensão: eu estou na cama individual, a do filho, do terceiro, Étienne e Nina dormem na cama dos pais.

Encontrámos um hotel perto de Mappatella.

Comemos *linguine* com amêijoas e bebemos uma garrafa de vinho branco delicioso. Como se não acompanhássemos Étienne na sua última viagem, mas estivéssemos simplesmente de férias à beira-mar.

Mal saiu do carro, ele despiu-se e atirou-se à água a gritar. Não sei dizer se os seus gritos eram de alegria ou desespero. Sem dúvida um pouco de ambos. Nina gritou: «Está gelada! És doido!» Tentou dissuadi-lo, puxá-lo pela mão para a areia. Étienne repeliu-a: «Deixa-me ser doido, se fazes favor.»

Enquanto nadava, Nina não desviou os olhos dele e eu fui comprar duas grandes toalhas de praia a um bazar. Quando ele saiu do mar, transido, friccionámo-lo longamente, uma toalha cada um. Ele tiritava, mas parecia feliz. Sorria, o corpo vermelho por causa do frio, mas o rosto sempre pálido. Era a primeira vez que o via em tronco nu desde a despedida de solteira de Nina. A tez, os ombros, a barriga, os pelos eram de um adulto.

Agora temos quarenta e um anos, a nossa geração queria mudar o mundo e fracassou, pensei.

Mal chegámos ao hotel, Étienne foi tomar um banho quente depois de engolir um carregamento de medicamentos. Eu e Nina esvaziámos o minibar e bebemos garrafinhas ao acaso, sem olhar para os rótulos. Pus música, uma *playlist* aleatória.

Étienne gritou, da casa de banho: «Os vossos gostos continuam a mesma porcaria!»

Somos exatamente como irmãos e irmãs que se reveem depois de uma separação e não perderam nenhum dos seus reflexos. Quando se libertam adultos que foram crianças juntos, a infância vem à superfície.

Apesar das advertências de Étienne, ligo o meu telemóvel às escondidas

para consultar os *mails* e, sobretudo, saber novidades de *Nicola*.

— Nina?

— Sim — responde-me ela num murmúrio.

— Acabo de receber um *mail* confidencial do jornal. A ossada no carro é de uma mulher… Uma única pessoa.

— Clotilde? — murmura Nina como se tivesse medo de pronunciar o nome.

— É demasiado cedo para se saber.

— Achas que se for ela… vão encontrar os ossos do… bebé?

— Não depois destes anos todos… Um embrião tem cartilagem, não tem ossos.

— É horrível.

— Estou a ouvir-vos — diz Étienne. — Ainda não estou morto… Se for ela, encontrarão o crânio, a bacia e o fémur do feto. A água doce é menos corrosiva do que a água do mar. E o corpo deve ter ficado protegido pelo lodo… Há vinte e três anos que não penso senão nisso.

80

Sábado, 13 de agosto de 1994

Uma dor surda. Clotilde está presa num pesadelo do qual quer sair, conta: *Um, dois, três e acordo*.

E sempre aquela canção de Francis Cabrel que passa agora em todas as rádios, repetidamente, que lhe ocupa a cabeça mesmo durante o sono.

Não vale a pena sermos mais precisos
Esta história já terminou
Faríamos o mesmo
Se tivéssemos de fazer de novo
Estamos simplesmente, muito simplesmente
Num sábado à noite sobre a terra…

Um, dois, três, acordo e tenho dez anos. Sou a princesa dos meus pais, a sua filha única, a mamã põe a mesa do pequeno-almoço na varanda, o céu está azul, a nossa vida parece um anúncio onde todos são perfeitos, a começar por mim. Sou loira e a pele das minha pantufas roxas com lantejoulas aquece-me os pés. Ando no 4.º ano. Estou apaixonada por um rapaz da escola, o que está sentado na segunda fila ao lado de Nina Beau. Chama-se Étienne Beaulieu. Ponho um pouco de cor nas bochechas e brilhante nos lábios para que ele me veja. Mas ele só olha para os dois amigos, um verme e uma fedelha. Sempre agarrados a eles. Esperarei. Um dia, olhará para mim.

Um, dois, três, acordo. Os meus pés. Tenho muito frio. Estão gelados. Uma camada de neve sobre a minha cama.

Agora a dor é tão forte que ela abafa um grito.

Clotilde abre os olhos. Conseguiu. *Um, dois, três e acordo. Acabou a canção.*

Na vida, na verdadeira, ainda é de noite. Pode dormir mais, até ser hora de ir trabalhar para a pizaria. Só mais quinze dias. Ela já não aguenta fazer os ziguezagues entre as mesas.

Ontem, enquanto servia uma piza quatro queijos, uma romana e lasanhas,

a empregada dos Beaulieus deve ter encontrado a sua carta na caixa de correio e deve tê-la tirado e pousado na escrivaninha do quarto de Étienne. Enquanto a sagrada família trabalha para o bronze no Sul, uma bomba ao retardador aguarda no quarto do filho. Um obus que lhes rebentará na cara dentro de dez dias, quando regressarem.

Clotilde ri-se sozinha, transpira, sente cada vez mais dor. É ainda aquele maldito pesadelo que está a dar-lhe a volta à barriga.

Pensou que tinha acordado, mas continua prisioneira do sono.

Um, dois, três e acordo.

No entanto, pensa em voz alta: «A carta na escrivaninha do Étienne…»

Quantas vezes ela e Étienne estiveram naquele quarto, naquela cama? Quantas vezes tornou ela a vestir-se ali? A recolher as roupas amarrotadas, lançadas à pressa antes do sexo? A procurá-las como o Pequeno Polegar procurou as pedrinhas brancas no caminho de regresso? Contrariamente à criança do conto de Perrault, Clotilde teria gostado de se perder nos braços do lobo mau, nunca mais regressar a casa.

Ao afastar as calças de ganga de Étienne, lançadas para cima da sua camisola ou dos seus sapatos, quantas vezes ela desejou que ele dissesse «Fica»?

Ela, com o corpo ainda tumefacto de prazer, curvada para apanhar o sutiã, a observá-lo através da cortina dos seus cabelos loiros. Ele, deitado, nu, com a pele dourada, a acender novamente o charro com um gesto ao mesmo tempo gracioso e desenvolto. A ausência no seu olhar belo, um sorriso enigmático nos lábios. Em que pensa ele? Em quem?

Ele acabou por olhar para ela no liceu, depois de ter atravessado os seus anos de terceiro ciclo sem reparar nela. Apenas um cumprimento lançado entre dentes, quando se cruzavam. E na entrada no último ano, após dois meses do início das aulas, ela percebe que ele a vê por fim. Demora o olhar nela. A noite de anos de um amigo, um 3 de novembro. «O Étienne vai estar.»

O Étienne vai estar.

Ele não perde tempo a seduzir Clotilde. Não sabe namoriscar. Não sabe dizer palavras bonitas, está-se nas tintas, aproxima-se e beija-a na boca. *Zombie* dos Cranberries nas colunas, e todos a cantarem à volta deles, a plenos pulmões: *In your head! In your heeaadd!*

E pronto. O seu sonho de menina realiza-se. Dormem juntos nessa primeira noite no quarto de Étienne. Porquê esperar? Quem disse «Nunca na primeira noite»? A vida é demasiado curta. O príncipe tem o hálito carregado de álcool, mas é assim a vida.

As pantufas roxas com lantejoulas já foram há muito despachadas numa venda de garagem. As recordações são como os roupeiros: acabamos por nos livrar do que está lá dentro.

Clotilde tem dezassete anos, mas já percebeu isso. É uma jovem velha. Não tem ilusões. A única coisa que a obceca é Étienne Beaulieu. Mesmo sabendo, no fundo, que um dia acabará por se desinteressar também dele.

«É a primeira vez que tenho prazer a sério.»

Étienne repete esta frase a Clotilde, como um refrão. Para Clotilde, aquela primeira vez tem o gosto do amor.

Outra cólica, Clotilde dobra-se de dor. *Não, não, não. Não é o local nem a hora. Não é possível. É demasiado cedo.*

Clotilde tenta negociar de novo com o sono. *Um, dois, três, acordo.*

Acende o interruptor. Sangue por todo o lado. Queria ser capaz de gritar: «Papá! Mamã! Socorro!» Mas não sai qualquer som da sua boca.

Levanta-se, vai à casa de banho. Acabou, terá de recomeçar tudo do zero. A mecha da bomba ao retardador fez pchhhhh. Clotilde retira o resguardo e os lençóis, atravessa o corredor, detergente, lixívia, máquina de lavar a 90 graus, regressa ao quarto.

Toma um duche. Já não tem dores. Sente uma vontade de expulsar, que retém. *Aqui não*. Chora. Não porque está prestes a perder o feto de Étienne Beaulieu, mas porque são os seus últimos sonhos que se escoam pelo ralo.

Um tiro, foi ao fundo.

Põe um vestido preto, velho e feio, uma coisa que tinha comprado havia dois anos porque a fazia parecer uma bailarina, mas que nunca usou. Sai para o dia que nasce, não se vê nem um gato naquela maldita cidade, os sapatos ficam molhados do orvalho da manhã. Faz as coisas com um automatismo que lembra os mortos-vivos do videoclipe de Michael Jackson ou aqueles filmes de treta de que nunca gostou, nos quais raparigas frágeis e pálidas com gorros de algodão, vestidos compridos e tamancos choram a sua sorte, enquanto os maridos bebem álcool forte às gargalhadas.

Revê Étienne na praia de Saint-Raphaël, a rapariga loira deitada em cima

dele.

Já não tem cólicas.

Clotilde acocora-se, expele para uma valeta, nenhuma dor, não olha, aquilo não respira, está morto. Porque decidiu estar morto, sair sozinho, abandoná-la, não ter vontade de estar com ela.

Nunca tinha desejado ser mãe. Com dezoito anos, quem desejaria? Só quisera prender Étienne, pregá-lo ao cepo. Que ele se transformasse em pai-galinha. Que o «feliz acontecimento» operasse nele uma transformação radical. Que ele se tornasse dócil e atencioso. Um simpático pau-mandado que ela acabaria por detestar. Odiar, mesmo.

Clotilde assoa-se ao seu vestido de bailarina. *Que disparate, minha pobre filha. Ainda bem que isto te aconteceu. O que ias fazer com um puto aos berros? Mas vais ter de te vingar, e não vai ser pouco. Dar-lhe cabo da vida. Caso contrário, terá sido demasiado fácil.*

Regressa a casa, são sete horas. Deita-se diretamente sobre o colchão, enrolada numa colcha.

Dormita até às nove horas. Em baixo, ouve as vozes dos pais, o barulho de loiça.

Tenho de ir trabalhar. Tenho de ir trabalhar. Tenho de ir trabalhar.

Está exausta. Ainda sangra, o regresso das regras. O regresso à vida normal.

Não foi ao médico. Não fez ecografias nem teve acompanhamento. Nunca ninguém soube. Leu um livro sobre gravidez como quem estuda um manual de História. Uma coisa que acontecia aos outros, mas que não lhe dizia respeito a ela. «Ao quarto mês, o feto pesa cerca de duzentos gramas e mede quinze centímetros.» Calculou que teria ficado grávida a meados de abril. Uma tarde de quarta-feira. O dia das crianças. Não foi nada um acidente, como ela afirmou. Tinha tudo previsto. Furou a ponta do preservativo com a unha do indicador, tão cortante como a lâmina de um canivete.

Recorda-se do dia em que fez o teste de gravidez: dois traços, sim; um traço, não. Exultou, sentada na sanita, ao ver o resultado. *O Étienne é meu.*

Clotilde toma novo duche, veste outro vestido, que abotoa à frente, quando repara que se esqueceu de ligar o ventre, operação que executa desde há cerca de um mês. Ainda tem a forma arredondada de uma mulher grávida. Porquê? Durante quanto tempo?

Os seus pensamentos são interrompidos por pancadas na porta, dadas pela mãe.

— Minha querida, o avô da tua amiga morreu.

Não tenho amiga, pensa Clotilde. *Detesto as raparigas. O meu desejo oculto é ser proxeneta e pô-las a render à esquina, para me trazerem o máximo de dinheiro. A verdade é que gostaria de jogar póquer com outros homens, enquanto as minhas galinhas davam no duro. A verdade é que não gosto de ser rapariga.*

— Que avô? Que amiga, mamã?

— A morena baixinha… O carteiro… Pierre Beau… foi atropelado… Por um camião. O pobre homem.

Clotilde não sai logo do quarto. *Isso quer dizer que o Étienne vai regressar mais cedo do que o previsto. Amanhã já estará cá. Amanhã lerá a minha carta… Talvez mesmo… hoje!*

— Aconteceu quando?

— Ontem à tarde.

Uma hora depois, como todas as manhãs desde o dia 1 de julho, Clotilde põe as mesas, ajeita as toalhas, certifica-se de que a loiça está bem lavada. Os primeiros clientes aparecem ao meio-dia em ponto e às duas e meia os almoços terminaram. Durante a refeição, alguns clientes falam do acidente, o carteiro de bicicleta, o camião que não o viu.

Clotilde tem umas horas de descanso à tarde e retoma o trabalho às seis horas, para preparar a sala para os jantares. Durante a pausa, deita-se muitas vezes no relvado da piscina municipal, mas hoje passa pela biblioteca e consulta discretamente livros sobre gravidez. Acaba por encontrar o que procura: «O útero precisa de tempo para regressar ao tamanho inicial após um aborto espontâneo ou um parto, o perímetro abdominal mantém-se deformado e a pele do ventre distendida. Será necessário contar com várias semanas para recuperar a linha.» Clotilde não tem intenção nenhuma de recuperar a linha. Ao sair da biblioteca, engole, sem sequer lhes sentir o gosto, dois bolos.

Percebe que tem duas horas diante de si, regressa ao jardim da biblioteca e deita-se num banco, debaixo de um grande pinheiro. Não anda ninguém por ali, os baloiços estão desertos, o ar está quente, ela tem sede. Fecha os olhos.

Não vale a pena sermos mais precisos
Esta história já terminou

Cala-te com a canção.

Clotilde revê Étienne e a rapariga na praia de Saint-Raphaël. Quando é que foi, ao certo? Conta mentalmente. Há três dias.

Recorda o dia em que o avô de Nina Beau irrompeu no pátio da escola para lhe bater. Ela morreria de vergonha se os pais lhe fizessem uma cena daquelas. Teria preferido desaparecer a voltar a pôr os pés na escola.

Nina, o seu avô atropelado, Étienne, seguramente destroçado. Tudo o que afeta a sua «melhor amiga» deixa-o doente. Bastava tê-lo visto naquele dia, quando o velho deu a bofetada à neta. Étienne ficou de cara à banda, branco como um lençol.

Clotilde olha para o céu, tem a impressão de ser um saco vazio, um saco a que um ladrão tivesse arrebatado todo o conteúdo. Sente as lágrimas caírem, fecha os olhos, lembra-se da cara dele quando, em maio último, logo a seguir ao sexo, lhe disse que estava grávida. Étienne gemeu: «Oh, merda… Que merda…»

Durante o serviço da noite, olha sem cessar para a rua, para ver se ele está lá. Se ele passa, se olha para ela. Espera que a venha buscar, que lhe faça uma surpresa. Não consegue desviar o olhar das três grandes janelas que dão para o exterior. O patrão acaba por lhe perguntar se espera alguém. Clotilde manda-o dar uma volta.

Ao sair, faz um desvio pela rua onde vivem os Beaulieus. Sente um grande choque no peito ao ver o carro familiar parado diante da casa deles.

Regressaram.

Não há luz no quarto de Étienne. Terá saído depois de ler a sua carta? Estará à espera diante da sua casa? Ela dá meia-volta e percorre rapidamente as ruas, não muito segura. *E se ele está a tentar livrar-se de mim?*

Clotilde passa diante da casa de Nina de cabeça baixa e passo estugado. Não se avista vivalma. Nem no interior nem no exterior.

Onde poderiam estar os Três? Onde se esconderiam? Onde estariam a consolar Nina?

É quase meia-noite quando chega a sua casa, no limite das forças. Sempre sem ver ninguém. Terá Étienne lido a sua carta? A menos que tenha reconhecido a sua letra no sobrescrito e, nesse caso, como todos os

cobardes, tenha porventura adiado o momento de abrir. Ou talvez a tenha mesmo deitado fora, rasgado, sem ler o que dizia.

Clotilde sobe para o seu quarto com a morte na alma. Fica muito tempo a tentar lobrigar um sinal, um movimento, uma presença na rua. Nada.

Não se dá ao trabalho de passar pela casa de banho e despir-se: deita-se na cama conforme está e adormece de imediato.

*

Domingo, 14, e segunda-feira, 15 de agosto. Dois dias de descanso. A angústia absoluta. La Comelle está deserta, assolada pelo calor. Todas as lojas se encontram fechadas, as grades corridas.

Só a piscina municipal está aberta. Ela não meterá lá os pés. Com o seu grande ventre vazio, denunciar-se-ia. Recusa-se a sair. Fica em casa a aguardar um telefonema ou uma visita…

A mãe fica preocupada, acha-a ansiosa. Tenta fazê-la falar, debalde. Sugere-lhe irem passar aqueles dois dias de descanso onde ela desejar.

— E se reservássemos um quarto num hotelzinho para os lados de Valence? O teu pai falou de um sítio simpático com massagens e piscina. Fica a duas horas de carro.

— Não quero, mas vão vocês.

— Não vamos deixar-te sozinha, minha querida.

— Deixem, por favor. Tenho vontade e necessidade de estar sozinha. Vou começar a fazer a seleção das coisas, antes da mudança.

Está inscrita na faculdade de Dijon, em Gestão do Desporto. Com 19,5 no exame de admissão, vai ser a melhor do curso.

A melhor em estupidez, sim.

Não irá para Dijon; nem para lá nem para outro sítio. Vai para longe. Como tinha previsto fazer, caso Étienne rejeitasse ambos, ela e a criança. Agora já não há criança. Por isso, mesmo que ele pense que está grávida, o que lhe resta fazer? O seu ventre acabará por derreter como neve ao sol e Étienne deixá-la-á para sempre.

Anda às voltas pela casa. Já não tem projetos, não tem futuro, não tem Étienne Beaulieu.

Empanturra-se para não perder peso. Engole fatias de pão cobertas de molho ou pasta de barrar.

O telefone toca. Étienne, finalmente! Mas é apenas uma colega do liceu.

— O funeral do avô da Nina Beau é na quarta. Tu vais?

— Vou — ouve-se responder.

— Como vais vestida?

Que idiota. Não é propriamente o Club 4 nem a eleição de Miss França. Razão tenho eu ao pensar que as raparigas deviam ser todas postas a render.

— Não sei.

— Vai estar calor.

— Certamente.

— Vai ser tão triste…

A outra continua a falar sozinha, Clotilde já não a ouve. Agora, tem a certeza: daí a três dias vai vê-lo… A idiota, no fundo, tem razão: como é que se vai vestir, maquilhar, pentear? Tem de fazer tudo para parecer natural… Clotilde desce à terra quando a outra lhe pergunta:

— Tiveste notícias do Étienne?

— Sim — mente. — Telefona-me todos os dias. Veio mais cedo do que o previsto para consolar a Nina. Para ela é duro.

— Oh, pobre, deves estar triste pelos dois.

— Imenso. Agora tenho de ir, está alguém a bater à porta, deve ser o Étienne.

Clotilde desliga.

Na terça-feira, 16 de agosto, vai para o trabalho com a morte na alma. O patrão observa-lhe que está com má cara.

— Devias ter aproveitado os dias de descanso para apanhar sol.

Clotilde não responde, dobra os guardanapos a olhar pela janela, a lembrar-se das vezes em que ele vinha. Chegou há três dias e não a contactou sequer.

Que filho da mãe. Parece que é só um passo, entre amor e ódio. Mesmo. É um passo, e minúsculo.

O dia alonga-se, os clientes são irritantes, ela sente vontade de mandar tudo àquela parte. Antes de sair, Clotilde avisa:

— Amanhã não posso vir, tenho um funeral.

— Ah, o pobre carteiro… Mas o funeral não vai durar o dia todo.

— Para mim, vai.

O patrão faz uma careta, como quem diz: «E eu, como é que faço?» Mas

não insiste, nunca teve uma empregada tão despachada. Tanto na sala como na caixa e com a clientela. Se tivesse de lhe dar uma nota, apesar das suas estranhas variações de humor, Clotilde Marais teria bom a tudo. Se dependesse só dele, ficaria com ela o ano todo, mas não tem ilusões, sabe que a rapariga não vai ficar ali. Mesmo com um salário mais alto do que o mínimo, subsídio de refeição e um bónus no final do ano, ela tem mais que fazer do que servir pizas todo o santo dia.

Depois do trabalho, Clotilde segue diretamente para casa, esperando cruzar-se com *ele*.

Já não sangra. Retira as faixas e observa-se de perfil num espelho. A barriga está igual. Como Clotilde é magra, destaca-se mais.

Há três dias que o perdeu. Uma menina ou um menino? Que interessa isso agora?

Prepara uma máscara de argila e hidrata o rosto. Desenha um risco de *khôl* nos olhos. Assim, na manhã do dia seguinte o azul do olhar sobressairá sem que ela tenha um ar maquilhado.

Deita-se, a ver e rever mentalmente o que deverá fazer ao acordar. Lavar o cabelo com o seu champô de ovo, secá-lo ligeiramente, aplicando um amaciador nas pontas. Revirar as pestanas, aplicar corretor de olheiras, um toque de *blush*, brilhante nos lábios ligeiramente irisado, retirar o excesso com um lenço de papel. Pôr creme no corpo, perfumar-se levemente nas têmporas e nos punhos. Vestir uma *T-shirt* cinzenta, calças a condizer, descontraída, chique e discreta, e calçar as sandálias pretas de tiras. Lembrar-se de verificar se a pedicura está perfeita. Nada mata mais o amor do que os calos nas plantas dos pés.

Mata o amor.

Repete em voz alta, para si mesma: «Mata o amor.»

O que faz Étienne? Onde está ele? Em que pensa? Terá acabado por abrir aquela maldita carta? Quando a recebeu?

Vingar-se. E descobrir como. Depressa, muito depressa. Antes que ele saiba que ela já não está grávida.

*

Quando Clotilde chega ao adro da igreja no dia 17 de agosto, já aí está muita gente. Sente-se aliviada quando entra no templo, mais fresco. Ajeita

discretamente o cabelo, tenta encontrar um lugar na coxia central, para os ver passar. Quase empurra uma senhora gorda para se sentar. Espera há uns quinze minutos, observando ou acenando para as pessoas, quando todos se põem de pé. O órgão, o caixão, Nina, Étienne e Adrien atrás. De mãos dadas. Como três órfãos atrás de um pai. Nesse instante, Clotilde sente o coração partir-se ao perceber como eles se amam. Ela nunca ocupou aquele lugar no coração de Étienne. Uma mera minhoca é mais importante aos seus olhos.

Dir-se-ia que Nina encolheu, atrofiou com o desgosto. Adrien continua insípido como sempre. Quanto a Étienne, o cabelo aclarado pelo sol, o bronzeado perfeito e o desgosto que lhe confere aquele ar grave tornam-no ainda mais belo do que lhe seria permitido ser. Ao contrário de Nina, ele parece ter-se tornado ainda mais alto.

Étienne não a vê, avança de cabeça erguida. Os três são seguidos pelas famílias Beaulieu e Damamme, assim como pela mãe de Adrien, em casa de quem todos comemoraram a conclusão do liceu há pouco mais de um mês. Quando todos não conheciam ainda preocupações. Exceto ela, Clotilde. Porque ela estava grávida e era a única a sabê-lo.

Étienne não se mexe durante toda a cerimónia. Pousa de tempos a tempos o seu olhar repleto de tristeza em Nina. Clotilde vê-o a três quartos. Gostaria de lhe tocar, de lhe dizer: «Anda, vamos fugir daqui.»

No adro, no final da missa, enquanto desconhecidos se abeiram de Nina para a beijar, Clotilde sente alguém pegar-lhe no braço. É como num sonho. Ela não toma consciência do que se está a passar.

— Olá, passas em minha casa depois do enterro? A minha mãe fez um lanche para os mais chegados.

Clotilde faz um sinal de cabeça para confirmar que irá. Étienne já regressou para junto de Nina.

A esperança renasce. Se ele lhe pede para passar em sua casa, é porque nada está terminado. Talvez ele faça tenções de retomar a história deles onde a deixaram, antes das férias. Talvez, no fundo, aquela loira deitada sobre ele em Saint-Raphaël não tenha significado nada. Ele é assim, Étienne, centrado no presente.

Repleta de esperança, tem de fazer um grande esforço para não desatar a rir diante de toda a gente. Só tem tempo de ver os Três entrar nos bancos de trás do carro dos Beaulieus, que arranca e começa a seguir a carrinha

funerária.

Vira-se, não sente vontade de falar com os que não vão ao cemitério e se encontram prostrados diante do livro de condolências, de caneta em punho. Lança um olhar às palavras alinhadas ao pé umas das outras e é ao ler «Partilhamos a dor, as nossas sinceras condolências, nunca esqueceremos o sorriso do nosso colega» que Clotilde percebe que tem de recuperar a carta. Talvez Étienne ainda não a tenha lido. Tem tempo diante de si.

Caminha até à casa dos Beaulieus. Se vão organizar uma receção para depois da cerimónia, haverá certamente alguém a tratar dos preparativos. *A empregada, como é que ela se chamava? Senhora… senhora…? Vá, faz um esforço, cruzavas-te com ela sempre que entravas e saías de casa do Étienne… Um nome invulgar. Um nome de sentimento. De ressentimento. Senhora Rancoeur* [*Rancor*]*! Sim, é isso mesmo.*

Clotilde bate à porta, é estranho voltar ali. Não põe lá os pés desde o início das férias. Depois do suposto aborto, dedicaram-se os dois aos estudos e o sexo da tarde tornou-se mais espaçado, até desaparecer. No dia em que celebraram o final do secundário em casa da mãe de Adrien e depois no lago da Floresta, ela dormiu em casa dele. Étienne possuiu-a depressa, demasiado bêbedo para se demorar e se aperceber de que a barriga e os seios dela estavam mais volumosos.

Ela aguarda uns minutos e depois, como ninguém aparece, entra. Ouve ruídos ao longe, a porta da sala de estar que dá para o jardim está aberta. Clotilde aproveita para subir a escada, diante de si, sem se cruzar com ninguém, e fecha-se no quarto. Se alguém lhe perguntar o que faz ali, dirá que Étienne lhe pediu para o esperar «como de costume».

Começa a procurar a carta. Nada à vista. Abre as gavetas da escrivaninha, folheia algumas *Rock & Folk*, um *Larousse*, vasculha as prateleiras, nem sinais de sobrescrito. Espreita para o cesto dos papéis: só beatas e uma revista antiga com a programação da televisão. No roupeiro, peças em cabides e roupa de cama dobrada.

Senta-se na cama e reflete. A sua atenção é então atraída pela mochila de Étienne, encostada à janela, atrás do cortinado. Coberta de grafítis. Do 10.º ao 12.º anos, os estudantes das turmas sucessivas escreveram tudo e mais alguma coisa no tecido, com esferográficas. Dois crachás, um dos Nirvana e outro dos Pearl Jam. Ela reconhece uma frase entre as demais, que ela

escreveu com caneta de feltro preta numa das presilhas: MAIS QUE ONTEM E MENOS QUE AMANHÃ.

Abre a mochila e dá com aulas copiadas à pressa em folhas duplas, numa caligrafia trapalhona, um manual de trabalhos práticos, um *Best* com os Velvet na capa. Mas nenhuma carta. Acaba por tirar a agenda 1993-1994, onde Étienne preferira desenhar homenzinhos de toda a espécie enquanto se entediava de morte nas aulas, em vez de anotar os seus afazeres diários ou as datas das entregas dos trabalhos. Estava-se completamente nas tintas para o seu horário, bastava-lhe seguir o rasto de Nina Beau ou Adrien para ir ter à sala certa.

Clotilde folheia a agenda página a página, encontra o bilhete de um concerto do grupo Indochine com data de 29 de abril de 1994. Lembra-se de que Étienne quis ir com os outros dois, sem ela.

Onde terá metido a maldita carta? E porque é que ela a enviou? Estava capaz de bater em si própria. E se ele não a tivesse recebido? E se a estação dos correios estivesse um caos, por causa da morte do carteiro?

«Despachado!»

O olhar de Clotilde demora-se naquela palavra rabiscada por Étienne no dia 25 de maio de 1994. Leva uns segundos a perceber. Não sabe se o que a choca mais é a palavra «despachado» ou o ponto de exclamação.

Não, o que a deixa fora de si é a data em que ele escreveu aquilo. O dia 25 de maio corresponde àquele em que Étienne a deixou à porta do hospital de Autun.

Como se atreveu?

E até sem erros ortográficos. Ele que dá tantos.

Não restam dúvidas de que o grande cabrão de merda é mesmo um filho da puta.

Tanto melhor se ele recebeu a carta, de qualquer modo ela está-se nas tintas. Sente o sangue ferver. Atira a agenda para o cesto dos papéis, sai do quarto e dá de caras com a senhora Rancoeur.

— Oh, Clotilde, como estás?

— Bem.

— Estás à espera do Étienne?

— Sim.

— Não dei por tu entrares… No outro dia vi-te na pizaria… Está tudo

bem?

— Sim.

— Foi uma tragédia, o pobre carteiro… E a pequena, o que vai ser dela? Felizmente que a senhora Beaulieu está a tratar de tudo. No fundo, é bom o Étienne levar a Nina consigo para Paris. Assim ela vai seguir em frente, para outra coisa.

— …

— Está demasiado calor lá fora, podes ajudar-me a trazer a mesa de jardim para a sala?

— Sim.

— Calha bem estares aqui, eu atrasei-me… Assim vais ajudar-me antes que chegue toda a gente.

Enquanto ajuda nos últimos preparativos, Clotilde revê aquele «Despachado!» escrito no dia 25 de maio. A palavra não a larga. Morre de vontade de ir à casa de banho roubar medicamentos da farmácia familiar para preparar um *cocktail* mortal, que despejaria no copo de Étienne. Mal tinha acabado de dispor as taças de fruta e as bebidas quando ele chegou. Ela adivinha-lhe o perfume antes mesmo de ouvir a sua voz. É isso ter alguém na pele, pressentir a sua presença.

— Vemo-nos hoje à noite? — murmura-lhe ele ao ouvido.

Despachado, pensa Clotilde.

— Onde? — pergunta-lhe.

— Não sei, um sítio tranquilo.

— Tudo bem.

Clotilde vai ter com Nina. Diz-lhe: «Lamento muito a tua perda.» Nina responde: «Obrigada, é simpático da tua parte.»

Clotilde não pensa uma palavra do que disse. Nina, pelo seu lado, não pensa de todo, fala como um robô.

Clotilde senta-se no sofá ao lado de Étienne e da sua «melhor amiga». Não sabe onde pôr as mãos, quando Étienne segura a de Nina. Procura o olhar dele, mas o rapaz fita a parede em frente.

Passa uma hora, Clotilde acaba por se levantar.

Sugere a Étienne encontrarem-se no lago às oito e meia, no sítio do costume, debaixo da árvore deles. Ele responde: «Está bem, até logo.»

E depois mais nada.

A rua em frente à casa dos Beaulieus. Os passeios abrasadores. Ela volta para casa, só.

Dentro de quinze dias, Étienne e Nina viverão em Paris. E ela? O que será feito dela?

Tem vontade de viver ou de morrer?

Porque é que Étienne lhe sugeriu encontrarem-se naquela noite? Quer seguramente deixá-la como deve ser.

Despachado.

⋆

Ela torna a sair por volta das sete e meia. Mudou de roupa, agora traz uma túnica fácil de tirar, preta com pintas brancas, botões em forma de joaninha à frente.

Joaninha voa, voa
Que o amor não perdoa

É uma hora de marcha até ao lago. Mal pode esperar para tirar a carta de condução. Nunca lhe deram autorização para ter uma lambreta ou uma *scooter*: demasiado perigoso, segundo os pais.

Não tão perigoso quanto amar Étienne.

Atravessa La Comelle, passa diante da igreja, envereda pela última zona industrial que desemboca na estrada rural. Um carro vindo em sentido contrário abranda e para junto de si. Ela não reconhece de imediato o condutor, que baixa o vidro.

— Posso deixar-te em algum lugar?

É o filho Damamme. Estava no funeral esta manhã e, à tarde, em casa dos Beaulieus. Vê-se bem que ele está caído pela Nina Beau. Clotilde fica surpreendida por não o ver ao volante do seu carro desportivo e por o encontrar ali, naquele caminho tão fora de mão. Não é o género de tipo que frequente as zonas manhosas de La Comelle.

Ele não a deixa responder e inverte o sentido da marcha. Clotilde hesita, depois entra para o lugar do passageiro.

— Vais ao lago? — pergunta ele.

— Sim.

— Não é bem um lago, pois não? É mais um coletor de esgotos — ironiza

ele.

— Depende.

— Depende de quê?

— Há sítios limpos.

— O que vais lá fazer?

— Tenho um encontro combinado. Com o Étienne.

— Ah. Andas com ele há muito tempo?

— Nove meses. E tu? Andas com a Nina?

— Mais ou menos.

— Mais? Ou menos?

— Com a morte do avô, menos. E depois eles vão partir. O teu tipo vai levá-la para Paris.

— Pareces triste.

— Tu também. Estamos quites.

— Não há lugar para nós na história deles. Eles são três. Serão sempre três… Se não gostas do lago, de onde é que vens, deste lado? — pergunta Clotilde.

— Segui o Étienne na sua mota.

— Porque é que o seguiste?

— Vontade de lhe limpar o sebo.

— Estás a disparatar, agora.

— Sim. E não. Tu não gostarias de lhe limpar o sebo, por acaso?

— Sim. Às vezes — admite ela.

— Estás a ver, ele faz mal a toda a gente.

— Porque é que te faz mal a ti?

— Nina.

— Mas não há nada entre a Nina e o Étienne! — exclama Clotilde.

— Como podes ser tão ingénua… Deixo-te aqui?

Emmanuel Damamme deixa Clotilde Marais à beira do caminho, mesmo ao lado da mota de Étienne, e parte de imediato.

Étienne está deitado de costas, debaixo da árvore deles. Uma árvore-símbolo, cuja casca se encontra repleta de iniciais e corações. Não as deles. Demasiado piroso. A erva alta esconde-o até metade. Ela adivinha-lhe o cabelo e a *T-shirt*. Ele não se mexe. De repente, ela pergunta a si mesma se Damamme não lhe terá feito mal. Aquele tipo é tão estranho, e afinal acabou

de lhe dizer que o tinha seguido para lhe limpar o sebo.

Clotilde aproxima-se com cuidado de Étienne, sente uma grande apreensão, não a que imaginava ao ir ali. Imóvel, Étienne tem os olhos fechados, ao lado dele uma embalagem de *crackers* e uma garrafa de uísque encetadas. Quando ele abre os olhos, ela detém-se uns momentos. Depois deita-se sobre ele para o beijar, não consegue evitar ver de novo a loira de Saint-Raphaël, tem vontade de lhe arrancar a língua, mas isso será para mais tarde. Por agora, é preciso fingir, não se divertir, fingir.

Ela faz-lhe a pergunta que lhe queima os lábios.

— Não recebeste a minha carta?

— Que carta?

Ela percebe de imediato que ele não está a mentir.

Étienne fita-a, e o que ela lhe lê nos olhos desagrada-lhe. Não tem o olhar de quem está apaixonado, mas embaraçado.

Despachado.

Ela diz-lhe que quer tomar banho, com aquele calor… Refere o avô de Nina. E quanto mais ela fala, mais duramente a olha Étienne. Ela sente-o ir-se embora, fugir-lhe. Então emprega todos os meios, acaricia-o onde sabe que ele gosta, onde ela sabe. Ele reage de imediato. Uma vitória pouco gloriosa. Étienne é um rapaz fácil. Difícil de conservar, mas fácil de contentar.

Sobem para a mota, internam-se na floresta, afastam-se dos olhares.

Começam a despir-se ao mesmo tempo, ele depressa, ela lentamente, é preciso gerir o efeito da surpresa.

Ele mergulha, afasta-se da margem, nada para longe, volta-se algumas vezes para a observar. Ela vira-lhe as costas, retira a faixa, pensa: *E se nos afogássemos aqui os dois? Como numa tragédia grega. Morrer com ele, seria o mais belo final possível…* Imagina já as parangonas: «Acidente trágico, dois namorados perdem a vida.»

Seriam enterrados juntos. Gravariam os nomes de ambos lado a lado, para toda a eternidade, como Romeu e Julieta. «Aqui jazem Étienne Beaulieu e Clotilde Marais. 1976-1994.»

Mas como atrair Étienne para debaixo de água? Ele é bem mais forte do que ela. Era preciso que estivesse drogado ou podre de bêbedo.

Ela espia-o de longe e espera que ele submerja a cabeça para saltar para a

água. Nada em direção a ele a rir demasiado alto, tem consciência disso, mas não pode impedir os tiques nervosos, ao imaginar a cara que ele fará quando lhe vir a barriga.

Reúne-se-lhe no meio do lago, pensando que talvez ele a faça desaparecer, a afogue para a *despachar* — desta feita de uma vez por todas. Com exceção de Nina e do filho Damamme, ninguém sabe que estão ali juntos.

Tanto melhor, acabemos com isto.

— Tenho uma surpresa — diz-lhe ela.

Clotilde mergulha, dá umas braçadas e volta à superfície a boiar. *O resultado deve ser espetacular*, pensa ela, inchando o ventre ao máximo.

Vê Étienne mudar de cor ao fitar o seu abdómen. Vê-o reviver em ritmo acelerado o dia de 25 de maio e perceber que se deixara ludibriar, que fora um idiota, que devia ter-se certificado.

Ele fica incapaz de dizer uma palavra, enquanto ela finge júbilo e o desafia com o olhar, um sorriso malicioso nos lábios. Clotilde pensa que ele se vai lançar a ela, empurrar-lhe a cabeça, desintegrá-la. Formula uma segunda hipótese, a mais terrível: *Mata-me e acaba a sua vida na prisão. A mais bela das vinganças*.

Mas nunca nada se passa como imaginamos. Ele desaparece debaixo de água. Ela fica com medo. Chama-o. Grita o seu nome. Quando ele reaparece, está já perto da margem.

Cobarde. Uma vez mais, opta pela fuga.

Reúne todas as suas forças para o apanhar em *crawl* — 19,5 no exame de Desporto, opção Natação.

Em poucos segundos, ela apanha-o pelos calcanhares, para que não consiga sair. Pensa novamente nas palavras de Damamme: «Não gostarias de lhe limpar o sebo, por acaso?»

Mas Étienne é bastante mais forte do que ela. Debate-se e sai da água, dando um salto como se tivesse o diabo no corpo.

Ela agarra-se a uma raiz e sai também, por sua vez. Não há senão desprezo no olhar de Étienne. Aliás, ele já não olha para o ventre dela, mas diretamente nos seus olhos, com um ódio que o desfigura.

Clotilde perdeu.

Ela desata a soluçar.

— Não te preocupes, não te vou pedir nada. Ninguém sabe, nem sequer os

meus pais.

Pegou no seu saco e mostra-lhe o dinheiro do seu plano de poupança.

— Estás a ver? Tenho montes de massa, vou embora.

— Embora para onde? — pergunta ele.

— Ainda não sei… Esta noite, este nosso encontro, era para me largares, não era?

Está fora de si, irrita-o. Ele já não é dela. Detesta-a. Se ela continuar assim, ele vai embora e ela não o verá nunca mais. Tem de se acalmar, encontrar um modo de o reter. Nem que tenha de o agredir com uma pedra. Está a uma unha negra de lhe dizer a verdade, de admitir que perdeu o feto, que a natureza fez o trabalho por ele.

— Porra, eu ainda nem tenho dezoito anos… Porque é que fizeste isso? — geme Étienne depois de beber vários goles de uísque.

— Não tive coragem de abortar.

— Não acredito, Clotilde. Diz antes que quiseste prender-me. Não me venhas com essa treta da falta de coragem.

Ela vestiu-se rapidamente. A barriga, dentro de água, ainda passa, mas agora tem medo, sente-se vazia.

Sentado na erva, ele enrola um charro. As mãos tremem-lhe.

Ela senta-se junto dele.

— Quando os nossos pais souberem, vão-se passar… Tanto os teus como os meus — diz ele. Depois passa a língua pela mortalha.

— Eu vou embora antes de eles saberem — tranquiliza-o ela.

— Mas vais embora para onde, raios?!

Ela sorri.

— Sempre me desenrasquei.

— Eu não quero essa criança. Nunca quis. Nunca quererei. Roubaste-me. É repugnante.

— E tu, não é repugnante quereres deixar-me?

Ele fecha os olhos. Ela sente, sabe que o exaspera. Ela gostaria de fazer amor uma última vez. Ganhar tempo. Agora é-lhe indiferente morrer ou viver. A única coisa que lhe importa é tocá-lo. Fazê-lo ter um orgasmo. Ela possui esse dom que as outras não têm. Com ela, ele tem verdadeiro prazer. Ela sabe fazê-lo voar. Étienne está deitado, ela passeia uma mão hábil pelo seu corpo, ele repele-a uma vez, duas vezes, e acaba por capitular. Ela acaricia-o longamente, observa o seu sexo ereto, manipula-o, ele geme cada

vez mais alto, a sua respiração agita-se, ejacula nas mãos de Clotilde. As pálpebras continuam fechadas, deixa de falar, o charro apagado pousado ao lado da garrafa de uísque quase vazia.

É o fim do fim do mundo, pensa ela. Ele nem olha para ela. Ela enoja-o. O seu corpo deformado pela gravidez causa-lhe repulsa. Ele tem dezassete anos, quer miúdas giras, não um bidão.

Observa Étienne adormecer. O hálito dele tresanda a álcool. Tem migalhas de bolo nas comissuras dos lábios. É a vez de ela se sentir enojada.

Ainda está calor, mas ela sente subitamente frio. Quer ir para casa, para o conforto do seu quarto. *Não, não o meu quarto. Não o meu chuveiro. Não aquele ralo*. Não quer nunca mais ver os pais nem ninguém.

Veste-se de novo, tem lama seca nos pés e nas pernas. *Estou suja*.

Caminha pela floresta, em busca da estrada de terra batida que leva a La Comelle. Guia-se pelas luzes na linha do horizonte. Cerca de dez minutos a caminhar debaixo das árvores, o barulho dos seus passos sobre as folhas. Muito ao longe, noutra margem, vozes e música *techno*.

Depois de encontrar o caminho, terá de andar dois quilómetros até encontrar as primeiras casas.

Um quilómetro a pé, cansa, cansa, um quilómetro a pé… Não vale a pena sermos mais precisos, esta história já terminou…

Não voltará a ver Étienne. Daí a alguns anos, talvez, cruzar-se-ão por acaso nos corredores do supermercado, ou em frente à tabacaria de La Comelle, e dirão: «Olá.» «Oh, olá. Apresento-te o meu marido.» «Bom dia, prazer. A minha mulher…» «Como estás? O que fazes agora?...» «Até mais ver.»

Acabou. Acabou, pensa ela ao chegar à estrada de terra batida.

Salta sobre a valeta que separa a estrada da floresta. Ouve um carro atrás de si. Um carro vindo do lago. O Damamme filho? Se assim for, seguiu-os. Talvez os tenha visto na água, e depois, quando ela… Tudo escurece no seu espírito.

Terceira hipótese. Encontram-na morta, esmagada por um veículo: banal acidente rodoviário ou suicídio? Ela estraga a vida de Étienne, ele sente-se culpado. *Achas? Ele vai recuperar depressa.*

Clotilde sente uma fadiga imensa.

Faríamos o mesmo

Se tivéssemos de fazer de novo
Estamos simplesmente, muito simplesmente
Num sábado à noite sobre a terra…
Ele chega, ela vê-o, ela quere-o
E os seus olhos fazem o resto
Ela arranja maneira de pôr fogo
Em cada um dos seus gestos…

Maldita canção… Estamos em que dia, ao certo? Quarta-feira. Ah, sim, o dia das crianças. Como quando engravidei…

O carro que ergue uma nuvem de pó vai passar por si não tarda. Ela vira-se sem deixar de caminhar apressadamente, avalia a distância, não distingue o condutor que acelera de repente.

Cinco metros, quatro metros, três metros, dois metros, ela toma balanço.

81

2 de janeiro de 2003

Batem à porta do seu estúdio. Dois cães ladram.

Três pancadas secas. Lili nunca faria aquilo. Sabe que Nina vive amedrontada, e se houver uma informação urgente a dar, ela anuncia-se, gritando: «É a Lili!»

Quem entrou no abrigo? Às nove da manhã, está fechado ao público. Quanto aos empregados, não parecem ter ainda percebido que há uma pessoa escondida naquela cabana.

Nina não ousa mexer-se. Está ainda deitada na cama, atordoada pelo efeito dos analgésicos que lhe receitaram no dia anterior, no hospital. Puxa o lençol até ao queixo. Batem de novo. E mais uma vez.

Ela cerra os punhos e grita, insegura:

— Quem é?

— Sou eu.

Nina reconhece a voz, acalma-se, respira mais livremente.

Levanta-se, veste uma camisola comprida, faz uma careta de dor por causa da mordedura. O cão teve medo quando ela se aproximou, e Nina sabe melhor do que ninguém o que o medo pode provocar.

Passa uma mão pelo cabelo e abre a porta.

A enorme silhueta de Étienne no vão. O seu perfume. Nina sente vontade de se lançar nos seus braços, mas não faz nada. A última vez que o viu, ele estava furioso e deixou-a sozinha no meio de uma cervejaria em Lyon.

Não se beijam. Ele entra. Observa a divisão, demora-se na bancada onde estão pincéis, cola, papéis, bisnagas de tinta, arame, contas, azulejos… Um candeeiro de mesa de cabeceira cujo pé acaba de ser pintado está a secar, no centro.

— É o meu contributo — diz Nina, como que em justificação do caos. — Faço coisas para o abrigo… Como é que me encontraste?

— Um informador.

— Mas como?

— O hospital…

Étienne observa a ligadura na perna de Nina. Ela vestiu uma camisola comprida, tem as pernas nuas. Encontra-a como a conheceu, magra, braços e pulsos finos. O corpo e o rosto recuperaram a graciosidade. Mas ela vive num barracão, no meio de cães. Aquele sítio é quase mísero. Não ousa dizer-lho. Não fora aquela ligadura na perna e quase se diria recém-chegada de férias. Parece muito mais serena do que da última vez que a viu. Quando vivia naquela espécie de fortaleza com o outro tarado…

— Afinal não chegaste a sair de La Comelle — acaba ele por dizer, como que para si mesmo. — Vives aqui desde… há dois anos?

— Dois anos e dois meses.

— É estranho.

— Tenho medo que ele me encontre — admite Nina.

— Damamme?

— Sim.

— Eu trato disso.

Nina muda de expressão, fica tensa, em pânico.

— Ninguém consegue tratar dos loucos. Nem sequer a polícia. Nunca vás ter com ele. Ele conseguiria fazer-te dizer onde estou… Juras-me?

— Tudo bem — acede Étienne, de mau grado.

— Obrigada — diz ela, unindo as mãos.

Dirige-se para a chaleira, pega em duas chávenas e duas saquetas de chá. Étienne não ousa dizer que não quer.

— Sabes alguma coisa do Adrien? — pergunta ela.

Ela vê uma sombra de ciúme turvar o olhar de Étienne. Ele acaba de chegar e ela já está a falar do *outro*.

— Parece que largou tudo, num impulso. Paris, as suas peças, o teatro, a vida em grande. Segundo a Louise, anda a viajar. Por vezes, ela apanha um avião para ir vê-lo… Tu sabes, eles sempre foram marados… Não podiam casar-se e fazer filhos, como toda a gente?

— Porque vieste aqui, Étienne?

— Para te ver. Da última vez, perdi as estribeiras por causa da carta da Clotilde… E odiei-me depois… Porque depois desapareceste… e eu abandonei-te quando não estavas bem… Como ganhas a vida?

— Não ganho.

Étienne fita Nina, incrédulo.

— Não custo muito… Quis vender as joias de família, mas a Lili não deixou. A Lili é a diretora do abrigo. É minha amiga. Salvou-me. Compra-me duas ou três peças de roupa por ano, nos saldos, pasta de dentes e sabonete, aspirina quando tenho dores de cabeça. Lavo a roupa em casa dela. Tem uma horta e eu sirvo-me quando quero. Faz conservas de legumes e bolos caseiros. Em troca, ajudo-a a gerir tudo, aqui, e faço muitas coisas que se vendem nos dias de porta aberta.

— Mas pensas ficar aqui muito tempo?

— Não sei.

— Mas, Nina, isto não é vida!

— É a minha.

— Vives como uma pessoa procurada pela justiça! E não fizeste nada de mal!

— Sim, fiz uma coisa de mal: casei-me com Emmanuel Damamme.

— Tinhas dezoito anos! Acabavas de perder o teu avô.

Nina estende uma chávena de chá a Étienne e olha para o exterior, perdida nos seus pensamentos.

— Podes pedir à Marie-Laure que vá ao cemitério, por favor? Já não posso ir visitar o meu avô, gostaria que ela fosse até lá ver se está tudo bem… pôr umas flores de vez em quando… Por outro lado, não me viste. Não sabes onde estou.

— Nina, não podes permanecer nesta situação.

— Esta situação convém-me. Estou bem aqui… Étienne, conheço-te o suficiente para saber o que pensas deste sítio, a expressão de repulsa quando olhas para as paredes, as juntas, a janela em mau estado, mas se soubesses como me sinto bem… É certo que adoraria andar livremente pela cidade e tomar um café numa esplanada, mas não me sinto ainda preparada. Sei que o Emmanuel anda à minha procura, sinto-o. É irracional, deves achar que estou doida, mas enquanto a Lili estiver junto de mim sentir-me-ei em segurança.

— A tua Lili chama-se Éliane Folon… Sabes que é uma antiga puta?

— …

— Cumpriu até pena de prisão e…

— Gostaria que fosses embora, Étienne.

— Não me leves a mal, Nina, mas reconhece que tens dedo para te rodeares de pessoas estranhas.

— Sim, levo a mal. Vieste aqui para aliviar a tua consciência? Como vês, estou bem, podes regressar a Lyon. Não arrastes na lama a única pessoa que me estendeu a mão sem esperar nada em troca.

— Até ao dia em que ela te deixe numa esquina?

— Vai embora, Étienne.

— Como queiras.

— Quero. Obrigada pela tua visita.

— Continuas uma chata.

— Faz-se o que se pode.

Nina arrepende-se. Sente vontade de o reter. Que ele volte a sentar-se. Que aquela conversa recomece do zero. Étienne terá certamente vindo propor-lhe uma solução. A sua iniciativa tem com certeza origem num bom sentimento. Tem de o convencer amavelmente de que ela não irá embora dali.

— Conheci uma pessoa — diz ele, na soleira da porta.

— Fico feliz por ti.

— Podes ligar-me quando quiseres… Não mudei de número…

— Já não ligo o meu telefone.

Entreolham-se uma última vez. Nina pousa uma mão na face de Étienne, ele agarra-a e beija-lhe os dedos.

*

Étienne passa pelos canis. Com um jato de água, dois jovens limpam o pavimento, uma voluntária põe a trela a um rafeiro arraçado de *collie* e leva-o a passear para o exterior, Étienne lê a ficha do cão presa ao gradeamento: DEBBY: RAÇA X PASTOR, FÊMEA, ESTERILIZADA, NASCIDA EM 1999, NO ABRIGO DESDE 2001. Dois outros cães ladram, abanando as caudas.

Quando passa defronte do escritório, perto da saída, Lili interpela-o:

— Viu a Nina?

— Sim.

— Ela disse-lhe que tinha medo?

— Sim.

— É o seu amigo Étienne?

— Sim.

— É o chui?

— Sim.

— Vai fazer alguma coisa para pôr o maníaco na ordem?

— Não.

— De que está à espera? Que ele venha matá-la?

— Não recebo ordens suas. Sei quem é. O que fez.

— O que fiz só a mim diz respeito, jovem.

Étienne arrepende-se logo de ter pronunciado aquelas palavras inapropriadas. É a si próprio que odeia, não aquela pobre mulher bondosa.

— Peço desculpa.

— Desculpa aceite.

— …

— É uma boa rapariga. Quando a conheci, tinha um ar de criatura miserável. Não fique aí especado, entre para tomar um café, antes de ir embora.

Étienne segue-a. Instala-se num sofá gasto, diante de Lili. Ela afasta uns papéis e pousa duas chávenas fumegantes em cima da secretária. Éliane Folon traz umas calças verdes de *nylon* e uma camisola comprida com pompons amarelos e cor-de-rosa. O cabelo está apanhado num carrapito improvável, preso por uma grande mola preta.

— Viu a minha ficha? — pergunta ela.

— Sim. Tentativa de homicídio.

— Um caso feio.

— Não sou juiz.

— É, sim, jovem. Acaba de me lançar à cara que sabia o que eu tinha feito com o tom de voz de um procurador…

— …

— Mas está perdoado, já lhe disse.

— Como é que veio parar aqui? — pergunta Étienne.

— Saí há dez anos. O técnico de reinserção social encontrou-me um trabalho em La Comelle. Limpezas, na Fábrica Magellan. E por causa de uma história de maus-tratos a um cão conheci a anterior diretora do abrigo, que substituí. Em suma, os cães salvaram-me a vida. Portanto, agora sou eu que os salvo.

— Porque está a ajudar a Nina?

— É parecida com uma rapariga que conheci na minha vida anterior. Com

essa, as coisas correram mal… Quando quis intervir, o tipo dela já a tinha feito desaparecer. Sabe, tenho jeito para detetar o medo no olhar das jovens, e a Nina tinha-o.

Étienne cerra os punhos. Percebe que lhe tinha passado tudo ao lado. Um amigo de fachada.

— Quem era o tipo a quem quis mandar desta para melhor?

— O meu namorado.

Étienne ficou surpreendido com a resposta de Lili. Pensava que ela diria «o meu chulo» ou «o meu gajo». Ela desata a rir-se.

— A sua cara! Estou a brincar. Um tipo asqueroso, digo-lhe. Uma manhã, por causa de uma troca azeda de palavras e uma bofetada a mais, fi-lo sangrar. Ele reconsiderou. Deixei-lhe uma bela cicatriz. Depois, o tempo fez o seu trabalho, e ele apanhou com uma bala perdida. Sítio errado à hora errada, dir-me-á você, mas eu acho que o bom Deus escolheu o sítio certo e a hora certa para o empurrar para a saída.

82

29 de dezembro de 2017

De queixos apoiados nos joelhos fletidos, estamos os três sentados lado a lado ao sol, no convés de um *ferry* que nos leva a Palermo. Étienne à esquerda, Nina no centro e eu à direita. Encostados à amurada, deixamo-nos embalar pela doçura do ar. O mar parece observar-nos.

— Há cem anos, estava-se na guerra de 14-18.

— Isso é estranho, Nina… Onde é que vais buscar essas coisas? Tu não mudas, mas eu «curto», como diria o meu filho. Porque é que pensaste na guerra de 14-18?

Nina sorri, deixando entrar a luz.

— Não sei, as trincheiras, o tempo que passa… Eu achei-o comprido, ao tempo, quando já não dávamos os parabéns uns aos outros pelos aniversários, os três. Da primeira vez isso criou um maldito silêncio na minha cabeça. Todos aqueles acontecimentos que marcam um ano, e, depois, mais nada. Ao passo que antes falávamos de tudo.

— Eu nunca tive memória para datas — observou Étienne.

Acende um cigarro. Vejo que Nina morre de vontade de lhe impedir o gesto, soprar a chama do isqueiro, mas não se atreve.

Eu não digo nada, como de costume. Este silêncio faz-me bem. E sei que nem Étienne nem Nina me vão perguntar porque me calo. É também isto, reconhecer-se desde sempre.

— Porque vieram comigo? Porque fazem isto por mim? — interroga Étienne. — No fundo, fui sempre desleal para convosco.

— Desleal?! — exclama Nina. — E o dia 2 de janeiro de 2003, o dia da tua visita ao abrigo? Não sei o que fizeste, nem o que se passou, mas passou-se.

— Do que é que estão a falar?

— Do dia em que te telefonei — responde-me Étienne. — Estavas em Cagliari com a minha irmã. Mesmo aqui ao lado. Lembras-te?

— Como poderia esquecer-me? Foi a última vez que falei contigo, até há quatro dias.

— Vocês falaram um com o outro nesse dia? — pergunta-me Nina,

tapando a boca com as duas mãos como uma criança apanhada em falta.

Em jeito de resposta, limito-me a sorrir-lhe e depois remeto-me de novo ao silêncio.

Étienne fecha os olhos, estica as pernas.

Lembra-se do olhar de Éliane Folon, Lili, como lhe chamava Nina, no escritório do abrigo, dois berlindes verdes a escrutá-lo. A fazê-lo compreender que estava na altura de ele «tratar» de Emmanuel Damamme, para que Nina recuperasse uma vida digna desse nome.

Ao deixar o abrigo, Étienne telefonou a Adrien, sem grande convicção. Ele atendeu de imediato.

— Pensava que tinhas mudado de número de telefone — são as primeiras palavras que Étienne profere.

Não se tinham voltado a ver desde a altercação na cervejaria La Lorraine.

— Para quê? Já ninguém me contacta, tirando a Louise e o meu antigo editor.

— Pensava, acima de tudo, que não me atenderias.

— Se me ligas, é para falar da Nina. Caso contrário, não me telefonarias. Tiveste notícias dela, é isso?

— Sim. Acabo de estar com ela. Em pessoa.

— Onde está?

— Nem vais acreditar…

A última vez que Étienne tinha posto os pés no domínio Damamme fora na noite da final do campeonato do mundo de futebol de 1998. Porque não tinha arrancado Nina à sua vida, naquele dia? O que o impedira? Ela tinha já então um ar infeliz.

Naquele dia 2 de janeiro de 2003, Étienne foi a casa de Emmanuel, às dez horas da manhã. Este apresentou-se desgrenhado, debilitado, e só. Tinha uma barba de vários dias, vestia uma *T-shirt* e calções. Metia dó.

— Vens desejar-me um bom ano? — ironizou ele, ao ver Étienne.

— Como é que chegaste a esse estado?

— É o amor — riu ele. — Sabes onde está a Nina?

— Esquece-a.

— Nunca.

— Porquê? Se ela te deixou, é porque quer que a esqueças.

— Pode ser, mas eu quero vê-la.

— Devias deixar-te disso de uma vez por todas.

— Foi para me dizeres esses disparates que vieste cá?

— Podes arranjar problemas. Problemas sérios.

— De que género?

— Do género definitivo.

— Estás a ameaçar-me?

Emmanuel começou a gesticular de forma grotesca, entoando cada vez mais alto:

— Étienne Beaulieu está a ameaçar-me! Étienne Beaulieu está a ameaçar-me!...

— Percebo porque é que ela se pirou, tu és doido varrido.

Emmanuel interrompeu a farsa. Instalou-se um silêncio prolongado. Depois:

— Então… sabes onde está a Nina? Vá, diz… Diz! Diz! Diz! — gritou Emmanuel, aos saltos como um miúdo histérico.

Étienne sentou-se. Tudo se desenrolava como previsto.

— Porquê hoje? Porque vieste a minha casa? Viste-a? Sabes onde está? É isso, não é? Porra, admite que sabes! — berrou Emmanuel, dando um soco na parede.

— Que raio de psicopata… — silvou Étienne entre dentes.

Emmanuel ficou sério de repente.

— Vai à merda, Beaulieu, tu e a tua moral… De qualquer forma, vou vender a empresa e partir.

— Para onde?

— Ainda não decidi. Longe. Muito longe. Tens razão, tenho de esquecer essa puta.

Étienne conteve-se para não lhe abrir a cabeça ao ouvi-lo insultar Nina.

— Sabes que fui eu que levei a Clotilde Marais ao lago, na noite em que desapareceu? Andaste a dizer a todos que ela não tinha ido lá, mas eu sei que mentiste… Deixei-a lá eu próprio, ao lado da tua mota…

Étienne faz uma expressão incrédula. O outro atingira-o no ponto fraco. Mas estava com certeza a dizer uma mentira para tentar chegar à verdade. Como é que aquele tarado podia ter-se cruzado com Clotilde na noite de 17 de agosto? Emmanuel reparou na perturbação de Étienne, que esperava tudo menos aquilo.

— O que é que fizeste à pobre miúda? — lançou Emmanuel.

— Não vim para falar da Clotilde, mas da Nina.

— Não acreditas no que te digo, pois não? No entanto, posso descrever-te o vestido que ela levava, preto com bolinhas brancas. Com botões à frente, botões vermelhos em forma de joaninha. E tinha uns ténis brancos calçados. Lembro-me porque disse a mim mesmo que branco não era uma cor aconselhável para ir andar por ali.

— És um mitómano — retorque Étienne. — Toda a gente sabe o que ela tinha vestido… Está nos avisos de busca… Além disso, porque é que andarias num sítio daqueles? Tens uma piscina olímpica no meio do teu jardim… Nunca foste visto para as bandas do lago…

Emmanuel Damamme fez um sorriso ao mesmo tempo maligno e infeliz. Étienne sentiu um misto de pena e aversão. O dândi que já não tinha nada de elegante sofria manifestamente um martírio e já não controlava nada. Olhava para Étienne sem o ver, perdido nos seus pensamentos.

— É a primeira vez que penso que o teu nome tem a palavra «*beau*», belo.

— …

— No dia do funeral, vi-vos chegar a casa do avô da Nina à tarde, tu e o maricas. Esperei, e depois saíste sozinho. Não sei porquê, mas segui-te, vi-te entrar e voltar a sair de tua casa, subir para a mota. Só tinha um desejo: mandar-te para a valeta. Ia atrás de ti, não no *Alpine*, mas num carro da empresa. Quase te derrubei várias vezes… Adeus, Beaulieu. Se não o fiz, foi por causa do avô da Nina. Iriam ser demasiados mortos de uma só vez. Tive medo que ela não aguentasse. Depois vi-te deitares-te na erva à beira do lago, quero dizer, do coletor de esgotos, e emborcar uísque como um bêbedo. E depois tive um momento de lucidez, perguntei a mim mesmo o que fazia eu ali. De regresso a La Comelle, cruzei-me com a Clotilde Marais, que caminhava pela berma da estrada. Dei meia-volta e levei-a. Disse-me que tinha um encontro marcado contigo. Via-se claramente que estava perdida de amores por ti.

— Foste tu que fizeste mal à Clotilde? — ouviu-se dizer Étienne.

— A única coisa que lhe fiz foi deixá-la ao lado da tua mota. Tu estás tudo menos ilibado. Por isso não me venhas pregar moral.

— Ficaste ao pé de nós? Espiaste-nos?

— Não. Vim para aqui.

— Mentiroso.

— Estava-me nas tintas para vocês os dois, a única coisa que me interessava naquele momento era a Nina. Tinha de estar em casa, para o caso de ela precisar de mim. Na época, como bem sabes, não havia telemóveis. Ficava-se horas à espera ao pé de um telefone fixo. E o milagre aconteceu. Quando pensava que nunca mais a veria, ela ligou-me, pediu-me que a fosse buscar a sua casa. Estava sozinha com o maricas…

— Para de chamar isso ao Adrien.

— Porquê? Tens um fraco por ele? A Nina não te chega? — Emmanuel torceu-se a rir. Um riso doloroso, que lhe deformou o rosto. — Por falar na Clotilde Marais, sabes que sou eu quem telefona regularmente aos chuis para lhes dizer que ela estava contigo naquela noite?

Étienne conteve-se para não lhe bater. Aquele homem não era louco, mas perverso, manipulador. Contudo, aquela confissão quase o aliviava. Tinha pensado muitas vezes que o desconhecido que o denunciava à gendarmaria era o seu próprio pai. Aquele pai que não o amava, ao ponto de talvez o acusar do pior.

— Fui até eu quem ligou para a televisão, quando falaram do caso — continuou a arengar Damamme. — Sempre sonhei ver-te acabar na prisão… Quando penso que te tornaste chui! És um impostor, Beaulieu. Vá, confessa que mataste a Clotilde Marais.

Esquecendo toda a sua estratégia, Étienne não conseguiu impedir-se de lhe lançar:

— Eu não sou louco, não aterrorizo raparigas. Aliás, nunca nenhuma me deixou. Já tu não podes dizer o mesmo.

Emmanuel pegou numa frigideira que estava em cima do fogão e bateu com ela em Étienne com tal violência que este perdeu os sentidos. Étienne não fora capaz de prever aquela reação.

Quando recobrou a consciência, numa poça de sangue, tinha um rasgão de dois centímetros na arcada supraciliar. Não viu Emmanuel. Étienne estancou a hemorragia. Louco de raiva consigo mesmo — porque tinha provocado aquele tarado? Étienne procurou-o em todas as divisões da casa. Abriu mesmo os roupeiros do quarto e viu que todos os vestígios da passagem de Nina tinham sido apagados.

Ao mesmo tempo, dizia ele a si próprio, pior para o outro ter fugido, aquele ataque era uma sorte: Étienne poderia mandá-lo deter por agressão a um agente da autoridade. Desde que conseguisse deitar-lhe a mão.

Afinal, Damamme estava ainda ali, na cozinha, de pé junto do aparador, lívido, ausente, com um copo de água na mão.

Era o momento certo para lhe revelar tudo.

— Sei onde está a Nina.

Emmanuel olhou para Étienne como se este fosse o diabo. Parecia já não querer ouvir aquilo que esperava desde havia dois anos, que procurava como um caçador enraivecido. Como se chegar ao fim desmoronasse a sua demanda.

Sentou-se, com o copo de água na mão, como um condenado que aguardasse o seu veredicto. E Étienne expressou-se com amabilidade e condescendência. Escolhendo as palavras.

— Acabei de saber onde está a Nina graças a um informador. Mora a trezentos quilómetros daqui. E… penso que é feliz. Vive com um homem dez anos mais velho... Têm um filho. Um menino de nove meses chamado Lino. Vão ter o segundo na primavera… A Nina conheceu o seu companheiro no emprego.

Emmanuel tem vontade de gritar: «Mas eu sou o seu marido!» Antes de perceber que não, que ele já não era nada.

Étienne prosseguiu, com a sensação de enterrar cada vez mais a lâmina da faca.

— Trabalha numa oficina de restauro de quadros. Era o seu sonho. Sabes, ela sempre adorou pintar… Lamento muito… Nunca gostei de ti, mas mereces a verdade, Damamme, vejo que não andas bem… por causa de uma pessoa que já não existe. A Nina riscou-te da sua vida, riscou-nos a nós, ao Adrien, aos meus pais, a mim, a La Comelle. Nunca mais a veremos.

— Onde é que ela vive? — teve ainda força para perguntar a Étienne.

— Em Annecy, numa bonita moradia à beira do lago… Fui lá certificar-me. Senti um choque... Vi-a de longe, grávida, bela. Passeava o filho no carrinho de bebé, levava um cão pela trela… Virou a página. Faz como ela. Acabou tudo.

Emmanuel deitou-se na posição fetal, os joelhos dobrados contra o peito, e começou a chorar. Ele que imaginava a sua mulher perdida, só, arrependida e trémula de medo. Naquele cenário que agora lhe descreviam não tinha pensado. Outro homem, dois filhos, um cão… Ela forjara uma nova existência para si. Encontrá-la, matá-la e suicidar-se pareceu-lhe de repente

uma incongruência. Nina, a *sua* Nina, submissa e apavorada, estéril e alcoólica, estava morta e enterrada. A mulher de Annecy tinha dois filhos, já não era ela.

Ao entrar no carro, Étienne ligou a Adrien para lhe anunciar o sucesso do seu plano. Adrien não atendeu.

À saída do abrigo, e antes de ir a casa de Emmanuel, Étienne e Adrien tinham refletido em conjunto por telefone.

Era preciso arranjar uma solução para libertar Nina do marido. Mandar matá-lo, impossível. Matá-lo, fora de questão. Levá-lo ao suicídio, fazendo-lhe crer que Nina estava morta, não funcionaria. Dar-lhe uma morada errada na Polinésia e esperar que ele nunca regressasse de lá, delirante…

E Adrien encontrou: fazer-lhe simplesmente crer que Nina tinha reconstruído a sua vida, era feliz, com marido e filhos como escudo. Adrien ditou as palavras a Étienne: lago de Annecy, namorado, filhos, cão, carrinho de bebé, primavera, restauro de quadros — tudo o que Damamme não fora capaz de oferecer à mulher. Ele nunca ousaria confrontar-se com aquela realidade e talvez abandonasse a ideia de a encontrar.

«Vê-se bem que escreves livros», rejubilara Étienne. «É uma ideia e peras.»

Depois daquilo, Adrien e Étienne nunca mais se viram nem falaram.

83

29 de dezembro de 2017

Bernard Roi sempre foi um tipo comum. Na primária, tinha 5 em 10; no básico, 10 em 20. Não queria dar nas vistas. Se Bernard Roi tivesse feito um teste de QI, seria daqueles cuja inteligência é classificada como «igual à média».

Na escola, foi até ao 8.º ano, mudou de via antes do 9.º ano e concluiu um curso profissional de Mecânica *in extremis*.

Mas, aos dezasseis anos, o patrão, que tinha uma garagem em La Comelle, mandou-o embora por causa dos seus atrasos frequentes. Bernard fumava demasiadas ganzas, daí a dificuldade em despertar.

No final de 1994, Bernard foi admitido na Fábrica Magellan, que produzia componentes para automóveis, para trabalhar no fim das linhas de produção, no controlo de qualidade. Primeiro como temporário, depois com contrato sem termo. Vinte e três anos sem fazer ondas. Bernard sobreviveu às reduções de pessoal e outras saídas voluntárias. Poupou, abriu uma conta poupança, comprou uma pequena cabana e um carro a crédito.

Na escola ouvia os Clash e andava com *T-shirts* dos Sex Pistols, mas já não se lembrava porquê. Quando os filhos lhe perguntam: «Papá, como era quando eras novo?», Bernard responde-lhes: «Difícil. Por causa do meu apelido, diziam todos que eu tinha o rei [*roi*] na barriga.»

Em adolescente, na feira popular de La Comelle, uma velha cigana, a quem Bernard não ousara dizer não quando lhe pegou na mão, previu que ele teria um casamento não muito infeliz e dois filhos, mas um acontecimento iria virar do avesso os seus dezassete anos. «Não consigo ver bem, mas é brutal», disse-lhe ela. Depois reclamou dez francos, com os olhos encarquilhados sobre as suas linhas de vida.

Bernard não pensou mais no assunto. Até ao dia em que o «acontecimento» se deu. Lembrou-se então das últimas palavras da velha: «Diz a verdade, pequeno, senão estarás perdido.»

Bernard nunca disse a verdade.

Pai extremoso, bom marido, Bernard Roi tem uma vida perfeitamente

regrada: de manhã toma o seu café depois de molhar uma madalena industrial na caneca, monta a bicicleta para ir até à fábrica, a um quilómetro de casa, come a bucha ao meio-dia e cinco no *seu* banco e volta para casa às cinco e meia, para ajudar a mulher nas tarefas quotidianas.

Naquele ano, tirou as férias de Natal a partir do dia 22 de dezembro. Mas naquele ano, contrariamente aos outros, viu os programas de televisão com os filhos sem os ver, respondeu ao acaso sim ou não às perguntas que lhe faziam, sem as ouvir.

E, na última noite, decidiu despejar o saco.

São nove da manhã daquele 19 de dezembro quando Bernard monta a sua bicicleta. Não para se apresentar na fábrica, mas na gendarmaria.

Golpe de sorte no seu infortúnio: dá de caras com Sébastien Larand, que passa naquele momento pela receção, um antigo colega de escola que não era verdadeiramente seu amigo, mas o facto de o conhecer tranquiliza Bernard. Teria detestado se lhe calhasse um desconhecido de uniforme ou, pior ainda, uma mulher.

O graduado brinda-o com um sorriso.

— Viva, o que te traz por cá tão cedo?

— Clotilde Marais — responde Bernard a fitar os sapatos engraxados pela mulher, Céline, todos os primeiros sábados do mês.

Sébastien Larand perde imediatamente o sorriso. Ele que pensava ir ali cinco minutos e sair logo de seguida… Há vários dias que os habitantes de La Comelle não falam de outra coisa: o corpo encontrado no fundo do lago será da jovem desaparecida? Casos assim não são muito comuns por aquelas bandas.

Sébastien e Bernard conhecem-se desde miúdos, Bernard Roi deve ser um ou dois anos mais velho do que ele, não é o género de tipo que goste de chamar a atenção, portanto, se ele se está a apresentar naquela manhã, o caso deve ser sério, diz de si para si o gendarme.

— Vem comigo. Estaremos mais tranquilos no meu gabinete.

— Não me vais deter? — espanta-se Bernard.

— Até prova em contrário, não estamos no *Lei e Ordem Unidade Especial*…

Mal se senta, Bernard Roi arrepende-se de ter ido ali. Fazer o quê? O que é que vai mudar?

— Sou todo ouvidos — incentiva-o Sébastien Larand, servindo-lhe um copo de água.

Depois de um silêncio, Bernard acaba por engrenar:

— Naquele dia, no dia em que ela supostamente desapareceu… Clotilde Marais… eu não estava muito bem. Seis meses antes, tinha sido despedido da garagem pelo meu patrão. Andava por maus caminhos. Fumava muita erva. Bastante haxe, também. Mas nunca toquei noutras coisas. Juro pela vida dos meus filhos. O dia estava quente. E também triste. De manhã tínhamos enterrado o nosso carteiro, um tipo simpático. Eu estava mal. O tédio, todos tinham ido de férias menos eu, como de costume, como todos os anos… O mar, em nossa casa, só se via na televisão. Portanto, faziam-se disparates… Andava-se às voltas… Não estou a desculpar-me, hã… Vês como agora estou jeitoso? Na altura, era um saco de ossos… Não me atrevia a ir à piscina municipal. Por causa do gozo: «Eh, ó rei, não és lá muito forte, não ias conseguir defender o teu reino», já percebeste o género. Restava o lago. Ali era tranquilo fumar e beber. Estava com preguiça, não tinha carta de condução e o meu maninho tinha-me palmado a bicicleta… Decidi levar emprestado o *Twingo* do nosso vizinho, o padre Desnos. Eu não podia com ele porque tinha envenenado o nosso cão no ano anterior. Não tínhamos provas, mas sabíamos que tinha sido ele. As portas do chaço estavam sempre abertas, era fácil pô-lo a trabalhar com o dispositivo anti-roubo. Fui direito ao lago com o rabo apertado: sem carta, carro roubado, haxe e álcool no porta-luvas… Sabia que não ia devolver aquele monte de sucata ao Desnos, mas ia aproveitar, andar a acelerar e depois abandoná-lo num sítio qualquer. Encharquei-me a tarde toda longe dos olhares, fumei, dormi, andei por ali. Quando começou a escurecer, liguei o carro, no rádio estava a dar aquela canção, *Foule sentimentale*, uma história toda melosa. Nunca mais pude ouvi-la… Porque ao chegar à estrada vi uma rapariga a andar pela berma. Ela virou-se uma vez, reconheci-a. Uma rapariga de La Comelle que tinha visto na escola, uma rapariga que não se dava com os da minha laia. Mas tive medo. A paranoia do haxe. Entrei em pânico, acelerei para ela não me ver num carro roubado. Aumentei a velocidade enquanto pensava: *Passa depressa e baixa a cabeça.* Não tive tempo de a baixar, ela mandou-se para o lado, parecia uma mergulhadora ou uma ginasta que quisesse bater um recorde nos Jogos Olímpicos. Mandou-se para debaixo das rodas como se

voasse. Calculou bem. Não tive tempo de travar. Berrei. Um medo terrível. Foi tão violento que os vidros dos faróis se partiram. Fiquei vários minutos sentado ao volante, sem me atrever a sair. As mãos tremiam-me. Com o que tinha fumado durante toda a tarde, já não sabia se o que estava a viver era a sério ou eram alucinações. E a *Foule sentimentale* no rádio. Desliguei-o. O motor ainda trabalhava. Depois chorei. Depois recuei. Vi-a à luz dos mínimos, estendida na estrada. Um animal morto. Pensei no meu cão grande, que o outro tinha envenenado, no seu corpo frio no jardim, quando voltei para casa. Acabei por sair do carro. No início não lhe toquei, mas depois fui ver se tinha pulsação. Morta… Porque é que aquilo me tinha acontecido? Porque é que ela tinha feito aquilo? Suicidar-se à minha frente? Porque é que era com um desgraçado como eu que aquela princesa se tinha despedido da vida? Estava pedrado, disse a mim mesmo que era preciso fazer desaparecer o carro com a rapariga e esquecer. Esquecer tudo. De qualquer maneira, quem é que acreditaria em mim? Quem? Ninguém. Com o álcool e a droga que tinha no sangue… o carro roubado, sem carta, o meu pai matava-me antes de os chuis me prenderem. Peguei nela a chorar, a perguntar-lhe porque é que tinha feito aquilo. Parei de lhe fazer sempre a mesma pergunta: «Porque é que fizeste isto?» Os mortos são pesados. Ela, que parecia leve, tive dificuldade em erguê-la. Ainda estava quente, tinha os braços transpirados. Deitei-a no banco de trás o mais devagar possível, como se tivesse medo de a magoar. Fiz o caminho de volta até ao lago, a rezar para não me cruzar com ninguém. Sabia de um sítio que dava diretamente para a água, uma clareira no meio dos fetos, acelerei uns cem metros, o carro gemeu, ganhei velocidade, fiz como o James Dean na *Fúria de Viver*: abri a porta e lancei-me para fora. Parti o pulso. O carro voou, como a Clotilde quando se atirou para debaixo das minha rodas, e depois afundou-se… Vinte e três anos sem se mexer. Pensei que nunca o encontrariam. Até ler o artigo no jornal. Não percam tempo a procurar o ADN ou não sei o quê. É a Clotilde Marais. O pior é que aquela rapariga, quando se atirou para debaixo das minhas rodas, como que me salvou a vida. Depois daquilo tomei juízo. Nunca mais toquei em drogas nem em álcool. Ela pôs-me no caminho certo. Pensei muitas vezes nos pais dela. Mas preferia que eles achassem que ela estava viva algures, como se dizia por aí. Até já houve quem dissesse que a tinha visto no Brasil. Eu não queria ser

aquele que ia anunciar a uma mãe e a um pai que a filha deles se tinha suicidado. Estive quase para falar quando os vi na televisão, no programa do Jacques Pradel. Mas na altura o meu mais velho tinha um ano e a minha mulher estava grávida do segundo. Aquele pessoal de Paris é muito simpático, mas não faz ideia de como é duro alimentar e proteger a família. Às vezes, mais vale não dizer a verdade. Faz doer demasiado.

84

30 de dezembro de 2017

Marie-Castille desliga.

Processa a informação.

Marie-Laure acaba de lhe ler o artigo. Clotilde Marais ter-se-ia lançado para debaixo das rodas de um carro. O tipo que conduzia não tem cadastro, um bom pai de família que preferiu calar-se porque na altura não andava bem. Resta provar. Talvez a tivesse atropelado porque tinha bebido, e depois livrou-se dela.

Aquele antigo caso resolvido. Aquela história exumada. Tudo isso porque um município obscuro decidiu reabilitar uma parte do lago.

Marie-Castille estava junto de Étienne quando, havia três semanas, ele soube que tinham encontrado um automóvel no fundo do lago. Ele ficou branco como um lençol. Disse várias vezes:

— Eu vi-o, afinal vi-o, não sou louco.

— O quê, meu amor? O que é que viste?

— O carro.

Quantas vezes o Étienne acordou a chamar pela Clotilde?, pergunta ela a si mesma. Foi isso que o matou. Clotilde Marais é o animal que consumiu Étienne por dentro. Ao morrer, ela levou-o consigo, arrastou um pé dele para a cova.

Étienne *tem* de saber. Marie-Castille sente-o. É vital. Se ele souber que não tem nada que ver com aquele desaparecimento, talvez tudo mude. Pode inverter-se o sentido dos rios? Por vezes, sim, certamente. Há correntes contrárias.

Tem de ir para casa: o único que poderá passar a informação é Valentin. Marie-Castille suspeita que o pai o contacta. O filho de ambos é o único que liga Étienne ao mundo deles, o dos vivos. Se o seu marido partiu com Nina e o outro, foi porque eles representam o passado e não o presente. São fantasmas.

Mete-se no carro e repete em voz alta precisamente o que vai dizer ao filho: «Meu amor, quando o papá te telefonar, sim, eu sei que ele te telefona,

diz-lhe exatamente estas palavras: houve um homem que se entregou, no caso do automóvel no lago. Diz só isto, houve um homem que se entregou, no caso do automóvel no lago. O teu pai perceberá.»

O Valentin vai fazer-me perguntas, dá-se conta Marie-Castille. *Pedir-me pormenores do caso. Merda. O que lhe responderei? Merda! Merda! Merda!*

Trava bruscamente e encosta à berma. Desaba sobre o volante, sacudida por soluços violentos, incontroláveis. A bem da dignidade, não pode dizer a um filho de catorze anos: «Quando o papá era novo, engravidou uma rapariga que desapareceu na noite em que tinham encontro marcado. Isso assombrou-o toda a vida… e ele foi embora, para morrer longe de nós.»

O telefone vibra no seu bolso. Marie-Castille olha para o ecrã, número desconhecido, assoa-se, acaba por responder. Ouve do outro lado. «É a Nina.»

*

Palermo, dezoito graus ao abrigo do vento. Étienne e eu estamos deitados na Spiaggia dell'Arenella, a dois passos da nossa pensão. Eu faço desenhos na areia, casas estranhas com paredes inclinadas, enquanto Étienne olha para o mar. Lá longe, distingo a silhueta de Nina, que caminha pela água. O inverno é belo em Itália.

— Tens o que queres? — pergunto a Étienne.

— Sim — responde-me ele, fitando o horizonte.

— Tens fome?

— Não.

— Tens dores?

— Não.

— Queres que telefone a alguém? Que dê notícias tuas aos teus pais?

— Não. O meu pai não gosta de mim.

— Porque dizes isso?

— Porque sei. Devo ter uma cara que não lhe agrada. Talvez se eu tivesse tido mais filhos houvesse um que amaria menos do que os outros. O amor não se discute.

— Não voltei a ver o meu pai desde que escrevi *Filhos Comuns*. Há já imenso tempo.

— Não sentes a falta dele?

— Os desconhecidos não podem fazer-nos falta.

— Ele sabe que no fundo és uma rapariga?

Tenho de tal modo incorporadas as minhas duas existências, que a pergunta de Étienne me apanha de surpresa. Sempre que estamos só os dois, não fala senão de mim.

— Nem a minha mãe soube. É o meu maior arrependimento… Deixá-la partir sem lhe dizer.

— A Louise… sabe que estamos aqui, em Palermo?

— A Louise sabe tudo. Queres que lhe diga para vir ter connosco?

— Não. Não o faças, por favor. Quando eu morrer… Gostaria que fizesses a operação. Porque sei que se nunca a fizeste foi por minha causa. Tens medo do juízo do meu olhar. Fui eu que to impedi.

— Não tem nada que ver contigo, Étienne. É muito mais complicado do que isso.

— Promete-me que a farás.

— Não posso prometer-to.

— A Louise estará contigo? Quero dizer, se um dia te decidires, é ela quem te acompanhará?

— Sim. Ela não espera senão isso. Eu. A Louise espera a Virginie há trinta anos.

— Então fá-lo. Jura.

— Juro.

— Pela minha vida?

— Não vale de nada jurar pela tua vida, uma vez que vais morrer. Jura-se pela vida dos que gozam de boa saúde…

Desatamos ambos a rir.

Nina vem a correr na nossa direção como se tivesse visto o diabo. Quando chega junto de nós, está demasiado ofegante para conseguir articular o menor som. Ouvimos apenas a sua respiração cava, que conhecemos de cor.

Étienne enfurece-se com ela:

— Mas porque é que correste assim? És parva, ou quê?

— É porque… porque… Étienne… porque… a Clotilde… acabou…

⋆

A mãe de Clotilde Marais está sentada no sofá. Não o mudou desde que a

filha partiu, pensa ela.

Vinte e três anos.

Pintou algumas divisões, pôs um tapete novo na sala de jantar, mandou alcatifar o quarto, mas manteve o velho sofá.

Ouve o marido andar para cá e para lá no piso superior. Deve estar a pensar no processo. É a sua maneira de resistir, de procurar o que resta de vivo dentro de si. Vai querer provar que Clotilde não se suicidou, mas foi atropelada por um homem em estado de embriaguez. E talvez pior.

Mas eu sei bem que a minha filha andava mal. Direi isso. Direi que aquele Bernard Roi é uma vítima colateral.

Como nós.

Nós somos todos vítimas da «desaparecida».

Há vinte e três anos que eu sou a mãe de Clotilde Marais. A mãe da rapariga que se volatilizou no dia 17 de agosto de 1994. A mãe da rapariga que renegou a família. A mãe que apareceu na televisão, com olheiras profundas. Que expôs a sua vida.

Ninguém sabe como me chamo. Como todos os pais de crianças desaparecidas. Não passamos de os «pais de…». Somos destituídos porque os nossos filhos se evaporaram. Partiram sem deixar morada. Há vinte e três anos que perdi o nome e agora sou velha. Pronta para a reforma.

«Pronto, acabou.» Há uma canção que diz isto. Nunca gostei dela. É demasiado triste.

A ideia de a Clotilde viver em Salvador da Baía era o que havia de melhor para os outros. Ela a beber água de coco ao pequeno-almoço, o seu belo cabelo loiro apanhado num rabo de cavalo. Ela a crescer alhures.

Fomos ao Brasil em 2001. Mostrámos uma fotografia dela, que um programa informático tinha envelhecido um pouco. Pelo meu lado, sabia bem que ninguém a tinha visto. Fazia de conta que a procurava para agradar ao meu marido.

Pensei sempre que ela se tinha escondido para morrer. Não que se tinha escondido para viver.

Nos últimos tempos, já não me contava nada, a minha filha. Toda ela era um mistério. Transportava sobre si nuvens de tristeza. Fingia tudo. Eu tinha a impressão de viver debaixo do mesmo teto com uma má atriz. Uma estranha que tinha asfixiado a minha menina.

Eu, que fiz crer aos outros que a Clotilde tinha quarenta e um anos, soube

sempre, no fundo, que ela tinha dezoito.

Uma mãe sente estas coisas.

Dia 17 de agosto de 1994. Esta data não corresponde nem a um nascimento, nem a uma morte, nem a um aniversário. É apenas a data de um desaparecimento.

E quando a outra, a de Châlon, nos afiançou que se tinha cruzado com a Clotilde em Salvador da Baía, fingi acreditar. O mesmo quanto à velha idiota que disse tê-la visto na estação, naquela noite.

Fazer de conta que acreditávamos permitiu-nos continuar a viver sem ela.

Acabei mesmo por profanar o seu quarto, pus as suas coisas em sacos de plástico que deixei num contentor do Socorro Popular. Retirei a cama dela e pus uma escrivaninha em seu lugar, com um computador em cima. Uma escrivaninha com muitos dossiês vazios, que não servem para nada. O meu marido zangou-se comigo.

Pergunto-me porque não nos mudámos. Para o caso de ela voltar? De ela encontrar o caminho de regresso?

Até os nossos vizinhos foram embora. Os velhos foram substituídos por jovens, novas famílias, crianças.

Só nós ficámos. A nossa filha condenou-nos a ficar. A esperá-la. E eis que agora tudo acabou.

Não a esperaremos mais.

O telefone. Não para de tocar. Condolências, amigos, curiosos, jornalistas. Étienne Beaulieu do outro lado do fio. Quantas vezes a sua filha esperara ouvir aquela voz, ao atender? Quantas vezes ela perguntara, ao chegar a casa: «Telefonou alguém?»

E eis que aquele telefonema chega, com vinte e três anos de atraso.

— Lamento muito, Annie — diz ele.

— Fico tocada por te recordares do meu nome.

— …

— A tua mãe veio cá esta manhã. Disse-me do teu cancro, que não te querias tratar.

— Estádio três… Não se pode fazer nada.

— Pode-se sempre fazer alguma coisa, Étienne. Menos quando os gendarmes aparecem em tua casa a anunciar-te que a tua filha está morta… Sabias que a Clo estava grávida?

Étienne demora uns momentos a responder.

— Sabia.

— Sabias que ela tinha tido um aborto espontâneo?

— …

— Eu nunca disse a ninguém… Quatro dias antes do desaparecimento, encontrei os lençóis dela na máquina de lavar roupa. Ela nunca soube pô-la a funcionar como deve ser. Tinha despejado uma garrafa de lixívia no compartimento do detergente antes de premir o botão errado. Eu percebi logo. E mais tarde encontrei um livro sobre gravidez na prateleira da mesa de cabeceira… Nessa manhã de que te falo, fui ao quarto da Clo para lhe dizer que o carteiro tinha morrido. Eu sabia que era o avô da tua melhor amiga. Era um pretexto, aquela intrusão no quarto dela. Queria vê-la… Nunca me esquecerei da sua cara, estava pálida, lívida, mesmo. Saía do duche, vi a sua silhueta. As suas formas. Não disse nada. Devia ter falado. Respeitei o seu silêncio por cobardia… Mandei os lençóis para o caixote do lixo e fiz de conta que não tinha visto os pensos na casa de banho.

Um longo silêncio. Étienne pensa que a chamada caiu.

— Está?

— Sim — murmura ela.

— Tenho de lhe dizer uma coisa, Annie…

Ela interrompe como se não quisesse ouvir mais nada.

— Vens ao funeral? — pergunta-lhe.

— Vou morrer.

— O que é que estás para aí a dizer? Ainda respiras, não?

— Não por muito mais tempo.

— Como sabes tu isso?

— Sinto-o.

— Luta, caramba!

Ela desliga.

85

2 de janeiro de 2003

Étienne Beaulieu acaba de sair de sua casa.

Emmanuel continua deitado no sofá.

Há mais de dois anos que ele a procura por todo o lado, quando afinal ela está estabelecida noutro sítio e é mãe. Toda aquela energia empregada, para acabar assim. O último dos cenários que teria previsto.

O que fazia ele, antes de a conhecer? Devemos sempre perguntar a nós próprios de que era feito o nosso quotidiano, antes de encontrarmos a pessoa que estragou a nossa vida. Porventura retomar o caminho a partir dali, de onde se estava antes de nos enganarmos no percurso.

De que serve ligarmo-nos a alguém que não derramará uma lágrima no dia da nossa morte? Que nunca fará um desvio para pôr uma flor na nossa campa? Que partiu de um dia para o outro, abandonando-nos como lixo? Que se limitou a refazer a sua vida noutro sítio, em poucos meses, como se a nossa história nunca tivesse existido?, pensa Emmanuel.

Sente vontade de se lavar, barbear, vestir. Há muito que não a sentia. Um impulso.

Levanta-se e galga as escadas para ir à casa de banho. O seu reflexo no espelho: miserável. Pele e osso.

Vai deixar aquela casa, vai viver para Lyon, vai voltar a aproximar-se dos amigos, vai conhecer alguém — não uma maltrapilha, mas uma mulher a sério. Há demasiado tempo que não faz amor. Só isso, ter uma ereção, sentir um corpo encostado ao seu. Sujar a *outra* tocando novas peles, esquecê-la, apagá-la à força de ver e rever o seu fantasma.

Há pouco tempo, os lioneses inscreveram-no num *site*. «Tens de conhecer alguém.» Criaram-lhe um perfil, com outro nome. «Emmanuel Mésange, um metro e oitenta e sete, olhos verdes, cabelo castanho. Interesses: golfe, literatura clássica, cinema, corridas de automóveis.»

— Porquê o golfe?

— Porque dá estilo — responderam eles.

— Mas eu não frequentei praticamente nenhum clube toda a minha vida.

— Não interessa.

— Não tenho vontade de entrar nessa onda.

— Mas vais entrar, ainda assim: sair, beber um copo, arejar as ideias. Não te compromete com nada.

— Não pus os pés num cinema desde a estreia de *Itinerário de um Aventureiro*… Foi há… catorze anos.

— Seja como for, num primeiro encontro não se fala disso.

— Ah, não? De que se fala?

— Verás.

Escolheram uma fotografia tirada na ilha Maurício onde Emmanuel está de perfil, bronzeado, sorridente.

Recebeu centenas de mensagens de mulheres. Raparigas que se oferecem.

Emmanuel passou em revista as fotografias de todas, como num catálogo, desinteressadamente. Mas houve uma que lhe chamou a atenção.

Isabelle, trinta e cinco anos, a viver em Châlon-sur-Seine, adepta de equitação. Um metro e setenta, loira, olhos azuis: fisicamente, o oposto de Nina.

A sua primeira mensagem começava assim:

> O que faz neste *site*, senhor Mésange? Que nome de ave é este? O que se esconde por trás do seu perfil? E não me diga que foram amigos que o inscreveram contra a sua vontade, pois não acreditarei.

Emmanuel respondeu-lhe porque a mensagem tinha-o feito sorrir e isso não lhe acontecia há séculos.

> Bem, mas é verdade, foram realmente amigos que me inscreveram neste supermercado.
>
> E porque fariam uma coisa dessas?
>
> Estão fartos de me verem a penar. Não sou um homem divertido.
>
> Lamento.
>
> Lamenta eu não ser divertido?

Enviaram-se mais *mails*, depois telefonaram. Continuaram a trocar mensagens até Isabelle acabar por marcar um encontro:

E se nos encontrássemos no bar Hexagone para tomar um café? Se for agradável, levá-lo-ei a jantar em algum lado; se não o for, despedir-nos-emos bons ou maus amigos.

Emmanuel levou uma semana a aceitar.

Depois deixou-a pendurada.

Da primeira vez, uma gripe súbita e violenta. Da segunda, um acidente, nada de grave, apenas chapa amolgada. Da terceira, uma deslocação imprevista ao estrangeiro.

Na noite de 31 de dezembro para 1 de janeiro, Emmanuel enviou uma mensagem de bom ano a Isabelle, mas esta não lhe respondeu. Já tinha desistido dele.

E se ele desistisse, por sua vez? Se ele desistisse de Nina?

Não seria o momento de se lançar? De conhecer pessoas como Isabelle?

Entra no carro. Telefonar-lhe-á quando chegar a Châlon: «Sou eu, estou cá, estou pronto, desculpa a demora.»

Conduz até Beaune para entrar na autoestrada. Está a meio caminho quando o telemóvel toca. Não reconhece logo a voz do interlocutor.

— Encontrei Nina Beau…

— Sim, eu sei, vive em Annecy. Tanto se me dá. Vamos esquecer o assunto. Envie-me a fatura e não me volte a falar dessa vaca.

— Não, nada disso…

A chamada cai. Emmanuel lança o telemóvel para o banco do passageiro. *O lugar da Nina*, pensa ele. *Esquece-a, por amor de Deus, esquece-a!* O detetive volta a ligar.

— Ela não está em Annecy. Não saiu daqui… Vive no abrigo de La Comelle.

Emmanuel sente uma tontura.

— Qual abrigo?

— O da Sociedade de Proteção dos Animais. Trabalha lá.

— Deve ser alguém parecido…

— Não, é Nina Beau, número de Segurança Social 276087139312607. Foi ontem assistida no hospital de Autun.

Emmanuel desliga sem mais uma palavra, faz um pião e acaba a corrida na faixa de emergência. O coração bate descompassado. Beaulieu esteve a gozar consigo. É evidente. Como pôde ele ter acreditado naquelas balelas? Nina

casada… Quem quereria casar-se com aquela alcoólica balofa? Limpa o cu de cães, mas é claro, uma porca será sempre uma porca. Como é que ele pôde acreditar que ela tinha feito um filho? É estéril. O abrigo… Foi então ali que ela esteve escondida todo este tempo, à mão de semear. Nem conseguiu andar mais de três quilómetros em linha reta. E o outro que lhe falou de Annecy, do carrinho de bebé e do cachorro. E ele que foi tão estúpido que lhe deu ouvidos. Nunca devia ter-lhe aberto a porta, tê-lo deixado entrar.

Agora tem duas opções. Prossegue o caminho até Châlon, estaciona no centro da cidade, procura o Hexagone, instala-se no interior, pede um chocolate quente, telefona a Isabelle e insiste até ela atender, pede-lhe que vá ter com ele. «Peço-lhe, venha, estou ao fundo da sala, numa mesa para dois, encostado ao espelho, tenho uma parca azul-marinho, não saio daqui, se for preciso, prego-me à cadeira para não me poderem pôr na rua à hora do fecho, venha, não tem nada a perder. Conhecemo-nos, vamos os dois para qualquer lugar, onde quiser, onde lhe apeteça. O seu emprego? Meta baixa por doença.»

Ele espera alguém.

Há quantos anos aquilo não lhe acontecia?

Ela acaba por surgir, sorri-lhe, é ainda mais bela do que nas fotografias. Ele adora a sua voz, as suas mãos, o seu cheiro. Usa *L'Heure bleue* e uma pulseira de prata no pulso direito. A cumplicidade de ambos é imediata, sentem-se bem um com o outro. Não precisam de procurar temas de conversa, a palavra liberta-se por si. Isabelle pede um chocolate quente. «Como você», diz ela. «Já conheceu outras mulheres do *site*?» «Não, é a primeira.» «Mentiroso.» «Juro. E você? Outros homens?» «Não, é o primeiro.» «Mentirosa.» «Juro.»

Ela é delicada e, pela forma como o olha, sente que lhe agrada. O peso que lhe comprime o peito há mais de dois anos aligeira-se, ele endireita-se, sente-se desejado, escutado. Quanto mais conversam, mais Emmanuel se interessa por aquela desconhecida. Passar o serão, e depois a noite, com ela. E porque não o dia seguinte, e a semana que se segue?

Fá-la falar, faz-lhe perguntas. «Tem duas irmãs, é?» Adora a sua voz, as suas respostas, os dentes, a boca. Ela traz um lenço no pescoço que toca com frequência, um sobretudo bege que não tirou, só desabotoou, as unhas

tratadas mas sem verniz; não tem nada de sofisticado, apenas um pouco de brilhante nos lábios vermelhos, os grandes olhos azuis que o fixam, inteligência. *A candidata é perfeita*, pensa ele. *Se isto fosse um concurso, ela arrebataria o prémio.*

Ele fala-lhe um pouco da Damamme, vai vendê-la, aliviar-se do peso familiar.

«Quero começar do zero… É uma fórmula estranha. Contudo, no que me diz respeito, assenta-me como uma luva… E anda muitas vezes a cavalo?» «Sempre que posso, à tarde depois do trabalho e todos os fins de semana. Podemos tratar-nos por tu, não?» «Concordo… És muito bonita.» «Tu também não estás nada mal.»

Ele gosta da audácia dela. Enfim, talvez. Já não sabe do que gosta. Tem de ver.

Agora tem duas opções.

Não vai até Châlon, nunca conhece uma Isabelle, não se projeta no futuro, imobiliza-se no presente até à eternidade.

Conduz até La Comelle, passa de novo em casa, pega numa das caçadeiras do pai, vai até ao abrigo, encontra-a, abate-a com dois cartuchos. Sim, dois cartuchos devem bastar para a apagar da face da Terra. Não a deixa sequer falar. Nem um pio. Pum.

Não, antes de a liquidar, fá-la-á pôr-se de joelhos para lhe implorar. É o mínimo, ouvi-la pronunciar a palavra «desculpa». Em seguida, vai a Lyon, encontra Beaulieu, tem a sua morada pessoal e a do comissariado. E pum, outros dois cartuchos para o menino bonito que troçou dele naquela manhã. «Bom ano», dir-lhe-á. «E saudinha, filho da puta.»

Agora tem duas opções. Passado, presente. Nina ancorou no presente e impede-o de sair para o alto-mar. Ele tem apenas de cortar a amarra. Tem cinco quilómetros antes de tomar uma decisão: continuar em frente ou inverter o sentido. Depois de passada a portagem, mantém-se na estrada até Châlon, onde verifica que não há chuis, e depois entra em contramão durante quinhentos metros para regressar à A6 e voltar para La Comelle.

⋆

De início, Nina não acreditou em Lili: «O teu marido espatifou-se na autoestrada.»

Depois pensou em Étienne. O que é que ele fez, quando saiu do abrigo? O que é que provocou? Aquilo não podia ser uma coincidência.

Três semanas depois das exéquias de Emmanuel, Lili e Nina foram ao cemitério, à campa de Pierre Beau. Depois visitaram também a de Emmanuel, a duzentos metros daquela, no jazigo de família. Gé e Henri-Georges não tinham posto fotografia sobre o mármore preto. Só uma placa: «Ao nosso filho muito amado.»

Porque é que Emmanuel conduzia em contramão na autoestrada? Suicídio ou acidente? Estava perturbado pelo que lhe dissera Étienne? Eles tinham-se visto?

Nunca o saberia, estava certa.

Diante da sua campa, Nina tinha sentido um calafrio. Depois, pouco a pouco, paralisara-se. Tinha sentido a presença do homem de quem ainda tinha o nome. Como se o marido girasse em torno dela, a gritar a fúria de a ver ali, presente, simplesmente viva à frente dele.

Ela não regressaria.

Ao sair do cemitério, Nina reativou o telefone. A voz de Emmanuel, como que vinda do além, da vida antiga, longínqua. Dezenas e dezenas de mensagens, alternando ameaças, gritos, soluços, súplicas. «Onde estás? Volta, não te farei mal.»

Ela ouviu-as todas, uma após outra, esperando, entre toda aquela loucura, escutar a voz de Adrien. Ouvir: «Nina, sou eu.»

Nada.

Apagou tudo.

Depois pediu a Lili que a levasse ao Centro de Emprego. Tinha de se inscrever e encontrar um trabalho, uma vida, um apartamento.

86

31 de dezembro de 2017

Improvisa-se um *réveillon* na Spiaggia dell'Arenella. Uma centena de palermitanos, dos quais a maior parte oriunda das casas ao longo da costa, acenderam uma fogueira enorme. Puseram mesas encostadas umas às outras, com toalhas de papel seguras por taças de fruta, e todos vão lá pondo comida, loiça, garrafas.

Juntamo-nos a eles, com os braços carregados de vitualhas: azeite, pãezinhos com ervas e tomate, saladas diversas, gressinos, amêndoas, doces sicilianos, champanhe, uísque e vinho.

Dois panelões de aço inoxidável cheios de água a ferver aguardam os *linguine* que se servirão com um pouco de molho de tomate com alho e queijo parmesão.

Todos se aperaltaram para a ocasião, a elegância reina.

Se a separação não nos assombrasse e os espectros de Valentin e Marie-Castille largassem Étienne, sentir-nos-íamos quase felizes de estar ali, juntos, naquele cenário idílico, embalados pelas vozes alegres e o proverbial bom humor italiano. Aqui, é como se as pessoas tivessem uma luz interior. Como quando Nina sorri.

Étienne está vestido de branco, tem olheiras fundas, os traços vincados, emagrece mais a cada dia que passa, o azul do olhar parece baço, sem dúvida devido ao *cocktail* de medicamentos que o mantém numa espécie de torpor permanente. Apesar da letargia, conserva um simulacro de sorriso nos lábios.

Nina e eu temos a certeza de que amanhã de manhã ele não estará no quarto, já terá arrumado as botas.

Ele ignora-o, mas nós sabemos que já tem tudo previsto, pagou a noite anterior e a próxima que passaremos os três juntos em Palermo. Vai com certeza deixar-nos dinheiro para o *ferry* e a gasolina do regresso. Como quando éramos miúdos e ele punha às escondidas umas moedas nas nossas mochilas, para comprarmos guloseimas na piscina.

E, por uma vez, ele fará o obséquio de nos deixar uma mensagem que

redigirá sozinho. Um pedaço de papel no qual escreverá algo do género: «Obrigado por me terem acompanhado até aqui. Agora vou morrer tranquilo.»

— «Morrer» escreve-se com um ou dois erres? — perguntou-nos ele há pouco, ao vestir-se antes de sairmos da pensão.

Nina olhou para ele e respondeu, sem dar ar de fazer caso:

— Com dois, e no futuro conjuga-se com mais um. Em todo o caso, «viver» é mais simples e não tem que enganar.

Neste momento, Étienne só está preocupado em encontrar uma solução para a música do serão que se anuncia. Os refrões italianos berrados para um micro por uma morena acompanhada por um guitarrista de expressão patibular não lhe parecem adequados ao nosso último *réveillon*. Tem de descobrir uma coluna portátil, afastar-se e pôr a sua *playlist*.

— Tenho uma na minha mala — digo. — Quando a Nina acabar de nos desenhar, vou lá buscá-la.

— Não irei ter direito a um enterro — diz-nos Étienne —, mas como nunca se sabe, quero que vocês me prometam que não haverá música de merda… Quero *rock*. Só *rock* alternativo. Prometem?

— Prometemos — respondemos.

Estamos em cima de um rochedo e formamos um círculo. O ar está maravilhosamente ameno. Não há vento, só o céu estrelado. Cheiros de tomate cozinhado, rosmaninho e lume de lenha. Nina, sentada de pernas cruzadas, segura no seu bloco com a mão esquerda e desenha-nos com o carvão na mão direita. Examina os nossos rostos, franze o sobrolho como se nos visse pela primeira vez, regressa aos dedos, que acariciam o papel rapidamente. Está de calças de ganga e camisa branca, que tomou de empréstimo a Étienne. Um pulôver preto cobre-lhe os ombros. Não perdeu a silhueta juvenil. Os olhos negros brilham, exultam. Está apaixonada.

Eu estava ao pé dela quando telefonou a Romain Grimaldi da nossa pensão, há uma hora. Nina disse-lhe que estava a ligar para dar novidades do carro dele. Riu-se como uma criança quando Romain lhe disse que ia congelar o jantar do *réveillon*, para quando ela regressasse. «Nem que festejemos o ano novo no próximo dia 15 de março: recuso-me a começá-lo sem ti.»

Quando Nina desligou, estive para lhe perguntar se a história deles não ia

um pouco depressa de mais, mas contive-me. Para quê intrometer-me?

Liguei a Louise, por minha vez.

— Como vai isso?

— Bem.

— O meu irmão não está a sofrer?

— Penso que não.

— …

— Louise?

— Sim.

— Tu apaixonaste-te pelo Adrien, não pela Virginie.

— O Adrien e a Virginie são a mesma pessoa. É essa pessoa que eu amo — respondeu-me ela pela milésima vez. — Mas recuso-me a viver com uma mulher aprisionada… Quando a libertares, talvez adotemos uma criança.

— Mas eu tenho um gato e em breve terei dois!

Ouvi-a sorrir.

— Uma coisa não impede a outra.

— Falas a sério?

— Sim.

— Confias em mim?

— Sim. Ligas à meia-noite?

— Sim.

Quando desliguei, Nina abraçou-me. Cheirei os seus cabelos, depois o seu pescoço, macio e quente, a minha madalena de Proust.

— Parece-me muito bem, uma criança e dois gatos… Vamos festejar? — murmurou ela. — Mas uma festa em grande, apanhamos uma piela e tudo…

— Oh, sim, sim!

Pegou-me na mão e pôs-se a cantar como uma adolescente triste, enquanto se dirigia para a praia. Eu quase tinha esquecido a sua voz tão singular, que enrouqueceu com os anos. Uma voz de fumadora que nunca fumou.

E se um dia duvidares de mim
Tenho um testemunho de amor, a prova dos nove,
Amo-te tanto, amo-te tanto,
Com o meu sangue marquei o meu braço
Até à vida até à morte ele não se apaga,

Amo-te tanto, amo-te tanto.

Nina estende-nos os dois esboços. Desenhou-me pela primeira vez.

— Obrigado — digo-lhe.

— Estou cá com uma cara… — brinca Étienne.

Levantamo-nos ao mesmo tempo, não se pode deixar a nostalgia e a melancolia ganharem terreno, senão estragamos a noite, o que é inadmissível. Vou ao nosso quarto buscar a coluna.

— Liguei à Marie-Castille — confessa Nina a Étienne.

— Não ligaste nada…

— Liguei, pois. E devias ligar-lhe também… Sabes, ela não anda nada no nosso encalço.

No olhar de Étienne passa todo o género de sentimentos contraditórios: medo, alegria, contrariedade, alívio, vergonha, abnegação, esperança.

Brinda-me com um sorriso rasgado quando me dirijo a ele, a coluna na mão. Antes de começar a reproduzir a sua *playlist*, diz a Nina:

— Vês como sou um idiota chapado?

87

27 de abril de 2003

BADI. RAÇA X *ÉPAGNEUL*. SÉNIOR. MACHO. NASCIDO EM 1991. NO ABRIGO DESDE 1999.

— O *Badi* é o nosso último velhote… Depois de mim — brinca Lili.

Naquela manhã, Lili traz umas *leggings* pretas, sapatilhas verdes e uma *T-shirt* amarela comprida. Prendeu os cabelos com um elástico, e estes formam uma palmeira no cimo da cabeça. Parece um ananás.

Nina acaba de chegar. Passa pelo abrigo todas as manhãs, antes de ir para o seu novo emprego numa companhia de seguros. Arrendou uma casinha no bairro onde vivia com o avô, a duas ruas do seu antigo jardim.

Há já três meses que Emmanuel Damamme está morto e ela ainda se sobressalta ao menor ruído, acorda encharcada em suor, presa de terríveis pesadelos nos quais descobre que o caixão dele está vazio.

— Vai ser preciso tempo para te mentalizares da sua ausência.

— Quanto tempo pensas que será preciso?

Nina ajuda Lili a pendurar um letreiro onde se lê: «A bem da tranquilidade dos cães, agradece-se que não fique demasiado tempo em frente às *boxes*. Obrigado pela sua compreensão.»

— Sabes que é a ti que vou passar o testemunho?

— Qual testemunho?

— O meu. Estou cansada. Trabalhei a vida toda.

— De que estás a falar?

— Vou reformar-me.

— Para fazeres o quê? — brinca Nina.

— Dormir até tarde — responde Lili sem sorrir.

— Estás a falar a sério?

— Oh, sim. Agora que te recompuseste, posso ir embora.

Nina observa Lili e entra em pânico. Por que diabo é que todas as pessoas que ela ama acabam por desaparecer?

— Não me recompus. Ainda tenho medo do Emmanuel, sonho que não está morto… Se fores embora, vou contigo — diz Nina.

— Mas tu nunca me vais largar as saias, miúda? É evidente que serás a nova diretora do abrigo. E, trabalhando aqui, deixas de ter tempo para pesadelos.

— …

— Se há coisas que se metem pelos olhos dentro, esta é uma.

— …

— Perdeste a língua?

— Para onde vais? — pergunta por fim Nina, sem convicção.

— Cagnes-sur-Mer.

— É longe.

— Há lá uma bela igreja, amarela. Na praia de Cros.

— Lili, tu és ateia — irrita-se Nina.

— Não é por ser ateia que não gosto de igrejas. E depois irás visitar-me.

— É o que se costuma dizer, «irás visitar-me». Sei do que falo: nunca se vai.

88

1 de janeiro de 2018

Étienne entra numa igreja, está sozinho. Acende uma vela, não sabe comunicar com Deus, nunca soube. É como com o pai — nunca se sabe comunicar com aqueles em quem não se acredita.

Como ficou desiludido no dia em que ligou aos pais para dar a grande notícia. Foi Marc quem atendeu, o que Étienne desejava lá muito no fundo, num recôndito inconfessado.

— Papá, estás sentado? Ganhei o concurso!

— Qual concurso?

Uma branca, Étienne teve a sensação de cair no vazio, desamparado. Conseguiu articular com dificuldade:

— Para tenente da polícia… Não há muitos que o consigam… Isso quer dizer que faço parte dos melhores.

— Ah, isso… Bravo, é um orgulho. Vou passar-te à tua mãe.

Uma fórmula simples de urbanidade. «É um orgulho» não quer dizer «tenho orgulho em ti».

Porque o pai nunca acreditou nele, ele acabou por deixar de acreditar no pai. Afastou-se dele como um navio se afasta do ancoradouro.

Quando ligou para anunciar o nascimento do filho, Étienne desligou ao ouvir a voz de Marc. Tornou a marcar o número até ser Marie-Laure a atender:

— Mamã, chama-se Valentin, é lindo, quatro quilos, olhos azuis.

— É demasiado cedo para saberes a cor dos olhos, meu amor.

— Ah, não, mamã, afianço-te: o meu filho tem olhos azuis.

Naquela manhã tem vontade de deixar apenas uma luz no seu encalço, ali, em Itália, uma vez fechada a pesada porta. Como um vestígio da sua passagem.

Sente a orelha esquerda quente. Em criança, Nina dizia que quando se sentia a orelha esquerda quente — o lado do coração —, alguém falava bem de nós. «Isso são disparates, Nina.»

Quem pode falar de si às seis horas da manhã? Marie-Castille e Valentin,

em casa?

No dia anterior ligou à mulher e ao filho:

— Bom ano, amo-vos.

— Quando voltas? — perguntou Marie-Castille.

— Não volto.

— A Nina disse-te da Clotilde Marais? Acabou.

— Sim, eu sei.

Está a três ruas do mar. Ouve a sua respiração. Étienne nunca esteve tão seguro de si.

Uns foliões regressam a casa, gritam: *Buon anno!*

Acaba sem dúvida de passar um dos mais belos *réveillons* da sua vida. Conforme prometido, os Três isolaram-se num recanto da praia com a sua coluna, champanhe, uísque, azeitonas e pão de ervas. Não souberam quando bateu a meia-noite, nunca mais mudariam de ano. Dançaram ao som da *playlist* de Étienne até o céu começar a clarear, a *sua* música, Spaceman 3, Sonic Youth, Radiohead…

Ao seu lado para um táxi. Ele encontrou um único voo Palermo-Paris.

No aeroporto, todos os balcões estão fechados. Só uma hospedeira regista a bagagem e lhe estende um bilhete. Entra a bordo quase de imediato e adormece encostado à janela. É a primeira vez que não sonha com Clotilde. Ela deixou o seu sono.

Uma vez passada a receção, onde lhe pedem um documento de identificação, instala-se no quarto 21. Em cima da cama, pousa o retrato que Nina fez dele na véspera, uma fotografia de Valentin e Marie-Castille, uma outra de Louise, Paul-Émilie e a mãe, e outra dos três no concerto dos Indochine em 1994.

«Luta, caramba.» Aquelas palavras agitam-se em si como um animal enraivecido, desde que a mãe de Clotilde as pronunciou.

Abre o *nécessaire*, retira os medicamentos, engole-os, deita-se e fecha os olhos. Mais nenhuma dor. Está no recreio da Escola Pasteur, à espera do veredicto, o nome do professor. Esse momento está imortalizado em *Branco de Espanha*: *Naquela manhã, não vejo senão a eles, como se tivessem engolido a luz, como se os outros alunos que nos rodeiam fossem figurantes, e sou eu que eles escolhem, que ela escolhe, a quem ela pega na mão.*

Estão a dar um concerto os três, na rua, na Festa da Música, têm catorze

anos, Nina canta, uma alegria profunda, interior, um misto de medo e felicidade absoluta, o nirvana. Nunca houve tanta gente e tantos aplausos nas ruas de La Comelle. Eles andam de bicicleta, de *skate*, gravam-se com um gravador, nadam, filmam-se com uma máquina que ele roubou ao pai, ele faz amor, dança, há sol, as recordações de verão são sempre as primeiras, ele espreita a irmã às escondidas, ele faz misturas, prende uma madeixa de cabelo atrás da orelha certificando-se de que as raparigas o veem fazer aquele gesto, ele sabe que é bonito, que ele «bebe a luz», como está escrito em *Branco de Espanha*.

Pouco antes de adormecer, deposita uma flor sobre a campa de Clotilde. Está só e sem voz.

Dorme.

Sonha que nada com o filho, afastam-se da margem, é divertido, e depois, pouco a pouco, torna-se angustiante. Étienne diz a Valentin que regresse. «Não, papá, eu fico contigo.»

Étienne é despertado por uma desconhecida de bata branca. Ela tem a mão pousada no seu antebraço, a sua voz é doce, o tom, ligeiro mas seguro.

— Bom dia, senhor Beaulieu, disseram-me que estava cá. Como se sente? O professor recebeu o seu registo clínico, está prevista uma sala de cirurgia para o dia 3. Amanhã faremos os últimos exames complementares e vai conhecer o anestesista. Deixo-lhe uns formulários para preencher. A sua irmã informou-nos do seu desejo de não ser reanimado caso surja um problema no decurso da cirurgia, por isso vai ter de assinar um termo de responsabilidade. Precisa de alguma coisa?

— Não.

— A refeição da noite é servida às seis e meia. Segue alguma dieta específica?

— Não.

— Alergias a reportar?

— Não.

— A sua irmã disse-nos que não desejava visitas externas. Tirando ela, alguém sabe que se encontra em Gustave-Roussy?

— Não. Quis afastar-me de Lyon.

— Uma última coisa: tem aqui um formulário para indicar o nome das pessoas a informar em caso de urgência. É preferível indicar várias.

— Nina e Virginie.

— Anote os dados completos. E se tiver os números de telefone fixo e telemóvel, tanto melhor.

89

2011

Sete anos depois de ter assumido a direção do abrigo, Nina recebe uma chamada: a mãe acaba de sofrer um AVC e encontra-se num hospital de Caen entre a vida e a morte. Se ela desejar revê-la, terá de se apressar.

— Como conseguiu o meu contacto?

— Ela tinha-o na mala.

— …

Lili vem de Cagnes-sur-Mer para a acompanhar. «Não tenho coragem para ir sozinha.»

Onde se situa esse lugar, «entre a vida e a morte»?

Nina encontra uma desconhecida deitada numa cama do serviço de reanimação. Já não é a mesma da noite em que a viu no jardim, com a máquina de costura de Odile nos braços. Marion engordou. Nina pergunta a si própria se não haverá engano na pessoa, vai certificar-se junto do pessoal: «Têm a certeza de que esta mulher é Marion Beau?»

«Deixo-te a sós com ela», disse-lhe Lili, antes de sair do serviço.

Nina entra em pânico. Tem medo de ficar cara a cara com a moribunda. Para quebrar o silêncio, começa a falar como se participasse num grupo de ajuda.

— Sou eu, a Nina. Peço desculpa quando sou convidada para algum sítio. Baixo a cabeça. Não comer carne é como um alcoólico que é obrigado a dizer não obrigado a um copo de vinho. Nem sequer um aperitivo? Nem sequer uma rodela de chouriço? Tem-se um ar suspeito, anormal, marginal. Vive-se num mundo onde se filmam bovinos como estrelas de cinema no Salão de Agricultura, afagam-se, admiram-se. E alguns dias depois abatem-se na penumbra, quando a porta se fecha de novo. A mim, isto choca-me. Lembra-me a vida com o Emmanuel, quando eu era mais casada do que feliz. Vivia num mundo em que fingia. Aquele mundo onde se gosta de se dizer: «Prefiro não saber.» Ouço muitas vezes: «Ser responsável por um abrigo é um sacerdócio.» É verdade que é difícil ver o que há de gratificante e bom nesta ocupação. Aparar os golpes. Fazê-lo só para os olhares deles.

Gostar de animais, mas nunca adorá-los, caso contrário morre-se de desgosto. Num ano, há muitos momentos em que tenho vontade de abandonar tudo. Abandonar os abandonados. Arranjar um emprego sossegado noutro lugar, um lugar limpo, seco, silencioso. Onde deixaria de os ouvir ladrar e de sentir cheirarem-me o cu quando vou passeá-los. Onde não teria sempre pelos na roupa, em jeito de joias. Onde o perfume que me ofereceram no Natal passado conseguisse ter algum efeito na minha pele. Onde os outros não me vissem como uma simplória, uma louca, uma desesperada. «Ah, tratas de animais, isso quanto é que dá?» Ou então: «Mas há tantas pessoas que precisam de alguém que trate delas!» É difícil, senão impossível, explicar que, no fundo, o gesto é exatamente o mesmo. Com o passar dos anos, encontro nas caixas, abandonados, galinhas, coelhos, porquinhos-da-índia ou furões. As pessoas mudam de animais domésticos mas não de hábitos. Sem contar o número de chamadas anónimas a denunciar a existência de gado sem comida nem água. Cães de caça e outros animais a sofrer, presos por correntes, metidos numa casota ou numa varanda. «Está? Os vizinhos esqueceram-se de um cavalo no jardim há já três meses», «Está? Estão dois tigres de um circo numa jaula à chapa do sol junto da rotunda do supermercado»… Aqui, é o serviço de reclamações. Faz-se o que se pode. Convoca-se o riso, organizam-se aperitivos, momentos café-*croissant*, pois de outro modo não se aguentaria. Os invernos são duros, os verões, desesperantes. Quando os outros vão de férias, tu tens trabalho a dobrar, vais buscar cães novos, que não foi permitido levar para a areia da praia e ficaram no carro a torrar, e gatos só pele e osso. É preciso arranjar espaço. As *boxes* transbordam. Desenrascas-te e fazes o espaço esticar. Aqui, aceita-se tudo. Não se manda ninguém para o corredor da morte. Em paralelo, os Salões Caninos continuam a engordar com toda a impunidade. São as pessoas do Governo que fazem as leis. E o Governo está a anos-luz da merda que se agarra às nossas galochas. O mais difícil é talvez ter de ir recolher o animal de companhia de um velho, morto ou levado para um lar, que nenhum filho quer receber em sua casa. Pensei várias vezes em deixar isto, consultei os classificados do jornal para encontrar um emprego de escritório, retomar uma formação, abrir uma loja de *souvenirs*, mas não. Porque uma manhã levantamo-nos, pomo-nos a trabalhar com o coração pesado, e vem alguém que adota, e isso muda o curso do dia, passamos a

respirar melhor, pelo menos tivemos utilidade para aquela vida, que não é menos importante do que outra vida. Tirando isso, tive uma infância feliz com o teu pai.

Durante todo aquele discurso, Nina não se sentou e não tocou em Marion. Depois saiu como entrou, com Lili. É demasiado tarde. A mãe fez-lhe falta, mas isso foi há muito tempo.

90

2 de janeiro de 2018

É quase meia-noite. Nina acaba de me deixar diante de minha casa, dois mil, duzentos e setenta quilómetros de carro com algumas paragens breves em estações de serviço para tomar um café ou engolir uma sanduíche.

É Louise quem encontro adormecida no meu sofá, e não a *cat-sitter*. Tem uma manta a cobrir-lhe as pernas, veste calças de ganga, as minhas preferidas, e uma camisola minha, uma coisa velha e feia, mas macia. *Nicola* está enroscado nos seus braços. Em sete dias, duplicou de volume. Dir-se-ia que já não é ele. Pouso o saco de viagem sem fazer barulho, para não os acordar. Louise nunca adormece quando está comigo, como se tivesse de fugir ao nascer do dia. Uma maldição sobre as nossas cabeças que só eu posso anular.

Recordo aquele almoço com o meu pai, no restaurante do Hotel Voyageurs, a 18 de agosto de 1994, o dia a seguir ao enterro de Pierre Beau.

Ele queria que celebrássemos o meu exame final e a menção que recebera, que falássemos do meu futuro em Paris. Havia mais de uma semana que eu preparava as perguntas: «O teu trabalho, os teus colegas, a vida em Paris, as exposições, os concertos, vais ao teatro de tempos em tempos?» Quanto a mim, falaria de música, dos últimos romances de que tinha gostado, de Nina e Étienne. Nós os três em Paris, a nossa vontade de vivermos juntos, a residência estudantil.

E eis que Pierre Beau morreu. Uma reviravolta.

Ele chegou a mastigar uma pastilha elástica, que pôs num guardanapo de papel. Achei aquilo nojento, repugnante. Começávamos mal. Pediu duas taças de champanhe. «Temos de comemorar os resultados.»

Conhecia-me tão mal que ignorava que eu acabava de perder o homem da minha vida. A minha única figura paterna.

Bebemos uma segunda taça. À terceira, eu tinha esgotado todos os meus temas de conversa, os silêncios já se faziam convidados e eu estava embriagado. Era a primeira vez que me embebedava com o meu pai. A primeira vez que pensava nele como meu pai.

— O que queres comer?

— O mesmo que tu.

Pediu entradas e o prato do dia.

— Vamos brindar ao teu futuro.

— O meu futuro em geral é incerto.

— Porque dizes isso?

— Quem eu sou… há como que um defeito de fabrico — disse eu, desatando a rir.

— Não percebo.

— Viste o filme *Um Dia de Cão*, com o Al Pacino?

— Esse já é antigo — disse ele, temperando a entrada com vinagreta.

— 1975.

— Pois, é o que te disse, não é propriamente de ontem. Devo ter visto, não me lembro… Não tens fome? Não estás a comer nada.

— É a história de um homem que assalta um banco para pagar uma operação a um amigo. Uma operação muito particular… Uma mudança de…

— É triste, a tua história.

— Sim, desesperadamente triste.

Levantei-me, pretextando uma ida à casa de banho. Sentia dificuldade em respirar, subi uma escada, cheguei a um corredor com uma alcatifa vermelho-sangue, a porta de um dos quartos estava aberta, a cama, desfeita, a janela, entreaberta, debrucei-me, pensei lançar-me para a rua, de cabeça. Nina estava com Damamme, Étienne estava deitado na cama de Nina. Os lençóis deviam ainda ter o cheiro dos nossos corpos.

Vi o telefone, marquei o número dos Beaulieus, o fixo, que sabia de cor. Foi Louise que atendeu.

— Sou eu. Está tudo bem?

— Sim. Queres falar com o meu irmão?

— Não, contigo.

— Onde estás?

— No Hotel Voyageurs, num quarto.

— Pensava que tinhas ido almoçar com o teu pai.

— Estou a almoçar com ele. Está lá em baixo, no restaurante.

— E porque é que tu estás num quarto? Estás com uma voz estranha.

Estiveste a beber?

— Voltaremos ambos a este hotel?

— Tu vais viver em Paris.

— Voltarei a La Comelle. Pelo Natal. As pessoas voltam sempre a casa pelo Natal. Promete que estaremos os dois neste quarto no próximo dia 24 de dezembro, à meia-noite.

— Prometo.

Desliguei. Creio que se ela me tivesse dito «Não, vai mas é tratar-te, tu e o teu hotel», ter-me-ia lançado da janela. Louise disse-me sempre que sim, é a sorte da minha vida. Quem pode gabar-se de ter um só amigo que diga sempre sim? Desci novamente ao piso térreo, terminei o almoço a sentir o coração um pouco mais leve. Não estava sozinha. Naquele dia, soube que nunca estaria sozinha.

Louise abre os olhos, sorri-me.

— Sei onde está o Étienne, mas não posso dizer, jurei. Bom ano, meu amor… Gostaste de Itália?

— Trouxe-te azeite, *pesto*, um terço com a efígie do Papa Francisco e tomate seco. O Étienne perguntou-me se dormíamos juntos.

Louise desata a rir e depois a soluçar. Tomo-a nos braços.

— Há já demasiado tempo, Louise. Ainda estás disposta a acompanhar-me até à minha pele de rapariga?

— Sim.

Olho para ela e acho-a bela. Se ao menos eu soubesse como escrever naquele instante preciso a sua beleza, o seu olhar, a sua profundidade, a sua gravidade com restos de infância no rosto. Uma suavidade.

— Se mudar de ideias, se uma vez mais desistir no último momento, ficarás ainda assim comigo?

— Penso que sim. Talvez. Já não sei. Não. Estou à tua espera há demasiado tempo.

— É a primeira vez que me dizes não.

— Há uns dias li uma coisa. Imagina que não consegues mexer-te durante anos porque tens o punho fechado dentro de um recipiente e para conseguires retirar a mão, libertar-te, bastava largares o que seguras no teu punho fechado.

Ela faz um gesto de mão para acompanhar as palavras:

— Abres a mão, perdes o que está lá dentro, isso cai no fundo do recipiente, mas ficas livre.

91

2018

É abril e devia estar bom tempo. Sentada nos seixos da praia de Cros, Nina observa a igreja amarela de que Lili lhe falara pela primeira vez havia quinze anos. Desde então, Nina entrou lá com frequência para acender velas. *Quem quer que sejais, protegei os que amo*. Desde há uns meses, Romain juntou-se à lista dos seus votos.

Naquela manhã, o mar purga-se. Tonalidades de azul e de verde que se digladiam, a linha do horizonte violeta, o vento que seca os lábios.

Nina chegou no dia anterior a Cagnes-sur-Mer com Romain, uma viagem de impulso, para passar o fim de semana de Páscoa com Lili.

Romain e Lili foram ao mercado. Nina adora aquela solidão. Ouvir música nos auscultadores, isolar-se do mundo na sua parcela de terra imaginária enquanto observa o Mediterrâneo, a sua valsa langorosa e ofuscante que faz doer os olhos. Pensa no avô, que nunca o viu.

Começa a chover. Regressa, sobe os três andares do edifício antigo, tijoleira vermelha no pavimento, cheiros de comida na escada. Na varanda, cujas portas envidraçadas se encontram entreabertas, Lili plantou pés de tomate-cereja em vasos que têm a mesma cor que as suas roupas: vermelhos, amarelos e verdes.

Nina vai até à casa de banho enxugar o rosto, ver-se ao espelho. Hoje, Romain disse-lhe que ela parecia uma sino-afegã. Inventa-lhe uma mestiçagem todos os dias. É a sua brincadeira ao despertar: «Hoje estás com cara de turco-russa… árabo-polinésia… tailandesa-servo-croata… ítalo-brasileira… ítalo-marroquina…»

Passa a mão pelos cabelos pretos curtos, cortados a direito. Os olhos amendoados têm a mesma cor do cabelo, e apareceram-lhe umas manchas castanhas em redor dos lábios cheios.

O telefone toca, um número que começa por 03, reconhece o indicativo da Borgonha. Não é o número do abrigo nem o de Simone.

— Não consegui esperar até à próxima terça-feira para lhe dizer.

É a voz da sua médica, que a fustiga como o vento no exterior. Mylène

Vidal substituiu o doutor Lecoq em 2006, quando este se reformou. A primeira vez que Nina a viu, sentiu que podia abrir-se com ela, a consulta durou mais de uma hora, Nina contou-lhe a sua infância e o dia em que tinha visto o registo clínico da mãe nas mãos de Lecoq, vinte anos antes.

Mylène Vidal procurou no seu computador e viu que o registo de Marion Beau tinha sido enviado a um centro de saúde de Villers-sur-Mer em 1999. Contactou os seus colegas na Normandia: «Bom dia, estou a fazer uma pesquisa genética para a doação de um órgão, gostaria de contactar Marion Beau, uma antiga paciente, nascida a 3 de julho de 1958…» Um minuto mais tarde, Nina tinha a morada da mãe, assim como o seu número de telefone, nas mãos.

Nina conservou aquela morada e aqueles algarismos rabiscados a caneta de feltro preta durante anos, no fundo de uma gaveta. Marcou várias vezes o número de telefone e desligou antes de alguém atender.

Depois reviu Marion «entre a vida e a morte», em 2011. E soube que a mãe também tinha o seu número de telefone. Como o teria obtido? Porque nunca telefonaram uma à outra? Porque tinham tanto medo uma da outra?

No dia do funeral de Marion, eram quatro: Nina, Lili, o empregado da agência funerária e um homem baixo e calvo, de olhos claros e expressão afável. Nina não esperava ver um desconhecido no cemitério de Auberville naquela manhã; era como se tivesse surgido um intruso numa festa organizada por ela.

— Conhecia Marion Beau?

— Sim, era uma amiga minha de infância.

— É o meu pai?

— Não — respondeu ele, sorrindo. — A Marion era uma simples amiga.

— Não há simples amigos.

O homem ficou perturbado com as palavras de Nina. Cumprimentaram-se e seguiu cada um o seu caminho.

Algumas semanas mais tarde, Nina recebeu uma carta no abrigo.

«Cara Nina,

Sou Laurent, o amigo da tua mãe. Trocámos umas palavras breves no cemitério, demasiado breves.

Vendo as coisas em retrospetiva, penso que tens razão, não há simples amigos. Ela era um pouco a irmã que nunca tive.

Conheci bem os teus avós, sobretudo a tua avó. Essa é uma das razões por que te

escrevo. Porque precisamos de saber de onde vimos. E eu senti-te repleta de perguntas.

A tua avó era uma mulher terna e delicada. Quero que saibas que Odile Beau é uma das minhas mais belas recordações. Quando ela fazia um bolo, fazia sempre em quantidade suficiente para dar aos outros. Distribuía tigelas de sopa aos celibatários e velhos do bairro. Eu nunca saía de casa dela de mãos vazias. "Dá isto aos teus pais." Sempre um pedaço de tarte, um frasco de compota, maçãs do pomar. Por vezes, eu saía de casa dela às escondidas para que não me visse, estava farto de transportar todas aquelas coisas de que ela me enchia inevitavelmente. Se soubesses como me arrependo.

A vida é injusta, mas isso não preciso de te ensinar, Nina. O diabo atinge mais os anjos que os estupores, como é bem sabido: o coração daqueles é muito fácil de consumir. Em 1973, a Odile adoeceu. Falava do seu cancro como de uma gripe forte: "Vai passar." Não queria chamar as atenções sobre si, já te disse: era delicada. Sem dúvida, demasiado. A sua saúde deteriorou-se. Passei a sair de casa dela de mãos vazias, sem me esconder.

A Marion mudou. Ela, tão divertida e espontânea, efervescente e descontraída, tornou-se grave e mordaz. Insultava-me, insultava o Céu, Deus e tudo o que lhe vinha à ideia. E, sobretudo, acusava o pai. Queria-lhe mal por ter desvalorizado a doença da mulher.

"Ele não quer levá-la ao hospital, quer manter a mulherzinha ao pé de si! Raios, Laurent, a minha mãe vai morrer!" Tentei explicar à Marion que o teu avô não era o único responsável. Repetia-lhe: "Deixa que as ideias negras te sobrevoem a cabeça, mas nunca as deixes fazerem ninho nos teus cabelos." Mas a Marion não me dava ouvidos.

Quando a Odile se finou no hospital, o teu avô telefonou aos meus pais para lhes dizer que tinha acabado tudo. A Marion estava lá, partiu tudo em minha casa, ficou incontrolável.

Ela não foi ao funeral. Isso chocou toda a cidade, mas ela estava-se nas tintas para quem chocava, sofria demasiado para pensar no que pensavam os outros.

A partir desse dia, nunca mais pôs os pés na escola, começou a beber, a sair, a fugir de casa, a fazer disparates. Quanto mais se destruía, mais tinha a sensação de destruir o pai dela. Não quero entrar em pormenores sórdidos que manchariam a memória da Marion, demasiado jovem para uma tragédia tão grande. Perder uma mãe é perder o mundo.

Continuei a encontrar-me com ela, combinávamos ver-nos regularmente, num boteco em La Comelle que já não existe.

Chego agora a ti.

Perguntaste-me se era teu pai.

Não te chamas Nina por acaso. Se fosses um rapaz, chamar-te-ias Nawal.

Uma noite, a Marion anunciou-me que estava apaixonada, que a sua vida ia mudar.

Ela tinha dezassete anos, o rapaz também. Eu conhecia-o de vista, ele apanhava o mesmo autocarro que eu para o liceu. Chamava-se Idras Zenati, era cabila, um rapaz tímido, bonito. A Marion tinha amadurecido desde que conhecera o Idras. Só se separavam para voltar para casa, à noite. A Marion apanhava o autocarro connosco, mas não ia às aulas, esperava o dia todo num café.

Engravidou. Os namorados tinham planeado a gravidez. Tinham como projeto deixar as respetivas famílias e formar um lar. Como não eram maiores, tinham já feito diligências para saber como é que poderiam obter a sua emancipação.

Mas foi tudo por água abaixo.

Quando o Idras começou a falar na jovem por quem estava apaixonado, francesa, grávida dele e com quem desejava casar-se, o pai mandou-o calar-se. No dia seguinte, levou toda a família para a Argélia. Partiram como ladrões, deixando tudo para trás, para fugir à "vergonha".

O Idras ainda conseguiu avisar a Marion por telefone: "Vão raptar-me, voltarei quando for maior. Espera por mim, eu vou voltar."

A Marion estava grávida de seis meses. Ao vazio e à ausência juntou-se a solidão. Só te tinha a ti. Os outros tinham-lhe fugido.

Celebrámos os dezoito anos dela um mês antes do teu nascimento, os dois, e já nessa altura a Marion tinha elaborado um plano diabólico para "destruir" o teu avô, como ela dizia.

Ela deu à luz e quase logo a seguir entregou-te a ele, indo instalar-se na região parisiense comigo. Porque foi em minha casa que a tua mãe se refugiou, depois do teu nascimento. Vivíamos juntos num quarto de criada. Eu prosseguia os meus estudos e ela trabalhava numa padaria do bairro. Não queria ouvir falar mais de escola, de futuro, de Idras.

"No fundo, até me dá jeito que ele tenha ido embora", repetia-me ela. "O que é que eu faria com um marido, na minha idade?", mentia. Esperava todos os dias que ao atingir a maioridade Idras voltasse a França e fossem os dois buscar-te.

Mas ele nunca voltou.

E, pior ainda, Nina, a Marion odiava tanto o Pierre por ter deixado morrer a Odile que inventou uma história terrível. Fez-lhe crer que eras fruto de uma violação. "Se visses a cara dele quando lhe contei isto", confessou-me ela, sorrindo com tristeza. "A mamã foi vingada."

Supliquei-lhe que dissesse a verdade ao teu avô, que eras fruto de um grande amor, que se ela não o fizesse, fá-lo-ia eu. Respondeu-me: "Todos me traíram, tu, não, Laurent, tu, não."

Uma noite, ao chegar da faculdade, a Marion não estava. Deixara um bilhete: "Obrigada por tudo! Beijos grandes."

Tinha desistido de esperar por vocês, o Idras e tu.

Imagino que o pai de Idras o tenha convencido de que a Marion era uma rapariga de mau porte, que ele não podia ser pai da criança. Se ele tivesse podido ver-te um

instante que fosse, teria compreendido de imediato que isso era falso.

A Marion ligou-me anos depois da partida. Vivia na Bretanha, fazia feiras com um tipo que tinha conhecido por lá. "A sério, meu Lolo, estou bem, agora tenho a minha vida."

O que queria dizer "agora tenho a minha vida"?

No verão de 1980, fui ver o teu avô. Estavas a brincar no jardim. Ver-te comoveu-me muito. Eras bonita, um animal selvagem. Sim, guardo essa recordação de ti: um animalzinho grácil e meigo. Disseste-me: "Bom dia", e eu desfiz-me em lágrimas.

Nesse dia, contei a verdade a Pierre, que eras filha de Idras Zenati, que não havia dúvida alguma a esse respeito. Ele fingiu acreditar em mim. Respondeu-me: "A Nina é o meu pequenino, pouco importa de onde vem, é o meu pequenino."

Pronto, Nina, agora sabes um pouco mais.

Junto o meu número de telefone e uma fotografia da turma, que encontrei. O teu pai é o segundo rapaz a contar da esquerda na primeira fila, o que tem um pulôver com riscas azuis. Na fotografia, tem dezasseis anos.

Um beijo muito afetuoso,

Laurent»

Nina olhou durante muito tempo para o belo adolescente de olhar límpido e terno. Sentia vontade de gritar aos quatro ventos: «É ele o meu pai! Tenho um pai! Vejam como é belo!»

E a fotografia foi juntar-se à gaveta onde ela tinha guardado o endereço de Marion na Normandia, aquele rabiscado anos antes pela doutora Vidal num pedaço de papel.

O seu pai teria dezasseis anos para sempre.

Idras e Marion tinham-se amado, isso era o mais importante.

Ela nascera de um amor de juventude.

Nina tinha aguardado aquela carta durante toda a sua vida. Acabara por a receber.

Nina ainda está na casa de banho, o telefone encostado à orelha. Ouve os risos de Romain e Lili nas escadas, dois adolescentes num corredor de liceu. Romain tem a leveza de uma borboleta e a alegria dos alunos que orienta.

— Nina, o laboratório acabou de me enviar o resultado das suas análises.

A descida à terra é brutal. O tom de Mylène Vidal é quase solene. Nina pensa logo na doença de Étienne e Odile. Aquele cansaço que sente há já semanas, aquela dor lancinante nas costas… Nina treme, senta-se no rebordo da banheira. Pensa neles os três e em Romain. *Estávamos tão bem*.

— Onde está?

— À beira-mar — responde Nina.

— Não está em La Comelle?

Mylène Vidal parece contrariada.

— Não — responde Nina. — Vim passar o fim de semana fora…

— Sozinha?

— Em família, com o meu amigo.

A palavra «amigo» é idiota, pensa Nina de repente, *mas menos do que «companheiro», essa deixo para os meus cães. E não vou dizer «homem» ou «namorado» à minha médica.*

É abril e devia estar bom tempo.

Ela fecha a porta da casa de banho à chave. Ouve as vozes alegres de Lili e Romain na cozinha, *que ainda não sabem*, diz ela de si para si.

Nina sente vontade de desligar. *E se esperássemos até à próxima semana para receber as más notícias?…*

— Tenho alguma coisa grave? — acaba por murmurar.

— Nada disso, Nina, está tudo ótimo.

— Então o que é?

— Está grávida.

92

4 de dezembro de 2018

Esta manhã, Nina viu-me pela primeira vez. Olhou-me demoradamente, enquanto eu depositava os trinta quilos de ração debaixo das inscrições ABANDONAR MATA e POR FAVOR, FECHE BEM A PORTA AO SAIR.

O seu olhar não deslizou como gotas de chuva sobre o meu impermeável.

Aproximou-se de mim a sorrir. Chovia se Deus a dava. Trazia galochas demasiado grandes e tinha uma mangueira comprida de rega na mão, que acabou por deixar cair atrás de si.

Agradecimentos

Agradeço às minhas leitoras e aos meus leitores. Ao vosso fervor, que ilumina cada dia da minha vida e me impele a continuar. Os meus amanhãs que cantam são vocês.

Agradeço aos meus três essenciais: Valentin, Tess, Claude.

Agradeço aos meus três anjos da guarda: Mickaël, David e Gilles.

Agradeço a toda a equipa do Abrigo ADPA Annie-Claude Miniau: www.refuge-adpa-gueugnon.org

Agradeço a Maud, sua diretora, que me ajudou a cativar Nina.

Agradeço a Annie, sua presidente, que me telefonou para que me tornasse madrinha do abrigo.

No momento em que escrevo estas linhas, *Badi*, o nosso «último velhote», encontrou uma família de acolhimento e *Bumerangue* foi juntar-se a *Pascale* no Céu, no último verão.

Agradeço à www.fondationbrigittebardot.fr a ajuda indefetível.

Agradeço a todos os abrigos, sejam quais forem, onde forem. Todos os seres deviam ter um abrigo. Agradeço aos VOLUNTÁRIOS do mundo inteiro.

Agradeço à minha inigualável família Albin Michel: sem vós, eu não existiria.

Agradeço à minha notável equipa do Livre de Poche.

Agradeço aos encantadores do grupo Indochine, meus heróis de todos os tempos. O vosso talento, as vossas conquistas, as vossas celebrações, que história.

Nicola, Olivier: obrigada pela forma como me olham. É uma alegria e um orgulho imensos.

Obrigada a Philippe Besson por *Deixa-te de Mentiras*. A necessidade de *Três* é graças a si ou por sua causa.

Obrigada a Vincent, Noa e Boaz por me terem confiado um pouco da sua adolescência.

Obrigada a Steph por me ter dado muito.

Obrigada a Cécile e Dominique, que tiveram mil vidas, entre elas uma de carteiro.

Obrigada ao meu comité privado de leitura, meus amigos, minha família, minha sorte: Maëlle, mamã, papá, Tess, Claude, Angèle, Julien C. (que me sugeriu as últimas linhas), Juju, Salomé, Sarah, Shaya, Simon, Caroline, Grégory, Amélie, Charlotte, Émilie, Audrey D., Audrey P., Béatrice, Florence, Elsa, Cath, Laurence, Arlette, Emma, Manon, Paquita, Carol, Paty, William, Michel e Françoise.

Obrigada a Christian Bobin, Baptiste Beaulieu, Virginie Grimaldi, François-Henri Désérable: tomei os vossos nomes de empréstimo e não foi por acaso.

Obrigada aos que me inspiraram e são citados ou referidos ao longo deste romance: Indochine, Calogero, Zazie, Joe Dassin, Étienne Daho, Francis Cabrel, Michel Berger, Alain Souchon, William Sheller, Alain Bashung, Kurt Cobain, Nirvana, Bono, U2, Depeche Mode, Pierre Perret, Philippe Chatel, a-ha, Madre Teresa, Irmã Emmanuelle, *Lady* Diana, Jean-Jacques Goldman, Peter Falk, Richard Kalinoski, Irina Brook, Simon Abkarian, Corinne Jaber, Dario Fo, Victor Hugo, Faïza Guène, Nancy Huston, Patrick Süskind, Isabelle Adjani, Camille Claudel, Danièle Thompson, Claude Lelouch, Henri-Georges Clouzot, Jean-Pierre Jeunet, Jean-Loup Hubert, Luc Besson, Patrick Poivre d'Arvor, Jacques Pradel, Patrick Sabatier, Christophe Dechavanne, Jean-Luc Delarue, Bernard Rapp, Marcel Pagnol, KOD, Les Inconnus, Lio, Jacno, Larusso, Françoise Hardy, The Cure, Madonna, Mylène Farmer, Enzo Enzo, The Cranberries, INXS, The Clash, Oasis, The Pixies, Sonic Youth, Spacemen 3, Bérurier Noir, Matthieu Chedid, Billy Ze Kick et Les Gamins en Folie, Madame Bléton, Roger Federer, Marie Trintignant, Nelson Mandela, Cabu, Wolinski, Stromae, Prince, Michael Jackson, David Bowie, Jim Courier, Youri Djorkaeff, Cock Robin, The Christians, 2 Unlimited, Bruce Springsteen, Négresses Vertes, Mano Negra, Jim Morrison e Johnny Hallyday.

Obrigada a Vincent Delerm, que me proporcionou tanta felicidade e a quem serei eternamente grata.

Obrigada a Éric Lopez, Sylvaine Colin, Alain Serra, Isabelle Brulier, Patrick Zirmi, Marie-France Chatrier, Stéphane Baudin, Émilie e Benjamin Patou, Vincent Vidal, Yves-Marie Le Camus, Didier Lopes, Michel Bussi e Agnès Ledig.

Obrigada a Laure Manel: foi quando me escrevias a dedicatória em *La*

Délicatesse du homard que a Virginie me caiu literalmente no colo.

Obrigada a todos os meus animais passados, presentes e futuros: vocês engrandecem-me.